

DARKSIDE

SEER

CATHERINE DUNN

LOVE

O
Fabuloso
CIRCO BINEWSKI









Família
BINEWSKI

Tradução Débora Isidoro

DARKSIDE



Para Eli Malachy Dunn Dapolonia

*Essa escuridão,
reconheço como minha.*

Próspero, em *A Tempestade*, Ato V, Cena I,
— William Shakespeare



Introdução



O fato desconcertante de este livro ainda estar vivo vinte e cinco anos depois de ser publicado pela primeira vez me levou a esta tardia confissão. *Geek Love* não é o título que eu pretendia dar a este romance. No começo eu o imaginei como uma piada, uma forma de dissuadir as pessoas a fazerem perguntas sobre o que eu estava escrevendo. É uma combinação de palavras deliberadamente desajeitada e brusca, com um pé gordo firmemente plantado no cafona pegajoso do “amor” para dar aquele sabor melado.

Mas admito gostar da palavra “geek”. Na década de 1980, quando eu escrevia este livro, a palavra tinha uma função diferente da atual. Era uma provocação cruel para descrever um defeito de personalidade ou uma deficiência social. Então, como agora, a palavra tinha nuances de obsessão arcana, mas também cheirava a acne, higiene problemática e hábitos pessoais desagradáveis. Ao longo das décadas seguintes, o uso mudou e evoluiu. Mas neste livro vale o significado original, muito mais antigo. Um geek de verdade era um artista de circo ou de festival, apresentado como feroz ou psicótico, que arrancava a dentadas a cabeça de galinhas vivas. Às vezes, ratos, cobras ou outros animais eram usados, mas a galinha era a vítima mais comum.

A palavra deriva, supostamente, do *geck* alemão para “tolo”, ou do *gek* holandês, que significa “louco” ou “bobo”. Mas prefiro a teoria onomatopaica. Depois de ter visto um bom número de galinhas morrendo violentamente, desconfio que a palavra “geek” é imitação do último som que a galinha faz.

Piadas, às vezes, ganham vida própria. Aconteceu que contei essa tantas vezes durante a década em que escrevi *Geek Love* que ela criou raízes na minha cabeça como o título do trabalho. Pais que esperam um filho às vezes dão à barriga que cresce um rótulo engraçado, como jerimunzinho, botãozinho, estrelinha ou, digamos, tumorzinho, talvez, enquanto estudam listas de nomes verdadeiros e adequados para escolher o ideal quando o misterioso recém-chegado for revelado. Da mesma forma, planejei dar um nome apropriado e eufônico ao livro assim que ele estivesse pronto e inteiramente visível. O título perfeito seria conciso, mas digno, e começaria com a letra “T”.

O motivo para a necessidade da inicial “T” remontava a um período da juventude quando eu lia muito sobre a história da Europa e topei com a ideia de que Átila, o Huno, tinha má reputação. Normalmente, os vitoriosos definem a história, mas o povo de Átila não era bom em redação enquanto suas vítimas eram alfabetizadas, loquazes e amargas. Decidi que seria divertido dar a cada um dos muitos (eu presumia) livros que escreveria um título que começasse com uma letra apropriada para acabar soletrando o nome em sua grafia original, *Attila*. Seria um gesto, um pequeno cumprimento através dos séculos. Quando estava muito otimista, eu pensava que poderia até soletrar “o Huno”. Se algum dia estive suficientemente bêbada para pensar em acrescentar “Flagelo de Deus”, não lembro.

A imagem em minha cabeça era a de um futuro daqui a cento e tantos anos, quando um sub-sub-bibliotecário incumbido da tarefa menor de limpar o mofo acumulado de um porão abandonado há muito tempo poderia encontrar uma pilha embolorada dos meus livros. Ele os enfileiraria e notaria que, organizados em ordem de publicação, formavam o nome *Attila*. Ele sorriria, depois voltaria a cuidar de seu trabalho. Esse era o objetivo, esse breve e longínquo momento quando alguém, em algum lugar, entenderia minha piada.

Bem, esse pode ser um objetivo insignificante para o trabalho de uma vida, mas era o meu. E eu progredi. Meu primeiro romance foi *Attic*, depois veio *Truck*. Tentei o segundo “T” de *Attila* com um romance chamado *Toad*, mas esse morreu no parto. Pensando que *Toad* ainda poderia ser viável, eu trabalhava em um livro chamado *Inquiry* quando tive a ideia que se tornou *Geek Love* e larguei tudo para trabalhar nela.

E ali todo o plano estagnou. Uma vez terminado o livro, nenhum dos possíveis títulos com “T” nas minhas listas parecia bom. É fácil rir e dizer:

“Você poderia ter usado apenas *The Geek*”. Mas isso poderia prejudicar o foco do leitor ao não sugerir — ou mesmo revelar — outros elementos da história. Ao menos era assim que eu pensava.

Talvez, depois de todos aqueles anos com o romance, o título da obra estivesse profundamente enraizado em minha massa cinzenta. Talvez a fadiga, ou o inevitável luto de terminar o livro, tenha prejudicado meu cérebro. Mas o fato é que eu não conseguia pensar em um título melhor, muito menos um que começasse com a letra “T”.

Assim, essa história veio ao mundo como *Geek Love*. Ainda dói ter abandonado o grande empreendimento *Attila*, que acabou esmagado por aquele negligente “G”. Mas, por isso e por todo o resto, não há nenhum culpado além de mim mesma.

Katherine Dunn
Pipes Cove, Long Island
Outubro de 2014



*Jardineira
da meia-noite*



O núcleo da família: A fala dele, os dentes dela

“Quando sua mãe era a geek, meus queridos sonhos”, dizia papai, “ela transformou o arrancar de cabeças em um mistério tão cristalino que as próprias galinhas caminhavam em sua direção e dançavam em torno dela, hipnotizadas pela atração. ‘Abra a boca, doce Lil’, elas cacarejavam, ‘e mostre seus dentes para nós!’.”

Essa mesma Crystal Lil, nossa mãe com cabelos de estrela, estava sentada no sofá embutido que era a cama de Arty à noite, rindo para a costura em seu colo e balançando a cabeça. “Não minta para as crianças, Al. Aquelas galinhas corriam como pus de espinhas.”

Eram noites na estrada, entre shows e pequenas cidades, em algum acampamento ou recuo, com as outras vans, caminhões e trailers do Fabuloso Circo Binewski à nossa volta, seguros em nosso vilarejo portátil.

Depois do jantar, sentados de barriga cheia à luz da lamparina, nós, os Binewski, tínhamos que ler e estudar. No entanto, se chovia, meu pai era mordido pelo bicho da história. O chiado e os ruídos no metal da nossa grande casa-van o distraía de seus papéis. Chuva em noite de espetáculo era catástrofe. Chuva na estrada significava conversa, que, para o papai, era puro prazer.

“É uma vergonha e uma pena, Lil”, dizia ele, “que essa sua prole só conheça a porcaria dos geeks de verão de Yale.”

“Princeton, querido”, minha mãe o corrigia em tom moderado. “Randall vai para o segundo ano no outono. Creio que ele seja nosso primeiro garoto em Princeton.”

Nós, os filhos, sentíamos nossa história resvalando para assuntos corriqueiros. Arty me cutucava e eu interferia dizendo: “Nos conte sobre o tempo em que mamãe era a geek!”. E Arty, Elly, Iphy e Chick sentavam comigo no chão, entre as cadeiras do papai e da mamãe.

Mamãe fingia estar fascinada com sua costura, e papai torcia o bigode e balançava as sobrancelhas embaraçadas fingindo relutância. “Bommm...”, ele começava, “foi há muito tempo.”

“Antes de nascermos!”

“Antes...”, ele proclamava, balançando um braço do seu jeito de grande senhor do picadeiro. “Antes mesmo de eu ter imaginado vocês, meus queridos sonhos!”

“Eu ainda era Lillian Hinchcliff naqueles dias”, mamãe resmungava. “E quando seu pai falava comigo, o que fazia raramente e com relutância, ele me chamava de ‘senhorita’.”

“Senhorita!”, ríamos.

Papai cochichava para nós, como se mamãe não pudesse ouvi-lo. “Apavorado! Eu estava tão encantado que gaguejava quando tentava falar com ela. ‘S-S-S-Senhorita...’, eu dizia.”

Ríamos muito da ideia de papai, o grande orador, ficar sem palavras.

“Eu, é claro, chamava o pai de vocês de *senhor* Binewski.”

“Lá estava eu”, meu pai continuava, “lavando o sangue e as penas de galinha do picadeiro na manhã do dia 3 de julho e me parabenizando por ter boas atrações geek, dizendo a mim mesmo que ia vender ingressos aos montes, porque o fim de semana do feriado de Quatro de Julho era o mais agitado para os geeks e eu tinha um geek bom e forte naquele ano. Ele era entusiasmado com o trabalho. Então, eu estava lavando tudo e me sentindo muito confortável e orgulhoso de mim mesmo, quando sua mãe chegou parecendo um anjo e disse que meu geek tinha partido durante a noite, dobrado seus trapinhos, como dizem, e entrado em um táxi rumo ao aeroporto. Deixou um bilhete alegando que o pai estava muito doente e ele, o geek, precisava se retirar do picadeiro e voltar para casa, na Filadélfia, para cuidar do banco da família.”

“Corretora, querido”, minha mãe o corrige.

“E com sua mãe, a srta. Hinchcliff, parada ali como um poste, eu não podia nem xingar! O que eu poderia fazer? Os cartazes do geek estavam espalhados pela cidade inteira!”

“Foi durante uma guerra, queridos”, mamãe explica. “Esqueci qual delas. Seu pai tinha dificuldade para conseguir ajuda naquela época, ou nunca teria me contratado, nem mesmo para fazer fantasias, porque eu não tinha nenhuma experiência.”

“Então, estou ali, embriagado com o perfume Marzipã Meia-Noite da srta. Hinchcliff e vesgo de tanto pensar. Não podia entrar pessoalmente no picadeiro porque já fazia uns vinte serviços. Não podia pedir ajuda a Horst, o Homem Gato, porque ele era vegetariano, para começar, e seus dentes se desintegrariam na primeira mordida no pescoço de uma galinha. De repente sua mãe aparece do nada como se me oferecesse xerez e biscoitos. ‘Eu faço isso, sr. Binewski’, ela disse, enquanto eu estava prestes a mandar uma cueca suja para o homem que lavava nossas roupas.”

Mamãe sorriu docemente para sua costura e assentiu. “Eu queria muito provar que podia ser útil para o espetáculo. Eu fazia parte do Fabuloso Circo Binewski havia só duas semanas e tinha a nítida sensação de estar em um período de experiência.”

“Então”, meu pai interrompeu, “eu digo: ‘Mas, senhorita, e seus dentes?’. Queria dizer que ela poderia quebrá-los ou trincá-los, e ela sorri como está sorrindo agora e diz: ‘São suficientemente afiados, acho’.”

Olhamos para a mamãe com seus dentes brancos e alinhados, mas é claro que, naquela época, eles eram falsos.

“Olhei para seu queixo pequenino e delicado e gemi. ‘Não’, eu disse, ‘não posso pedir para que você...’ Mas passou pela minha cabeça que uma geek loira e linda com pernas — e sua mãe tinha o que *realmente* chamamos de pernas neste ramo — não poderia fazer mal algum aos negócios. Nunca tinha ouvido falar de uma garota geek antes, e as possibilidades da atração eram gloriosas. Então pensei de novo que, não, ela não poderia...”

“O que o pai de vocês não sabia era que eu havia assistido aos geeks várias vezes e, é claro, tinha ajudado frequentemente Minna, nossa cozinheira, quando ela estrangulava uma ave para a refeição. Eu o convenceria. Ele não tinha outra alternativa, senão me dar uma chance.”

“Ah, mas eu estava morto de medo quando chegou a hora do show dela naquela tarde! Com medo de ela ficar enojada e voltar para casa em Boston. Com medo de que ela estragasse o espetáculo, fazendo com que a plateia gritasse pela devolução do dinheiro. Com medo de ela se machucar... Uma galinha poderia arranhá-la, ou arrancar um olho a bicadas muito depressa.”

“Eu estava muito nervosa”, mamãe assentiu.

“A plateia era boa. Era um sábado quente, e o Quatro de Julho cairia no domingo. Passei o dia todo correndo como uma galinha degolada, e só tive tempo para ir aos bastidores do picadeiro por um segundo antes de entrar em cena para comandar o espetáculo. Lá estava ela como uma borboleta...”

“Na verdade, eu estava vestida com farrapos, e eles eram brancos porque mostravam bem o sangue mesmo no escuro do picadeiro.”

“Mas eram farrapos artísticos! Farrapos de seda com um decote amplo e uma fenda até a coxa! Eu respirei fundo e fui abrir a porta para as pessoas entrarem. E elas entraram. Havia muitos soldados na plateia. Eu ainda vendia ingressos quando os assobios e aplausos começaram e os gritos e pés batendo naqueles velhos bancos de madeira atraíram ainda mais gente. Finalmente coloquei um menino pipoqueiro para vender ingressos e entrei para ver o que iria acontecer.”

Papai sorria para mamãe e torcia o bigode.

“Jamais esquecerei.” Ele riu.

“Eu não conseguia rosnar de maneira convincente. Então eu cantava”, mamãe explicou.

“Alegres musiquinhas alemãs, com uma voz fina e aguda.”

“Franz Schubert, meus queridos.”

“Ela flutuava por ali como uma ave pequenina e quando pegou aquelas galinhas feias e barulhentas, não dava para acreditar que realmente faria alguma coisa. Quando ela seguiu em frente e as degolou, a plateia explodiu. Não houve outro movimento de pulso como aquele, nem mordida mais vampiresca ou jorro de sangue iguais. Ela sacudia os cabelos platinados como estrelas e a cabeça da galinha mordida caía no canto, enquanto ela enfiava os dedos delicados na abertura, levantava a carcaça sem vida e trêmula como uma taça dourada e bebia! Bebia das entranhas que se retorciam! Ela era magnífica, uma princesa, uma Cleópatra, uma rainha élfica! Essa era a mãe de vocês no picadeiro. As pessoas enchiam o lugar para vê-la. Construímos mais bancos, transferimos ela para o maior picadeiro que tínhamos, com capacidade para mil e cem pessoas, e o espaço estava sempre lotado.”

“Era divertido”, Lil assentiu, “mas eu sentia que aquele não era o meu verdadeiro métier.”

“Sim.” Papai franziu a testa e olhou para as próprias mãos, ficando quieto de repente.

Sentindo o clima da história evaporando, um de nós incentivava: “O que fez você desistir, mamãe?”

Ela suspirava e olhava por baixo das sobrancelhas arqueadas para o papai, depois virava para onde estávamos todos juntos no chão e dizia: “Sempre sonhei em voar. O Antifermos, o clã trapezista italiano, se juntou ao espetáculo em Abilene e eu implorei para que me ensinassem”. E então ela não falava mais com a gente, mas com o papai. “E, Al, você sabe que nunca teria encontrado coragem para pedir minha mão, se eu não tivesse caído e me machucado tanto. Onde estaríamos agora, então?”

Papai assentiu. “Sim, sim, e eu fiz você andar razoavelmente bem de novo, não fiz?” Mas seu rosto ficava inexpressivo e sério, e os olhos iam do cartaz na porta de correr para o quarto deles. Era um velho papel prateado e caro, com a silhueta exuberante de mamãe envolta em lantejoulas, sorrindo e com os braços erguidos de forma que os dedos, cobertos por luvas vermelhas que iam até os cotovelos, tocavam as letras brilhantes arqueadas sobre ela anunciando “Crystal Lil”.

Meu pai se chamava Aloysius Binewski. Ele foi criado em um circo

itinerante, O Fabuloso Circo Binewski, que pertencia ao pai dele. Ele tinha vinte e quatro anos quando vovô morreu e o circo caiu em suas mãos. Al parafusou cuidadosamente a urna de prata que continha as cinzas do pai dele ao capô do caminhão-gerador que abastecia a área de espetáculos. O velho tinha viajado com o show por tanto tempo que suas cinzas foram miseravelmente abandonadas em algum jazigo.

Os tempos eram difíceis e, embora não fosse culpa do jovem Al, os negócios começaram a fracassar. Cinco anos depois da morte do vovô, o circo, antes próspero, estava desaparecendo.

O show era sustentado por um leão velho que quebrava repetidamente dentaduras caras mordendo as barras da jaula, pelas demandas de custo de vida aumentadas por conta da mulher gorda, cuja alimentação era garantida por contrato, e pela deserção no meio da noite de uma família inteira de animais eróticos, que partiu levando seu burro, o bode e o dogue alemão.

A mulher gorda acabou pulando do barco para se tornar modelo de uma revista chamada *Caçadora Gordinha*. Meu pai ficou com um engolidor de fogo econômico, alimentado a diesel, e a perspectiva de um período muito longo em um estacionamento de trailers na periferia de Fort Lauderdale.

Al era um típico ianque, marcado pela autodeterminação e pela independência, mas sua alma de gênio se revelou naquela crise. Ele decidiu criar o próprio show de bizarrices.

Minha mãe, Lillian Hinchcliff, era uma aristocrata oriunda do lado enfadonho de Beacon Hill, Boston, que havia abandonado a herança e se juntado ao grupo do circo para se tornar aerista. Dezenove anos é tarde para aprender a voar, e Lillian caiu, quebrou o nariz elegante e as omoplatas. Perdeu a coragem, mas não o desejo pela srragem e pelas luzes de boate. Foi essa paixão que fez dela uma parceira ávida no esquema de Al. Ela estava disposta a fazer qualquer esforço para renovar o interesse do público no show. Além disso, a ideia da segurança herdada era algo que ela trazia da infância. Como ela sempre dizia: “Que melhor presente se pode oferecer aos filhos além da capacidade inerente de ganhar a vida simplesmente sendo eles mesmos?”.

O par cheio de recursos começou a fazer experiências com drogas ilícitas e prescritas, inseticidas e, depois de um tempo, radioisótopos. Minha mãe desenvolveu uma dependência complexa de várias drogas durante esse processo, mas não se importou com isso. Contando com a genialidade de meu pai para garantir o fornecimento, ela parecia considerar seu vício como um pequeno efeito colateral de sua colaboração criativa.

O primogênito do casal foi meu irmão Arturo, conhecido até certa idade como Aqua Boy. As mãos e os pés dele tinham formato de nadadeiras que

brotavam diretamente do tronco, sem braços ou pernas intermediários. Ele aprendeu a nadar na infância e era exibido nu em um grande tanque de paredes transparentes parecido com um aquário. Seu truque favorito aos três e aos quatro anos de idade era aproximar o rosto do vidro, arregalar os olhos para a plateia, abrir e fechar a boca como um peixe, depois virar e se afastar nadando, revelando o cocô que saía de seu traseiro pequeno e musculoso. Al e Lil riam disso mais tarde, mas na época a atitude lhes causava grande consternação, sem mencionar o incômodo de esterilizar o tanque com frequência maior que a habitual. Com o passar dos anos, Arty passou a vestir calção e se tornou mais sofisticado, mas comenta-se, com alguma verdade, que sua atitude nunca mudou de fato.

Minhas irmãs, Electra e Iphigenia, nasceram quando Arturo tinha dois anos e já começava a atrair multidões. As meninas eram gêmeas siamesas, com troncos perfeitos unidos pela cintura e bacia, além de pernas compartilhadas. Normalmente, elas sentavam, andavam e dormiam abraçadas. Eram, porém, capazes de olhar diretamente para a frente, deixando o ombro de uma se sobrepor ao da outra. Sempre foram bonitas, esguias e de olhos grandes. Elas estudavam piano e começaram a apresentar duetos ainda novas. Suas composições para quatro mãos eram consideradas por alguns como uma revolução na escala de doze tons.

Nasci três anos depois de minhas irmãs. Meu pai não economizava para fazer essas experiências. Minha mãe consumiu porções generosas de cocaína, anfetamina e arsênico durante o período da ovulação e enquanto esteve grávida de mim. Foi uma decepção quando nasci com deformidades tão comuns. Meu albinismo é da variedade comum de olhos rosados, e a minha corcunda, embora acentuada, não é extraordinária em tamanho ou forma, considerando a maioria das corcundas. Minha situação era banal demais para ser lucrativa na mesma escala dos meus irmãos e irmãs. No entanto, meus pais perceberam que eu tinha uma voz forte e decidiram que eu poderia ser uma divulgadora e incentivadora apropriada para os negócios. Uma albina careca e corcunda parecia ser a propaganda certa para os talentos esotéricos do resto da família. O nanismo, que era muito aparente no meu terceiro aniversário, foi uma agradável surpresa para o paciente casal e elevou meu valor. Desde o começo, eu dormi no armário embutido embaixo da pia, na sala de estar da casa-van da família, e tive uma coleção de óculos escuros exóticos para proteger meus olhos sensíveis.

Apesar dos caros tratamentos com rádio incorporados à sua formação, meu irmão mais novo, Fortunato, chegou bem perto de nascer aparentemente normal. Aquele estado de monotonia deprimiu tanto meus pais empreendedores que eles se prepararam imediatamente para abandoná-lo na porta de um posto de gasolina

fechado quando passamos por Green River, Wyoming, tarde da noite. Meu pai estacionara a van de forma a garantir uma fuga rápida, descendo depois para ajudar minha mãe a depositar o bebê na caixa de papelão em uma parte segura da calçada. Naquele exato momento, o bebê de duas semanas olhou vagamente para a minha mãe e, em questão de segundos, revelou-se não um fracasso, mas a obra-prima de meus pais. Foi muita sorte, por isso eles o chamaram de Fortunato. Por um motivo ou outro, nós sempre o chamamos de Chick.

“Papai”, disse Iphy.

“Sim”, falou Elly. Elas estavam atrás de sua poltrona grande, quatro braços deslizando para envolver seu pescoço, dois rostos emoldurados por cabelos pretos e lisos olhando para ele, um de cada lado.

“O que estão aprontando, meninas?” Ele ria e deixava a revista de lado.

“Conte como você pensou em nós”, elas pediam.

Eu me apoiava no joelho dele e olhava para o seu rosto forte e bondoso. “Por favor, papai”, eu implorava, “conte-nos sobre o Rose Garden.”

Ele bufava, provocava e se recusava, e nós insistíamos. Finalmente, Arty acabava sentado no colo dele, envolvido pelos braços do papai, e Chick ia para o colo da mamãe, cujos ombros serviam de apoio para mim. Elly e Iphy sentavam de pernas cruzadas no chão com os quatro braços atrás delas como suportes góticos apoiando seus ombros encurvados. Então Al ria e contava a história.

“Foi em Oregon, Portland, que eles chamavam de Rose City, embora eu não tenha feito nada a respeito até um ano mais tarde, mais ou menos, quando ficamos presos em Fort Lauderdale.”

Naquele dia ele estava agitado, perturbado com questões de negócios. Ele havia parado no estacionamento de uma encosta, saindo depois para dar uma caminhada. “Dava para ver quilômetros lá de cima. E tinha um grande jardim de roseiras com mandris, treliças e fontes. Os caminhos eram de lajotas e faziam curvas de um lado para o outro.” Ele havia se sentado no degrau que levava de um terraço a outro, olhando apático para as rosas experimentais. “Era um jardim de teste, e as cores eram... planejadas. Listradas e em camadas. Uma cor dentro da pétala e outra do lado de fora. Eu estava muito bravo com Maribelle. Ela era uma artista com cabeça de alfinetes que trabalhava comigo e com sua mãe havia muito tempo. E estava tentando arrancar de mim um aumento que eu não podia bancar.”

As rosas o fizeram começar a pensar em como sua estranheza era bonita e como essa mesma estranheza era planejada para lhes dar valor. “Eu tinha acabado de perceber, de um jeito claro e completo, sem precisar refletir nisso.” Ele percebera que filhos poderiam ser projetados. “E pensei comigo: *esse seria*

um jardim de rosas digno do interesse de um homem!”

Nós, os filhos, corríamos e o abraçávamos, e ele ria para nós e mandava as gêmeas irem buscar uma panela de chocolate na carroça de bebidas, e me mandava ir buscar um saco de pipoca porque as ruivas simplesmente jogariam tudo fora quando terminassem de fechar a barraca. E nós ficávamos aconchegados na van, comendo pipoca e bebendo chocolate, sentindo-nos exatamente como as rosas de papai.



A alegria do verme

Crystal Lil segura o telefone contra o peito achatado enquanto grita para a escada: “Quarenta e um!”. Isso significa que o ruivo, espinhento e destituído beneditino do quarto número quarenta e um recebera mais um telefonema e precisava descer correndo os três lances de escada para tirar esse fardo dos ombros da confusa Lily. Ela põe um amplificador de plástico no fone quando atende ao telefone e vira o botão do aparelho auditivo para o volume máximo enquanto grita “O quê? O quê?” no bocal, até entender um número — o mesmo número que ela vai gritar para o alto da escada embolorada até alguém descer ou ela se cansar.

Nunca tenho certeza da extensão de sua surdez. Ela sempre ouve a campainha do telefone no corredor, mas é possível que sinta a vibração do aparelho no salto dos chinelos. Ela também é cega. Os óculos grossos de plástico cor-de-rosa projetam grandes olhos embaçados. O vermelho borrado se projeta pelo branco dos olhos como um ovo podre.

O cara do quarenta e um desce a escada e pega o fone. Ele mantém comunicação constante com conhecidos nos círculos inferiores do clero, cultivando essas relações na esperança de recuperar a batina. O resmungo ansioso ao telefone começa quando Crystal Lil volta para o quarto. Ela deixa a porta aberta.

Sua janela dá para a calçada em frente ao prédio. O volume de sua televisão é alto. Ela se senta na cadeira sem encosto da cozinha, tateia em volta procurando a grande lente de aumento, que encontra em cima da tv, se inclina até que o nariz esteja a centímetros da tela, aproximando e afastando a lente diante dos olhos num esforço constante para dar nitidez a uma imagem entre os pontos. Quando passo pelo corredor, vejo a luz cinzenta cintilando através da lente em direção à cegueira ansiosa de seu rosto.

Ser chamada de “gerente”, para Crystal Lil, explica o motivo pelo qual ela não recebe contas, não paga pelo quarto e ainda ganha um cheque de valor baixo todos os meses. Ela se dedica com determinação aos deveres de cobradora de aluguéis e cão de guarda debilitado. O telefone faz parte do pacote.

Quando Crystal Lil grita “Vinte e um!”, que é o meu quarto, eu paro ao lado

da porta para pegar a peruca de cabra do cabide e a coloco sobre a cabeça careca antes de descer a escada numa sequência de pulos sobre uma perna só, que é difícil para os joelhos e tornozelos, mas disfarça minha habitual instabilidade.

Falo com uma voz alta e aguda, uma oitava a caminho do falsete. “Obrigada!”, grito em direção a ela. Suas gengivas são nodosas e têm um tom esverdeado cintilante — com um leve brilho onde um dia estiveram os dentes. Uso a mesma peruca quando saio. Não confio na cegueira de Lil ou em sua surdez para me disfarçar completamente. Afinal, sou sua filha. Ela pode ter algum tipo de reconhecimento hormonal dos meus ritmos que seja capaz de vencer até a rejeição que seu corpo vomita contra o mundo.

Quando Lily grita “Trinta e cinco!” para a escada, eu cambaleio até a porta e espreito com um só olho pelo buraco aberto ao lado da fechadura. Quando a trinta e cinco desce a escada correndo, tenho um vislumbre de suas longas pernas, que às vezes se mostram nuas por entre as fendas do quimono verde. Apoio a cabeça na porta e ouço sua voz forte e jovem gritando para Lily, depois retomando a urgência normal ao telefone. A ocupante do trinta e cinco é minha filha, Miranda.

Miranda é uma garota popular, alta e bem formada. Ela recebe telefonemas todas as noites antes de sair para trabalhar. Miranda não tenta se disfarçar para a avó. Ela pensa que é uma órfã chamada Barker. E Crystal Lil deve imaginar que Miranda é apenas mais uma das mulheres espalhafatosas que deixam o rastro de seu sexo como gosma de lesma pelos quartos durante um mês antes de irem embora. Talvez o fato de Miranda morar aqui, no grande apartamento, há três anos nunca tenha sido registrado por Lil. Como ela notaria que a mesma trinta e cinco sempre atendia ao chamado? Elas não têm nenhuma ligação. Sou o único elo entre elas, e nenhuma das duas me conhece. Miranda, porém, tem menos razões para lembrar de mim do que a velha.

Esse é meu prazer egoísta, observar sem ser notada. Não lhes daria o gostinho de saber quem eu sou. Isso poderia matar Lily, trazendo de volta toda a podridão da antiga dor. Ou ela poderia me odiar por sobreviver, quando todos os outros tesouros que ela teve afundaram no mofo. Quanto a Miranda, eu não poderia saber quais seriam as consequências de conhecer a verdadeira mãe. Imagino sua coluna brilhante encolhendo, entortando e ficando desse jeito. Ela é uma órfã galante.

Somos três Binewski, embora apenas Lily use o nome. Eu sou apenas o “número vinte e um” para Crystal Lil. Ou “McGurk, a aleijada no vinte e um”. Miranda é mais pitoresca. Eu já a ouvi cochichando “A anã do vinte e um” ou “A velha albina corcunda do vinte e um” com uns amigos quando eles passavam pela porta.

Raramente preciso falar com qualquer uma delas. Lily põe os cheques do aluguel em uma cesta na porta do quarto dela, do lado de dentro, e eu os pego. Às quintas-feiras, eu tiro o lixo e ela não fala nada sobre isso.

Miranda me cumprimenta no corredor. Eu respondo com um aceno de cabeça. De vez em quando, ela tenta conversar comigo na escada. Sou distante e breve, e escapo o mais depressa possível com o coração batendo tão forte quanto o de um ladrão.

Lily escolhe me esquecer, e eu escolho não dar nenhum lembrete, mas tenho muito medo de notar vergonha ou desgosto no rosto de minha filha. Isso me mataria. Então eu as observo e cuido delas em segredo, como uma jardineira da meia-noite.

Lillian Hinchcliff Binewski — Crystal Lil — é alta e magra. Seus seios caem flácidos sobre a cintura, mas o porte ainda é ereto. Ela exhibe as marcas características da aristocracia protestante, o rosto longo e o nariz fino. Nunca sai sem um chapéu, normalmente de tweed com aba de brim bem baixa sobre os óculos cor-de-rosa, tanto que ela tem que inclinar a cabeça para cima e para trás a fim de capturar a luz fraca e o movimento que os olhos conseguem perceber. Envolta em alguns roedores mortos, ela poderia entrar despercebida em alguns eventos levemente formais.

Seguir Lillian é fácil. Seu corpo longilíneo de Boston se esgueira de um ponto de toque ao outro com um ritmo impressionante. Ela é desconfiada e destemida, e seu progresso é assustador. Ela nunca passa por nenhuma forma vertical sem agarrá-la e tateá-la para ter certeza do que é. Postes de telefone, sinais de trânsito — ela corre até eles, segurando-os como se os impedisse de cair, explora-os com as duas mãos e, jogando a cabeça para trás, segue em frente para a próxima sombra vertical que passar por seus olhos como um borrão. Ela também faz isso com humanos. Eu a vi percorrendo vinte quarteirões de calçadas lotadas ao meio-dia, passando de um pedestre assustado a outro, agarrando um pelo ombro, examinando, enquanto o outro braço se estende para os seios da próxima pessoa em seu caminho. Quando alguém se ofende, se irrita, xinga ou empurra, ela titubeia apenas por um momento antes que a próxima pessoa se apresente para ela atacar, usando corpo atrás de corpo como apoio no ar.

Eu vou andando atrás dela. Cinco metros entre nós são suficientes para que ela não me note. É intrigante, para mim, ver pessoas parando e olhando enquanto ela segue adiante do seu jeito desesperado. Um tipo que parece ter a mente aberta, com um livro embaixo do braço, se surpreende com o próprio impulso contido de empurrá-la, para evitar que ela o use como trapézio, e a segue com os

olhos um pouco envergonhado. Depois ele vira e me vê, a corcunda encarando seus olhos. A imagem dupla o assusta. Minha mãe, sozinha na rua, pode ser reduzida às bondosas esquisitices dos malucos, bêbados e mendigos, mas quando eu apareço seis metros atrás dela, cria-se um momento gelado. Até os presunçosos percebem. Eles vão para casa e contam às esposas que as ruas de Portland estão cheias de gente esquisita. Seus sonhos forjam um elo torto entre a velha maluca e a anã corcunda. Ou eles pensam que somos residentes de uma casa de reabilitação, ou que o circo está na cidade.

Algumas vezes por semana, aparentemente convencida de que está em Boston, Crystal Lil sobe a ladeira em direção a uma grande casa na Vista Avenue. Ela se choca contra a cerca de ferro, passa as mãos por ela procurando alguma coisa. Fica parada com a boca aberta, um fio de baba unindo as mandíbulas, e espera na calçada diante da porta. Provavelmente, não consegue nem ver o formato das janelas da casa, mas acena para elas. Ocasionalmente, ela agarra um pedestre e grita: “Eu nasci lá! No quarto cor-de-rosa! Mamãe servia nosso chá no solário!”. Quando sua vítima escapa, ela fica murmurando. Não percebe que o prédio em estilo georgiano é agora um condomínio de ricos. Ela espera que um velho cachorro ou criado saia para encontrá-la com lágrimas de alegria, a filha pródiga que volta para casa depois de todos esses anos. Talvez ela sonhe em ser acolhida e mimada pela própria mãe, acomodada em uma aconchegante cama de solteiro. Apenas alguns homens finos com ar profissional entram e saem, desviando dela com eficiência. Depois de um tempo, ela desce a ladeira e volta para o seu quarto na Kearney Street.

Crystal Lil deixou a porta aberta e está sentada na frente da televisão com uma panela no colo e uma sacola marrom a seus pés. Ela pega vagens longas da sacola, quebrando-as em pedaços menores e jogando na panela. Paro na escada e penso em como ela conseguiu aquelas vagens.

Lillian no supermercado, apavorada e furiosa, as mãos longas deslizando sobre as prateleiras, derrubando latas, finalmente agarrando uma caixa e resmungando, fisgando uma compradora inocente e empurrando a caixa contra o rosto da mulher enquanto berra: “O que é isso? Diga o que é isso!”. Até que a compradora, num gesto de caridade irritada, responde: “Cereal de milho”, e se esquiva.

Lily no verão, com a poeira da rua se erguendo no calor que torna tudo mais denso, levanta a janela e empurra dois gerânios encardidos para o parapeito externo. Naquela tarde, horas depois, Crystal Lil corre pela calçada agarrando

pelo colarinho cada ser humano que se move, gritando: “Ladrão! Filhos da mãe! Roubaram minhas plantas! Ladrão!”. E os vasos desapareceram, é verdade, deixando apenas dois círculos apagados na sujeira do parapeito.

Tilintar de chaves. Gagueira estridente no corredor. Lillian entregando a correspondência. Ela deveria deixar as cartas em cima da mesa da entrada, ou empurrá-las por baixo da porta. Às vezes ela usa isso como desculpa para entrar nos quartos.

Uma vez, quando estava no chão com o amante, Miranda não abriu a porta ao ouvir as batidas de Lil. Embaixo de um lençol no calor do verão, suando um no outro, os dois ficaram parados, quietos, e ficaram chocados quando a porta se abriu e Crystal Lil entrou cambaleando, tocando paredes, agarrando mesas, caminhando em direção ao lençol que os cobria no meio do quarto, tateando as beiradas, errando por pouco as pernas emaranhadas dos amantes, que permaneciam em silêncio e observavam a gananciosa investigação. Depois de dar uma volta completa no quarto, ela encontrou a mesa novamente, pôs os envelopes nela, tateou o caminho para a saída, fechou e trancou a porta. Miranda me contou isso quando tentava conquistar minha amizade no corredor porque queria me convencer a posar para seus desenhos.

Miranda parece interessada em deformidades. Ela atraiu o homem gordo da banca de jornais da esquina até seu quarto várias vezes para posar. Não há razão evidente para tal fascinação em sua vida, mesmo que sobreviver dependa de sua pequena irregularidade. Ela é forte e esguia. As costas e as pernas são tão longas quanto a história. É possível que as impressões de sua infância sejam capturadas, de alguma forma, na polpa de seus olhos, seduzindo-a. Ou pode haver alguma estrutura torta em suas células que a direcione para aquilo que o mundo todo chama de bizarrice.

É difícil seguir Miranda. Seus passos são longos como os de Crystal Lil, mas sem os desvios e as distrações. Ela também é atenta, alerta, e minha figura não é exatamente discreta. Normalmente, eu a perco de vista depois de poucos quarteirões. Ou ela me deixa comendo poeira, ou tenho que me esconder quando ela olha para trás. Consegui segui-la até o trabalho duas vezes nos três anos desde que ela foi morar no prédio.

Uma noite, quando deixava a estação de rádio, onde havia trabalhado mais que o habitual, eu a vi em um cruzamento. Ela usava um vestido elegante e formal verde-escuro e uma jaqueta. Ela escolhe roupas simples para as aulas na escola de arte, por isso fiquei impressionada com a diferença. A maquiagem era

dramática e o corpo se movia de um jeito estranho, nada familiar, sobre as sandálias de salto alto presas apenas por finas correntes douradas. Eu a segui sem pensar nisso. Eu a perderia, é claro, mas sentia satisfação ao perceber os olhares dos homens para seu corpo. Ela parecia estar a caminho do trabalho. Fui atrás dela até a Glass House Club. Ela andava mais devagar com o salto alto. Eu a vi pegando um envelope com o porteiro. Ela deu a volta e entrou na boate pela porta de serviço.

O teto era um enorme mosaico de espelhos. As paredes e o carpete eram escuros. Pequenas ilhas de luz vindas dos abajures nas mesas se dividiam e multiplicavam nos reflexos. A sala era grande e estava lotada. Havia algumas mulheres, mas principalmente homens, várias centenas, as mesas cheias e os corredores entre elas repletos de gente em pé com um copo na mão.

Fiquei no fundo da sala, me acomodando em uma cadeira encostada na parede, e só levantei na hora do show.

Uma garota muito magra foi a primeira, a pele esticada sobre os ossos com uma musculatura tão escassa como jamais vi em alguém que ainda conseguisse sentar de forma ereta. Ela desfilava em um véu de gaze e abria alguns botões enquanto a banda se concentrava em sua linha de baixo. O fim de sua apresentação consistiu em tirar um pente do cabelo que estava preso num coque apertado, deixando-o cair, claro e brilhante, sobre as costas, sacudir um pouco a cabeça e se virar para mostrar à plateia que ele descia até o chão (assobios). Ela girou o quadril até estar de frente para nós e soltou a conta que mantinha no lugar a tanga que a cobria. Os pelos pubianos começaram a se desenrolar do mesmo jeito, uma versão crespa dos cabelos em sua cabeça (batidas na mesa), até uma nuvem macia de pelos quase brancos se formar entre suas pernas, descendo ondulante até os joelhos e se misturando aos cabelos da cabeça. Fiquei pensando se ela precisava depilar o resto do corpo. O homem careca falava ao microfone: “Sim, é real, gente, dá um puxão aqui, Denise. Nós deixaríamos vocês subirem no palco para puxar os cabelos da mocinha e ter certeza de que é tudo genuíno, rapazes, mas a lei do estado proíbe, e precisamos admitir que alguns colecionadores de souvenirs poderiam tirar a pobre Denise do mercado”. Ela balança o quadril, e os longos cabelos ondulam de um lado para o outro. “Como vocês poderiam encontrá-la por aí? Quero saber.” Denise sai do palco sorrindo, mais ou menos no ritmo da canção.

Paulette, a pré-transexual, era bonita e esbelta, com seios perfeitos. Sua apresentação prosseguiu até a remoção da tanga exibir um pênis e um escroto. As vaías encobriram o anúncio do homem careca, que tentava dizer que Paulette estava de partida para Tânger no próximo mês, de onde voltaria, em dezembro, “como uma garota de verdade”.

Miranda foi a última. A banda tocava uma melodia quente e cadenciada. Ela entrou com um vestido longo de cetim branco. Minha pombinha. Meus olhos doíam por ela, uma queimação ao longo do nervo que os unia ao cérebro. Os homens logo adiante ficaram em pé, se inclinaram para a frente, bateram nos ombros um dos outros e começaram a uivar sons prolongados e estridentes. Usando as mãos como apoio, subi na mesa para conseguir enxergar. Seus braços longos estavam erguidos, os cabelos brilhavam sob a luz. Uma jovem loira de vestido prateado na mesa à minha frente olhava feio para as costas dos homens que estavam com ela e se inclinavam em direção ao palco. Miranda com as maçãs do rosto dos Binewski, os olhos mongóis. Miranda da boca larga, a dançarina das pernas longas. A onda fresca de alegria me inundou: minha filha. Ela era boa. Não era excelente, mas era boa. O que está entranhado nos ossos, quando se tem ossos, aparece. E eles olhavam para ela, a observavam, estavam loucos para inundá-la com seu leite.

Electra e Iphigenia eram artistas poderosas, elas retorciam seu coração, esmagavam o cérebro, impunham silêncio a milhares de pessoas por meia hora de cada vez. E as plateias que assistiam ao show de Arturo eram canalizadas para fora delas mesmas, bombeadas para dentro do reservatório de sua vontade. Apesar de ser mãe dela, eu sabia que o ato curto de Miranda, o rápido e inteligente striptease com sua dignidade e tempo perfeito, era insignificante se comparado à habilidade e à força que eu havia testemunhado em meus outros entes queridos. Mas era estranho e diferente, para mim, ver essas pessoas olhando para ela. Porque achavam que ela era bonita, porque pensavam que seria bom agarrar seu traseiro, e enchê-la de semente. Os corpos se elevavam, buscavam o dela de um jeito simples e limpo, consciência inconsciente de cada uma de suas células sentindo que ela grunhiria, forte e jovem.

Ela estava vestida com uma tanga de renda, os polegares enroscados na peça, olhando para a plateia por cima do ombro, movendo o traseiro em lentos sinais convidativos. A loira de cara fechada na mesa à minha frente apoiava o queixo sobre a mão. Os homens uivavam, grunhiam e a observavam sorrindo. Eu prendia a respiração, piscava, e então ela puxou a renda para baixo, soltou a tanga e a tirou com um floreio, ainda balançando o traseiro, a cabeça inclinada para cima e uma risadinha inconfundível borbulhando para fora de seu peito enquanto ela revelava a cauda fina e enrolada que brotava do fim de sua coluna e balançava sobre as nádegas redondas.

Na segunda vez — a última vez —, eu simplesmente segui Miranda até o trabalho. Passei pela porta na Kearney Street quinze segundos atrás dela e a segui com facilidade embaixo de uma chuva pesada. Ela nem olhou para fora do

guarda-chuva até bater as botas na porta dos fundos da Glass House. Fui para a entrada da frente e deixei o guarda-chuva em um suporte de vidro. Segui cuidadosa em direção a uma parede e caminhei ao longo dela até chegar bem perto do palco oculto por uma cortina no fundo da sala.

Havia uma comoção na frente do palco. Um homem grande e careca trajando um smoking dava ordens num tom ríspido. Eu não era alta o bastante para ver com quem ele estava falando.

De repente ele pulou em cima do palco. Houve um retumbar da bateria. Um cone de luz surgiu em torno do homem careca. A plateia assobiava, ria e aplaudia esporadicamente.

“Cavalheiros e palhaços! Animadas senhoras!” O homem careca enfiou o microfone de fio longo entre as pernas e girou seu punho prateado. A plateia riu. “A Glass House orgulhosamente apresenta sua atração das noites de terça-feira! Audições Topless no Palco! Qualquer pessoa da plateia pode subir no palco nesta noite para tentar uma vaga de dançarina topless aqui, na Glass House, com acompanhamento de nossa orquestra! Em condições autênticas! Um prêmio de dez dólares para cada participante! Senhoras e senhores, venham testar seu talento! E aí vem eles, pessoal!”

Uma onda de gente atinge o palco. A plateia aplaudia, assobiava, ria, gritava. Cinco corpos nus da cintura para cima passaram pelo homem careca e formaram uma linha de frente para a plateia. Comecei a suar. Uma mulher gorda com a blusa pendurada no cós da saia era a que estava mais perto de mim, piscando para o público. Seus seios eram caídos, grossos e longos, e se misturavam aos rolos de gordura que pendiam flácidos sobre a barriga. Os braços tinham a mesma textura e formato dos seios e do abdome. Ela cruzou os braços sobre o peito numa pose tímida, depois os deixou cair.

Dois homens de meia-idade usavam jeans revestidos de plástico vermelho com largos cintos de couro unindo suas pernas adjacentes. Os braços finos e brancos envolviam os ombros um do outro e penas de avestruz idênticas enfeitavam seus cabelos ralos. Os rostos avermelhados enrugavam, nervosos, embaixo de uma habilidosa maquiagem oriental, e os mamilos eram aumentados e brilhavam cobertos de gel vermelho.

Um homem gordo com um tapa-sexo coberto de *glitter* tinha olhos pequenos e brilhantes num rosto com marcas de travesseiro, enquanto os companheiros, bêbados, arrotavam o nome dele em uníssono nas mesas da frente.

E a jovem assustada corava sob o pó de maquiagem mal aplicado, os lábios comprimidos, os olhos amedrontados delineados em preto, os seios pequenos empinados sobre as costelas salientes. Ela usava sua calcinha mais sensual e

botas de pirata, mas não estava bêbada como os outros. Ela deve ter pensado que realmente estava concorrendo a uma vaga de emprego na casa.

Uma armadilha de urso. A banda é barulhenta e espirituosa. O mestre de cerimônias careca bate com as mãos na beirada do palco e urra no microfone enquanto a fila se balança e rebola. Apoio o queixo no palco, vendo a onda de carne revelando um mamilo disforme a cada três batidas, quando a mulher obesa projeta os ombros para a frente, tirando os seios de seu local habitual de repouso, perto do umbigo flácido.

A jovem tenta parecer profissional em meio à confusão de coxas vermelhas e moles, penas de avestruz e peitos peludos de homens gordos. A confusão a atormenta. Ela sabe que foi enganada e que se meteu no lugar errado, talvez no pior lugar.

O barulho é sufocante e tenho que apertar os olhos para enxergar naquela luz estranha. O ar frio atinge minha cabeça e sinto uma mão tocando minha corcunda como se a investigasse. “Você esqueceu uma!”, alguém grita. Minha peruca paira acima da minha cabeça, na mão que a balança. Meus óculos escuros são arrancados e a luz fere meus olhos.

O homem careca olha nos meus olhos e grandes mãos me levantam, enquanto abro a boca sem emitir nenhum som. A música pulsa em meu rosto e dedos contundentes seguram meus braços e pernas, me impedindo de respirar. Alguém grita — um homem — e o careca vem em minha direção com um sorriso, enquanto a mulher flácida agarra meu casaco e me puxa pelos botões, gritando: “Olhinhos cor-de-rosa!”.

Os homens de calças vermelhas pulam para perto de mim, seus membros balançando na altura dos meus olhos, os cintos grossos que os seguram ameaçando bater no meu rosto. Meu casaco é puxado e minha blusa larga, que tem fendas profundas cortadas para comportar a minha corcunda e desce até meus joelhos na parte da frente, é rasgada em uma explosão de botões que ricocheteiam pelo palco sem nenhum som porque não há espaço em meio a esse grande barulho para pequenos ruídos de botões caindo.

Agora eles atacam os arreios no meu peito, tiras grossas de elástico esticado sobre a corcunda e abaixo dela para sustentar uma faixa sólida sobre meus seios e seus mamilos acinzentados. O careca está falando comigo em um tom confidencial, sem o microfone, e sinto o movimento de seus lábios e a umidade quente de sua respiração na minha orelha, mas não consigo ouvi-lo enquanto o arreio é removido, esfolando minha corcunda, machucando as orelhas e me cegando por um segundo. Esperneio quando eles me levantam para tirar minha saia de cintura de elástico e me aproximar do holofote amarelo, me expondo no palco apenas com os sapatos e o saiote branco e curto, bem acima dos meus

joelhos tortos.

Estou sozinha no foco de luz, os corpos grandes ficaram lá atrás, longe de mim. A colegial atordoada ainda dança com a boca aberta, os joelhos e braços seguindo uma ordem estranha para dançar, enquanto a mente é castigada pelo que eu sou e o que fizeram comigo, perguntando-se sobre minha presença nesta disputa. A plateia está em pé batendo nas mesas. As risadas são escancaradas e a banda toca alto, mas apenas o suficiente, quando levanto os braços finos e balanço minhas mãos grandes e me mexo no foco de luz, meus joelhos começando a se mover no que meu corpo chama de dança, agitando a corcunda para o público, a luz aquecendo minha cabeça e queimando meus olhos desprotegidos. Meus sapatos grandes batem no chão sob as pernas curtas, e eu me sinto orgulhosa dos seios flácidos e caídos apontando para os joelhos. A mulher gorda com meu casaco está olhando, a bochecha suja de saliva, e o homem gordo com sua tanga elétrica aumentando o membro invisível ri, e então os gritos ganham força. “Cristo! É real!”

Os movimentos da minha corcunda são agradáveis no ar quente, e o suor da minha cabeça careca escorre para dentro dos olhos, fazendo-os arder sob a luz intensa. O espírito da corcunda sacolejante se move pelo palco e contagia calças vermelhas, barrigas peludas e todo mundo, enquanto eu piso na minha blusa sem botões, escorrego nos arreios de elástico emaranhados e abro tanto os olhos quase cegos que eles conseguem enxergar que de fato há um tom cor-de-rosa ali — o olho albino na órbita sem cílios para protegê-la —, e isso é bom. Como me sinto orgulhosa dançando no ar cheio de olhos que me observam ali descoberta, incapazes de se desviar por causa do que eu sou. Aqueles pobres sapos atrás de mim estão em silêncio. Eu os superei. Eles pretendiam me usar e envergonhar, mas eu venci pela natureza, porque uma verdadeira bizarrice não pode ser inventada. Um bizarro de verdade deve trazer isso desde o nascimento.

Não tinha um jeito elegante de acabar com aquilo. A banda parou, e o homem careca gritou: “Vamos dar uma ajuda a eles, pessoal”. O público berrava. Todos nós procuramos nossas roupas por ali, segurando-as contra o peito enquanto descíamos do palco. É claro que não havia um camarim. O banheiro ficava do outro lado da boate, então nos amontoamos na frente do palco e nos vestimos desajeitadamente. Coloquei a blusa do avesso, conforme descobri mais tarde, vesti o casaco, a peruca e os óculos imediatamente, e guardei os arreios do peito em um bolso.

O careca distribuía notas de cinco dólares como se fossem biscoitos velhos. Ele me deu duas. A vergonha já começava a gelar minhas entranhas, e aquelas notas de cinco dólares foram a gota d’água. Há muito tempo eu não ficava

vermelha, desde Arturo, talvez. Mas o sangue fervente me queimava naquele momento.

“Qual é o seu nome? Pode vir regularmente para as noites de audição? Você tem muito potencial. Podemos pensar em um número muito bom com você. Subiríamos um pouco a tarifa, talvez vinte dólares por apresentação. Fazemos duas audições por noite entre as apresentações regulares. Você pode ganhar quarenta fácil.” Ele tratava o assunto de um jeito perfeitamente agradável. Minha peruca não estava encaixando e eu não entendia por quê. Tentei colocá-la no lugar certo, mas percebi que estava ao contrário. Arrumei a peruca e me dirigi até a porta. Andando entre as pessoas, enchi a cabeça de estática para não ouvir o que elas diziam. *Vá se esconder depressa*, eu pensava enquanto corria pela rua.

Passei a noite toda andando de um lado para o outro pelo quarto. Não conseguia deitar com medo de Arturo e de papai — e do meu terrível orgulho.



ANOTAÇÕES DE AGORA

Fusão, mergulho do décimo terceiro andar em xícaras de chá e outras experiências estimulantes

Miranda está falando ao telefone quando eu chego do trabalho. Ela está encostada na parede, uma perna nua e longa à mostra sob o quimono verde. Ela tem uma toalha enrolada na cabeça, envolvendo os cabelos recém-lavados, e desliga o telefone quando entro e fecho a porta.

“Oi. Tem tempo para uma xícara de chá?”

“Não. Obrigada.”

Miranda estuda no Instituto de Arte. Seu objetivo é ilustrar textos médicos. Ela quer que eu pose para seus desenhos. Nunca aceito as xícaras de chá que ela oferece. Continuo andando em direção à escada, tentando segurar meus livros e papéis. Ela faz um beicinho de um jeito elaborado. Segurando o corrimão, e com um pé no primeiro degrau, não consigo deixar de parar e olhar para trás. Ela abaixa um pouco as pálpebras de um jeito deliberadamente especulativo.

Um nó na garganta me lembra que Arturo fazia a mesma coisa com os olhos. Os olhos de Arty eram, como os dela, longos e amendoados, embora, é claro, ele não tivesse cílios e sobrancelhas como Miranda.

Com um sorriso débil — será que ela desconfia ou essa é apenas uma reação aborrecida quando recuso seus convites? —, subo a escada acompanhada pelo olhar dela.

Olympia Binewski, vulgo Hopalong McGurk, a Mulher da História no Rádio, está debruçada sobre um livro na cabine de vidro onde acontecem as gravações na rádio KBNK, de Portland. A voz doce com a qual ela ganha a vida há décadas se derrama no ouvido de esponja do microfone e é transformada em ondas silenciosas e pulsantes que irradiam por centenas de quilômetros. Ela está compenetrada em uma versão dramática de um clássico.

Na história, três físicos teóricos reencarnam (depois de mortes horríveis

enquanto procuravam o gato demônio de Schrödinger) nos corpos de chatos que habitam os pelos pubianos de um policial particularmente obtuso de Los Angeles.

Os olhos de McGurk desviam regularmente do livro para olhar na direção do engenheiro que está do outro lado do vidro à prova de som. Ele observa os mostradores e o relógio. Sinaliza que faltam dois minutos, e McGurk pula para o desfecho da história. A música-tema soa e ela diz: “Até amanhã...”, e se afasta do microfone. McGurk se alonga para aliviar a dor no pescoço e olha através do vidro.

Miranda sorri da cabine do engenheiro. McGurk solta o livro no chão, em vez de guardá-lo em sua valise. O engenheiro está recostado no painel de controle e exibe um sorriso paralisado, os olhos fixos no tórax de Miranda.

Miranda acena e Hoppy McG. assente com a cabeça, esquecendo de imprimir qualquer expressão no rosto.

Eu, Hoppy-Olympia, a mãe invisível, fico sentada e imóvel, vendo o engenheiro conversar com Miranda. As mãos dele fazem movimentos de datilografia no ar, e um polegar aponta na minha direção. Miranda assente. O engenheiro olha para mim e move dois dedos no ar, indicando o caminho para percorrer. Eles passam pela porta.

O engenheiro conduz Miranda para lhe apresentar a estação enquanto eu datilografo os créditos de direito autoral para o programa do dia. Meu crânio verte suor. Um espaço atrás dos meus olhos me deixa nauseada. O que acontece? Por que ela está aqui? Por que ela apareceria de repente no local de trabalho de uma vizinha que mal lhe dá bom-dia no corredor? Aquela vagabunda senil teria quebrado a promessa depois de tantos anos e contara a verdade para a garota?

Estou no escritório na frente da emissora abotoando o casaco quando eles voltam. Acabei de me lembrar de alguns motivos pelos quais ela poderia estar nesta emissora de rádio, razões que nada têm a ver comigo. Visitar um amigo, candidatar-se a um emprego ou gravar uma entrevista como stripper convidada para a *Hora do Trem Noturno*. É coincidência, decido, e estou ficando velha e idiota por pensar que o mundo gira em torno de mim.

“Vou levar você para almoçar”, ela diz, como se fosse algo corriqueiro. Entro no elevador e me encosto na parede do fundo. Ela me segue, falando. “Muito obrigada”, diz quando as portas ocultam o sorriso ansioso do engenheiro.

Miranda direciona todo o seu entusiasmo para mim. “Espero que me perdoe por eu ter aparecido aqui. Sabia onde encontrar você porque ouço seu programa. Reconheci sua voz na primeira vez em que ouvi você falando com a Maluca Lil no corredor. Bati à sua porta hoje de manhã, mas você já tinha saído. Precisamos conversar.”

A frase ricocheteia na minha cabeça. “Precisamos conversar.” Todos esses anos de silêncio. Eu pretendia, e pretendo, seguir Miranda até o dia da minha morte, mas nunca tive a intenção de falar com ela. Meu coração tenta subir até as orelhas. Ela fica vermelha, frustrada com o que pode ser um olhar penetrante por trás das minhas lentes azuis.

As portas do elevador abrem na nossa frente e eu saio para o trânsito lento do saguão, depois para o tráfego veloz da calçada ao meio-dia. Sinto que ela está atrás de mim, me seguindo por entre as pessoas, encurtando o passo para me acompanhar, então ela para ao meu lado em uma esquina.

Inspirando ruidosamente, eu me inclino para frente a fim de desencorajar a conversa. Ela está usando trajes verde-escuros, os saltos batendo impacientemente ao meu lado. Não sinto prazer em tê-la tão perto. O que ela quer?

“O que acha da churrascaria na Via Veneto? Eles servem um bufê na hora do almoço.” Uma pausa. “Srta. McGurk?”

Não posso olhar para ela. Tento dar um tom civilizado à minha voz ao responder. “Eu não almoço.”

O farol fecha, e ficamos presas em uma ilha na rua larga. Os carros passam por nós em um mar fétido. Ela me pegou nessa saliência de concreto, e seu arpão é repentinamente revelado, os olhos, as palavras arrancadas dela. “Olha, esqueça que você não me conhece. Tem duas coisas. Primeiro, você precisa posar para mim.” O disfarce doce desapareceu. As maçãs de seu rosto Binewski são puro fogo. Quer me convencer. O calor de sua intenção faz minha garganta derreter. Quero segurar seu rosto nas mãos e empurrar seu cabelo estranho para trás, para longe da testa Binewski. Rostos através de para-brisas me salvam. Um Binewski nunca se desintegra diante de um espectador pagante.

Ela entra em ebulição na minha frente, falando depressa, os olhos exigentes. A competição de anatomia se aproxima. Ela já ganhou a disputa dois anos seguidos. Os juízes vão relutar em lhe dar a vitória de novo. Ela precisa de alguma coisa especial, alguma coisa quente... escola de arte. Ela está falando de escola de arte e está falando comigo. Esses dois fatos me surpreendem.

“No primeiro ano fui a uma academia LoPrinzi e fiz uma série sobre fisiculturistas. Técnica, ilustrativa e previsível. No ano passado fui à faculdade de medicina e retratei um cadáver emaciado em decomposição. Clássico e totalmente previsível. Desta vez, preciso mostrar mais que habilidades técnicas. Tenho que causar impacto. Arrancar o coração do júri.”

Sua urgência fez meu estômago ferver, tentando descer pela minha perna. Isso é um acidente? É coincidência ela ter vindo me procurar? Todo esse tempo de observação silenciosa, meu cuidado secreto. Meu braço anônimo segurando

um guarda-chuva invisível. Será que ela sabe? Esse é seu jeito de se abrir comigo? Entrando lentamente como a faca que abre uma ostra? Ou algum impulso em seus ossos, alguma volta em sua espiral genética, se inclina para mim em uma carência cega? O farol abre.

“Olha, tem um banco no ponto de ônibus. Vamos sentar um minuto.” Ela passa por entre os carros no cruzamento, desaba no banco e acena, me chamando para sentar ao seu lado enquanto tira da bolsa um maço de papéis. “Cópias reduzidas. Não vai passar o efeito completo, mas dá para ver que estou falando sério.”

A folha de cima mostra uma articulação de bacia perfeitamente pincelada, as linhas rígidas impacientes e poderosas. A segunda folha tem um músculo abdominal exposto, cheio de estrias. Depois vejo adoráveis retratos de mãos artríticas calejadas e pés deformados de joanetes, uma mandíbula destruída, um alegre nu do jornaleiro sedentário da esquina. Ele está sentado em um banco, as mãos apoiadas sobre os joelhos como abóboras moles, a cabeça pontuda jogada para trás sobre o que faz as vezes de pescoço. Não entendo os desenhos, nem o motivo pelo qual me emocionam. Quero chorar alto e com muitas lágrimas — a dor do amor. Os desenhos são tão misteriosos para mim quanto os boletins escolares que a madre superiora mandava de meses em meses. Nenhum Binewski jamais fez desenhos. Eu nunca tive um boletim. Mas guardei os de Miranda em uma pilha amarrada com elástico no maior dos baús velhos.

Sua mão longa aponta o escroto torto, o pênis quase invisível do jornaleiro. “Característico do padrão de acúmulo de gordura nos homens”, ela está dizendo, “a barriga parece engolir o pênis pela raiz, literalmente encurt...”

“Que nojo!”, dispara uma voz atrás de mim.

“Sai daqui!”, grita Miranda. O crítico se afasta fungando. Apenas um transeunte. Miranda passa um braço sobre minha corcunda para me proteger. Apontando a linha que retrata uma nádega amassada se derramando do banco, ela ri. “Um dos meus professores diz que eu desenho como uma assassina em massa. Mas eu odeio essa bobagem. Linhas pequeninas como cortes hesitantes no pulso de um suicida.”

Sinto que derreto em idiotice. Durante todo esse tempo sem conversar, eu havia imaginado que ela era uma boba, uma cabeça mole, por ser tão próxima do normal. Todos os anos de observação não me ensinaram nada, e eu dou risada. Amparada por seu braço, inclino a cabeça como faz o homem gordo, rindo debilmente e sem fazer barulho.

Ela sorri para mim. “Esse é bom, não é?”

Estou rindo. “Você parece ser uma garota legal.”

“Ei!”, ela exclama. “Não se engane. Eu tenho uma cauda.”

Alguma coisa em meu rosto a faz parar. Ela assume um ar cauteloso.

“Esse é outro assunto sobre o qual quero falar com você.” Ela me observa. “Há uma história, e naturalmente é longa. Mas o começo e o fim é que eu nasci com uma cauda, como muita gente, mas ela não foi amputada quando eu era bebê. Ainda a tenho. Não é grande, tem menos de trinta centímetros. Mas muita gente não tem nenhum osso na cauda. A minha é, na verdade, uma extensão da coluna. Por isso, sempre uso saias.”

Estou ali impotente, presa por seus braços e olhos até que ela desvia o olhar. “Vai chover”, ela diz. O ar está pesado e cinzento. “Quer ir embora daqui? Vamos até a minha casa? Eu sirvo o almoço, desenho você, encho suas orelhas e peço conselhos.”

“É claro, tudo bem.” Eu pego minha valise.

Ela levanta, os braços girando no céu. “Certo.”

Eu morreria para fazê-la sorrir daquele jeito, amputaria os dedos das mãos e dos pés só para fazer seus olhos Binewski brilharem daquele jeito para sempre. Pulo para a calçada e vou atrás dela andando por entre as pessoas. Seus desenhos sombrios ainda estão na minha mão. Atormentada, eu os enfio na valise. Escondendo-os.

Quando viramos a esquina no quarteirão da nossa casa, Miranda dá um pequeno salto para manter o ritmo. Do outro lado da rua, na empena do terceiro andar da casa em estilo vitoriano, um pintor, que está se pendurando num andaime para alcançar os acabamentos, olha para nós, uma das mãos na parede, a outra segurando o pincel apontado para o céu azul.

Eu estou contaminando ela? Poluindo meu silêncio? Obliterando meu anonimato? Balançando o machado da minha identidade sobre sua ideia completa de si mesma?

“Você é rápida”, ela diz, aumentando o tamanho dos passos ao meu lado. “Consegue andar duas vezes mais rápido que eu. Mas...”, ela ri uma vez, um latido de raposa na névoa, “estou acompanhando.” Minha expressão confusa a faz girar os ombros e abrir os braços em uma clássica apologia Binewski. “Seus passos”, ela diz.

Nossa velha casa, com sua escada frontal apoiada como cotovelos na calçada, parece calorosa pela primeira vez. As janelas inferiores da frente, as do quarto de Lil, deixam transparecer uma luminosidade amarela. O quarto frontal do quarto andar, também conhecido como Número 41, ou O Sótão, está iluminado. Sua janelinha empoeirada esconde o beneditino em sua cama num solitário combate com as regras. As janelas de Miranda, no terceiro andar e na frente, são brancas, pairando sobre o quarto vazio que parece um olho cego. Meu quarto no segundo andar fica nos fundos, invisível. Minha vista é o fundo do

galpão do outro lado da viela. Bem embaixo da minha janela, como um lago oriental, o telhado plano de piche da garagem quadrada é cheio de água e musgo por causa das calhas entupidas.

Lil está alerta em sua porta quando entramos. Seu rosto velho se inclina para trás, observando nossas sombras. “Quem é?”, ela grita.

“Trinta e um!”, berra Miranda. E mais alto: “*Trinta e um!*”. E Lil recua para nos deixar passar.

Miranda fala comigo quando passamos pelo meu quarto. Estou entrando em pânico, pronta para desistir, atravessar a porta e me desculpar ao fechá-la. Ela diz que devemos sair para caminhar juntas, que ela frequentemente dança com pessoas mais baixas e não tem dificuldades para ajustar o tamanho dos passos.

Faz três anos que vi o quarto dela. Antes de ela vir da estação ferroviária, ainda cheirando a freiras, limpei tudo ali. Passei dias esfregando o teto, o papel de parede verde com suas enormes rosas brancas como fetos de alienígenas. Aquele era o quarto dela muito antes de sua chegada. Na primeira vez que visitei o prédio com o corretor fastidiosamente cortês, o grande quarto da frente, de seis por doze metros, com suas janelas altas enfileiradas, estava reservado para ela. O quarto era mais que normal. O banheiro sem janelas era claustrofóbico. A cozinha era familiar, como se tivesse sido cirurgicamente transplantada de uma casa em um trailer.

Esfreguei as janelas, o acabamento em madeira e os intermináveis armários embutidos. Tirei a poeira e passei o aspirador na pesada mobília estofada. Tudo normal para uma menina quase normal.

Ela era tão alta, pensei, que não se incomodaria com a distância até o teto. Com braços tão longos, pensei, vai gostar de ter espaço para esticá-los.

No dia de sua chegada, fiquei perto do meu buraco na porta a manhã inteira. Era quase meio-dia quando ela chegou, subindo a escada com mais duas estudantes e falando alto ao passar pela porta, por cujo buraco eu espiava.

“Você vai morar de graça. Quem se importa com a aparência do lugar?”, disse uma voz jovem. Bagagens e corpos continuaram subindo a escada. Colei o ouvido na porta, tentando determinar qual voz era de Miranda. Se ela odiasse a casa, o cheiro, a vizinhança, o que eu faria?

Ela não tinha muito. As três carregaram tudo o que era dela em apenas uma viagem pela escada. Toda a evidência de seus dezoito anos no planeta. Vinte minutos mais tarde, elas desceram novamente e foram se matricular na escola de arte.

Agora, ao meu lado no corredor escuro, ela empurra a porta para abri-la, e uma suave luz branca transborda do quarto e me envolve. Sua sombra passa por mim quando ela desaparece na luz.

O quarto é iluminado pelas quatro janelas altas. A luz atravessa as cortinas brancas e finas, fria sobre as paredes cinzentas, simples sobre o brilho escuro do chão de madeira nua.

Ela joga a bolsa, derruba o casaco verde-claro e abandona os sapatos de salto alto no meio do chão vazio.

“Antes tinha mobília”, digo chocada. Onde ela se senta? Come? Dorme? Pensei que havia fornecido tudo para ela.

“Era horrível.” Ela faz uma pausa, os braços meio dobrados sobre a cabeça, puxando o suéter. Desaparece em um frenesi de movimento, reaparece ofegante, joga o suéter em um canto vazio e distante. “Os móveis estão espalhados pelos outros quartos do prédio.”

O quarto não tem nada. Nem uma vareta. Nem um prego nas paredes cinzentas. Apenas suas roupas espalhadas pelo chão escuro, como numa brincadeira amorosa. Magérrima, vestida apenas com sua saia e a blusa, ela abre uma porta branca que esconde cadeiras de lona dobradas e enfileiradas no fundo do armário. Uma mesa dobrável de pernas finas. Ela tira tudo do armário, monta e prepara o espaço. “Espere até ver meu armário de chá”, diz, batendo no pedaço de lona supostamente feito para sustentar um traseiro. “Estou colecionando há semanas.” Através de outra porta branca que dá para a pequena cozinha, é possível ver a velha geladeira, que não é mais alta do que eu.

“Folhas de videira.” Ela pega potes e pratos de plástico. “Corações de alcachofra. Gosta de azeitonas?”

A chaleira está no fogão, em cima de uma chama azul. Ela estica o longo corpo sobre mim e as costelas se movem embaixo do tecido fino. “Morango, jasmim, hortelã.” Caixas de chá caem sobre a bancada. “Isso tudo é para você.” Ela é grande. Seu calor pulsa no ar entre nós. “Não sei do que gosta, por isso tenho estado atenta a qualquer coisa especial, caso algum dia viesse me visitar. Agora vou pegar uma camisola, e você pode trocar de roupa no banheiro.”

O sonho dura apenas um instante, mas com ele eu caí na jaula do felino e os tigres avançam em minha direção, roçando em mim a extensão de seus corpos quentes. Mas essa é Miranda, passando fluidamente por mim, a caminho da grande sala, milagrosamente sumindo com as coisas que estavam no chão, puxando gavetas e portas pintadas de branco, permitindo vislumbres de parafernália oculta enquanto desliza, falando sobre comida muitas e muitas vezes para a mesa repentinamente coberta de guloseimas empilhadas em pequenas tigelas.

Um carregamento final é deixado sobre a mesa, blocos de desenho, lápis, uma câmera com aparência sinistra. Depois ela recua meio passo e olha para mim com os olhos semicerrados. Um lampejo da deliberação calculista do pai

dela passa por seu rosto. Uma faca gelada rasga meu peito.

“Não está frio aqui, está?”, ela pergunta.

“Não.”

“Que bom.” E se aproxima das gavetas na parede. “Vou tirar algumas fotos primeiro, enquanto está descansada, e depois quero desenhar até você se cansar ou ficar cheia disso”, diz ela por cima do ombro enquanto se abaixa, tentando não perceber meu arrepio de medo. Ela está me fazendo cumprir a promessa.

“As fotos vão tornar isso mais fácil para você. É doloroso manter a pose por muito tempo.”

Ela me dá uma camisa de pijama verde e, quando a pego, abre a porta do banheiro, acende a luz e diz: “Há alguns cabides na porta para suas roupas... opa! A água está fervendo”.

Fico parada no banheiro alto olhando para a porta. Consigo ouvi-la se movendo do outro lado. A camisa de pijama arrasta no chão atrás de mim, e ela assobia na cozinha. De repente o amor atordoante se derrama de mim como leite de um copo quebrado. Ela está me manipulando, me conduzindo como se eu não fosse mais que um estômago ambulante, como o jornaleiro. Ela acha que me tem sob controle. A raiva queima minhas entranhas. Ela não me vê. Não sabe com quem está lidando. Eu sou a observadora, a que se move, a que faz. Como seu pai, ela está apenas me escravizando descuidadamente com meu amor. Não conhece as forças que me mantêm aqui. Ela pensa que se trata de seu charme e astúcia.

“Está pronto”, ela avisa.

Respondo com voz fraca. “Já estou indo.” Me viro desesperada, enfiando uma parte do pijama na boca e mordendo para sufocar um grito.

O desenho dela aparece em frente a mim, emoldurado e protegido por um vidro na parede cinza ao lado da pia. A escuridão é total, os olhos e dentes saltam da escuridão e a galinha barulhenta tenta em vão escapar, presa entre os dentes que se fecham em torno das penas e do sangue negro na parte de trás do crânio. Usava o pincel como se fosse um chicote. Discretamente, na parte branca inferior, ela escreveu: “*Geek Love* — por M. Barker”.

Tiro as roupas. Não alcanço os cabides na porta. Dobro as peças e as deixo sobre o vaso, coloco a peruca em cima da pilha e os sapatos no chão, ao lado da privada. A blusa de pijama me cobre até os tornozelos.

Sento. Ela desenha. Usando apenas meus óculos azuis, não sinto frio, mas minha pele se arrepia ao ser exposta, áspera como a língua de uma vaca. O vapor das canecas sobe no ar claro. Nossa ilha é do tamanho de duas cadeiras de lona e uma pequena mesa cheia de coisas. Estamos ancoradas na pobreza pulsante do quarto. A escuridão vai se espalhando à nossa volta, permeando a suavidade

distante das paredes cinza. As cortinas se movem lentamente na própria brancura, como se a luz que passa por elas contivesse uma substância frágil e móvel.

Ela ruma um caroço de azeitona e olha com a testa franzida para o bloco de desenho em seu colo. O cabelo crespo que emoldura seu rosto me hipnotiza. Os milhões de fios em uma dúzia de tons quentes são tão estranhos quanto seu tamanho, sua ultrajante estatura. Minha mãe, Lillian, tem um metro e setenta e oito. Eu tenho noventa centímetros de altura.

“Quanto você tem de altura, Miranda?”

Ela olha para o meu queixo e franze a testa. “Um metro e oitenta e dois”, responde mecanicamente antes de olhar novamente para o papel diante dela.

Vê-la trabalhando é confortável. Eu me sinto invisível outra vez, como se ela nunca tivesse me dirigido nada além de “Bom dia”. Ela não está interessada em minha identidade. Nem presta atenção nela. Seus olhos se voltam impacientes na minha direção para mais um registro rápido, uma fusão regenerativa da imagem em sua retina, o modelo que ela registra no papel. Sou apenas um utensílio, um tópico temporário para a eterna discussão entre seu olhar atento e a mão deliberada.

Lá embaixo, na parte da frente do primeiro andar, Crystal Lil está sentada deslizando a lente de aumento para a frente e para trás, procurando um ponto focal. As paredes ao seu redor estão manchadas de *glitter*, resquícios dos velhos pôsteres do circo. Uma dúzia de Lilys brilhantes e jovens sorri, erguendo os braços para o nome dourado e encurvado, “Crystal Lily”, sobre o fundo azul acima dela. Vestida de branco, uma Lily de papel arqueia as costas contra um céu azul-esverdeado salpicado de estrelas. Faixas de papel de parede verde espiam entre os cartazes.

No meu quarto, as coisas estão exatamente como quando me mudei. A mobília estofada e o papel de parede estampado. Minha vida real cabe em caixas e malas atrás de portas de armários. Minha cama de verdade não é o território barulhento de molas no canto, mas o ninho escuro de cobertores no fundo do armário, embaixo da pia da cozinha.

Miranda arranca a folha em que estava trabalhando e, distraída, a joga por cima do ombro enquanto olha para um pote cheio de canetas. O papel cai no chão com o desenho voltado para cima, e ela começa a espalhar tinta em uma folha nova.

“O que fez você”, pigarreio, “decidir ser artista?”

Ela olha para os meus pés com a testa franzida.

“Não, não. Ilustradora médica. Para livros e manuais...” A língua aparece no canto da boca enquanto ela espalha tinta com um movimento particularmente

cruel contra a folha indefesa. “As fotos podem ser confusas, sabe? Um desenho pode ser mais específico e informativo. Fica bem vermelho. Bem quente e denso. Mas os filhos da mãe dizem que sou indisciplinada, exagerada...”

Seja lá o que ela esteja fazendo com a folha inocente, isso não tem nada a ver comigo. Ela a arranca e a joga fora, começando imediatamente outro desenho na folha de baixo.

“Quero conversar com você sobre uma coisa.” Ela tenta ser casual.

Ela sabe! O medo aperta o meu peito e então o solta. Não. Estou sentada aqui careca e nua há uma hora. É tarde demais para isso.

Miranda para de morder o polegar e lança a pergunta: “Já estive na Glass House?”.

Assinto. Ela solta a caneta, pega o lápis e começa a trabalhar em uma nova folha de papel.

“Então você sabe”, olhos no papel, “que as dançarinas, todas nós, não estão lá por suas habilidades ou pela aparência, mas...”, esfregando vigorosamente o polegar na página, “porque cada uma de nós tem alguma coisa estranha. Chamamos de nossas especialidades. O que a Glass House chama de ‘características exóticas’ fica na sala dos fundos. Você sabe. Cobrança de tarifa extra para shows particulares e festas privadas. Loiras com dobermanns. Atos grupais. Eles também atendem a pedidos por preços bem altos. Há espelhos unilaterais nas cabines de voyeurismo e apólices de seguro especiais para dominação ou sadomasoquismo. É lá que as garotas ganham dinheiro. E a boate também.”

Ela comprime a boca e olha atentamente para o desenho.

“Bem, há uma cliente regular. Não é frequente, mas regular. Uma vez por mês, mais ou menos, ela aparece para um dos shows de especialidades. Duas vezes por ano, talvez, ela abre a carteira e faz um pedido. No começo pensei que fosse uma lésbica sadomasoquista. Agora acho que não é dor o que ela procura. Ela está interessada em gente mutante.”

Alguma coisa no tom de Miranda chama minha atenção. Um medo familiar desperta em minhas entranhas. Ela também o sente. Percebo uma perplexidade estranha em seu rosto.

“A mulher é rica. Ela paga. Gosta de travestis que querem se tornar transexuais. Se eles toparem ir até o fim da linha, ela paga por todos os tratamentos e cirurgias. Foi assim que Paulette conseguiu finalmente arcar com essas despesas. Ele poderia ter passado o resto da vida amarrando as bolas, não fosse por essa mulher. A Glass House continua contratando travestis, e ela continua mandando todos eles para a transformação. Mas ela observa. Faz parte do acordo. Ela vai junto e assiste à operação. E não são apenas mudanças

sexuais. Ela prefere outras coisas, na verdade.”

Um pensamento frio se esgueira silenciosamente para dentro da minha cabeça. De novo? Miranda desenha e fala, olhando para os meus cotovelos, para a testa, os joelhos, os seios, qualquer lugar, menos os olhos.

A loira de cabelo comprido, Denise, que desenrolou os pelos pubianos e dançou sobre os próprios cabelos, havia sido a estrela de uma das performances recentes. Eles a deitaram sobre uma mesa cromada em uma das salas do fundo e lhe deram anestésias locais enquanto queimavam todos os seus cabelos. Atearam fogo e correram para a cabine atrás do espelho para fugir do cheiro, enquanto a garota gritava de medo, embora não sentisse dor, e o mestre de cerimônias, usando uma bizarra máscara de gás e roupa à prova de fogo, ficava ali parado com um extintor de incêndio.

“A dama pagou as contas do hospital de Denise e ia visitá-la o tempo todo. Fui ver Denise um dia antes de ela ter alta. Ela parecia estar mal. As raízes foram destruídas e o cabelo nunca mais vai crescer. Tem muitas cicatrizes no rosto dela. Ela não pode se submeter à cirurgia plástica. Estava no contrato que ela assinou. Você não vai acreditar, mas Denise está feliz. Diz que a srta. Lick, esse é o nome da mulher, pagou tão bem por isso que ela nunca mais vai precisar trabalhar de novo. Denise diz que houve outras na Glass House. Uma ruiva com seios enormes que foram amputados. Ela foi para a universidade e agora é médica!”

Minha filha está olhando para mim. Os olhos dela fitam os meus ansiosamente. O momento está chegando. Sinto que ele se aproxima depressa enquanto ela estuda meu rosto esperando por uma reação. Qualquer reação.

“Estou falando sobre todas essas bobagens porque a srta. Lick esteve no camarim depois do show, na noite de sexta-feira passada, e pediu para falar comigo. Ela é grosseira e rude, e quando não está agindo de um jeito extremamente digno, dispara verdades a torto e a direito. Isso significa que a primeira coisa que ela me disse foi: ‘Olha, não vou te assediar, relaxa.’ Talvez seja maluco, mas gostei dela. Ela me convidou para um jantar fantástico, mas não comeu nada. Bebeu o tempo todo. Quis ouvir minha história de vida e, mesmo sendo tímida e reservada, eu contei tudo. A pobre órfã criada em um convento. O misterioso fundo de pensão que paga pelo curso na escola de arte e o aluguel deste lugar. Bebi uma taça de champanhe e colori todo o relato com um glorioso tom púrpura. Ela ficou fascinada. E, no fim, o que ela queria era minha cauda.”

“Ah”, eu digo. Minha boca continua aberta.

Miranda se inclina para a frente com um ar ansioso. “Sim. Essa é a história da cauda com a qual eu ameacei você, e imagino que entenda o que estou falando.”

O bloco de desenho é largado sobre seu joelho. Uma perna longa descansa sobre um braço da cadeira, e ela olha para mim. Suas mãos estão paradas. O rosto é apenas jovem agora, toda a astúcia desapareceu.

“Senti vergonha disso. Quando era criança, sabe? As freiras diziam que era uma cruz que eu tinha que carregar e um castigo pelos pecados da minha mãe. Só quero te dizer a verdade, sem pintar tudo de púrpura desta vez. As freiras foram boas para mim. Eu as amava. O engraçado é que o fato de eu nunca ter me dedicado à religião tem a ver com a cauda. É difícil explicar. Talvez nem eu entenda ainda. Eu rezava apenas para que, quando eu acordasse, não houvesse mais cauda. Para que minhas costas ficassem lisas como as de todo mundo.”

Minha boca se contorce numa expressão irônica. “Você a odiava?”

“É claro.”

Fico ali sentada, nua em pelo, examinando as pernas de cavalo de corrida e a curva da panturrilha sobre tornozelos incrivelmente finos, me lembrando da primeira vez que vi sua cabeça emergindo escura e suja de sangue por entre as minhas pernas. O rostinho amarrotado tinha um perfil parecido com o de uma tartaruga.

E, mais tarde, com Lil ao meu lado, esticando os pequeninos braços e pernas, puxando delicadamente mãos e pés sem encontrar nada. Nada além de um rabinho de porco encolhido sobre as nádegas. E a voz de Lil, que naquele tempo não era incerta nem estridente, dizendo: “Bem, lembre-se do Chick. Ele também não parecia ser muita coisa. Ame-a. Vamos ver”.

Meses depois, quando engatinhava e aprendia a ficar em pé, ela já estava ficando grande demais para dormir comigo no armário embaixo da pia. O pai dela, cuja boca larga e olhos amendoados vejo agora em Miranda, um dia olhou para ela, que chorava e sangrava depois de ter caído e cortado a boca no chão do trailer, e disse: “Livre-se dela”.

E eu chorei, implorei e puxei a fralda da criança para mostrar a cauda rosada e encantadora, então ele fez uma careta e disse: “Livre-se dela, ou vou dar a menina ao Mumpo na hora do jantar, recheada e assada!”.

E agora, vinte anos mais tarde, neste quarto enorme, com Lil lá embaixo assistindo à televisão através de uma lente de aumento, sua mente afundada no vapor amnésico da própria decomposição, e o maravilhoso rosto de Arty em poder dos vermes a despeito de mim, estou aqui sentada olhando para a silhueta cheia e madura dessa mulher jovem e quase normal, e por um instante de satisfação eu a vejo numa bandeja com a pele bem suculenta, crocante ao toque.

“Você disse que odeia sua cauda.”

“Odiava. Um dia ouvi falar sobre a Glass House, onde não se interessavam por gente bonita que sabia dançar bem porque queriam alguém espetacular. Foi

uma piada para a plateia. Ou um experimento. Uma maneira diferente de abordar a minha cauda. Mas desde que fui trabalhar lá, não sinto mais a mesma coisa em relação a ela. Agora acho que, de certa forma, ela é maravilhosa.” Os olhos dela são perguntas. *É saudável gostar da minha cauda?*, é o que ela questiona.

Sou velha demais para essa montanha-russa. Toda essa raiva e todo esse prazer não devem ser espremidos em duas curtas horas. Meu fígado, ou sei lá o que está tentando abrir caminho à força pela minha perna esquerda, não pode suportar.

“Isso deve estar entediando você. Deve ser bem bobo.”

“Não, estou só descansando os olhos. Como ela é, essa srta. Lick?”

“Mary Lick. Tem quarenta e poucos anos, um metro e oitenta e oito de altura, uns cento e dez quilos. Cabelo curto e claro. Não tinha certeza de que você era albina até tirar os óculos. Essa é a primeira vez que vejo você sem eles. Você tem um cume orbital fascinante. Vou fazer apenas um esboço rápido. O negócio é que a srta. Lick se ofereceu para pagar a amputação da minha cauda. Ela quer pagar todas as despesas da cirurgia e da recuperação. Jura que terei o melhor cirurgião. Além do mais, ela me ofereceu dez mil dólares em dinheiro. Não sei o que fazer. A srta. Lick não é o que parece. É grosseira, mas quando eu estava contando sobre minha infância de órfã, ela ficou repetindo ‘Puxa vida’, e deu para perceber que estava envolvida. Quando saímos do restaurante, que fica fora da cidade, ela saiu de ré do estacionamento e caiu em uma vala. Ficamos lá com as rodas traseiras atoladas na lama. Ela ficou parada, olhando através do para-brisa na escuridão. Então disse: ‘Estive aqui uma centena de vezes e isso nunca aconteceu. Estou fodida. Mas não estou bêbada. É aquele convento, essa sua cauda’. Ela saiu para empurrar o carro, eu controlei o volante, e voltamos para a estrada. Ela me trouxe para casa, e naquele momento senti que seria certo dar a ela minha cauda ou qualquer outra coisa que quisesse, porque ela se importava comigo.”

Arregalei os olhos quando vi a testa franzida de Miranda, uma expressão cada vez mais familiar. “Você disse isso a ela?”

“Não. Ela queria que eu pensasse. Vai passar na Glass House hoje à noite para ouvir minha resposta. Diz que, se eu decidir aceitar a proposta, devo esperar as aulas terminarem e aproveitar o verão para me recuperar da cirurgia.”

“Quanta consideração.” A luz agora tem cor de poeira e incide sobre seu cabelo e num lado do rosto, deixando na sombra seus olhos escuros.

“Conversou com seus amigos da boate?”

“Estão todos malucos com isso. É claro que aceitariam na hora... mas todos odeiam suas especialidades. E não tenho mais certeza se odeio a minha. Por isso quis conversar. Você sabe como é viver com uma especialidade. Sabe melhor do

que qualquer um de nós. Não sei quantos anos você tem...”

“Trinta e oito”, respondo, e vejo em seu rosto que ela pensava que eu fosse mais velha. Tinha acabado de fazer dezessete quando ela nasceu. Mas anões envelhecem depressa.

“O que estou perguntando é se sou maluca por gostar da minha cauda. Eu estaria apenas encobrindo alguma outra coisa? Se recusar essa chance, provavelmente vou me arrepender pelo resto da vida. Você deve ter desejado ser normal um milhão de vezes.”

“Não.”

“Não?”

“Desejei ter duas cabeças. Ou ser invisível. Desejei ter um rabo de peixe no lugar das pernas. Desejei ser mais especial.”

“Nunca normal?”

“Nunca.”

“Não brinca! Isso é incrível! Conte...”

“Tenho que ir.” Pego a blusa de pijama, esticando as pernas para alcançar o chão, e ando descalça em direção à porta do banheiro.

“Ei, sinto muito, ocupei quase sua tarde inteira, você deve estar exausta. Você vem de novo, não vem? Que tal amanhã? Vou trabalhar em alguns desses desenhos e me preparar para alguma coisa mais elaborada para amanhã.”

Sozinha em meu quarto, com a porta finalmente fechada, fico olhando para a janela suja. Eu não tinha o direito de fingir surpresa. A freira me avisou quando a levei para lá. Horst, o Homem Gato, ficou encostado no para-choque de sua van na porta do prédio, e eu estava lá dentro, na sala dos visitantes. Estava sentada abraçando Miranda, que não tinha nem sequer um ano de idade e ainda usava fraldas. Tentava falar em meio às lágrimas com aquela freira de rosto limpo, que me parecia tão afetuosa e tranquilizadora pelo telefone.

“Como assim, uma cauda?” Os olhos dela esfriaram instantaneamente. Ela puxou a parte de trás da fralda de Miranda. “Ela é retardada?” Miranda estranhou o toque da desconhecida e olhou ansiosa para mim. Quando a fralda desceu até os joelhos gordinhos, ela fechou os olhos, abriu a boca e começou a chorar.

“É só um rabinho”, eu disse.

A enfermeira entrou com uma prancheta cheia de formulários. Segurou Miranda com experiência, apoiando-a sobre uma cadeira enquanto eu fungava e preenchia os papéis. A freira resmungou alguma coisa para a enfermeira, que cantou “A dona aranha subiu pela parede...” enquanto olhava discretamente para dentro da fralda de Miranda.

Fomos até a enfermaria, onde a enfermeira cantou canções de ninar

enquanto despia a desavisada e risonha Miranda. Cutucando, ouvindo, examinando com pequenas lanternas, contando dedos e, finalmente, fazendo cócegas na parte enrolada da cauda até Miranda rir alto e eu me tornar uma pedra.

“Não é um caso de cirurgia simples, mas serviria para tornar a vida dela muito mais fácil”, a enfermeira me acalmou. “Você deve ser capaz de imaginar como seria a vida dela entre crianças normais. Ela vai tomar banho, trocar de roupa e nadar em um ambiente coletivo, onde vai ser impossível se esconder. As crianças podem ser cruéis.”

“Não”, eu disse, irritada. “Ela fica. Você não vai tocar nela.”

Eles me perguntaram novamente, cinco anos mais tarde, quando eu estava observando Miranda pela vidraça da sala de visitantes.

“Ela reza para se livrar daquilo. Como pode negar à sua filha a chance de ter uma vida feliz e normal?”

Observei em silêncio Miranda descer gritando pelo escorregador do parquinho, tentando captar, ainda vivo nela, todo o amor que morrera dentro de mim. “Ela está feliz”, eu disse. “Você me falou, e eu estou vendo. A cauda fica.”

Mas ela a odiava.

Engatinho para dentro do meu armário, puxo a porta para fechá-lo e fico deitada e encolhida no escuro, pensando na srta. Lick. Já vi hobbies como os dela antes.

Está escuro quando acordo. Enfio a cabeça embaixo da torneira de água fria por um tempo. Visto um suéter, depois coloco um casaco e uma touca de lã sobre a peruca, e passo pela voz da ^{TV} que vem de trás da porta do quarto de Lily para pegar o ônibus número 17 até o centro da cidade.

Encolhida sob a luminosidade fluorescente do ônibus vazio, olho para um cartaz preso ao trilho superior das janelas. Ele avisa: “Não fique confortável demais”.

A porta se abre com um chiado para que eu desça no terminal vazio. Sigo para o norte, na direção de Old Town e da Glass House. Paro em uma cabine telefônica. Há várias ocorrências de Lick no guia, mas nenhuma Mary ou M. Deve ser um nome falso. Ninguém que tenha dinheiro para bancar esse tipo de hobby correria o risco de ser identificado.

O relógio luminoso na janela do estúdio de tatuagem marca nove horas. Dois quarteirões depois, estou a algumas portas do estacionamento da Glass House. Uma loja de couro fechada na esquina me permite ver o estacionamento e a porta lateral como um longo ângulo na entrada frontal. Uma pilha de sacos de lixo aguarda a coleta matinal na frente da porta. Cinco degraus levam até a

entrada. Sento no degrau mais alto e vejo o estacionamento se enchendo lentamente. Os carros despejam grupos alegres e pares risonhos. Em sua maioria, homens. Eu conto. Seis entram antes de um sair. Nenhum deles é a srta. Lick.

O frio me envolve. Não é chuva de verdade, apenas a névoa pesada que encharca devagar. As nuvens são baixas e absorvem uma coloração arroxeada das luzes da cidade. A torre comercial cor de carne conhecida como Big Pink assombra o céu sobre o desagradável horizonte de três andares de Old Town. A torre desaparece ocasionalmente em uma rajada de escuridão. Minhas pernas começam a doer.

Quem eu acho que sou? O que, em nome de Jesus, pretendo fazer? A única resposta é o escárnio das articulações da minha bacia. Continuo sentada observando e me sentindo uma idiota.

Duas horas mais tarde, a srta. Lick aparece. Ela é fácil de encontrar. Um metro e oitenta e oito de altura e cento e dez quilos em um terninho cinza. Dá para enterrar um egípcio em cada sapato de salto alto. Ela atravessa o estacionamento sozinha, encurvada embaixo de um guarda-chuva, e entra pela porta lateral da Glass House. Meu pulso acelera quando a vejo, mas volta ao normal quando a porta permanece fechada.

Mais uma hora se passa antes que ela saia para a luz forte do estacionamento. Ela olha para cima e decide não abrir o guarda-chuva. Deixa a porta fechar atrás dela e fica parada, de cabeça erguida e boca aberta, procurando alguma coisa nos bolsos.

Levanto. Meus joelhos estão duros e instáveis. Balanço os pés tentando lubrificar as juntas. O sangue volta a circular com aquela queimação típica quando a srta. Lick começa a atravessar o estacionamento. É discreta demais para deixar o carro muito perto dali. Ela está virando a esquina. Ando apressada pelo lado escuro da rua. Um pequeno bar despeja sua escória, e a discussão entre os bêbados encobre o som dos meus passos por um instante. Três quarteirões depois da Glass House, a mulher grande entra em um carro escuro e elegante estacionado na frente do banco de sangue. Anoto o número da placa no pulso com uma caneta de ponta porosa e me sinto como se tivesse conquistado a Ásia.

Miranda não vai sair do trabalho em menos de duas horas. Ela vai pegar um táxi para casa. Vou para o terminal de ônibus tão delirante de alívio e frio que alucino, vendo Miranda em cada esquina. Sentada na janela escura do número 17, reescrevo o número da placa em um velho recibo que encontro na bolsa. Os números em meu pulso já estão ficando borrados por causa da neve e do suor.

Vou trabalhar cedo na manhã seguinte. Quando subo no ônibus, uma criança pequena e sem gênero definido se agita nos braços da mãe, aponta para mim e diz: “Pequena mamãe!”. A mulher que segura a criança fica vermelha e

agarra sua mãozinha, tentando silenciá-la. Viro, desço os degraus e aceno para o motorista avisando que ele pode ir embora. Caminho até a estação de rádio.

Quando chego lá, decido que o número da placa não tem nada a ver com a srta. Lick de Miranda. Quantas mulheres grandes usam a porta lateral da Glass House? Posso ter seguido um convincente travesti de meia-idade. Se Lick é um nome falso para uso clandestino, é possível seguir um espécime irrelevante por semanas sem nunca me dar conta disso.

Envio um pedido de rastreamento da placa para a redação, faço entradas comerciais de quinze segundos para dois clientes, depois gravo o terceiro capítulo de *Beowulf para os Cegos*. Espero o término de *Hora da História* para verificar meu escaninho de mensagens e encontro as folhas impressas com o resultado do rastreamento. É Mary T. Lick. Ela não mudou de nome para frequentar a Glass House. Seu endereço é um condomínio luxuoso em West Hills, logo abaixo de Rose Garden.

No elevador, me ocorre que Miranda talvez esteja à minha espera no saguão, querendo me atrair para outra sessão de desenho. Prendo a respiração quando as portas se abrem, mas ela não está lá.

Atravesso a ponte sobre o rio de concreto da rodovia afundada e vou até a biblioteca. A Lincoln High School fica atrás da estação, e os alunos lotam as calçadas na hora do almoço. Duas meninas de voz aguda discutem horivelmente no banco de Charles Dickens, fora da biblioteca. Passo pelas portas e subo a escada de mármore branco até os arquivos de índices.

Mary T. Lick tem um cartão, que se encontra logo antes do registro de Thomas R. Lick, seu pai. Ambos gravados em microfilme. Subo mais dois lances de escada, indo em direção à sala dos periódicos, e me instalo perto de uma leitora de microfilme no canto mais obscuro. Levo comigo uma pilha de filmes de jornais velhos.

Lá está ela, séria, nas colunas sociais. Uma Mary Lick mais jovem que não sorri na ópera beneficente do Clube de Caça. Mary Lick presa e triste entre duas gárgulas vivazes no City Club. Mary Lick desconfortável ao lado do profundo decote em V de uma princesa Rosa, acompanhando de testa franzida a coroação da rainha do Festival da Rosa. Mary Lick muito mais jovem e melancólica atrás de um homem careca de rosto carrancudo, identificado na legenda como Thomas R. Lick, na inauguração da Piscina Thomas R. Lick no ^{TAC} Club.

O texto menciona listas de convidados, roupas e cardápios. Não há nenhum comentário sobre as roupas de Mary, que é idêntica em todos os casos, um terninho escuro e comum.

Thomas é chamado por vários nomes, como o rei, magnata ou executivo da Lickety Split Food. As fotos mais recentes e mais sérias de Mary Lick a exibem

olhando tristemente para um caminhão do Exército da Salvação carregado de caixas de papelão. “Vinte e quatro jantares de Ação de Graças da Lickety Split.” A legenda chama Mary de “herdeira da Lickety Split Food”, sugerindo que Thomas tenha passado para a página do obituário, provavelmente com uma manchete sensacionalista.

Lá está ela. O velho está servido no banquete dos vermes, e a filha Mary entrega centenas de jantares Lickety Split em mãos socialmente inaceitáveis. O artigo de sete anos de idade comenta o fato de que aquela seria a primeira contribuição na história da Lickety Split Corporation, mas afirma, timidamente, que o evento pode “significar um novo papel para a companhia no futuro”.

Enfio as cópias na bolsa e vou para casa. Há um bilhete embaixo da porta. Um rabisco de caneta escrito por Miranda. “Venha e me deixe desenhar você.”

Quando bato, a porta se abre imediatamente e sua silhueta surge cercada de luz. “Finalmente.” Ela estende a mão para mim.

“Hoje não posso. Tenho que trabalhar.” O rosto dela adota expressões convencionais que encobrem a decepção. Meu peito fica apertado. “Mas como foi com aquela mulher, sobre sua cauda?”

Ela muda a frequência. Não estava pensando nisso.

“Ah, não tem pressa. Ela diz que pode esperar até o fim do semestre.”

“Para decidir?”

“Não. Para fazer a cirurgia.”

“Você decidiu.”

“Que diabo. É bobagem não fazer.”

Seu olhar insolente. O sorriso descuidado. Ela está me castigando por ser tão indisponível. Viro e, enjoada, vou tateando o caminho de volta pelo corredor.

Ela me chama. “Quando pode posar para mim de novo? Amanhã? À tarde? Srta. McGurk?”

Aceno e desço para o meu quarto, fecho e tranco a porta.

Ando de um lado para o outro, rangendo os dentes. Jogo minha peruca no chão e piso em cima. Por que ela me deixa tão brava? A fúria me aterroriza. Sou um monstro. Eu seria capaz de rasgá-la em tiras. Poderia derrubá-la do alto dos sapatos cor-de-rosa, espancando seu corpo alongado até aquela cabeça brilhante e cabeluda se arrebentar contra a parede. Caio de joelhos e tremo. Junto as mãos para me impedir de quebrar alguma coisa. Sinto uma gratidão repentina pelas freiras, percebendo que, se ela tivesse ficado comigo durante os anos de seu crescimento, eu a teria matado — aquela vadia arrogante e imbecil, minha linda filha Miranda.

Acabo encolhida no chão, balbuciando e arfando. Ninguém vem me confortar. Fico ali deitada até me sentir entediada e constrangida por ter rastros

de meleca seca nas faces. Eu me enfureço muito raramente. E, nos últimos dois dias com Miranda, isso se deu duas vezes.

Tomo uma ducha, visto uma camisola de flanela, preparo café instantâneo com água quente da pia e abro a janela para conseguir ver além. A faixa de céu visível sobre o beco é pesada. Sento no parapeito bebendo o café e observando a sombra subir na parede-cega do galpão do outro lado da rua. Ouço os pombos nos beirais. A chuva começa a cair na poça que se formou no telhado da garagem logo abaixo de mim.

Lá embaixo, o telefone toca e para. A voz de Lil soa estridente, “Quarenta e uuuummm”, então ouço uma porta distante batendo e o beneditino ruivo destituído começa sua desesperada avalanche pela escada. Os canos gorgolejam. O calor vem vindo.

Puxo o grande baú velho de fantasias para fora do armário e o abro. Eu o chamo de A Caixa de Miranda, embora tenha pouco dela ali dentro. Cabe tudo na bandeja rasa em cima do baú. Fotos de escola. A pilha de boletins. As cartas da irmã T., que chegavam quatro vezes por ano durante dezesseis anos. Relatórios de progresso: “Miranda está dois anos adiantada na leitura. Sua disposição é alegre, mas temperada pela teimosia e por uma tendência a interrupções”. As notas das provas. A relação de vacinas. O laudo do sarampo. Uma carta indignada dobrada sobre um formulário impresso contendo os resultados de um exame médico.

Naquele ano estava com quinze, tinha fugido e se envolvido com um guitarrista ocultista que trabalhava como motorista e entregador para uma logística, e ele a havia escondido em seu apartamento “boêmio”, como havia definido o relatório, por três semanas, até ela se cansar e voltar a pé para a escola. Ela não se arrependeu, de acordo com a freira, e não era virgem, de acordo com o médico. Maria Santíssima a havia protegido de uma gravidez ou doença. Eles ameaçaram expulsá-la ou entregá-la às autoridades competentes. No fim, a mensalidade subiu cinquenta por cento e ela permaneceu lá.

Segurando a carta, lembrei-me com precisão dos pulos do meu coração na época do incidente. Fiquei apavorada por ela, mas estranhamente encantada, como se sua rebeldia fosse um triunfo da genética sobre a doutrinação. Coloquei a pequena pilha de desenhos que ela me deu sobre todas as coisas, então levantei a bandeja e a guardei lá dentro.

O baú está cheio de álbuns de recortes, grandes pilhas de papel embrulhadas em plástico preto. Fotografias. Fitas sonoras. Um rolo de pôsteres preso por elásticos secos e quebradiços.

Essa pilha frágil e inflamável é tudo o que sobrou da minha vida. É a história da origem de Miranda. Ela voa, esbraveja e arde durante o passar dos

dias sem nenhuma noção das causas que a formaram. Imagina-se isolada e única. Não sabe que é parte e produto de forças reunidas antes de seu nascimento.

Ela pode desprezar sua cauda. Ou tentar. Desconhece seu significado e valor. Mas alguma coisa em seu sangue protesta, prevenindo-a.

Tiro do rolo o pôster que está sobre os outros. O papel endureceu, prestes a quebrar em vez de rasgar. Abro-o com cuidado, prendendo os cantos com pesos envoltos em plástico para mantê-lo aberto sobre o carpete embolorado.

Os Binewski são revelados, vestidos de branco brilhante, encantados contra tons verdes e azuis, sorrindo, juntos e imóveis sobre o papel. O pôster tem um formato de fonte, com a família inteira se projetando para cima a partir de Chick, durante seu breve período de “Fortunato, a Criança Mais Forte do Mundo”. Meu pai descartou esse pôster, junto com o número de Chick, antes que o público pudesse ver qualquer um deles. Mas é meu retrato de família favorito. Chick, com seis anos de idade e dourado, sorri, olhando para baixo com os braços levantados, os pais segurando suas mãos. A bela “Crystal Lil” em uma pose abertamente amorosa, uma perna erguida sob a saia de dança, envolta pelos braços do belo “Mestre do Picadeiro, Al”, nosso pai, Aloysius, com suas botas de cano alto e calças de montaria, o sorriso de ambos saltando para o alto em uma luz amarela, na direção de nossas estrelas, nossos tesouros. “Arturo, o Incrível Aqua Boy”, flutuando com suas nadadeiras angelicamente abertas no líquido desenhado no canto superior direito, a cabeça desnuda brilhando, cercada por uma auréola. No canto esquerdo, em um teclado sugerido de um jeito astuto e saído do nada, “As Magníficas Gêmeas Siamesas Musicais, Electra e Iphigenia!”. Elly e Iphy, com seus cabelos longos presos em coques negros, os braços brancos e magros entrelaçados, os rostos pálidos radiantes em veios de luz emanando de seus olhos cor de violeta.

E eu também estou lá. “Albina Olympia”, vista de lado para exibir a corcunda, a cabeça calva inclinada de um jeito charmoso, o corpo curvado numa medida, um braço apontando para o glorioso Chick e sua carga miraculosa. Chick tinha seis anos e eu, doze, mas ele era uma cabeça mais alta que eu. A parte superior do cartaz era um arco cintilante onde estava escrito “Os Fabulosos Binewski”.

A foto de Miranda em seu último ano escolar tem um tamanho apropriado para ser levada na carteira, trazendo seu rosto nas mesmas proporções que os rostos no pôster dos Binewski. Vou virando a foto e aproximando-a de Chick, de Arty, de papai Al. Ela é mais parecida com Arty. Aquelas maçãs do rosto Binewski e os olhos mongóis. Ela seria capaz de ver a semelhança?



*Seu dragão:
cuidados, alimentação
e identificação de fezes*



As rosas de papai

O perfil de Olympia McGurk no computador da Rádio KBNK lista meu treinamento de “Locução, dicção e apresentação microfônica, conforme ensinado por Aloysius Binewski”, o qual mencionei com calma e confiança em meu currículo como se toda voz treinada pudesse reconhecer o nome do mestre.

Aquele era papai, sentado no fundo da tenda na mesa de som, usando fones de ouvido e olhando para mim no palco, sobre um pé só e com o velho microfone irregular balançando perto da minha boca. Papai gritava “*Chaaato!*” para minha quinquagésima versão de “Aproximem-se, senhoras e senhores!”, ou me imitava cruelmente, dizendo “Blá, blá, blá” se eu caísse em um ritmo repetitivo para anunciar “Dos mais sombrios mistérios da ciência, uma revelação de graça poética”.

“Mova os lábios, puta merda!”, berrava papai. Ou, então: “Pare com os peidos de rato e *se projete!* Esse é um instrumento de palheta dupla! Ele pede por voz! Não é um pente embrulhado em papel encerado! Eu o fiz com o amor das minhas entranhas e passei para sua carcaça magrela e sem graça, portanto tenha a bondade de usá-lo apropriadamente!”.

E eu o tempo todo com vontade de fazer xixi, tossindo no microfone quando a garganta ficava cansada e dolorida, os olhos ardendo e os lábios e o queixo tremendo de tristeza diante de sua raiva. O doce som de Electra no baixo e Iphy no soprano, com a voz de mamãe contando “um e dois e...”, enquanto as gêmeas tinham sua aula de piano dentro do trailer. O ruído das bombas que filtravam o tanque do Aqua Boy de Arty, meu irmão. E a lua cheia do rosto do bebê Fortunato me espiando dos degraus acima de papai.

Se eu finalmente acertasse e fosse de “Venham, amigos” a “Uma visão da milagrosa extravagância da natureza pelo valor de um cachorro-quente que passou do ponto” sem um único berro raivoso de meu amado pai, ele me pegaria em seus braços enormes e me colocaria sobre um ombro, onde eu poderia agarrar seu cabelo fabuloso e cavalgar através das abas das barracas para a luz, com a cabeça dourada de Fortunato fazendo sons explosivos lá embaixo. Nós desfilaríamos pela longa rua de tendas jogando risos para as meninas ruivas que

vendiam doces e para o ciclista banguela, e também Horst, o Homem Gato. Todos concordariam com o que papai diria de mim, enquanto sua voz imensa ressoaria sob minhas pernas: “Esse besourinho fez as lições muito bem hoje”.

É engraçado, de um jeito sujo, que eu ganhe meu pouco sustento lendo. Tenho que sorrir, porque antes eu evitava ler. Tinha medo da leitura.

Arty nunca se incomodou. Lia constantemente, qualquer coisa, mas tinha preferência pelas histórias de fantasmas e contos de terror.

Quando ainda éramos crianças, era eu quem virava as páginas. Ele ficava na cama lendo até tarde quando todo mundo ia dormir. Eu deitava ao lado dele, segurava o abajur e virava as páginas, vendo os olhos dele se movendo em saltos rápidos pelo texto. Ler nunca foi um passatempo tranquilo para Arty. Ele balançava, grunhia, resmungava e exclamava. Nessa época, ele estava em uma de suas fases de banheiro. “Linda bunda rosada” era sua expressão de prazer. “Comedor de merda” era a pejorativa.

“Você não sonha?”, eu perguntava. “Não tem medo de ler essas coisas à noite? Elas assustam.”

“Ei, baixinha! Isto é escrito por normais para assustar normais. E você sabe o que são os monstros, demônios e espíritos rançosos? Nós. É isso o que eles são. Você e eu. Nós somos as coisas que os normais veem em seus pesadelos. A coisa que espreita da torre do sino e morde o pescoço dos meninos do coral. É você, Oly. E a coisa no armário que faz os bebês gritarem no escuro antes de sugarem seu último suspiro, esse sou eu. E o barulho no mato, os gritos que gelam a espinha em uma estrada deserta ao anoitecer... são as gêmeas treinando as escaladas enquanto procuram frutinhas. E não balance a cabeça para mim. Esses livros me ensinam muito. Não me assustam porque falam sobre mim. Vire a página.”

Talvez seja um pensamento cruel, mas a melhor fase foi antes de Chick nascer. As coisas eram simples. Papai contava para nós sobre os tempos difíceis e explicava que Arty fora o responsável pelo sucesso do show, e que Elly e Iphy ajudaram nos negócios, e que, por ele ser um homem bom, até Oly tinha “feito sua parte”. Sempre tinha trabalho, mas era bom.

As manhãs eram nossa hora. Depois das aulas e antes do começo dos espetáculos às duas da tarde, éramos criaturas livres. Papai juntava dois pedaços de faixas de pneu com uma teia de náilon e prendia tiras de rede nas nadadeiras de Arty. Com essa armadura de borracha cobrindo o peito e a barriga, Arty podia deslizar em qualquer lugar.

Papai achava que tínhamos que ser mistérios que os moradores da cidade

não pudessem ver sem pagar. Mas, se estivéssemos no campo, podíamos andar à vontade, desde que ficássemos juntos.

“Saíam já dessa árvore!”

O fazendeiro estalou o cinto, dobrando-o ao meio, a fivela grande o bastante para cortar o ar perto de nós lá no alto. Arty colou a parte de trás da cabeça ao tronco e olhou para baixo, para o homem com o cinto. Ele era velho e forte, e seus olhos se voltaram para mim assim que me mexi. Eu me escondi, e o cinto estalou de novo. As folhas tremeram acima do lugar onde Elly e Iphy estavam empoleiradas. Elas discutiam sobre quantas frutinhas podiam comer sem compartilhar uma dor de barriga e diarreia. As vozes alteradas provavelmente atraíram o velho rabugento. Agora elas estavam em silêncio, assustadas, como sempre.

“Desçam daí agora, ou vou subir para pegar vocês.” Ele não falava como se estivesse realmente bravo. Estava parado um pouco longe da árvore, esperto demais para ficar embaixo de coisas que poderiam cair em cima dele.

Arty aproximou a boca da minha orelha. “Você primeiro, depois Elly e Iphy. Ele acha que são crianças.”

Usei uma voz bem aguda e boba para anunciar: “Estamos indo, senhor, não machuque a gente!”. Tirei os óculos escuros e passei a cabeça por entre as folhas para ele poder ver minhas orelhas do lado de fora da touca. Me virei para que ele pudesse enxergar a cor dos meus olhos. O fazendeiro olhou para mim. Entortou a boca e cuspiu.

“Vou machucar vocês e não vai demorar.”

“Temos que ajudar nosso irmão, senhor, só um segundo.”

Arty esticou o pescoço e pegou com a boca o último ramo de frutinhas que eu segurava quando comecei a descer da árvore. “Elly”, chamei deliberadamente, “Iphy, me ajudem a levar Arty para baixo.” Uma perna longa apareceu com uma meia cor-de-rosa amassada e um tênis branco. Olhei para o fazendeiro. Ele estalou o cinto dobrado contra a bota de borracha de cano alto. Estava atento, mas tinha relaxado um pouco. O nome das meninas tinha esse efeito. E o “não machuque a gente” o havia desarmado.

“Psst!”, Iphy olhava preocupada para mim, enquanto Elly comandava a descida.

“Oly vai na frente. Vocês me entregam para ela, depois descem”, Arty murmurou para elas.

“Estamos descendo, senhor”, falei, deslizando depois para longe de Arty pelo tronco, me agarrando com os dedos dos pés e das mãos às fendas profundas da casca para descer do lado oposto ao do homem de rosto marrom. Quando

alcancei o chão, recuei, inclinei o corpo para a frente e esfreguei a touca no tronco da árvore. Estava me preparando para amparar Arty quando ouvi o velho filho da mãe grunhir. Ele tinha visto minha corcunda e minha cabeça careca. As gêmeas desciam Arty com três mãos e abraçavam a árvore com a quarta. As roupas do meu irmão faziam barulho e enganchavam na casca do tronco enquanto ele descia. Apoiei seu quadril no meu peito e ele deslizou pela minha barriga até o chão. As gêmeas pularam do tronco e olharam para o fazendeiro. Me virei para espiá-lo. Seus olhos eram poços de surpresa. Arty começou a rastejar rapidamente na direção dele. Eu o segui pulando. As gêmeas me alcançaram e Elly segurou minha mão quando nos aproximamos do fazendeiro. Ele desabou sentado na grama. O cinto caiu ao seu lado. Passamos por ele depressa e saímos de seu pomar.

Mais tarde, quando estávamos na cama, decidi que Arty era inteligente. Foi a ordem em que aparecemos que afetou o homem. Ele estalava o cinto e ria por dentro de mais um bando de crianças em suas árvores frutíferas. Já ensaiava a história para contar à esposa e aos filhos enquanto comiam frango e biscoitos na cozinha, onde ele estaria com as mangas ainda úmidas depois de ter se lavado e sem o chapéu, exibindo a faixa clara embaixo do cabelo onde terminava o bronzeado.

“Hoje peguei os netos do Jethro no pomar”, ele diria, “os três em cima da árvore, como o pai deles há vinte anos.” E ele e a esposa sorriam um para o outro, ela serviria o café gelado e diria que esperava que as crianças não tivessem ficado muito assustadas. Mas enquanto tudo isso se desenhava na cabeça dele, nós aparecemos e o derrubamos. Primeiro eu, retorcida sob minha corcunda, depois um segundo para ele registrar a forma de Arturo e seu jeito de se mover e, o mais importante, em que direção seguia. Se fosse só isso, ele poderia ter arremessado um ancinho contra nós. Mas em seguida apareceram as gêmeas de cabelos escuros, pele branca, olhos de flor e duas pernas nas meias cor-de-rosa. O velho perdeu de vista os trinta anos que havia passado espantando crianças das árvores. Gostaria de saber se ele diria uma palavra sobre isso a alguém.

Arty virou a cabeça de repente e seus olhos se fixaram em mim. As sombras de osso afiado e músculo tenso se desenhavam na pele esticada. Raiva.

“Me levante. Agora. Vamos.” Ele era pesado, mas eu o levantei pelo meio do corpo até ele se apoiar em mim, ereto, depois abaixei e o coloquei sobre um ombro. Cabeça e peito estavam voltados para trás, com o traseiro redondo apoiado em meus braços.

“Odeio grama alta. Odeio.” A voz dele entrou por meu ouvido esquerdo

enquanto nos movíamos lentamente pelo campo. “Experimente rastejar com o nariz enfiado nas cobras e em bosta de vaca por um ou dois quarteirões.”

Arty sempre falava com as pessoas. Era um charme importante de sua atuação o movimento de apoiar o queixo na beirada do tanque e conversar “como gente”, mesmo parecendo e agindo de um modo estranho, parte animal, parte mito. Mas não era bem como gente.

No início, quando Arty era pequeno, Al era seu animado mestre de cerimônias. Arty foi trabalhando com calma e acabou assumindo completamente o discurso. Em pouco tempo, Al só ficava parado na frente do tanque atraindo o público.

Arty começou com uma conversa explanatória sobre o próprio físico, mas logo descobriu o poder do absurdo. Se um deformadinho intrigante colocasse um pouco de pretensão em seu discurso, fazendo bom uso da iluminação oscilante do tanque, até mesmo palavras genéricas de cartões de festas causariam grande surpresa.

Arty e papai faziam experiências. A apresentação de Arty sofreu pequenas mudanças — um holofote cor-de-rosa, em vez de vermelho —, e, de vez em quando, modificações maiores. Era sempre um espetáculo para uma plateia sentada. Com bancos e arquibancada. O tanque e Arty eram o único foco. Por um tempo, Arty fez uma entrada seca. Ele aparecia na plataforma sobre o tanque antes de mergulhar. Então ele decidiu que as pessoas gostariam de pensar que ele morava na água o tempo todo, que talvez até respirasse na água. Depois disso, ele sempre começava a apresentação dentro da água. Por um tempo, usou uma tela dentro do tanque, se escondendo atrás dela e nadando para a parte iluminada e visível quando papai dava o sinal. Arty cansou de esperar e criou um grande túnel em forma de tubo que atravessava o piso do tanque para poder aguardar, seco, e fazer uma entrada dramática quando as luzes se acendessem. Arty se projetava para cima em uma explosão de bolhas luminosas com uma fanfarra retumbante de música gravada. Isso enlouquecia a plateia.

Com o tempo, Arty ficou entediado com a Ilusão das Guelras do Aqua Boy e, em sua fase arturana, se divertia desfilando diante do público (ao longe, em um carrinho de golfe) numa área seca, mas ele manteve a identidade submarina por muito tempo.

Como observou com amargura, sua aparência não era suficientemente extravagante para cativar uma plateia por vinte minutos (duração do espetáculo naqueles dias iniciais), simplesmente se exibindo e causando espanto. Ele precisava *fazer* alguma coisa. Os truques de foca da infância logo se tornaram parte da apresentação. Nadar era útil. O tanque cintilante na tenda mal iluminada

era o foco. A água e a silhueta flutuando eram hipnóticos, relaxantes. As pessoas olhavam para o tanque e para a figura ondulante como olhariam para o fogo brilhante. O tanque o transformava em uma experiência exótica e segura.

“Eles podem relaxar”, Arty explicava, “porque sabem que não vou pular no colo deles.” (Arty falava pejorativamente sobre colos porque não tinha um.) “É um desperdício cruel induzi-los a um estado de espírito tão bonito e intenso e não *fazer nada com eles*”, Arty lamentava.

Então ele aprendeu a falar. Recitava poemas, citava os filósofos mais sentimentais, comentava a natureza humana. A abordagem padrão, e a linha que papai sempre quis que Arty seguisse, eram as piadas, a comédia, um *stand-up* breve que pareceria singular, vindo do Aqua Boy. Mas Arty não aceitava nada disso. “Não quero esses idiotas rindo de mim”, ele resmungava. “Quero que se admirem comigo, que tenham medo de mim, talvez, mas não quero que deem risada. Não. Ah, uma risadinha porque sou espirituoso, é claro. Mas não uma gargalhada.”

As poucas piadas de Arty, o alívio breve para uma forma mística, eram sempre secas e ferinas, sempre voltadas para fora, alheias a ele mesmo. O caldeirão nebuloso do ato era uma constante. “Eles querem sentir admiração e medo. Por isso estão aqui”, dizia Arty.

Aos poucos, inevitavelmente, ele descobriu o Oráculo. “O sujeito que faz a pergunta e acredita ter ouvido uma resposta é quem faz um Oráculo.” Um dia, ele estava lendo livros sobre filosofia oriental e recitando seus textos num tom solene da beirada do tanque quando uma mulher pálida na arquibancada se levantou e perguntou se o filho de quinze anos, que havia fugido meses atrás, estava vivo ou morto.

Sem pensar, sem perder o ritmo, ele disparou: “Chorando sozinho à noite e sentindo sua falta, trabalhando como um homem durante o dia, em silêncio”.

Ela começou a chorar e gritou: “Abençoado seja, obrigada, abençoado seja, obrigada”. E saiu tropeçando em uma fileira de joelhos, limpando o nariz no lenço.

A mulher devia ter contado essa história aos amigos porque os dois espetáculos seguintes foram interrompidos por perguntas gritadas das arquibancadas e pelas respostas vagas e improvisadas de Arty.

Ele pôs a ruiva que vendia os ingressos para distribuir de três a cinco cartões nos quais as pessoas deveriam escrever perguntas. A apresentação adquiriu um fedor distinto de leitura de mãos e conselhos para os desolados. Papai mandou imprimir milhares de cartazes em que se lia “Dúvidas? Pergunte ao Aqua Boy!”, distribuindo-os em todos os lugares para onde íamos.

Eu nunca conheci as gêmeas muito bem. Talvez Arty estivesse certo ao dizer que eu as invejava. Elas eram muito encantadoras. A plateia as adorava. Os normais as adoravam. Nas cidades por onde passávamos com regularidade, duplas de jovens meninas compareciam ao espetáculo vestidas com uma única saia longa para imitar as gêmeas.

Arty também não ficava muito feliz com a popularidade das meninas, é claro. Mas ele deu um jeito de lidar com isso. Para mim, elas eram inacessíveis. Não precisavam de mim para nada. Iphy era sempre gentil comigo. Ela era gentil com todo mundo. Mas Elly tomava o cuidado de me manter no meu lugar. Elas eram autossuficientes. Só precisavam uma da outra. E Elly, com sua alma dura e incisiva, comandava o corpo que elas dividiam.

Lembro de Lil com várias fantasias penduradas no braço e um saco de pipocas na outra mão, parada e rígida na serragem do picadeiro, me dando um sermão. “Usamos a forma plural, Olympia, sempre que nos referimos a Electra e Iphigenia. Não dizemos ‘onde *está* Elly e Iphy?’, mas ‘onde *estão* Elly e Iphy?’.”

Se você olhasse para as gêmeas de frente, Elly estava à sua esquerda, e Iphy, à direita. Elly era destra, e Iphy, canhota. Mas Iphy era a perna direita e Elly era a esquerda. Se você puxasse o cabelo de Elly, Iphy também gritava. Se beijasse o rosto de Iphy, Elly sorria. Se Elly queimasse a mão na máquina de pipoca, Iphy também gritava e não conseguia dormir à noite por causa da dor. Elas corriam, escalavam e dançavam de um jeito gracioso. Tinham corações separados, mas uma circulação que se fundia. Estômagos separados, mas um intestino comum. Tinham um fígado e um par de rins. Tinham dois cérebros e um sistema nervoso que era estranhamente conectado e surpreendentemente separado. Juntas, elas comiam um pouco mais do que uma pessoa normal com o mesmo tamanho.

Jonathan Tomaini, o aluno da escola de música que tinha cabelo oleoso e que se tornou seu professor de piano quando elas ultrapassaram Lily, dizia que Iphy era pura melodia, e Elly era exclusivamente ritmo. Ambas eram sopranos.

Arty especulava que os dois cérebros funcionavam como os lobos direito e esquerdo de um só cérebro.

Elly punia Iphy comendo coisas que não faziam bem a elas. Iphy mergulhava em um silêncio deprimido e não comia nada. A guloseima preferida de Elly era queijo. Iphy odiava a constipação como se fosse um câncer.

Elly variava o tratamento se entupindo de chocolate, embora nem gostasse muito de chocolate e tivesse espinhas no queixo por causa disso. As espinhas eram evidentes em sua pele leitosa. Iphy amava chocolate, mas não comia nunca por medo das espinhas. Elly comia chocolate e Iphy nunca tinha espinhas por

isso. O castigo era Iphy ter que dormir ao lado das espinhas de Elly, sendo obrigada a viver tão perto das erupções.

Iphy sentia pena de todo mundo que não era gêmeo.

Elly me desprezava.

Quando Chick chegou, as gêmeas o adoraram. Ele era pequeno, dócil e as idolatrava. Lil e Al eram amados. Mas Arty era diferente. Ele era distinto. Fascinava Iphy e apavorava Elly. A rispidez de Elly era voltada para qualquer pessoa que pudesse desviar a atenção de Iphy dela. Nós todos éramos apenas uma oposição fantasiosa. Arty era perigoso. Ele flertava com Iphy. Brincava com ela.

Elly o odiava. Às vezes, agia como se Arty pudesse arrancar Iphy dela.

O santuário da família Binewski era um trailer de quinze metros com uma porta em cada extremidade e ingressos vendidos a um dólar. A placa acima da entrada anunciava “Mistério mutante” e, em letras menores, “Um museu de arte inovadora da natureza”. Nós o chamávamos de “Cano”. Como tudo no nosso circo, o Cano cresceu e mudou ao longo dos anos. Mas o Cano havia começado com seis recipientes de setenta e cinco litros feitos de vidro transparente, e aqueles recipientes, cada um deles iluminado por raios ocultos de luz amarela e equipado com um botão próprio para acionar a fita de áudio explicativa, sempre foram o centro.

O Cano havia sido ideia de Crystal Lil, e ela o supervisionava. Visitava o Cano todos os dias antes da abertura dos portões e polia um dos recipientes com amor e limpa-vidros. Mais tarde, quando Al quis pôr neles os animais empalhados, ele teve que ajudar Crystal Lil na limpeza. Ela insistia no labirinto da entrada, pois assim os recipientes seguiam sendo o clímax da visita.

Os animais empalhados em suas vitrines iluminadas de vidro eram a habitual coleção sem graça de bezerros de duas cabeças, galinhas de seis pernas, e havia o esqueleto montado de um gato de três caudas. A única exibição viva era um trio de galinhas sem penas que Al havia roubado de um criador que as havia feito dessa maneira para eliminar o custo de depená-las para as fritadeiras. Ele não podia vendê-las porque os clientes estavam acostumados com a textura de “pele de frango” das aves que tinham suas peles arrancadas. Não confiavam na aparência de pele lisa. Essas três eram criaturas alegres, de carne flácida e lisa. Viveram por dois anos antes de Lil encontrá-las mortas em um canto da gaiola, liquidadas da noite para o dia por algum inimigo microscópico. Al mandou empalhar os corpos, e elas continuavam na mesma gaiola. Uma delas inclinada com o pescoço esticado, como se fosse bicar a palha que nunca mais

seria trocada. Outra alerta, com o olho amarelo e redondo voltado para quem passava pela frente da gaiola, o pé direito encolhido como se fosse dar um passo. A última ficava aninhada em um canto, com a asa aberta e a cabeça escondida embaixo dela, aparentemente procurando piolhos.

Lily tomava seus comprimidos depois do café da manhã e ia para o Cano com seu equipamento de limpeza. Ela deixava o piso verde-escuro e as paredes para o pessoal do aspirador de pó, mas cuidava pessoalmente dos vidros. Às vezes eu ajudava, às vezes eram as gêmeas. Na maior parte das vezes, Lil cuidava disso sozinha. Fazia um trabalho rápido e decente em todas as janelas de vidro do labirinto, mas seu verdadeiro propósito era visitar as “crianças”, como ela os chamava. Os recipientes eram todos os fracassos de Al.

“E meus”, Lil sempre acrescentava. Ela aplicava o spray nos vidros e polia. Falava baixinho o tempo todo com as coisas que flutuavam nos recipientes ou com quem estivesse em sua companhia. Lembrava a receita das drogas que Al havia prescrito para ela em cada gravidez e se lembrava dos nascimentos.

Quatro nasceram mortos: Clifford, Maple, Janus e o Punho. “Sempre dizemos que Arty é nosso primogênito, mas a verdade é que Janus foi o primeiro”, Lil dizia, espiando o fluido que enchia o recipiente e examinando a pequena silhueta encolhida que flutuava lá dentro.

Janus sempre foi meu favorito. Ele tinha cabelos escuros e enrolados sobre a cabeça pequenina e um doce rosto adormecido. Sua outra cabeça brotava de um pescoço curto na base da coluna, e era igualmente redonda e perfeita, com os mesmos cabelos. Esse irmão posterior olhava, tomado por uma surpresa perpétua, para as pequenas nádegas embaixo de seu nariz. Os quatro conjuntos de cílios minúsculos me fascinavam e eu pensava na maneira como os dois teriam se entendido se Janus tivesse sobrevivido. Discutiriam como Elly e Iphy? Jamais teriam conseguido se ver, exceto de lado e na frente de um espelho. Provavelmente, a cabeça de cima teria controlado tudo, tornando infeliz o pobre irmãozinho-bunda.

Lil sempre se desmanchava por Maple, que parecia uma grande esponja amassada. Maple tinha dois olhos, mas eles não se relacionavam um com o outro. Lil dizia que Maple não tinha ossos. Ela e Al haviam decidido que Maple era mulher porque não conseguiram encontrar um pênis. Lil também ria e suspirava por Clifford, que parecia uma fôrma de lasanha cheia de órgãos expostos com uma cabeça de macaco anexada. As gêmeas e eu chamávamos Clifford de “a Bandeja” quando mamãe não estava por perto.

O Punho era prematuro, mas deixava bem claro o que inspirara seu nome. “Só carreguei o Punho por cinco meses”, Lil contava, e essa era sua desculpa para passar menos tempo nesse recipiente.

Apple e Leona foram as duas que viveram por tempo suficiente para morrer fora do ventre de Lily. Apple era grande, mas sem graça. Parecia um querubim tibetano. O cabelo preto e áspero nascia perto dos olhos espremidos. Eu consigo me lembrar vagamente de que ela dormia na gaveta de cima da grande cômoda de Lil. Nunca moveu nada além dos lábios, pálpebras e intestinos. Os globos oculares ainda estavam voltados para direções vagamente distintas. Lil a alimentava com uma mamadeira e trocava suas fraldas, lavando seu corpo inerte três ou quatro vezes por dia. Lil conversava com Apple, a massageava e movia objetos diante de seus olhos, mas nunca houve nenhuma resposta. Apple ficou gorda e havia sempre um cheiro de urina velha em torno dela e na gaveta. Ela morreu com dois anos de idade. Um travesseiro caiu em cima de seu rosto.

Arty sempre disse que foi o Al. Elly e Iphy gritavam quando ele dizia isso, e eu balançava a cabeça e mudava de assunto, mas nunca perguntamos a Lil e jamais tocamos no assunto na frente de Al.

Leona era o último pote antes da saída, e quatro holofotes iluminavam o formol em que ela boiava. Lil demorava mais nesse recipiente, e uma ou duas vezes eu a vi chorando com a testa pressionada contra o vidro, falando baixinho: “Tínhamos muitas esperanças para ela”.

A etiqueta no recipiente de Leona anunciava “A Garota Lagarto”, e ela correspondia ao nome. Sua cabeça era longa no sentido horizontal, e a testa era comprimida e achatada sobre traços pequenos que se fundiam ao pescoço comprido, sem queixo para interromper a linha. A cauda era grande e gorda, grossa como uma perna na região em que brotava da coluna, mas afinando até a ponta. A pele tinha um pálido brilho esverdeado, mas eu suspeitava de que Arty estava certo quando dizia que Al a havia pintado depois que Leona morreu.

“Leona tinha só sete meses”, Lil murmurava. “Nunca entendemos por que ela morreu.”

A placa no recipiente era parafusada ao vidro e iluminada por um holofote. A caligrafia era cuidadosa, letras marrons sobre fundo bege. “HUMANA”, dizia. “NASCIDA
DE PAIS NORMAIS.”

“Vocês devem lembrar sempre que esses são seus irmãos e irmãs”, Lil recitava. “Devem cuidar deles e impedir que os empregados sacudam os potes nas viagens.”

As gêmeas e eu deveríamos assumir a responsabilidade pelos recipientes, caso alguma coisa acontecesse com Lil. Esse fardo nem era mencionado para Chick ou Arty.

Mas foi Arty quem descobriu que as crianças nos potes flutuavam perto da superfície quando chovia e afundavam quando o céu estava limpo. Al nunca entrava no Cano, mas solicitava a previsão do tempo para Lil todas as manhãs,

quando ela voltava da visita.



Assassino: pontaria ruim, tentativa frustrada

Lillian Hinchcliff Binewski, grávida de oito meses e duas semanas do experimento mais extravagante em uma série exuberante — Crystal Lil —, aborrecida com a barriga enorme e com a pequenez de Coos Bay, Oregon, e farta do gerador arruinado que mantinha o show suspenso até uma nova bobina ser instalada naquela noite, sentou-se (nossa Lil) na mesa dobrável da van Binewski Rei da Estrada, de doze metros, e decidiu pegar uma van pequena para ir ao shopping buscar um tecido pré-bordado com lantejoulas para fazer fantasias iguais para as crianças. E para ela mesma, depois que a barriga murchasse, com um pouco de tule branco para uma cauda.

“Arty, meu querido”, ela chamou, apagando o cigarro no resto do café da manhã de germe de trigo dentro de uma tigela azul. Arturo, o Aqua Boy, estava no banheiro e demorou um minuto para abrir a porta. “Arty, querido. Vamos àquele grande shopping. Oly, ajude-o, querida. Vamos todos.”

Eu, então uma menina saltitante de seis anos de idade e olhos rosados, deixei de lado uma cópia da *National Geographic* e subi no banco lateral para pegar a roupa de pneu de Arty no gancho. Arturo murmurava astutamente quando Lil quebrou uma longa unha cor-de-rosa enquanto afivelava a sandália. “Não consigo ouvir você, Arty. Não esqueça de fazer xixi antes de sairmos.”

“Eu perguntei”, Arty rastejou para perto do pé de Lil e ficou olhando para seus dedos longos e elegantes, “se você acha que é uma boa ideia todos nós irmos.”

Lil passou por cima dele e abriu a porta lateral. “Elly-Iphy”, ela berrou. Do grande caminhão-palco ao lado da van, veio o som de “Moonlight Sonata” para quatro mãos e a resposta de Iphigenia. “Venham aqui, pombinhas!” E a sonata parou quando Lil pegou as chaves do carro do cinzeiro de Buda na estante de livros.

Arty disse: “Não quero a roupa. Vou usar a cadeira. É mais fácil em público”.

Naquele dia ensolarado e agitado, Vern Bogner encheu o tanque de gasolina da picape no primeiro posto depois do acampamento. Ele havia parado ali para comprar querosene para o lampião. O velho na bomba viu o medidor virando e gritou para Vern: “Está indo embora cedo! Já chegou no limite?”.

Vern olhava sério pelo para-brisa. O leito da picape estava vazio, é claro. Velho chupeteiro mal-humorado. Às vezes você só quer ir à floresta, sentar-se ao lado da fogueira e beber algumas cervejas em paz.

Vern Bogner fora gerente de produção no supermercado Seal Bay por cinco anos, e assistente durante os três anos anteriores. Como Vern explicou detalhadamente anos mais tarde, foi naquela época que toda sua vida havia começado a desmoronar. Apesar da experiência que tinha, empilhar laranjas sempre foi difícil. Ele havia construído montes e pirâmides de tangerinas e laranjas de todos os tipos e tamanhos aos milhões, mas nunca fora atormentado por tantos desmoronamentos, quedas e avalanches como nos últimos meses.

Sua esposa, Emily, não gostava muito dele ultimamente. E quando ele voltava para casa do trabalho e dizia “oi” para os filhos, eles só bufavam e continuavam olhando para a tv. Vern não tinha certeza do que estava acontecendo com ele, mas uma década mais tarde ele ainda podia descrever as sensações daquela manhã momento a momento.

O dia estava quente, e o cheiro de gasolina se misturava à cerveja em seu estômago, formando um refluxo amargo no fundo da garganta. Emily também bufou para ele. “Ah, Vern tem muitos troféus, pimentões verdes recheados, pés de alface.” E riu. Até aquele velho traste estava percebendo, provocando. Vern virou a cabeça apenas o suficiente para perceber o lampejo do cano do rifle 30.06 pendurado no trilho da janela. Ele saíra com a licença de cinquenta dólares quatro vezes este ano e não tinha disparado sequer um tiro.

Quando viu a placa alta do novo shopping, Vern ligou a seta. Um supermercado novo ocupava um lado do terreno. A loja de produtos baratos, o salão de beleza e o resto estavam do outro lado dos cinco acres. Ele gostava de visitar outros supermercados. Daria uma volta rápida na seção de vegetais a caminho das cervejas. Duas para viagem e chegaria em casa.

Ele havia estacionado e estendia a mão para alcançar as chaves quando viu a porta de uma van se abrindo do outro lado do terreno. Uma longa perna feminina brotou da abertura. Ela terminava em uma sandália vermelha de salto alto. Vern parou e esperou a outra perna. As pernas foram seguidas por uma barriga enorme, braços finos e uma pilha de cabelos cor de chantili.

As coisas saíram da van e começaram a se mover em torno da mulher alta e grávida. Vern olhou para a cadeira de rodas enquanto era desdobrada e para a coisa careca que ajudava o verme sem membros a se acomodar nela. Então

pegou o 30.06 e, suavemente, sem tirar os olhos do alto, carregou o tambor.

A cadeira de Arty tinha um braço de controle que ele conseguia alcançar, mas eu gostava de empurrá-lo e ele gostava quando eu o empurrava. Dizia que se sentia parte da realeza. Elly e Iphy passaram um braço ao redor dos ombros uma da outra e seguiram andando, sorrindo para a velha que se deteve para nos olhar com seu carrinho de compras meio para fora da guia. As gêmeas caminhavam adiante, logo à frente de mim e de Arty, e eu conseguia ver a cabeça de Lil na frente delas.

Tinha acabado de abaixar a cabeça para empurrar quando senti a dor na corcunda e vi o pequeno rasgo surgindo nas costas da cadeira com um estalo abafado. Arty pulou na cadeira e gritou. As gêmeas tombaram para a frente e o braço em torno do pescoço de Iphy se tingiu de vermelho.

“Arma!”, gritou Arty, e eu caí de joelhos respirando fundo para gritar, enquanto ele se jogava da cadeira e rolava loucamente para baixo do carro mais próximo. Rastejei atrás dele, me esfolando no asfalto quente e sentindo a corcunda queimar. Lil soltou um berro breve. Bati as costas no metal e tentava gritar, mas vi Elly e Iphy abraçadas, rolando depressa e desaparecendo embaixo de outro carro. Elas deixaram um rastro de manchas vermelhas onde o braço tocava o chão conforme rolavam.

Um carro buzinou sem parar. O som flutuou no ar e vozes humanas ecoaram ao longe. Eu sentia o coração de Arty batendo contra a minha perna. Deitei no chão e virei o pescoço para olhar em sua direção. Ele estava de bruços. O sangue escorria de seu ombro curto e manchava a nadadeira antes de cair no asfalto fresco à sombra. Seus lábios tremiam e grandes lágrimas caíam dos olhos, que vagavam de um lado para o outro, curiosos e cruéis.

Meus olhos e nariz também escorriam, e o ardor na coluna era como uma grande picada de abelha que espalhava veneno desde o pescoço até a bunda. Era interessante ver as lágrimas saindo dos olhos de Arty. Nunca tinha visto isso antes. Nunca pensei nele chorando. Minha respiração trêmula e o gosto de lágrimas na boca eram familiares. Fáceis. Até o ardor na corcunda era exatamente do meu tamanho. Mas a maneira como Arty chorava era algo novo para mim. Seu corpo chorava, mas o cérebro, não. Os olhos sobre suas lágrimas estavam tão atentos como sempre. O sangue que escorria do ombro descia mais depressa que o líquido transparente que vertia dos olhos, mas, para mim, as lágrimas eram mais alarmantes.

A buzina parou e sirenes começaram a se aproximar. Vozes gritavam, e Arty e eu continuamos embaixo do carro até Lil aparecer chorando, apavorada e de joelhos, espiando embaixo de todos os automóveis e nos chamando. Ela não

conseguia falar quando nos encontrou. Ela me tirou de lá primeiro, então eu fiquei sentada e tremendo no asfalto quente enquanto ela esticava mais o braço para alcançar Arty. A mão sobre a qual ela se equilibrava tinha manchas vermelhas que secavam depressa. Ela puxou Arty para a luz. Puxou-o contra a barriga e se levantou. Eu me agarrei com as duas mãos à barra de sua blusa azul e nós seguimos pela faixa larga até a fileira seguinte de carros. Atrás de um pequeno carro vermelho, Elly e Iphy estavam deitadas de costas com uma mulher grande de uniforme cinza ajoelhada entre as duas cabeças. As gêmeas estavam inchadas e vermelhas de tanto chorar. Olhavam para o braço que a mulher envolvia com um curativo branco. Os olhos inexpressivos da mulher e sua boca comprimida não se moviam enquanto ela trabalhava para cobrir o braço fino. Atrás delas, na calçada, estava sentada a velha que havia parado com seu carrinho de compras para nos olhar. Um homem com roupa cinza segurava seu pulso e falava baixinho com ela. Ele encaixou as olivas do estetoscópio nas orelhas, depois deslizou a outra ponta para dentro da gola de seu vestido, mas os olhos da velha se fixaram em mim e depois em Arty, quando Lil o colocou no chão.

Lil dizia: “Esses também, por favor. Esses também, por favor”, referindo-se a Arty e a mim, até mais uniformes cinzentos chegarem e colocarem suas mãos grandes e quentes em nós, rasgando então a parte de trás da minha camisa. A picada de abelha na minha corcunda foi tocada por um sopro de ar fresco e carne queimada. Vi outro homem aproximando os dedos do pescoço de Arty e os lábios dele se abrindo com fios de saliva que formavam uma teia dentro da sua boca, e um gemido alto brotou dela enquanto quadrados brancos de gaze eram pressionados contra o sangue. Lil soluçou, se controlou e soluçou de novo, afagando a cabeça de Arty quando ele se deitou na calçada com as mãos grandes se movendo por seu corpo.

“Sou mais velha do que pensava”, disse uma voz fina, e a mulher na calçada se deitou. O homem de uniforme se abaixou ao lado dela e a mulher virou a cabeça para nos olhar quando ele aproximou uma agulha do seu braço.

A ambulância estava cheia, mas Lil não permitiria que nos separassem. Elly e Iphy estavam na cabeceira da maca, com Arty do outro lado. Eu me encontrava deitada de lado em um banco forrado, e Lil estava sentada ao meu lado com sua mão fria e longa sobre minha cabeça. A mulher de uniforme cinza se movia devagar e com cuidado. Ela pediu a um dos homens para ficar com ela. Não queria ficar sozinha nos fundos conosco. As portas estavam abertas e nós ainda esperávamos. Eu conseguia enxergar, através da porta, o outro lado do estacionamento, onde a picape estava estacionada na frente do supermercado,

com a porta do motorista aberta. Quatro viaturas de polícia mantinham as luzes acesas, e eu ouvia a suave e distante estática dos rádios de comunicação. Uma figura cinza se afastou deles e correu em nossa direção. Loiro, de bigode, com o uniforme engomado e limpo. Ele sorria e balançava a cabeça enquanto segurava um lado da porta com cada uma das mãos.

Lil se debruçou sobre mim para se dirigir a ele.

“Quem é ele? Por que ele fez isso?” A voz dela era dura.

O rapaz acenou com a cabeça para a mulher uniformizada que se sentou ao lado de Arty, mas não tocou nele. “Algum lunático. Apenas um maluco. Ele está reclamando porque errou.” O jovem fechou um lado da porta. “Está se balançando no banco de trás da viatura e repetindo: ‘Como eu pude errar?’.” A segunda metade da porta foi fechada e os olhos assustados da mulher de uniforme vagaram, parando em cada um de nós. A ambulância começou a se mover.

Quando eles caíram e rolaram, e a cadeira de rodas tombou por cima, Vern sentiu um prazer repentino que se transformou em choque ao constatar que as criaturas desapareceram. O desapontamento era um balão quente e molhado estourando em seu peito. Eles estavam alinhados. Em fila. Seu velho teria derrubado todos eles com uma bala. O horrível e pesado choro do fracasso o balançava.

Ele pressionava o rosto contra o cabo do rifle, lubrificando-o com lágrimas, quando um policial agarrou o cano e puxou a arma pela janela aberta, tirando-a de seu alcance. O movimento da arma cortou seu rosto e deixou um hematoma. Quando a porta rangeu ao ser aberta, ele choramingou diante da arma apontada em sua direção. As botas do policial tinham o mesmo fundo avermelhado de mogno que o pai dele havia polido na madeira do 30.06.

Ele apoiava a testa na janela de vidro gradeada que o isolava do banco da frente. Suas mãos pendiam entre os joelhos, as algemas frias presas à argola no assoalho da viatura. Ele tinha mergulhado na paz momentânea do vazio. A mente se distendia inexpressivamente. Um fio de cor e movimento nos cantos de seu campo de visão informava que os policiais se moviam lentamente em volta do carro. Havia vozes calmas e pesadas, e outras mais leves, finas e rápidas. Testemunhas, ele disse a si mesmo. A polícia havia chegado muito depressa. Estava impressionado com tanta eficiência.

Ele pensou que uma viatura poderia estar no estacionamento no momento em que tudo aconteceu. Talvez houvesse um policial no corredor do supermercado, comprando biscoitos para comer no carro. Uma bolha frágil de

antigo ressentimento se formou em seu peito. Eles estavam sempre atrás de doces. Poucas pessoas se aproximavam daqueles belos cestos de frutas quando procuravam uma guloseima...

Batidas fracas na janela à sua direita tornaram-se insistentes. Ele virou os olhos com relutância, pressionando a testa com mais força contra a divisória. Uma compradora. Seu rosto longo com uma incrível pele de pêsego corava até a raiz dos cabelos escuros, e os lábios se abriram. Os dentes surgiram brancos num sorriso direcionado para ele. A divisória de vidro vibrou enquanto ela dizia: "... solutamente certo, certo, você estava absolutamente certo... e ela estava grávida *de novo*... certo... você fez o que era... decente", antes que uma calça azul de montaria aparecesse atrás da mulher puxando-a para longe, e ele visse o braço descendo sobre a janela ao lado da blusa esticada da bela mulher grávida. Ela agarrou o que devia ser a barra de condução de um carrinho de bebê e desapareceu, então ele ouviu o ruído das rodas do carrinho enquanto o bebê, o feto e sua mãe-pêsego desapareciam.

A tristeza de seu rosto machucado e dolorido começou a penetrar o fluxo calmo de sua respiração. Vern chorou de novo, e não demorou para o ranho do nariz cair sobre seus pulsos, amenizando a fricção das algemas de metal.

Os enfermeiros não estavam incomodados como os médicos, mas até eles riam uns para os outros e se moviam de um jeito frenético. O policial com os óculos grossos estava sentado em uma cadeira de plástico laranja, tentando impedir que o coldre e o cinto do rádio batessem em seu corpo enquanto ele anotava o que Lil havia dito. Ela falou depressa por alguns segundos, depois ficou em silêncio. Seus olhos se moviam agitados de uma mesa coberta com um lençol para outra, tentando observar todos nós. O jovem policial escrevia com determinação em seu bloquinho amarelo, depois distraiu Lil de sua observação com outra pergunta.

Elly e Iphy estavam na mesa mais longa. Arty e eu estávamos deitados de bruços, cada um em sua mesa engomada, olhando para a médica com a longa trança negra debruçada sobre o braço ferido das gêmeas. A médica resmungou alguma coisa para o enfermeiro pálido, que insistia em entregar os instrumentos errados. A médica de pele ruim veio novamente e se colocou entre mim e Arty. Ela começou a me examinar, Tateando, perscrutando através de instrumentos gelados. Odiava me tocar. Eu sentia, e meu estômago ficou frio por dentro. Ela andava ao redor da mesa, apertando com os dedos as laterais da minha corcunda, mas evitando o curativo grosso em cima dela.

Um médico idoso se aproximou de Lily e começou a conversar com ela de um jeito franco, colocando o estetoscópio no bolso do jaleco branco, puxando-o

para fora e então empurrando-o novamente para dentro. Elly e Iphy não conversavam. Elas trocavam olhares e examinavam o braço estendido entre elas e a trança que balançava enquanto o rosto escuro da médica estudava atentamente o seu sangue. Arty estava olhando para a minha médica espinhenta. Eu olhava para Arty, tentando saber se ele estava bem com tudo o que acontecia ali. Ele lambeu os lábios e estreitou os olhos. O curativo começava em seu ombro e subia por um lado do pescoço. Ele tinha dificuldade para virar a cabeça. O suor brotava de seu couro cabeludo. Ele olhava para as mãos de pele marcada em cima da minha corcunda quando gritou: “Deixa ela em paz! Ela está bem!”. E as mãos da médica se afastaram de mim no mesmo instante.

“Ei, fique quieto, amiguinho.” O enfermeiro grande tocou as costas de Arty com a mão hesitante e de aparência úmida para segurá-lo. O rosto dele se tingiu de uma coloração intensa de hematoma que ele guardava para as birras mais sérias.

Arty abriu bem a boca, e seus olhos se arregalaram furiosamente em minha direção. “Lil!”, ele berrou. “Chame o papai, Lil! Eles vão tentar prender a gente aqui! Vão prender a gente e ficar com a gente!”

Lil olhava para o médico idoso e dizia com seu sotaque sério de Boston: “Não posso concordar com isso sem consultar o pai deles”.

“Papai!”, Arturo uivou, e as gêmeas começaram a chorar daquele jeito harmônico e sincopado. Desci da mesa e estava tentando morder a carne rija embaixo da bunda do enfermeiro gordo e rosado para tirar a atenção deles de Arty, e Arty recuou um pouco para morder as grandes mãos rosadas quando a trança comprida da médica escura girou como um chicote com o estrondo da bandeja de instrumentos derrubando uma dúzia de ferramentas cromadas no chão de ladrilhos.

Foi nesse momento que papai entrou com Horst, o Homem Gato. Arty ficou quieto e o enfermeiro rosado foi lavar as mãos. As gêmeas deitaram e esperaram o curativo ser concluído. Papai falava com seu melhor sotaque do sul de Boston, e o médico cedeu, alertando que não se responsabilizaria.

Horst pegou as gêmeas. Um dos rostos marcados pelas lágrimas espiou por cima de seu ombro. Papai pegou Arturo com toda a delicadeza e segurou minha mão. Com Lil atrás de nós, nos levou para a porta basculante, passando pela mulher de cabelos grisalhos que piscava atrás da mesa, e saímos pela entrada de emergência, onde a van estava parada.



O sortudo

Ela está olhando. Os dedos deslizam pelo crânio vermelho, descem pelos traços enrugados, fazem breves visitas às orelhas, depois escorregam para uma parada rápida na curta mandíbula. Agora as duas mãos se abrem, tocam o pequeno arco do peito, seguram os ombros com ternura. Levantam os dois braços até o limite, e as mãos estudam as articulações, verificam as juntas dos dedos, contam, recontam os pequenos dedos larvais, procuram o tórax, seguram com firmeza as nádegas côncavas que terminam em pernas finas, e de novo o exame se repete. Contagem dos dedos dos pés, que são do tamanho de ervilhas. Os olhos dela encontram os olhos semicerrados do marido, meu pai. Ele desvia o olhar, pega panos úmidos e se ocupa com a limpeza. Ela volta sua atenção para o bebê, que se agita levemente. Vira a criança com habilidade, apoia seu peito na palma da mão e, com a outra, examina ansiosamente a pequena coluna.

“Mas...”, balbucia, virando outra vez o bebê para examinar a parte da frente. “Mas, Al...” E uma linha aparece em sua testa branca e lisa, a dúvida que nunca antes tinha visto em seus olhos. Al se vira para o outro lado e, rapidamente, se obriga a encará-la. Ele toca seu rosto e o afaga suavemente.

“É verdade, Lil. Não tem nada. É apenas um... um bebê comum.” O rosto de Lil fica molhado, a respiração se torna ruidosa.

Estou na porta segurando Arty, com Elly e Iphy puxando meu braço, quando meu pai se aproxima de nós. “Crianças, vão preparar alguma coisa para jantar. Agora. Deixem sua mãe descansar.”

Lil está chorando e resmungando. “Eu fiz tudo, Al... Fiz o que você disse... O que aconteceu, querido? Como foi possível?”

Al gostava das estradas sinuosas nas colinas. Ele dirigia como uma pedra, o corpo todo tenso e imóvel. Até o bigode parecia estar paralisado em cima da boca. Só os olhos se moviam constantemente e as mãos giravam o volante apenas o suficiente, mais nada. Arturo ia sentado no grande assento do copiloto, preso pelo cinto e empertigado, os olhos se movendo como os de Al. Eu estava encostada em Arturo, meio cochilando no escuro com os mostradores coloridos

do painel aquecendo meus olhos.

Lil estava escorada na barra de apoio atrás de nós, com o cabelo claro e o rosto branco iluminados pelo brilho vermelho das luzes do painel. Ela balançava um pouco nas curvas.

“É quase meia-noite, Al.” Sua voz era uma trama esgarçada de som que sugeria que estava prestes a chorar, sufocando deliberadamente as formas mais óbvias de sofrimento. Era mais difícil lidar com isso do que com as lágrimas. A mão de Al puxou um fio do bigode e voltou ao volante. Os olhos dele nunca se desviavam da estrada.

“Vamos chegar a Green River em meia hora. Escreveu o bilhete?” Sua voz era prática, direta.

O corpo de Lil balançou atrás de mim e eu senti uma onda pesada de sono, leite e suor transbordando de seu roupão.

“Pensei em uma lavanderia”, ela disse. “É quentinho. E as mulheres sempre vão lá.”

O novo bebê tinha que ser deixado em algum lugar. Al mandara o resto do circo para Laramie, no leste. Green River, ele disse, era uma boa cidade, limpa, onde um bebê comum poderia ser criado adequadamente. O plano era passar por lá à noite, deixar o bebê em uma soleira onde seria encontrado rapidamente e seguir viagem, sem deixar pistas que pudessem ligar a criança a um circo que estaria a centenas de quilômetros longe dali. Um caminhão passou no sentido contrário. O vento sacudiu a van de baixo para cima. Al esperou até que o ronco do motor desaparecesse.

“Lil, querida, esta cidade é pequena. Duvido que tenha uma lavanderia que funcione vinte e quatro horas.”

“Pensei em deixar o bebê em cima de uma secadora e colocar moedas suficientes para mantê-la funcionando a noite toda.”

Al dirigia sem se alterar, paciente.

“Vamos achar um lugar que abra cedo. Uma loja com aparência próspera. Cujo proprietário seja um pilar da comunidade. Nada de políticos. Nem imobiliária ou seguradora. Não quero que a criança seja criada por alguém que trabalhe em um escritório.”

As costelas de Arturo se moveram junto ao meu corpo quando ele inspirou, depois ouvimos sua voz suave. “Um posto de gasolina, talvez. Deve ter algum na rua principal.”

Al tratou a ideia como se fosse dele. Arty tinha esse dom.

“Um posto de gasolina seria ótimo. Agasalhe bem a criança, Lil. Eles abrem cedo para atender às pessoas que vão trabalhar.”

Lil se movia no escuro.

“Não consigo encontrar o bloco de anotações”, ela disse. Sua voz agora demonstrava sinais de lágrimas bem próximas à superfície.

A mão grande de Al tocou minha cabeça.

“Ajude sua mãe, Oly.”

Encontrei o bloco e um lápis na gaveta. Lil tinha voltado para o quarto. Iphy e Elly dormiam quando passei pela cama delas. Eu me orgulhava de estar acordada e ser útil enquanto elas estavam dormindo.

Lil estava recostada nos travesseiros na cama de casal. Ela vestia as luvas vermelhas e longas que usava nos espetáculos. O bebê dormia ao seu lado, bem enrolado no cobertor amarelo que já tinha agasalhado cada um de nós. O rosto de Lil era inexpressivo e estava encharcado de dor. Entreguei-lhe o bloco e o lápis e subi na cama para ficar ao seu lado. Ela endireitou as costas e se debruçou sobre o bloco. Segurou o lápis entre os dedos longos e vermelhos e abriu o caderninho nas páginas vazias do meio. Esfregou uma página com a mão enluvada, virou-a e esfregou o outro lado. Depois virou-a novamente e começou a escrever com cuidado em meio ao balanço da van. Algumas lágrimas escorreram enquanto ela escrevia, e Lil se inclinou para a frente, deixando-as cair na página.

“Por favor, cuide do meu bebê”, ela lia em voz alta enquanto escrevia. E assinou: “Desempregada e solteira”.

Minha mãe suspirou, arrancou a página do bloco e a dobrou. Viu que eu olhava para ela. Deu um sorriso fraco. Com a luva, tocou minha cabeça lisa.

“Assinei desse jeito para dar a impressão de que foi por isso que abandonei o bebê. Usei ‘desempregada’, em vez de ‘sem trabalho’, para demonstrar que os pais não eram analfabetos. Se pensarem que ele é filho de gente instruída, talvez deduzam que possui uma boa genética. Assim, ele pode ter uma chance melhor.”

Apoiei o nariz na palma da mão. Gostava de saber que ela pensava desse jeito. Gostava dela por estar chorando por esse filho normal. Isso fazia com que eu me sentisse importante e amada. Imaginei que ela teria chorado de verdade se tivesse sido forçada a abrir mão de mim.

Na manhã anterior, enquanto os planos ainda se formavam, Al verificava a van. Arty rastejou para baixo do veículo e falava com Al enquanto ele usava as ferramentas. Tentei chegar perto o suficiente para ouvir a conversa, mas não consegui. Mais tarde, na mesa do café, Al falou como se tivesse tido a ideia sem nenhuma ajuda externa.

“Podemos ir a um grande supermercado e esperar em um corredor até não ter ninguém por perto, afastar as latas de feijão em uma prateleira bem funda e

deixá-lo lá, depois devolver as latas ao lugar para escondê-lo e ir embora. Quando ele começar a chorar, vão levar apenas alguns minutos para encontrá-lo.”

Lil estava intrigada, é claro, mas insistiu em deixar o bebê atrás de corações de alcachofra, escargots, algum alimento caro e erudito, em vez de feijões plebeus, alguma coisa que garantisse que o consumidor que afastaria as latas, descobrindo a doce criatura, tivesse dinheiro e alguma sofisticação.

Al se lembrou das câmeras de vigilância e outros equipamentos de segurança e descartou a ideia. Mas eu sabia que ela era de Arty. Era a cara dele.

Estávamos fazendo o que Al chamava de “a coisa mais sensata”. O velho cobertor fino de flanela e as roupas comuns da criança embrulhada nele foram verificados para garantir que não havia etiquetas de identificação ou lanterinhas perdidas que pudessem nos incriminar. Até a caixa de papelão, onde antes havia latas de abóbora, havia sido examinada. Em nossa última parada, Al telefonou para um mercado de uma cabine pública para ter certeza de que a marca era comercializada no estabelecimento. Usamos papel pardo comum para garantir o isolamento e o aquecimento. Nada idiota como o jornal de alguma cidade no caminho.

E as luvas vermelhas, os longos braços de camurça que ultrapassavam os cotovelos, com três botões no punho para apertá-lo e dedos tão finos que era possível ver as unhas e as articulações. E a página do meio do bloco de anotações limpa de impressões digitais. Esses pequenos gestos que meus pais executavam automaticamente, como se estivessem engolindo saliva.

A parte racional consistia em evitar pensar demais, no arroubo espontâneo de não se adiantar, não correr, e no cuidado que Al havia tomado na verificação da van em Whore Meadow, Idaho, onde ele garantiu que não teria nenhum problema mecânico, não ficaria sem combustível nem teria um pneu furado antes de estarmos bem longe do lugar em que deixaríamos a perfeição rejeitada. Os Binewski não eram trapaceiros, mas tinham noção de oportunidade.

Eu revirava a gaveta ao lado da pia procurando fita adesiva. Mamãe queria a fita para prender o bilhete ao bebê. Estava escuro e eu vi a cabeça e os ombros de Al contra o para-brisa iluminado quando ele reduziu a velocidade da van. Segurei a beirada da pia para me equilibrar quando saímos do asfalto para o cascalho. Al apagou as luzes.

“Oly, sua mãe está pronta?” A voz dele estava perto de mim.

“Quase, papai.”

“Diga para ela se apressar. Não quero ficar parado por mais de um minuto e

vou passar pela cidade só uma vez. Temos que olhar o lugar e decidir depressa. Diga isso para ela.”

Tive que enrolar a fita no pulso. Fechei a gaveta e caminhei em direção à fresta de luz embaixo da porta do quarto de mamãe, no fundo da van. Ela estava sentada na cama ao lado da caixa de papelão com o bebê. Olhou para mim quando cochichei o recado de papai e assentiu, estendendo a mão na luva vermelha para pegar a fita. Estávamos andando de novo. Ela pegou um pedaço de fita e colou o bilhete na aba da caixa. Lágrimas corriam por seu rosto. O papel dentro da caixa farfalhou. O bebê se movia. Mamãe levantou as sobrancelhas e olhou para mim com os olhos vermelhos.

“Ele pode acordar”, sussurrou com a voz úmida. “Está dormindo há quase três horas. Vai ficar com fome.” A voz dela falhou no meio do sussurro. “Avise o seu pai que temos que esperar até eu acabar de amamentá-lo. Diga para estacionar em algum lugar.” O olhar firme me mandou de volta, e fui tateando o caminho até a cabine, sentindo as lágrimas brotando dos meus olhos. Quando segurei a barra de apoio atrás de papai, a van sacudiu e viramos à direita para entrar nas sombras escuras de um posto de gasolina de três ilhas e doze bombas de combustível, onde uma placa com a inscrição “FECHADO — abre às 6 horas” havia sido pendurada na janela do escritório. Na parede da salinha havia um pneu com um relógio no centro marcando meia-noite e trinta e cinco.

“Papai”, comecei a falar, mas ele se levantou, virando-se para mim.

“Saia do caminho, Oly”, disparou ao passar por mim, uma onda de calor, fumaça de charuto e carne de papai se movendo em direção à porta do quarto. Arty sorriu para mim do banco do passageiro. Inclinou a cabeça para trás e exibiu os dentes para demonstrar entusiasmo.

“Não, Al!”, Lil disse no quarto.

“Depressa, Lil, vamos!” Papai estava inclinado sobre o canto visível da cama, os braços estendidos.

“Al, preciso alimentá-lo! Ele está acordado!”

Mas papai puxava a caixa de papelão, e as longas luvas vermelhas de mamãe a seguravam. “Lily, não dá tempo!”

Um uivo fraco e monótono brotou da caixa quando Al a pegou e as luvas vermelhas estendidas içaram mamãe em seu roupão. Papai saiu do quarto e pôs a caixa no chão ao lado da porta lateral enquanto mamãe o seguia, a luz do quarto iluminando seu cabelo claro. Ele abriu a porta e olhou para fora, e ela bateu no interruptor de luz quando se debruçou sobre a caixa. O roupão cor-de-rosa e as luvas vermelhas mergulharam no mar de papel amassado que preenchia o espaço em torno do bebê.

“Me dá ele aqui, Lily”, disse papai, descendo da van e virando-se para olhar

em volta, enquanto Arty via, e eu também, Lily se inclinando de um jeito estranho, a cabeça contra o batente da porta, o roupão se abrindo, os cabelos cor de chantili se projetando como cobras que tentavam escapar de sua cabeça em todas as direções. Ouvimos o ruído de grampos batendo na janela, no chão, na parede, e a exclamação e o grito abafado de mamãe quando ela se ergueu do chão e flutuou, deitada no ar enquanto o sutiã de alças grossas se afastava de seu peito com um ruído feio de tecido rasgando. Os pés nas meias lilases se esticavam hesitantes em direção à lâmpada no teto, e o cabelo caía em cachos sobre seu rosto.

“Mamãe! Lil! Mamãe!” Todos nós gritávamos.

Seus seios de veias azuis transbordaram do sutiã e ela mergulhou na caixa de papelão, caindo com os peitos ali dentro, os braços agitando-se no ar e a cabeça resistindo ao magnetismo da caixa. Suas pernas brancas estavam retorcidas no chão embaixo do roupão e uma das meias saindo do pé.

Al se ajoelhou na porta e, afagando a cabeça dela, disse: “*Put a merda, Lily*”. Ela soluçava. Arty grunhia, a cabeça se esticando por cima do encosto do banco. Seus olhos dominavam o rosto largo. Sentei no chão ao lado do armário com a boca e os olhos abertos, e Elly e Iphy sentaram na cama assustadas, boquiabertas, dizendo “mamãe” num lamento prolongado. Um choramingo dolorido e fino brotou do meu peito, e apenas uma voz estava em silêncio, apenas um Binewski não contribuía com o barulho, e era o pacotinho dentro da caixa, invisível exceto pela mãozinha que se abria e fechava ao redor de uma mecha de cabelo branco de Lily. O bebê não chorava mais. Quando, por um instante, ficamos todos em silêncio ao mesmo tempo, ouvimos o ruído de sua boca sugando o mamilo marrom e inchado.

Demorou um ou dois minutos até que Lily enfiasse um braço na caixa, puxando o bebê para o peito e desabando no chão, seus pés tocando os meus. Um braço gordo e a cabeça despenteada enterrada em seu peito, que estavam para fora do cone formado pelo cobertor, era tudo o que se podia ver do bebê. Al sentou-se no chão ao lado dela.

“O que aconteceu?”, ele perguntou.

Ela o fitou com os olhos tão arregalados que toda a parte branca aparecia em torno de sua íris azul. Lil ria de maneira trêmula. “Acho que ele queria mamar.” E se virou para o rostinho enrugado. Al olhou para os grampos de cabelo que estavam no chão à sua frente.

As gêmeas estavam atordoadas na cama, Arty apoiava o queixo no encosto do assento, eu estava encolhida em um canto, e todos nós olhávamos para o rosto cansado de mamãe, no qual um edema ia surgindo lentamente sobre a sobrelha direita, onde ela havia batido a cabeça na parede ao mergulhar na

caixa. Mamãe mudou de posição para ficar mais confortável, e o roupão deslizou por seus joelhos. Estavam esfolados, com gotas de sangue brotando dos poros.

Al estendeu a mão e pegou um grampo.

“Está dizendo que o bebê fez isso? Que levantou você desse jeito?”

Os olhos de mamãe brilharam furiosamente. “Eu disse que ele estava com fome!”

O pulso pequenino, como uma aranha em uma duna de areia, se abria e fechava sobre um seio de mamãe. O ruído de sucção prosseguia. Papai olhava para aquela mão. Seu queixo parecia estranhamente suave e flácido embaixo do bigode. Ele se apoiou lentamente sobre os joelhos e pegou mais dois grampos. Encontrou outro deles no parapeito e levantou-se, olhando para os grampos em sua mão. Mamãe concentrou-se no rostinho em seu seio. Ela parecia calma, como se tivesse esquecido as lágrimas e os restos do sutiã rasgado.

“Bom”, papai pigarreou, “temos que pensar um pouco, Lily. Vou continuar dirigindo. Vamos encontrar um lugar para passar a noite.”

Mamãe assentiu tranquilamente.

As gêmeas voltaram a dormir, eu engatinhei para dentro do meu armário e Arty rastejou para a cama dele. Mamãe e o bebê voltaram para o quarto. Al dirigiu no escuro até encontrar uma área cercada por árvores altas. Arty e eu ficamos acordados por muito tempo ouvindo papai e mamãe no quarto deles. Al limpou os joelhos da esposa, cobriu os ferimentos com um curativo e colocou uma bolsa de gelo no hematoma escuro sobre a sobrancelha dela. Acomodou o bebê adormecido no berço ao lado da cama de casal, e eles ficaram ali sentados e viram o fino cobertor de flanela se erguendo e caindo perto da cabeceira do berço, onde ficou se retorcendo de um lado para o outro enquanto o bebê dormia.

Arty e eu o ouvimos dizer: “Ele move coisas. Ele *move* coisas!”. Mamãe começou a chorar baixinho outra vez quando ele anunciou: “Ele fica, querida. É a melhor coisa que já fizemos! Ele é fantástico!”.

Depois disso, tudo ficou quieto, exceto pelo som das árvores lá fora. Pobre Arty, pensei. Ele iria ficar muito infeliz.

Paramos em um platô sem beiral que se estendia para o nada por todos os lados, desesperando o olhar, encolhendo o cérebro até uma falta de esperança seca se instalar entre as melancólicas camadas do céu e da terra. Meu pai levantou do banco do motorista, abriu a porta lateral e desceu da van. Mamãe estava no quarto com a porta fechada, ainda dormindo. Elly e Iphy estavam na cama arrumada com um quebra-cabeça. Eu tentava ler por cima do ombro de Arty enquanto virava as páginas para ele. Nenhum de nós olhava pelas janelas.

Todos nós odiávamos as áreas vazias e planas. Papai havia deixado a porta encostada e um sopro de vento entrou na van fazendo tremer nossas páginas, trazendo poeira e um forte cheiro de esgoto.

Ele estava lá fora, andando no deserto. Havia passado a manhã toda em um silêncio animado. Não deixou nenhum de nós sentar na frente. Arrumamos as camas, as gêmeas serviram cereal para o café da manhã e uma xícara de café puro para o papai. Arty também estava quieto.

As botas de papai rangeram sobre o cascalho lá fora, e sua cabeça apareceu no vão da porta. “Venham aqui, meus queridos sonhos”, ele chamou, depois desapareceu.

Ninguém queria sair e enfrentar aquele vento, mas seguimos em silêncio. Arty foi o último, apenas deslizou pela escada e ficou lá piscando em meio ao ar poeirento. As gêmeas se apoiaram à van, e eu fiquei perto delas observando nosso pai. Ele andava na nossa frente, apenas alguns passos para cada lado e então de volta. O vento sacudia sua jaqueta e fazia os cabelos negros dançarem. Na maior parte do tempo, ele olhava para os arbustos secos além da planície. Quando se virava para nós, entre uma frase e outra, seus olhos se mostravam perigosos. Nós ouvíamos atentos.

“Sua mãe e eu decidimos ficar com o bebê.” Cada um de nós, ele disse, era especial e único, e esse bebê parecia um normal, mas também tinha algo especial. Consequia mover coisas com o pensamento.

“Telecinese”, disse Arty num tom neutro.

“Sim, telecinese”, papai confirmou. Explicou que se tratava de uma coisa sobre a qual ele não sabia, que nenhum de nós entendia. E que teríamos que ser muito cuidadosos por um tempo, até decidirmos como lidar com isso e entender para que poderia servir. “Vamos nos juntar ao circo amanhã e discutir a situação com Horst. Horst é um treinador, e treinamento é do que precisamos. E Horst também pode manter esse segredo entre nós. Agora, o mais importante...” E então ele disse que deveríamos agir como se ele fosse um bebê normal, mesmo diante das pessoas do circo em quem confiávamos e de quem gostávamos.

“O Exército vai querer o bebê”, Arty comentou.

“Bem, eles não vão pegá-lo”, respondeu meu pai.

Tínhamos que ficar juntos como um batalhão, meu pai avisou, e o nome do bebê seria Fortunato, que significa “sortudo”.

Embora seu corpo fizesse apenas aqueles movimentos angelicais e normais, o efeito de Fortunato no ambiente às três semanas de idade já era o de uma criança de dez anos hiperativa e ardilosa. Ele precisava ficar confinado ao cubículo que nós chamávamos de quarto dos pais. Minha mãe tirou de lá tudo o

que poderia ser quebrado, rasgado ou tóxico, para que o bebê não destruísse tudo e nem se destruísse. Nossa van organizada tornou-se um bunker entulhado. Coleções de frascos de maquiagem e latas de graxa para botas entupiam os armários. Todas as roupas de lantejoulas foram penduradas no beliche das gêmeas. Lamparinas, relógios e fotos emolduradas cobriam a cama desarrumada de Arty. As revistas e os livros de medicina de papai foram empilhados por todos os cantos. A máquina de costura de mamãe foi posta embaixo da pia, junto comigo. Eu dormia com os joelhos encostando no queixo.

Seis pessoas poderiam morar confortavelmente na van de doze por três metros, graças ao cumprimento religioso das tarefas domésticas. A bagunça nos esgotava. Nós odiávamos aquilo. Era evidente que o treinamento tinha que começar imediatamente para aquele sétimo membro da família.

Com algumas dicas oportunas do irmão mais velho, Arturo, meu pai genial pensou em utilizar o recurso da glicerina e da fita isolante para colar o pequeno traseiro de Fortunato num transformador elétrico em miniatura e num pacote de pilhas. Sempre que Fortunato quebrava pratos, puxava cabelos ou levantava Lil no ar e a mantinha grudada no teto, papai ligava a energia em baixa voltagem. Em questão de dias, porém, o precioso Chick, como o chamávamos, aprendeu a desconectar o transformador e a bater na cabeça de papai com o cabo.

Técnicas de privação foram postas em prática no melhor estilo Clyde Beatty, o domador de leões, mas Fortunato tinha que dormir em um pesado berço de arame durante esse experimento porque quando Lil se recusava a amamentá-lo, ele simplesmente a puxava e repetia sua primeira performance.

O potencial bruto das habilidades de Fortunato levou meus pais a pesquisarem. Quando Chick tinha quatro meses de idade, Al introduziu os princípios comportamentais de B.F. Skinner, e a teoria do reforço substituiu com sucesso a da privação.

Mamãe finalmente ousou tirá-lo do quarto à prova de Chick. Ainda foram necessárias várias semanas para que ela pudesse sair da van com o bebê no colo e andar pelo acampamento sem que ele movesse cada coisa colorida à vista.



Verde como arsênico, colheres manchadas e portas de câmaras de gás

O verdadeiro problema, como sempre, era Arty. Ele estava constantemente com ciúme. Não se importava muito comigo porque dinheiro era a medida de sua inveja, e eu não rendia nenhum.

As gêmeas, porém, o deixavam maluco. Depois de cada espetáculo, ele apoiava o queixo na beirada do tanque, me molhando com a água que transbordava, para perguntar quantos ingressos haviam sido vendidos. “Quantos?”, berrava. Mas isso não tinha importância. Trinta em Oak Grove, trezentos em Phoenix, mil em Kansas City. O que ele realmente queria saber era como tinha se saído em comparação às gêmeas. Se elas conseguissem o mesmo número de pessoas ou mais gente na plateia, ele ficava furioso.

Naquele tempo, às vezes ele ia para o fundo do tanque e ficava sem respirar por alguns incríveis minutos, os olhos salientes para fora das órbitas ocultando completamente as pálpebras.

Quando eu tinha cinco anos e assumi o dever de ajudá-lo depois das apresentações, essa tática me apavorava. Ele dizia que ia morrer, que poderia morrer, e eu chorava e me desesperava enquanto ele ficava submerso, olhando através do vidro.

Eu corria para o papai gritando. Ele batia com as mãos no rosto e berrava comigo para não entrar no jogo de Arty quando ele “bancava a *prima donna*”.

Eu voltava tremendo, mordendo as mãos de nervoso, até Arty finalmente rolar, virar de barriga para cima e voltar à superfície, onde meus braços curtos poderiam alcançá-lo e puxá-lo para o lado. Eu afagava e alisava sua cabeça encharcada de água e beijava seu rosto, o nariz e as orelhas, chorando e implorando para que ele não estivesse morto porque eu, inútil como era, o amava. Finalmente ele piscava e suspirava, deixava a respiração se tornar perceptível e resmungava, pedindo a toalha.

Tudo isso por causa de alguns ingressos a mais ou a menos quando ele tinha

dez anos de idade. Eu sabia que ele não suportaria o Chick.

O dia estava prestes a nascer. O show estava fechado. Papai e mamãe dormiam. As gêmeas roncavam na cama. Fortunato, o Chick, estava deitado no berço em silêncio, com o cobertor tremulando ao redor dele em seus sonhos. Mas deste lado da van, Arty, então com doze anos, estava apoiado na mesa, estudando os relatórios da venda de ingressos. Eu estava agachada no chão, com as costas contra a porta do armário. Se ele ficasse bravo, eu abriria a porta e entraria no armário chorando, me trancaria na escuridão e puxaria a touca sobre os olhos para poder chorar na lã, enrolada nos velhos suéteres de Lil. Arty balançou a cabeça. A luz amarela brilhou sobre sua cabeça, e comecei a fungar baixinho. Ele olhou para mim, olhou feio, e eu engoli o choro e dei um sorriso pálido. Ele voltou para os relatórios. Sua voz era lenta e suave.

“Você sabe muito bem o que estou vendo aqui.” Arty não olhava para mim, mas eu assenti quase chorando. Ele olhava para os papéis de um jeito triste, em dúvida. Sua voz transbordava pesar. “Ninguém espera que você renda tanto dinheiro quanto eu.” Balancei a cabeça. Isso seria absurdo. “Nem mesmo que as gêmeas tenham essa renda”, ele acrescentou, comprimindo os lábios. Olho para os meus joelhos e suspiro, todo o meu corpo imprestável treme. “Não é sua culpa ser tão comum. Papai aceita a responsabilidade por isso.” O momento de silêncio revelou que ele estava olhando para mim. Eu sentia seus olhos em minha corcunda.

Enquanto eu chorava, ele apontava as discrepâncias. Quando eu divulgava seu show, a venda de ingressos era de quinze a cinquenta por cento inferior aos espetáculos anunciados por Al. Nós dois sabíamos que Al só me deixava ficar no lugar dele quando estávamos em cidades queimadas de Podunk para uma parada rápida e que as vendas caíam em todos os shows nesses lugares. Mesmo assim, havia um fundo de verdade na provocação de Arty. Um desafio adequado à minha culpa, por mais que ele mentisse a respeito.

Depois ele me ameaçava com a “instituição”, que era o lugar para onde eu seria mandada, se não tomasse jeito.

“Por mais generosos que o papai e Lil sejam, eles não vão ter outra opção”, dizia. Sua piedade e compreensão me banhavam com lâminas carregadas pela correnteza. O jeito como Arty descrevia a tal instituição me assustava mais do que a morte ou cobras. Era uma mistura de orfanato e matadouro. E o pior de tudo: era administrada apenas por normais. A palavra era suficiente para fazer meu queixo tremer. Eu implorava e chorava, e ele reconhecia que eu merecia outra chance.

“Não *temos* que manter os novos bebês”, Arty rosnou. “Às vezes não os mantemos, e às vezes eles não duram.” Ele se portava como um palestrante cruel, virando a cabeça para olhar em minha direção por cima do encosto da cadeira, enquanto eu o empurrava pelo amanhecer cinzento para visitar o número do cachorro. “Você não sabe sobre os que vieram antes. Os que morreram. Papai e mamãe não falam sobre eles, mas eu me lembro.”

“Eu ajudo a mamãe com os potes no Cano”, resmunguei, empurrando com força para fazer as rodas da cadeira se moverem sobre a serragem. Arty bufou e balançou a cabeça.

“Foram três antes de mim e mais dois antes das gêmeas. Teve mais um antes de você. Por isso papai a deixou ficar com você, porque o outro morreu antes. Isso a deprime. Você não teria ficado se o outro tivesse sobrevivido. Ela fica deprimida quando perde um, e papai se aborrece quando a vê desse jeito.”

Ele estava tentando me fazer chorar, mas eu não me importava. Estava feliz por ele falar comigo. Fazia muito tempo que Arty andava irritado e mal-humorado. Fazia seu trabalho, se apresentava nos shows, comia, dormia, lia livros e não falava muito, exceto quando estava enrolando mamãe e papai.

“Qual foi esse? Antes de mim?”

Arty revirou os olhos e baixou a voz. “Leona.” Sua voz era como um gemido, e ele me observava. Abaixei a cabeça e empurrei a cadeira. Leona, com sua cauda de jacaré, teria certamente ficado. Leona teria tido o próprio palco e pôsteres verdes e prateados que brilhariam no escuro. Arty resmungou melancolicamente. “Papai ficou muito animado com Leona. Ele queria exibi-la em um tanque. Esperava que ela ficasse sem pelos, mas poderia tê-la depilado, se ela começasse a mudar. Ele pensou até em colocá-la junto comigo. Papai via o faturamento como girinos. Diferentes estágios de girinos.”

Ele falava com tranquilidade e leveza sobre isso. Parei de empurrar e dei a volta na cadeira para encará-lo por um minuto. Arty estava assentindo e piscando, fingindo nostalgia pela pobre Leona.

“Isso deve ter te assustado, Arty.” Sorri.

Um sorriso lento se espalhou gradualmente por seu rosto. Ele franziu e esticou a testa para mim, como papai fazia com as sobrancelhas. “Pobre Leona. Uma noite ela foi dormir e nunca mais acordou. Mamãe ficou maluca quando a encontrou na manhã seguinte.” A cabeça larga e redonda de Arty fez sua dança da cobra, virando o pescoço num pesar debochado, e eu conhecia o retesar da pele sobre tendões e carne, e amava a sombra dos ossos ali embaixo e a área larga e macia dos lábios.

O que eu sentia era medo. Arty viu a emoção no meu rosto e começou rapidamente o número de domador. “Em frente, Jeeves!”, disse. “Para os cães!”

Coloquei-me novamente atrás da cadeira para empurrá-la, seguindo pela serragem e mantendo os músculos das nádegas contraídos para não encher as calças.

“Arty e eu podemos brincar com Skeet?”, perguntei. O cheiro de cachorro que saía pela porta do trailer poderia ser o hálito da sra. Minuti. Ela engoliu em seco e tentou se concentrar, apesar da ressaca. Seu cabelo era curto e espetado, e havia restos do jantar da noite anterior colados em sua orelha. A mulher puxou a camisola, afastando-a do peito, e arrotou baixinho.

“É claro.” Ela não reclamou sobre a hora ou o fato de Skeet ser seu poodle estrela porque éramos filhos do chefe e treinadores de cães são fáceis de substituir. Ela desapareceu dentro do trailer e Arty olhou tenso para a porta aberta. O cachorro correu até a porta e pulou para perto de mim, arrastando a longa guia que a sra. Minuti segurava com a mão trêmula. Ela me entregou a guia e disse para eu não deixar o cachorro solto.

Prendi a coleira na cadeira de Arty e o empurrei para um trecho de terra batida atrás das barracas. O cão farejava tudo e urinou umas dez vezes em dois minutos.

Quando chegamos à área de terra, o animal parecia ter se acalmado um pouco. “Fique perto e quieta”, Arty me disse. Sentei para observar. Arty chamou o poodle, e o cachorro bobo apoiou uma pata na cadeira e abaixou as orelhas, balançando o pompom na ponta da cauda.

Meu irmão não havia explicado o que pretendia. “Arty, o treinador de bestas selvagens”, resmunguei para mim mesma. Do outro lado das barracas, o acampamento começava a acordar. Uma porta de trailer bateu. Uma ou duas vozes soavam fracas. Um mecânico ligou um motor e o deixou morrer.

Arty olhava nos olhos do cachorro. O cão continuava sentado, alerta, encarando Arty, que estava paralisado com os olhos bem abertos, fixados no animal, mas com o rosto tranquilo e inexpressivo. No começo o cão estava feliz como um idiota — movimentos confidenciais da cauda contra o chão, um tremor das orelhas, a língua para fora. Aos poucos ele perdeu a confiança, lambendo os bigodes e fechando a boca, apontando as orelhas para Arty como se o interrogasse. Uma explosão de movimentos da cauda. Skeet empurrou o focinho para a frente, farejando preocupadamente, ganindo alto, sacudindo o traseiro contra a terra de um jeito nervoso. Arty continuava sentado com as nadadeiras recolhidas, quieto, o rosto levemente inclinado para a frente e para baixo. O poodle não se atrevia a desviar os olhos do rosto de Arty, mas começou a lamber o próprio focinho repetidamente, levantando e sentando rapidamente com o rabo embaixo do corpo e deixando cair as orelhas. Finalmente, ganindo e com as

orelhas voltadas para trás, de cabeça baixa e apontando os olhos de pateta para Arty, o cão se moveu para o lado com um latido, como se tivesse sido chutado.

Arty se jogou contra o encosto da cadeira, respirando profundamente com os olhos fechados. Skeet se afastou até esticar toda a guia e tentou escapar. Arty levantou o corpo e olhou em volta, procurando pelo cachorro.

“Skeet! Vem cá!”, ele ordenou. O cachorro se jogou para o outro lado, puxou a guia e, com o impacto, caiu de costas e ficou ali deitado, de barriga para cima. Começou a uivar. Arty riu para si mesmo e disse que nós poderíamos voltar. “Posso praticar meus pensamentos de ódio pelos normais no meio do caminho também”, disse.

Arty nunca falava mal de Chick abertamente. Qualquer coisa tão óbvia teria chocado papai e mamãe. Mas eu sabia. Era eu quem fazia mais coisas por Arty. Passava muito tempo com ele e bastante tempo pensando nele. Eu o amava.

Sozinha, pensava que mamãe e papai só o amavam porque não o conheciam. Iphy o amava porque ele queria isso, e ela não podia evitar. Elly o conhecia e não o amava. Tinha medo dele e o odiava porque conseguia ver como ele era. Eu era a única que conhecia sua crueldade sombria e amarga, sua inveja incapacitante e seus desejos ácidos, e ainda assim tinha carinho por ele. Eu também sabia o quanto ele era frágil. Ele não se importava com o fato de eu ter conhecimento disso. Não fazia diferença se eu o amava. Ele sabia que eu o serviria sempre, mesmo que me machucasse. E eu não era uma rival. Não tinha um espetáculo próprio. Atraía a plateia para ele, e não para mim.

Eu tinha que cuidar de Chick. Ele estava dormindo na cama de mamãe, e eu devia ficar ali dentro e esperar pelo ruído que ele faria ao acordar. Trocaria sua fralda, lhe daria um pouco de suco de maçã e brincaria com ele até mamãe terminar a aula de piano das gêmeas.

Mas o céu estava azul, as janelas estavam abertas, e as ruivas estavam lá fora contando histórias. Eu ouvia suas risadas. Elas estavam deitadas ao sol sobre alguns cobertores, bebendo refrigerante e se cobrindo com óleo. O cheiro de coco e lanolina entrava pela janela.

Eu deveria ficar lá dentro sozinha, lendo, mas a voz suave de Peggy começou uma história, e as outras ruivas se calaram para ouvir. Eu não conseguia entender o que ela dizia. Saí pela porta de tela e contornei a van para me jogar na grama ao lado dos cobertores. Com a janela aberta, esperava ouvir Chick assim que ele acordasse. Peguei uma folha de grama e mastiguei o caule enquanto Peggy falava.

Era a história de um menino de catorze anos, e Peggy jurava que era verdadeira. Ele morreu de amor, ela contava. Sua família era pobre. Ele

trabalhava muito e ganhava pouco, mas era um menino doce e amava uma líder de torcida de sua escola. Ela nem olhava para o garoto, é claro. Sua vida era diferente. Mas a menina adoeceu, e os médicos disseram que era o coração. Ela morreria, afirmavam, a menos que tivesse um coração novo. Espalhou-se pelo colégio a notícia de que ela estava esperando um doador.

O garoto ficou muito triste por algum tempo, mas depois disse à mãe que iria morrer e deixar seu coração para a garota. A mãe achou que era só um jeito doce de falar. Ele era saudável. Mas, alguns dias mais tarde, o menino caiu morto. Morte instantânea. Uma hemorragia cerebral, disseram. Surpreendentemente, os médicos descobriram que seus órgãos eram compatíveis com os da garota e transplantaram seu coração para o peito dela. Funcionou. Agora ela dança e torce novamente com o coração do pobre rapaz.

As ruivas estavam impressionadas. Vicki comentou que devia ser estranho sentir a vida pulsando por um coração que um dia a amara. Lisa especulou se a líder de torcida seria assombrada.

“Ele devia valer três dela”, disse Mollie. “Com um coração assim.”

E foi então que, do dormitório da van, bem atrás de mim, um baque surdo como um martelo de cinco quilos batendo em uma folha de metal se fez ouvir. Em meio ao eco que se esvaía, Chick estava chorando.

Eu já estava na metade do caminho para a porta de tela quando as ruivas disseram que meu irmãozinho deveria ter caído da cama. Peggy e Mollie me seguiram. Por pura sorte, a porta de tela bateu e travou quando passei por ela.

Chick estava na cama, com o rosto vermelho e berrando. Pulei para cima da cama, ao lado dele, e o peguei nos braços. Ele tremia e arfava entre um berro e outro. Não poderia fazer tanto barulho se tivesse alguma coisa entalada em sua garganta. Apalpei o alfinete da fralda. Estaria aberto? Então eu vi Arty.

Ele estava com o rosto virado para o chão, enfiado na brecha estreita entre a cama e a parede. Não se movia.

“Oly, o bebê está bem?” Mollie sacudia a porta de tela. “Oly?”

Chick agora soluçava baixinho, então eu o coloquei de volta no cobertor. “Arty?”, sussurrei. Nenhuma resposta. Nenhum movimento. Ao pé da cama, havia um grande travesseiro com uma mancha cinza de umidade no meio. O travesseiro estava limpo e seco na cabeceira da cama na última vez que vim espiar o bebê. Chick poderia tê-lo mudado de lugar, mas me lembrei da conversa de Arty sobre Leona, a Garota Lagarto. E soube. Arty tentara sufocar Chick.

Eu me pendurei na beirada da cama e tentei tocá-lo. “Arty?” A cabeça dele era pesada, as nadadeiras estavam inertes.

Mamãe e papai não poderiam saber a respeito. Pulei da cama, agarrei Arty pelas nadadeiras traseiras e o puxei para trás pelo tapete até a porta do quarto,

em direção à sala de estar da van.

“Oly? Está tudo bem, querida?”, Peggy estava na porta de tela.

“E o bebê?”, Mollie gritou.

Chick chorava no quarto. De vez em quando, eu ouvia um soluço mais alto. Arty estava muito quieto. Virei a cabeça dele para o lado para olhar seu rosto. Os olhos dele estavam fechados. Uma grande parte da testa começava a ficar azul. Respirei fundo e corri para a porta. As ruivas olhavam para mim.

“Acho que Chick está bem, mas Arty...” Destranquei a porta e comecei a chorar. Me encolhi na cama com Chick durante a comoção e ouvi quando os adultos decidiram que Arty deveria ter subido na bancada da cozinha, caindo de cabeça. Ele ainda estava inconsciente quando mamãe o levou para o trailer-enfermaria de papai.

Chick sentou-se ao meu lado todo descabelado e tocou meu rosto com suas mãozinhas. Enfiou os dedos no meu nariz e na boca até eu sorrir dolorosamente. Ele também sorriu, os poucos dentes aparecendo no sorriso frouxo. Acima de nós, a parede de metal pintado tinha uma depressão rasa do tamanho de um prato. “Ah, Chick”, eu disse.

As gêmeas entraram e se encarregaram do bebê. “Se estivesse aqui dentro, onde deveria ter ficado”, disse Elly, “isso não teria acontecido.”

“Poderia ter ajudado Arty a pegar o que ele queria”, acrescentou Iphy.

Abracei os joelhos e olhei para elas atordoada. O rato tinha acordado na minha barriga.

Elas levaram Chick até a mesa de jantar para brincar com ele, e eu fiquei ali, na grande cama lilás da mamãe, imaginando Arty entrando pela porta de tela, descobrindo que não havia ninguém ali e então rastejando até o quarto, onde encontrou Chick dormindo na cama. Eu o vislumbrei abrindo caminho cuidadosamente em direção aos travesseiros e segurando um deles sobre o rosto adormecido do bebê, depositando todo o seu peso. Chick acordou e jogou Arty para longe, como teria jogado um brinquedo ou um pedaço de banana. Sem tocá-lo.

Mamãe ficou na enfermaria com Arty, mas papai voltou com as notícias.

“O pobrezinho acordou e disse ‘mamãe, papai’ antes de qualquer outra coisa. Eu chorei, e sua mãe parou de chorar. Ele não conseguiu lembrar nada do que aconteceu. Teve uma concussão e uma fissura craniana, mas vai ficar bom logo.”

Elly estremeceu. Iphy aplaudiu. “Estou tão feliz!”

Entrelacei os dedos sobre meu peito pontudo e fechei os olhos, respirando agradecida por não ter causado sua morte e por ele ter acordado lúcido o bastante

para “esquecer” o que havia acontecido.

Alimentamos Chick com a mamadeira até que mamãe e Arty voltassem para casa na tarde seguinte. Ele não criou problemas. Mas, quando mamãe viu a depressão na parede alguns dias mais tarde, eu disse que Chick havia jogado a mamadeira uma vez, quando ela estava fora. Mamãe não gostou, mas não brigou com ele. Era tarde demais, disse. “Você precisa falar ‘não’ logo depois que ele fizer o que não deve. Se eu brigar agora, ele nem vai saber por quê.”

Arty deitou em sua cama no meio de tudo e nós dançamos de acordo com sua música. As gêmeas cuidavam dele e o ajudavam a ir ao banheiro, e mamãe passava o tempo todo pensando em coisas delicadas para ele comer. Arty estava feliz. Era educado. Sorria e ria das piadas que fazíamos para diverti-lo.

Por um tempo, ele não pôde ler. Os olhos tremulavam, e tentar focá-los provocava dor de cabeça. Li para ele do meu jeito lento e trôpego, e ele me corrigia, me criticava e me fazia continuar lendo por horas. Quando ele conseguiu retomar as leituras, eu já era capaz de ler quase tudo, embora minha pronúncia das palavras desconhecidas ainda fosse hesitante.

Mamãe cumpria suas obrigações com Chick, mas se desdobrava com Arty. Por dias, Chick mal saía do quarto. Mamãe o levava para fora e o colocava ao lado de Arty para que “ele cuidasse do bebê enquanto mamãe fazia o jantar para seus lindos garotos”, como ela dizia. Eu senti meu estômago subir até o pescoço, mas Chick se aninhou junto de Arty e estava brincando com a nadadeira dele. Arty piscou por um segundo, mas aceitou.

Jurei para mim mesma que faria com que Arty se tornasse o rei do universo para ele não sentir mais inveja de Chick.

A grande tenda de Arty permaneceu dobrada no caminhão por uma dúzia de espetáculos. Isso afetava nossa renda dramaticamente. Papai tentava não deixar Arty perceber quanto dinheiro estávamos perdendo enquanto ele estava doente. Quando papai sentava à mesa do jantar e fazia a contabilidade, Arty perguntava: “Como está indo?”.

Papai suspirava e dizia: “Bem, garoto. Não preocupe sua cabeça arrebitada com essas coisas”.

Isso deixava Arty de mau humor por vários dias. Finalmente, numa noite, já bem tarde, ele disse em sua cama: “Acho que o show não precisa de mim, papai. Se eu morresse, você ficaria bem só com as gêmeas”.

Papai foi pegá-lo e o levou até a mesa, mostrando como a renda tinha caído. Arty ficou feliz de novo e começou a cuidar da contabilidade com o papai.

Mais de um mês se passou antes que ele tentasse voltar ao tanque. O primeiro teste foi chocante. Papai e eu nos debruçamos na beirada do tanque

para vê-lo descer até o fundo, como sempre. Arty voltou à superfície segundos depois e gritou: “Está doendo! E não consigo segurar a respiração”.

Papai estava sério e quieto quando carregou Arty de volta à nossa van. Eu sabia que ele estava pensando no que aconteceria se Arty não pudesse mais mergulhar. Naquela tarde, ele tirou um jogo de pesos e um banco do caminhão de depósito, resquícios da apresentação de um velho homem forte. Montou uma academia no palco que ficava atrás do tanque de Arty. Ele começou a se exercitar e voltou para a água em uma semana. Pouco depois disso, Arturo, o Aqua Boy, retornava aos holofotes e lotava a plateia.



Educando Chick

Um circo à luz do dia é uma besta malformada. A chuva faz dele um fantasma. A música chiada das atrações vazias e imóveis em uma tarde nublada e chuvosa no parque sempre fez meu peito doer. A dança colorida das luzes no ar molhado cintilava nas poças que se formavam na serragem com um glamour oleoso.

Sentei-me no balcão da barraca do Maravilhoso Marv e balancei os pés lentamente. A água não pingava do toldo verde, mas o ar estava tão úmido que congelava no meu rosto e nas roupas sempre que eu me movia. Eu estava observando o garoto geek, um loiro chamado Jeff, que veio de uma faculdade no extremo nordeste. Ele se debruçava no balcão da barraca de lanches, do outro lado, e flertava com a menina ruiva que cuidava da máquina de pipoca.

Atrás de mim, na barraca de Marv, Al e Horst estavam sentados frente a frente em banquetas de acampamento com o tabuleiro de xadrez entre eles. Maravilhoso Marv havia tirado a tarde de folga e os felinos de Horst brincavam e tossiam na umidade. O som dos felinos retumbava no grande trailer de aço, mas ecoava debilmente através da chuva.

A ponta do charuto de Al, vermelha e brilhante, passou por cima do balcão bem perto do meu cotovelo antes de morrer em uma poça.

“Já que está jogando com as botas, em vez de usar o cérebro”, Horst provocou, “por que não apostamos na próxima partida o novo filhote de tigre que vou buscar em New Orleans? Se eu ganhar, você compra o filhote e me dá de presente de aniversário.”

Ouvi o fósforo riscando a perna da banqueta de papai, depois o sibilo e o silêncio que produziam o cheiro de tabaco do novo charuto.

“Mas que inferno, Horst. Já te dei presentes de aniversário pelos próximos noventa anos!”

O estalo das peças de xadrez sendo dispostas no tabuleiro para a nova partida era mais alto que as notas distantes da aula de piano das gêmeas na tenda do palco. Tentei ouvir a voz de Lil contando acima da melodia, mas a chuva não a trazia até nós.

“O aniversário do bebê está chegando”, disse Horst.

“Quase três anos”, meu pai resmungou, “e ainda estou espantado. Continuo pensando nas coisas grandiosas que ele poderia fazer, depois percebo que não é possível. Estou começando a pensar que esse garoto pode ser demais para mim.”

“Aquela criança tem um bom temperamento.” A voz de Horst é cuidadosa, livre de pressão. “Queria ter um gato tão prestativo e doce. Ele quer agradar.”

“Todos os meus filhos são doces e prestativos. Não poderia haver uma família melhor do que eles!” Al não estava bravo de verdade, só cumpria seu dever sozinho. “Mas não é esse o problema”, acrescentou.

“Não”, concordou Horst.

O som de uma peça fazendo dois movimentos, depois um longo silêncio. Jeff, o menino geek, desistiu do flerte por um momento e se afastou, derrotado, do balcão das pipocas. A ruiva sorriu para ele e continuou sorrindo enquanto espetava palitos afiados em uma fileira de maçãs que pingavam caramelo. Ela começou a cantarolar uma canção que eu não conhecia.

Andei pela multidão no parque com a cabeça na altura da virilha das pessoas. Música e luzes piscando, mil braços suando em torno de mil cinturas. Crianças brincando, implorando e pulando, penduradas em normais altos. As pernas passavam por mim, reduzindo a velocidade quando se aproximavam. Eu ficava andando de uma ponta à outra, atenta ao instante em que a carteira que estava na parte da frente da minha blusa pudesse ser sacada. Se sentisse alguma coisa, eu pararia e levantaria as mãos, e papai, sentado lá no teto do caminhão-gerador com Chick no colo, me veria, e então eu seguiria em frente.

“Putá merda! O que aconteceu com você?”, perguntou um bêbado cambaleando na minha frente.

Sorri para ele e desviei, sentindo uma pequena câibra nos pulmões. Arty e as gêmeas não podiam sair em público desse jeito. Quando os portões eram abertos e os normais entravam, meus irmãos mais dotados se escondiam. A multidão não pagaria por aquilo que podiam ver de graça. Havia razões de segurança também. Eles eram “pontos focais mais evidentes para as manias incultas dos maliciosamente perturbados”. Era assim que papai falava.

Uma criança pequena olhou para mim e quis parar, mas a mãe a levou embora. Às vezes, quando eu percebia todos os olhos voltados para mim, eu sentia medo e pensava que poderia ter alguém ali olhando por mais que mera curiosidade. Sabia que era minha imaginação e me acostumei com isso, aprendi a silenciá-la. Mas, às vezes, eu me apegava em silêncio àquele sentimento de que alguém atrás de mim, ao meu lado na multidão — um cara na barraca de tiro ao alvo com um rifle, ou um pai carrancudo e suado gastando muito dinheiro em

ingressos para o carrossel a fim de manter os filhos longe dele — ou qualquer pessoa poderia estar me olhando de esguelha, como os normais olhavam para os bizarros, mas pensando em mim me retorcendo no chão enquanto minhas entranhas se derramavam na grande saída de emergência que teria sido aberta para elas. Aquele desamparado arfar da morte à espera enquanto me machucavam... um sentimento desse tipo é especial. Às vezes você pode se apegar a ele em silêncio por um tempo.

Falei com Arty sobre isso uma vez. Arty estreitou os olhos e disse que eu estava me superestimando, que não havia nada de tão especial para fazer com que alguém quisesse me matar. Arty era o mestre na arte de desinflar, mas sua reação me convenceu apenas de que *ele* não queria me matar. Engraçado como ser um alvo em potencial se tornava um símbolo de status entre nós.

No fim da área do parque, em frente ao trem fantasma, a carteira continuava na minha blusa. Subi a rampa de entrada para poder ver o topo do caminhão-gerador do outro lado. Papai, com suas botas penduradas da beirada do teto, fazia Chick dançar sobre seus joelhos. Eu acenei. Ele não me viu. Esperei e acenei de novo. Pronto, ele olhou. Levantou o braço fazendo um gesto para eu voltar. Chick provavelmente tentaria de novo enquanto eu me afastava. Desci e voltei para a multidão e a música.

A carteira ainda estava na minha blusa quando retornei para o caminhão-gerador. Horst estava apoiado no para-choque da frente vendo papai contar um maço de dinheiro. Peguei a carteira e a entreguei ao meu pai. “Por que ele não conseguiu?”, perguntei.

Papai sorriu e mexeu as sobrelanceiras para mim. “Ah, meu sapinho, você não olhou para dentro da carteira!”

Vi quando ele a abriu e mostrou a parte interna. Vazia. As notas de um dólar que ele tinha colocado ali antes de eu começar a andar haviam sumido.

“Não sentiu nada?”, perguntou meu pai.

Balancei a cabeça e olhei para Chick em seu macacão, sem camisa e descalço, com as pernas em volta da urna brilhante do vovô, distraído com a brincadeira de bafejar no espelho de metal.

Pensando bem, me espanta o fato de que nunca tenhamos feito bom uso de Chick. Lembro-me de quando ele tinha uns três anos, e eu o ajudava a se vestir e preparava uma bolsa com roupas e seu ursinho de brinquedo. Às vezes, Al o levava para passar alguns dias com ele, apenas os dois.

“A beleza disso é ser totalmente discreto”, disse Al. “Um cara com uma criança pequena é mais inocente do que um homem acompanhado de sua esposa. Um homem e sua esposa podem pregar todo tipo de peças juntos, mas o mundo

vê um homem com uma criança e pensa que ele é uma boa pessoa e tem coisas mais importantes para fazer do que roubar.”

Aqueles eram os truques de batedor de carteira. Al saía com seu terno mais discreto na companhia de Chick e pegava um trem ou avião em direção ao “povo endinheirado”. Eles iam às grandes pistas de cavalos, aos jogos olímpicos de verão. Passaram quatro dias maravilhosamente lucrativos em uma Exposição Mundial e uma noite fantástica no estacionamento do maior cassino do mundo, com a multidão privilegiada em torno de um ringue vendo Lobo Wainwright perder o título mundial dos pesos médios para aquele consumado general do ringue, Sesshu Jurystyf.

Eles só pegavam dinheiro. Chick localizava uma boa quantia e a extraía delicadamente da carteira, bolsa ou pochete, deixando a vítima com a carteira ou bolsa intacta e inabalada. O único problema de verdade, segundo papai, eram as notas novas, que costumavam ser barulhentas. No entanto, evidentemente um farfalhar fraco raramente é percebido em uma grande multidão, e logo eles aprenderam a escolher os momentos mais barulhentos.

O momento mais perigoso era quando o dinheiro deixava seu receptáculo e flutuava para longe do proprietário. Depois disso, Chick transportava as notas bem perto do chão, entre pernas, pés de cadeiras e assim por diante. Ninguém nunca percebeu. O dinheiro sempre chegava em um maço organizado, dobrado, passava pela perna da calça de Al e ia direto para dentro de uma bolsa presa ao elástico que segurava suas meias.

Mais tarde, Chick aprendeu a determinar a quantidade e o valor das notas, mas no começo ele não sabia contar, e Al esperava até que voltassem para o quarto, à noite, para tirar a bolsa cheia da perna e contar o dinheiro. Cada vez conseguiam mais.

Al ficava atento a roupas e maneiras e gostava de escolher os alvos. Seu argumento era que, enquanto se ativessem ao dinheiro, não poderiam causar nenhum grande mal a ninguém.

“Ninguém carrega mais dinheiro do que pode correr o risco de perder”, ele dizia, sorrindo para nós enquanto tomávamos o chocolate quente da hora de dormir. “Agora, se mexermos com cartões de crédito, podemos causar um grande estrago. Mas se pegarmos o dinheiro de um rico às oito da noite, o máximo que ele pode fazer é repensar uma saída noturna.”

Em um lugar cheio, numa noite boa, eles conseguiam somar dez ou vinte mil em algumas horas. Eram cuidadosos — um assento barato no alto —, escolhiam alvos separados uns dos outros, desconhecidos entre si e que raramente descobriam a perda até estarem longe do lugar onde a sofreram.

Al voltava com grandes histórias e Chick ficava sempre feliz por estar em

casa. Ele chegava com olheiras e querendo colo.

Todos nós odiávamos essas viagens especiais. Mamãe não, é claro, mas Arty, as gêmeas e eu, sim. O show era nosso mundo e o de papai. E sempre fora um mundo suficiente. Nenhum de nós jamais dormira em um hotel, comera em um restaurante ou viajara de avião. Papai gostava de tudo isso, obviamente. E desconfiávamos, cada um de nós, de que papai preferia seu filho normal a nós. Com Chick, ele podia ir a qualquer lugar. Nós só podíamos viver no circo.

Duas dúzias dessas viagens aconteceram antes de Chick completar três anos. Papai se sentia um cidadão do mundo. Trazia ternos e, às vezes, usava um deles no circo.

Chick tinha quase quatro anos na manhã em que ele e papai partiram para um resort nas montanhas que sempre havia negado uma licença para o Fabuloso Circo Binewski. Não éramos um entretenimento elegante o bastante para aquela gente. Havia um grande torneio de pôquer no principal hotel da região e, no mesmo fim de semana, um campeonato de luta. Papai imaginou que haveria muito dinheiro nos bolsos.

Nós nos instalamos em um bairro qualquer e a plateia dos shows era constante, mas nada excepcional.

Eu ficava perto de Arty quando papai estava fora, e ele era mais cruel que de costume o dia todo. Cuspiu no meu rosto depois de seu primeiro espetáculo porque as gêmeas venderam oitenta ingressos a mais do que ele.

O último show daquela noite foi bom para ele, no entanto, e Arty já estava saindo do tanque quando cheguei lá. Ele havia atraído um público maior do que as gêmeas e eu estava esperando que ele perguntasse sobre a venda de ingressos, mas Arty pensava em outra coisa. Eu o envolvi em uma toalha grossa e limpa e o coloquei em sua cadeira. Ele devia estar cansado dos quatro shows daquele dia, mas parecia atento e animado. “Oly, me leve até aquele telefone público na rua.” Saímos pela porta dos fundos e percorremos a parte escura do parque, atrás das barracas. Apenas alguns metros depois, os brinquedos e jogos viviam seus últimos momentos de animação em uma noite de verão.

“Tim está no portão”, eu disse atrás de Arty. “Ele vai com a gente.” Não deveríamos sair do parque, mas eu esperava ser capaz de convencer o guarda.

“Não. Vamos sair pelo portão de serviço”, respondeu Arty. “Ninguém vai ver, e ninguém vai com a gente.”

A cabine telefônica perto do poste de luz tinha uma porta dobrável e uma lista pendurada no que restou de uma corrente. Eu estava nervosa tentando empurrar a cadeira de Arty para dentro da cabine, e tive que puxá-lo para fora três vezes antes de conseguir centralizar as rodas. “Calma, cabeça de minhoca.”

“Estou com aquela sensação engraçada de ter pelos, Arty.”

“É arrepio, cara de bunda. Está com medo de ficar aqui fora no grande mundo mau. Suba. Tem uma moeda aqui em algum lugar.”

A moeda estava embrulhada em um pedaço de papel.

“O número está neste papel.”

Subi na cadeira dele e examinei o telefone.

“Me dê o telefone.” Ele o encaixou entre a orelha e o ombro enquanto eu punha a moeda no compartimento e começava a discar.

“Nunca usei um telefone, Arty. E você?”

“Preste atenção nos números.”

Então eu ouvi o primeiro toque.

Meia hora mais tarde, Arty estava limpo e rosado, deitado de bruços na mesa de massagem. Passei o óleo nas dobras de sua nuca, espalhei até a cabeça lisa e redonda, e então em direção aos músculos dos ombros e da coluna. Os olhos dele estavam cravados na parede.

“Com quem você estava falando? E sobre o quê?”, perguntei.

Suas nadadeiras se abriram ligeiramente e os ombros se moveram num gesto de desdém sob minhas mãos.

“Deixa para lá, cuzona. Apenas massageie.”

Tínhamos comprado recentemente uma van grande e nova. Pela primeira vez, as gêmeas e Arty tinham quartos separados. Chick dormia em um sofá-cama embutido. O armário embaixo da pia era maior que o da velha van e mamãe o havia pintado por dentro com um azul forte chamado “Simbá”.

Acho que a van era parte dos lucros das viagens de papai e Chick, mas o show crescia e ia bem. Cada cidade em que nos apresentávamos parecia abrigar um novo artista que aparecia em nossa porta implorando ao papai por um teste. A van nova tinha uma mesa de massagem de couro bordô no quarto de Arty. Ele insistiu em cobrir suas paredes com tecido cor de vinho. Não sei de onde ele tirou essa ideia.

Papai e Chick chegaram de táxi no dia seguinte, quando mamãe preparava o almoço. Era um sábado quente e o parque estava lotado. Papai parecia cansado e bravo. Chick ficou sentado no colo das gêmeas, comendo manteiga de amendoim e geleia. Papai só quis chá gelado.

“O que aconteceu, Al?”, minha mãe perguntou.

“Uma coisa horrível, Lily.” Ele balançou a cabeça. “Não sei o que pensar. Nós nos registramos no hotel e eu fui dar uma olhada por lá enquanto Chick

cochilava no quarto. Depois o levei ao restaurante, e nos preparávamos para fazer o pedido quando três funcionários e um auxiliar da gerência nos abordaram e nos levaram a um escritório no saguão, onde pediram nossos documentos. Foram muito educados, e eu me comportava como um cidadão perplexo, mas cooperativo, quando o chefe da segurança entrou. Ele me encarou com um olho que parecia a bunda de um peixe e disse: ‘Ouvimos falar de você, senhor. Ouvimos muitas coisas’. Eles me tiraram do hotel imediatamente e disseram que eu não era bem-vindo em nenhuma de suas novecentas filiais de espeluncas. O que acha? Nem olharam para Chick, mas decidiram que eu era um batedor de carteiras e usava a criança como disfarce. Cometi algum deslize, mas não sei qual.”

Arty ouvia com uma expressão preocupada, mas em silêncio. Ele não precisou falar nada.

Aquele foi o fim da carreira de Chick como batedor de carteiras. Papai decidiu “pensar melhor”, como ele mesmo disse.

Demorou um pouco para que meu pai voltasse a pensar em Chick com alguma seriedade. Um dos engolidores teve uma infecção por causa das queimaduras na boca, e papai passou semanas em seu pequeno trailer-oficina trabalhando em uma pomada de queimaduras.

As gêmeas começaram a compor e fizeram muita birra porque papai não as deixava tocar as próprias músicas em sua apresentação.

“Clássicos. É assim que as pessoas chamam. Atenham-se aos clássicos”, papai dizia. “Se tocarem alguma coisa que eles nunca ouviram antes, como vão saber se estão tocando bem ou não?”

Horst comprou um felino novo só para distrair Elly e Iphy desse ressentimento. Era um filhote de leopardo que fora resgatado de um zoológico de beira de estrada, e Chick, eu e as gêmeas pegamos micose por brincar com ele. Papai adorava curar as coisas, mas Arty não chegava nem perto de nós. Ele usou a micose como uma desculpa para abandonar o novo quarto e começar a dormir no camarim do palco atrás de seu tanque. Nunca mais voltou a morar na van da família. Só passou a comer com a gente depois que a micose foi superada, mas sua vida real se tornou privada. Ele passava seu tempo na “coxia”, como chamava o quarto atrás do tanque. Papai pôs um guarda no lugar e se queixou da despesa extra.

Mariposa, a dançarina da barraca de variedades, integrava o Fabuloso Circo Binewski desde que era um bebê. Ela fazia ginástica pendurada pelos dentes em uma estaca de seis metros presa ao arreio de uma égua branca e trotadora

chamada Schatzy. Mariposa tinha nariz de pug e um sorriso largo, e Crystal Lil gostava dela.

Quando Mariposa enfiou a cabeça no vão da porta da van durante nosso almoço, mamãe a convidou para entrar e comer com a gente. A dançarina recusou, disse que estava ensaiando algo novo. “Mas eu queria que você fosse ver meu giro, Lily. Para dar sua opinião.”

Mamãe, Chick e eu entramos na tenda perto do fim do show, quando a valsa de Strauss anunciava a entrada de Schatzy e de Mariposa, e ficamos no corredor entre as arquibancadas. Schatzy era velha, mas orgulhosa e leve. Ela arqueava o pescoço e erguia a cauda como uma bandeira enquanto rodopiava pelo ringue.

Lá em cima, perto das lâmpadas e da estrutura, Mariposa, em uma fantasia vermelha, se alongava, contorcia e girava, pendurada pelos dentes na estaca que balançava assustadoramente com os movimentos de Schatzy.

Subo em uma caixa para enxergar, e mamãe acomoda Chick sobre um lado do quadril para que ele possa ver. Embora tivéssemos uma visão clara no momento em que Mariposa caiu, nunca soubemos exatamente como aconteceu.

Ela começou a balançar as pernas, preparando-se para uma parada de mão em cima da estaca. Ou perdeu o timing por uma fração de segundo, ou Schatzy mudou o ritmo. De repente, a figura vermelha se soltou e caiu. Ela bateu nas costas de Schatzy, que ainda trotava, e a égua parou.

No silêncio daquele instante de respiração presa enquanto a plateia se preparava para explodir, a voz de Chick soou estridente. A cabeça ativa e longa de Schatzy relinchou de um jeito horroroso no picadeiro.

Mamãe pôs Chick no meu colo e correu para o ringue. Papai já estava lá, abaixado ao lado dos corpos em sua calça branca de montaria. Eu queria ver, mas Chick, ao meu lado na caixa, enchia meus braços e meu rosto com sua gritaria. A boca pendia flácida, os olhos vertiam água e a voz terrível ecoava. As pessoas passavam por nós para deixar a lona, a multidão evacuando o local. Com todo o barulho, não ouvi o tiro que pôs fim ao sofrimento de Schatzy, mas soube que acontecera porque Chick interrompeu o choro de sirene, limitando-se a soluços contidos.

“Dói”, ele chorava. “Dói.”

Eu o tirei da caixa e o levei, ainda soluçando, por entre as pernas que se moviam e então para fora da lona, em direção à nossa van.

Mariposa havia quebrado a pélvis e um tornozelo, mas Schatzy sofrera uma fratura irrevogável de coluna. Deitei na cama de Chick e o abracei enquanto ele soluçava. Ele ainda chorava quando pegou no sono.

Naquela noite, e durante todo o dia seguinte, Chick não andou. Não comeu. Não saiu da cama, não trocou de roupa e não cumpriu suas tarefas. Ficou

encolhido embaixo dos cobertores, olhando para a parede. Se mamãe o virava e segurava seu rosto para falar com ele, Chick começava a chorar. Se papai o pegava e embalava, as lágrimas corriam. Quando Arty chegou e fez uma careta ameaçadora, ele o encarou com os olhos bem abertos e em silêncio, até Arty ficar constrangido e se afastar.

Dois dias depois da queda de Mariposa, papai decidiu que Chick precisava de uma dose do Bálsamo Beneficente dos Binewski e fez mamãe segurá-lo enquanto ele enfiava a colher com a substância escura entre seus dentes. No dia seguinte, já tarde, enquanto todos nós trabalhávamos na área dos shows, Chick finalmente disse à mamãe que ele poderia ter segurado Mariposa quando soube que ela ia cair. Mas a deixara cair com medo de que mamãe ficasse zangada se ele movesse uma pessoa. Mamãe lhe deu permissão para salvar qualquer pessoa de dores ou acidentes. Chick então bebeu um pouco de suco e voltou a comer depois de um tempo. Mas, depois disso, nunca mais comeu carne. Nenhum tipo de carne.

Aos cinco anos de idade, Chick vivia de milho e manteiga de amendoim e mais compreendia o inglês do que, de fato, conseguia usar. Aprendia depressa, e sua coordenação para mover coisas era muito melhor do que sua habilidade física propriamente dita. Ele não sabia amarrar os sapatos com as mãos, mas era capaz de executar todos os complicados nós de marinheiro de Horst — de uma cabeça de turco a um punho de macaco — só de olhar para a corda.

“Meus dedos não fazem o que eu quero que façam”, ele me disse. Estava tentando escrever “Com amor, Chick” em uma horrível pintura com aquarela, um tigre que ele tinha feito para a mamãe. Ela sempre gostava quando Chick fazia coisas com as próprias mãos. Arturo debochava dele por isso. Arty deduziu que ele só usava as mãos quando havia desconhecidos por perto. A frase de Arty era: “Está agindo como um bosta normal”. As gêmeas não debochavam. Elas mimavam Chick e lhe ensinaram a ler.

Estava ficando evidente que Chick só tinha uma ambição: ajudar todo mundo para ser amado. Aí começava meu problema. Chick me fazia comer poeira no quesito servilismo. Podia fazer tudo melhor do que eu e nunca tecia comentários maldosos. Era um pirralho adorável.

Naquele inverno, os shows não atraíram grandes plateias. Os negócios eram sólidos, mas todo mundo tinha tempo para pensar e cochilar. Dar tempo ao papai para pensar, como Arty dizia, era como atirar a esmo em uma fábrica de fogos de artifício. As chances favoreciam resultados dramáticos.

Arty estava pendurado de cabeça para baixo em sua barra de exercícios, fazendo flexões.

“Papai e Horst estão ensinando Chick a jogar”, anunciei.

Arty fez mais duas flexões antes de perguntar: “Que jogos?”.

“Roleta e dados.”

Ele sorriu para o próprio umbigo. Estava se dedicando à ginástica, suando muito. Depois de uma última flexão, ele agarrou a barra com os dentes, se encolhendo para que as nadadeiras dos ombros conseguissem manipular as fivelas que prendiam sua bacia aos arreios. Depois ele se estendeu, soltou a barra e aterrissou rolando.

Rastejou até o banco do supino e, enganchando as nadadeiras sob as correias, inclinou-se para trás, enrijecendo o abdome enquanto as nadadeiras alternavam tensão e relaxamento para levantar os pesos de cada lado. Ele começou a rir alto, vendo os pesos subindo e descendo na extremidade das nadadeiras de veias azuis e tendões brancos.

“Temos sorte, sabe?”, disse, entre risos. “Papai tem cérebro de batatinha.” Gargalhava deliberadamente, coordenando a respiração com os movimentos. Vi sua barriga definida fazer aquela ondulação sedutora, atenuada pelo ritmo adicional das gargalhadas.

“Papai é um gênio”, eu rebati com vigor. Era a doutrina Binewski.

“Rá, rá, rá!” A barriga de Arty se movia. Havia deboche em seus olhos. Eu estava acostumada com essa atitude, mas não em relação ao papai. Ele queria me chocar. “Se o papai tivesse descoberto o fogo”, Arty respirava no ritmo do levantamento dos pesos, “pensaria que a coisa serviria para ele enfiar na boca e impressionar uma plateia... se ele tivesse inventado a roda... a teria deitado no chão... montado um carrossel em cima dela... e decidido que era só isso mesmo... se descobrisse a América... teria ido para casa sem pensar nisso... porque não teria visto nenhuma barraquinha de cachorro-quente.”

Sentei com a corcunda apoiada na parte de trás do grande tanque de Arty. O cheiro de cloro da água entrava e saía dos meus pulmões.

Al calculou que seis ou oito semanas seriam suficientes para Chick estrear como um grande jogador. Os dois passavam horas todos os dias com Horst, nossa enciclopédia residente de sofisticação, e Rudy, o Ciclista. A experiência de Rudy supostamente abrangia um período como jogador profissional de bridge que havia chegado ao fim quando sua ética pouco firme foi revelada, e ele foi informado de que, se algum dia voltasse a pegar num baralho, perderia as duas mãos. Rudy havia se refugiado na obscura Barraca da Roda e no conforto de sua pequena e alegre esposa. A sra. Rudy se dedicava a dobrar folhas de papel no

formato de pássaros, peixes, girafas e outras formas intrigantes. Não podia trabalhar no parque, pois, discreta, se recusava a tingir os cabelos sem graça de vermelho, mas ajudava por ali de várias maneiras.

Evidentemente, Chick não podia vestir um smoking alugado e beber seu achocolatado em taças nos cassinos pelo planeta. Isso, como furtar carteiras, era algo que tinha que ser feito de longe. Não conheço o procedimento. Papai não era sigiloso a respeito, apenas não entrava em detalhes. Nunca. Al tinha um pequeno microfone de lapela ligado a um transmissor, e Chick tinha um receptor através do qual meu pai dava as instruções.

O horário do treino era cedo, logo depois do café da manhã, o que reduzia o tempo da minha aula de voz ou a eliminava. Eu tinha um gravador para usar quando papai não podia estar presente, mas sabia que as fitas se acumulavam em uma caixa de charutos na mesa dele e que papai nunca as escutava.

Chick sabia que eu estava aborrecida e que Arty estava furioso. Mas não podia evitar a própria felicidade por todo o tempo que papai passava com ele e fazia o possível para nos compensar por isso.

Ele descobriu um jeito novo de limpar o tanque de Arty. Em vez de ficar olhando um par de escovas e uma mangueira de esterilização dentro do tanque, Chick parava na frente do recipiente cheio e removia todas as células, provavelmente cada molécula que não deveria estar lá. O verde no vidro desaparecia em faixas largas e retas, como trigo varrido por uma ceifeira. Quando Chick terminava, o tanque estava tão limpo que era quase invisível. Uma nuvem redonda e esverdeada pairava sobre ele. Chick piscava para a nuvem e ela flutuava por cima do palco em direção à porta aberta do banheiro. Depois de um barulho característico de água, a gente ouvia o ruído da descarga.

Arty e eu estávamos sentados no banco de exercícios, porque Chick havia chegado anunciando seu “jeito novo”. Boquiaberta, pensei em deixar que Chick cuidasse das minhas tarefas de limpeza. Arty olhava diretamente para Chick, cujo sorriso orgulhoso começava a enfraquecer e a se transformar em dúvida.

“Exibido”, Arty disse em voz baixa.

O rosto de Chick se contraiu. “Não era essa a intenção, Arty. Me desculpe.” Arty pulou para o chão e rastejou até seu quarto, batendo a porta ao entrar.

Por razões óbvias, “exibido” não era um insulto em nossa família, mas Arty tinha um jeito próprio de transformar “amorzinho” em um dedo no olho.

Fiquei sentada olhando para Chick. Sabia o que ele sentia. O grande e efervescente saco de amor que preenchia seu corpo havia acabado de explodir, e o colapso era devastador. Pobre bobinho. Era apenas um bebê. Ele se abaixou junto ao tanque com um lado do rosto suave apoiado no vidro frio em busca de conforto. Não ousava olhar para mim procurando piedade. Não chorava. Apenas

permaneceu ali abaixado e sofrendo.

Olhei para a porta de Arty. Ele ouvia o rádio bem alto. Levantei e me aproximei de Chick. Os olhos dele se encheram de lágrimas medrosas. Ele achava que eu ia beliscá-lo ou quealaria alguma coisa cruel. Isso provava que não conseguia ler pensamentos. Eu o abracei. Aproximei o rosto de sua orelha. Ele passou um braço em torno do meu pescoço. Cochichei: “É um jeito ótimo de limpar”.

“Mesmo?”, sussurrou. Dava para ouvir as lágrimas em sua garganta.

O bobinho era, supostamente, muito sensível. Como não percebeu antes? Tudo o que ele precisava fazer para me fazer gostar dele era *precisar* de mim. Tudo o que tinha que fazer para Arty gostar dele era cair morto.

Papai e Chick partiram em meio a uma grande comoção. Todos nós fomos com Horst levá-los ao aeroporto. Não consigo lembrar onde estávamos, apenas que não era em Atlantic City, porque era para lá que papai e Chick iam. Eles planejavam ficar cinco dias, uma viagem longa, mas papai queria inserir Chick no jogo de um jeito lento e delicado. Chick sabia que tinha uma piscina no hotel. Chick tinha certeza de que ia aprender a nadar como Arty. Arty ficou encantado quando ouviu isso, é claro.

Naquela noite, o show terminou em paz, mas quando Lil foi abrir as gavetas dos caixas na manhã seguinte, descobriu que toda a renda dos dois dias anteriores — cerca de vinte mil dólares — havia desaparecido. Os alarmes foram cortados, e o cofre, que nem era dos mais seguros, havia sido estourado como um melão na calçada. *Plastique* antiquada, constatou Horst, e muito mal preparada.

Horst foi ao aeroporto buscar meu pai e Chick na manhã do sexto dia. Papai tinha voltado para casa muito mal na última vez que eles saíram para furtar carteiras. Desta vez, ele parecia o reto da morte. Abraçou todos nós com fervor, o que era estranho, porque ele não largava Chick e o carregava o tempo todo. O próprio Chick estava pálido e imóvel, e não sorria.

Papai desabou em sua poltrona com Chick no colo. Nós, os filhos, nos ajeitamos discretamente enquanto mamãe mexia na geladeira e Horst acendia seu cachimbo.

“Vocês parecem exaustos.” Mamãe ria.

Papai olhou em volta, estudou nossa expressão de expectativa, e tive medo de que ele nos mandasse sair para falar só com mamãe e Horst. O ruído de cubos de gelo o distraiu, e ela lhe estendeu um copo de sua famosa limonada.

“Al, quero que Horst explique sobre o cofre”, mamãe começou.

Horst tirou o cachimbo da boca, mas papai falou primeiro. “Lily, eu preciso contar. Horst, tenho que desabafar. Não sei o que pensar.”

Horst brandiu o cachimbo, mas mamãe retorceu as mãos num gesto nervoso. “Está doente? O que aconteceu?”

“Quase perdi Chick. Foi isso o que aconteceu.” Chick choramingou no peito de papai e ganhou um afago. “Não. Eu não ia perder você de verdade, querido. Está tudo bem.”

Fiz uma careta para Arty, mas ele estava empoleirado em seu sofá-cama, observando papai, e não notou.

Papai demorou um pouco para contar tudo. Ainda não havia organizado os fatos em uma história. No começo, ele disse, foram com calma.

“Não fiz nenhuma aposta na primeira noite. Só observei e o deixei praticar. Dei algumas vitórias para aqueles que tinham uma cara boa e causei sofrimento nos burros e idiotas. Foi divertido despachar um pobre motorista com os bolsos mais cheios e a esposa magrela pendurada em seu braço pensando: ‘Sapatos para o Júnior’. Depois observar seus olhos embaixo do lustre e dizer ‘vermelho 26’ no botão da minha lapela, pagando a hipoteca deles, e então cochichar ‘vermelho 19’ e mandar o filho caçula do casal para a faculdade em vinte minutos de roleta. Os gorduchos com dentes de diamantes estavam passando mal. Fiquei lá por um tempo, e de repente perdemos a comunicação. Quase morri de medo. Nada. Procurei um canto vazio e praticamente gritei no microfone, mas a roda continuou girando sem nenhuma interferência. Corri para o elevador pensando que o receptor tinha quebrado, que ele estava passando mal ou brincando com fósforos. Um milhão de coisas. Mas o pestinha tinha dormido na cadeira com o receptor no colo. Estava dormindo. Pus o pijama nele e o coloquei na cama, e ele nem fez xixi. Com a viagem e todo o resto, estava exausto. Ele nunca tinha feito isso antes...”

Eles tinham ido bem por duas noites.

“Eu estava com quarenta mil no caixa, e Chick comia pretzels macios, boiava na piscina todos os dias e começava a aprender a bater as pernas. Então, na quarta noite, eu estava na rua. Não é brincadeira, Horst. Três quarteirões. Três quarteirões longe do quarto de hotel e o garoto ainda mantinha o poder. Tudo bem. Só o levei lá uma vez, e ele não teve problemas. Nem com a multidão, nem com a distância, nada. Então, eu estava apoiado na mesa, cumprindo a rotina da rodada, quando aquele punk de moletom vermelho carregando uma raquete de tênis parou ao meu lado. Ele ficou lá durante um tempo, só olhando, e juro que eu me mantive plácido como vidro, Horst. Mais liso que ranho na pedra. Ninguém poderia desconfiar. Pela aparência, o punk de moletom poderia ser um

boxeador. Ombros largos, quadril estreito. Pernas finas. Ele toca meu braço e diz: ‘Está indo muito bem, sr. Binewski’. Ele me chamou de Binewski quando eu viajava como Stephens. Um jovem. Aparência limpa. Cabelo curto, rosto de bumbum de nenê. Loiro. Me diga, Horst, que merda eu deveria ter feito? Devia ter dito: ‘Você está me confundindo com outra pessoa. Me chamo Stephens’. Ele me afastou da mesa, me puxou pelo braço e me conduziu para o saguão, dizendo: ‘Excelente rodada, sr. Binewski’. E eu pensei que era algum segurança da casa. O pessoal do Tahoe devia ter delatado para todos os hotéis do planeta. Ele diz: ‘Como vai o garotinho?’. Doce como cianeto, ele continuava me levando dali. Quando passamos pela porta, finalmente pergunto: ‘Você trabalha para o hotel?’. E ele responde: ‘Não, faço parte de uma organização maior’. Não foi claro, entende, Lily? Quando os seguranças do lugar me puseram para fora antes, não tinha nada de misterioso naquilo. Mas eu não queria falar grosso nem entrar em pânico, porque Chick poderia ouvir e ficar assustado. Então, o cara perguntou onde estava Chick. Respondi que ele estava dormindo. E ele insiste: ‘Tem certeza?’. Simplesmente comecei a correr. Saí e corri três quarteirões, deixando as fichas em cima da mesa. Tive nove infartos até voltar ao quarto, mas Chick estava lá, tranquilo na frente de um filme antigo que passava na ^{TV}, comendo um sanduíche de pepino e trigo, com o receptor silencioso em seu colo. Quase morri de alívio. Fiz um carinho na criança e me sentei para examinar meu transmissor. Finalmente percebi que estava mudo. Tinha algum problema, ou havia sido sabotado. Estava mexendo no equipamento quando Chick olha para mim e diz com a boca cheia de comida: ‘Aqueles outros homens vêm vindo’. E eu pergunto como um idiota: ‘Que outros homens?’. Então a porta se abre e três homens entram. Chick os ignora e começa a comer as fatias de cenoura do prato trazido pelo serviço de quarto. Eram jovens. Daqueles que aparecem na primavera procurando emprego e juram que vão ficar para sempre, mas falam um bom inglês, têm dentes perfeitos e você sabe que vão voltar para a faculdade em setembro, porém você os acaba contratando de qualquer forma, mesmo com os erros que cometem e as bobagens que fazem, e a cada dois anos um deles decide sindicalizar os empregados para tentar induzi-los à greve. Mas eles trabalham duro, são animados e mantêm a cabeça vermelha em efervescência.”

Papai respirou fundo e parou. Horst grunhiu com o cachimbo na boca para incentivá-lo a continuar, e mamãe se levantou para encher novamente o copo com limonada. Ele bebeu um gole e suspirou.

“Foi muita idiotice não levar você comigo, Horst. Esses rapazes entraram no quarto com aquele jeito de universitários, e um deles tinha uma metralhadora que parecia aquelas pistolas de CO₂ que usávamos nos felinos da vizinhança. Ele aponta aquela coisa para mim e eu fico lá sentado como um capão geek, de boca

aberta, enquanto Chick mastigava cenouras ao meu lado. O garoto armado começa a falar ‘Ei, sr. B.’ com aquele sotaque das ruas, e um dos parceiros dele entra no lavabo e abre a torneira da banheira até o fim. O terceiro rapaz pega o transmissor da minha mão e arrebenta o fio do microfone quando o arranca da minha lapela. Me leva até a parede e me faz abrir os braços e as pernas para me revistar. O outro sujeito entra, o de moletom vermelho do cassino, e Chick aumenta o volume da televisão. Acho que ele não podia ouvir nada com toda aquela confusão. E eu continuo com as mãos na parede, olhando para trás. O babaquinha empurra minhas costas para não me deixar sair de lá e o punk de vermelho assente, entra no banheiro e fecha a torneira, e o que estava lá dentro sai e aponta para Chick com um movimento de cabeça. O que vestia vermelho e carregava a metralhadora se apoia na parede ao meu lado, enquanto o outro pega Chick, sem mais nem menos, e eu me viro, gritando. Os outros dois me seguram e me empurram contra a parede. Só então Chick percebeu que tinha alguma coisa errada. Ele gritou e cobriu a boca. O filho da mãe enrola um cinto nos meus cotovelos e prende meus braços atrás das costas, e o outro babaca enfia um par das minhas meias na minha boca enquanto aponta a arma para a minha cabeça. Eles me empurram para a porta do banheiro e o cara de vermelho dá uma ordem, e o que está segurando Chick o coloca na banheira cheia, de roupa e tudo. Há um pano cobrindo a boca de Chick e...”

Papai faz uma pausa para beber a limonada e secar o suor do nariz, da testa e do rosto. Mamãe está paralisada, olhando para ele.

“Chick está submerso até o pescoço, com os olhos arregalados voltados para mim sobre a mordaca, então o sujeito de vermelho chega perto de mim e diz: ‘Então, sr. B., isso é para mostrar quanto esta mensagem é sincera’. E ele me manda ficar longe das casas de jogo. Diz que estou pisando em terreno minado, que devo ir para casa e ficar quietinho. Em seguida o sujeitinho rastejante acrescenta: ‘E vamos mostrar como poderia ser, se não entender nosso recado’. Então ele assente para o homem que está segurando Chick e ele começa a empurrá-lo para baixo. Chick está olhando para mim, esperneando e se debatendo, e eu pulo, mas não sei o que aconteceu. Devo ter esbarrado no homem, porque ele caiu em cima da banheira e bateu na parede. Chick foi para o fundo, e os outros filhos da mãe estavam me batendo. Quando dou por mim, estou sentado na banheira puxando Chick para cima, enquanto um cretino se aproxima de mim com a arma molhada. Seus dois parceiros estão cuidando do cara no chão, o que empurrou Chick para o fundo. Ele perdeu a consciência e tem sangue saindo do nariz e das orelhas. Os dois o puxam para a porta, e o que está armado vai atrás deles. A última coisa que ele diz é: ‘Falo sério, sr. B. Nada de jogos. Nem aqui, nem em outro lugar’. Os filhos da mãe levaram o dinheiro.

Encontraram na minha meia. Nem se incomodaram com a carteira. Sabiam que eu não ia chamar a polícia. Chick chorou a noite toda.”

Papai fechou os olhos e abraçou Chick, que agora estava dormindo. A voz da minha mãe era rouca e confusa. “Chick não teve medo deles?”

Al não respondeu. Olhei para Arty, que encarava o teto com uma concentração feroz. Eu sabia como se tivesse estado lá. Chick não havia chorado de medo, mas porque movera e machucara o homem quando o jogou contra a parede.

Mamãe mandou todos nós para fora para deixar o papai cochilar.

Era uma manhã cinzenta com um céu baixo. Quando vesti o suéter, Elly e Iphy tinham afivelado Arty na cadeira e o empurravam pelo corredor atrás da área de shows, conversando com ele. Corri para alcançá-los. Com voz dura, Elly questionava: “Como fez isso com eles, Arty? Eu sei que fez. Quero saber como”.

Arty balançou a cabeça, negando. Iphy se inclinou para a frente e tocou o pescoço dele com delicadeza. “Arty, o Chick estava péssimo. E o papai também. Por que você odeia o Chick? Não devia...” Elly deu um tapa na mão dela.

Alcansei os três, segurei um braço da cadeira e fui andando com eles pelo caminho de terra. “Não é culpa do Arty”, protestei.

Elly bufou para mim e empurrou a cadeira mais depressa. Iphy balançou a cabeça com pesar. “Você não sabe, Oly.”

“Pelo amor de Deus!” Arty se irritou. “Oly, chame o papai. Vá buscar o papai!”

“Não se atreva a incomodar o papai agora”, Elly disse para mim. Eu seguia pulando e correndo ao lado deles numa indecisão perplexa. Arty esticou o queixo para o bastão de controle da cadeira, mas Elly tocou seu ombro e o puxou para trás, segurando-o. “Fique quieto. Vamos levar você para dar uma volta.”

“Bom dia, crianças!”, cumprimentou o guarda.

“Bom dia”, respondeu Elly. Os shows estavam demorando para começar. Deveria chover, e as ruivas estariam bocejando em suas carroças.

“Leve-me para o palco”, Arty ordenou, olhando para mim.

“Por aqui, Elly, Iphy”, apontei, voltando alguns passos para indicar o caminho. Elly comprimiu os lábios e andou mais depressa com Iphy sem mudar de direção, determinada. Quando os alcancei de novo, eles estavam na rampa atrás da montanha-russa Rato Maluco, que agora se encontrava deserta. Arty se virou nas correias para olhar para as gêmeas. “Suas estúpidas de merda!”, rosnou.

Elly riu. “Está com medo, Arty?”

“Elly, não”, chorei. “Iphy, não deixe!”

As rodas da cadeira de Arty estavam sobre os trilhos do carrinho da Rato

Maluco. Elly e Iphy plantaram os tênis brancos entre os trilhos, flexionaram as costas e empurraram a cadeira, subindo a rampa inclinada. Os carros da Rato se prendiam a um guincho puxado por uma corrente que era movida pelo centro dessa inclinação e os levava até o ponto mais alto, onde a gravidade se encarregava de conduzi-los, com seus passageiros gritando, pelas descidas e curvas, com as mãos suadas dos clientes agarrando as barras de segurança.

“Por favor, Elly!”, berrei quando a terra úmida deslizou atrás de mim. Eu não conseguia ficar em pé nos trilhos, mas ia subindo engatinhando, tremendo quando olhava para baixo, além da corrente preta engraxada com seus dentes pesados voltados para a grama e para a lama lá embaixo. Imaginei os tênis das gêmeas acima de mim, escorregando, tropeçando, enroscando, e elas se agarrando à grade e largando a cadeira, que, em câmera lenta na minha cabeça, tombava para trás sobre as grandes rodas traseiras, passando por cima das gêmeas caídas e batendo no chão em um ângulo torto, de forma que a estrutura de alumínio com sua carga presa por correias ia descendo os dez, agora doze, agora quatorze metros, até mergulhar na lama.

“Arty?”, gritei agarrada à grade.

O sibilo de Elly chegou aos meus ouvidos. “Cale a boca.”

Eu me abaixei e olhei para cima, para os quadris largos e as pernas finas dando impulso em seus tênis. Elas estavam muito perto do topo.

“O que vocês querem?” A voz de Arty se ergueu aguda e frágil no ar cinzento. As gêmeas pararam de empurrar e ficaram apoiadas na subida íngreme. A voz de Iphy arfava por causa do esforço. “Você tem que deixar o Chick em paz, Arty.” E o tom neutro de Elly: “Você precisa entender que as coisas podem acontecer com você também, Arty”.

“Vão à merda. Vocês duas”, ele se irritou.

“Tudo bem.” Elly empurrava de novo. Iphy se inclinou na encosta e firmou os pés no chão. A cadeira rangeu nos trilhos.

“Tratem de me levar lá para baixo!”, Arty berrou. “Você vai morrer, Elly Binewski. Vou moer sua bunda!” A voz ampla flutuava fina no ar, e tudo o que eu conseguia ver eram as beiradas das rodas além das pernas das gêmeas. Eles estavam no topo da subida.

“É sério, Arty”, Elly cochichava com voz rouca. “Iphy não seria capaz de me fazer parar, e você sabe disso.”

Iphy interferiu: “Ah, Arty, a gente nunca ia te machucar. Elly te ama. Mas você precisa entender”.

“Tudo bem. Concorde.” Arty reagiu muito depressa.

Elly o conhecia. “Não é tão fácil, irmão.”

Da minha posição paralisada nos trilhos, eu vi a metade de Elly se

levantando de repente ao lado da parte encurvada de Iphy. Os braços dela se ergueram, como se estivessem saudando uma plateia.

“Segure!”, gritou Iphy, seus ombros curvados desaparecendo quando a cadeira de rodas deslizou para a frente, ficando pendurada na beirada da descida. Apenas as longas mãos de Iphy a seguravam agora.

“Não! Eu desisto! Eu me rendo!” Arty chorava.

Atrás de nós, lá embaixo, ouvimos o grito horrorizado.

“*Desçam daí agora*, seus filhos da mãe idiotas!” Era o guarda de segurança, Marine, que olhava para nós do chão, em choque.

Elly abaixou os braços e se agachou ao lado de Iphy, segurando a parte de trás da cadeira de rodas novamente. “Tudo bem!”, ela berrou. “Estamos indo!”

Um pé de tênis escorregou lentamente, desceu alguns centímetros, depois o outro, movendo-se na minha direção. Eu recuava assustada, tão aliviada que poderia ter vomitado, enquanto os ombros largos do guarda lá embaixo balançavam para a frente e para trás, os braços estendidos para nos amparar, caso caíssemos, sua voz retumbando, anunciando que nosso velho arrancaria seu couro e seu emprego se caíssemos daquela maldita montanha-russa enquanto ele estivesse de plantão, e ele *sabia* que não poderíamos querer nada disso, então o guarda ficou ali até estarmos todos no chão, tranquilos e relaxados, acenando para ele. Arty em silêncio, Elly e Iphy sorrindo com doçura.

Arty me fez levá-lo até seu palco, tirá-lo da cadeira e deixá-lo sozinho. Ele não dizia mais nada.

Fiquei furiosa quando saí e vi as gêmeas se afastando para ensaiar suas partituras. Fui atrás de Elly e olhei para ela com minha cara mais feia. “Você tentou matá-lo.”

Iphy interferiu estendendo a mão para mim como se fosse me abraçar. “Oly, ela não fez cócegas em mim ou algo do tipo. Apenas soltou.”

Elly a puxou e disse para mim: “Você é o cachorrinho do Arty! Ele poderia matar todos nós, e você continuaria lá, segurando a toalha para ele”. E as duas foram embora.

Papai tomou alguns comprimidos da mamãe e dormiu pelo resto do dia e a noite toda. Os shows foram encerrados às nove da noite e o acampamento foi fechado às dez. Mesmo com a porta do meu armário fechada, eu podia ouvir os roncoss de papai. Era lamentável. Eu não suportava ouvi-los.

Saí do armário na minha camisola de flanela e passei pela porta descalça para andar pelas trilhas de barro duro além das vans e dos trailers. Havia luz nas janelas das ruivas, mas eu queria Arty.

O guarda na escada da parte de trás do caminhão-palco acenou com a

cabeça quando entrei. Estava quente e úmido no escuro. O tanque de água aquecida fazia dos bastidores uma área tropical.

Eu bati e Arty berrou: “Sim?”.

Ele estava deitado na cama, lendo, enrolado na colcha de cetim bordô. Deitei ao lado dele.

“Quem você acha que foi?”, perguntei. “Daqueles homens que atacaram o papai.”

Arty olhou para mim por um segundo. Eu estava perguntando, mas não queria saber. Talvez ele houvesse decidido me dar uma lição.

“Lembra do geek do verão passado?” Arty fingiu olhar o livro.

“O menino de cabelo amarelo de Dartmouth?”

“George. Eles eram da fraternidade dele na faculdade.”

Assenti. Arty inclinou a cabeça para coçar o nariz com a nadadeira.

“O rapaz que Chick moveu. Ele se machucou muito?”

Arty balançou a cabeça ligeiramente. “Fratura de crânio. Vai ficar bem. O que me incomoda é que eles pegaram o dinheiro do papai. Isso significa que receberam duas vezes.”

Minha cabeça deu uma volta e retornou para essa expressão. *Dois vezes*. Então, foi Arty quem roubou o dinheiro do cofre, ou providenciou o roubo. Onde ele teria conseguido explosivos? Ou onde poderia ter aprendido a usá-los? Olhei para ele recostado no travesseiro bordô. Arty havia mudado sem que eu percebesse. Estava mais largo. O pescoço era musculoso e sólido sobre o peito forte. Embaixo da camisa fina e sem mangas, seus músculos eram definidos, como sempre, porém estavam maiores, mais volumosos. Até as articulações das nadadeiras pareciam fortes. Onde os três dedos longos das nadadeiras inferiores se dobravam para segurar a colcha, vi um tufo de pelos cobrindo cada junta. Fiquei olhando. Era o único cabelo que eu já havia visto em seu corpo liso como vidro. Soube, então, que ele havia saído e se afastado dali sem mim. Nos últimos meses, eu quase não o vi. Todas as horas de cada dia que havia passado sozinho, ele não apenas fugia das irritações de Chick e das gêmeas e da rivalidade entre eles, mas se aproximava do geek, conversando com pessoas que eu não conhecia, falando coisas que não ouvia, dando telefonemas sem precisar da minha ajuda para discar.

Reclamei. “Pegar o dinheiro foi um ataque contra a família. Assustar o papai foi um ataque contra a família.”

Ele continuou de olhos fechados, mas a cabeça rolou impaciente no travesseiro. “Não em longo prazo.”

Não entendi. Os sons furiosos e fracos da história de papai, o jeito como aqueles pirralhos o afugentaram, Papai, o Valentão, Al, o Chefe, o Dono do

Picadeiro, Papai, o Homem Mais Bonito. Eu me sentia roubada. Meu campeão foi revelado como uma farsa e eu estava constrangida por todos os anos em que me permiti sentir que papai significava algum tipo de proteção. E era culpa de Arty.

Abri a boca para culpar Arty, para gritar. Mas tinha alguma coisa estranha nele. Ele se encolhia lentamente deitado de lado, ficando menor e mais retraído. Seu rosto estava duro como pedra, exceto por um tremor ao lado dos longos e pálidos ovaais de seus olhos fechados. Uma lágrima escapou de uma pálpebra fechada e desapareceu imediatamente na pele marcada por linhas. Fazia anos que eu não via Arty chorar, desde que ele abandonou as birras e adotou a imagem fria e dura que admirava. Mas poderia não ser uma lágrima. Seus olhos se abriram e olharam para além de mim.

“Elly”, ele disse. “Eu poderia matá-la, mas a vadia levaria Iphy com ela. E Chick! Ninguém além de mim consegue enxergar o que ele é? O que vai fazer com a gente? Ele vai acabar esmagando essa família inteira como se fosse um ovo, se não tomarmos cuidado.” Seus olhos se voltaram para mim num gesto suplicante.

“Você está com ciúme”, acusei. “Quer ser a única estrela!”

Ele se jogou novamente sobre o travesseiro. Em qualquer outro rosto, sua expressão teria demonstrado desespero e resignação. “É, você também, eu sei. Ele é bonitinho. Quase um normal. E é inocente. Tão inocente quanto um terremoto. Papai deu a todos nós ordens solenes para guardar segredo quando ele nasceu, mas é ele quem exhibe o Chick e o coloca para trabalhar lá fora, onde as pessoas podem vê-lo movendo as coisas. Não tem ninguém no circo que *não* saiba! Eles se juntam ao grupo em Pittsburgh, desistem em Tallahassee e contam para todos os amigos e para a mulher sentada ao lado deles no ônibus. Quanto tempo, Oly? Quanto tempo antes que os federais venham nos prender em nome da segurança nacional?” Ele está me encarando e gritando.

“Ah, Arty”, a voz saiu suave da minha garganta. Cansada. “Você está apenas inventando desculpas.”

Ele ficou furioso, ergueu o corpo e se equilibrou nas nadadeiras inferiores. Estava tremendo.

“Ei! Alguma vez pensou que talvez eu *mereça* o que tenho? Hein? Elly não é nada. Não arrumaria um emprego em um bar de quinta tocando aquela porcaria sem graça. Tudo o que ela tem é Iphy. Papai deu tudo a elas numa bandeja. E eu? Sabe o que eles fazem com gente como eu? Muros, enfermarias de seis leitos, duas fraldas por dia e uma visita de um Papai Noel com cheiro de naftalina no Natal! Eu não tenho nada. As gêmeas são bizarrices de verdade. Chick é um milagre. E eu? Eu sou apenas um acidente industrial! Mas transformei isso em

alguma coisa... eu! Tenho que trabalhar e pensar para fazer isso. E não esqueça, eu fui o primeiro que vingou. Sou o mais velho, o primogênito, o *Binewski*! Todo esse show é meu, a família inteira. Papai era o mais velho, e ele ficou com o show e com as cinzas do vovô. Antes de mim, estava tudo caindo aos pedaços. Eu sou o responsável por termos voltado à estrada. Quando papai não estiver mais aqui, serei eu. As gêmeas não se importam se atraio um público maior do que elas. Não precisam tocar, dançar ou cantar. Podem sentar em um banco e acenar, atraindo multidões. Elas podem se dar ao luxo de ser tranquilas. Ninguém vai tirá-las de cena. E Chick! Claro que ele é incrível. Essa é a minha maldição. Sou uma aberração, mas nem *tanto*. Sou como você, fodido sem ser especial. Não tem nada único em mim, exceto a inteligência, e a plateia não consegue vê-la. Sabe o que eu odeio? Iphy deveria ser minha. Ela tinha que ser ligada a mim. Papai estragou tudo. Não precisamos de Elly. Se eu fosse gêmeo de Iphy, teríamos alguma coisa. Poderíamos ter feito alguma coisa. Mas minha hora está chegando.”

A chama da energia de sua raiva e desgosto tremulava. Ele se reclinou sobre o travesseiro e uma expressão infantil substituiu o escárnio. Ele estava com medo. As nadadeiras dos ombros se aproximavam, mas nunca se tocavam, nunca se encontravam. Próximas, repousavam como uma oração fracassada sobre seu peito.

Ele ficou ali olhando para o nada, esgotado após drenar o próprio veneno. Cheguei perto dele e me aconcheguei, encostando a barriga em suas costas. Essa era minha recompensa por resistir. Ele nunca pediria meus braços em torno de seu corpo, mas em momentos como estes ele me permitia esquentá-lo, me aquecendo junto dele. Encostei o nariz em sua nuca, respirando com cuidado para que ele não se irritasse. Senti a nadadeira afagando meu braço. Quando ele falou de novo, pude sentir a vibração baixa de sua voz por todo o meu corpo.

“Sabe, Oly? Estou surpreso. Não pensei que seria tão fácil derrotar o papai. Não tão cedo. É meio assustador.”



Felinos: Como alimentamos

Al, o homem mais bonito, parece espantado e grogue em cima de sua primeira xícara de café. O bigode está espetado e desalinhado para combinar com as sobrancelhas despenteadas sobre os olhos com os quais ele nos observa ao redor da mesa. “Que história é essa de terem subido na Rato Maluco com a cadeira de rodas? Hein, queridos sonhos?”

Todos sorrimos de maneira obediente, e Elly cumpre sua rotina “Ah, papai!” para desarmá-lo, enquanto mamãe distribui pratos com o café da manhã e esbarra a manga do quimono na manteiga cada vez que estica o braço sobre a mesa.

Corto a carne de Arty lentamente, enquanto meu peito se enche de um anseio que eu gostaria de derramar pelos olhos e nariz. Acho que é a tristeza comum dos filhos por serem obrigados a proteger os pais da realidade. É algo amargo para os jovens perceber que horrível inocência os adultos podem desenvolver, aquela terrível vulnerabilidade que deve ser escondida do olhar roedor da infância.

Podemos culpar as crianças por se ressentirem contra a fantasia de grandiosidade? Grandes braços macios e vozes profundas no escuro dizendo: “Conte para o papai, conte para a mamãe, e nós resolveremos”. A criança, gritando por refúgio, sente como é frágil o abrigo proporcionado pela cabana de gravetos da consciência adulta. Eles anunciam força, esses pais, e completa proteção. Todo mundo sabe como é desesperada a necessidade de uma criança por essa proteção. Como é profunda e pegajosa a escuridão da infância, como são rígidas as lâminas do mal infantil, que não é adulterado ou contido pelas convenientes almofadas da idade e sua anestesia civilizadora.

Adultos sabem lidar com joelhos esfolados, sorvetes derrubados e bonecas perdidas, mas se suspeitassem dos verdadeiros motivos pelos quais choramos, nos jogariam de seus braços em repulsa horrorizada. Mas somos pequenos e tão apavorados quanto apavorantes em nossos apetites ferozes.

Precisamos dessa calorosa estupidez adulta. Mesmo conhecendo a ilusão, choramos e nos escondemos no colo deles, falando apenas sobre pirulitos que

caíram ou ursinhos perdidos, e ter um pirulito ou um ursinho é algo digno de conforto. Nós nos contentamos com isso, em vez de enfrentar sozinhos as profundezas cavernosas do nosso crânio para as quais não há remédio, nem segurança, nem conforto. Sobrevivemos até que, por pura estamina, escapamos para a sombria inocência da nossa maturidade e seu esquecimento.

A sombra persistia nos olhos de Chick, e uma opacidade, uma espécie de névoa, se instalou nele. Acho que ele nunca superou totalmente o fato de ter machucado o valentão gordo. Chick estava maluco com isso. Alguma coisa em sua química se misturou ao jeito como a família o treinava. Ele foi tão retorcido que tinha mais medo de ferir outra pessoa do que ele mesmo, mais medo de matar do que de morrer. Daquele jeito entorpecido e burro de saber as coisas, Chick entendia a decepção de papai e se culpava por isso.

Papai passou a ter episódios de depressão, durante os quais costumava ficar sozinho em lugares estranhos na companhia de uma garrafa. No auge de uma bebedeira de dois dias, encomendou pôsteres para um número da “Criança Mais Forte do Mundo”, mas desistiu da ideia durante a ressaca. Às vezes, Horst, as gêmeas ou eu fazíamos uma sugestão para tentar animá-lo.

“Que tal esportes?”, eu perguntava. “E se um saltador com vara tiver um impulso do Chick no momento certo, e você tiver apostado no homem? E se uma bola levar um empurrãozinho em direção ao gol?”

Mas papai balançava a cabeça e batia na minha corcunda. “Oly, minha pombinha, seu avô me falou há muito tempo, e eu devia ter lembrado. Ele costumava dizer: ‘Se você não se meter com o macaco, o macaco não vai se meter com você’.”

Al e Horst passavam o dia fora cuidando de negócios. Al mandou Chick alimentar os felinos, e Chick, como sempre, mordeu a língua, empalideceu e assentiu sem responder nada.

Chick mordida a língua mais do que qualquer criança que já conheci. Às vezes, Al tinha que passar a pomada do engolidor de fogo na boca de Chick.

Depois que Al saiu, Chick se aproximou da pia, onde eu lavava a louça do café da manhã. “Vai comigo, Oly, por favor?” As louças deixavam a pia em um rebanho silencioso. Mergulhavam na água limpa e secavam no ar, pulando, de dez em dez, para seus lugares no armário. Eu ri e enxuguei as mãos. Arty estava acomodado com um livro e as gêmeas estudavam piano com Lily.

“É claro”, respondi, “mas por quê? Você os alimentou muitas vezes.”

Sua expressão mudou, demonstrando preocupação. “Eu sei. Mas não gosto.” As sobrancelhas se ergueram em um pico de resignação. “Gosto dos

felinos. É a carne. Não gosto de mover a carne. Vem comigo, por favor?”

Horst sempre estacionava o vagão dos felinos perto do caminhão-refrigerador, onde a carne era mantida. Quando ele mesmo alimentava os felinos, jogava um quarto de boi no chão, pulava em seguida, batia a porta do caminhão, puxava o quarto de boi pela pata mais longa e separava pedaços da carne com um enorme machado. Horst alimentava os felinos pelas portas da jaula, mas ninguém mais ali se sentia confortável com esse trabalho. Horst gostava de contar histórias sobre como os felinos eram imprevisíveis. Sempre desconfiei de que ele fazia isso de propósito para impedir que as pessoas se metessem com os animais. Se fosse esse o motivo, certamente funcionava.

As laterais do vagão dos felinos tinham dobradiças na parte superior e podiam ser levantadas como toldos, fazendo sombra nas jaulas. Havia uma tela de aço do lado de fora das barras, e as paredes que separavam os casais de tigres-de-bengala, leões e leopardos eram placas de aço de três centímetros de espessura. Al tentou convencer Horst a instalar placas de plástico transparente, em vez das barras e a malha de aço, mas Horst disse que isso arruinaria o efeito.

“As pessoas acham que os grandes felinos devem ficar atrás das grades. E a malha lhes dá a sensação de que podem ter os dedos arrancados se os colocarem nos buracos. Além do mais, o cheiro dos felinos também é importante, e se puser placas de plástico, vou ter que instalar condicionadores de ar na área toda.”

Quando alimentava os felinos, Chick jogava a carne pelas fendas de ventilação no teto. Ficamos fora do caminhão-refrigerador enquanto observávamos a trava se erguendo e a porta se abrindo. Chick segurou minha mão. “Tudo bem? Quero segurar sua mão enquanto movo a carne.” Ele parecia retraído.

“É claro”, respondi. Um quarto de boi flutuou do gancho dentro do caminhão, saindo para o lado externo. A carne caiu sobre o grande bloco de corte. O machado saiu do encaixe na prateleira de ferramentas do caminhão. Chick trabalhava depressa. A lâmina subiu cinco vezes rapidamente e seis pedaços de carne voaram pelo ar com a gordura exposta brilhando. Os felinos tossiram e babaram quando as portas sobre as fendas de ventilação se ergueram simultaneamente. Os pedaços de carne caíram no chão com um baque único. Outro quarto caiu no bloco e a porta se fechou enquanto o machado subia e descia. Chick afagava minha mão com delicadeza. O machado desceu sobre o bloco de corte e ficou por ali enquanto os pedaços subiam, giravam como corvos pesados e seguiam lentamente para as aberturas no teto.

“Você poderia fazer tudo isso sem o machado, Chick”, eu disse.

“Sim, mas sentiria ainda mais a carne. Você consegue sentir?”

Ele era mais alto do que eu e olhava para mim com uma intensidade tão séria que senti um arrepio de medo. “Sentir o quê?”

Ele franziu a testa. As palavras nunca eram fáceis para ele. “Bem, como... a carne é... morta.”

Encaixei a língua no canto da boca e olhei para ele através dos óculos escuros. Qualquer outra pessoa na família, exceto Lily, estaria aprontando alguma coisa ao falar desse jeito, tentando me amedrontar para rir de mim depois. Chick era tão direto que se tornava simples. Ele nunca conseguia realmente entender a piada quando a gente estava mentindo.

“Não”, respondi. “Não sinto nada.” Ele apertou os lábios e eu ouvi a carne caindo nas jaulas, depois o rosnado dos felinos. Chick parecia tão triste que eu soube que o havia desapontado. “Desculpe, Chick.”

Ele passou um braço sobre os meus ombros e apoiou o rosto na minha cabeça. “Tudo bem. Só pensei que poderia sentir se eu segurasse sua mão.”

“Merda”, disse uma voz clara atrás de nós. Viramos juntos como se fôssemos as gêmeas. Era uma das ruivas. Ela moveu os ombros para nós embaixo da camisa de pavão e riu nervosamente. “Nunca vou entender como você faz isso, Chick.” Então ela acenou animadamente e se afastou em cima do salto alto.

Nós a vimos ir embora, o braço de Chick ainda sobre os meus ombros, o meu em torno de sua cintura. Por um instante, meu olho escapou e eu pude ver como devíamos ser vistos pela ruiva. Duas pequenas figuras, uma encurvada e deformada, protegida por uma touca e óculos, e esse menino dourado, esguio, vários centímetros mais alto, abraçando a anã enquanto pedaços de carne voavam acima deles. Abracei Chick. Seu rosto de pêsego tocava a minha testa e o nariz. Eu pensava em como ele movia as coisas e, enquanto esse pensamento rodava em minha cabeça, percebi que nunca havia questionado isso antes. Algum de nós tinha realmente questionado? Al e Lil, inclusive? Ou estivemos todos tão enredados na necessidade de treiná-lo, protegê-lo, nos proteger dele, encontrar maneiras seguras de usá-lo e descobrir exatamente o que ele podia e não podia fazer, que nunca paramos para pensar?

“Chick”, falei para seu cabelo fino e amarelo, “como você movimenta as coisas?”

Ele tirou a cabeça do meu ombro lentamente e parecia surpreso. Depois, seu rosto expressou concentração. Eu pensava em como era ridículo nunca ter perguntado. Ele começou a corar. Soltou-me e passou as mãos nas orelhas como se soubesse que eu debochava dele. “Ah, você sabe”, ele disse. O machado se levantou do bloco de cortar, voou até a mangueira de esterilização que pendia do caminhão-refrigerador e dançou na frente do bico branco de água. A mangueira

parou e o machado saltou para a porta do caminhão, que se abriu apenas o suficiente para deixá-lo entrar. Depois a porta fechou e eu soube que o machado estaria em seu suporte. Chick agora estava rosado.

“Não, eu não sei, Chick. Conte.”

Uma pequena pedra ao lado da roda do caminhão começou a girar sem sair do lugar. Ela deu uma cambalhota, ainda girando, depois pulou de lado e começou a rolar em um pequeno círculo. O equivalente, provavelmente, a qualquer outra criança arrastando os sapatos ou coçando a orelha num gesto constrangido. Ele era meu irmãozinho, é claro, por isso fiquei impaciente. “Vou beliscar você, Chick! Conte para mim como move as coisas!” A pedra parou.

“Bem, não movo, na verdade. Elas se movem. Eu só permito.” Ele olhou para mim ansioso enquanto eu ruminava a informação e decidi que era insatisfatória.

Balancei a cabeça. “Não entendi.”

“Olha.” Ele me virou para os felinos. Um lado da van se ergueu e as estacas de sustentação se encaixaram nos lugares, de forma que pude ver os animais na sombra. Todos estavam comendo, debruçados sobre a carne, arrancando nacos ou deitados com pedaços entre as patas, acariciando o alimento.

“Sabe o tanque de água nos fundos?”, Chick perguntou. Olhei para lá, e as torneirinhas sobre as cubas em cada jaula se abriram um pouco, deixando correr um fio de água. Um dos tigres-de-bengala pulou na torneira e começou a bater com a pata na água corrente. “A água sempre quer se mover, mas não pode, a menos que a gente dê a ela um buraco, um cano por onde correr. Dá para fazer a água se mover em qualquer direção.” A torneira com a qual o tigre brincava de repente se abriu mais, e um jato de água molhou seus grandes bigodes. O felino recuou, depois avançou, pressionando o rosto todo contra o jato, mexendo as orelhas com alegria. “Se der a ela um grande buraco”, disse Chick, “muita água sai. Se der um buraco estreito, só vai sair um fiozinho.” Ele se esforçava para me fazer entender. Eu via o tigre brincando e sentia uma densidade entre as orelhas. “Eu sou apenas o cano que deixa a água fluir. Posso dar a ela um caminho largo ou estreito, e posso fazê-la correr em qualquer direção.” Seus olhos ansiosos precisavam da minha compreensão. “Mas o *desejo* de se mover é da própria coisa.” Começamos a andar em direção à grande lona.

“Eu ajudei?”, perguntei.

“É claro”, ele disse.

Arty desceu do sofá dizendo: “Chick, sobrou muito rosbife do jantar. Aposto que vai querer um sanduíche com essa carne, maionese e raiz-forte. O que acha? Faz um para mim?”.

Chick, que levava uma revista em quadrinhos embaixo do braço, havia trabalhado por horas cumprindo tarefas de outras pessoas e agora queria apenas uma maçã e um encontro com o Super-Homem. Esse Chick vegetariano, que come ovos e bebe leite, mas nunca (não, por favor, não o obrigue) come peixes, aves ou quadrúpedes ou qualquer coisa que perceba quando está viva e que fale com ele sobre isso se for tocada por suas mãos, esse Chick sabe que Arty está sendo cruel e que vai forçá-lo a mover a carne em vez de usar as mãos e uma faca, e então ele diz: “É claro, Arty, pão branco ou integral?”.

Ele tenta. Pega o prato de rosbife do refrigerador e, casualmente, tira uma faca da gaveta.

“Chick!”, Arty reage indignado. “Não vai usar uma faca, vai?”

Surpreendido, Chick admite: “Eu ia mover a faca”.

Mas Arty ruge. “Para com toda essa merda normal! Por que papai te deu esse dom, se você vai dispensá-lo no mijo como um normal? Mova a carne. Mova a carne!”

Fatias finíssimas de carne se separaram do rosbife rosado e se arranjaram com uma camada de maionese e um toque de raiz-forte sobre duas fatias de pão caseiro, e tudo isso se juntou em um belo prato azul que deslizou do escorredor de louça para dar uma carona à comida até o lugar onde Arty cutucava os dentes com uma nadadeira e observava.

“Aí está”, diz Chick.

“Muito obrigado”, responde Arty, que é perfeitamente capaz de fazer os próprios sanduíches se não tiver ninguém por perto para fazer por ele. Arty engancha uma nadadeira no sanduíche e dá uma mordida enorme, olhando para o rosto de Chick enquanto mastiga. “Delicioso”, fala de boca cheia.

“Que bom. Fico feliz.” Chick sorri, sai da van e vai para trás do caminhão-gerador, onde vomita dolorosamente e tenta pensar em outra coisa além daquilo que a vaca lhe dissera enquanto ele a fatiava.

Elas brigavam e a porta do quarto estava trancada. O barulho acordou a gente. Saí do armário pensando em elefantes ou terremotos. O revestimento fino do quarto estufou uma fração de centímetro em minha direção. Eu as ouvia arquejando. Corri para a porta. A maçaneta não virou.

A luz do sol do começo da manhã entrava pela janela sobre a pia. Um corpo grande bateu contra a porta do outro lado. Elas iam acordar Al e Lil. Deslizei a porta de Chick, e seus olhos arregalados esperavam por mim. Ele estava com medo.

“Ajude”, cochichei. “As gêmeas estão brigando.”

Chick rolou para fora dos cobertores rapidamente e agarrou meu braço. Sua

mão estava molhada.

“Destranque.”

Ele olhou para a maçaneta. Ela girou. A porta se abriu. Elas estavam enroladas em cima da cama, com cotovelos magérrimos saindo do emaranhado e sumindo nele, uma perna acertando as costas cobertas pelo pijama. Sua respiração estava curta e alta, então uma mão saiu da bagunça e puxou a mecha de cabelo preto para cima, em direção à luz que entrava pela pequena janela.

“Segure as mãos delas.” Cutuquei Chick. Duas mãos se abriram sobre o travesseiro, e um punho aterrisou com um barulho alto. “Todas as mãos! Todas!” Quatro braços se elevaram, afastando-se da confusão retorcida de pijamas. A perna que se preparava para um chute ficou paralisada. “Consegue segurá-las?”

Chick assentiu, olhando para mim. Os olhos dele tinham remelas de sono. O rosto de Elly se ergueu da confusão de cabelos pretos, e vi um arranhão vermelho em sua testa. Ela esticou o pescoço longo e empurrou a cabeça para a frente, soltando um jato de ar quando cuspiu no cabelo embaraçado embaixo dela.

Não havia como esconder nada de Al e Lil. Os arranhões e hematomas eram tão visíveis que as gêmeas não puderam se apresentar por quatro dias. Ficaram doentes e doloridas. Deitadas na cama, passavam o dia todo com o rosto voltado para longe uma da outra. Al e Lil ficaram muito aborrecidos.

“Nunca mais façam isso! Vocês não devem brigar!” O antigo encantamento transbordava num desespero chocado dos pais. As gêmeas se recusavam a explicar o que havia acontecido.

Naquela tarde, Chick estava me ajudando a esvaziar os tanques de esgoto. Nós dois estávamos de mau humor. Ficamos parados vendo a ação da bomba que esvaziava o tanque da nossa van no caminhão-cisterna. Eu continuava pensando na cena que vi quando Chick abriu a porta do quarto das gêmeas. Foi como ver uma coisa que se odiava.

“Elas sempre discutem”, eu disse.

Chick assentiu, os olhos fixos no controle da válvula. “Mas elas estavam tentando se machucar de verdade.” A cabeça dele caiu para a frente, seu queixo quase tocando o peito. A nuca era fina e dourada, e a cabeça grande demais sobre os ombros magros. Olhar para ele era como enfiar um furador de gelo no pulmão. Ele era bonito.

“O que será que aconteceu?”, murmurei.

Chick suspirou. Sua cabeça balançou. “Iphy disse o nome dele enquanto dormia”, contou.

Lil preparou frango Ali Babá e os Quarenta Ladrões para o jantar. Ela estava esfregando suco de limão nas mãos para tirar o cheiro de alho enquanto nós esperávamos o som do alarme do forno sentados em volta da mesa.

As gêmeas estavam agitadas com alguma coisa, cochichando entre si. Al falava sobre um velho gerente de estrada que ele havia demitido do circo há vinte anos. O cara havia aparecido de novo naquele dia procurando emprego.

“Meu Deus, Lil! Ele parece um homem de oitenta anos! Parece que o túmulo, sentindo nojo, o cuspiu de volta!”

Lil estalou a língua olhando para as mãos cobertas de suco de limão. Arty observava as gêmeas. Chick e eu nos inclinamos em direção ao papai, de lados opostos, sugando seu calor.

Mamãe servia o frango quando Iphy finalmente anunciou algo em voz alta. “Temos uma novidade para o nosso show!”

Devia ser complicado. Iphy sempre era a oradora quando havia a possibilidade de um “não”. Era difícil alguém falar não para Iphy. “Fazemos um salto vertical sobre o piano e giramos em um número de dança que é como um nado sincronizado no ar. Voamos sobre a plateia e voltamos enquanto o piano continua tocando ‘Prelúdio Corporal de Bogwartz’! Não é incrível? Ensaíamos hoje de manhã! Vamos usar iluminação cor-de-rosa, e três holofotes da mesma cor vão nos seguir pela plateia. Deixa, papai! Chick pode cuidar de tudo *tão* tranquilamente. Ele já conhece a música. Aprendeu em duas sessões! Ela tem um minuto e meio, exatamente, e vai ser nosso encerramento. Ele pode chegar nos últimos cinco minutos de cada show, ficar atrás da cortina e ir embora quando a gente voltar ao palco para os agradecimentos! Por favor, papai, mamãe? Venham ver depois do jantar, vocês vão adorar!”

Chick escondia o rosto atrás do braço de Al. Os olhos de Arty permaneciam fixos na colher com a qual Lil servia pedaços de frango nos pratos de cada um.

Al estava rindo. “Que cena! Não seria o máximo? Ei, Crystal Lil! E essas meninas? Espertas, não?!”

“Voar!”, Lil murmurou. “Misericórdia.”

Elly estava corada, os olhos cheios de esperança e medo fixos em Arty, que não falava nada. Ele se balançava suavemente na cadeira, como se estivesse interessado apenas na comida que chegava ao seu prato com a ajuda da colher de Lil.

Nunca aconteceu, é claro. Arty acabou com tudo. Se o mundo lá fora caísse nessa, se nem ao menos *desconfiasse* que era um truque, nós nos matariamos em disputas pela posse de Chick. Deveríamos nos limitar ao dom de cada um. Achávamos que Al não tinha feito o suficiente por nós, e que tínhamos que

interferir no trabalho dele? Iphy ficou desapontada, mas compreendeu. Elly nunca disse nada a respeito.

Provavelmente parecíamos doces, as gêmeas e eu, em nossos vestidos azuis à sombra das macieiras, com grandes vasilhas no colo, debulhando vagens em uma tarde de verão. Mas as maçãs na árvore eram deformadas e marcadas, e os cabelos brilhantes das gêmeas e meu chapéu de sol cobriam cérebros comidos por vermes.

“Arty não faria mal a ninguém.” Eu mentia vigorosamente enquanto tirava os feijões das vagens. “É você, Elly. Você está com ciúme do Arty, quando ele só está tentando cuidar da família.”

“Oly, você sabe que Chick estaria flutuando em formol se houvesse algum indício de que ele roubaria parte da glória de Arty como um grande sucesso.” As mãos dela arrancavam os feijões, derrubavam as pontas e as hastes em uma vasilha, e os pedaços que podiam ser usados em outra. As mãos de Iphy desempenhavam a mesma tarefa com leveza, de maneira delicada.

Eu puxava meus feijões com tenacidade.

“Arty ainda acha que Chick pode ser útil.”

“É claro”, Elly fungou. “Como burro de carga e escravo. Chick pode economizar muito dinheiro para nós. Dez homens levariam cinco horas para levantar as lonas que Chick consegue montar em uma hora sozinho. E o pagamento dele é um tapinha na cabeça.”

Iphy suspirou. “Você devia ser mais bondosa.”

Elly resmungou para os próprios dedos. “Apenas estou cuidando de você e de mim. É só isso o que estou fazendo. Ele odeia a gente. É egoísta.”

“Não é egoísmo! É medo! Ele tem medo o tempo todo, Elly! Você sabe disso!” A mão de Iphy se ergueu assustada, demonstrando o terror de Arty. Ignorei o arrepio e pensei que eu também tinha medo. Porque conheço Arty. Melhor do que qualquer uma delas.

“Pois que ele seja o pregador. E que tenha todos aqueles aduladores. Eles vão inflar o Arty. Mas é melhor que ele deixe a gente em paz, e o Chick também. E pode dizer isso a ele, Oly. Pronto, leve esses feijões para a mamãe.”

“Seja legal, Elly”, implorei. “Seja legal.”

“Eu vou ser legal”, ela murmurou num tom perigoso. “Vocês duas deixariam que ele cortasse a garganta de vocês sem reclamar.”

Sem que ninguém da família prestasse muita atenção, Arty tornou-se uma igreja. Aconteceu aos poucos, como o engrossar do pescoço ou a mudança da voz. De vez em quando, um de nós lembrava que nem sempre as coisas haviam

sido daquele jeito. Não era que Arty *tivesse* uma igreja, ou houvesse criado uma religião, ou mesmo encontrado uma. De um jeito peculiar, Arty sempre havia sido uma igreja, como um ovo é uma galinha e uma bolota é um carvalho.

Elly dizia que era maldade de Arty. “Ele tem sempre uma atitude má com os normais. Iphy e eu gostamos deles, exceto os que interrompem as apresentações e os bêbados. Eles são bons para nós. Papai cuida das plateias como de um bando de gansos. Eles dão muito trabalho e um pouco de arrependimento, mas ele os ama porque essas pessoas são seu pão e manteiga. Mamãe e Chick, e você também, Oly, vocês três nem sabem que a plateia está lá. Não precisam trabalhar com o público. Mas Arty os odeia. Ele os dizimaria, se pudesse, tão fácil quanto um maçarico acaba com um formigueiro.”

A verdade era o soco-inglês preferido de Elly, mas ela não conhecia necessariamente toda a briga. Se o que ela dizia sobre Arty fosse uma “verdade”, ainda não era toda a verdade.

Arty dissera uma vez: “Temos essa vantagem, os normais esperam sabedoria de nós. Até uma palhaça anã com bunda de rato pode ter uma astúcia terrível disfarçada por sua patetice. Bizarros são como corujas, mitificados como seres de pura objetividade fria e cega. Os normais pensam que nosso contato com eles é hesitante. Enxergam a gente como uma interrupção da tentação e pequenez. Até nosso ódio é grandioso sob suas luzes fracas. E quanto mais deformados somos, maior nossa suposta santidade”.

A primeira vez que ele falou desse jeito foi numa das poucas vezes em que não conseguiu se apresentar por conta de uma infecção de ouvido. Fiquei com ele enquanto o resto da família trabalhava. Ele sentou no sofá na van da família, cercado pela pipoca que havia derrubado, os grãos esmagados cada vez mais fundo no estofado enquanto ele falava e se mexia sem sair do lugar, enfiando o rosto na vasilha de pipoca e bebendo chocolate quente de canudinho. Eu ri porque ele tinha espalhado manteiga em torno dos olhos enquanto falava aquelas bobagens para mim.

Fiquei devastada quando Arty me excluiu do Oráculo. No começo, era eu quem cuidava das cartas de perguntas e subia ao palco para encostar a carta escolhida no vidro do tanque enquanto Arty flutuava para ler a questão, soltando bolhas do outro lado, e depois subia à superfície para dar a resposta. Mais tarde, Arty decidiu que queria uma das ruivas como assistente. Elas formaram uma fila, em meio a risadinhas nervosas, do lado de fora de seus aposentos, e ele as fez desfilar de shorts e sutiã para escolher a melhor silhueta. Disse que a plateia teria mais respeito por ele se fosse auxiliado por uma ruiva bonita.

“Vão especular se estou dormindo com ela, e então deduzir que sim, e acho que vou ser respeitado se essa garota linda estiver comigo, mesmo eu sendo tão

fodido. Se Oly estiver me ajudando, vão pensar que somos só farinha do mesmo saco.”

Eu ainda cuidava dele depois de cada show, mas, por algum tempo, fiquei aborrecida e ignorei as apresentações.

O Aqua Boy mudara novamente. Por um tempo, respondeu apenas a questões genéricas extraídas dos espantos e sofrimentos contidos nas cartas. Depois parou de responder e só dizia às pessoas o que elas queriam ouvir. Depoimentos, segundo ele.

O que Arty queria que as plateias ouvissem era que todos ali eram insetos dominados por hormônios e, provavelmente, mereciam ser infelizes, mas que ele, o Aqua Boy, poderia realmente sentir por eles porque era muito melhor. Era assim que eu via a situação, mas os frequentadores deviam estar ouvindo alguma coisa diferente, porque engoliam tudo e pareciam gostar de sentir pena deles mesmos. Dá para imaginar que esse tipo de clima seria ruim para o circo, mas era justamente o contrário. A plateia que saía da apresentação de Arty mergulhava mais fundo nas outras apresentações e atrações que o restante do público, como se, contrariados, decidissem se deliciar com as alegrias da comida de rua e das diversões para compensar a infelicidade que lhes havia sido revelada.

Arty pensava muito no processo. Às vezes, ele dizia coisas para mim, e apenas para mim, porque eu o idolatrava e não fazia diferença.

“Acho que tenho uma ideia de como fazer isso. Tudo bem, um circo funciona porque as pessoas pagam para sentir surpresa e medo. Podem andar pela área toda sentindo surpresa aqui e medo ali, ou as duas coisas. E sabe o que mais? Esperança. Esperança de ganhar um prêmio, conhecer uma garota, acertar um tiro no alvo na frente dos amigos. Em um circo, você chama isso de sorte ou acaso, mas é igual à esperança. E esperança é um sentimento bom que precisa de risco para dar resultado. O quão bom é esse sentimento depende do tamanho do risco, caso o que você espera não aconteça. Você espera que sua tia velha bata as botas e deixe uma caixa cheia de dinheiro em seu nome, mas ela pode deixar a herança para o gato. Pode não acertar o alvo nem ganhar o cachorro de pelúcia, pode perder seu dinheiro e parecer um idiota. Não tem tensão sem risco. Bem. Religião funciona do mesmo jeito. A única diferença é que é ainda mais incrível do que Chick ou as gêmeas. E é muito mais assustador que a montanha-russa ou qualquer brinquedo do tipo. Essa coisa do medo também está presente no departamento da esperança. A esperança que você tem com a religião é do tipo grandiosa, espetacular, porque o risco é ultrajante. Bem, estou trabalhando nisso. Já dominei a parte surpreendente. E a parte do medo é fácil. Mas tenho que

apresentar uma esperança.”

Arty fez o pessoal da divulgação criar panfletos para atingir determinadas igrejas. “Rejeite!”, eles pregavam. “Arturo, o Aqua Boy!”, e a seguir uma lista de nossas datas e locais. Arty nunca mencionava nada sequer parecido com um deus, ou uma vontade externa, ou vida após a morte, mas os grupos de fiéis começaram a aparecer. Nas regiões sombrias e castigadas onde o solo havia fracassado ou as fábricas eram fechadas, congregações inteiras passavam pelos portões, ignorando as luzes e as atrações do festival e dirigindo-se à lona de Arty. Pagavam pelo ingresso e se sentavam entorpecidos em grupos nos bancos, onde esperavam o tempo que fosse necessário pelo início do show. Quando acabava, eles deixavam o local juntos, ignorando tudo.

“Pobres demais para se divertirem”, dizia o papai.

“Eu aceito o que eles tiverem”, respondia Arty. Mas não era o dinheiro que o animava. Era saber que gente que nunca teria ido ao circo estava lá por causa dele.

Mamãe estava satisfeita.

“Arty está abrindo as asas”, disse. Mas essa envergadura ia além dos bancos em sua própria lona. E o tempo todo ele tomava mais e mais o controle do circo, tornando-se mais óbvio nas ordens que distribuía.



Serpente: A dança imaculada

Eu tinha onze anos naquela época. Chick tinha feito seis, e as gêmeas se aproximavam do décimo quarto aniversário. Arty tinha dezesseis e estava com pressa.

Comprou uma van grande só para ele e instalou uma plataforma de conexão com a van da família. Nenhuma confusão por causa disso. Papai só deu de ombros quando Arty pediu para ele assinar o cheque. Os guardas carregaram a bagagem do camarim atrás do palco de Arty, e eu arrumei tudo. Mamãe transferiu Chick para o cubículo abandonado por Arty na van da família.

Enquanto Arty se fortalecia, Al e Lil enfraqueciam. A cada semana, pareciam mais moles e sem cor. Lil se mostrava vaga e desorganizada com uma frequência maior. A qualquer hora do dia, podíamos vê-la com sua coleção de comprimidos e cápsulas saindo da bolsa que ela mantinha sempre à mão. Ela fazia seu trabalho, mas foi ficando mais magra, e seus seios começaram a cair. As roupas não tinham mais o caimento de antes. A maquiagem era meio borrada e tendia a escorrer até a hora do almoço. Antes da hora do fechamento todas as noites, rímel e rouge eram apenas borrões escuros. Alguma coisa havia desaparecido de seus olhos.

Foi nesse ano que ela decidiu que havia ensinado às gêmeas tudo o que sabia e contratou um pianista caro para continuar com as aulas. Arty dizia que essa era a causa de seu choro frágil. As gêmeas falavam que a tristeza começou depois do nascimento de Chick e só piorou.

Não perguntamos a opinião de papai. Al vivia dividido entre a apatia e a irritação. Ele saía para dar as ordens de manhã e descobria que Arty já havia distribuído as tarefas. Resmungava, reclamava e ficava no caminho do pessoal que estava trabalhando. Passava mais tempo com Horst e começou a aparecer com o colarinho aberto e o bigode bagunçado para cumprir seus deveres de mestre de cerimônias. E um dia a dra. Phyllis apareceu.

Al sempre havia se considerado um curador. Seu hobby era ler revistas de medicina. Ele colecionava kits de primeiros socorros e medicamentos. Era um

amador entusiasmado e um praticante da clínica geral, e assim que teve dinheiro para bancar — anos antes de o *arturismo* entrar em vigor —, comprou um pequeno trailer de segunda mão e instalou nele uma enfermaria. Seu fascínio pelos mecanismos humanos certamente antecedeu, e provavelmente alimentou, sua ideia de manipular nossa concepção, e ele tinha jeito para isso. Pensávamos nisso como parte de seu espírito ianque. Ele era fascinado pela medicina, mas ficava furioso com os médicos por terem direito à glória só porque tinham um pedaço de papel para pendurar na parede.

Com o hobby de Al, o circo raramente solicitava os serviços de um médico de fora. Horst era chamado para fazer as vezes de consultor em questões veterinárias, mas Al cuidava sozinho de todos os humanos. Os comedores de fogo o consideravam um gênio porque ele curava as bolhas em seus lábios e dentro da boca. Ao longo dos anos, ele havia soldado fraturas, consertado articulações, diagnosticado e tratado doenças venéreas e tratado infecções dos rins às amígdalas.

Lil trocava lençóis, acalmava os doentes e lia para eles, mas era Al quem se destacava. Lancetava furúnculos com elegância, aplicava vacinas, irrigava ouvidos, narizes e ânus com o mesmo capricho, e transformava numa grande produção a extração de um fígado. Fazia uma sutura de mestre — “magia que não deixa cicatriz”, como ele mesmo dizia. Seu triunfo profissional aconteceu na noite em que uma mulher idosa sofreu um colapso na primeira fila quando viu Arty. Al reconheceu o ataque cardíaco, rasgou seu vestido roxo da gola até embaixo e prendeu eletrodos descartáveis em seu peito segundos depois de ela ter caído no chão de serragem. E fez tudo isso na frente do tanque de Arty, com setecentos ou oitocentos espectadores assistindo a tudo dos bancos. Ela pulou. Os óculos caíram. A mulher esvaziou o intestino de um jeito bem barulhento e voltou à vida, embora ainda inconsciente.

Era hábito do pessoal do parque aparecer na clínica de Al nas manhãs de segunda-feira, se tivessem queixas. Muita gente dizia que Al “deveria ter sido médico”, e que seu talento era desperdiçado no circo. Al não concordava com isso. Dizia que tinha um consultório particular de sessenta clientes, aumentando os números quando a população do circo subiu para oitenta, cento e vinte, cento e sessenta.

Então a dra. Phyllis chegou. Entrou no terreno certa manhã e estacionou a trinta metros do vagão dos felinos, que era o último trailer da fila naquele dia.

Sentada ao volante, ela ficou olhando através do para-brisa por um tempo. Eu a vi porque estava andando ao redor do vagão dos felinos, ensaiando um discurso. Continuei como se não a tivesse notado, mas me atentei à pequena van branca em cuja porta lateral havia o desenho de duas cobras entrelaçadas em

volta de um cajado. Eu mal conseguia ver a vaga figura pálida atrás do parabrisa. Estávamos naquele terreno havia dois dias e tínhamos montado tudo, por isso o pessoal estava tranquilo naquela manhã, com pessoas sentadas nos degraus dos trailers, conversando e bebendo café.

Horst se barbeava ao lado da van onde morava, usando uma navalha e o espelho lateral do lado do motorista. Todo mundo viu a van chegar, mas ninguém reagiu. Até onde sabíamos, poderia ser um número que Al havia contratado sem contar nada a ninguém.

Pensei que fosse alguém que dançava com cobras por causa das víboras na van. Eu tinha um fascínio mórbido por serpentes. A porta da van se abriu, dois sapatos surgiram, e então ela apareceu.

Estava vestida de branco. Uniforme, sapatos, meias, luvas e, é claro, a touca e a máscara. Apenas os óculos eram neutros, transparentes sobre olhos turvos por causa da grossura das lentes.

Ela desceu da van e se dirigiu ao guarda mais próximo. Era Tim Jenkins, um grande levantador de peso que havia se aposentado da eterna posição de cabo junto aos fuzileiros e que fora contratado por Al quando ainda exibia o corte de cabelo dos militares. Tim levava a sério seus deveres de guarda e bateu os calcanhares para a mulher baixinha e forte vestida de branco.

Parei de andar de um lado para o outro e fiquei olhando para ela. Sabia que era uma mulher por causa do quadril largo e da frente proeminente. Deduzi que era uma indiana que dançava com cobras. Imaginei espetáculos de fogo com serpentes rastejando por seu corpo exposto gradualmente, subindo por seus braços por baixo das mangas brancas, essas coisas.

Não dava para ouvir o que ela dizia, mas Tim assentiu e olhou para Horst. Horst assistia a tudo pelo espelho. Ele jogou a navalha no assento da van pela janela do motorista e foi até lá. Tim fez as apresentações, Horst assentiu e estendeu a mão. A mulher de branco pôs as mãos enluvadas nos bolsos do casaco. Horst deixou cair a mão. Depois ele se afastou com a mulher de branco em direção às duas vans dos Binewski. Eu os segui de longe.

A manhã era clara e quente no Arkansas, acho, ou talvez fosse Georgia. A poeira avermelhada grudava nos meus sapatos quando me apoiei no caminhão-gerador e olhei para baixo, fingindo cuidar da minha vida. Eu me arrependi de ter escolhido aquele lugar para parar quando percebi que a vibração entrecortada do gerador me impediria de ouvir qualquer conversa. A mulher de branco estava esperando do lado de fora da van de Arty. Ela carregava uma pasta fina de couro branco. Continuava parada, sem qualquer movimento nervoso. O rostinho de Chick apareceu na janela da van da família.

Arty saiu em sua cadeira. A testa estava franzida sobre os olhos cheios de

dúvidas. Ele não a conhecia, pensei. Não tinha mandado buscá-la. Ele assentiu e falou alguma coisa. Ela respondeu com as mãos na valise branca. Arty manobrou a cadeira para descer a rampa, e ela o acompanhou, falando enquanto se afastavam lentamente das vans. A mulher segurou a valise embaixo de um braço e pôs as mãos nos bolsos de novo.

A valise não ficou onde ela a havia colocado. Escorregou para trás e flutuou em direção à porta da van a um metro do chão, mais ou menos. A mulher se virou e, apesar da máscara, vi que ela encarava a valise voadora. Arty olhou para trás, parou, abriu a boca e gritou na direção da van. A valise parou pouco antes de passar pela porta e retornou para a mulher de branco com o dobro da velocidade com que havia se afastado dela. Ela estendeu a mão enluvada, pegou a valise e a colocou embaixo do braço. Arty falava com ela. A mulher assentiu. Eles se viraram e, enquanto ela falava, circularam pelo terreno por muito tempo, sempre conversando.

“Acho que ela é esquisita”, disse Elly. Iphigenia concordou, balançando a cabeça gravemente e enfiando um pedaço de maçã na boca. Arty ignorava as duas.

“Como ela vai receber? Porcentagem? Salário? Só quando alguém ficar doente? Ou só enquanto todo mundo estiver bem?” Al movia os olhos com nervosismo, tentando parecer profissional. Arty foi obrigado a desistir da sopa e da falsa indiferença. Ele olhou para todos nós em volta da mesa, depois para o papai.

“Não se preocupe com o dinheiro dela. Eu vou cuidar disso. Ela tem muito a nos oferecer. É um golpe de sorte para este espetáculo. Pelo menos, não foi expulsa da escola. Ela é boa no que faz.” Papai olhou para sua tigela de sopa com ar culpado.

Lil sorriu, sonhadora. “Vai ser bom ter uma mulher educada por perto.” Al afagou a mão dela.

Arty se concentrava novamente na sopa, meio vesgo para conseguir enxergar o canudinho. Chick estava sentado ao lado de Lil na ponta da mesa, sorrindo e olhando para as ervilhas que emergiam uma a uma de sua sopa, se sacudiam até a última gota de caldo cair na tigela e desciam, formando uma fileira reta em seu prato. Chick nunca gostou de ervilhas. Consegui atrair o olhar de Iphy. Ela levantou as sobrancelhas e comprimiu os lábios. Elly torceu o nariz para mim. Nós concordávamos em silêncio. Nem que tivéssemos peste bubônica aquela mulher de branco encostaria sequer um dedo em nós.

A dra. Phyllis intimidava Al. Depois daquele primeiro dia, ele não voltou a

questionar a presença ou as credenciais da mulher. Não tentou saber nem de onde ela veio ou o que fazia antes de se juntar a nós. Tremia e dizia que ela era uma “dama” e uma boa médica, e que, “pelos mamilos feridos da Virgem”, não precisava saber mais do que isso. As gêmeas e eu balançamos a cabeça diante da pouca resistência que ele impunha ao ter sua prática usurpada. Eu o incentivava a fazer perguntas porque, se ele não conseguisse alguma informação, Arty me faria tentar. Apesar das longas conversas com ela, Arty também não parecia saber muito mais do que todos nós.

Em uma manhã, eu estava colocando Arty na plataforma elevadora que percorria a parte externa da van da família quando ele piscou para mim e disse: “Acho que vai ter que convencer a dra. P. a deixar você olhar no microscópio dela”.

Apoiei um pé na plataforma ao lado dele, segurei a alavanca e subimos lentamente.

A manhã era ensolarada. Quente. Não sei onde estávamos, era um pequeno vale. Em torno do acampamento, havia pastos cortados por riachos, com montanhas ao fundo. A estrada cortava a paisagem e se dirigia a uma pequena cidade, cujas chaminés conseguíamos ver acima das árvores. Aves cantavam nos carvalhos das encostas. O grasnado de um faisão se ergueu da grama alta. Arty desceu da plataforma no teto. Ele gostava de tomar banho de sol lá em cima quando podia. Quando mandou instalar o elevador, Al também providenciou uma grade baixa que cercava todo o telhado da van para que Arty não caísse de lá.

Arty enganchou a ponta da nadadeira no elástico do calção e o abaixou até se livrar dele. Depois virou e arqueou as costas, voltando a barriga para o sol e se espreguiçando.

“É”, disse. “A pequena Oly vai ter que fazer seu trabalho com a dra. P.”

“Aqui está a raquete de insetos.” Deixei a ferramenta ao lado dele, com o cabo perto de sua cabeça, onde ele poderia alcançar. Arty se dizia a “Meca das moscas”, e ele as odiava.

“Não me ignore, Oly”, ele resmungou enquanto eu espalhava óleo de bronzear em seu peito.

“Não vou fazer nada. Não gosto dela.”

“Oly, você gosta dela. Gosta muito dela. Ela é uma mulher fascinante e inteligente, e você pode aprender com ela.”

“Sei.” Fechei o frasco.

“Dê a ela um ouvido para desabafar. Ninguém faz isso melhor do que você.” Arty virou a cabeça para me ver voltar ao elevador.

“Não mije em ninguém daqui de cima”, eu disse. “Na última vez, papai

ficou furioso.” Desci olhando para o outro lado, para o riacho marrom que corria pela grama atrás da van.

Três horas mais tarde, eu levava o lixo da dra. P. para a caçamba do acampamento e xingava Arty, ela e eu mesma, deixando sair pelo nariz um vapor de fúria cada vez que respirava. Ela aceitou com frieza minha oferta de ajuda e ficou ao meu lado enquanto eu bombeava a alavanca hidráulica de sua van. Dava ordens severas sobre arrancar o mato e a grama em torno da van e me fez varrer toda a área com um ancinho para eliminar os detritos. Depois ela me apresentou ao lixo. A mulher tinha ideias muito rígidas sobre o lixo. Cada saco cheio na lata ao lado de sua van tinha que ser colocado dentro de outro saco, embrulhado em uma forma oval específica e então amarrado com barbante com um nó apropriado. Três desses pacotinhos foram para uma sacola maior, que foi então embrulhada e amarrada com o pequeno nó. Finalmente, o pacote grande pôde ser levado para o local de coleta no acampamento.

Ela considerava apropriado que eu, ou alguém mais eficiente, fosse designado por Arty para fazer as tarefas dela. E não demonstrou nenhuma gratidão.

Quando voltei à van, a porta estava fechada de novo. Eu ainda não tinha conseguido entrar. Apertei o botão do interfone. A voz dela respondeu.

“Sim?”

“Já terminei com o lixo, senhora.”

“Isso é tudo por hoje, então. Tome um banho e preste atenção na limpeza das unhas. Volte amanhã de manhã.”

Um mês e várias cidades depois, eu ainda não tinha entrado na van da médica. Enchia o tanque de água e o de combustível, esvaziava o sistema séptico, embrulhava o lixo para presente todos os dias, e em cada novo local eu estabilizava a van, limpava a área no entorno e lambia aquela bunda fria e caída por nada. Enquanto isso, ela tinha dominado o precioso trailer-enfermaria de Al.

As consultas dos doentes caíram pela metade. Al manteve os exames de família nas segundas-feiras, pela manhã, mas eles eram realizados na nossa mesa de jantar. Ele não tinha mais a dedicação de antes. Apalpava, auscultava e fazia perguntas sobre nossos movimentos intestinais. Ele ainda levantava a pálpebra de todo mundo, olhava a garganta e as orelhas, fazia careta para as unhas, esfregava pasta azul nos dentes e, para os que tinham cabelo, verificava a existência de lêndeas e piolhos, mas ele não tinha mais a alegria de antes. Estava praticando escondido dela.

Encontrei esse recorte anos mais tarde entre os papéis particulares do

repórter Norval Sanderson, que se juntou ao circo algum tempo depois da dra. P. Norval possuía recursos que nós, os Binewski, não tínhamos. Quando ele queria informação sobre o passado de alguém, podia recorrer a gravações e microfilmes de qualquer jornal no país.

(UPI) Uma aluna da Universidade de Nova York foi internada hoje no Hospital St. Theresa depois de ter feito uma cirurgia abdominal nela mesma em seu quarto no alojamento.

Autoridades da universidade revelaram que Phyllis Gleaner, 22 anos, aluna do terceiro ano do curso de bioquímica, acionou um alarme instalado em seu quarto e chamou o zelador do prédio às 4h30 da terça-feira. Ao atender ao chamado, o zelador, Gregory Phelps, encontrou a estudante deitada sobre uma mesa estéril, enrolada em lençóis ensanguentados e cercada de instrumentos.

“Ela estava fraca, mas consciente”, contou Phelps. “Disse para eu não tocar em nada no quarto e chamar uma ambulância. Ela explicou que o quarto estava esterilizado e que não queria que eu mexesse em nada. Foi muito enfática sobre isso. Vi sangue por todos os lados e até onde consegui enxergar pelos espelhos em torno dela, então fui ligar para o número da emergência.”

O médico da polícia, Kevin Goran, examinou o quarto de Gleaner depois que ela foi removida para o hospital. “Era um centro cirúrgico improvisado, mas funcional”, relatou Goran. “Contava com os instrumentos para uma cirurgia abdominal bem grande e um arranjo de espelhos genial, o que permitia que ela trabalhasse na própria cavidade abdominal.”

A equipe de emergência do hospital comunicou que Gleaner estava consciente e falava de maneira coerente quando chegou, mas se encontrava muito cansada. “Ela não estava realmente em choque”, contou o dr. Vincent Coraccio, da equipe cirúrgica do St. Theresa. “O que impressiona é a competência do trabalho. Ela fez a incisão e concluiu a cirurgia, evidentemente, mas estava cansada demais para fechar o corte. Foi quando pediu ajuda. Tudo o que tive que fazer foi a sutura. Foi um trabalho muito bom.”

Gleaner aplicou anestesia local nela mesma durante todo o procedimento cirúrgico. Suas declarações para a equipe do hospital indicam que Gleaner acreditava que um aparelho de controle remoto havia sido implantado perto de seu fígado por uma organização secreta sem nome. Ela acreditava que o aparelho era usado para monitorar e dirigir suas atividades. Realizou a cirurgia em um esforço para se livrar do aparelho. A polícia não encontrou nenhum equipamento do tipo quando revistou o quarto de Gleaner no alojamento da universidade, tampouco a equipe médica durante os tratamentos.

O recorte estava grampeado no caderno de Sanderson. Uma página preenchida com sua caligrafia revelava o restante de sua pesquisa sobre a dra. P.

Em um artigo publicado dois dias mais tarde, o mesmo repórter revelou que, ao tentar contato com a família de Gleaner, representantes da universidade descobriram que as informações de seu protocolo eram falsas. Ela não havia frequentado as escolas que alegou. Seus históricos eram forjados e falsificados. Nenhum parente ou amigo foi localizado na pequena cidade do Kansas — Garden City — onde ela dizia morar. A universidade estava constrangida, em especial porque o histórico acadêmico de Gleaner naquela instituição era brilhante. Os professores contaram que ela era uma pessoa reservada e que nada sabiam sobre sua vida privada. Todos

afirmaram que seus trabalhos eram excelentes. Colegas de sala diziam pouco conhecer sobre Gleaner. Ela era distante de todos.

Gleaner tem se recusado a dar declarações ou responder perguntas sobre a autocirurgia ou o histórico falsificado. Seu único comentário, transmitido por uma enfermeira, foi que a universidade não tinha motivo para se preocupar porque suas mensalidades sempre foram pagas.



Sangue, tocos e outras mudanças

As gêmeas fizeram catorze anos em Burkburnett, Texas, durante uma tempestade de areia tão vermelha quanto os olhos de um bêbado. Os aniversários eram as únicas datas comemorativas que os Binewski respeitavam, e comemorávamos com toda a empolgação possível. Mas aquele décimo quarto aniversário foi difícil para as gêmeas. Wichita Falls nos havia negado uma autorização e o batedor — que era novo no emprego e um réptil, de qualquer maneira — ficou com medo de contar a Al. Só descobrimos quando a polícia nos encontrou no terreno e escoltou toda a nossa equipe para fora da cidade, com Al xingando melodicamente até nossa parada seguinte, que era em Burkburnett. Burkburnett não havia decidido se teríamos autorização ou não. Paramos em um estaleiro da ferrovia ao lado do matadouro e dormimos com o barulho das bombas de óleo como canção de ninar.

Havia poços de petróleo por todos os lados. O solo tinha sido abandonado aos lagartos e à poeira, e o quintal de cada chalé batido pelo vento na cidade havia trocado sombra ou gerânios pela promessa daquelas bombas. Cada uma delas era montada no concreto e cercada por uma barreira de correntes de dois metros e meio de altura com um topo de arame farpado. Havia bombas no estacionamento da loja de bebidas que funcionava vinte e quatro horas. Havia três bombas em lugares cercados pela grama artificial que cobria o cemitério Terra Celestial. Uma dúzia de famintos insetos de metal sugava a lama coberta de esterco no quilômetro quadrado do abatedouro de currais vazios, onde os bois, quando existiam ali, esperavam a faca. As cercas de ripas brancas dos currais guardavam apenas bombas de petróleo naquela semana. A área de embalagem estava fechada.

A cidade começava, ou terminava, logo depois do nosso canto no matadouro, uma sequência dilapidada de fachadas de lojas apoiadas umas às outras, que ficavam de frente para um milhão de quilômetros do Texas que se estendiam pela planície descuidada, sem ondulações.

As gêmeas acordaram discutindo. Eu ouvia os sussurros ríspidos de Elly através da tela. Depois Iphy, que nunca aprendeu a sussurrar: “Não é melhor que você. É diferente, Elly. Por favor. Só no nosso aniversário”. A mesma velha discussão. Iphy queria tomar café sentada ao lado de Arty. Elly sempre insistia para sentarem do lado esquerdo da mesa, de forma que ela ficasse entre Iphy e Arty, que sempre sentava em sua cadeira especial na ponta da mesa. Elly odiava as risadinhas de Iphy quando ela se sentava ao lado de Arty. Ele não parecia se importar. Era eu quem o ajudava com a comida.

Saí do meu armário e fui até o banheiro andando na ponta dos pés. Elly resmungava. Ela devia ter cedido. Tinha cedido no aniversário de Arty no ano anterior e passado o dia todo de cara feia. A alegria rosada dos sorrisos de Iphy haviam me afetado. Olhei no espelho tentando ver o medo em meu rosto. Estava no meu fígado e era invisível.

Arty preferia que Iphy cortasse sua carne no meu lugar. A janela rangeu ao ser aberta no quarto das gêmeas. As duas falaram ao mesmo tempo: “Um cavalo!”. E um suspiro em dupla: “Coitado!”.

Elas deixaram a porta da van aberta e, quando eu saí, estavam em pé sobre a primeira tábuas da cerca, olhando para o outro lado.

“Felicidades”, eu disse, abraçando suas pernas longas e bonitas. Depois as mãos delas me puxaram pelos braços e eu me agarrei ao topo da cerca para olhar por cima dela. Iphy falou: “Segura ela”, e Elly passou um braço embaixo da minha corcunda.

“Ele está doente”, disse Iphy, que achava que todos os animais desconhecidos eram machos.

“É velha”, opinou Elly, que presumia que todos os seres vivos eram fêmeas, até que o contrário fosse provado.

O cavalo havia sido cor de laranja no passado, mas agora o pelo era grisalho. O focinho branco se aproximou do chão sustentado pelo pescoço fino e cansado. As orelhas eram caídas. Os olhos estavam quase fechados. Os ossos eram salientes na coluna, nas costelas e nos flancos. A cauda era tão longa que se arrastava na lama.

“As patas!”, disseram as gêmeas. O cavalo não estava dormindo. Ele se moveu meio passo à frente. Primeiro um casco traseiro, e então a pata dianteira do lado oposto se ergueu lentamente do lodo preto que cobria seus membros até a primeira articulação. O cavalo parou, levantou novamente a pata traseira e a manteve suspensa, com o casco acima do barro. O casco era longo e encurvado, como um sapato humano gasto apenas de um lado. As patas estavam cobertas de lama até o Joelho e se flexionavam de um jeito estranho.

O sol espiava pela beirada da planície. O cavalo permanecia na sombra de seu pequeno curral. “As patas dele estão podres”, murmurou Elly. Iphy começou a choramingar de pena.

Eu conseguia sentir nas tábuas da cerca o baque fraco das bombas no meio do labirinto de cercados. A lâmina amarelada do sol cortava o ar, sem ainda alcançar o chão ou as cercas, mas roçando a cabeça das bombas que se erguiam, abandonando-as quando desciam novamente para a sombra. O cavalo fraco continuava imerso nele mesmo. Sem mexer nem uma orelha. Nem um olho piscava. Uma mosca andava por sua boca mole.

“Feliz aniversário”, disse Arty.

Iphy sentou-se ao lado de Arty na mesa do café. Al tinha ido até a delegacia para ouvir o veredito de nossa autorização para as apresentações em Burkburnett. Lil abraçava as gêmeas cada vez que passava por elas e fez elegantes saladas de melão para o café. Elly não falava. Iphy lamentou pelo cavalo durante toda a refeição.

“Quero minha cadeira.” Arty estava determinado, tramando alguma coisa. Puxei a cadeira para o lado de fora e a montei na frente da porta. Ele pulou nela do degrau de cima e olhou em volta. “Perto daquele cavalo.”

E eu empurrei a cadeira pela terra em direção à cerca. Ele se inclinou para a frente e espiou entre as tábuas. O cavalo não tinha se mexido. O rosto de Arty se contorceu com desgosto. Ele se encostou novamente na cadeira e olhou para mim com ar especulativo. “Bom. Vá chamar a médica. Traga-a aqui.” Eu corri.

A grande van da médica estava no fim da fila, separada do último trailer por uns cinquenta metros. Ela nunca estacionava perto dos outros. As janelas estavam abertas. As cobras entrelaçadas pintadas na porta da van seguravam o interfone na boca. Apertei o botão. O sol agora estava alto, espalhando calor e luz amarela sobre minhas mãos. O interfone chiou e a voz dela soou calma.

“Sim?”

Dei o recado.

“Um momento”, ela disse. O aparelho chiou de novo e ficou em silêncio. Desci do bloco que servia de escada para esperar por ela. Não gostava de pensar em sua porta se abrindo tão perto de mim.

O ar estava parado e seco, com um gosto azedo e denso. O único cheiro familiar era o aroma fraco do combustível da van. Ainda não tínhamos aberto o parque. Não pusemos nossa marca no ar. Tentei enxergar além do grupo de vans, caminhões e trailers, para ver minha casa, o lugar no outro extremo onde estava nossa van, com Arty na frente, perto do cavalo quase morto em seu cercado.

Tudo estava no caminho. Puxei a touca sobre as orelhas e me movi ansiosa na terra. Não queria olhar para o outro lado, para a cidade seca com suas janelas escuras fechadas para nós. Mordi a língua quando a porta se abriu. O cheiro de antisséptico saiu primeiro. Depois vi os sapatos brancos e os tornozelos brotando deles.

“Vá na frente, por favor”, ela disse. E deu um passo em minha direção. Parti apressada.

A dra. Phyllis devia ter tido uma bela voz. Era fria e aguda, sempre controlada. Ela nunca resvalava para os limites do estridente, como Lil ou Iphy. Mas ainda não era agradável. Era monótona como um sonâmbulo. As palavras saíam limpas, cirurgicamente cortadas, com um sopro um pouco mais pesado onde devia haver um *r*. Ela falava a antiga língua de Lil, o idioma suave do lado direito da colina em Boston. Mas quando Lil perguntou, a dra. Phyllis disse que nunca havia estado lá. Essa conversa fez Lil querer que ela ficasse. Lil achava que seria bom ter no circo uma mulher que falasse daquele jeito, como se ela e Lil pudessem beber chá na van e falar sobre a suas origens. Mas isso nunca aconteceu. Não me incomodava que Lil gostasse dela. Lil era ingênua sobre as pessoas de quem gostava. Mas Arty era diferente.

A poeira subia atrás de mim enquanto eu corria. Eu esperava que o pó pousasse no uniforme branco. Queria que ela não estivesse usando a máscara para respirar minha poeira e tossir. Mas ela nunca saía sem a máscara cobrindo o nariz e a boca. A touca branca sempre ocultava parte da testa e todo o cabelo. Entre uma e outra, ficavam os grandes óculos de lentes grossas. Ela estava completamente protegida. Não falava comigo e me acompanhava com facilidade, andando depressa.

Chick estava apoiado no braço da cadeira de Arty quando chegamos. Os dois olhavam alguma coisa na poeira.

Ouvi Arty dizer: “Junte os dois”.

Chick assentiu, e uma pequena cobra cinzenta se ergueu uns trinta centímetros do chão, suspensa pelo meio do corpo como que por um barbante, e depois caiu de volta na terra.

“Não estão prestando atenção”, comentou Arty.

“Bom dia”, disse a dra. Phyllis com sua voz aguda e perfeita. A cobra e um sapo chifrudo se ergueram rapidamente e voaram juntos para longe no deserto. Chick escondeu a cabeça no peito de Arty.

“Doutora!”, Arty exclamou. “Dê uma olhada naquele cavalo.”

Ela passou por mim, rígida, as mãos unidas na frente do corpo. “Não sou veterinária”, retrucou num tom calmo.

Arty bateu com o queixo no cabelo cor de trigo de Chick. “Some!” A

criança deu um pulo e se virou para correr. Quando me viu, estendeu a mão macia e correu para mim.

“Vamos ver o que mamãe está colocando no bolo de aniversário”, eu disse. Ele sorriu, e nós subimos na van.

Chick estava sentado na bancada e só se mexia para abrir a boca e receber as gotas da cobertura de chocolate que às vezes se erguiam da vasilha em que Lil trabalhava. “Pare com isso, Chick”, Lil murmurava. E ele sorria para ela com a doçura do chocolate. O cachinho que caía na frente de uma orelha se estendia para acariciar de leve a bochecha, depois voltava ao lugar. Me agachei no chão com a corcunda apoiada na porta do armário, observando Arty e a dra. Phyllis pela porta aberta.

Sua saia branca e justa envolvia as pernas grossas e o quadril largo. Ela enfiava as mãos nos bolsos da frente e se balançava sobre os saltos plataforma. E olhava para o cavalo decrépito através da cerca. Arty se reclinou na cadeira e olhou para ela, sorrindo. Não dava para ouvir o que eles diziam. Uma gota marrom dançou na frente do meu nariz. Abri a boca. A gota desceu, fez uma volta no ar e pousou na minha língua. Cobertura.

“Obrigada, Chick”, murmurei. Minha touca escorregou para a frente, sobre o nariz, e voltou à posição original. A dra. Phyllis apoiou um cotovelo na tábua mais alta da cerca, virando a máscara e os óculos para Arty. Ela pôs a mão enluvada na cintura e assentiu. Lambi o resto de cobertura dos dentes e deixei descer pela garganta.

“Queria saber onde estão as gêmeas”, disse Lil. O bolo estava bonito. Lil desenhara a forma de dois corações entrelaçados.

Falei com Horst, e ele agiu imediatamente. Chamou dois homens musculosos para ajudar a puxar o pequeno trailer. Sentei na escada do vagão dos felinos, sentindo o cheiro dos tigres-de-bengala e esperando o papai. Havia alguns carros se movendo na rua distante. Uma barbearia estava com as portas abertas, e uma cortina de tiras vermelhas e brancas pendia sem vida. Os guardas bebiam o conteúdo de grandes garrafas térmicas no fundo do terreno. Era estranho ver o circo estacionado sem os portões, as barracas e as lonas erguidas à minha volta.

Depois de um tempo a dra. Phyllis passou, seguida por Horst e pelos dois grandalhões puxando o trailer coberto. Ela ordenou que o estacionassem ao lado de sua grande van. Depois entrou na van. Horst se aproximou de mim devagar. Ele desabou pesadamente no degrau ao meu lado. “Agora também tem roubo de cavalo!”, disse.

“Papai vai encontrar o dono e pagar pelo animal.” Os homens grunhiam e xingavam dentro do trailer. O cavalo velho não levantava.

“Eu não daria aquele bicho para alimentar um gato de rua. Pouca carne, e cinza ainda por cima.”

Um dos homens pulou para fora e se preparou para puxar o cavalo. Com as mãos segurando a cauda suja, se abaixou e andou para trás. Os flancos magros apareceram. Os cascos e as patas de trás caíram no chão. O homem loiro dentro do trailer empurrava o animal do outro lado. O cavalo deslizou para fora e ficou deitado no chão. A cabeça pendeu na ponta do pescoço comprido e ficou imóvel. As narinas brancas se abriram e relaxaram. O homem loiro pulou do trailer com uma corda, colocando-a na cabeça caída do animal. Depois prendeu a corda ao anel no queixo e a passou pelo eixo da van da dra. Phyllis.

Os guardas se moviam, levantavam, colocavam as garrafas térmicas atrás das banquetas. Um homem grande atravessou a rua e andou pelo terreno esburacado. Al. Os dois guardas o acompanharam até a metade do caminho para as vans, depois retomaram seus postos. Al chegou, e parecia zangado.

Burkburnett tinha proibido nossa abertura no domingo. Teríamos que esperar até o dia seguinte. Al estava furioso. Xingava a covardia do batedor que havia escondido o problema na primeira proibição.

“Perder a sexta-feira e o sábado em Wichita Falls e ter que abrir no dia mais fraco, em uma semana que não renderia nem uma semana de papel higiênico para a equipe!”

Contei ao papai o que Arty queria. Al reclamou, mas acabou indo procurar o dono do cavalo.

Na hora do almoço, Lil percebeu que não tinha visto as gêmeas desde o café da manhã. Ela entrou em pânico e começou a andar por ali em cima dos sapatos vermelhos de salto alto, segurando os próprios ombros. Ia de guarita em guarita perguntando aos homens grandes de rosto inexpressivo.

“Não vimos, não, senhora. Teríamos visto se elas tivessem passado por aqui em algum momento.”

Eles se olhavam ansiosos quando Lil se afastava, torcendo para as bizarrinhas não terem escapado enquanto eles contavam mentiras sobre noites quentes em Baton Rouge.

Papai estava em algum lugar falando com um homem sobre um cavalo, e eu seguia a mamãe dizendo: “Ah, elas estão bem! Talvez estejam enterradas no pátio do frigorífico, quer que eu pegue uma pá?”. Usava meu tom mais tranquilo, enquanto ela gaguejava A Lista Adaptável de Horrores da Mamãe para Todas as

Situações que poderiam acontecer sempre que uma criança fica sem supervisão. Lil havia atingido o estágio de torcer os dedos, e todas as ruivas se viraram para olhar. Abrimos todos os vagões vazios perto da linha da ferrovia, examinamos todos os cadeados nas grandes portas de correr da área de embalagens do frigorífico e estamos voltando pelo acampamento, parando em cada van, trailer e caminhão. Todo o circo estava em compasso de espera porque papai ainda não havia dado a ordem para montar as tendas, e Arty estava ocupado com outra coisa.

Mamãe imaginou que as gêmeas deveriam estar dormindo um pouco no quarto delas, e estávamos indo lá para dar uma olhada quando notamos o céu. Era um lençol leitoso. Ao longe, no limite da planície, uma linha vermelha dividia a terra e o céu. Diante dos meus olhos, a linha virou uma barra, depois uma faixa que subia em direção ao firmamento.

Arty e Chick estavam ao lado da van da dra. P., no fim da fila. A dra. P., com os braços flexionados para plantar as mãos enluvadas no quadril, estava em pé na frente da cadeira de Arty, balançando a cabeça embrulhada como a de uma múmia numa resposta afirmativa. Chick parecia se esconder atrás da cadeira de Arty.

O vento ganhava força. Bagunçava o cabelo de Chick e colava a saia da dra. P. em suas pernas. Um pouco para o lado, o cavalo velho levantou a cabeça sobre o pescoço curvo e trêmulo, cavando a terra com os cascos dianteiros moles, tentando se apoiar para ficar em pé.

Horst passou por mim com os dois homens que haviam mudado o cavalo de lugar. Comecei a correr. Vi a dra. P. abrindo a porta da van e chamando Chick com um aceno. Chick olhava para ela, mas agarrava com as duas mãos o braço da cadeira de Arty, que apontava a porta e a médica com o queixo. Ele estava dizendo para Chick acompanhá-la.

“Vamos empurrar aquela criatura bichada de volta para o trailer!”, Horst gritou quando passei por ele. A van da dra. P. ainda estava longe, e eu era muito lenta. A porta da van fechou com Chick lá dentro, sozinho com ela.

Arty segurava o controle entre os dentes e manobrava alegremente em minha direção quando agarrei os dois braços da cadeira. “Por que fez isso?”, bufei. “O que ela vai fazer com Chick? Não pode deixar ele lá com ela!”

“Empurre a cadeira para casa. Ele está bem. Vai! Corre!”

Agarrei as manoplas da cadeira numa resposta automática e o empurrei para a van, ainda olhando para trás, para a porta fechada da van branca da dra. P. Horst e seus ajudantes torturavam o animal decrépito para levá-lo de volta ao trailer. Parei de empurrar. “Arty, o que ela vai fazer com Chick?”

A cabeça de pele lisa balançou na lateral da cadeira. “Leite com biscoitos.

Ensinar a jogar xadrez. Empurra! Vai! Preciso tanto mijar que sinto até o gosto.”

Joguei o corpo para a frente e empurrei, vendo meus pés revolverem a terra no rastro das rodas e notando que a luz fraca do céu não projetava nenhuma sombra.

Mamãe estava aflita. Papai tentava lhe explicar a respeito do homem gordo que era dono do cavalo e havia tentado convencê-lo de que o animal tinha três anos, era de raça e ficaria ótimo assim que comesse um pouco de aveia. Mamãe limpava cada superfície da van procurando por um bilhete. Um pedido de resgate dos sequestradores ou uma carta de despedida das gêmeas fugitivas. “Deixei um bilhete no pote de açúcar da minha mãe quando fugi”, ela resmungou. Papai a seguia falando sobre o “velho vendedor ambulante”, e finalmente percebeu que havia alguma coisa errada.

Mamãe se virou para ele com os punhos cerrados e o rosto em brasa. “Ajude a procurá-las!”

“Mas o qu...?” Papai a segurou pelo pulso e virou seu braço, examinando o número de marcas de injeção. Notei a fúria crescendo.

“Papai, as gêmeas sumiram.”

“Ah, pela mãe de Deus!”, gritou meu pai ao seguir a mamãe para fora da van. O vento empurrou a porta com um estrondo e entrou. Saí, fechei a porta e subi os dois degraus para a van de Arty. Girei a maçaneta sem bater e entrei. Silêncio. Tapete. A penumbra limpa e rica do ambiente, exceto por uma poça amarela de luz da lâmpada onde Arty repousava tranquilamente em um divã de veludo cor de vinho com um livro. Ele me viu fechar a porta.

“Sabe onde elas estão?”

Arty balançou a cabeça. “Mas você pode molhar algumas toalhas e colocar nas frestas das janelas e da porta. Ajuda a deixar a poeira lá fora.” Ele olhou para o livro.

Molhei toalhas na banheira, torci e as encaixei nas fendas das janelas. Em cada fresta, eu podia ver o pessoal mudando vans e trailers de lugar, colocando os veículos a favor do vento. Havia movimento nas janelas de alguns trailers, onde as pessoas também encaixavam trapos ou papéis molhados.

“Devo ir buscar o Chick?”

Arty olhou para o relógio. “Ele vai chegar em alguns minutos. Antes que a poeira assente.”

“Lá vem ele.” Eu o vi pela janela, de mãos dadas com uma menina ruiva e correndo para acompanhar os passos das pernas longas. Eles andavam de cabeça baixa, inclinados contra o vento, a ruiva segurando com a mão livre o cabelo que voava, dançando entre seus dedos.

“Alguma vez você se perguntou por que ele não voa?” Arty usou aquele tom de especulação. “Ele deveria conseguir voar.”

Puxei a porta quando a dupla subiu a escada. “Oly, minha querida!”, disse a ruiva. “Crystal Lil está te procurando, meu bem! Chick encontrou as gêmeas. Vamos.” Eu olhava para Chick, procurando hematomas, cicatrizes psicológicas, eletrodos atrás de suas orelhas. Nada. Ele estava entretido com a agitação do vento.

“Deixa ele comigo!”, Arty gritou do divã. Os olhos de Chick passaram por mim ansiosos, o rosto se iluminando satisfeito. Ele entrou saltitante enquanto eu fechava a porta.

A ruiva agarrou minha mão. Correu. O vento me dava a sensação de estar mais leve. O céu tinha um tom de ferrugem lá em cima, e os gritos do pessoal do circo à nossa volta eram rasgados em tiras, tornando-se fragmentos que passavam como se não fossem uma linguagem.

“Para onde?”, berrei.

Acho que ela disse: “Os Schultz!”.

Passamos pelo caminhão-gerador e pelo caminhão-refrigerador. Vi Horst empurrando um maço de papel molhado na fenda de ventilação do vagão dos felinos, e em seguida fomos atingidas pela areia. A ruiva gritou, um uivo agudo e curto interrompido por tosse, a dela e a minha. Eram agulhas que vinham de trás, um milhão de picadas de formiga furando minhas costas, queimando através das roupas. Na frente, era pior. Uma nuvem quente de sufocamento granulado enchendo o nariz, a boca e os olhos com poeira seca que sugava toda a umidade. Grudando no céu da boca, nas cavidades do nariz e na garganta, principalmente.

O caminhão-refrigerador caiu de lado atrás de nós. Continuamos correndo, e o vento tentava nos fazer voar.

O Schultz, que era nada além de uma dezena de banheiros para homens e mulheres, ficava de frente para o vento. O mesmo vento forte que empurrava nós duas, a ruiva e eu, derrubou o Schultz do reboque. Deitada de bruços na terra com o rosto enterrado nos braços, senti a queda mais do que a ouvi. Uma mão me puxou para cima e levantou minha blusa para cobrir meu nariz e boca. A ruiva me fazia correr e segurava a própria blusa contra o rosto com a mão. O pó fino atravessava o tecido, mas eu conseguia respirar um pouco. O vento rasgava minhas costas, arranhava a corcunda, esfolava minha cabeça nua. A touca tinha voado para longe, junto com os óculos escuros. Não havia som, o rugido inexpressivo da areia carregada pelo vento era fluido.

Mãos me levantaram pelas axilas e eu caí, livre e cega, mas aterrissei antes de conseguir gritar. Dentro de algum lugar. Longe do vento. A ruiva havia encontrado a porta em uma ponta do Schultz e me empurrou por ela. Sentei no

escuro, piscando dolorosamente para lavar com as lágrimas a areia dos olhos. O estrondo do vento se chocou contra a parede fina de metal em que eu estava encostada. Um corpo morno bateu no meu, caindo ao meu lado. Uma mão tocou minha cabeça e a corcunda. O ar era manso e denso, com poeira flutuando e o cheiro doce e enjoado de substâncias químicas e coisa pior. A voz morna da ruiva respirou no meu ouvido.

“Aposto que esse lixo não é esvaziado desde Tulsa.”

Não era exatamente um banheiro portátil da marca Schultz. Era um banheiro na carroceria de um caminhão com cinco cabines de cada lado, suprimento de água fria para as pias, HOMENS na porta a bombordo, MULHERES na porta a estibordo. Papai pagara barato por ele com seu próprio trailer. Era feito de fibra fina, e tão leve que um carro ou uma pequena picape poderia rebocar a instalação.

“Eca! Estou encostada num urinol nojento!”

A ruiva se inclinou e me empurrou para o canto. Minha cabeça bateu em alguma coisa dura, então eu estendi a mão e senti canos e porcelana gelada pingando água. A pia. Meus olhos expulsavam a areia e eu comecei a enxergar o suficiente para saber que estava realmente escuro ali.

“As gêmeas e sua mãe estão do outro lado. Estamos na ala masculina. Se elas ainda estiverem aqui... *Lil! Lily!*”, ela gritou.

“*Mamãe!*”, eu gritei e depois tossi com toda aquela poeira vermelha raspando dentro de mim. O vagão estava tombado. A pia acima de mim estava ao contrário. Se eu abrisse a torneira, a água não cairia na cuba, mas na minha cabeça. Estávamos espremidas contra uma parede com o piso de linóleo em nossas costas. A pouca luz que havia entrava como uma névoa marrom pela claraboia de plástico no que normalmente era o teto, mas agora era a parede mais distante. O vento carregado de areia projetava sombras escuras e rápidas nela. As cabines começavam logo depois do urinol ao nosso lado. O líquido que vertia das fendas me lembrava que todos os vasos estavam tombados.

“Eles estão acima de nós.” A ruiva estava em pé sobre as pernas trêmulas. “Uau, estou meio tonta.” Um líquido pingava do que fazia as vezes de teto. “Olha, aquela parede está arrebentando!”

A armação de presilhas e encaixes da parede de fibra estava solta no canto sobre nós e caía. “Vem cá, sobe aqui e puxa esse negócio.”

Ela me levantou pelas mãos, me segurou quando subi em seu joelho, então escalei o quadril e as costas. “Vou ficar em pé”, ela avisou.

Subi em seus ombros, me apoiei na parede e puxei a aba solta.

“*Mamãe! Crystal Lil!*”

“*Ei!*” No escuro acima de nós.

“Oly, saia do caminho. Vamos descer a mamãe até você. Ela está machucada. No peito.” Era Elly falando na escuridão. Deixei alguns hematomas na ruiva quando descii escorregando. Ela segurou as longas pernas brancas que desciam do teto. A saia favorita da mamãe, a de estampa de flores amarelas, estava rasgada, e as veias azuis na parte de trás das coxas brilhavam de um jeito estranho na escuridão. Ela gemia debilmente enquanto era baixada.

“Mamãe?” Os braços dela apareceram finalmente. As gêmeas a soltaram e ela caiu no canto com um grito.

“Luz”, minha mãe pediu.

As gêmeas desceram pelo buraco e caíram ao meu lado. Estavam ensopadas e cheiravam mal. Cabelos e roupas estavam encharcados com o líquido azul dos banheiros químicos.

“A culpa é toda nossa”, Iphy choramingou.

“Minha culpa, ela quer dizer”, disse Elly.

As duas se abaixaram perto de mamãe, e a ruiva se debruçou sobre ela, afastando com delicadeza os cabelos brancos de sua testa. Lil estava perdida na própria cabeça.

Nós a deitamos embaixo da pia e a ruiva rasgou uma tira da saia de flores amarelas para cobrir o nariz e a boca de minha mãe, de forma que ela pudesse respirar na poeira que pairava.

As gêmeas estavam imundas. “Nenhuma fratura?”, perguntou a ruiva. “Então sentem ali. Esse cheiro ataca a minha sinusite. O banheiro caiu em cima de vocês?”

“Eu ajo”, mamãe anunciou calma do chão. “Mim não faz nada.” Todas nós olhamos para ela.

“Isso é gramática?”, Iphy perguntou. Mamãe entrelaçou os dedos sobre a barriga como se cochilasse em sua cama.

“Não sei. Pode ser só conversa.” A ruiva cutucou um esfolado em seu cotovelo. “Vou dar uma olhada lá fora. Talvez esteja melhorando.”

O vento agora soprava em rajadas, com intervalos entre um ataque e outro. Havia um pouco mais de luz. As gêmeas desabaram no chão, encostando-se na primeira cabine. As duas estavam atônitas, sem expressão nenhuma. Ambas olhavam para a mamãe.

“Feliz aniversário!”, digo, sorrindo. Elas comprimiram os lábios dolorosamente. “Ficaram aqui a manhã toda? Mamãe estava preocupada.”

Os dois rostos iguais assentiram. A ruiva riu e bateu nos joelhos do jeans, levantando ondas de poeira. “É a primeira vez que elas sangram. As meninas acharam que estavam morrendo.”

Elly baixou as sobrancelhas. “Sabíamos o que era.” Os olhos de Iphy se

abriram ansiosos. “Não sabíamos o que *aconteceria* com a gente. Não nos sentimos bem. E é assustador. Elly não queria sair, mas eu queria. Tentei convencê-la, mas ela se recusava.”

Elly balançou a cabeça com impaciência. “Quanto tempo essas coisas duram? A noite toda? Quanto?”

A voz de Lil brotou de baixo do pano. “Eu teria contado mais, mas não sabia se aconteceria com vocês.”

Meu coração batia no ritmo do pânico. Tive que perguntar. “Mamãe, vai acontecer comigo?”

Iphy passou a língua pelos lábios. “Elly não queria sair nem quando Chick e mamãe encontraram a gente. Ela não me deixava destrancar a porta. Mamãe falou para o Chick abrir a porta e levar a gente para fora, mas ele não fazia nada. Porque nós não queríamos. Mas não éramos nós duas. Era a Elly. Ficamos com as pernas dormentes sentadas naquele vaso.”

“Cala a boca! Cala a boca! Cala a boca!”

“Ah, Elly, relaxa. Para de ser mal-humorada”, resmungou a ruiva. Depois afagou minha cabeça. “Sua mãe me pediu para buscar você, assim você poderia passar por baixo da porta da cabine.”

“Teríamos chutado você se tentasse”, Elly rosnou.

“Pelo amor de Deus, garota, para que tanta confusão?” A ruiva estava irritada. “Acontece com todas as mulheres.”

“É? Isso muda as coisas para nós. É muita coisa nova para pensar.”

A buzina de um caminhão disparou perto dali. O ruído enfraquecido pelo vento se repetia de um jeito monótono. Mamãe abriu os olhos. “Al está muito impaciente.”

“Ele não sabe onde vocês estão.” A ruiva se levantou. O branco dos seus olhos eram evidentes no rosto sujo de poeira. Ela esticou o braço para girar a maçaneta da porta horizontal acima de mim e abri-la. A areia presa no peitoril caiu. Uma rajada de vento invadiu o espaço, soprando sujeira contra nosso rosto.

“Muito bem, mocinhas, a festa acabou. Todo mundo para fora.”

“Estou muito feliz por ter guardado aquele bolo na geladeira”, disse Crystal Lil depois de um tempo. “Não teria sobrado nada se ele tivesse ficado em cima do balcão.”

Fazíamos a festa de aniversário das gêmeas na cama da mamãe. Ela estava reclinada sobre os travesseiros, com o elegante curativo feito por meu pai aparecendo na frente do quimono, e seu cabelo recém-lavado tomava forma como clara de ovo acima de um rosto sem maquiagem.

Passamos uma hora aspirando tudo, e ainda tinha poeira vermelha pairando

no ar. Mas agora, depois do banho e vestidos com roupas limpas, podíamos piscar os olhos doloridos e tirar a sujeira seca acumulada no nariz com uma satisfação exausta. Papai, apoiado nos travesseiros ao lado de mamãe, piscou para nós com os olhos vermelhos. “Agora vocês parecem melhores, meninas. Menos tripulação do demônio e mais anjos de ressaca.”

Arty e Chick, é claro, estavam inteiros e de olhos limpos porque haviam passado a tempestade no ar condicionado da van de Arty. Todo mundo comeu bolo e contou versões longas e exageradas de Quanto a Tempestade de Areia me Levou Terrivelmente Perto da Morte. A versão de papai o levou do trailer à van berrando perguntas para o vento e obtendo respostas insatisfatórias, “se perguntando onde, pelo saco murcho de santo Elmo, todos vocês haviam se enfiado”. Ele se refugiou no caminhão-gerador e teve a grande ideia de tocar a buzina do caminhão “como uma buzina de nevoeiro, assim, se estivessem vagando por aquela pradaria diabólica, teriam encontrado o caminho de casa”.

“Guarde um pedaço grande para o Horst”, Iphy ordenou, “e para uma das ruivas que ajudou a gente. Como ela chama?”

“Ruiva.”

“*Todas* as ruivas são ruivas, idiota! Elas têm nomes de verdade.”

Arty havia acalmado e entretido seu (recém-descoberto) amiguinho durante a tempestade, deixando que Chick lesse para ele em voz alta sua velha coleção de cartões de cumprimentos. Quando o vento mudou e a van de Arty ameaçou tombar, Chick impediu.

Chick não tinha uma história. Chick não comeu bolo. O prato ficou em seu colo enquanto ele olhava para cada fascinante contador de história à sua volta. Não estava se divertindo, mas não falava nada. Só depois de beijarmos papai e mamãe, darmos boa noite e nos prepararmos para ir para a cama, Chick nos alcançou no espaço estreito ao lado da cama das gêmeas e olhou para elas com ar triste.

“Que foi, docinho?”, Iphy perguntou.

“Eu sabia onde vocês estavam. Deveria ter tirado vocês de lá, não é?” Os olhos dele cresciam em seu rosto como se acompanhassem o tamanho da pergunta.

Elly passou a mão no cabelo dele. “Não, Chicky, você agiu bem.”

“Se eu tivesse tirado vocês de lá como a mamãe queria, todas teriam estado em casa como Arty e eu. Mamãe não teria quebrado uma costela. Vocês não teriam ficado com medo.”

Soltei a mão dele e dei um soquinho de leve em seu braço. “Não se sinta culpado por mim, foi muito divertido!” E fui me fechar no armário quente,

deixando as gêmeas para tentar consolar Chick.

Eu estava em cima da cômoda de Arty, polindo o grande espelho unilateral da cabine de segurança. Ele descansava no divã novo de veludo, folheando uma revista rasgada que havia tirado de uma pilha no trailer das ruivas.

“Se eu fosse um herdeiro com uma carreira no banco da família”, Arty dizia, “e tivesse uma forte, porém discreta, influência política, como eu me vestiria?”

Olhei para trás para ver se era piada. Ele ainda estava com o nariz enfiado na revista, por isso respondi: “Discretamente”.

“Mas o que é discreto para alguém com o meu corpo?”

“Não sei.” Desci e limpei as marcas que tinha deixado na superfície da cômoda. “Uma camiseta de tweed? Sunga de gabardina? Meias de seda preta?”

“Meias.” Ele esticou as nadadeiras, flexionando cada dedo separadamente. Odiava meias. “Mas acho que seriam quentes.” E continuou virando as páginas. “Ah, sapinho. Por que as gêmeas estavam escondidas na latrina?”

Então era isso. Larguei o pano de limpeza e pulei no divã, agarrando suas nadadeiras inferiores.

“Eu conto se você me contar sobre Chick e a dra. P.”

“Não é nada importante. Ela cuida daquele cavalo para mim, e eu a deixo estudar o Chick.”

“Estudar como?”

“Falar com ele. Fazer perguntas. Observar. E as gêmeas?”

“Elas começaram a sangrar naquela manhã. Elly ficou apavorada.”

“Sangrar?”

“Foi a primeira vez delas. Acha que vou sangrar também?”

Ele bocejou. “Vou trabalhar um pouco. É melhor você ir.”

As pernas e os tênis de Chick estavam do lado de fora da van da família, os dedos voltados para baixo.

“O que você está fazendo, Chick?”

“Olhando as formigas.”

Deitei de bruços e rastejei para perto dele, tomando cuidado para não bater a corcunda na parte de baixo da van. Um batalhão de formiguinhas se movia por uma saliência úmida na terra.

“Aquilo parece bolo.”

“É meu pedaço do bolo de aniversário. Elas gostam.”

“Esteve com a dra. P. de novo hoje de manhã, não esteve? Como ela é?”

Seu rosto rosado e sorridente se virou para mim. “Ela vai fazer o cavalo

Frosty ficar bom. E vai me deixar ajudar. Vai me ensinar como fazer as coisas pararem de doer. Arty diz que isso é bom. Mas hoje só movi a lata de lixo dela para fora.”

As gêmeas e eu limpávamos os recipientes do Cano com panos e spray de limpeza. Esfreguei o grande pote com força e olhei para Leona, a Garota Lagarto, flutuando tranquilamente lá dentro. “Mamãe está doente?”, perguntei.

“Ela precisa dormir”, disse Elly. “Papai deu uma dose extra para ela conseguir dormir. É bom para as costelas.”

Elas limpavam os dois lados do recipiente de Apple. Iphy mantinha uma das mãos sobre o estômago largo e plano das duas.

“Está doendo, Iphy?”, perguntei.

Elly bufou. “Ela continua pensando nisso.”

“Deixe Oly limpar a Bandeja, Elly. Eu vou vomitar se tivermos que limpar a Bandeja.”

“Não vai vomitar. Fecha os olhos enquanto eu limpo.”

“Você também pensa no sangramento”, Iphy protestou.

“É, mas não fico perguntando o que é isso ou se dói cada vez que alguma coisa se mexe na nossa barriga. Estou pensando no que isso significa para nós.”

Eu trabalhava no recipiente de Maple, aplicando o spray e limpando. “O que significa?”

Os olhos de Iphy estavam fechados quando Elly examinou o recipiente da Bandeja, procurando manchas e marcas de dedos. “E se a gente puder ter um bebê? Você nunca pensa no que vai acontecer quando a gente crescer?”

Iphy balançou a cabeça sem abrir os olhos. “Nada vai mudar.”

“O que vai mudar?” De repente, eu sentia medo. Elly estava impaciente com nós duas.

“Idiota! O que acha que vai acontecer quando mamãe e papai morrerem?”, disparou.

Iphy arregala os olhos. “Eles não vão morrer.”

“Arty vai cuidar de nós”, eu disse, tirando o pó da plaquinha em que se lia “NASCIDA DE PAIS NORMAIS”. “Ele vai ser o chefe.” Mas eu pensava que me casaria com Arty, dormiria abraçada a ele em uma cama grande e faria tudo por ele.

“Certo!”, Elly resmungou. “Podemos contar com Arty!”

Iphy tentou demonstrar confiança. “Vou casar com Arty e cuidar de todo mundo...”

O spray que Elly segurava caiu no chão quando a mão que o segurava se fechou e acertou um gancho na boca de Iphy, cortando seus lábios e jogando para trás a cabeça oval sobre o pescoço longo. Iphy tentou enfiar o pano de

limpeza na boca de Elly e bloquear outro soco ao mesmo tempo. Elas caíram gritando e se batendo, mordendo e puxando os cabelos. Fiquei olhando pelas lentes grossas dos meus óculos de sol para o emaranhado de membros no chão. Provavelmente, poderia ter acabado com a briga, mas não estava com vontade. Virei-me e saí da sala de iluminação verde, em direção ao corredor estreito, deixando as gêmeas se agredindo.

Ainda estávamos em Burkburnett quando a dra. Phyllis fez o serviço em Frosty com Chick como ajudante e papai participando dos momentos mais sujos. Eles trabalharam tarde da noite em uma tenda muito pequena que cheirava a antisséptico. A tenda estava tão iluminada que, de fora, brilhava como uma lua pesada de sombras.

Fiquei sentada a uns quinze metros do capô do caminhão-gerador, observando as silhuetas. Chick, um pequeno volume imóvel na ponta de uma saliência longa e escura, e a forma quadrada e larga da dra. P. permaneciam longos períodos no mesmo lugar, movendo a cabeça e os ombros. Al estava ocupado, a longa sombra de papai encurvada, abaixada, indo de uma ponta à outra do espaço iluminado, andando como se estivesse nervoso.

Eles construíram uma mesa com dois cavaletes e uma porta de aço de uma das vans. O volume que mal respirava em cima dela era o cavalo velho.

Enquanto mamãe e as gêmeas dormiam, enquanto todo o acampamento era escuridão, as luzes do parque esfriando nos soquetes e os guardas noturnos vigiando, cuspidando e suspirando em seus postos, eu observava, apoiada na urna do vovô, sentindo o frio do metal penetrando pela corcunda até os pulmões.

Uma luz passava pela janela da van de Arty, mas não havia movimento do outro lado do vidro.

Demorou muito. O céu negro deveria doer de frio, mas não havia vento. A quietude era quase morna, quase confortável. Sem sapos, grilos ou pássaros. Cochilei e acordei com os ombros doendo e o pescoço duro. As beiradas do céu se tingiam de um verde arsênico quando a luz dentro da tenda se apagou. O tecido cinza ficou opaco, e três silhuetas esfarrapadas passaram pela abertura e se afastaram.

Eu ouvia papai falando em voz baixa. Quando eles passaram por mim, Chick segurou a mão de papai. O menino estava sonolento, tropeçando nas próprias pernas.

Há algumas áreas do Texas onde uma mosca pode viver dez mil anos, e um homem não vê a hora de morrer. O tempo é estranho lá, embaixo de tanto céu, com tantos quilômetros de superfície plana de terra. Horst afirmava que todos

nós poderíamos viver mais tempo se “passássemos algumas temporadas nessas zonas escarpadas”. As ruivas gemiam, reclamando que o tempo só parecia mais longo. Quando os dias e os quilômetros se prolongaram, elas pararam de resmungar e se entregaram a longos silêncios. Seus rostos adquiriram a aparência plana e batida pelo vento da pradaria.

“O túmulo parece um bom lugar para dormir”, diziam, mas as queixas não tinham o habitual tempero e entusiasmo.

Nós nos escondemos perto de Medicine Mound e tirávamos um terrível proveito dos caminhoneiros e montadores, e de uma turma que havia percorrido quatrocentos quilômetros desde a Indian Nation em ônibus especiais personalizados com violinos e bandas de acordeão que tocavam ao lado dos banheiros e caixa térmicas cheias de cerveja a cada cinco cadeiras. Os índios pararam para esticar as pernas e dar uma olhada nas nossas instalações a caminho da reunião anual de acionistas de uma companhia de petróleo.

Horst se lembrava de uma cidade do Texas chamada Dime Box e das glórias da antiga Dime Box, que pareciam se resumir, para ele, ao quadril largo e forte de uma tal Roxanne Tuxbury, que comandava lá uma oficina de reparos de motocicletas e não se abalava com o indelével odor de felinos nos pelos do peito de um homem.

Papai distribuía doses de seu tônico mais rançoso a todos antes do café da manhã. “O sol de inverno é meio verde e não tem o combustível necessário. Por isso, você fica tão sonolento.”

Horst estava encostado na porta, à espera de sua colherada secreta do escuro e amargo Bálsamo Beneficente dos Binewski.

“Só não deixe a dra. Phyllis saber”, resmungava papai a cada dose de sua grande garrafa de Três B.

“Roxanne Tuxbury sempre anda em uma motocicleta”, explicou Horst, “e as coxas daquela mulher são tão longas e fortes quanto a risada dela, que você pode ouvir perfeitamente em Arkansas se o vento soprar na direção certa. Ela usa um colete de couro trezentos e sessenta e cinco dias por ano.”

Papai enfiou uma colherada de Três B embaixo do bigode de Horst e arqueou as famosas sobrancelhas Binewski. “Pena que Dime Box não esteja em nossa agenda este ano. Talvez você deva pegar uma pequena van e ir até lá passar uma semana. Encontre a gente depois de ventilar as glândulas ou perder a cabeça com Roxanne.”

Horst engoliu em seco para não cuspir o Três B e olhou para Al. “Deixar os felinos? Se você tivesse o bom senso de passar o inverno de um jeito decente na Flórida, daria a um homem a chance de...”

As campanhas começaram a tocar de repente. Chick e Arty, que haviam

desaparecido cedo naquela manhã, chegaram correndo na cadeira e gritando: “Elly! Iphy! Venham!”.

As gêmeas, estremecidas e de olhos arregalados, se levantaram da mesa de jantar, onde terminávamos as lições de aritmética e esperávamos o café. Mamãe havia esquecido os biscoitos, e eu as segui. Papai e Horst riram quando todos nós seguimos pela trilha de barro duro em direção à van da dra. P. Arty levava um toca-fitas na cadeira de rodas, que reproduzia o som de campainhas. O pessoal do circo saía e seguia o grupo, ruivas e outros trabalhadores. O tom cinza do dia subia por nossas costas quando chegamos ao trailer coberto estacionado perto da cintilante e branca clínica móvel da dra. P.

A cadeira de Arty parou e a mão de Iphy ficou presa na nadadeira do ombro de Arty quando Chick se adiantou. Houve um baque e um sussurro dentro do trailer, depois o cavalo laranja e grisalho enfiou a cabeça no vão da porta e desceu a rampa até o chão com a crina trançada e enfeitada com fitas azuis, os olhos revirando nervosamente enquanto ele arqueava o pescoço fino e batia os cascos na terra. Todos nós respiramos mais fundo quando vimos o corpo alongado do cavalo, o Dachshorse, o aparado e canalizado cavalo Basset empoleirado em meias estreladas, e percebemos que as quatro patas de ossos destruídos haviam desaparecido. O cavalo fora amputado um pouco abaixo dos joelhos e dançava sua dança senil sobre os tocos protegidos por meias.

“Não é incrível?”, papai gritou.

As ruivas exclamavam e aplaudiam, e Horst assobiou por entre os dentes, um som que fez o cavalo abaixar as orelhas. Arty sorriu e se curvou na cadeira, e Chick observava o velho cavalo com atenção. A dra. P. nem apareceu.

Todos nós chegamos mais perto para olhar e afagar o cavalo suado e assustado, examinando os tocos cobertos pelas meias e admirando a maneira como sua cauda estava presa por uma fita azul para não arrastar na areia. Chick se mantinha próximo e segurava a corda do arreio. As gêmeas afagaram o pelo do animal atordoado e se olharam quando Arty disse a elas que, mesmo atrasado, aquele era seu presente de aniversário.

“Obrigada, Arty”, elas disseram em coro.

Papai elogiou a dra. P. e mamãe correu para casa depois de gritar “Biscoitos!”. O grupo todo se dispersou.

Chick deixou a corda escorregar da mão, e o cavalo se aproximou de um arbusto sobrevivente e acinzentado perto da roda do trailer, batendo com o queixo no chão porque não estava acostumado a estar tão baixo. Foi o que eu pensei, pelo menos. Arty se reclinou na cadeira e olhou preocupado para Iphy.

“Está contente?”

Elly viu o cavalo andar de maneira desajeitada sobre as patas encurtadas, o corpo equilibrado precariamente.

Iphy respirou fundo e afagou o ombro de Arty. “Mas ele está bem, Arty? Não sente dor?”

Chick interrompeu depressa. “Não, ele não sente nenhuma dor.”

E eu, apoiada no braço da cadeira de Arty, fiquei pensando se Chick estava fazendo aquilo, mantendo o cavalo em pé e fazendo-o dançar. O rosto de Elly se voltou para nós, e ela estava velha. Havia mergulhado em algum lugar escuro atrás de seus olhos, e não sei para onde ela olhava, mas não era para mim ou para Arty.

“Então é assim que vai ser”, ela disse. Sua voz era seca como a terra que se estendia até o triste limite do céu.

As gêmeas se mantinham o mais longe possível de Frosty, o cavalo, apesar de Arty incentivá-las a “se relacionar com o bichinho”. Chick cuidava do cavalo. O animal provavelmente teria desabado ao acordar de manhã e perceber que as patas haviam desaparecido, não fosse pelo apoio literal de Chick. Não sei se Chick mantinha o coração do bicho batendo contra a sua vontade. Todas as manhãs, Chick passava alguns minutos animando o cavalo a enfrentar outro dia.

Não tenho certeza de quanta informação ou ajuda Chick recebeu da dra. P. O certo é que o pequeno passava um tempo com a médica todos os dias e nem sempre levava para fora o lixo elaborado. Quando era interrogado, ele apenas dizia: “Ela está me ensinando a fazer as coisas pararem de doer”.

Chick também passava algum tempo com Arty. De repente a crueldade de Arty havia se transformado em carinho de irmão mais velho. Ele deixava Chick fazer muita coisa por ele, o tipo de caridade que Arty distribuía com mais generosidade. Arty também interrogava o menino cada vez que ele saía da van da dra. Phyllis. Chick era o agente de Arty no campo antes inatingível da médica. Era muito astuto, considerando que nenhum de nós havia sequer passado por sua porta, mas eu achava que poderia ser perigoso.

“E se ela decidir dissecá-lo para ver como funciona?”, perguntei. “E se ela decidir construir uma reputação escrevendo artigos sobre ele para jornais científicos?”

“Não. Ela não vai”, Arty garantiu. “Ela quer manter o trabalho só para ela. Está ensinando a ele como acabar com a dor. Diz que aquele velho cavalo teria morrido imediatamente se ela o tivesse enchido de analgésicos. Ela conversou com Chick sobre o negócio da dor no cérebro do cavalo, fez desenhos e pediu que ele estudasse tudo lá dentro até entender como isso funcionava. Ela diz que Chick pôs o cavalo para dormir, o manteve inconsciente e controlou essa área da dor para que o bicho não tivesse nenhuma reação de choque. Ela acha que Chick

pode colaborar para que ela seja uma grande cirurgiã. A doutora não vai anunciar Chick. Sabe que o perderia se isso acontecesse.” Arty parou e pensou por um segundo. Depois olhou para mim e revirou os olhos com ar preocupado. “Ela poderia decidir dominar o planeta, ou alguma coisa assim, mas estou tentando controlar a situação na rédea curta. Acho que vai dar certo.”

Arty estava ocupado. É surpreendente para mim, mesmo agora, quanta privacidade ele tinha na própria van, quanto tempo passava como se não estivesse fazendo nada e o quanto ele estava realizando com suas ordens. Ele estava trabalhando. Seu show estava mudando. Ele contratou um divulgador pessoal, um especialista chamado Peabody, alguém que aparecia uma vez por mês, durante uma hora, e depois ia embora dirigindo um carro sempre brilhante. Peabody usava ternos cinzentos e tinha um ar de humildade convencida que ia contra o estilo dos homens que faziam o trabalho por Al. Todas as cidades onde parávamos tinham uma plateia enorme esperando docilmente por Arty. Nem sempre eram pobres. Nem sempre eram velhos.

Câmeras novas eram até comuns no circo. Sempre nos procuravam para gravar algum especial para um festival local ou um concurso tipo Miss Inseminação Artificial, ou sei lá, coisas que rendiam publicidade para nós. Mas os repórteres também começaram a entrevistar Arty em seu tanque.

Seja lá o que ele dizia, era exatamente o que aquela gente queria ouvir. Todo mundo era mobilizado para atender às multidões. Papai instalou uma cerca portátil de correntes para fechar a saída do palco de Arty, impedindo a passagem das pessoas que queriam tocá-lo e falar com ele depois de suas apresentações.

Meu irmão tinha um carrinho de golfe para ir de um lado para o outro. A segurança de Al cresceu, agora eram cinquenta homens grandes vestidos com uniformes azul-celeste com o brasão Binewski e reforços nos braços. Eles carregavam discretos cassetetes de eletrochoque e latas de spray de gás paralisante.

Arty parou de fazer as refeições na van da família. Mamãe fazia a comida e levava para ele em bandejas.

O circo lucrava com a plateia de Arty. As gêmeas, os geeks, os engolidores e todas as atrações e tendas de variedades fervilhavam todos os dias com um público alegre, mas as pessoas estavam ali por causa de Arty.

Arty estava absorto. Mamãe tratava a situação como mais uma de suas fases de crescimento: “Ele sempre foi temperamental, sensível”.

Papai andava pelo parque desde cedo até tarde, “trabalhando mais do que jamais trabalhei”, eufórico com a renda e com as ordens e providências que gritava. Mas ele havia perdido o brilho nos olhos porque não era mais o Rei

Espiga do Milharal. No fundo, ele sentia a diferença. Não trabalhava mais para si mesmo. Estava trabalhando para Arty. Tudo girava em torno de Arty, das rotas e cidades onde parávamos aos sabores nas máquinas de refrigerante.

Estávamos todos nervosos com uma antecipação não declarada. Acelerávamos em direção a alguma coisa que não sabíamos o que era.



*Espiral
refletida*



A N O T A Ç Õ E S D E A G O R A

Os filmes caseiros da srta. Lick

O arquivo de microfilme vomita uma enxurrada de dados. Um anúncio do nascimento de Mary Malley Lick, três quilos e meio, no Good Samaritan Hospital. O obituário de Eleanor Malley Lick, que morreu de câncer quando a filha tinha oito anos de idade. Mary Lick, uma desajeitada menina de quinze anos, vestindo um suéter folgado, era descrita como “aluna do segundo ano da Catlin Gabel School, campeã de Tiro ao Alvo Feminino do Estado do Oregon pelo segundo ano seguido”. Thomas R. Lick cortando a fita do novo espaço para os troféus e sala para fumantes no Clube de Armas Sauvie Island.

E há artigos sobre todas as empresas de Lick. São cinquenta e uma fábricas espalhadas pelo país e uma sede numa curva em Willamette, ao norte da ponte Fremont. O nome do produto é Lickety Split — refeições portáteis para companhias aéreas e instituições, de casas de repouso a escolas, de presídios a asilos. Dezenove cardápios completos com linhas especiais: Criança, Diabético, Kosher e ^{NRM} (Não Requer Mastigação). Tudo isso em três a seis refeições servidas em bandejas plásticas com um espaço reservado para cada item. Um braço subsidiário aluga fornos de micro-ondas aos clientes para “aquecimento no local”.

Um artigo sobre o fracasso de uma greve de trabalhadores na fábrica de Portland menciona que a Lickety Split Corporation empregava quase oito mil funcionários de costa a costa e nenhum deles era filiado a um sindicato. Thomas demitiu todos os grevistas em Portland e contratou funcionários novos e isentos de ideias de negociação coletiva.

Fotos recatadas e formais da jovem Mary, com o novo diploma de administração da universidade estadual, recentemente nomeada gerente da fábrica Portland aos vinte e quatro anos. A legenda explica que, apesar da idade, ela “não era uma novata, pois já trabalhava para a fábrica havia sete anos e atuara em diversos departamentos, de contabilidade a saneamento”.

No obituário do velho — câncer —, sete anos mais tarde, Mary é mencionada como vice-presidente executiva e única herdeira da Lickety Split Corporation.

O último artigo é uma menção não confirmada na lista dos quatrocentos indivíduos mais ricos da nação. A linha ao lado de seu nome explica que, como todos os bens dos Lick são tratados de maneira privada, apenas existiam estimativas do real valor de sua fortuna.

Levo as cópias para o meu quarto e leio tudo de novo. Não há menção a parentes, amigos ou amantes, nem nomes ou rostos associados a Mary Lick. Em todas as fotos ela aparece isolada, mesmo em um grupo. Sua expressão nunca combina com a alegria ou o ar solene daqueles que a cercam. Ela é solitária.

Pouco antes da meia-noite, desço e escuto a respiração de Lil. Então subo e bato na porta de Miranda. Ninguém responde.

Depois do turno da manhã na KBNK, eu entro em um escritório vazio na emissora e passo a tarde ao telefone. Gosto disso. Nunca passo despercebida no contato pessoal. Uma corcunda não é ágil o bastante para fugir antes de ser vista. Mas a voz pode me levar a qualquer lugar. Posso ser uma recepcionista educada, uma burocrata de autoridade impenetrável, ou uma velha colega de faculdade chamada Beth. Posso ser uma pesquisadora perguntando sobre técnicas de gerenciamento ou uma repórter do jornal diário fazendo uma matéria sobre como os empregados veem seus chefes. Anônima, é claro, sem nomes reais e nenhuma chance de identificação.

Após uma dúzia de telefonemas naquele dia, inicio uma reflexão sombria a respeito da minha sorte. Mary Lick poderia ter jogado xadrez, pôquer ou bilhar. Poderia ter interesse em lojas aconchegantes de pornografia, com cabines escuras onde um espião teria a chance de se esconder. Seria fácil me aproximar se ela gostasse de horticultura ou fosse criadora de cães. Mas não. A srta. Lick é física. A secretária dela exclama: “Ela simplesmente não vive sem nadar três quilômetros à noite!”.

Em minha família, apenas Arty nadava, ninguém mais. Nunca aprendi. Quando voltava para casa, compreendi que as coisas poderiam ser piores. Lick poderia se dedicar a corridas de barcos, saltar a cavalo ou praticar paraquedismo. Eu posso aprender a nadar.

As janelas de Miranda brilhavam com uma luz amarelada quando subi a rua. Fui até a porta dela e bati. Ela ri e me manda entrar, despedindo-se de um homem bonito chamado Kevin para poder me desenhar. Passo horas nua, sentada e observando Miranda. Ela me desenha e faz chá, desenha e conversa. Não mencionamos sua cauda.

O clube fica a poucos quarteirões do prédio de apartamentos do qual a srta. Lick é proprietária e habitante da cobertura. O clube tem o mesmo estilo do prédio, um enorme templo de tijolos e vidro em homenagem às alegrias do isolamento. Comenta-se que o pai de Mary foi quem teve a ideia de abrir o clube para mulheres.

“É claro que fomos integradas há mais de trinta anos”, contou a garota que me atendeu ao telefone.

Pedi para ela mandar pelo correio os catálogos do clube. Os panfletos eram produções luxuosas com fotos coloridas da sala de troféus (bar com serviço completo), das saunas, da sala de jantar, das salas de musculação, das quadras de handebol e tênis e da piscina em memória de Thomas R. Lick. Investi na associação inicial de seis semanas e passei quatro tardes vagando pelo estacionamento de cinco andares do outro lado da rua, observando o carro preto da srta. Lick passar pelo portão todas as tardes, às cinco e meia.

Fico em pé no meio do vestiário deserto, com uma bolsa na mão e um cadeado de senha na outra, olhando para mim mesma no espelho que cobre a porta. Pareço velha. Sempre pareci velha. A corcunda não é uma coisa jovem, e a nudez da cabeça e os olhos sem cílios e sobrancelhas formam uma aparência idosa. Já guardei a peruca na bolsa para esperar por ela. Meu pai costumava dizer: “Lembre-se sempre de que você tem muita vantagem sobre os normais só por causa da sua aparência física”. Examino minha boca larga e os olhos cor-de-rosa, a curva das maçãs do rosto sobre a perninha que é meu queixo, e fico pensando se ela vai funcionar desta vez, quando preciso dela. Afinal, a srta. Lick não é uma normal e, pelo que sei, ela é imune aos truques comuns.

Ela passa pela porta e o jogo começa, o olhar surpreso me tranquiliza instantaneamente. Ela não é imune. Lá está o cumprimento padrão civilizado, ignorando o óbvio.

“Talvez você possa me dizer quais armários são...”

Hesito, e ela solta a bolsa em um banco, apontando com o queixo para uma fileira de armários junto à parede. “Todos aqueles sem cadeado.”

Dou alguns passos como quem se desculpa, percebendo uma olhada de esguelha para minha silhueta desajeitada que se dirigia aos armários, e sinto o coração na boca com medo de ter exagerado.

A seriedade dela me surpreende, a falta de crueldade em seu rosto grande e cansado. Murmurar não vai funcionar com ela. Decido adotar uma expressão neutra e uma voz lenta, pesar as palavras com cuidado e minimizar tudo.

Ela tira a roupa e veste o grande maiô azul. Seus braços e ombros sugerem força. As mãos são curtas e grossas, as unhas estão cortadas bem rentes às pontas dos dedos.

“Sócia nova”, ela deduz.

“Sim, eu me associei por causa da piscina”, respondo, olhando para os ganchos no armário e pendurando as roupas neles. “Meu médico quer que eu aprenda a nadar.” Sinto os olhos dela em minha corcunda, nas pregas do meu pescoço e subindo para a cabeça calva.

“Artrite?”, pergunta.

“Faz parte do pacote”, explico num tom leve.

“Eu sei”, ela diz, e eu continuo de costas para permitir que ela dê uma boa olhada em mim.

Quarto dia na piscina.

“Dispositivo inteligente”, comenta a srta. Lick, estalando o elástico do maiô sobre minha corcunda. A voz dela é mansa e baixa, estranha para alguém tão grande e de movimentos bruscos. O chuveiro decide esfriar de repente, e a água atinge minha corcunda, o pescoço e toda a minha cabeça nua com um jato gelado. “Mandou fazer?”, pergunta a srta. Lick. “Foi caro?”

Sorrio para ela. Vejo que massageia os braços vigorosamente embaixo do chuveiro vizinho. “Bem, é ortopédico”, respondo, saindo de baixo da água fria e pingando nos ladrilhos.

“Ah!”, exclama a srta. Lick. “Certo.” Ela bate na barriga sólida e grande com os dois punhos. Sacode o cabelo curto com vigor, e seu queixo forte despeja um fio de água no peito. Estou puxando a touca de borracha sobre a cabeça, sentindo a coisa enrolando na testa e sobre o nariz. A touca belisca.

A srta. Lick põe uma touca idêntica na cabeça, bufando, e fica vermelha nas partes do rosto que ficam fora da touca como se saíssem de uma camisinha estourada.

“Olhe os pés”, ela sussurra animadamente, e eu abaixo, abro os dedos dos pés e passo os das mãos entre eles. A srta. Lick está abrindo a porta. Ela pisa no recipiente raso que ocupa todo o corredor entre a porta do vestiário e a da piscina, utilizado para higienizar os pés. A srta. Lick passa vários minutos naquele recipiente com alta concentração de cloro antes e depois de nadar. Tem medo de contrair pé de atleta e outras culturas de fungos.

A srta. Lick se ofereceu gentilmente para me dar aulas de natação e contra-atacar a artrite que está dominando todas as minhas articulações. Ela diz que todos os corcundas e anões deveriam nadar.

Paro no recipiente com a água batendo nos joelhos e meu nariz está na altura das nádegas saltitantes da srta. Lick, que se mexe vigorosamente na solução de cloro. Ela olha pela janelinha de tela da porta da piscina.

“Cristo! Ela já está lá!”

Recuo um passo, assustada porque a srta. Lick tem se mantido bem espartana em nossas conversas. Essa explosão de emoção me surpreende. Mas eu a reconheço. Sucesso. O queixo da srta. Lick se projeta para a frente de forma beligerante e suas mãos grandes agarram as nádegas, massageando-as nervosamente através do maiô azul.

“Aquela cabra velha me atormenta!” A srta. Lick olha para a minha cara confusa com um sorriso irônico. “Ela nada muito devagar! E nunca para. Está sempre na minha raia e eu fico o tempo todo passando por cima dela! Tentei vir na hora do almoço. Ela estava lá. Tentei vir antes de ir trabalhar, de manhã, e ela estava lá. Ela está aqui o dia inteiro. E olhe para ela! Nada como uma morta!” A srta. Lick olha para a janela em forma de diamante e aperta fortemente o próprio traseiro.

Ajeito os óculos de natação sobre meus olhos rosados e elimino parte do cheiro de cloro. Seu perfil fica distorcido do outro lado das lentes verdes, e o discurso continua.

“Isso pode parecer horrível, mas já pensei em encurralar a mulher na parte mais funda e segurá-la embaixo d’água. Em alguns dias eu não teria hesitado se tivesse certeza de que não haveria consequências.”

Ela olhou para mim com uma expressão ansiosa, os olhos arregalados sobre as bochechas gordas. Assenti, olhando para o rosto verde-claro. A luz se move na superfície do recipiente cheio de cloro e reflete em sombras verdes no rosto dela.

“Ah, eu entendo”, digo e abro um sorriso, concordando.

A srta. Lick está completando a terceira volta do que chama de “estilo borboleta”. Ela vai nadar mais sete voltas de borboleta antes de passar para o nado peito. Faz cada volta em um minuto, o que significa que a piscina será dominada por ondas de um metro e um barulho retumbante por mais sete minutos. O nado peito é silencioso até para a srta. Lick. A idosa que faz seus dois quilômetros e meio por dia nesta piscina está agarrada à beirada na lateral. Ela vai ficar lá esperando até que o borboleta termine. Os outros nadadores, os jovens, que evidentemente conseguem respirar embaixo d’água, continuam com suas voltas. Os ombros enormes da srta. Lick tiram todo o seu tronco da água antes que ela caia de volta. Suas nádegas aparecem rapidamente como um barril sobre o Niágara. Posso ficar sentada na escada da parte mais rasa, com as pernas na água morna, apenas observando.

Eu a prendi no próprio laço e preciso ser cuidadosa. Ela acha que me adotou, que está sendo bondosa comigo, que está exibindo sua estatura magistral

de bondade estando em minha companhia. Tenho que me cuidar. Ela é tremendamente solitária.

O uísque parece madeira transparente no meu copo. Eu o seguro com cuidado entre meus olhos e a luz do fogo, de forma que a chama vermelha projeta uma textura no líquido marrom. O uísque que já bebi aquece minhas entranhas e a boca, penetrando a névoa em meu crânio. Com o canto dos olhos, registro as pesadas meias de lã da srta. Lick apontando para o fogo que sobe acima do apoio para os pés. Estou esperando minhas palmas secarem, respirando lentamente até que os cordões salientes dos nervos recuem da superfície da pele. Acho o uísque incrível. Não sei por que nunca percebi que gostaria dessa bebida. Me pergunto por que nunca experimentei antes. Gostar tanto é perigoso agora, por isso seguro o copo e olho através dele bebendo muito devagar.

A srta. Lick mantém a garrafa sobre uma bandeja ao lado de sua poltrona e serve-se generosamente no escuro amenizado pelo fogo. Ela mesma corta a madeira, leva um machado para o bosque da família na primavera e usa uma serra elétrica nos fins de semana para limpar a vegetação que caiu no inverno. Um cubículo inteiro de depósito no porão do elegante prédio de apartamentos é dedicado à lenha rachada que tempera a escuridão com um intenso odor de resina. Ela desce pelo elevador com uma lona pendurada no ombro e transporta o suficiente para uma noite em cada viagem. Ajoelha-se na pedra de granito que cobre o piso da lareira e corta triângulos perfeitos com uma machadinha que parece à vontade em sua mão, aparando as varetas finas de uma tora de quarenta centímetros que vai girando tranquilamente com a outra mão.

As cadeiras são escuras, de couro macio, tão grandes quanto rinocerontes. As cortinas são de lã pesada e de um xadrez escuro. Um busto de gesso de Minerva pintado de preto brilhante enfeita o console, embaixo de um rack de armas de fogo.

“Eu caçava pássaros com meu pai”, ela diz.

A mulher fala devagar. Risadas secas pontuam as partes tristes para mostrar que não é sentimental e que não está interessada em piedade. Ela acabou de descrever o pai, sua casa no bosque fora da cidade, seus empregados, as máquinas velhas, mas confiáveis, que produzem quase um litro de molho, cinquenta gramas de grãos de milho, cem gramas de peito de peru, noventa gramas de torta de maçã, cada um em seu próprio compartimento nas bandejas plásticas. Ela está considerando uma modernização do equipamento.

“Vou buscar mais gelo”, aviso, caminhando para a cozinha com o balde na mão enquanto ela se dirige com passos pesados ao banheiro de ladrilhos marrons. A cozinha é simples. Limpa e vazia. Um saco rasgado com dois

biscoitos de chocolate amargo foi abandonado sobre o balcão branco. A porta da geladeira se abre para exibir o interior vazio. Há apenas meio frasco de ketchup na porta. O gargalo do frasco está coberto de molho seco, e o freezer contém pilhas de refeições congeladas em bandejas plásticas sem etiquetas.

Estendo a mão para a alavanca que libera cubos de gelo e ela surge atrás de mim, a mão grande passando por cima da minha cabeça para tirar o balde da minha mão e colocá-lo embaixo da abertura. Os gelos caem do compartimento.

“Essas refeições são da sua fábrica?”

“Peru, molho, torta de abóbora, purê. Não gosto de *cranberry*.”

“Jantar de ação de graças.”

“Deve ter umas vinte e seis ações de graças aí dentro. É só o que eu como. Novecentas calorias em cada refeição. Então por que sou tão grande?”

O freezer libera vapor. Ela fecha a porta e fica olhando para o fogão brilhante com seu forno de vidro escuro. “Ultimamente tenho comido pipoca em vez de jantar. Quer um pouco?”

Ela senta na banqueta em frente ao fogo, segurando um cesto de tela de arame e cabo longo na mão. Os grãos amarelos no cesto deslizam e se revolvem enquanto ela move o pulso deliberadamente. Os pedaços de carvão embaixo das grandes toras de madeira brilham, pretos e vermelhos, e um brilho suave se ergue em direção ao cesto. O primeiro grão de milho chia e pula, desabrochando de repente em um fragmento branco, e os outros grãos repetem o fenômeno. Ela observa tudo com atenção.

A srta. Lick segura uma vasilha de aço cheia de pipocas, e há um frasquinho de levedura de cerveja na bandeja ao lado do uísque irlandês. Ela pega a pipoca com uma grande colher de sopa e, lentamente, leva à boca. “Uso uma colher porque a levedura gruda nos dedos”, explica. “É muito arenoso.”

Levanto meu copo, que está cheio de novo, e olho para o fogo através do líquido.

Ela fala. As pessoas conversam comigo com facilidade. Acham que uma anã corcunda, albina e careca não pode esconder nada. O que tenho de pior está à vista. Por isso as pessoas precisam falar sobre elas mesmas. Começam por simples cortesia. Ser visível, simplesmente, é minha maior confissão, por isso elas tentam me deixar à vontade revelando sua igualdade, trazendo à tona suas deformidades menos aparentes. É assim que começa. Mas sou como uma estranha no ônibus, e eles gostam de ter uma ouvinte. Vão longe demais porque sou uma ouvinte que não está em posição de julgar ou culpar. Expõem seus

segredos mais obscenos porque uma criatura como eu não tem virtude ou moral. Se sou “boa” (e elas presumem que sou), é obviamente por falta de oportunidade de ser diferente. E eu escuto. Escuto com interesse, calorosamente, porque me importo. As pessoas acabam me contando tudo.

A pipoca acabou faz tempo, o fogo está morrendo, então a srta. Lick decidiu me mostrar o trabalho de sua vida — “Meu *verdadeiro* trabalho”, segundo a mulher — e estou calma, segurando meu copo e caminhando atrás dela. Trouxemos a garrafa, mas decidimos que não precisamos de gelo. A sala não tem janelas. No banheiro, entramos pela única porta, que é disfarçada de armário. Apenas sua chave pode abri-la.

Ela me oferece a única cadeira, de madeira sólida e sem almofada. Uma cadeira de trabalho. A sala toda é preparada para receber só uma pessoa. É pequena e revestida de prateleiras com rolos de filmes e videocassetes. A tela cobre uma parede inteira. O restante é uma mesa castigada e uma fileira de armários de arquivo. Ela passa da prateleira para o painel de controle, falando com tranquilidade. Abandonou o tom leve da piscina. A língua parece ter engrossado um pouco na boca, mas dá para ver que ela ainda tem controle sobre si mesma. O rosto grande e sério é compenetrado. Ela fala enquanto trabalha.

“As pessoas sempre presumem que sou lésbica. Não sou. Não faço nenhum tipo de sexo. Não há interesse, nem inclinação. Nunca tive. Mas é compreensível que eu dê essa impressão. E não me incomoda.”

A tela é dominada pela imagem de uma mulher debruçada sobre um teclado de computador. Ela parece não perceber a câmera. As mãos se movem rapidamente sobre os controles. Ela pega um microfone num pedestal e fala perto dele. Seu rosto se volta para a câmera pela primeira vez. O olhar passa por mim. Seu rosto é marcado por cicatrizes, um olho quase fechado por uma suavidade bizarra. Sua boca é contorcida por um corte vibrante de um lado do rosto. Quando ela olha novamente para o teclado, percebo que a mulher não tem sobrancelhas ou cílios e usa uma peruca curta, castanha e encaracolada.

“Essa é Linda”, disse a srta. Lick. “Estudei com ela. Era bonita. A família não era rica, mas tinha uma situação confortável. Uma menina legal. Miss Popularidade. Ela apostava tudo no bastão de baliza e nos namorados. Foi líder de torcida em todos os anos a partir do sétimo. Aluna mediana. Os garotos a cercavam. Ela era a mais velha de cinco filhos. Os irmãos e irmãs eram bem mais novos. Ela os adorava. Quando estávamos no segundo ano do ensino médio, ela era a princesa de todos os bailes e festivais. Eu não era uma de suas melhores amigas. Nunca falava com ela. Então, numa noite de inverno durante nosso segundo ano, ela estava cuidando dos irmãos menores. Os pais tinham

saído. Estavam todos sentados de pijama na frente da lareira da sala. Assavam marshmallows e contavam histórias de fantasmas. Eu pensava nisso constantemente, visualizava a cena. Linda tinha cabelo comprido, que ia até o quadril. Ela havia dado banho nos irmãos e escovava o próprio cabelo enquanto entretinha os pequenos.”

Na tela, a mulher na frente do computador pega umas folhas que eram vomitadas pela impressora. A máquina cuspiam folhas e mais folhas de papel perfurado e totalmente impresso. Ela passa os olhos pelas folhas rapidamente e vai dobrando na linha divisória, ajeitando-as diante dela em uma pilha.

“O hobby de Linda era costurar. Ela fazia os pijamas de todas as crianças e os próprios. Não usava tecido à prova de fogo. Era jovem, sabe? Não pensava. A mãe dela não perguntou sobre o assunto. Nunca pensou em perguntar.”

A mulher cheia de cicatrizes pega a última folha impressa, destaca-a na linha picotada, agarra a pilha e se levanta da cadeira. Vira de costas e sai do campo de alcance da câmera.

“Bem, para encurtar a história, houve um incêndio. Uma fagulha caiu sobre o pijama de um dos pequenos. O fogo se alastrou. Linda salvou a criança, e nesse processo ela acabou atingida pelo fogo também. Correu para fora da casa para não espalhar as chamas. Ela acendeu como uma tocha, pelo que sei. Camisola comprida, roupão comprido, o cabelo. Ela passou muito tempo no hospital. Muitos enxertos. O estrago foi impressionante. Ela recusou muitas cirurgias plásticas. Era caro. Se sentia culpada. Os pais tinham todos aqueles pequenos para criar. Ela disse que faria as cirurgias mais tarde, quando pudesse pagar. Os pais tentaram convencê-la, mas ela estava determinada. Quando voltou à escola, ela estava como é agora, coberta de cicatrizes. Totalmente diferente do que havia sido. Antigos interesses e objetivos tinham sido totalmente esquecidos. Amigos tentavam ser gentis, mas ela os deixava nervosos. Os garotos não chegavam nem perto. Interessante ver a mudança. Aparentemente, ela analisara totalmente a situação enquanto ainda estava no hospital. Voltou-se para outros horizontes. Estudou. Toda aquela antiga energia foi direcionada para os livros. Ela percebeu que não poderia contar com a beleza para conquistar um homem, que a vida que esperava ter agora estava fora de seu alcance. Mas não desistiu. Ela construiu outra vida, totalmente baseada no intelecto. Eu a admirava. Nós nos tornamos amigas. Ainda mantemos contato. Ela é engenheira química. Fez pesquisas inovadoras. Ganhou prêmios. E me disse várias vezes que o fogo foi a melhor coisa que poderia ter acontecido com ela.”

A câmera varre a sala vazia do computador. Outra câmera mostra imagens na tela. Agora é um escritório. A mulher de peruca olha para a lente. Está sentada atrás de uma mesa, comparando as folhas impressas com outra folha de

papel. Sua testa enrugada de um lado só. Depois vemos uma cozinha. A mesma mulher sem o jaleco branco de laboratório. Vestindo um suéter largo, ela tira do micro-ondas uma bandeja de plástico coberta como aquelas que vi no freezer da srta. Lick.

A fita acaba e a tela se cobre de estática cinza.

“Não é surpreendente se você pensar nos antecedentes.” A srta. Lick é filosófica. “Pintores aleijados, essas coisas. Lembra dos arturianos percorrendo o país anos atrás?”

Meu rosto paralisado não é motivo de alarme. Ela continua falando. “É a mesma coisa. As pessoas se interessavam porque a coisa tinha aquele lado esquisito, mas não era muito diferente do que aconteceu com Linda, e eu vi a conexão. Eu mesma teria fugido e me juntado àquele circo, mas meu pai precisava de mim para ajudar nos negócios. Lembra de Arturo?”

Sinto minha cabeça balançando lentamente para cima e para baixo. Não sei que expressão tenho no rosto. Pode ser um sorriso? Ela sabe? O aceno com a mão indica que ela espera uma resposta.

“E o que achava daquilo tudo? De Arturo?”

Minha garganta e a boca estão secas, e sinto o desconforto. A voz soa como uma corrente enferrujada. “Eu o amava.”

Ela fica encantada. “Ah! Eu sabia. Aposto que também ficou interessada. Também quis pegar carona naquela cauda de cometa, não quis?”

Sinto que balanço a cabeça de novo, incapaz de fazer outra coisa.

“Não está com pressa, está? Vou levar você para casa. Quero mostrar outra coisa.”

Meus olhos se afastam da tela vazia. A srta. Lick está perto da prateleira de discos. Pego a garrafa em cima da mesa. Ela vai me mostrar tudo. O líquido marrom enche o copo antes que eu consiga parar de servir. Ponho a garrafa na mesa com cuidado. Respiro fundo duas vezes. Tenho um pouco de dificuldade para traçar a diferença entre o uísque e meu medo. O copo da srta. Lick está vazio. Pego meu copo e despejo três quartos do uísque no dela.

“Ah, obrigada. Agora essa...” Ela está apoiando o quadril largo na mesa atrás de mim, pegando o copo. Eu me viro para ver a nova cena.

Carros em movimento. Janelas e maçanetas de portas passando como borrões. Depois o foco se fecha. Estamos na frente de um prédio, uma espécie de cortiço do outro lado da rua. Há lixo junto de uma cerca de ferro enferrujada, e um bando de crianças brinca na escada de um prédio malcuidado. Um homem passa na calçada cambaleando, agitando as mãos e falando sozinho. As lentes diminuem ainda mais o foco e mostram uma menina e um menino no primeiro degrau. A menina está apoiada no corrimão, arqueando os seios para um garoto

cheio de espinhas com um cigarro na boca. Ele tenta parecer distante e seguro. A garota tem cabelos pretos, arrumados em cachos sobre as orelhas. Seu rosto é um sonho bizantino. Ela comprime os lábios e sopra um anel de fumaça no rosto do rapaz. Os olhos se estreitam e o meio sorriso é sedutor.

“Essa é Carina. Meio negra, meio italiana. Muito pobre. Desistiu do colégio, mas tinha boas notas. O pai desapareceu quando ela tinha cinco anos. A mãe vive do seguro social e ganha um extra vagando no escuro atrás de homens velhos ou bêbados demais para se importar com sua aparência. Especialista em oral desde que perdeu o último dente. Antes ela recusava os andarilhos sujos, mas teve que mudar de ideia alguns anos antes que esse filme fosse feito. Parece que Carina seguiu o mesmo caminho, não?”

O encosto da cadeira não apoia adequadamente a corcunda, e minhas pernas vão ficar dormentes ali penduradas na beirada do assento. Giro o copo e mexo os pés um pouco hesitante para manter o sangue circulando. O copo está vazio. A srta. Lick, com sua grande simpatia, se aproxima de mim com a garrafa e enche meu copo. Eu bebo de novo. Ela está sentada na mesa, batendo com os calcanhares na lateral do móvel. Seus pés grandes nas meias grossas aparecem e somem do meu campo de visão. Tenho medo de olhar para o rosto dela.

A câmera mostra uma sala de cirurgia. Uma figura solitária, vestida de branco e mascarada, se debruça sobre um corpo coberto por um lençol. A lente dá um zoom no rosto da pessoa, depois a imagem corre.

“Vamos ao que interessa.” A srta. Lick está apertando botões na caixa de controle. As imagens se sucedem em uma confusão de cores.

Passo a mão pelo rosto e limpo o suor na saia. A peruca está escorregando em direção ao olho esquerdo e não consigo endireitá-la com uma das mãos. A tela agora exhibe um cômodo pequeno e claro. Paredes amarelas. Cortinas de renda. Uma prateleira de livros. Uma escrivaninha. A lente desce e revela uma cama sob a câmera. Arrumada com almofadas, colcha combinando com as cortinas, e uma menina de cabelos escuros ali sentada, ao lado de um console portátil. Ela fala em um microfone, usando os dedos longos para virar as páginas do livro que está sobre seus joelhos. De repente a menina solta o microfone e cai deitada sobre as almofadas. Ela levanta o livro e lê. Seu rosto é marcado por uma rede de cicatrizes. Os lábios são distorcidos e as narinas, deformadas. Apenas os olhos e alguma coisa quase imperceptível embaixo da pele marcada parecem familiares. O filme acelera. A srta. Lick suspira e maneja os controles.

“Foi ácido. Mas ela estava completamente anestesiada.” Estou olhando para as portas de madeira escura de uma grande capela. As portas se abrem e meninas em vestidos de formatura saem correndo, os cabelos equilibrados de forma precária sobre cabelos macios.

“O dia em que ela se formou no ensino médio. Eu ainda preocupada. Meu coração estava embrulhado em arame farpado.”

Um rosto avermelhado aparece em meio à turma animada. A figura no vestido elegante desce a escada e tira o capelo. Ela se dirige para a câmera. O foco oscila quando ela se aproxima.

A cena seguinte se passa em um escritório comum com venezianas nas janelas. A menina de rosto marcado está sentada atrás de uma das três mesas. Ela segura um maço de papéis em uma das mãos e um microfone na outra.

“Ela é tradutora. Tem um dom incrível para línguas. Mas trabalhou lá durante um ano antes de eu conseguir instalar a câmera. Departamento de Inteligência. Segurança rígida. Um deslize, e ela teria perdido o emprego.”

“É Carina”, eu digo. O copo estava encostado em meu lábio inferior, e o nome caiu dentro dele e se desmanchou.

“Sim. Aos vinte e seis anos. É a segunda na hierarquia do escritório. Fluente em cinco idiomas.”

A tela fica cinza. A srta. Lick está guardando o disco em seu lugar no arquivo. Seguro o copo longe de mim e olho o nível do líquido. A bebida treme, mas não muito.

“Sabe alguma coisa de Linda?”, pergunto num tom calmo, curiosa.

“Sei o que aconteceu com ela. Mas só entendi por causa dos arturianos. Não que eu seja uma discípula. Sou mais uma apóstola.”

A srta. Lick agora fala com firmeza, endireita todos os rolos de filme com a lateral da mão, organizando-os de forma simétrica.

“Carina foi minha primeira.” Ela para e encara a parede. Vejo que está recordando. Dúvida e preocupação se tornam uma pálida nostalgia entre as saliências do rosto. “Ela era amarga. E foi teimosa por muito tempo. Apesar do dinheiro. Apesar das roupas, da escola e dos professores particulares. Fiz tudo o que eu podia. Passei muitos anos preocupada.”

“E a mãe? Ela...?” Levanto as sobancelhas acima do copo.

A srta. Lick bufa e assente. “Recebeu pensão por um ano. E adorou. Tomei a precaução de reunir algumas provas contra ela, caso um dia a mulher decidisse que precisava de mais dinheiro. Tive sorte. Consegui um infravermelho dela com um pobre coitado certa noite. O homem morreu por causa da exposição ao frio. Era inverno!”

“Estou impressionada com essa coisa da câmera. Você cuida de tudo sozinha? Eles realmente não sabem que são filmados?”

Ela confirma com um movimento de cabeça, e um rubor leve tinge seu rosto. “É um velho hobby. Envolve muitas coisas se quiser passar despercebida. Técnicas interessantes de vigilância e plantas.”

Quero ir para casa e pensar. Ela ainda não confia em mim completamente. Pulou a cena da cirurgia. Não queria que eu visse os ácidos agindo no rosto de Carina, a fumaça da queimadura química brotando da carne em ebulição. Ela não tem certeza de que entendo tudo isso, ou de que tolero o prazer que ela sente com as imagens.

Mas ainda não posso ir embora. Tenho que fazê-la ter certeza de que não cometeu um erro se abrindo comigo.

“Sabe que sempre vivi em uma posição que me permite entender o que você está fazendo?” Olho diretamente para ela e transbordo profunda honestidade pelos olhos rosados. Abaixo a voz. Ansiosa, ela olha para mim. Dou um sorriso caloroso. Ela se inclina na minha direção, as mãos estendidas como dois bebês nus, o rosto largo se abrindo e derretendo de alívio. Ela balança minha mão para cima e para baixo no calor quente das suas, enormes. É como mergulhar a mão até o pulso em uma galinha que acabou de ser morta.

“Obrigada”, ela murmura. “Jesus.” Está sorrindo para mim. “Você é a primeira...” Ela balança a cabeça com admiração. “Foi a primeira vez que me atrevi a mostrar isso para alguém.” Tento equilibrar o copo na mão livre, mas o uísque respinga e sinto o líquido frio nos joelhos.

Gosto da srta. Lick. Arty sempre disse que isso era importante.

“Encontre um jeito de gostar deles”, ele disse. “Goste deles a cada minuto que passar em sua companhia. Se conseguir gostar deles, eles não vão poder fazer nada contra você.”

É fácil. Ela é muito grande, simples e amedrontada. Ela cora. Quando se veste depois de nadar, o cabelo é macio demais para ser controlado e fica todo espetado, e ela usa creme para domar os fios. Seus olhos ficam inchados todas as manhãs, e ela é frágil antes de tomar seu café no escritório. É honesta. Quer fazer o bem. Todo o seu esforço é voltado para o bem.

O propósito da srta. Lick é libertar mulheres propensas a sofrer exploração por parte de predadores do sexo masculino. Essas mulheres exploráveis são, na opinião da srta. Lick, as bonitas. Ela tem muita pena delas. A transformação de Linda lhe deu a ideia. Se todas aquelas mulheres bonitas pudessem se despir das características que despertam o desejo dos homens (sua beleza), elas não dependeriam mais de sua explorabilidade, mas usariam seus talentos e inteligência para se tornar poderosas. A srta. Lick tem muita fé na verdade dessa teoria. Ela mesma é um exemplo do que pode ser realizado por alguém livre de beleza natural. Eu também sou.

“Você tem muita sorte”, ela disse naquela noite. “O que os tolos podem considerar uma deficiência é, na verdade, um enorme dom. O que conseguiu

com sua voz jamais teria sido possível se você fosse normal.”

A srta. Lick, como muitas outras pessoas sofisticadas, se impressiona muito com qualquer coisa relacionada à mídia de massa. Acredita que meus programas de rádio são grandes realizações artísticas. Ela tem certeza de que sou um grande sucesso.

Ela já libertou várias mulheres jovens. Nunca usa força ou coerção. Usa dinheiro. Carina foi a primeira e a que deu mais trabalho. Ela esperou até que a jovem se formasse e conseguisse um emprego estável, e só então tentou de novo.

“Eu precisava ter certeza de que estava certa. Não é uma coisa que se possa fazer sem cuidado.”

Carina ainda não havia dito que a srta. Lick fora “a melhor coisa que aconteceu com ela”.

“Admito que isso ainda me incomoda”, a srta. Lick comentou com a testa franzida de preocupação. “Mas outras pessoas já falaram. Inúmeras vezes. Carina é teimosa. Muito teimosa.”

Depois de Carina, a srta. Lick hesitou, foi cautelosa por um tempo. “Eu me limitei aos tratamentos para a tireoide com as três seguintes. Tinha receio de uma abordagem mais drástica.”

Os discos mostraram uma secretária, uma colegial que disputava provas de corrida com obstáculos, uma jovem prostituta, e depois suas incríveis encarnações. As três tão gordas que mal conseguiam se mexer.

“Lulu, a ex-prostituta, é minha contadora. A secretária é minha gerente administrativa.”

A srta. Lick pôs as mãos nos bolsos e olhou para a tela pela última vez. Um monte de carne escura sobre uma almofada. Mechas de cabelo fino, engordurado e emaranhado sugeriam que a cabeça era humana. Finalmente, vejo os olhos brilhando nas frestas no meio do que devem ser bochechas caídas.

“Essa era Vita. Ela tinha dezessete anos quando começamos. Eu me senti péssima. Foi um fracasso. Cometi um erro de julgamento. Ela não suportou. Tentou se matar. Comprimidos. Era atleta, e esse caminho não foi o certo para ela. A técnica foi totalmente errada. Ácido teria funcionado, mas não isso. Ela me fez perceber que eu precisava personalizar os tratamentos. Tenho trabalhado para trazê-la de volta. O corpo já está quase bom, mas a cabeça... e ela era inteligente.” Os punhos fechados da srta. Lick ainda apertavam a barriga, mas todo o resto do seu corpo estremeceu.

• • •

“Então ela fala: ‘Só me dá o dinheiro e some. Não preciso de operação’. E

eu respondo que, ei, benzinho, isso é o que todas dizem, e talvez você consiga o diploma e o emprego, mas quando o primeiro macho esfregar seus mamilos do jeito certo, você desce pelo ralo como todas as outras. Esses seus peitos tamanho quarenta e quatro são um peso de concreto na sua vida, ou você os remove ou fica aqui carregando caminhões de pão, esperando o zelador ficar tão maluco para enterrar a cara neles que acabe pedindo-a em casamento.”

A srta. Lick está agitada com a retidão do argumento. A loira na tela é um milagre do equilíbrio mamário em uma camiseta vermelha e calça justa. Ela se balança majestosamente quando estende as mãos para as bandejas de metal com pão de trigo em embalagens de plástico. O filme é adiantado.

“Ela não é tão esperta quanto eu imaginava. Só serve para ser técnica, nada mais.”

Ombros estreitos sob um jaleco de laboratório e um rabo de cavalo engordurado, é assim a jovem que corre para a câmera segurando tubos de ensaio contra a luz. Um exame atento de líquidos turvos.

“Ela passa o dia todo analisando mijo de cavalos de corrida. Nos grandes dias ela encontra vestígios de alguma droga em uma amostra. Mas, porra. Ela está feliz. Ganha bem.”

O jaleco tem a frente reta. Nenhum volume na região do peito.

“Excelente cirurgião. Cometeu um erro e acabou na minha mão. Ele tem sorte de estar praticando e sabe que só vai durar enquanto eu quiser. Pago bem pelos pequenos trabalhos e o protejo. Ele relutava e protestava, mas faz anos que se conformou. Tem filhos, uma casa grande, é sócio de um clube de campo. Caráter confiável. A verdade, eu acho, é que ele gosta do que faz. Eu assisto a tudo. Antes ficava enjoada, mas agora gosto. Um gosto adquirido, mas tem muita sutileza envolvida.”

A srta. Lick ainda não me mostra os trechos dos filmes onde estão gravadas as cirurgias.

“Tenho vários projetos em andamento ao mesmo tempo. Possibilidades que estou pesquisando. Às vezes, depois que decido que uma garota é adequada e faço a abordagem, leva um tempo para ela concordar. Tive algumas rejeições. Poucas. Sou cuidadosa. E nunca falo sobre o assunto. Nunca tive problemas. Só faço a oferta. Não forço nada. Não dou motivo para queixas. Nada ilegal. No momento, estou interessada em um tipo de procedimento progressivo. Começo com uma coisa superficial, cabelo comprido, talvez, e uso como ponto de partida. Ofereço recompensas sempre maiores para continuar em frente. É interessante. Ainda é experimental, é claro, não sei como vai funcionar em longo

prazo.”

A srta. Lick não menciona a Glass House, nem eu.

Meu novo quarto é frio e não tem nada de familiar. Deito na cama e tento aprender o caminho até a porta do banheiro. Um banheiro privado. É muito mais luxuoso do que meu quarto na casa de Lil. Nada de perambulações obscuras pelo corredor no meio da noite até a latrina compartilhada. Mas o outro quarto é meu lar e sinto saudade dele. Essa fachada mais respeitável é o que a srta. Lick espera de Hopalong McGurk, e estou contando que isso a impeça de me conectar a Miranda. Chego cedo na estação de rádio todos os dias para pegar minha correspondência e impedir acidentes, como alguém da equipe tentando entrar em contato comigo em meu antigo endereço.

Por um tempo, digo a mim mesma que tudo o que preciso fazer é interferir nas finanças da srta. Lick. Se fosse pobre, pensei, ela não poderia continuar com seus projetos. Examinio sua estrutura corporativa procurando meios de sabotar seu bolso. Nada. Não sou boa em administração. Não entendo metade daquilo tudo. Só consigo pensar em bombas incendiárias em cada uma de suas fábricas. Mas elas funcionam vinte e quatro horas e ficam muito espalhadas pelo país para que eu seja capaz de fazer tudo sozinha. Ela tem capital protegido por papéis que não possuem nenhuma ligação com o negócio da comida para viagem, de qualquer forma.

Então, um dia na piscina, eu a vi observando as crianças. Crianças bonitas que treinavam com a equipe da escola. Eram como lontras, brincando em volta dos pesados nadadores. Eu estava apoiada na escada na parte mais rasa, descansando. A srta. Lick chegou na beirada e ficou em pé, em vez de fazer a habitual virada para a próxima volta. Ela olhava para as garotas com os olhos vermelhos de cloro e ódio. Pernas longas e lisas se moviam, rostos angulares sorriam uns para os outros. A cabeça da srta. Lick se projetou para a frente sobre os ombros grandes. O queixo assumiu um ângulo estranho e começou a tremer.

Meu estômago parecia querer subir até a boca. Se não conseguisse comprar aquelas criaturas para desfigurá-las, ela encontraria outro jeito, e naquele minuto eu percebi que era sorte ela ter dinheiro. Desde então, me conformei. Gosto dela. Normalmente, ela não me assusta. Mas sei o que tenho que fazer.

Estou dirigindo o carrinho de golfe e a srta. Lick anda ao lado dele. Estamos em algum lugar depois do quarto buraco do campo de golfe.

“É uma dedução fiscal. Minhas meninas entram como deficientes. É fácil produzir relatórios falsos de acidentes. Enfermeira particular. Sou uma organização de caridade sem fins lucrativos que tem como principal objetivo a

reabilitação. E é verdade.”

Fico satisfeita porque a srta. Lick fez uma grande campanha a partir de seu hobby. Isso me dá uma justificativa mais substancial.

Se Miranda fosse a única que ela tivesse procurado, eu teria feito tudo do mesmo jeito, mas teria duvidado da iniciativa de apagar alguém permanentemente por causa do ridículo rabinho de Miranda. Sou a única que realmente se importa com aquela cauda. Qualquer outra pessoa consideraria uma grande sorte receber dinheiro para remover o incômodo.

Às vezes, quando estamos bebendo, não consigo deixar de sorrir para a srta. Lick quando me imagino metendo uma bala de sua pistola bem no meio de seu olho. A ironia de matá-la com justiça por ela fazer o que considera justo — e ela, lembre-se, nunca matou ninguém — é hilária para mim. Tenho que tomar cuidado com a bebida. Gosto muito de beber.

Ultimamente, leio apenas sobre assassinatos. Seis semanas de histórias de mistério no meu programa. Os enigmas me intrigam, bem como os métodos. Certamente, o jeito mais simples é o melhor.

Tenho pavor de tentar e fracassar. A ideia de vê-la olhando para mim, de saber que aquela massa amarrotada de carne me vê como uma traidora, consciente de que sou a responsável, que conquistei sua confiança deliberadamente para, então, feri-la. Essa imagem surge horivelmente durante o sono. Não suporto pensar nela viva sabendo que eu tentei fazer isso com ela. Ela se tornaria um monstro de verdade e seria minha criação. Não, tem que ser absolutamente certo e rápido. Muito rápido.

Enquanto isso, as histórias baratas de assassinato vão formando uma pilha cada vez maior nesta sala temporária. Devo estar deixando um rastro de dois quilômetros de largura. Esconder minhas intenções dela é suficiente, mas vai ficar óbvio para qualquer pessoa que investigar o fato. Ainda assim, não tenho tanto medo de ser capturada quanto imaginava que teria. Só tenho medo de que a srta. Lick saiba, além do receio de falhar.

Conhecer a srta. Lick me fez pensar em Arty novamente. Querer fazer isso não fez dele um monstro. Escapar ileso foi o que o transformou em um monstro.

É claro, vou ter que aplicar essa regra no meu caso em algum momento. E fico feliz por ter descoberto o uísque.

Por enquanto não posso passar muito tempo na casa de Lil. Passo lá todas as quintas-feiras à noite para cuidar do lixo e arranjar minhas anotações com os

outros papéis no baú para Miranda. Digo a mim mesma que isso é importante e que as relíquias de minha vida vão sentir saudade de mim. Às vezes acredito nisso.



Carne, eletricidade e rodas

O homem tinha evidentemente uns sessenta anos, mas era como se nunca tivesse parado de treinar alguma modalidade esportiva dura e solitária, talvez alpinismo, ou de quebrar o próprio recorde de longa distância andando sobre as mãos. Ele estava sentado na escada da van de Arty com as mangas arregaçadas até quase acima dos cotovelos e suspensórios que seguravam as calças de trabalho na altura das canelas. Os sapatos eram um combo de botões e cadarços que deviam ter uns quarenta anos de idade, feitos de couro de filhote de rinoceronte. Tinham um brilho cinzento e estranho que sugeria meio século de imersão em óleo. Belos sapatos, e ele os mantinha plantados com firmeza sob o corpo, os cotovelos cravados nos joelhos e os antebraços voltados para cima, para onde as mãos se encontravam. Os músculos eram tão definidos e sólidos que madeira antiga e vigas de telhado foram as primeiras coisas que me vieram à cabeça.

Ele teve o bom senso de não levantar quando me aproximei. Assentiu e tirou o boné como se pretendesse arejar a cabeça de cabelos castanhos, e não me cumprimentar. “Meu nome é McGurk... Zephir McGurk, e gostaria de falar com Arturo... seu irmão, acho.”

Comecei minha rotina padrão. “Arturo se esforça demais durante suas apresentações e precisa descansar...”

McGurk cravou os olhos frios em mim, elevou um canto da boca e pegou do degrau uma maleta de couro com alça de metal. “Acho que tenho algo aqui que o Aqua Boy gostaria muito de ver. Sou eletricista e inventor, senhorita... e tenho pensado no seu irmão há um ano, desde que o show passou por aqui no último mês de março. Se me deixar falar com ele, não vai se arrepender. Nem ele.”

A pasta não escondia uma bomba nem uma arma. Eu tinha certeza disso só de olhar para o homem. Destranquei a porta e o deixei entrar. McGurk ficou ao lado da mesa examinando discretamente as unhas das mãos. Fui bater na porta do quarto de Arty.

Embora insistisse na farsa da privacidade, Arty gostava quando as pessoas

imploravam para vê-lo. Ele pulou para cima de seu trono de veludo vermelho e levantou o rosto para que eu limpasse seu nariz.

“Fique na sala de segurança”, disse.

Abri a porta para McGurk e o deixei entrar antes de sair. Na sala de segurança, verifiquei a arma e a destravei enquanto abria lentamente a saída de ventilação embaixo do espelho unilateral. McGurk estava sentando na poltrona. Ele olhava com tranquilidade para a metade inferior do corpo de Arty. Depois de alguns segundos, seus olhos encontraram os de Arty.

“Seus testículos desceram?”

Arty estava acostumado com perguntas impertinentes. “Por que quer saber?”

“Como consegue ficar ereto sem se machucar?”

“Tenho uma bunda bem desenvolvida e uso um protetor rígido.”

McGurk assentiu e pôs a pasta no colo. Ele usou uma pequena chave para destrancá-la.

“Estive pensando sobre sua vida e criei uma coisa que pode ajudar.”

“Quanta bondade.”

“Não exatamente. Só não consegui dormir enquanto não encontrei uma solução.” A pasta se abriu sobre seus joelhos e revelou uma vitrola antiquada com uma barra cromada que se projetava de um ponto perto do centro do prato. Um tubo grosso e flexível pendia da extremidade da barra. McGurk olhou para a cama e se levantou. Deixou a coisa em cima da cama, perto da parede, e esticou a barra brilhante em direção ao centro da cama. O tubo caiu sobre a colcha de cetim bordô. “O cabo de comutação é operado por pressão.” Ele puxou uma bola de borracha da lateral e uma mola cromada a acompanhou, zumbindo contra a pasta. “Você pode segurá-lo com os dentes e ter controle total, e o aparelho pode ser ligado com um clique.” Ele apertou e um som baixo vibrou no quarto. “Você insere o pênis aqui no tubo”, os dedos levantaram a bolsa flexível até surgir uma profunda boca rosada, “e aperta de novo para ajustar as presilhas com uma pressão firme.” O tubo deu um pulo e a boca assumiu a forma de um O.

Arty riu. “Astuto. Tem certeza de que não criou isso para você?”

McGurk encarou Arty. A irritação transpareceu na forma de uma ruga entre seus olhos. “Quantos anos você tem? Dezoito, dezenove?”, perguntou ele. “Fico pensando em como são as coisas para você.” Ele apertou um interruptor de pressão na bola de borracha. O prato começou a girar e o braço cromado se projetava e retraía, se projetava e retraía suavemente, com a bolsa na extremidade inflada e Arty olhando para o braço cromado em movimento. McGurk se inclinou para a frente e introduziu o polegar na boca. A boca sugou e se fechou em torno do polegar. “Você tem trinta e três, quarenta e oito ou setenta

e duas ^{RPMs} nesse tubo de sucção.”

Arty passou a língua pelos lábios, movendo-se com cautela para ter certeza de que o nariz não estava escorrendo. “Você experimentou?”, ele perguntou.

McGurk tirou o polegar vermelho da boca e pressionou o interruptor de controle. O braço cromado parou de se mover.

Minha banqueta alta interrompia a circulação das pernas, e eu me mexi e estiquei o pescoço. Arty estava virado para o outro lado, observando McGurk, que se sentou na cama. “Vou mostrar o sistema de lubrificação e drenagem, mas...” Ele levantou a calça até exhibir os dois joelhos brancos e sem pelos. As botas subiam até as canelas e se transformavam em meias cinza. “Mas acho que quer minhas credenciais.” Ele tocou a parte de cima da perna direita. Ouvi um estalo, e o sapato caiu com a canela de plástico e o joelho preso a ela. Um brilho pálido brotava da prega escura da perna vazia da calça. Ele levou a mão até a outra perna e as duas ficaram no chão, com o aço brilhando nas extremidades vazias dos joelhos. McGurk puxou as pernas da calça até as coxas e mostrou as placas de aço protegendo as extremidades. Havia um sulco, algumas saliências de encaixe e vários pontos de contato elétricos brotando de cada unidade. Ele levantou a cabeça e ficou esperando tranquilamente.

Arty comprimiu os lábios, mexendo-os depois numa expressão especulativa. “Merda”, disse. Então cuspiu no sapato mais próximo. A saliva acertou os cadarços e escorreu pelos ilhós.

McGurk continuou olhando para ele, mas havia uma ruga profunda entre seus olhos.

“Você entendeu errado. Tudo errado”, disse Arty. E se balançou ligeiramente, rindo. “Tem uma deficiência, por isso encontrou prazer em sentir pena de mim. Bem. Entendeu tudo errado.”

Contorcendo-se na cama, McGurk estendeu os braços poderosos para alcançar as pernas artificiais. Depois ergueu o corpo e encaixou as próteses nos tocos com um ruído metálico. Minha mão suave segurando a arma.

“Você imaginou...” Arty agora o observava atentamente. Seus olhos buscaram uma vez o espelho sobre a cômoda, o que me escondia com a arma. “Imaginou que tínhamos interesses em comum. Acho que tem dificuldades com as mulheres. Bem, eu não tenho. As mulheres me seguem e imploram para fazer o trabalho por mim.”

McGurk recolhia a barra cromada sobre o prato giratório, guardando o cabo de controle no buraco e fechando a pasta com cuidado, sem prestar atenção em Arty. Arty colocou o lábio inferior entre os dentes e o soltou. Depois balançou a nadadeira direita vagamente.

“Está seguindo o caminho errado com esses tocos. Você é como um homem

que tem uma bela voz, mas faz voto de silêncio. Faz um grande esforço para fingir que eles não estão aí, então conhece uma garota em um bar e não lhe conta sobre esses joelhos até ter que tirar a calça. Você deveria bronzear as coxas e andar sobre elas. Usar uma roupa de lantejoulas prateadas e dançar em cima de um palco onde as pessoas possam ver você. Todas essas moças boazinhas vão bater na sua porta tarde da noite para pedir açúcar emprestado e cobrir você de saliva. Você poderia ter isso. Não tanto quanto eu, mas muito... e só está cumprindo o que *eles* querem que você faça. *Eles* querem essas coisas escondidas, disfarçadas, esquecidas, porque sabem quanto poder esses tocos podem ter.”

Agora McGurk olhava para ele, apenas ouvindo. Eu podia ver seus olhos passando pelo console, pelos veludos, pelo tapete macio. Travei a arma e a coloquei de volta na prateleira. Acionei o interruptor ao sair para apagar a lâmpada sobre a cômoda de Arty, assim ele saberia que eu não estava do outro lado. Eu tinha um contrato e fui levá-lo para Arty. McGurk fumava tranquilamente e olhava para as paredes. Arty dizia: “... um homem sensato não precisa que abram sua cabeça para reconhecer a verdade quando a vê”.

O sr. McGurk foi contratado como eletricitista. Ele apertou minha mão porque não podia cumprir esse ritual com Arty. Depois foi vender tudo o que tinha, despedir-se dos dois filhos adolescentes que moravam com sua ex-esposa e mobiliar sua van, que seria utilizada como moradia temporária, para seguir o circo.

Quando o cavalo amputado morreu, nosso Chick “pegou alguma coisa terrível”, como disse mamãe. Naquela manhã, eu saí do Cano com o nariz ardendo por causa do cheiro do limpa-vidros e ouvi soluços molhados e fungados de uma variedade que parecia conhecida. Eles vinham do capô do gerador, ao lado da urna do vovô. Chick estava deitado com o rosto enterrado nas mãos, e Elly e Iphy o afagavam com delicadeza enquanto olhavam para o céu em direções opostas.

Subi para ajudar a consolar Chick. As gêmeas contaram que ele havia encontrado Frosty duro, caído no trailer. Falando para a cabeça loira de Chick e para o punho molhado e rosado que escondia seu rosto, eu disse: “Calma, Chick, não é sua culpa. Ele era velho e chegou a hora dele, e você cuidou muito bem do cavalo nesses últimos meses. Ele foi mais feliz nesse tempo do que em toda a sua vida, provavelmente.”

Mas Chick chorava, Elly choramingava e disse que já haviam falado tudo isso para ele, mas que ele amava o cavalo e precisava chorar. Eu me ofendi com a atitude irritada e respondi que Chick amava todas as coisas, e que ele ia ficar

péssimo se chorasse daquele jeito cada vez que um gerânio caísse do vaso, ou alguma coisa parecida. Porém, Iphy olhava com ar triste e sonhador para o céu cinzento, e Elly não se deixava convencer. Ela só suspirou: “Provavelmente”, e continuou consolando Chick.

Desci de lá e fui ensaiar uma oração fúnebre para Frosty. Não ficou tão ruim, mas eu nunca a recitei. A dra. P. dissecou o cavalo por motivos acadêmicos, depois deu ordens aos empregados para que levassem os restos a um incinerador.

Era tarde. O acampamento estava escuro. Já se passavam duas horas do fechamento. A família dormia, e eu estava sentada na pia da cozinha, olhando para a névoa na escuridão lá fora sem meus óculos. Um ruído vindo de fora. Um passo. Atrás de mim ou em um dos lados da van. Escorreguei para o chão, fui até a porta descalça e espiei pelo visor silenciosamente, na ponta dos pés. Parei de respirar. Um movimento perto da porta de Arty. Uma figura alta se movendo por lá.

Assassino! Foi o que pensei. No instante que levei para passar pela porta, sonhei com a gratidão de Arty por meu corajoso sacrifício pessoal para salvá-lo. Eu me vi envolta em tecido branco, reclinada sobre travesseiros. Arty entrando pálido e abatido. Foi mais ou menos nesse instante que abracei as coxas da silhueta sombria na soleira de Arty e mordi uma bunda saliente. A criatura puxou a perna e começou a gritar enquanto eu rosnava. Unhas batiam e agarravam minha cabeça, arranhando meus ombros. Gritos ofegantes brotavam da garganta da criatura agressora e vibravam em meus dentes num heroísmo ad-renal que iluminou o interior do meu crânio com uma tocha epilética.

A luz sobre a porta acendeu e gritos me cercaram. Aliviada por ser resgatada antes de desabar, embora me perguntasse se poderia dar uma ideia tão solidária a Arty se não estivesse em ação, relaxei a pressão dos dentes. Havia pedaços de roupa entre eles quando grandes braços me levantaram e seguraram contra um peito quente. Uma voz profunda disse: “Caramba, srta. Oly!”.

Uma pequena histeria atrás de mim na porta. Depois a voz solidária de Arty: “Tudo bem? Entre aqui e me deixe dar uma olhada”.

Meu coração se transformou em aveia quente quando girei e vi seu querido rosto preocupado e o corpo do terrorista que eu havia atacado.

Arty não falava comigo. Estava em sua cadeira perto da porta, inclinado para examinar preocupadamente um rasgo no vestido de cetim de uma mulher alta, jovem e normal cujo rosto choroso estava escondido por uma catarata de cabelos loiros e lisos.

“Assassina!”, gritei, me debatendo para escapar dos braços de mangas azuis

do guarda que me continha. “Ela estava invadindo sua casa, Arty!”

O peito largo embaixo dos meus punhos vibrou.

“Caramba, srta. Oly!”

O rosto pálido e frio de Arty se voltou para mim com uma expressão impaciente. Os lábios largos se curvaram para exhibir os dentes numa careta furiosa quando ele disparou: “Uma visita, Oly. Ela é só uma visita convidada que estava tocando a campainha!”. Depois, gesticulando para convidar a garota esguia e alta para entrar, ele se afastou da porta em sua cadeira.

O guarda balbuciava constrangido com meu corpo rígido nos braços. “Desculpa, Arty. Eu trouxe a moça até a rampa, como sempre, e estava do outro lado da van quando a confusão começou.”

“Leve Oly até a porta da casa dela, Joe. Boa noite.”

E a porta se fechou com uma batida.

“Caramba, srta. Oly”, repetiu o guarda. Ele se virou, abriu a porta da van da família, me colocou do lado de dentro e fechou a porta na minha cara perplexa. Engatinhei para dentro do armário e tentei engolir a língua ou prender a respiração até morrer. Torcia para me colocarem em uma pequena urna e depois me parafusarem no capô do caminhão-gerador, logo atrás do vovô.

Chick descansaria o rosto no meu metal frio quando estivesse triste. Mamãe me poliria todas as manhãs antes de ir ao Cano e piscaria para se livrar das lágrimas quando lembrasse do meu sorriso doce. Então me ocorreu que eles poderiam me colocar no Cano, no maior de todos os recipientes, e eu flutuaria nua em formol, e as gêmeas discutiriam sobre quem deveria limpar meu vidro. Desisti de morrer e fiquei choramingando no cobertor, imaginando cenários dolorosos envolvendo o que Arty estava fazendo com aquela garota normal e que idiota eu era. Continuei choramingando até dormir.

Não contei a ninguém sobre a garota normal na porta da van de Arty. Ele não tocava no assunto. Gostava de segredos. Sem um bom motivo, Arty não admitia nem que havia comido ou dormido. Para ele, informação era um bem comercializável. O guarda pode ter fofocado, mas ele tentaria impedir que papai tomasse conhecimento da história. Arranjos privados com Arty não se tornavam conhecidos de Al, se um homem quisesse manter seu emprego.

Eu me apeguei a isso, ao constrangimento de ser uma idiota e à vergonha de ser uma tonta. Idiota por ter golpeado uma visitante num ataque de paixão melodramática, tonta por sofrer por causa do envolvimento de Arty com uma garota, ainda mais uma normal.

Saí do armário e espiei pelas frestas da veneziana em nossa porta. Não conseguia ver muito, mas várias noites de tremedeira na camisola de flanela e no

escuro comprovaram que não era um incidente isolado.

A garota que eu tinha atacado era uma desconhecida, não alguém que fazia parte do circo. Ouvi e vi a porta de Arty se abrindo e pessoas entrando várias vezes antes de reconhecer que era sempre uma garota diferente.

Voltei para o cobertor sorrindo e dormi bem pela primeira vez em dias, acordei animada e passei o dia todo brincando e rindo. Arty não vivia uma história de amor. Estava apenas “pegando”, como as ruivas diziam. O que era um maçarico queimando meu cérebro com um ciúme doente e inútil agora se tornava apenas informação útil. Uma história de amor teria me excluído. Isso me dava uma abertura. Eu poderia provocar Arty em particular. Guardar seu segredo de todo mundo seria prova da minha discrição e o incentivaria a confiar em mim. Se um fio de azia ainda surgia em minha garganta quando eu pensava em Arty com as normais de pernas longas, pelo menos era tolerável. Eu precisava de toda a munição que pudesse reunir.

Zephir McGurk era um eletricitista autodidata da mesma escola de pensamento que havia criado o hobby médico de papai. McGurk fazia funcionar. Lia jornais, revistas e catálogos de casas de suprimentos para alimentar sua genialidade, mas era um inovador. Mesmo que uma coisa tivesse sido inventada e aperfeiçoada trinta anos antes, McGurk se sentia inclinado a construir a própria versão, em vez de comprar o equipamento de outra pessoa. Ele era valioso. Seu salário era baixo, mas somava-se a um “excedente”, como Arty dizia, de mulheres curiosas.

Ele dormia na parte de trás de um carro de safári velho, mas bem conservado. Fazia seu trabalho no trailer de manutenção que guardava as ferramentas e peças sobressalentes. Ele montou uma oficina compacta e eficiente. Se não estava lá, estava dormindo ou na tenda do espetáculo de Arty. Nunca socializava com o pessoal do parque nem ia assistir a nenhuma outra apresentação. Zephir era um homem focado. Arty era seu objetivo. Arty era o trabalho que ele havia sido incumbido de desenvolver.

“Seria bom ter um jeito de transmitir minhas mensagens em luzes”, Arty dizia.

“Talvez”, McGurk respondia lentamente, a cabeça já analisando possibilidades.

Arty ia visitá-lo na oficina. Isso deixava McGurk muito honrado. Se Arty estivesse mais cheio de energia, ele me fazia prendê-lo a um de seus trilhos e ia até a oficina, enquanto eu o seguia. Ele subia a escada, se acomodava na bancada e conversava amistosamente com McGurk.

Outras vezes ficava em sua cadeira sentado do lado de fora, com McGurk

empoleirado na escada para conversar. McGurk guardara as próteses em um baú. Agora usava protetores com alças nos tocos das coxas. Deixava os de couro azul ou marrom para quando estava trabalhando, mas tinha um par de cetim verde brilhante bordado com fios prateados para usar na cabine no alto da arquibancada, onde operava os controles de luz e som durante os shows de Arty.

Foi McGurk quem inventou o tubo falante, uma forma plástica que se encaixava sobre o nariz e a boca de Arty. Quando Arty acionava o botão dentro do tubo com a língua, um sopro de ar expulsava a água da máscara e ele podia falar e respirar ao mesmo tempo. A coisa era presa na parte frontal do tanque por um gargalo comprido que se ligava a um console espalhafatoso (mas falso) no fundo. Na verdade, ele se ligava ao sistema de som. Falar embaixo d'água era um progresso impressionante em comparação ao recurso de apoiar o queixo na beirada do tanque para falar ao microfone. A plateia adorava.

Quando McGurk adaptou o botão receptor que ficava escondido na orelha de Arty para que ele pudesse ouvir o sistema de som, a plateia e as mensagens de McGurk na cabine, Arty ofereceu ao eletricista a própria van e um bom aumento. McGurk balançou a cabeça pequena e recusou educadamente. “Já criei minha rotina”, disse. E continuou dormindo em sua van adaptada.

McGurk cozinhava o que comia. Era vegetariano. Estava assando cenouras no forno da oficina no dia em que pensou no que mais tarde chamou de “A Bunda Cantora”. Ele observava, através da porta do forno, as cenouras fatiadas em uma assadeira. “E se todos os degraus da arquibancada recebessem um sistema de som?”, perguntou.

Arty estava empoleirado na bancada de trabalho, encarando os desenhos de McGurk para um novo plano de luzes coloridas. Ele levantou a cabeça e olhou intrigado para os ombros largos de McGurk. De costas, o homem era imponente, mesmo quando estava de camisa. O forno apitou, e ele tirou a assadeira de lá com uma luva térmica.

“Por quê?”, Arty quis saber. McGurk deixou a luva ao lado das cenouras e apoiou os cotovelos marrons na bancada. Com uma faca e um garfo, ia cortando pedaços da raiz fumegante e então enfiava na boca. Ele sempre comia em pé. Três bocados foram metodicamente mastigados e engolidos antes que ele finalmente olhasse para Arty.

“O som é físico. Tenho observado a srta. Oly”, ele inclinou a cabeça para a banqueta em que eu estava empoleirada, “e o que ela disse na bilheteria me fez pensar. O som é uma vibração. Ele se propaga na matéria. Quando você escuta, não é só com os ouvidos. Um som afeta todas as células do corpo, fazendo-as vibrar e transmitir essa vibração para outras células. Por isso dizem que um som é ‘penetrante’ ou que um grito ‘entra em você’. É verdade. Isso realmente

acontece.” Ele parou com o garfo no ar e encarou Arty. Arty olhava para ele e esperava, sem falar nada. McGurk suspirou e abocanhou um pedaço de cenoura do garfo. Eu vi a comida descendo pela garganta grossa e musculosa.

“Eu estava pensando”, McGurk disse finalmente, “que você usa a voz muito bem. Então pensei: e se a voz não fosse transmitida pelo ar, mas vibrasse nas solas dos pés da plateia, subindo pelo traseiro até a coluna? Seria como se eles *sentissem* o que você tem a dizer, porque as tábuas em que pisam e nas quais estão sentados estariam preparadas para transmitir essa vibração da sua voz.”

Os olhos de Arty quase pulavam das órbitas, cravados em McGurk. Seu rosto ficou congelado por um longo instante, depois se abriu em um sorriso e então o corpo todo de Arty tremeu com sua risada. “Adorei!”, ele disse, rindo. “Adorei!”

As arquibancadas estão vazias e cantam à minha volta. Arty está cantando nas tábuas. Sento no quinto andar e olho diretamente para o tanque, para Arty, sua boca e o nariz enfiados no copo preto do tubo falante. Tenho cabos presos aos meus pulsos e à parte interna dos meus joelhos e da corcunda, ao lado da coluna. Eles estão ligados à cabine de comando, onde Zephir McGurk mede minhas respostas físicas ao som que é transmitido para cada tábua das arquibancadas.

O corpo de Arty flutua na saída do tubo falante, cintilando misteriosamente na água verde e brilhante.

“Paz”, diz Arty, e os alto-falantes acima do tanque levam sua voz até o pico da lona que cobre a tenda. As solas dos meus pés dizem “paz”, e os ossos da minha pélvis cochicham “paz” para o meu intestino. Um arrepio sobe até o estômago, e minha coluna sente “paz”, como o medo indo em direção ao crânio, com minhas omoplatas se encolhendo ao redor.

“Do jeito que eu sou!”, grita Arty, e meu coração quase para com o choque do som em meu corpo.

Arty afasta o copo do rosto e sobe à superfície. McGurk está descendo a escada da cabine de controle aos saltos. Ele agora está ao meu lado. Ligeiramente mais alto que eu sem as próteses, ele observa os cabos enquanto tira a fita adesiva da minha pele.

A cabeça de Arty aparece sobre a beirada do tanque, sorrindo para nós. Seu rosto está pálido e ele não parece estar conectado ao corpo, que é dourado, com as nadadeiras se movendo lentamente e brilhando através do vidro.

“Ficou muito melhor!”, ele comenta. “Aquela zona plana melhorou muito o resultado!”

“Sim.” McGurk segura as pontas dos cabos em uma das mãos como se

fossem coleiras prendendo uma matilha. Ele examina o gráfico impresso que tem na outra mão. “Sim. Só com o registro mais alto e o mais baixo, dá para fazê-los dançar a música que você quiser.”



A amiga por correspondência

Estávamos em Earlville, no Golfo do México. Sem vento, tempo úmido, trinta e oito graus. Mosquitos se afogavam nas pregas do seu pescoço. O único estabelecimento na cidade era a penitenciária federal. O parque estava lotado e as tendas dos shows pulsavam com gente suada, fedida e mal-humorada. Havia escurecido, mas o ar não refrescava.

A mulher gorda apareceu no último, e melhor, show de Arty daquele dia. Ela era jovem, mas o cabelo sem cor se dividia em cachos rígidos e bem separados, com tanto couro cabeludo à mostra entre eles que ela parecia velha e calva. Estava chorando quando ficou em pé no quinto degrau da arquibancada e estendeu as mãos unidas em direção ao tanque, onde Arty caprichava em seu discurso.

“Você, querida”, ele disse, e a sensação de “querida” subiu por seus tornozelos inchados e passou por cada bunda na arquibancada. A plateia suspirou. A mulher gorda soluçou. “Você se sente feia, não é, meu bem?” As palavras “feia” e “meu bem” pulsaram na plateia e todos arfaram, ela não era a única que estava concordando. “Já tentou tudo, não é?”, disse o espírito brilhante flutuando no tanque. “Tudo”, murmuravam os ossos das pessoas. “Comprimidos, injeções, dietas, exercícios. Tudo. E tudo porque quer ser bonita?”

Arty subia o tom, envolvendo a plateia.

“Porque acha que seria feliz se fosse bonita?” Ele tinha o dom do timing. Arty era mestre na arte do ritmo e do timing. Eu me apoiei na última estaca que se erguia na arquibancada, no corredor, e sorri, apesar de ter visto ele fazer isso durante toda a minha vida.

“Porque as pessoas te amariam, se fosse bonita? E se fosse amada pelas pessoas, você seria feliz? É o amor das pessoas que faz você feliz?”

Agora a voz cai uma oitava. Consigo senti-la até nos postes de sustentação. Os traseiros nas tábuas devem estar a meio caminho do orgasmo. “Ou é o fato de *não* ser amada pelas pessoas que faz você infeliz? Se eles não te amam, é porque tem alguma coisa *errada* com você. Se a amam, isso deve significar que está

tudo bem. Pobrezinha. Pobrezinha.”

O lugar estava cheio de pobrezinhos. Todos suspiraram com terna piedade deles mesmos. O nariz da mulher gorda escorreu. Ela abriu a boca e gritou: “Oooh! Oooh! Oooh!”.

Arty era gentil e grave como um trem distante na noite. “Você só quer saber que está tudo bem. Só quer se sentir bem.”

Ele cai para o resmungo. O resmungo de Arty poderia arrancar a pele de um rinoceronte. “É só por isso que precisa ser *amada* por outras pessoas!”

A plateia está chocada, imóvel. Arty agarra a multidão pelo pescoço quando está indefesa e começa a aumentar o ritmo. “Então vamos falar a verdade aqui! Você não quer parar de comer! Você adora comer! Não quer ser magra! Não quer ser bonita! Não quer ser amada pelas pessoas! Você só quer saber que está *bem*! Só isso pode te dar alguma paz! Se eu tivesse braços, pernas e cabelo como todo mundo, você acha que eu seria feliz? Não! Eu não seria! Porque me preocuparia com o amor que as pessoas sentem por mim! Teria que olhar para fora e descobrir o que eu penso de mim mesmo! E você! Nunca vai ter a aparência de uma rainha da moda! Isso significa que tem que ficar infeliz para sempre? É isso? Consegue ser feliz com os filmes, as propagandas e as roupas nas lojas, com os médicos e os olhares te seguindo pelas ruas, dizendo que tem alguma coisa *errada* com você? Não é possível. Você não consegue ser feliz. Porque, pobrezinha, você *acredita* neles. Agora, garota, olhe para mim e diga: o que você quer?”

Arty esperava que ela ficasse sem fala, balbuciando enquanto ele passava para a próxima linha. Era assim que sempre funcionava. Mas essa mulher gorda estava tão acostumada a balbuciar que não perdeu a fala. Ela abriu a boca e, embora eu nunca tenha deixado de odiá-la por isso, devo admitir que ela disse o que toda a plateia ofegante e suada estava pensando. Ela gritou: “Quero ser como você é!”.

Arty parou. As nadadeiras congelaram, e ele começou a afundar lentamente com o rosto pressionado na máscara e os olhos próximos ao vidro, olhando para fora. Havia soluções na plateia. Vozes murmuravam: “Sim, sim”.

Arty ficou em silêncio por muito tempo. Estava passando mal? Era cãibra? Comecei a andar, pronta para correr até a parte de trás do tanque e subir a escada, mas a voz dele voltou.

“Sim. Sim, é isso o que você quer.”

E eu ouvia sua respiração. Arty sabia controlar um microfone, ele nunca respirava audivelmente.

“E é isso o que eu quero para você.”

Ele não continuou com a conversa de sempre. Disse que teria que pensar

sobre como dar a ela esse dom. Disse que todos deveriam voltar no dia seguinte, mesmo sabendo que poucos voltariam, porque ele teria alguma coisa para dizer.

McGurk não sabia o que fazer com as luzes. Estava projetando um arco-íris que deixou Arty quase invisível na água. Finalmente o próprio Arty acionou o interruptor e escureceu todo o tanque.

A plateia começou a se retirar quando corri para trás do tanque. Arty já estava do lado de fora, na plataforma, enrolado na toalha.

“Arty, o que aconteceu?”, cochichei quando subi a escada.

“Nada.” Seu rosto surgiu de dentro da toalha e ele sorriu animado.

“Vamos para o chuveiro. Quero ver a dra. P. imediatamente.”

A mulher que queria ser como Arty voltou no dia seguinte. A equipe havia terminado de varrer a arquibancada na tenda de Arty e passava o ancinho na serragem. O primeiro espetáculo havia transcorrido normalmente, e faltava uma hora para o início do último show.

Eu estava ali perto, na bilheteria da tenda das gêmeas, transferindo a renda da gaveta para uma bolsa e somando os valores. Um dedo bateu na placa de LOTADO na janela do guichê na minha frente.

“Lotado!”, gritei e fechei a bolsa com o dinheiro.

“Tem uma mulher na tenda do Arty!” Era o chefe dos operários, dando de ombros para mim. Peguei a bolsa com o dinheiro e fui atrás dele.

Ela estava sentada no quinto degrau da arquibancada, onde havia sentado antes, mas agora estava sozinha. O calor lá dentro era intenso e imóvel. Havia uma sacola de compras ao lado da mulher, que parecia à beira de um colapso. Seu rosto estava muito vermelho. Os olhos eram respingos de sangue sobre amarelo. O rosto era pequeno, numa grande cabeça, e os braços e pernas brotavam de um vestido que teria ficado largo em um jogador de rúgbi, mas parecia tecido barato de estofamento nela. A mulher estava sentada, olhando para o tanque escuro, ouvindo o ruído da bomba que filtrava a água.

Subi os degraus, me aproximando dela. A mulher olhou para mim com uma expressão de medo e agarrou a sacola de compras.

“Oi”, eu disse. Ela assentiu, agarrada à bolsa. Esperava ser perseguida. Eu esperava persegui-la. “Trabalho aqui no circo. Precisa de ajuda?” Fiquei parada na ponta do degrau, sem tentar me aproximar.

Ela moveu a boca e projetou uma voz aguda, fraca. “Estou esperando o Aqua Man. Vou pagar, mas não tinha ninguém vendendo ingressos. Eu pago quando a bilheteria abrir.”

Seus olhos me estudavam com cautela. Eu usava um dos vestidos de marinheiro que Lil tinha feito para mim. O azul combinava com as lentes dos

meus óculos. Eu não estava usando touca, e os olhos da mulher se demoraram na minha cabeça pelada.

“Eu vendo o ingresso para você agora, assim não vai ter que se preocupar com isso”, ofereci, prestativa. Havia um rolo de ingressos no meu bolso, e eu precisava ter certeza de que ela não ia sacar uma automática da sacola e perfurar Arty. Ela pegou o dinheiro. “Esteve aqui ontem, não?”

“Ele falou comigo”, a mulher respondeu, contando moedas. “Ele disse para eu voltar. Disse que me ajudaria.”

Sentei ao lado dela e vi a assadura provocada pelo calor na parte interna dos cotovelos, na área atrás dos joelhos e nas dobras do queixo. Ela havia se metido em uma encrenca terrível, dizia, e isso a fez perceber... A mulher era de Warren, Ohio, e a mãe dela era professora, mas tinha morrido no ano anterior. Ela tirou um álbum de fotos da sacola de compras e me mostrou uma foto de uma mulher velha e gorda.

“Em que tipo de encrenca você se meteu?”, perguntei. Se ela havia estrangulado a mãe idosa, eu teria que acompanhá-la até o portão, com ou sem assaduras.

“É um homem”, a mulher disse acanhada.

Não consegui olhar para ela sem demonstrar desconfiança. Seus olhos se encheram imediatamente de lágrimas. Olhei para o álbum de fotos em seu colo. Ela havia desenhado margaridas cor-de-rosa na capa. Imaginei que era o tipo que escrevia amor em letras garrafais e rebuscadas, pontuando os *is* com corações. Seu nome era Alma Witherspoon. Tinha vinte e dois anos, mas cara de cinquenta e cinco. Aparentemente, era uma amiga por correspondência. Sempre foi. Parece que conseguiu o endereço de um jogador de vinte e poucos anos há um ano, mais ou menos. Ele estava na penitenciária federal de Earlville. A mulher enviara para ele uma foto de uma das líderes de torcida de seu colégio. Depois da morte da mãe, ela se mudou para cá a fim de poder mandar para ele bolos e biscoitos.

“Estamos apaixonados”, ela contou. Isso soou como AM♥_R. “Ele quer casar comigo!”, gemeu. “E o guarda concordou! Mas pensei em fazer o casamento por telefone, e agora o guarda quer que eu vá lá e me case no escritório dele, então Gregory vai ver como eu *sou* de verdade!”

Por isso ela precisava ver o “Aqua Man”, como dizia. Não conhecia ninguém nesta cidade. Não tinha parentes a quem recorrer. A assadura parecia contagiosa. Dei a ela o ingresso para o show e me afastei. “Pode esperar aqui pelo espetáculo. Ninguém vai te incomodar.”

Levei a bolsa com o dinheiro para o cofre e voltei para ajudar Arty a se arrumar. Falei com ele sobre Alma Witherspoon enquanto o cobria com óleo. Ele assentiu deitado na cama de massagem. Os olhos dele estavam ansiosos. Havia

um meio sorriso engraçado em seus lábios o tempo todo.

“Ela deve estar mentindo para os amigos por correspondência há anos, falando sobre ser bonita e popular.”

“Não tem parentes? Nem amigos?”, ele perguntou.

“Foi o que ela disse.”

“Bom.” Arty sorriu. Alongou-se e arqueou as costas embaixo dos meus dedos.

Eu fazia minha apresentação na frente da tenda das gêmeas.

“Beldades siamesas ligadas em perpetuidade harmoniosa...” Sempre tinha uma dificuldade com “perpetuidade”, era uma palavra que a gente podia tocar como uma flauta, subir uma oitava e assobiar a famosa “Dixie” na última sílaba. A plateia era boa e a maior parte dela já havia entrado. As últimas vinte pessoas estavam na fila para comprar ingressos.

Foi quando vi Alma Witherspoon passando com duas das ruivas que ajudavam na tenda de Arty. As mulheres altas ao seu lado a faziam parecer ainda mais larga. Ela andava com suas sacolas de compras, a bolsa e o álbum de fotos, tudo apoiado em diferentes dobras suadas e assadas de seu corpo terrível.

Alma não teria rendido um centavo como profissional. Não era tão pesada quanto o perneta Jocko Quinhentos Quilos ou Pedrita, a Roliça, mas também não era saudável. Jocko e Pedrita eram as pessoas mais orgulhosas que já haviam trabalhado no circo, segundo papai. Alma Witherspoon tinha o orgulho de um gambá atropelado.

“Músicas gêmeas! Milagres gêmeos!”, continuei, vendo as ruivas guiando Alma pela rampa para a van do chuveiro estacionada ao lado do Jogos de Azar. Ela pisou no topo da rampa e subiu meio desequilibrada quando a porta se abriu. Notei o movimento assustado da cabeça de Alma quando ela viu a pessoa vestida de branco na soleira. A dra. Phyllis a cumprimentou com um aceno de cabeça, a máscara branca refletida em seus óculos de lentes grossas, a luva branca erguida, convidando-a a entrar. Alma Witherspoon entrou no chuveiro.

“Não tem choque. Não há risco de infecção. As técnicas do jovem Fortunato eliminam tudo isso completamente.”

A dra. Phyllis observava Arty enquanto falava, os olhos se movendo atrás das lentes grossas, procurando um argumento que o faria mudar de ideia.

Arty olhava através da janela de vidro para a enfermaria esterilizada onde Alma Witherspoon dormia, com Chick ao lado dela sobre uma banqueta de três pés. Chick estava embrulhado em um dos jalecos brancos da dra. P. com as mangas enroladas. Seu rosto brilhante estava voltado para o travesseiro. Os

olhos fitavam com adoração as dobras encharcadas e cinzentas das bochechas e do queixo de Alma.

“Você estudou aquele gráfico que eu te dei? O tempo de cura daquela fratura espiral foi três vezes mais rápido que o esperado para um paciente daquela idade. Arturo? Consegue entender o que estou dizendo?” A dicção perfeita da dra. P. penetrava o ouvido de um jeito cirúrgico.

Arty, que estava distraído com sua visão dos lençóis cheios de saliências e do volume sobre o travesseiro, virou-se para ela tranquilamente. “Doutora, sei que poderia cortá-la inteira de uma vez só. Sei que seria mais eficiente. Mas quero que ela tenha muitas chances de mudar de ideia.” Ele virou para olhar pela janela de novo. Relaxou contra o encosto da cadeira de rodas. Seu rosto era calmo quando olhou para a criatura dormindo no quarto vizinho. Sua boca parecia macia. Havia nele um prazer sonolento, quase pacífico, quase morno. Havia, estranhamente, algo de Chick no rosto de Arty. Arty estava feliz. Estava muito feliz, de um jeito que eu não compreendia, porque a embolorada Alma Witherspoon tivera todos os dedos dos pés amputados e depois, quando se recuperasse disso, ainda imploraria pelo privilégio de ter os pés e as pernas mutilados também.

Dra. P. e Chick mantinham Alma na enfermaria. Arty frequentemente estacionava a cadeira na sala de observação, de um lado, e ficava olhando através do vidro para o corpo coberto de bandagens na segunda cama a partir do fundo.

Uma vez por semana, nas manhãs de domingo, Arty usava o interfone e observava o rosto de Alma pelo vidro enquanto sua voz brotava dos alto-falantes. Ela ficava sempre muito feliz por ouvi-lo. Chamava-o de “Aqua Man” e dizia que estava bem, perguntando quando teria mais partes removidas.

“Não consigo explicar o que significa, para mim, cada vez que limpam um pouco mais, mesmo que seja um dedinho. Quando essa parte é removida, sinto que um peso podre foi retirado de mim. Ah, Aqua Man, você é muito bom para mim. Agradeço às estrelas no céu por me trazerem até você...”

E continuava desse jeito. Ela balbuciava sem parar, uma amiga por correspondência, de fato. Sua mensagem sempre foi: quanto tempo até tirarem seus pés? Quando amputariam as mãos? Seria possível, por meio de uma licença especial de Sua Alteza Aquática, que a dra. P. pulasse os pés e amputasse as pernas inteiras de uma vez só? Eram um fardo muito grande para ela, que estava com pressa para *ser como ele*.

Arty não falava sobre isso, mas eu percebia que significava muito para ele. A história inteira me deixava confusa. Por que essa Alma o deixava feliz? Ele

nunca ficara desse jeito por nenhuma das garotas que o visitavam à noite, pelo menos não quando eu ia levar o café na manhã seguinte. Ele trabalhava mais duro do que nunca, lia mais, vomitava muito depois de cada show — “Para limpar minha cabeça”, dizia. Ele planejava e tramava com McGurk durante horas todas as manhãs, brincando com luzes e som. Mas nunca o vi dando os sorrisos que eram tão frequentes naqueles dias, grandes aberturas brandas em seu rosto sem qualquer dureza nos olhos.

Estávamos em Michigan quando Alma começou a depor. Na época, ela havia amputado as pernas na altura do quadril, e os braços acabavam nos cotovelos. Parecia melhor. A frente do corpo ainda era flácida, mas ela comia a Prescrição Vegetariana de Dieta da dra. P. havia meses. Sua pele tinha algum tônus e ela havia perdido alguns queixos com os membros. Uma parte maior do seu rosto era visível e o cabelo fino tinha uma área menor para cobrir. Ela falava mais e provava que “se sentir bem com ela mesma”, como dizia, não a tornava menos irritante do que ser patética. Mas havia uma diferença. Se antes ela era úmida e repulsiva, agora era extremamente desagradável.

“Eu diria que ela pode se sentir bem com ela mesma, a grande bola preguiçosa”, disse Lil. “Ficar lá deitada comendo e sendo servida. Quando meu Chick vai brincar? Uma criança da idade dele precisa de brincadeiras e ingenuidade, não ficar trabalhando para alimentar aquela bolha com colheradas de mingau verde, tendo que se preocupar com ela o tempo todo por medo de que ela sinta dor! Todos os meus outros filhos tiveram tempo para brincar, embora trabalhassem todos os dias.”

Eu não tinha nada a ver com Alma. Que eu me lembre, nunca falei com ela diretamente depois da primeira vez, na tenda de Arty. Mas eu a observava. Alma tinha pavor da dra. P. e não dizia mais do que “sim” e “não” quando a boa médica estava por perto. E ela idolatrava Chick. Mas Chick era seu analgésico, por isso eu imaginava que seu amor por ele tinha o mesmo peso virtuoso do amor de um viciado por sua droga.

Os depoimentos de Alma começaram nas cidades industriais de Michigan. As ruivas a levavam de cadeira de rodas para o palco ao lado do tanque antes de Arty aparecer. A voz trêmula de Alma era transmitida por um microfone de lapela em forma de botão que era preso ao seu robe branco, e McGurk acrescentava algum timbre antes que sua voz brotasse dos alto-falantes.

“Meu nome é Alma Witherspoon”, ela começava, “e preciso de apenas um minuto para contar a todos vocês sobre uma coisa maravilhosa que aconteceu

comigo...”

O roedor esganiçado chiou no peito dela, e os tocos de braços balançaram no holofote branco, enquanto a luz verde e brilhante do tanque tremulava, imensa, ao seu lado no palco escuro. O engraçado era que funcionava. Quando Arty explodia em uma profusão de bolhas, vindo do fundo do tanque, as pessoas na arquibancada estavam prontas para ele, de boca seca e aberta. E os alvos certos na arquibancada, as chaleiras de olhos de pedra em ebulição que traziam uma dor secreta, recebiam a mensagem. Os que estavam esperando finalmente encontravam um lugar para onde ir.

Foi assim que começou. Foi Alma “Amiga por Correspondência” Witherspoon quem fundou o que se tornou conhecido como “arturismo” ou “culto arturano”.

No começo, foram poucos os convertidos, mas Alma assumiu a organização com um capricho que me fazia sentir vontade de chutá-la.

Ela era toda humildade e idolatria para Arty, uma espécie de oleosidade Beijo o Chão no Qual Suas Abençoadas Bolas Marrons se Arrastam. Mas, com as conversões, ela reinava como alta sacerdotisa, profeta e megavadia. Ela deu origem ao conceito de Mais Arturo que Eu. Ordenava, organizava e protegia. As ruivas, que tinham que servir e empurrar a mulher em uma réplica da cadeira de Arty, a odiavam. Logo havia “Admitidos” em número suficiente para que ela tivesse criados em tempo integral. As ruivas voltaram agradecidas aos jogos de salão, pipocas e venda de ingressos.

Não que Arty estivesse menos que No Comando. Embora apenas aparecesse no tanque e não participasse de confraternizações triviais, ele sabia de tudo. Muito provavelmente, a coisa toda em todos os seus detalhes era invenção de Arty. Ele dava ordens a Alma pelo interfone.

Ela se sentava em seu requisitado escritório no trailer, gorjeando francamente na caixa sobre sua mesa e ouvindo as respostas com uma atitude reverente. Seu método de transmitir ordens aos membros menos importantes era tão autoritário quanto o de qualquer comandante de alto escalão.

Ela estabeleceu o arturismo como uma fazenda itinerante para freiras. Embora tivesse tido a sorte de se aproximar de Arty quando não tinha dinheiro, todos os que chegaram depois pagavam o que ela chamava de “dote”. Arty dizia, em particular, que os trastes eram orientados a vender tudo o que possuíam no mundo e, se não fosse suficiente, poderiam ir para casa e descobrir o que seus mentores religiosos faziam por eles.

O negócio crescia. Os fãs de Arty, ou os “Admitidos”, como Alma insistia

em chamá-los, começaram a seguir os shows em carros, vans e trailers próprios. De meia dúzia de figuras simples vagando pelo parque com bandagens brancas onde antes havia dedos, passamos para uma horda de maltrapilhos acampados ao lado do circo em todos os lugares em que parávamos. Em três anos, a caravana se estendia por cento e cinquenta quilômetros atrás de nós quando estávamos em movimento.

Papai contratou mais guardas e instalou equipamentos de segurança nas vans Binewski. Depois de um mês telefonando, olhando e perguntando, papai comprou a maior tenda que qualquer um de nós já tinha visto e a montou ao lado do caminhão-palco de Arty.

A dra. P. tinha um grande e novo caminhão cirúrgico com um gerador independente. Dois dos trailers grandes foram transformados em alas de recuperação pós-cirúrgica. Chick ficava com a dra. Phyllis do começo da manhã até a hora do jantar todos os dias. Ele emagrecia e dormia à mesa apoiado na mamãe noite após noite.

“Quando ele brinca?”, ela perguntava, os olhos piscando para o nada.

Papai falou com Arty e Arty transmitiu o recado à dra. P. A dra. Phyllis não gostou disso, mas durante duas horas, todos os dias, uma depois do café e outra antes do jantar, Chick ia brincar onde mamãe pudesse vê-lo. Ela começou a ler contos de fadas para ele durante o intervalo matinal. À tarde, ele empurrava carrinhos pelo chão na van da família, imitando ruídos de motor que mamãe ouvia enquanto preparava o jantar.

Depois de estabelecer a cadeia de comando e petrificar duas dúzias de noviços sem os dedos dos pés e das mãos com a obrigação de cuidar da papelada, Alma amputou o braço esquerdo na altura do ombro. Passava horas cantando para si mesma na cama da enfermaria com a tela estendida em torno dela para garantir privacidade. Sua voz ficou frágil e ela parou de dar depoimentos.

Foi substituída imediatamente. Dúzias de pessoas clamavam por uma chance de dar testemunhos nos shows de Arty. Havia milhares esperando, dispostos a pagar pelo direito de ver e ouvir.

Eu estava passando quando a dra. P. saiu de seu grande e novo caminhão cirúrgico e despejou o saco plástico contendo o último pedaço flácido do braço de Alma em uma caixa de gelo para que Horst descartasse. Ela esfregou as luvas brancas uma na outra e acenou para mim com a cabeça.

“Bem, essa acabou”, ela anunciou através da máscara. “Levou um ano e meio. Eu poderia ter feito o trabalho todo em três horas.”

Depois de um tempo, Alma não estava mais por perto. Arty riu quando perguntei por ela.

“Alma se aposentou”, respondeu. “Foi para o lar dos velhos arturianos para descansar em paz.” Pensei que Arty estava dizendo que ela havia morrido.



Imprensa

Depois do aniversário de dezessete anos, as gêmeas foram dominadas por uma névoa hormonal. Ficaram bobas, distantes e estavam tramando alguma coisa. A discussão entre elas passou de intermitente a constante, mas a dignidade que elas consideravam apropriada determinava que os embates ocorressem por meio de sussurros.

O professor de piano das gêmeas, que Lil havia contratado por e-mail, era o gorduroso Jonathan Tomaini, com seu terno de bundão brilhante e dois pares de meias meio desparelhadas. Ele agarrava oportunidades frequentemente para explicar que aquele trabalho era temporário e quão aventureiro era, para um concertista formado em boas academias de música de Nova York como ele, se contentar com uma caminha em um trailer compartilhado com mais doze empregados suados que cuspiam, falavam palavrões e gargalhavam, e que o consideravam inferior aos peidos de cerveja da noite anterior. Ele elogiava o dom brilhante das gêmeas, dizendo que era “um privilégio passar esse breve hiato em minha carreira moldando e influenciando tamanho talento”.

As gêmeas afirmavam, Elly em voz alta e Iphy com um constrangimento acanhado, que Tomaini nunca tomava banho, só lavava as mãos até os pulsos e o rosto e o pescoço até as clavículas. Diziam que não era divertido dividir a banqueta do piano com ele. O homem tinha coisas para ensinar a elas, porém, e as gêmeas suportavam o banquinho do piano durante várias horas, todos os dias.

Mamãe se afastava de nós. O consumo de comprimidos era alto e seu corpo estava mudando. Ossos grandes apareciam sob a pele onde a suavidade feminina de antes desaparecia. Seus olhos não eram mais os mesmos, o foco era mais curto e impreciso. O caminhar havia mudado de passos saltitantes a um andar sem vigor, incerto, com as mãos estendidas na frente dela, tocando. E ela falava com detalhes intermináveis sobre nossa infância. Esquecia coisas. Deixava tarefas pela metade e não notava quando outra pessoa as concluía por ela. Chorava com facilidade, às vezes sem saber que chorava. Dormia.

Papai tinha passado a tomar os tabletes antiácidos para o estômago.

Carregava embalagens pela metade em todos os bolsos e mastigava as pastilhas constantemente. Passava dezoito de cada vinte e quatro horas tentando fazer sua pequena equipe de inverno lidar com o fluxo de trabalho trazido pela popularidade cada vez mais especializada de Arty. As veias em sua testa ameaçavam um derrame enquanto ele supervisionava a produção da cara e elegante série de pôsteres “Pergunte ao Arturo”. Mas ele estava feliz. O trabalho puxado não deixava tempo para pensar que ele não era mais o chefe.

Pessoas novas estavam sempre surgindo do nada e se juntando ao grupo. Éramos um show itinerante e vivíamos as marés dos rostos que apareciam, se integravam, ficavam por alguns milhares de quilômetros e depois, um dia, iam embora. Nós, os Binewski, não nos misturávamos. Apenas a família continuava igual. Fazer amizade com os filhos do engolidor ou com a filha da leitora de mãos sempre acabava em separação e esquecimento. Éramos simpáticos com estranhos, mas nunca próximos.

O rebanho crescente de Arty, porém, era diferente. Uma noite sonhei que Arty os chorava para o mundo. Eles saíam de seus olhos como um líquido verde que pingava no chão, formando poças. As poças engrossavam e adquiriam consistência de geleia, dando forma a corpos que se levantavam e ficavam em volta de Arty.

Mas a dra. P., o homem que chegava nos lugares antes do espetáculo para tomar as providências, o batedor, McGurk e, posteriormente, Sanderson e o Homem do Saco, os simplórios e submissos que o seguiam admirados e fascinados, estavam lá por causa de Arty, por mais que alegassem outros pretextos. Todos pertenciam a ele.

As ocasionais equipes de televisão, que produziam fragmentos de trinta segundos do tipo “Dia no Circo” para o telejornal noturno, levaram um tempo para perceber o que acontecia na tenda central. Uma hora depois da primeira transmissão de um repórter ofegante que descreveu ao vivo uma aglomeração de amputados com curativos em cadeiras de rodas, o pessoal dos jornais começou a chegar.

Após alguns meses, repórteres viajavam de carro para nos encontrar na estrada. Equipes com câmeras, gravadores e blocos de anotação esperavam em cada novo local quando estacionávamos. Algumas cidades cancelaram nossa licença antes mesmo de chegarmos.

As reações indignadas só faziam Arty sorrir. “Os que querem saber ainda recebem a mensagem”, ele dizia, dando de ombros.

Nós só percebemos que uma das equipes entre os jornalistas era de uma revista de circulação nacional depois que, numa manhã, uma das ruivas levou uma cópia de *Now* até a porta de Arty. O homem de terno de tweed circulara

pelo parque durante semanas. Os vendedores de ingressos o conheciam porque ele mostrava a credencial com foto e resmungava “imprensa”, tentando entrar nos shows sem pagar.

“Imprensa paga”, as ruivas diziam, uma resposta padrão Binewski, e ele ria e pagava.

A matéria da *Now* demonstrou claramente as intenções do repórter. Norval Sanderson, com seu olhar cínico, a voz de conhaque e as roupas discretas, nos seguia com o intuito de expor o “implacável egocentrismo que explorava a contracorrente psíquica da nação”.

“O arturismo foi fundado”, escreveu Sanderson, “sobre a ganância e o rancor de um Verme Transcendental chamado Arturo Binewski, que usou os próprios defeitos genéticos e a fraqueza dos desempregados e ignorantes para criar uma onda insanamente autodestrutiva de seguidores que alimentou seu ego maníaco...”

Dias depois, Arty, o garoto esperto, havia direcionado o ataque em proveito próprio, distribuindo para todas as redes fitas de noventa segundos que o proclamavam, de fato, como o Verme Transcendental e afirmavam que seu poder para prosperar sobre o frenesi decadente do planeta estava disponível a todos os que se dispusessem a aceitá-lo.

Norval Sanderson fazia a cobertura de guerras, tratados, execuções e inaugurações por duas décadas. Era incisivo e não se impressionava com nada, de terremotos a chefes de Estado. Era inteligente. Passou dias esperando tranquilamente pelos cantos da vida de Arty e publicou três entrevistas explosivamente controversas com Arty em poucas semanas. Arty gostava dele.

O que resta agora dos velhos cadernos espirais de Sanderson, de sua coleção de recortes de jornais e das transcrições das entrevistas feitas com o pessoal do Fabuloso Circo Binewski está embrulhado em plástico preto e trancado no baú dentro do meu closet. Pego tudo quando quero pensar no passado. Sua escrita rápida e meticulosa está desbotando, e o papel é áspero em minhas mãos, mas ainda consigo ouvir o sotaque preguiçoso com sua precisão inerente.

DAS ANOTAÇÕES DE NORVAL SANDERSON:

[...] Suspeitei anteriormente que Arturo era manipulado por alguém, provavelmente o pai, Al Binewski. Via Arty como uma ferramenta para algum “normal” funcional que embolsava o dinheiro dos dotes. Hoje passei três horas com Arty e modifiquei completamente minha opinião. Arty tem absoluto controle do culto, do

circo dos pais e, aparentemente, dos irmãos, embora possa haver algum pequeno espírito de resistência nas gêmeas.

Arty é esporadicamente autodidata, possuindo grandes lacunas em sua formação. Política nacional e internacional não fazem parte de sua experiência e leitura. Relações de poder municipal, porém, são instrumentos que ele conhece. Ele não tem compreensão real da história — parece ter apanhado fragmentos em suas leituras —, mas é um talentoso analista de personalidade e motivação, além de um completo manipulador. Seu conhecimento científico é primitivo. Ele conta com especialistas em sua equipe para lhe fornecer a adequada tecnologia de luz, som etc. É um orador habilidoso em um nível individual, bem como na situação de retórica de massa de suas apresentações. Tem uma percepção precisa dos problemas pessoais alheios... não professa ética ou moralidade além do objetivo de evitar a dor. Diz que sua consciência é tal a ponto de sentir a dor dos outros e é, portanto, requisitado para aliviá-la, oferecendo o santuário do arturismo. Evidente conversa mole.

Seu poder parece vir de uma combinação de técnicas e características de personalidade. Aparentemente, ele não tem piedade de ninguém, mas demonstra total empatia. É autocentrado, orgulhoso, vaidoso e desdenha de qualquer um que não tenha a boa sorte de ser ele. Isso é tão evidente e tão estranhamente convincente (a gente se pega pensando/concordando que, sim, Arty é uma pessoa especial e não pode ser julgada com critérios normais) que, quando ele volta seu interesse para um indivíduo (eu), o objeto (eu) de repente se sente elevado ao nível dele (por exemplo, pensando que, sim, Arty e eu somos especiais e únicos demais para sofrer qualquer tipo de julgamento etc.).

Quando você se sente desprezível, percebendo que o desdém de Arty é um fardo muito grande para carregar, ele oferece a oportunidade de torná-lo seu igual...

14 de junho:

Contagem da bilheteria: 11.724 ingressos vendidos para o show. Arquibancada lotada até o último degrau. Arty em ótima forma, sua

voz retumbando nos ossos dos espectadores.

“Quero que vocês sejam como eu sou. Quero que se tornem o que eu sou! Quero que desfrutem da minha ausência de medo! Da coragem que eu tenho! E da compaixão que tenho! Do amor que tenho! Da misericórdia irrestrita que tenho!”

O “sim” é suspirado pela multidão como um vento noturno, e eu mesmo quase choro por estar cercado de tanta dor. Por uma hora, sou convencido de que Arty não os está lesando, mas permitindo que reconheçam a dor da própria vida a fim de escapar dela. Um homem que devia ser um contador público certificado à minha esquerda — um homem grande em um terno decente e com uma barba bem aparada. A aliança de casamento brilhou em seu dedo quando as mãos agarraram os joelhos. Ele não gritou como os outros. Ficou em silêncio, focado no tanque e no verme venenoso lá dentro. Durante o coro de “do jeito que eu sou”, ele ficou paralisado, tão rígido que me fixei em seu rosto. Ele mordia o lábio e olhava sem piscar para a coisa pálida que se retorcia lá embaixo, na água iluminada por uma luz verde. Não se movia. Mas quando olhei de novo, ainda havia um fio de sangue entre seus dentes. À minha direita, havia uma avó animada que chorava e reagia o tempo todo. As lágrimas fáceis não me emocionaram. Foi o homem de ar elegante e contido que me abalou.

Depois disso, passei horas andando no meio da multidão pelo parque, percorrendo o acampamento dos Admitidos, e foi então que fui tomado de assalto pela ideia, quase acreditei que amputar os membros realmente me libertaria do flagelo furioso dos meus dias. O parque finalmente fechou à meia-noite e recuperou um pouco mais de sobriedade quando as luzes foram apagadas. No escuro, finalmente, percorri quase um quilômetro da estrada até a taverna Roamers Rest e contemplei minha conversão momentânea pelas lentes cor de âmbar do conhaque batizado de Resa Inne (proprietária). Ainda sentia tremores nas canelas, nas coxas e na coluna, uma reação provocada pela voz daquele girino pernicioso. Continuava sentindo o calor de coxas sólidas me apertando naquela hora suarenta na arquibancada.

Tomei mais uma dose do xarope confortante da Mãe Resa e me lembrei da cobertura do Vesúvio dez anos atrás. Convencemos o piloto do grande helicóptero da imprensa a nos levar para bem perto da cena. Enquanto sacudíamos loucamente no ar quente em volta da cratera, nos aproximamos dela com um mergulho de revirar o estômago, o velho Sid Lyman derrubou sua adorada câmera e caiu de

joelhos no assoalho de aço. Rezando. O “bom e velho” Sid, aquele que fazia piadas terríveis enquanto fotografava sepulturas coletivas no Texas, que registrava as imagens de crianças mutiladas no Chipre e filmava o equivalente a seis anos de arquivo de guerra íntima — selva e deserto. Lá estava Sid, impotente enquanto seu equipamento escorregava para a porta aberta da aeronave. Tudo o que Sid podia fazer, além do que obviamente aconteceu com sua calça, era resmungar preces infantis enquanto olhava para aquele poço sem fundo de pedra em ebulição.

O que me incomoda é a incapacidade de lembrar se dei risada de Sid. Se debochei dele ali, em cima da cratera, tenho a sensação de que vou pagar por isso. Pedi à flatulenta Resa mais uma dose do conhaque do seio de Afrodite e torci, com uma urgência absurda, para ter tido o bom senso de morder a língua sobre o Vesúvio.

Esse recorte de jornal estava grampeado no caderno de Norval:

NOITE DE CRIME

AP: SANTA ROSA, CALIFÓRNIA

Uma súbita onda de crimes eclodiu nesta cidade litorânea na noite passada, com saques em um grande supermercado e três mercados menores. Todos os roubos aconteceram em três horas, entre a uma e as quatro da manhã, e o chefe de polícia, Warren Cosenti, relata que alimentos foram os únicos itens roubados.

Spokane, Washington Oito suspeitos foram presos dentro do McAffrey's Stop and Shop, no número 114 da West Main, por oficiais que respondiam a um alerta de arrombamento da loja de conveniência às 2h30. Os suspeitos, cinco homens e três mulheres, foram detidos carregando caixas de papelão com alimentos roubados das prateleiras. Todos estavam desarmados, vestidos completamente de branco e se recusaram a dar qualquer declaração à polícia. Um homem, evidentemente o porta-voz do grupo, entregou aos oficiais uma nota que dizia: “Todos nós fizemos votos de silêncio. Façam o que quiserem”.

Relatos afirmando que vários — ou talvez todos — suspeitos tinham os dedos das mãos ou dos pés amputados ainda não foram confirmados.

Spokane, Washington O legista Jeff Johnson afirmou, em uma coletiva de imprensa esta manhã, que os oito suspeitos de arrombamento e roubo que se suicidaram na noite da última quarta-feira em celas da delegacia da cidade tomaram cianeto.

Nenhuma vítima foi identificada até agora, e nem a polícia nem Johnson concordaram em comentar os boatos de que todas as vítimas tinham menos de dez dedos nas mãos ou nos pés.

Velva, Dakota do Norte Ao atender a um alerta de arrombamento às três da madrugada da última

segunda-feira, a polícia encontrou as grandes vitrines de vidro do supermercado Velva Coop estilhaçadas e prateleiras inteiras vazias, no que parece ser...

Essa manchete foi recortada do *Clarion*, de Hopkins, Minnesota:



Em um bilhete manuscrito distribuído entre os arturianos e a equipe do circo, Norval Sanderson sublinhara o seguinte trecho:

[...] Para eliminar a escassez de alimentos decorrente do número elevado de Admitidos, nosso Amado Arturo estabeleceu que um caminhão-cozinha e uma tenda-refeitório especial deveriam servir três refeições integrais por dia a cada um e a todos os seus seguidores. Novinhos que ainda não começaram o Derramamento devem obter cartões de refeição junto aos seus líderes de grupo. Convidados e visitantes pagarão um valor nominal pelas refeições [...]

Eu ri quando encontrei esse trecho entre as anotações de Norval. Lembrei-me da confusão em que estávamos quando esse comunicado foi escrito. Acho que nos encontrávamos perto de Hopkins, Minnesota, porque foram os policiais de lá que apareceram para xeretar.

Eu ajudava Lily a alfinetar a bainha de um novo casaco de cetim para Arty. Estávamos na cozinha da van. Lily tinha montado a máquina de costura em cima da mesa de jantar e Arty estava sentado ao lado dela, sobre a mesa. Eu riscava a bainha e Lily segurava os alfinetes na boca, quando a porta se abriu com um estrondo e as gêmeas entraram com Chick.

“Polícia”, elas disseram. As duas tinham o rosto distorcido de horror.

Chick assentia com ar grave. “Papai está bravo. Os policiais querem falar com Arty.”

Arty estava apertado para experimentar o casaco e se apoiou sobre o traseiro em cima de um alfinete. “Aaaaai!” Ele se jogou para a frente.

Elly riu, Iphy estendeu a mão para ele, e eu caí do banco. O radiophone vibrou e era Al, do escritório. Chick tinha razão. Papai estava muito bravo.

Aquela foi a primeira vez que ouvimos falar sobre a confusão em que os seguidores de Arty estavam metidos. Parece que estavam com fome. Muitos não

tinham dinheiro algum, depois de entregarem tudo o que tinham a Arty. Enquanto o seguiam, não tinham meios para ganhar o sustento. Mas nenhum de nós havia pensado em como eles iriam comer. Alguns se infiltravam na equipe para comer com os funcionários, mas isso enfurecia os cozinheiros. O pessoal do parque batia neles ou, pior, os expulsava, se suspeitassem quem eram. Os cozinheiros haviam espalhado cartazes na tenda-refeitório que anunciavam: “RESTRITO aos Funcionários do Parque!”.

Naquele dia, os policiais prenderam cinco noviços e apreenderam o velho ônibus escolar em que eles moravam. Atrás das cortinas brancas nas janelas, o ônibus estava lotado de comida enlatada para o bom povo de Hopkins. A polícia nos reteve na cidade por dois dias antes de permitir nossa partida.

Al contratou mais dois cozinheiros e alguns ajudantes de cozinha, comprou outro caminhão e transformou duas das velhas tendas em refeitórios para os seguidores. Ele estava furioso, e Al também ficou muito bravo por ter que gastar dinheiro para alimentar toda aquela gente. Norval Sanderson escrevia anotações, colecionava recortes e fazia perguntas.



O Laçador de Moscas e o Verme Transcendental

Norval Sanderson era um homem curioso. Queria saber tudo. Depois de esgotar todas as perguntas que poderia fazer aos Binewski num dia, ou ficar entediado com as excentricidades dos Admitidos, ele andava pelo parque e continuava em seu exame casualmente incansável de cada evento, fenômeno, habilidade, artefato e personalidade que chamava sua atenção. Não era invasivo. Era paciente e flexível, como água sobre pedra.

Ficava fascinado com as máquinas de pipoca e com o preparo do algodão-doce. Ele encantava as ruivas com seu interesse atencioso nas incontáveis tarefas que elas desempenhavam e nas histórias de uma vida extravagante que contavam. Ficava intrigado com os motores dos aparelhos giratórios e atormentava os mecânicos com perguntas sobre as linhas de direção e os sistemas de escapamento das máquinas.

Sanderson envolvia os clientes em conversas e conseguia descobrir detalhes surpreendentes sobre caminhoneiros, advogados, colhedores de ervilhas, cozinheiros do mar, corretores de seguros, estudantes e operários de fábrica que iam gastar moedas na barraca do jogo de argolas ou estavam na fila da montanha-russa quando ele passava por lá.

Ele nunca se cansava do parque. Andou sem nenhum escrúpulo em cada um dos brinquedos pelo menos uma vez desde que começou a frequentar o local. Depois disso, apenas os observava. Mas os jogos e os espetáculos, as barracas e os vendedores nunca deixavam de ser interessantes para ele. Sanderson transformou os gerentes de jogo em fanfarrões exuberantes, interrogando-os sobre os detalhes de seu trabalho e demonstrando admiração por suas habilidades.

O velho batedor de Al lhe contou como encontrava o procurador ou o delegado, o prefeito ou o capitão de polícia em cada cidade, gente que poderia ser subornada com a renda de um jogo arranjado, uma medida preventiva contra investigações a respeito de uma roleta ou um arremesso. Eles lhe ensinaram como colar cartazes, conseguir uma licença de um burocrata relutante, alugar um

espaço para uma canção, enfim, todos os detalhes e truques de seu ofício.

O noviço que distribuía a literatura arturana nas barracas de P.L.P. (Paz, Isolamento e Pureza) poderia esperar interrogatórios periódicos sobre a reação dos transeuntes a cada novo catálogo ou panfleto.

Os vendedores das barracas de lanches falavam sobre os sabores de sorvete ou refrigerante que estavam na moda em um determinado local e como essa tendência variava geograficamente.

Sanderson assistia a sessões de treinamento e ensaios, e depois ia aos shows para ver os resultados. Conhecia o rosto, o nome e o temperamento de cada felino de Horst. Sabia quais eram as habilidades com a lâmina de cada engolidor de espadas e a proporção de octano presente em cada engolidor de fogo. Sabia quais eram os filósofos favoritos dos geeks e a marca do creme com que os acrobatas massageavam suas articulações doloridas antes de dormir.

Sempre que podia, ele desfrutava da companhia de Horst ou de um Binewski que fosse acender as luzes no túnel da Mina de Ouro Assombrada, onde analisava as molas e os cabos que acionavam as gravações, os esqueletos ou cadáveres, ou para ir até o Cano e descrever a natureza e a origem de cada espécime conservada nos vidros. Eu mesma ficara empoleirada, constrangida e entediada ao lado dele na barraca de variedades, respondendo às suas intermináveis perguntas enquanto ele olhava encantado para o circo em miniatura de papai, com seu único picadeiro e a apresentação de cães, equilibristas, palhaços acrobatas e trapezistas.

Na tenda dos engolidores ele observava com ar grave do fundo e fazia as perguntas depois do show.

Quando os motociclistas da Torre da Morte se juntaram ao Fabuloso Circo Binewski, ele enchia as orelhas com espuma plástica para poder ficar debruçado na beirada do imenso cilindro de metal durante horas, vendo os pilotos desafiando a gravidade com suas máquinas barulhentas.

Ele conhecia de cor o repertório das gêmeas e conseguia cantar sua canção mais difícil e popular, “Ela Era uma Garçonete Sem Coração”, com todas as suas notas graciosas.

É claro que ele estudava cada nuance delicada do show de Arty. Ia à grande tenda bem antes que Arty chegasse para cada sessão. Sanderson via os dez mil assentos sendo ocupados por Admitidos de posições variadas. Os sem membros ficavam deitados de bruços sobre a serragem na frente do Tanque Sagrado. Os sem pernas ficavam atrás deles, no primeiro degrau da arquibancada. Os curativos aumentavam ostensivamente mais para cima, onde os amputados na altura do tornozelo ou do joelho se espremiavam. Além deles, ficavam os noviços, todos vestidos de branco e espremidos nos degraus, exibindo suas bandagens

com orgulho. Atrás e acima deles, nos degraus mais altos, ficavam os recém-chegados intocados, os curiosos, os escarnecedores ou algum repórter ocasional, todos ansiosos e agitados para ver Arturo, o Aqua Man, e seu convite à santidade definitiva. Sanderson desenhava gráficos da hierarquia e escrevia sem parar em suas cadernetas de bolso.

Entre todos os números, talentos, habilidades e maravilhas do circo, o favorito de Norval Sanderson era um número relativamente novo apresentado na pequena tenda à direita do imenso picadeiro de Arty. Era o número menos espetacular que o circo já havia apresentado. Porém, embora Sanderson me atormentasse e interrogasse qualquer outra pessoa do circo para conhecer detalhes sobre o número e o artista, ele não queria conhecer o homem ou interrogá-lo pessoalmente. Dizia que gostava de preservar alguns mistérios. E eu nunca resistia quando Sanderson me tirava da limpeza dos tanques ou da contagem de ingressos para que eu o acompanhasse numa observação acadêmica do “incrível laço do sr. Ford”. Eu também gostava do Laçador de Moscas.

Os amigos o chamavam de C.B. Ford. Ele era barrigudo e careca, e enfiava as pernas da calça em botas de caubói vermelhas com costura cor-de-rosa, bico pontudo e um salto de sete centímetros. Havia um ar calmo em seu humor. Ele tinha mãos rápidas e nenhum interesse em se tornar um arturano ou cortar partes do corpo. O que queria, e o que Arty dava a ele, era uma licença permanente para usar a tenda número dois do parque.

“Seu grande show e o meu pequeno show”, ele dizia a Arty, “fazem parte da mesma carta.”

Seu dom era a habilidade de amansar e dominar moscas domésticas. Ele dizia ter aprendido a técnica nas Ilhas Shetland, onde as garotas percorriam cinquenta quilômetros solitários de pântanos para beber cerveja barata e ver filmes na estação da Guarda Costeira.

“Mas”, ele explicava, “aquelas garotas estavam determinadas a ir para os Estados Unidos, por isso era preciso ter cuidado com elas. Não havia nada de que gostassem mais do que ir para a cama com um ianque e fazer o papai arrastar o homem para o altar como um de seus carneiros.”

Não havia muita vida nesses lugares calmos, ele contava, mas muitas moscas. E ele aprendeu sobre a natureza das moscas com um velho contramestre que abandonara uma fábrica de empacotamento de carne no Nebraska para fugir para o mar.

“A mosca”, ele relatava, puxando as fivelas prateadas dos suspensórios, “não é diferente do helicóptero.” Nesse ponto o laço subia, rodando devagar, e girava sobre sua cabeça em uma imitação convincente da órbita de uma mosca.

“Sua mãe deve ter ensinado que açúcar atrai mais moscas do que vinagre... Mas todos nós sabemos do que as moscas realmente gostam!” E estendia a mão livre para a mesa coberta de veludo, removendo a tampa redonda e prateada de um prato raso. A vela sob o prato tremulava ligeiramente, e a plateia ria ao ver o fumegante monte de excremento no prato prateado.

C.B. Ford era específico sobre o tipo de merda que usava.

“Bosta de vaca”, ele me contou uma vez em confidência, “não funciona bem. Atrai as moscas, mas a plateia não consegue ver. É muito pastosa, e não dá para formar um monte que se possa ver do chão. Não serve para mim, se estiver seca o bastante para ser empilhada. Se estiver seca, eu consigo juntá-las em pilhas altas, mas as moscas não têm muito interesse. Merda de cavalo, é claro, atrai bem se estiver fresca, mas não tem impacto suficiente sobre a plateia. Por algum motivo, as pessoas aceitam bosta de cavalo. Quase todo mundo diz que o cheiro é conhecido, e não necessariamente ruim. Queremos aquele choque produzido por *merda* de verdade. Não funciona com bosta de porco. Depende do que eles comem, mas pode ser mole como a de vaca e, quando é firme, tem um cheiro que é demais até para mim. Odeio. Sendo assim, tem que ser merda de cachorro ou humana.”

O laço de corda pairava sobre o prato, embora a corda ficasse em segundo plano e C.B. Ford se dedicasse à sua palestra rústica. Seu timing era bom e a conversa não passava por cima de ninguém. Ele manjava a corda e falava, e em pouco tempo as moscas chegavam.

“Aí vem uma... essa é a vantagem de usar isca fresca”, dizia. Havia uma jaula de tela cheia de moscas, grandes moscas varejeiras que eram lentas e fáceis de trabalhar, e a plateia podia vê-las e ouvi-las com facilidade. Ele mantinha um dos garotos atrás do palco para entreabrir a porta dessa jaula para deixar as moscas saírem lentamente. Cinco ou seis eram tudo o que ele queria. E assim que algumas moscas de verdade sobrevoavam aquele prato, sua corda desaparecia e ele chamava uma menina de cabelos longos na plateia para dar risadinhas e ajudá-lo.

A primeira mosca era sempre um grande evento. Ele pulava por toda a extensão do palco, girando o laço no ar, chegava bem perto de enfiar o punho no prato uma dúzia de vezes, fazia a garota se oferecer para balançar os braços e agitar as pequenas criaturas na direção dele, e falava o tempo todo sobre as semelhanças e diferenças entre raças de gado bovino e varejeiras até a plateia ficar meio convencida de que ele nunca seria capaz de capturar a mosca, porém rindo, de qualquer forma, e ficando nervosa como um bêbado com um copo de leite, esperando para vê-lo meter a mão na pilha de excremento morno.

Então, de repente, ele pegava a mosca e a segurava na mão fechada,

aproximando-a do microfone para que os espectadores pudessem ouvir seu zumbido. Depois ele soprava a articulação do polegar e gritava, sacudindo a mão fechada com força para “deixar a mosca tonta”, e em seguida jogava a mosca com força na mesa.

“Ela vai ficar inconsciente por um segundo, mas também está atordoada, e temos que agir depressa antes que recupere a consciência.”

Virando rapidamente para a menina de cabelos compridos e empunhando uma tesoura, ele levantava uma mecha de cabelo, separava um fio e cortava bem perto da cabeça antes que ela tivesse tempo de fazer qualquer coisa além de gritar.

“Vamos amarrar um nó de correr em uma das pontas e imobilizar a criaturinha em um instante.”

O nó envolvia uma das patas esticadas da mosca e era apertado. Num movimento rápido, um pequeno pedaço de papel fluorescente era preso à outra ponta do fio de cabelo. Enquanto a primeira mosca recobrava a consciência, C.B. Ford pegava facilmente outras cinco, como quem estava colhendo uvas, e as tratava do mesmo jeito, garantindo à assistente ruborizada que seu cabelo era tão grosso e brilhante que ela não sentiria falta dos seis fios usados para domar meia dúzia de bestas selvagens.

Em três minutos, um bando de moscas confusas sobrevoava a plateia com movimentos atordoados, levando os bilhetinhos com mensagens como “Lanche no Joe” e “Comida Caseira”.

A plateia saía da tenda de bom humor. Inevitavelmente, um grupo de jovens assumia a tarefa de espantar as moscas mensageiras ou matá-las quando elas pousavam para descansar. Também era inevitável uma criança ficar indignada porque matavam as moscas, fazendo um grande esforço para pegar uma delas viva e protegê-la, levá-la para casa em um pacote de pipoca e reverenciá-la por ter vivido algo extraordinário na vida de uma mosca.

Depois de dois meses seguindo Arty em uma van alugada, Norval Sanderson nos deixou e tirou uma licença de sua distinta revista. Ele foi para casa, em West Point, Georgia, como explicou, para ver a mãe idosa e pensar. Passou semanas escovando os cabelos finos e brancos da mãe todas as noites e bebendo no escuro, sentado na varanda, depois de ir dormir. Quando Sanderson voltou ao circo, Arty afirmou que foi o culto que o atraiu. Lily estava convencida de que Sanderson queria escrever a biografia de Arty, mas eu tinha um pressentimento de que o Laçador de Moscas era, de algum jeito, parte da atração.

Norval nos alcançou novamente na periferia de Ogallala, Nebraska, e bateu na porta da van de Arty durante o café da manhã. Arty deixou o canudo

balançando no suco de laranja e sorriu para Norval. Eu continuei cortando seu presunto.

Norval se aproximou do fogão, pegou uma xícara de café, levantou-a num brinde a Arty e a deixou sobre o balcão sem beber.

“Trouxe uma coisa para você.” Seu tom irônico era arrastado e calmo como sempre. Ele levou a mão ao volume incomum no paletó de tweed e pegou um frasco de vidro verde cheio de alguma coisa. “Uma prova do meu profundo respeito”, disse. E deixou o frasco sobre a mesa, ao lado do prato de Arty.

A coisa inchada dentro do frasco se espremia contra o vidro. Era coberta de pelos escuros e curtos. Norval sorriu com ar ardiloso e afrouxou o cinto fino de pele de lagarto. A calça de flanela desceu até o joelho, deixando à mostra o shorts largo de seda.

“Peço perdão, srta. Olympia”, ele debochou, então os polegares puxaram o elástico da cintura para baixo e afastaram as fraldas da camisa para os lados para exibir o pênis circuncidado que pendia na frente das virilhas planas e marcadas por complexas cicatrizes. “Os pontos dissolveram quase completamente, mas ainda ando com as pernas afastadas”, ele reclamou.

Arty riu e assentiu. “Não pense que isso te dá alguma vantagem sobre qualquer outro noviço. Ainda vai ter que passar pelo básico, dedos das mãos e dos pés, antes de ter algum crédito.”

Sanderson levantou a calça, balançando a cabeça com ar debochado. “Corto as bolas pelo homem, e é isso o que recebo.”

“Todo mundo tem que começar por algum lugar.” Arty sorriu, e eu enfiei um pedaço de presunto em sua boca. Sanderson se apoiou no fogão e bebeu o café, contando como encontrou um cirurgião disposto a executar a tarefa.

“Acabei achando um veterinário de oitenta anos que era o Grande Mago da KKK em sua região. Disse a ele que minha mãe havia acabado de confessar, em seu leito de morte, que tinha se deitado com um colhedor de nozes e que eu era filho, na verdade, de um comunista católico descendente de negros. O velho cavalheiro concordou com a cirurgia imediatamente. Ele bateu no meu ombro e disse: ‘Tem razão, filho, você ia queimar no óleo eterno por transmitir tanta tinta para outra geração’.”

Arty ainda ria quando Sanderson saiu para levar sua van para o acampamento dos Admitidos. Quando a porta se fechou, Arty enganchou uma nadadeira no pote de vidro e o puxou para mais perto. Aproximou o nariz do vidro colorido, virou o frasco para analisá-lo por outro ângulo e se recostou com uma ruga na testa.

“Bode? Ou bezerro?” Ele poderia estar perguntando para o frasco. “Talvez um potro, ou um cachorro grande?”

Eu raspava os pratos balançando minha cabeça. “Você é tão pateta quanto ele.”

Arty olhou para mim com ar sério. “Não são as bolas de Norval Sanderson, Oly.”

Aquilo me fez parar. Eu me inclinei para olhar para o pote.

Arty bateu na tampa com a nadadeira. “Aquele repórter que esteve aqui depois do primeiro artigo na *Now* me falou sobre isso. Anos atrás, Sanderson perdeu as bolas na explosão de uma mina terrestre na África do Norte. Quinze anos, talvez.”

“Por que não o desmentiu?” Minha cabeça estava congelada.

“Ele acha que não sei nada. Deve ter passado iodo ou alguma coisa do tipo nas velhas cicatrizes para dar a impressão de que são recentes. É até bonitinho. Vamos dar corda ao cara e ver o que ele está tramando. E você vai ficar de boca fechada sobre isso.”

“Você gosta dele.”

“Ele é divertido.”

Passar por convertido não exigia que Norval desenvolvesse qualquer coisa que se pudesse chamar de reverência. Ele ainda era sarcástico, fazia anotações e interrogava tudo o que tivesse cordas vocais. Mas também teve a ideia do estande do Verme Transcendental. Arty riu e o deixou colocar a ideia em prática. O projeto rendeu um salário modesto para Sanderson e o manteve perto de Arty. O estande era pequeno, mas ocupava lugar de destaque entre a tenda de Arty e o Laçador de Moscas. A ideia era simples e surpreendentemente popular. Sanderson colecionava partes amputadas pela dra. Phyllis e as cortava em pedaços pequenos, colocando-os em potinhos. A criação de vermes era confiável e simples. Ele pendurava mãos ou pés sem dedos em ganchos atrás de seu trailer por alguns dias e extraía os vermes quando eles saíam do ovo. Vendia um verme solitário como seu suprimento vitalício de alimento santificado por cinco dólares. Os que evoluíam para mosca antes de serem vendidos iam para a gaiola de aço do Laçador de Moscas por um dólar a dúzia.

Quaisquer que fossem suas intenções, Sanderson estava conosco para ficar. Ele passou do tweed à sarja. Falava regularmente sobre negócios com C.B. Ford. Levou dois anos para cortar quatro dedos, dois de cada pé, mas depositou cada dedo em seu próprio pote com o respectivo verme, vendendo-os pelo preço habitual.



Cafetão Pipoca

Certa noite, as gêmeas contavam os minitomates de suas saladas durante o jantar quando papai anunciou que elas teriam a própria van, “como a de Arty”. Lily ficou horrorizada. Elas eram jovens demais aos dezoito anos para morar sozinhas, protestou, mesmo que fosse em um anexo que formaria um T com a van da família e a de Arty. Os engolidores entrariam escondidos e as estuprariam, e outras coisas. Os engolidores de espadas e os engolidores de fogo eram os bichos-papões de Lily na época. Ela ficava agitada pensando nas gêmeas à mercê deles.

“Quando eram pequeninas e ainda tentavam engatinhar para longe uma da outra e se enroscavam, eu disse: ‘Maldito seja quem levar vocês de mim!’.”

Iphy parecia amedrontada, mas Elly, controlada e sem pressa, disse: “Nós aceitamos. Sei que a ideia é de Arty. Ele está tramando alguma coisa. Mas aceitamos assim mesmo”.

As gêmeas pediram tapetes e paredes verdes, cortinas azuis e mobília, além de um cintilante banheiro cor de esmeralda. O quarto e a cama enormes eram rosa fosco.

Em uma homenagem ao meu aniversário de quinze anos, mamãe mudou minhas roupas e meus tesouros para o antigo compartimento das gêmeas na van da família. Às vezes eu ficava lá, mas ia dormir embaixo da pia da cozinha porque a cama aberta e ampla parecia ser tão grande e plana quanto o Kansas.

As gêmeas faziam todas as refeições na van da família.

“Está vendo, Lily?” Papai comentou certa noite, quando as gêmeas estavam sentadas no chão enrolando a linha de costura da mamãe em cartões. “Você nem percebe que elas se mudaram.”

“Quem mudou?”, perguntou mamãe.

Elly segurava minha manga e olhava para mim com ar ameaçador.

“Oly, quero que me faça um favor.”

A mão gentil de Iphy tocava minha outra manga, e a voz dela era

desesperada. “Eu *não* quero que você faça isso! Oly, por favor!”

“O que é?” Eu estava agitada. Elly mostrou um envelope branco.

“Leve isto aqui para a barraca dos juízes do outro lado do parque.”

Iphy tentou pegar o envelope, mas estava na mão de Elly do outro lado, fora de seu alcance.

“Não vou mais gostar de você, Elly! Não vou mais falar com você!”

“É para entregar a um dos juízes. Um homem chamado Deemer”, Elly continuou, ignorando tranquilamente Iphy enquanto colocava o envelope na minha mão e fechava meus dedos em torno dele. “Ele é muito alto e careca, exceto por um anel de cabelos castanhos na parte de trás da cabeça. Está usando um terno e um crachá. Entregue isso a ele e corra. Não fale com ele. Não espere resposta.”

Iphy cobriu o rosto com as mãos. Seus dedos estavam quase brancos. Ela não chorava. Estava se escondendo. Fiquei segurando o envelope e olhando para os dedos longos de Iphy cobrindo todo o seu rosto, tocando o cabelo escuro.

Levei o envelope numa longa caminhada pelo parque barulhento e através da fumaça de churrasco na área de piquenique além dele, em direção às fileiras de cadeiras montadas na grama, embaixo de traseiros gordos que observavam a coroação da Miss Laticínio de Dalrymple ou da Rainha do Peixe-Gato, ou sei lá o quê.

Vi o homem no estande dos juízes ao lado do palco. Ele era jovem para ser tão careca. Tinha a aparência tranquila de um professor de livro de histórias. Estava em pé atrás das três mulheres gordas e de um homem baixinho com barriga grande. Esse homem berrava num microfone conectado a um patético sistema de som. Contornei o estande e arranhei o braço quando subi pela madeira envergada da parte de trás da barraca. O pódio do orador e as pessoas enormes estavam na minha frente. Não acho que a plateia conseguia me ver. Só toquei a mão úmida e pálida, vi o rosto alongado se virando para mim e olhos se arregalando. Coloquei o envelope na mão dele, escorreguei para o chão e me afastei o mais depressa que pude.

Vi rapidamente o homem magro mais uma vez, sob o luar, na porta da van das gêmeas, às três da manhã seguinte. Eu espionava a porta de Arty quando vi uma fresta de luz na entrada da van das gêmeas, um metro e meio adiante. Saí discretamente e o vi quase nitidamente quando ele saiu de lá. Usava o mesmo terno. Parecia cansado. A porta foi fechada quando ele saiu.

Fiquei olhando sem me mexer, pensando que o envelope era um convite e que, uau, quando eu tivesse minha van, homens normais iriam me visitar.

Às vezes, eu me perguntava se a visão de mundo dos Binewski havia

atrofiado meus músculos da solidariedade. Éramos uma família próxima. Nosso contato com os normais fora do circo era fragmentado e em flashes, frases ouvidas por aí, sem conexão com suas vidas. Gente de fora do parque não era real para mim. Quando falava com essas pessoas, era sempre por causa do circo, como uma treinadora de focas usando tons variados para incentivar ou comandar. Nunca pensei em manter uma conversa com um dos brutos. Pensando bem, acho que o homem magro estava perturbado e confuso. Na época, fiquei pensando se Elly havia conseguido o que queria, mas tinha sido assassinada por causa disso.

Ele abaixou a cabeça para caminhar e me viu. “Você me entregou o bilhete”, disse num tom neutro, a voz leve e desprovida de modulação, mas também sem foco, como se ele tivesse acabado de acordar. “Foi estranho.” E inclinou a cabeça em direção à porta da van das gêmeas. “Acho que não fui correto. Acho que fiz alguma coisa... errada. Uma delas não queria. Ela gritou e me arranhou. A outra... queria.” Ele balançou a cabeça lentamente e enfiou as mãos nos bolsos do paletó do terno, desceu a escada e foi embora, me deixando com o som de sapatos desaparecendo no cascalho.

Pensei que ele tinha matado as gêmeas, mas minha experiência anterior em surpreender assassinos para proteger Arty me tornou bastante cautelosa. Fui procurar o cadáver antes de dar o alarme. A porta estava destrancada.

Ouvi o barulho do chuveiro aberto, mas imaginei que ele poderia ter cortado o pescoço delas lá dentro, então parei na porta do banheiro e gritei o nome das duas. O ruído cessou e a porta se abriu. Elly enrolava uma toalha na cabeça e disparou: “O que você quer?”.

Iphy estava com os olhos vermelhos e secava a genitália.

“Aquele cara saiu daqui, pensei...”

Iphy olhou para mim como se fosse o fantasma de uma criança assassinada. “Ela acabou de vender... a nossa... cerejinha!”, choramingou. “E eu estava *guardando* a minha!”

“Ah, merda!”, Elly resmungou. Eu as segui até o quarto cor-de-rosa e subi na cama para olhar a mancha vermelha nos lençóis, enquanto elas vasculhavam o armário procurando o robe.

“Vê se fica com essa boca de sapo fechada, Oly!”, Elly disse com a voz abafada pelas roupas penduradas.

“Tudo bem! Caramba!”

“E a histérica aqui também vai ficar calada. Certo?”

“Elly, para. Oly pode saber.”

“Você não precisa contar.”

Agora elas reviravam o conteúdo escasso da geladeira e eu as observava,

ouvindo as ameaças de que Elly enfiaria agulhas quentes nos meus olhos se eu contasse, e que Iphy não poderia impedi-la, e Iphy também não poderia contar porque era tão culpada quanto Elly. A discussão mansa entre as duas era quase relaxante, se eu não prestasse atenção às palavras. Elas pegaram uma jarra de limonada cor-de-rosa e três copos de papel, e fomos todas sentar no tapete verde da sala.

“E aí, foi divertido?”, perguntei. “Ou doeu?”

“Legal.” Elly deu de ombros.

“Horrível.” Iphy se encolheu.

“Esperava mais sangue.”

“Pensei que ele ficaria mais um pouco depois. Você o assustou com a choradeira.”

“Você não está dando a impressão de que foi muito divertido.”

“As ruivas disseram que depois melhora.”

“Acha que ele gostou? Não seria horrível se ele não tivesse gostado? Talvez por isso ele tenha ido embora tão depressa. Seria terrível se ele tivesse dado todo aquele dinheiro para nós e não tivesse gostado.”

“Dinheiro?”, perguntei. Não prestei muita atenção quando Iphy disse que Elly havia *vendido* a “cereja” delas.

“É claro, dinheiro.” Elly enfiou a mão embaixo do sofá e pegou o mesmo envelope que eu havia levado ao estande dos juízes. Ele tinha ido falar com as meninas depois do show delas no dia anterior. Perguntara se podia visitá-las e disse que apareceria depois de julgar o concurso de beleza.

“Ele é professor?”

“Não sabemos o que ele faz. Foi educado. Gentil. Achei que seria um bom começo. Não parecia rico, por isso pedi só cinquenta dólares no bilhete e disse que ele devia vir depois que o parque fechasse.”

“Não queria ferir os sentimentos do homem. Mas eu estava *guardando* a minha, e ele pesava demais em cima de mim, e doía.”

“Iphy, escuta. Ele não teria abraçado a gente. Eles nunca vão querer abraçar a gente ou trocar carícias depois. *Sempre* vão levantar da cama imediatamente, fechar o zíper da calça e sair.”

Iphy olhou para os próprios joelhos, a mão magra dobrando um pedaço do roupão num gesto de nervosismo, uma repetição tão exata do movimento que a mamãe fazia que fiquei olhando.

Elly olhou séria para o envelope. “Talvez eu tenha sido burra. Uma virgindade como a nossa poderia valer muito. Talvez devesse ter feito um leilão. Ainda podemos fazer um. Vamos melhorar. Podemos espalhar panfletos. Criar um cartaz: ‘A Excêntrica Conveniência de Duas Mulheres com Uma Vagina!’.”

“Arty vai ficar furioso. Arty vai morrer.” Iphy dobrava o roupão. Me dei conta do quanto ela era bonita e a odiei.

“Ele não vai se importar”, opinei. “Ele mesmo faz isso.”

“Arty?” As vozes gêmeas se fundiram em uma harmonia chocada.

“Por dinheiro?”

“Bem”, agora eu estava confusa, desorientada, “acho que ele não cobra delas, mas... não tenho certeza. Talvez ele pague para elas?”

“Quem?”

“Todas as garotas que vão bater na porta dele vestidas com roupas coloridas de noite.”

O rosto de Iphy ficou tenso. Elly uivou e riu.

“Garotas normais?” Iphy falou as palavras sem mover os lábios.

“Sim. De todos os tipos.”

“Arty, o pregador!” Elly olhou para o teto enquanto ria. Decidi que ela não era má. Mas eu sabia sobre a dor que Iphy sentia, e estava contente, e envergonhada por estar contente. Se eu não podia tê-lo, ela também não. Era o suficiente para seguir adiante. Pelo menos eu podia trabalhar para ele, estar perto dele. Elly não permitiria que Iphy fizesse a mesma coisa. Percebi que gostava muito de Elly. Ela abaixou o queixo para olhar para mim. “Mamãe e papai sabem?”

“Não seja boba.”

“Há quanto tempo você sabe?”

“Meses.”

Elly sorriu para mim. O rosto de Iphy relaxou com curiosidade.

“Elly, a gente nunca vai fazer isso com ninguém velho ou gordo, vai? Não vamos.”

Às vezes, só de olhar para Al e Crystal Lil eu queria bater na cabeça deles com uma barra de ferro. Não para matá-los, só para acordá-los. Papai se exibia e mamãe se retraía, e nenhum dos dois sabia o que o mundo real era para mim. Acho que eu queria que eles me salvassem das minhas mazelas e da dor ácida e corrosiva do meu ciúme. Queria voltar à mentalidade infantil onde papai e mamãe viviam, à velha fantasia na qual eles podiam me manter segura até da minha própria crueldade.

Às vezes, quando mamãe colocava o braço ao redor de mim, beijava minha cabeça lisa e me chamava de pombinha querida, eu quase vomitava. Se algum dia fui uma pombinha querida, deve ter sido num sonho. Ainda me pergunto o que ela teria feito se eu fosse capaz de contar a ela. Talvez pudesse ter ajudado. Talvez pudesse ter nos salvado.

Não entendia o que Elly pretendia com a prostituição, mas estava satisfeita porque isso maculava Iphy. Não sabia o que Arty estava construindo com suas armadilhas religiosas, mas ficava feliz por ele me dar tanto trabalho.

Arty no tanque deslizando de uma parede de vidro para a outra, com as luzes brilhando em seu corpo cintilante, a luz explodindo nas bolhas que ele fazia com seus movimentos até o tanque todo parecer explodir em chamas e, de repente, Arty imóvel, flutuando a um metro do fundo, banhado pela luminosidade dourada. Arty falando com as pessoas pelos microfones instalados no vidro. Falando até que as pessoas respondessem, até que chorassem por ele, falando até entoarem seu nome, falando até gritarem, batendo os pés na arquibancada.

Arty em seu carrinho de golfe, acenando com uma nadadeira para as pessoas do outro lado da corrente. Arty trabalhando em sua van, recebendo visitas enquanto eu ficava escondida e quieta na sala de segurança, do outro lado do espelho, com uma arminha patética na mão só por precaução. Arty cercado por livros, digitando anotações com uma nadadeira treinada em um teclado. Arty lendo, resmungando para o fone do transmissor, Arty lendo no caminho desde Mesa, Arizona, até Truth or Consequences, Novo México, sem levantar os olhos, sem notar que o cara que dirigia seu caminhão tinha castigado a caixa de transmissão nas últimas centenas de quilômetros porque os freios haviam desaparecido.

Arty no chuveiro depois do show, pálido e esgotado com o que quer que o estivesse incomodando. Arty recostado na parede do box enquanto eu o esfregava com uma escova, os olhos fechados, o rosto suave e insatisfeito.

Iphy achou que, se eu levasse as mensagens para os possíveis clientes, acabaria contando tudo ao Arty. As gêmeas mandaram instalar um telefone para elas. Também recrutaram o professor de piano, Jonathan Tomaini, que protestou dizendo ser músico. Ele era um artista, não um cafetão! E anunciou com ar solene que informaria Al imediatamente.

E, de maneira surpreendente, foi Iphy quem explicou num tom doce e tranquilo que, se ele falasse alguma coisa, elas denunciariam um estupro e apontariam os quatro delicados indicadores para ele, o culpado. O homem ficou quieto, e Elly explicou o que queria. Sentado no sofá azul e evidentemente derrotado, ele ouviu cada palavra.

“Sabe o que os normais querem perguntar de verdade?”, disse Elly. “O que eles querem saber, todos eles, mas nunca perguntam, a menos que estejam bêbados ou sejam muito ingênuos? É como a gente transa. Com quem e talvez

com o quê. A maioria dos homens imagina como seria transar com a gente. Então por que não ganhar dinheiro com essa curiosidade? Eles nem querem saber se eu toco em grave e Iphy em soprano, ou se nós duas gostamos do mesmo sabor de sorvete, ou alguma outra pergunta idiota que possam fazer. O que os incomoda e os faz ficar olhando para nós durante todo o tempo de uma sonata em ré é a curiosidade sobre nossa postura na cama. Pode acreditar, alguns estão dispostos a pagar um bom preço para descobrir. A proposta é você levar dez por cento dos lucros pelo esforço. Vai aumentar um pouco seu salário, não vai?”

“Dez por cento?” Ele franziu a testa.

“Isso.”

“Lucro bruto?”

“Líquido. Mas não somos baratas. Vamos estabelecer um mínimo de mil dólares por duas horas com taxas adicionais para qualquer variação do tradicional.”

Ele não escondeu o espanto. “Não pensei que precisassem de dinheiro. Vocês têm tudo, e os concertos sempre lotam.”

Elly sorriu. “Com esses preços, não haverá fila de espera.”

“Serão apenas pessoas realmente interessadas no que temos a oferecer”, Iphy explicou.



Entra o Homem do Saco

Arty sempre teve uma pele ótima, lisa e firme, nunca teve uma espinha ou erupção. Nem uma verruga. Ele dizia, e devia ser verdade, que era por causa do tempo que passava submerso na água clorada do tanque.

“Não tenho nem alergia de ácaro”, ele dizia.

Quando Chick, as gêmeas e eu tivemos micose depois de brincar com um filhote de leopardo que Horst comprou por um preço baixo, Arty não pegou nada e nenhum de nós pôde tocá-lo até estarmos todos curados.

Mas havia épocas em que o tanque de Arty desenvolvia um musgo estranho e pegajoso que parecia ser imune ao cloro. Começava em um pequeno trecho do vidro atrás das bombas e se espalhava. E contaminava Arty. Era eu quem o ajudava com o banho depois de cada apresentação. Sempre o ensaboava e lavava com a bucha, mas ele odiava cócegas, e tinha uma área especialmente sensível atrás das bolas, por isso esse era um lugar que sempre deixávamos de lado. Quando o verde galopante se espalhou pelo tanque e pegou Arty pelas bolas, naquele espaço obscuro atrás delas, tive que usar uma escova para tirar aquela coisa dele.

Odiei pedir ajuda a Chick. Arty ficou furioso e eu passei a impressão de não ter nenhum valor, já que Chick podia fazer tudo melhor do que todo mundo. Mas, naquela noite, Arty se debatia na área do chuveiro, contorcendo-se e ameaçando me morder se eu fizesse menção de esfregar suas partes íntimas. Eu estava prestes a largar a escova e berrar quando Chick abriu a porta e passou a cabeça pela fresta.

“Oly...”, chamou ele, e na mesma hora eu pulei, segurei sua mão e o puxei para dentro.

“Tire o limo do saco do Arty!”, falei sem rodeios.

“Tem um homem lá fora de quem eu não gosto”, Chick avisou.

Arty chafurdou irritado no jato quente do chuveiro e gritou para nós: “Faz logo essa merda de limpeza, depois se preocupa com isso!”.

“Está na parte de trás das bolas, nas pregas, e atrás das bolas até quase o ânus”, avisei.

Chick olhou para Arty. Uma coluna fina de fumaça verde quase imperceptível brotava da banheira e pairava sobre o piso.

“O que faço com isso?”, perguntou Chick.

“Joga no vaso”, sugeri.

“Não”, grunhiu Arty. “Vai ficar lá e grudar na minha bunda de novo.”

“Bem...”, disse Chick. A fumaça se condensou em uma nuvem do tamanho de uma ervilha e pairou no ar.

Dei risada. “Põe na gaveta de roupas íntimas da dra. Phyllis.”

Chick olhou para mim. “Ah, Oly...”

“Leve com você! E trate de se livrar disso! Jogue no meio do Pacífico! Não me interessa!” Arty fechou a torneira do chuveiro com a nadadeira e ergueu o corpo, se apoiando na beirada da banheira com o queixo. Eu o puxei para fora e comecei a enxugá-lo.

Chick se apoiou na porta e olhou sério para nós. “O homem lá fora quer falar com você, Arty, mas acho que não devia ir.”

Arty girou os ombros embaixo da toalha e grunhiu.

“Ele escreve bilhetes”, Chick continuou. “Não fala e perdeu o rosto.”

“Sei, sei”, Arty resmungou.

“Ele assistiu às suas duas apresentações, depois foi procurar Horst. Horst contou que ele perguntou sobre as gêmeas, Oly e mamãe, e disse que já encontrou vocês antes.”

Arty se virou para ver se eu estava segurando o frasco de óleo, depois empurrou a porta e rolou para o quarto envolto na toalha. Estava subindo na cama de massagem quando disse: “Fala para o homem esperar. Pode trazê-lo aqui em quinze minutos, depois vá para a sala de segurança e fica de olho nele. É grande?”.

“Grande, mas lento”, respondeu Chick.

“Oly vai ficar comigo”, disse Arty e se espreguiçou, moveu as nadadeiras e esperou que eu comesse a espalhar o óleo.

O rosto de Chick se contorceu de preocupação, mas ele se virou e saiu levando o musgo comprimido que flutuava atrás dele como um animalzinho de estimação.

Arty estava sentado em sua grande poltrona, vestido com veludo bordô e bebendo água tônica de canudinho, quando Chick entrou acompanhado pelo homem. Era tão alto quanto Al e muito esguio. Ele parou assim que passou pela porta, o único olho cravado em Arty, e dobrou os joelhos no que devia ser uma reverência. Seu rosto estava coberto por um véu cinza que caía de dentro do boné de beisebol e se estendia até o colarinho aberto da camisa. Só o olho direito

nos espiava.

“Sr. Bogner”, Arty o cumprimentou.

Puxei uma cadeira para o homem, que se aproximou dela e se sentou lenta e cuidadosamente. Lembrei de uma história sobre um avarento que tinha uma depressão profunda no topo da cabeça. A chuva enchera a depressão de água e havia peixinhos dourados nela. O avarento se movia com todo o cuidado e dormia sentado para não derramar a reserva particular de peixes.

O homem mascarado equilibrava um bloco de papel sobre o joelho e olhava para Arty. Eu me mantinha perto dele, segurando uma lata de spray paralisante. A luz sobre a cômoda acendeu, e dei meio passo para trás para Chick ter uma visão nítida do homem através do espelho.

Ele se inclinou e começou a escrever no bloco. Arrancou a folha e a ofereceu para Arty. Eu a peguei e segurei para que Arty lesse a mensagem. As letras de forma eram claras, bem legíveis: “Fico feliz por ver você de novo. Atirei contra você em um estacionamento dez anos atrás”. Seu único olho vagava entre nós dois com ansiedade. O boné era azul-escuro e tinha a aba voltada para baixo. O topo do véu ficava preso sob o lado esquerdo do boné, o que dava a impressão de que ele brincava de se esconder. O véu inflava na altura do pescoço, formando uma bolsa que subia e descia acompanhando a respiração barulhenta. Ele era um Homem do Saco.

Arty estava quieto, olhando para ele sem nenhuma expressão no rosto largo e liso. Só os olhos dele piscavam e estavam mais abertos que o habitual. Ele prendia a respiração. Eu não conseguia interpretar o olhar do Homem do Saco. O olho se movia e brilhava, mas não havia carne em torno dele para enruguar ou distender, expressando o significado do olhar. Apertei a lata e plantei os pés no tapete com mais firmeza.

Arty expirou. Inspirou. Num tom meio brincalhão e familiar, disse: “Por que fez aquilo?”.

O Homem do Saco piscou e se inclinou sobre o joelho, escrevendo depressa. Depois arrancou a folha, me entregou e continuou escrevendo. A mensagem no papel dizia: “As coisas escapavam do meu controle. Primeiro as laranjas, depois tudo. Minha esposa e meus filhos não tinham respeito por mim. Comecei a ir à floresta com o 30.06 do meu velho nos fins de semana, mas nunca caçava nada. Só ficava sentado ao lado da fogueira, limpando o rifle e bebendo umas cervejas”.

Ele não lembrava muita coisa do julgamento, embora tenha falado claramente sobre a prisão. Achou que o fotógrafo e o oficial que colheu suas digitais eram sem graça. Sentiu que devia se debater ou gritar, chorar, qualquer

coisa para tornar o procedimento mais importante. Mas estava cansado demais, e olhar para os homens uniformizados que cumpriam suas obrigações o deixava ansioso, pois não queria perturbar ou atrapalhar. “Quem poderia saber como eram suas esposas?”, ele pensou. Sentado sozinho na cela, pensou que tinha feito alguma coisa da qual não conseguia se lembrar. Ficou deitado na cama estreita, tentando pensar. No segundo dia, um homem que dizia ser advogado de Emily apareceu. Ela estava entrando com o pedido de divórcio.

O julgamento foi vago e tedioso. Ele se lembrava de uma mulher idosa, muito bem-vestida e de voz firme. Ela estava sentada na cadeira ao lado da mesa do juiz e disse: “... se quer saber minha opinião, acho que foi um instinto caridoso de misericórdia. Senti a mesma coisa. Não sou eu quem vai dizer que o que ele fez foi errado”.

Vern estava confuso sobre as acusações. Tentaram convencê-lo de que o que havia feito era errado, e depois de um tempo ele fingiu que acreditava neles. Mas sabia que estava sendo punido por seu fracasso. Afinal, estavam perfeitamente alinhados. Totalmente na mira, e ele, como em tudo na vida, havia errado.

Gostava do State Hospital. Não se incomodava com a tela de arame nas janelas. Tinha um quarto só para ele e três pijamas verdes. Varria o chão todas as manhãs, comia a comida da bandeja e cochilava na cama arrumada. Quando acordava, a bandeja e a vassoura haviam desaparecido e o quarto estava vazio, novamente arrumado. Dormia muito e conseguia esquecer quase tudo.

Depois de um ano, mais ou menos, ele começou a pensar de novo, embora não quisesse. Pensava em crianças. Teddy e Brenda tinham seis e cinco anos, respectivamente, quando ele os viu pela última vez. Primeiro se lembrou das vozes dizendo “papai”. Sonhava que seu único nome verdadeiro era Pai e que os outros pelos quais as pessoas o chamavam eram apelidos ou ofensas. Lembrou de ter visto um apito na prateleira de uma loja de variedades e pensar se Teddy gostaria dele, se deveria comprar um para Brenda também.

Depois sonhou que estava na frente de uma porta de avião aberta, vários milhares de quilômetros acima da terra, e que deveria pular segurando um bebê. Era seu bebê. Ele pulou, puxou a corda do paraquedas, e ele não abriu. A corda de emergência não funcionou. Estava caindo depressa. O vento o castigava. Ele segurava o bebê com toda a força que tinha, mas o vento passava por baixo de seus braços, exigindo esforço dos músculos, e de repente o bebê se soltou, caindo ao lado dele, fora de seu alcance. Ele se debatia e agarrava o ar tentando pegá-lo. O bebê caía um pouco mais depressa que ele. Estava abaixo dele, se afastando na queda. A terra se aproximava. Sabia que o bebê cairia primeiro e ele veria, teria consciência de tudo uma fração de segundo antes de se arrebentar

também. O terrível milissegundo de sofrimento explodiu, e ele acordou gritando. Não conseguia tirar o sonho da cabeça. Rezava para ter o sonho de novo, mas então cair mais rápido e morrer primeiro.

O sonho se negava a ser controlado. Não se repetiu e não foi embora.

Emily não respondia suas cartas. Ele recebeu uma carta formal de um advogado “lembrando” que o processo do divórcio fora finalizado e que ele não teria mais nenhum contato com os filhos.

Foi quando ele se recordou dos bizarros no estacionamento. As formas estranhamente deformadas dançavam em sua cabeça. Eles eram cruéis e debochavam dele.

Ele chegou à conclusão de que Teddy e Brenda se tornariam bizarrices como aquelas se fosse permitido a Emily criá-los.

Mais ou menos nessa época, a mãe de Vern o visitou e ele foi orientado a passar todas as manhãs e tardes na sala diurna com outros pacientes. A mãe dele o fazia pensar na mulher do julgamento. Ela nunca falava sobre o motivo dele estar ali. Falava sobre a fazenda de laticínios que o pai de Vern havia construído e deixado para ela ao morrer. Falava que havia muito trabalho para um homem por lá. Os peões eram lesmas imprestáveis. Contou que Emily nunca a deixava ver as crianças.

Vern odiava a sala diurna. Queria ficar sozinho de novo. Depois decidiu que queria sair do hospital. Começou a prestar atenção nos médicos e enfermeiros.

Ele foi liberado do hospital três anos e seis meses depois de ter sido internado. A mãe o encontrou no saguão e saiu de lá com ele. Ela o guiou até um carro grande, onde eles entraram. Ela o levou para casa, para a fazenda onde ele havia crescido. A sra. Bogner levou Vern para dar uma volta na fazenda e o apresentou aos peões. Era primavera, e o jardim precisava de muito trabalho. Enquanto a mãe fritava frango, Vern ficava sentado à mesa da cozinha e desenhava um projeto para os vegetais num pedaço de folha de caderno.

Era quinta-feira. Na sexta, os peões recebiam o pagamento. A sra. Bogner conservava os velhos métodos e pagava seus empregados e suas contas em dinheiro. Pouco depois da meia-noite, Vern saiu da cama, vestiu as roupas de couro que a mãe havia comprado para ele trabalhar, pegou um saco de papel pardo com mais roupas e tudo o que usava para se barbear e saiu do quarto. O pai de Vern sempre guardava a caixa de dinheiro em uma gaveta embaixo da lata de farinha na cozinha. A chave ficava em um preguinho na porta do armário do corredor. A mãe de Vern não tinha mudado nada.

Ele havia estacionado na frente da escola às oito e meia da manhã de sexta-feira. O carro da mãe dele era novo e respeitável. Vern fingia ler o jornal e sorria vendo as crianças entrando na escola. Pouco antes das nove, ele começou a se

preocupar, pensando que eles poderiam ter entrado por outra porta. Por um momento se perguntou se haviam mudado o suficiente a ponto de não reconhecê-los. Então os viu. Estavam juntos, mas discutiam sobre alguma coisa. Teddy deu um empurrão em Brenda, e ela bateu o pé e gritou com ele. Vern abaixou a janela. De repente, todo o seu corpo se cobriu de suor. A voz tremeu e saiu muito fraca. Eles não ouviram. Brenda tentou pisar no pé de Teddy e pegar um livro dele. Teddy riu e segurou o livro fora do alcance dela. Vern recuperou a voz. Não gostava de brigas. Nunca gostou.

“Teddy! Brenda!” A dupla parou de brigar e olhou para ele com ar culpado. Vern estava calmo de novo. Ele os conhecia bem, afinal.

“Papai?”, Teddy perguntou.

E Brenda, confusa e sem se lembrar dele, olhou para o irmão e repetiu: “Papai?”.

A Disneyland era legal. Viajaram de carro durante dois dias, se hospedaram em um hotel na frente do enorme parque de diversões e depois passaram três dias se divertindo do café da manhã até a hora de dormir.

Vern estava calmo e feliz. As crianças estavam em êxtase. À noite, caíam na cama, cansadas demais para assistir à televisão no quarto de hotel. Depois que os dois dormiam, Vern ligava o aparelho e mantinha o volume bem baixo. Agachado perto da tv, assistia aos jornais da noite, atento a qualquer menção que pudesse ser feita a ele ou aos filhos. Nada. Sabia que a polícia estava atrás dele, mesmo que os jornais não dessem nenhuma notícia. Ficava sentado até tarde vendo as crianças dormindo.

Quando entraram no carro um dia depois de terem esgotado todas as atrações do parque, esperavam voltar para casa, evidentemente. Brenda balançava um crocodilo de brinquedo em uma vareta.

“Mamãe vai gostar disso. Vou dar para ela”, Teddy anunciou, apontando para uma foto dele num carro de corrida. Vern havia passado dias se esquivando de suas perguntas como um toureiro. Nesse momento, respirou fundo e disse que eles deveriam dar uma olhada no Grand Canyon antes de voltarem. Talvez andar a cavalo pelas trilhas.

Continuaram falando sobre a mãe deles. Brenda começou a se preocupar com a escola. Sua turma faria um passeio de patins, e de repente ela se deu conta de que havia perdido a excursão. Saiu do banheiro de um posto de gasolina chorando muito. Vern achou que ela estava com medo de um molestatador e invadiu o banheiro feminino, onde só encontrou paredes de gesso rachado, um cheiro úmido e amargo e um rastro de papel higiênico molhado no chão. Quando ele voltou ao carro, Brenda soluçava no banco traseiro com Teddy zombando

dela, e o frentista do posto, um adolescente gordo com um pano engordurado no bolso de trás, olhava desconfiado para todos eles. Vern lhe entregou o dinheiro e entrou no carro.

Ligou o motor e se virou para trás, olhando para Brenda. “Por que está chorando? O que aconteceu?” O rosto da menina se transformou. Ela chorava ainda mais. E abaixou a cabeça.

“Ela está com saudade da amiga, a Lucy”, Teddy debochou.

“Ah...” Vern arrancou com o carro, saiu do posto e voltou à estrada, errando por pouco uma lata de lixo e uma moto novinha que estava parada na saída.

Ela chorou por quinze quilômetros. Quando pararam para almoçar, Vern deu a primeira mordida no sanduíche e mastigou duas vezes antes de perceber que estava olhando para um grande pôster de uma criatura sem braços e sem pernas, com um rosto sorridente na cabeça careca. Havia peixes em volta da criatura, e o fundo azul dava a impressão de ser um cenário subaquático. Letras prateadas preenchiam a parte inferior do cartaz: “Dúvidas? Pergunte ao Aqua Boy!”.

É claro que já devia ter visto aqueles pôsteres antes, como aqueles vermelhos e prateados das gêmeas. Os cartazes estavam espalhados pela costa em cada cidade deserta, mas ele não os reconheceu.

Agora o via na janela da lanchonete drive-in, torrando no estacionamento com garotas gordas e crianças pequenas passando por ali, entrando e saindo.

Ele decidiu naquele momento. Mudou de direção e dirigiu por dois dias sem dormir. As crianças agora estavam em silêncio, desconfiadas. Ele não falava, não conseguia falar. Parou em Redding e entrou numa loja de produtos esportivos, enquanto eles ficavam no carro. Saiu de lá com uma caixa comprida, que guardou no porta-malas, e voltou a dirigir. Teddy e Brenda eram muito bons. Não faziam perguntas. Não brigavam. Diziam “Chocolate” ou “Com queijo, por favor” quando olhava para eles nas lanchonetes, mas falavam bem baixinho e de um jeito humilde.

Quando passaram pela placa de “Bem-vindos a Seal Bay”, na estrada costeira, a voz de Teddy brotou do banco de trás. “Papai...”, baixinho. Depois: “Pai”.

Vern assentiu pelo espelho retrovisor. Podia ver o rosto pálido e sujo na luz do início da manhã. Os dois estavam sujos. O cabelo de Brenda estava embaraçado, não era escovado há dias. As camisetas e jeans que tinham comprado para os dois em Anaheim estavam manchadas e amarrotadas. O ar em

torno deles tinha cheiro de filhote de cachorro.

Vern tinha visto cartazes suficientes para saber o que era aquilo. “Vai ficar tudo bem, filho”, ele disse animadamente, olhando para a estrada. “Vou arrumar tudo.”

“Papai... você está levando a gente para casa, para a mamãe?” A voz de Teddy era trêmula como a de um homem com uma cobra no peito. Os olhos de Brenda, vistos pelo retrovisor, estavam enormes e ela não dizia nada.

Vern olhava para a estrada à frente com a testa franzida. “Não. Ela não é boa para vocês.”

Então eles chegaram à sua rua, e todas as casas e arbustos eram familiares para Vern, exceto a casa dos Bjorn, que havia sido pintada de azul e tinha uma estufa na varanda lateral.

Vern falava muito depressa. “Vocês vão ficar no carro, e eu vou entrar para dar um jeito na mãe de vocês, e depois vamos ver o Grand Canyon, como eu disse antes, e vocês nunca mais vão voltar para cá, vão ficar comigo para sempre. Agora fiquem aqui no carro.”

Ele parou na entrada da garagem e viu o carro de Emily lá dentro. As janelas ainda não estavam abertas, a grama estava abandonada, e o leite e o jornal estavam na escada. Ele nem ouviu a voz de Teddy perguntando: “Papai, o que vai fazer? Papai? Papai? Papai?”. Ou Brenda entoando uma canção estranha: “Não, pai, por favor, não, pai, por favor!”. Porque estava saindo do carro, deixando a porta aberta para Emily não ouvir a batida, e se aproximando do porta-malas, que abriu para pegar a arma na caixa e carregá-la.

Nem notou as duas pequenas criaturas ao seu lado, puxando-o e gritando: “Não, papai, não machuque ela, não, pai!”. E: “Por favor por favor não por favor por favor”. Ele girou os braços uma vez para se soltar e depois passou pela porta que ligava a garagem à cozinha. Viu o repolho de plástico que Emily havia colocado em uma moldura na parede da cozinha como uma piada anos atrás e estendeu a mão para a maçaneta da porta do quarto. Quando a porta abriu, Emily estava lá. Ela subia uma calça pelas pernas grossas e a blusa ainda não estava abotoada, olhou para ele com o cabelo dançando em torno da cabeça, então ele viu o medo em seu rosto tenso e viu a mancha do medo no ponto em que o pescoço se juntava ao corpo, a depressão profunda onde a vida pulsava perto da superfície.

Ele levantou a arma e quase a tocou com o cano, o que o fez perceber que ela estava certa muitos anos atrás, quando reclamou do quarto, que era muito pequeno. A ponta do cano quase roçava a depressão no pescoço dela e ele apertou o gatilho, e com um tiro econômico boa parte de Emily saiu pelas costas e caiu em cima da cama desarrumada, atravessando todo o quarto até quebrar o

grande espelho sobre a cômoda e respingar a parede lilás com manchas escuras.

Vern ofereceu a Arty um envelope todo esfarrapado cheio de recortes de jornais para preencher as lacunas. Teddy e Brenda correram aos gritos para a casa dos vizinhos, um casal de aposentados que conhecia as crianças desde o nascimento. A sra. Feddig chamou a polícia enquanto o sr. Feddig segurava as crianças histéricas nos braços. Quando a senhorinha desligou o telefone, pegou as crianças e fez o marido calçar as botas de jardinagem, e estava abrindo a porta para ver o que se passava quando todos ouviram outro estrondo, agora mais alto, na casa ao lado. A sra. Feddig segurava Brenda, mas Teddy escapou e estava logo atrás do velho enquanto ele espiava por entre os arbustos, olhando para o jardim da frente dos Bogner.

Vern Bogner vagava pelo gramado alto. Ele cambaleava, balançando os braços suavemente. Quando se virou, o sr. Feddig não viu nenhum rosto, apenas uma fonte preta e vermelha de carne borbulhante e pulsante com estilhaços que poderiam ser ossos, e as roupas de couro do homem estavam cobertas com aquilo. Teddy gritou até a polícia chegar.

Vern sempre foi um tiro desperdiçado. Quando criança, sua mira era uma decepção para o pai quando estavam nas florestas e nos campos. Havia errado por pouco quando teve os *bambini* Binewski diante dos olhos. Fora capaz de explodir a esposa, atravessando-a completamente, com uma calibre .12 a cinco centímetros de seu peito, mas quando o grande tiro final ecoou, ele havia encaixado o cano daquela mesma calibre .12 embaixo do queixo, conseguindo destruir setenta e cinco por cento do próprio rosto, inclusive a boca, nariz, laringe, uma orelha e um olho, e ainda assim errou — errou, acreditem — a mira das áreas vitais que poderiam ter acabado com ele.

Certamente, ele teria sangrado até a morte se fosse deixado sozinho, mas os paramédicos da região viviam uma temporada tranquila. Eram entusiasmados e se encantaram com a chance de usar todo aquele equipamento brilhante. Vern sobreviveu.

Vern nunca teve muito senso de humor, e depois de se transformar, com aquele método desajeitado, no que mais tarde ficou conhecido como o “Homem do Saco”, ele ficou completamente sentimental. Ficou internado durante um ano e passou por muitas cirurgias. Mas há limites para o que um cirurgião plástico pode fazer, mesmo que seja criativo.

O nome “Saco” é oriundo das bolsas plásticas que pendiam das extremidades de vários tubos que entravam e saíam do que sobrou de sua cabeça.

Como ele não tinha mais mandíbulas — nem superior, nem inferior — o ato de comer, quando ele finalmente ficou livre dos tubos intravenosos, era um delicado processo líquido realizado com várias soluções de proteína e um bulbo de pressão ligado ao tubo apropriado. Respirar também era complicado, e ele babava e gorgolejava em uma daquelas bolsas plásticas o tempo todo.

Mais tarde, quando passou a conviver com outras pessoas além dos profissionais médicos, ele usava um tipo de véu pesado e cinza que descia desde a testa, deixando apenas o olho direito descoberto. A parte inferior do véu ficava sempre presa ao seu colarinho e a coisa toda era inflada e cheia de saliências criadas pelos tubos e bolsas embaixo. Ele enxergava com aquele olho direito e ouvia com o ouvido direito. Não conseguia falar, sentir gostos ou cheiros. Sofria muito se pegava um resfriado e ainda precisava de mais cirurgias e constante supervisão médica.

O julgamento pelo assassinato foi breve. Ficou deitado em uma maca com rodas no tribunal e se declarou culpado escrevendo a palavra em um bloco de papel amarelo pautado. Foi condenado à prisão perpétua.

Passou um tempo em um canto isolado de uma ala na enfermaria da prisão estadual e fazia visitas semanais ao hospital a bordo de uma ambulância. Até ser liberado da cadeia. Houve cortes no orçamento e os congressistas reclamavam do quão caro era manter ele ali. Depois de muita discussão, eles o botaram para fora.

O Homem do Saco voltou para a fazenda leiteira da mãe. Ele ainda não tinha superado os filhos. Teddy e Brenda viviam com os pais de Emily, e ele não podia vê-los. Escrevia para eles longas cartas cheias de conselhos e sabedoria barata, além de descrições complicadas de seu jardim e o que fazer com lesmas e como o malmequer se relacionava com feijões e como essa era uma lição sobre ser um homem.

A mãe de Emily pegava essas cartas com suas pinças de cozinha e as guardava em um grande envelope pardo. Quando o envelope enchia, ela o mandava para o escritório de assistência infantil e começava a encher outro.

O Homem do Saco sentava no sofá ao lado da mãe todas as noites e assistia aos jornais.

Eram duas da manhã. Os últimos retardatários haviam sido conduzidos pelos portões uma hora antes e o circo adormecia. O parque estava escuro, mas havia luzes nas vans e nos trailers à nossa volta. Horst era anfitrião de um jogo de cartas. O alojamento feminino estava cheio de ruivas saindo dos chuveiros com toalhas na cabeça, prontas para pôr os pés para cima e fumar um pouco de maconha enquanto falavam mal do povo da cidade e de seus homens, velhos,

novos, usados, falidos. Al e Lil contavam os ganhos da noite e tomavam um drinque juntos com as pernas enroscadas embaixo da mesa de jantar de seu trailer. As gêmeas deveriam estar escovando o cabelo uma da outra e conversando na cama.

Pode parecer estranho que eu não tivesse nem ideia da cidade em que estávamos, mas quando o circo estava cheio e em operação — especialmente à noite — era como se ele fosse o mundo todo, e era sempre assim, independentemente de onde nos encontrávamos. À luz do dia era possível notar que estávamos em Coeur d’Alene ou Poughkeepsie, mas à noite só nos dávamos conta de nós mesmos.

O Homem do Saco escrevera páginas e páginas durante uma hora e meia, mais ou menos. Fiquei ao lado de Arty, pegando cada folha e segurando para ele, lendo por cima de seu ombro, depois deixando a folha sobre a pilha que crescia em cima da mesa. Arty estava em silêncio, lendo pacientemente. De vez em quando o Homem do Saco fazia uma pausa enquanto líamos uma determinada página, olhando com ar nervoso para ver se tínhamos entendido. Quando Arty assentia, ele voltava a escrever com a fúria de antes. Às vezes a letra era tão apressada que era difícil ler. Uma vez Arty leu a página em voz alta e perguntou ao Homem do Saco se era aquilo mesmo o que ele tinha dito. O Homem do Saco gorgolejou, assentiu hesitante e voltou a escrever. Arty fez perguntas duas vezes e o Homem do Saco respondeu por escrito. Nunca vi Arty tão paciente ou passando tanto tempo com um normal. Finalmente, o Homem do Saco parou de escrever e se encostou na cadeira. Ele nos viu ler a última página. Estava escrito: “Cuido do jardim da minha mãe e vejo televisão”.

Arty se virou na cadeira e bebeu um gole pelo canudinho.

“Bem”, disse finalmente, “o que podemos fazer por você?”

O Homem do Saco se inclinou para a frente e escreveu: “Quero ficar com você. Trabalhar para você. Cuidar de você”.

Arty olhou para a página por muito tempo. Depois olhou para o homem e pediu: “Tire o véu”.

O Homem do Saco hesitou. As mãos tremiam histericamente em seu colo. Depois subiram até a cabeça. Ele levantou o boné. O véu estava preso. Ele puxou uma corda e o véu caiu em sua camisa. Arty olhou. Era bem feio. Havia dois tufo de cabelo crescendo de um lado da cabeça. O olho vivo se movia e apontava para nós com nervosismo. O resto eram entranhas vivas borbulhando através do plástico.

Arty suspirou. “Vai ter que aprender a datilografar. Esse negócio de caligrafia não pega. Vamos arrumar uma máquina para você.”

“Nós não fomos ao julgamento dele?” Tentei lembrar, mas não vinha nada à cabeça. A última imagem que eu tinha era da mulher na recepção olhando para nós, enquanto Al nos levava pela porta da emergência. Arty afundou no trono e olhou melancólico para Chick. Chick estava deitado no chão vendo um fio verde quase invisível traçar padrões complexos no ar, um metro acima de seu nariz.

“Não”, Arty finalmente grunhiu. Ele endireitou o corpo e olhou para mim com curiosidade. “Você devia estar dormindo quando o homem do gabinete do promotor chegou.”

“Não lembro.”

“Estávamos a caminho de Yakima. Al cancelou todos os shows entre Coos Bay, onde tudo aconteceu, e Yakima. Ele queria se afastar do estacionamento e de tudo ligado a ele. Ainda estávamos na van original. Nenhuma melhoria tinha sido feita naquela época. Paramos em uma das grandes áreas de descanso, ainda no Oregon, para esperar a caravana nos alcançar. Eles estavam limitados a oitenta quilômetros, Al ia depressa demais. Lil estava nervosa e agitada, olhando para nós a cada cinco minutos.”

“Isso foi pouco antes de eu nascer, certo?” Chick revirou os olhos para Arty e o fio verde se estendeu, formando uma seta.

“Alguns dias”, respondeu Arty. “Havia só meia dúzia de artistas conosco e Al falava pelo rádio com os outros, fornecendo nossa localização, quando uma viatura parou na área de descanso e o homem desceu. Um homem de barba bem aparada e terno com colete. Ele deu uma olhada na fila, pôs uma prancheta embaixo do braço e caminhou em nossa direção. Al estava sentado no assento do piloto, olhando para ele. Disse apenas uma palavra — “Polícia” —, então Lily e eu ficamos calados. As gêmeas estavam dormindo e acho que você também, Oly. Al se levantou e abriu a porta quando o homem bateu. Ele entrou e sentou, mas não conseguiu ficar confortável comigo ali, na frente dele na mesa. Al ofereceu café, e o homem recusou. Estava interessado apenas em seus papéis. Tinha pressa de ir embora. Queria que voltássemos para testemunhar no julgamento. Al se recusou. O homem se foi. Al começou a falar sobre armas e sistemas de segurança. Pouco tempo depois do nascimento de Chick, a rotina da guarda começou. Tudo isso deixou Al paranoico. E Lil estava péssima, naturalmente. Eu também aprendi muito com isso.”

Arty viu o fio verde se enrolando em vários nós no ar e depois se estendendo em uma linha flácida. “Pensei que tinha mandado você se livrar daquele mofo filho da mãe”, ele resmungou.

“Eu vou, Arty.” Chick ficou quieto e o fio se tornou uma pequena bolha transparente. “Mas é uma coisa legal. Confortável, tranquilo. Gosto disso.”



Testemunha DAS ANOTAÇÕES DE NORVAL SANDERSON:

*Arturo estabelece a aristocracia de ausências
notáveis e presenças supérfluas:*

“Considere os pés enfaixados da donzela Mandarin... e o acadêmico Manchu que enfia as mãos em caixas laqueadas para as unhas crescerem enroladas como a morte. Até o soldador mexicano tem uma unha comprida e esmaltada no dedo mínimo que declara ao mundo: ‘Minha vida permite superfluidade. Tenho esse dedo inteiro disponível, desnecessário ao meu trabalho e ileso’.”

— Arturo Binewski para N.S.

IMPRESSÕES:

Fortunato — vulgo Chick (origem do apelido?), menino, dez anos de idade, loiro, olhos azuis. Físico totalmente normal, de variedade alta e magra. Retraído, introvertido. Muito tímido, exceto com a família. Chamado ocasionalmente por Arturo de “Binewski Normal”.

O caçula dos filhos Binewski, Fortunato evidentemente serve como menino de recados e burro de carga para os outros. É geralmente depreciado por sua falta de anormalidade e inferiorizado pelos irmãos “mais dotados”. Uma reversão da posição que uma criança deformada ocupa em uma família normal. O menino passa a maior parte de seu tempo seguindo a dra. Phyllis, a cirurgiã cult. Sendo uma pessoa normal, a médica pode tratá-lo com a atitude desprovida de julgamento que falta na família do menino. Os Binewski e todo o pessoal do circo em geral parecem evitar o assunto Fortunato. Ele é um constrangimento, talvez.

Por que apenas mulheres de cabelo vermelho trabalham no Fabuloso Circo Binewski:

Nota: Homens que trabalham na equipe — pessoal de palco, vendedores das barracas, mecânicos etc. não são obrigados a acatar nenhum código de vestuário ou aparência. Esposas que não se apresentam nos palcos e outras mulheres que fazem parte das famílias e viajam com o circo, mas não aparecem de jeito nenhum, não precisam acatar um código de aparência. Todas as mulheres artistas e trabalhadoras diretamente envolvidas na operação do circo — seja dançando com cobras ou vendendo pipocas — devem ter cabelo vermelho de um tom específico, embora aparentemente (ou possivelmente) natural. Colorir o cabelo ou usar uma peruca no tom apropriado satisfaz o requisito, desde que a contratada esteja de acordo em nunca aparecer em público sem a peruca etc. As únicas exceções são as mulheres Binewski — Crystal Lil (loira platinada), as gêmeas siamesas Electra e Iphigenia (cabelo preto) e Olympia (a anã careca que usa toucas de vários tipos).

Razões fornecidas pelos entrevistados:

Al Binewski: “É só uma consistência visual, como um uniforme. Um visual alegre que mantém o circo unificado. Os clientes podem identificar uma colaboradora do circo pela cor do cabelo”.

Crystal Lil: “Al sempre gostou dessa cor de cabelo. A mãe dele era ruiva. E, no meio de uma multidão, podemos identificar nossas meninas com facilidade”.

Olympia: “Elas sempre tiveram cabelo vermelho. Não sei por quê”.

Ruiva: “A história que conheço é que Al, o Chefe, tem alguma coisa contra cabelo vermelho, e Crystal Lil garante que ele não pule a cerca obrigando todas as mulheres do grupo a usar cabelo cor de fogo. Sou loira. Acho que dá para perceber por causa da minha pele dourada. Não tenho sardas de ruiva”.

“A verdade é sempre um insulto ou uma piada. Mentiras são geralmente mais saborosas. Nós as amamos. A natureza delas é agradar. A verdade não tem consideração pelo conforto de ninguém.”

— Arturo Binewski para N.S.

“Tenho vislumbres do horror da normalidade. Cada um desses inocentes na rua é tragado por um terror da própria natureza ordinária. Fariam qualquer coisa para ser únicos.”

— Arturo Binewski para N.S.

Trechos da transcrição de uma conversa com Lillian Binewski — mãe —, gravada sem o conhecimento do sujeito:

“É claro que me lembro, sr. Sanderson. Começou com um cartão da minha mãe. Não consigo me recordar que feriado era. Páscoa, talvez. Era um cartão carinhoso com um pequeno poema. Arty estava falando com sua plateia desde o início, mas — ah, ele devia ter seis anos, mais ou menos — viu o cartão, leu e olhou para mim daquele jeitinho esperto e disse: ‘Os normais vão devorar isso, Lil’. Ele me chamava de Lil, como seu pai. E naquela noite, em seu último show, quando ele estava na beirada do tanque, Arty sorriu com doçura e recitou seu poeminha, perto do fim do espetáculo. Eles adoraram. Ficaram malucos. Depois, é claro, tive que vasculhar os estandes de cartões para ele em cada cidade que visitávamos. E ele era específico! Tenho que reconhecer, ele quase sempre acertava. Conhecia seu público.

“Bem, houve uma época, quando eu me escondia no fundo durante suas apresentações e ficava observando, em que ele me fazia chorar, tão grande sua astúcia.

“Espere! A mudança de que está falando! Como eu poderia? Foi naquela cidade horrível no litoral. Oregon. Pouco antes de Chick nascer. Foi uma coisa terrível e eu sempre sentia que aquilo devia ter assustado as crianças. Um maluco atirou em nós na cidade. Foi pavoroso. Você não pode imaginar o que é perceber que tem gente por aí cuja primeira reação ao ver seus filhos é pegar uma arma. Mas depois daquilo Arty ficou retraído fora do palco. Quietos. Chick era um bebê, e estávamos totalmente encantados com ele. Chick provocou um furor em nossa vida.

“Meus dentes estavam me dando problema. Chick tinha três ou quatro meses de idade e estávamos em Oklahoma. Ficamos durante uma semana em uma cidade onde havia um dentista que curava pela fé, e ele atraía multidões. Todas as tardes, o parque ficava praticamente morto até ele encerrar seu atendimento. Depois recebíamos os que vinham de lá, mas não era muito. O dentista da

cura pela fé os deixava sem nada. Eles iam para casa e ficavam olhando para a parede depois de terem estado com ele. Bem, a terceira noite seguida que passamos olhando um para a cara do outro no picadeiro nos deixou bem bravos. E eu estava com dor de dente de novo, por isso decidi ir ao galpão de leilão onde o doutor... esqueci o nome dele... oferecia seus serviços de cura.

“Arty havia encerrado o expediente. Eram só oito da noite, mas ele tinha cerca de sete pessoas em sua tenda para a primeira apresentação, e decidimos que não compensava o gás usado para acender as luzes para mais uma plateia como aquela. Então levei Arty comigo em sua cadeira. É claro que levei guardas. Não respirávamos sem guardas. Eles eram irmãos, garotos grandes que haviam abandonado a faculdade. Esqueci o nome deles. Mas eram bons meninos. Um deles queria se apresentar no circo. Naquela época havia problemas com alguns clubes de mulheres envolvendo crueldade com galinhas. Mas eram legornes brancas e horríveis. Coisas estúpidas. Porém eu nunca daria uma carijó ou uma boa poedeira para um artista de circo. Amo uma boa poedeira vermelha. É a melhor raça de galinhas. Elas têm personalidade. Também usamos perus durante um tempo, e eles são ainda mais estúpidos que uma legorne. Eram albinos. Al experimentou os perus porque o tamanho os tornava mais visíveis no palco. E brancos, naturalmente. Os albinos. Eles aparecem bem no holofote, e o sangue pode ser visto nitidamente. Agora que penso nisso, aquele garoto geek já estava se apresentando. Por isso queria ir com a gente. Havia quebrado um dente no pescoço de um peru. Os ossos são muito maiores que os de uma galinha. Ele era o garoto mais novo. Havia desistido de Yale, acho, e convenceu Al a aceitá-lo. Depois o irmão mais velho chegou para levá-lo de volta à faculdade. Os dois ficaram, como acontece com rapazes dessa idade. Especialmente os limpos e bem-criados.

“E eles sempre querem se despir e rastejar no sangue e na lama no palco das coisas bizarras e gritar, perseguindo as aves e rasgando-as em pedaços. Dá para dizer que, bem, esse é o caminho mais curto. Qualquer outro número exigiria muito mais tempo de aprendizado, e isso é verdade. Mas aqueles garotos começam tão animados nisso que somos obrigados a rir. Esse garoto, como era o nome dele...? Ele era bom. Tinha longos cabelos loiros e uma barba, e enterrava o rosto nas entranhas, depois levantava a cabeça e rosnava e batia os dentes para a plateia com sangue pingando da barba. Ah, ele tinha estilo. Mas

havia quebrado um dente. Acho que se entusiasmou demais, ousou dizer.

“E o pobrezinho do Arty estava tão desanimado desde o tiroteio que achei que seria uma ameaça para ele, e eu sempre estava em sua companhia. Ele sempre florescia com atenção individual, o Arty era assim.

“Então saímos. Um dos garotos empurrava a cadeira de Arty, eu andava de um lado e o outro irmão estava no lado oposto. Não estávamos longe da rua principal. Era uma cidade pequena, mas havia muitas fazendas na região. Tinha calçadas, eu lembro. Não voltamos mais lá. Posso perguntar ao Arty que cidade era aquela. Ele vai lembrar. Mas sabe aquelas cidadezinhas de pradarias? Sem muita pintura nas casas, sem muita grama nos quintais. O vento simplesmente arranca tudo. Mas as pessoas são legais, com sotaques leves. Não poderia ser mais que dois quarteirões até o galpão dos leilões. Noites de verão, sabe? E a maioria das pessoas no show do dentista. Alguns ficavam na varanda de casa, na cadeira de balanço. Lembro do garoto geek rindo, nenhum de nós acreditava naquele dentista rezador, mas ele esperava que funcionasse, porque o pai tinha ficado tão bravo com ele por desistir dos estudos que havia cancelado seus planos de saúde.

“Sempre gostei do cheiro de gado, feno, leite e esterco. Conhecíamos o lugar pelas moscas. E eram muitas.

“Aquele dentista tinha dez meninos pequenos em um coral de vozes mansas. Muito doce e misterioso. Quero lembrar de deixar você ouvir as fitas das gêmeas quando elas faziam essa voz mansa. A transição foi difícil para elas. Elas ainda são boas, mas a voz madura não tem a pureza e o controle de antes. Arty ainda produz essa voz mansa, se quiser, mas Oly nunca a teve. Juro que ela chorava para mamar com voz de contralto. Chick ainda tem uma vozinha pura e mansa. Às vezes passo por onde ele está sentado ou o escuto cantando no banho e, por um momento, penso que ainda é um bebê, e que deveria verificar se ele não estaria bebendo amônia, ou alguma coisa assim. Não é estranho que as meninas percam o timbre infantil, mas os meninos ainda consigam usá-lo? Às vezes pergunto ao Al por que isso acontece.

“Ah, não, Arty não cantou no dentista. Foram algumas testemunhas e o coral. Gente mais velha e homens com grandes costeletas e barriga caindo sobre o cinto ficavam ao lado do dentista

exibindo largos sorrisos de ouro. Parece que Deus não usa porcelana, amálgama ou resina. Ele só obtura com ouro. Além de algumas fazendeiras grandalhonas que deveriam ter mais noção.

“O dentista estava na frente do galpão de leilões com seu microfone. Um homem de boa aparência. Cabelo branco, óculos e um terno discreto. Ele tinha uma voz maravilhosa. Ficamos na fileira dos fundos por causa da cadeira de Arty, o que foi bom, porque nos deu uma visão melhor do que teríamos do alto da arquibancada. O dentista fazia perguntas: ‘Vocês acreditam que Deus pode curar?’. E a plateia era legal, parecia gostar dele e respondia ‘Sim’, um grande sim. ‘Acreditam que Deus pode curar vocês?’, e eles diziam: ‘Sim.’ E quando o dentista perguntou: ‘Acreditam que Deus pode obturar seus dentes?’, todos nós respondemos que sim por cortesia. Era divertido estar no show de outra pessoa e se comportar como espectador pagante, para variar.

“Depois todo mundo começou a rezar loucamente com a boca aberta e as mãos balançando. O dentista tinha um discurso de respaldo, explicando que talvez a coisa pudesse não acontecer naquele exato momento. Poderia levar alguns dias e até semanas. Mesmo assim, muita gente gritava, dizendo que suas grandes cáries eram preenchidas com ouro. Eles pulavam e andavam por ali olhando a boca uns dos outros e bendizendo Jesus. Não se falava em dentes novos. Deus era um dentista decente. Ele dava uma dentadura bem ajustada, mas não podia fazer crescer toda uma nova dentição.

“Rimos durante todo o trajeto de volta, mas a verdade é que nunca mais tive dor de dente. Com o tempo, todos caíram e esse conjunto postiço me serve bem. Mas nunca tive dor. Arty me fazia perguntas sobre isso e nós ríamos, mas ele parecia pensar sobre o assunto. Pediu para Oly escrever um cartão que ele prendeu à parede. A mensagem dizia: ‘Os únicos que mentem mais que o charlatão são seus pacientes’. Arty sempre me fazia gargalhar. Ele tinha onze anos nessa época.”

Arturo para N.S.:

“Por quê? Está me perguntando por quê? Você me diz, Mac! Não posso saber. Você pode. Eu tenho suspeitas. Desconfio de que as pessoas gostem de puxar um saco. Elas se jogam no chão quando encontram um esnobe. As pessoas deduzem que se um cara se

comporta como se fosse o rei Tut e o resto do mundo fosse bosta de burro, ele deve ser um aristocrata.”

Arturo para N. S.:

“Considere a coisa toda como terapia ocupacional. Poderosa como a indústria artesanal para o louco. O pastor é escravo do carneiro. Um jardineiro está nas garras de suas cenouras. Só um lunático poderia querer ser presidente. Esses lunáticos são criados deliberadamente por aqueles que querem ser presididos. Você já viu isso mil vezes. Criamos um líder localizando alguém que se destaque na multidão. Pode ser por falta de cadeiras, ou por ele ter os joelhos deformados pela artrite. Não importa. Designamos essa vítima como o ‘cara que se destaca’ pelo simples conveniente de estarmos sentados enquanto ele está em pé.”

arturismo: Um culto quase religioso, sem representação de deus ou deuses, e que nada diz a respeito da vida após a morte. O culto representa a si mesmo como a oferta de um santuário terreno para os agravos da vida. Pequenos grafites, que diziam ser trabalho dos Admitidos, são encontrados em muitas localidades antes ocupadas pelo circo dos Binewski. O lema “Paz, Isolamento e Pureza” (ou, algumas vezes, as iniciais p.i.p.) parece ser o slogan. Muitos cartazes comerciais distribuídos antes da chegada do circo anunciam: “Arturo conhece Todas as Dores, Toda a Vergonha e o Remédio!”.

Uma tarifa, chamada de dote, é exigida para o ingresso no estágio de noviço. O valor varia de acordo com os recursos do noviço, mas o mínimo gira em torno de cinco mil. Noviços devem servir por três meses, pelo menos, e até um ano, em alguns casos, como empregados do culto. Datilógrafos, contadores e organizadores cumprem períodos de trabalho mais longos que os trabalhadores braçais. Uma das tarefas mais importantes do período de trabalho é servir e cuidar dos membros do culto que já tiveram amputadas seções maiores dos membros.

Os Admitidos devem assegurar os próprios meios de vida e deslocamento. Tudo o que é oferecido em troca do dote é acesso gratuito aos shows de Arturo, o Aqua Man, e as amputações cirúrgicas realizadas pela equipe médica arturana. Como a equipe médica viaja com o circo, os Admitidos devem acompanhá-lo.

O acampamento dos Admitidos é separado do acampamento do

circo por uma cerca elétrica portátil e vários postos de sentinela. A administração fica centralizada em uma área montada no fundo de uma picape.

As instalações médicas consistem em um centro cirúrgico bem equipado em um grande trailer com gerador de energia próprio. Dois grandes trailers são equipados com ferramentas de monitoramento e contam com acomodações para a recuperação pós-cirúrgica. Cada trailer possui dez leitos. Um trailer menor funciona como uma enfermaria com oito leitos e fica estacionado sempre perto da van da médica, que tem uma sala de exames.

Há apenas uma cirurgiã na equipe, supostamente auxiliada por um competente anestesista. Atualmente estou tentando localizar as credenciais e licenças da cirurgiã, uma mulher que atende pelo nome de dra. Phyllis.

Muitas tarefas da enfermagem, como alimentar, dar banho, trocar as roupas de cama e cuidar das comadres são realizadas pelos noviços da ordem.

“Quanto mais pessoas excluímos, mais gente vai querer entrar. Esse é o significado de exclusivo.”

— Arturo para N.S.

inelegível para admissão	motivos
Criminosos condenados	Já são anomalias
Mentalmente perturbados ou retardados	Incapazes de tomar decisões informadas
Menores de 21 anos (mais tarde, 25)	Incapazes de tomar decisões informadas
Maiores de 65 anos	Já são anomalias
Doentes crônicos	Já são anomalias
Deformados congenitamente	Já são anomalias
Mutilados acidentalmente	Já são anomalias

Também são excluídos, incondicionalmente, todos os que não puderem pagar o valor mínimo.

Julgamentos do grau de deformidade que impede as admissões são feitos pela equipe administrativa. Casos limítrofes ou ambíguos (corrigidos por cirurgia plástica etc.) podem ter recurso solicitado pelo candidato e julgado por Arturo, cuja decisão é final.

admitidos que se tornam inelegíveis para progredir

*Mentalmente
prejudicados*

Incapazes de tomar decisão informada

Doentes crônicos

Já são anomalias — risco de cirurgia com resultado ruim

Fisicamente fracos,

*Já são anomalias em degeneração — risco de cirurgia com
resultado ruim*

casas de repouso: Teoricamente, todos os Admitidos acabam nas casas de repouso arturanas. A administração afirma que existem duas e planeja mais vinte.

Os que se tornam inelegíveis para progredir são mandados para lá mais depressa, mas perdem acesso ao p.i.p. Os que completam o processo (são reduzidos à cabeça e tronco) são mandados para as casas de repouso com todas as honras — vivendo, sem dúvida, a vida de abóboras cobertas de ouro: banhados, alimentados e transportados em cadeiras de rodas por empregados.

Perguntas: Verificar índice de morte (parece improvável que eles queiram que alguém de trinta anos viva o dobro desse tempo sendo sustentado pela organização).

Expectativa de vida?

Números de Admitidos comparado ao de candidatos?

Reincidência, índices?

Participação na Reunião de Políticas: Arty em seu escritório, ouvindo pelo interfone a conferência no acampamento administrativo. Ele interfere com um comentário ocasional, aperta um botão que acende uma lâmpada vermelha no local da conferência. A conversa cessa para que todos ouçam a voz dele. Enquanto isso, Arty, aos risos, imita de um jeito cruel os membros do comitê, tendo a mim como audiência. Ele me informa constantemente que não leva nada disso a sério.

Eles estão debatendo sobre glândulas. Mamas e testículos devem ser incluídos no progresso? (Devem ser amputados?) Caso sim, em que estágio do progresso: como um gesto final de libertação ou como preparação preliminar...?

Diferentes membros do comitê apresentam argumentos favoráveis e contrários, depois Arty decide.

A conclusão de hoje: glândulas devem ser incluídas no progresso. Ordem para serem removidas sob orientação de Arturo — decisão a ser anunciada posteriormente.

Caso de Admitido n. 264: Logan M., 34 anos, amputou os menores dedos de cada mão. História pessoal: segundo filho de um

vendedor de seguros moderadamente bem-sucedido e de uma enfermeira, nascido no Kansas, cidade, pop. 850. Midwestern University e Chicago. Mestrado em serviço social. Seis anos trabalhando na pasta do bem-estar social, sem progresso. Três anos como orientador juvenil. Dois filhos. Esposa (morando agora com os filhos em Grand Rapids) pediu divórcio.

O administrador arturano Theta Moore diz que Logan M. foi racional quando admitido, mas se perdeu durante o progresso.

Logan M. mora em um sedã Chevrolet com sete anos de uso, aluga cadeiras de rodas. Aparece todos os dias às nove horas no circo com um grande saco plástico cheio de pão amanhecido, pães de hambúrguer usados e descartados, massas de torta etc. Vai ao trailer dos felinos, estaciona na frente da tela e passa uma hora ou mais observando os tigres, leopardos e leões. Ele espalha pelo chão os restos de pão e massa na frente da jaula dos felinos.

Logan M. não se comunica mais verbalmente, exceto para cantar “Até a Terra dos Gatinhos!” repetidamente e com um falsete entrecortado.

Disposição do Caso: Arturo diz que Logan M. será mandado para a casa de repouso arturana Missouri (Acampamento n. 2, perto de Independence) e não terá autorização para continuar progredindo porque, segundo Arty: “Ele perdeu um parafuso”. Tomada de decisão consciente é um requisito para progredir.

Arturo Binewski em conversa com N. Sanderson:

“... se ficam em grupos e evitam forasteiros, não é por ordem minha. As pessoas geralmente se associam a outras que combinam com elas, de qualquer forma.

“... Isolamento é uma técnica padrão do culto, mas eu não a adoto. É procedimento padrão abordar os coitados em um momento ruim, arrastá-los para um canto e cercá-los com um combo de braços fortes e conversa mansa. Como eu poderia? Sou um show itinerante! Eu deveria trancá-los em trens e adicionar carros conforme faço conversões? Colônias, comunas ou reservas são caras e difíceis de administrar. Tenho uma estranha burocracia civil de estilo serviente implantada, e é um pé no saco. Não me importo de comandar tudo o que pesquiso, mas não quero ter que trabalhar nisso. Não seria prático.

“Na verdade, não preciso de toda essa porcaria. Com base no que tenho a dizer, quanto maior a exposição dessas pessoas ao mundo externo, melhor. Forneça jornais, televisão, relatos do mundo. Fale sobre ataques terroristas, assassinatos em massa, doenças, divórcios, políticos corruptos, poluição, guerras e boatos de guerras! Depois diga a eles que só idiotas e débeis mentais se juntam ao meu esquema. A primeira metade das notícias cancela essa mensagem específica. Deixe parentes e amantes irem contra eles. Todos aguentam. Porque é o mundo que os traz para mim. Seus jornalistas são meus aliados. Aquelas esposas chorosas, os maridos traidores e os pais rabugentos são meus melhores amigos.

“Você mesmo não deu as costas para sua gente? Mandou todo mundo para o inferno e partiu? A verdade é que não preciso de truques, armadilhas e lavagens cerebrais porque estou dando a esses pobres e desgraçados filhos da puta o que eles necessitam mais do que o ar.

“Sabe? Há uma diferença entre propaganda e proselitismo, querido Norval. Tudo o que preciso fazer é anunciar que estou aqui e divulgar o que ofereço — cirurgia corretiva barata!”

Arturo Binewski em conversa com N. Sanderson:

“... Não. Nada de crianças. A idade mínima é vinte e um anos, e estou pensando em elevar para vinte e cinco em breve. De vez em quando, chega um maníaco querendo que o filho de nove anos ou a filha de quatro se candidatem. Não mesmo. Não é minha praia.

“Imagine se fosse assim. Você vai de qualquer maneira. Está envolvido com política há um bom tempo. Eu fui criado em um país que afirma que todo mundo é inocente até que se prove o contrário. Protegemos as crianças porque elas ainda não se mostraram lixos sem vontade. Sim, são poucas as chances de acabarem se tornando outra coisa, mas já aconteceu. Não é isso o que você pensa? Considerando que acredita que estou punindo todas essas pessoas?

“Mas vou dar a você outra perspectiva para tudo isso, só por diversão. Acho que uma criança não escolhe. Não sabe o suficiente para escolher entre chocolate e morango, muito menos entre vida e ausência dos membros. Digamos, apenas pelo bem da discussão, que realmente acredito no que estou oferecendo. Vamos dizer que acho mesmo que isso é um santuário. Bem, tudo depende de escolha. Quero

peessoas que sabem o que a vida tem a oferecer e escolhem dar as costas para isso. Não quero virgens, a menos que tenham sessenta anos de idade. Não quero jovens com pele de pêssego que podem estar deprimidas hoje, mas vão ter uma atitude completamente diferente depois da atividade intestinal na manhã seguinte. Quero os fracassados que sabem que são fracassados. Quero os que têm opções de tortura e me escolhem.

“Contei os convertidos duas noites atrás e tínhamos uma lista totalmente abençoada de setecentos e cinquenta em três anos e outros cinco mil que já foram além dos primeiros dez dedos. Você deve reconhecer que algo está acontecendo aqui. Temos alguma coisa que os caras querem.”



O concerto desfeito

A dra. Phyllis passou a manhã toda trabalhando. Arty havia distribuído certificados de promoção como se fossem biscoitos durante o fim de semana inteiro. Os noviços cantavam nos trailers-hospitais, onde cuidavam dos que haviam sido promovidos naquele dia. Arty tomava banho de sol no telhado da nossa van, e eu estava sentada ao lado dele vendo o movimento brando do despertar do parque. Os toldos eram estendidos. Todas as luzes foram apagadas de uma vez só. As ruivas estavam em todos os lugares, ligando as máquinas de pipoca, enchendo balões no tanque de hélio, examinando o mecanismo engraxado do brinquedo Mongoose & Cobra para garantir que a música estava sincronizada com o movimento das cadeiras que os normais ocupariam. Os portões foram abertos e os primeiros visitantes olhavam as barracas.

Do outro lado ficava a área dos espetáculos. Um varal de delicadas peças de renda transparente tremulava junto de um dos trailers que abrigava as ruivas.

Bem lá no fim da área, onde começava o acampamento arturano, ficava a van branca da dra. P., perto da enfermaria. Durante toda a manhã, uma fila se formou na porta da enfermaria, os promovidos esperando a consulta com a médica e segurando seus certificados de promoção carimbados com tinta azul. Agora a fila havia finalmente sumido.

Arty a viu antes de mim e fez um ruído com os lábios, um som parecido com um pum. Ele estava de bruços com a cabeça levantada. Virei para ver o que ele estava olhando. A dra. Phyllis caminhava em nossa direção. O caminho diante dela era reto e seus olhos estavam fixados em nós. Arty abaixou a cabeça e ficou deitado. Vi o tecido da máscara se movendo para a frente e para trás enquanto ela andava.

“Ela sabe que você está aqui”, resmunguei. Arty descansou um lado do rosto no cobertor e olhou para mim. Ela agora estava ao lado da van.

Arty suspirou. “Mande o elevador para ela.”

Eu me arrastei até a pequena plataforma e subi nela. “Indo, doutora!”, avisei. Acenei para Arty e apertei o botão para descer.

Pulei para a terra, e a dra. P. subiu na plataforma. Tentei olhar para cima,

para a saia branca do uniforme, quando ela subiu. Não consegui ver nada além dos joelhos. Ela começou a falar antes que a plataforma parasse.

“Arturo, é crucial que você reconsidere esse método totalmente ineficiente! Sabe quantos dedos fiz hoje? Quarenta e sete!”

Fui dar uma volta. Havia uma divisão clara entre o acampamento do circo e o dos seguidores. Os picadeiros dos shows eram todos firmes, limpos e funcionais. Os seguidores tinham arranjos estranhos: tendas pequenas, picapes com toldos, pequenos trailers que se abriam em tendas sobre rodas, várias caminhonetes com roupas de cama e ataduras no fundo, carros decrepitos, uma perua de sorvete reformada, um caminhão de padaria, duas velhas motos Harley-Davidson com sidecars. Um dos sidecars tinha a forma de um sapato de madeira, e o outro imitava um submarino. Pertenciam a dois velhos mal-encarados e intransigentes que dormiam nos sidecars e insistiram em ter a pele tatuada arrancada de seus braços e pernas quando eles foram removidos. Curtiram a pele tatuada e as guardaram em álbuns de recortes nos alforjes. Arty contou em particular que eles nunca teriam se juntado ao grupo se não fossem velhos e não estivessem aflitos com os cagões que queriam pilotar em grupos. Eles ficavam juntos e se ajudavam, afugentando os noviços aduladores que queriam puxar seu saco. Arty se ressentia porque eles eram mais leais um com o outro do que com ele e porque gastaram muito reformando as motos para adaptá-las de maneira que pudessem ser conduzidas com a língua e com a boca antes de aparecerem procurando salvação. Ele desconfiava dos homens por pensarem na situação com antecedência.

Eu estava encostada em um carro empoeirado, ouvindo a canção suave dos trailers-hospitais, quando a porta da enfermaria se abriu e Norval Sanderson saiu de lá carregando um pacote em um saco plástico de lixo. Ele fechou a porta e se afastava tranquilamente quando Horst surgiu de trás de outra van. Os olhos do grande Homem Gato se estreitaram quando ele viu Sanderson.

“Norval”, Horst gritou. Sanderson parou e se virou com elegância. Horst continuou num tom amistoso: “Parece que você tem aí um pedaço de alguma coisa!”.

“Horst, meu bom companheiro!”, gritou Sanderson, a calça e a camisa meticulosamente marcadas enfatizando a delicada demonstração de surpresa satisfeita. “Estava pensando em procurar você para uma sessão relaxante em cima do tabuleiro de xadrez!” Sanderson tirou uma garrafinha de bourbon de um bolso traseiro e ofereceu a bebida. Horst andou lentamente em torno de Sanderson, olhando para o pacote embrulhado no plástico. Depois parou ao lado do repórter e pegou a garrafa. Sanderson continuava calmo e cordial.

“Xadrez, é?”, Horst destampou a garrafa.

“Ao ar livre, talvez”, disse Sanderson, “onde eu possa sentar na sua frente e a favor do vento.”

Horst olhou para Sanderson e levou a garrafa aos lábios. “Ah”, suspirou, devolvendo a garrafa. “Acho que vamos ter que discutir quem senta a favor do vento.” Sanderson inclinou a garrafa sem limpar o gargalo na manga.

“Na minha opinião”, murmurou Horst, “um caçador sempre vai feder mais que um Homem Gato, e se tiver menos que uma coxa inteira nesse pacote, eu não passo de um rabo de porco.”

Sanderson levantou as sobrancelhas sobre a garrafa inclinada numa expressão de surpresa debochada. Ele engoliu e olhou com ar solene para o corpo magro de Horst.

“É uma ofensa, senhor”, disse Sanderson, “à justiça, à razão e à mulher terna que o trouxe ao mundo e o nutriu até sua atual estatura o fato de você sequer considerar alguma semelhança sua com um traseiro suíno.” Sanderson assentiu seriamente para a garrafa, pôs o pacote embaixo do braço e bebeu mais um gole.

“Essa é a minha opinião”, respondeu Horst. “Mas, veja, pensei que tivéssemos acertado que você se contentaria com os pedaços dos ossos. Você ainda tem todos os dedos.”

Os ombros de Sanderson se ergueram em um gesto de resignação. “Você me pegou. O que posso dizer? A preguiça, meu caro Horst, vai ser o meu fim.”

Não consegui mais ouvi-los quando Sanderson entregou a Horst a garrafa e o pacote. Horst pôs um embaixo do braço e a outra na boca quando os dois desapareceram atrás de uma van.

Era a mesma discussão de sempre. Horst queria os pedaços grandes para os felinos. Sanderson prometera deixar os braços e as pernas, contentando-se com as mãos e os pés, que eram mais abundantes, de qualquer forma. Sanderson pendurou os pedaços do lado de fora da van para a criação de vermes. Dizia que era mais fácil deixar um pedaço grande em um gancho do que fazer um espeto com pedacinhos. Horst explicava cuidadosamente que mãos e pés eram inúteis para ele. “Meus felinos se engasgariam com os ossos pequenos, com certeza. Mas eles servem para criar vermes.”

Sanderson contra-atacava com vagas lembranças de felinos domésticos limpando a carne de espinhas de peixe.

Sentada no escuro ao lado de nossa van em uma noite de verão com o barulho do parque meio abafado ao longe, mamãe era quase invisível em sua cadeira dobrável. O cabelo refletia a luminosidade, e, às vezes, um raio de luz incidia sobre suas longas pernas quando ela se movia, cruzando uma sobre a

outra. Era a tranquilidade depois do jantar, quando as tarefas haviam sido feitas e os últimos shows da noite faziam as grandes tendas vibrarem com a luz e o barulho da plateia.

Eu havia orientado a entrada do público de Arty, já recolhera os ingressos na bilheteria e poderia me sentar e esperar as paredes da tenda se iluminarem com o arco-íris do fim do espetáculo. Esse era o meu sinal para correr para a saída do palco e ajudá-lo a sair do tanque. Mamãe, depois de tantos anos coordenando o número das gêmeas, estava parcialmente aposentada. As ruivas ajudavam as gêmeas com o figurino. Jonathan Tomaini supervisionava os objetos de cena. Mamãe ficava sentada ao ar livre quando o tempo estava bom, cruzando e descruzando as pernas.

Ao lado de mamãe, em minha cadeira dobrável, com as pernas esticadas, pensei em minhas entranhas. Até uns meses atrás, eu não sabia se meu aparelho reprodutor funcionava. Não havia evidências. Mas naquela semana eu tinha sangrado e ainda estava distraída com a primeira mudança que notei em mim. Minhas sinapses continuavam repetindo a mesma conexão. Se você pode mudar, também pode acabar. A morte sempre havia sido uma teoria para mim. Agora eu sabia. O terror doía, e eu o alimentava e brincava com ele como se fosse um dente mole.

“Não há mosquitos”, mamãe murmurou. “Que bênção.”

“Esquisito!”, Elly gritou em algum lugar no escuro.

“Esquisito! Esquisito! Esquisito!”

“Por favor, deixe-nos paz”, pediu Iphy. “Estamos bem sozinhas.”

“Fique longe de nós! Não nos procure! Não espere! Não precisamos da sua ajuda e não queremos ajuda!”

As gêmeas saíram apressadas de trás da van e seguiram para o deque baixo que unia as três unidades Binewski. Atrás delas, andando daquele jeito trôpego, chiando e gorgolejando, surgiu a figura encurvada do Homem do Saco.

“Mamãe, fala para ele deixar a gente em paz!” As gêmeas passaram por nós a caminho da porta da van onde moravam. A luz se derramou do trailer e desapareceu quando elas se fecharam lá dentro. A grande sombra do Homem do Saco parou na frente de mamãe, respirando com um barulho molhado e balançando no lugar. A cabeça coberta pelo véu se inclinou para a van das gêmeas.

Mamãe levantou a cabeça para olhar para o homem. A mão dela tocou meu braço. “Ele entende inglês?”, cochichou.

Resmunguei e ela recuou. A cabeça prateada assentia lentamente no escuro. O Homem do Saco inspirou o ar e soltou o que poderia ser um suspiro. Ele cambaleou até o deque e sentou-se com um grunhido. Parecia preparado para

uma longa espera.

Além das silhuetas escuras das barracas, a roda-gigante começou a girar. Suas lâmpadas brilhantes projetavam pulsações de luz sobre o rosto da mamãe. Ela olhava para a roda.

“Aquele Homem do Saco”, ela murmurou. “Parece muito conhecido. Eu vou lembrar logo.”

Arty havia dado a ordem ao Homem do Saco. Ninguém além dele e de mim poderia saber que o Homem do Saco era o atirador daquele incidente no estacionamento. Chick sabia que o Homem do Saco era assustador, mas Chick se resignava com o medo e a falta de informação. Até onde todo mundo sabia, o Homem do Saco era só mais um dos seguidores de Arty.

Eu não estava surpresa. Não considerava notável que uma pessoa, depois de fracassar ao tentar um assassinato, se tornasse o escravo guardião da vítima do atentado. O Homem do Saco idolatrava Arty. Arty não idolatrava o Homem do Saco, mas fazia um esforço para manter o grande embrulho ocupado e se sentindo útil.

Eu não tinha ciúme do Homem do Saco, embora ele tivesse ficado com algumas das minhas tarefas e as ampliasse. Eu era a guarda na sala de segurança enquanto Arty recebia visitantes. O Homem do Saco se instalou lá. Se eu me agitava, tinha câibras e suava, ressentida com aquela arma idiota na mão, o Homem do Saco ficava sentado em uma cama frágil olhando rapidamente pelo espelho hora após hora, enquanto Arty estivesse no quarto. Quando Arty saía, o Homem do Saco o seguia roncando como um mastim asmático hipnotizado pelo cheiro de seu dono. Ele esperava atrás do tanque durante a apresentação de Arty. Seguia o carrinho elétrico de Arty na ida e na volta do palco. Aonde Arty ia, lá estava o Homem do Saco. Quando não estava seguindo Arty, tirava o pó e passava aspirador, tirava o lixo, esvaziava as latas de dejetos e deixava o serviço mais íntimo para mim.

Eu ainda servia a comida de Arty, cuidava de suas roupas, atuava como massagista e segurava a toalha nos shows. Arty dava ordens ao Homem do Saco, mas comigo ele podia conversar.

Um dia, no fim da primavera, Arty tentou me interrogar: “O que as gêmeas estão aprontando? Por que andam tão arrogantes ultimamente?”.

Arty estava deitado na cama de massagem, os olhos atentos voltados para mim enquanto eu espalhava creme em suas costelas e na barriga.

“Não sei. Talvez tenham percebido que você está ocupado.” Evitei encará-lo, concentrada no músculo saliente sobre a pélvis.

“Estou ocupado. Elas estão se aproveitando de algo?”

“Não sei. Também estou ocupada. Vira.”

Ele deitou de bruços e eu espalhei creme na depressão profunda da coluna entre os grupos de músculos.

“Elas tiveram boas bilheterias este ano.”

“Não como as suas. Você está quebrando os recordes toda semana.”

“Estão pegando as sobras e vendendo bem. Mudaram o número?”

“Iphy diz que estão dançando menos, e elas tocam uma das canções que fizeram.”

“O que elas estão aprontando?” Ele vira a cabeça e olha para mim.

“Não se torça desse jeito! Vai enrijecer aquele lado!” Eu sentia os olhos do Homem do Saco do outro lado do espelho. Comecei a trabalhar no pescoço de Arty, e ele abandonou o assunto.

Se insistisse, ele poderia ter me induzido a falar. Em vez disso, pôs o Homem do Saco atrás das gêmeas.

“Há mais esquisitos por aí o tempo todo”, Arty explicou. “Elas precisam de uma guarda própria, além da segurança geral. Meninas bonitas são assim. Não se sabe o que pode acontecer.”

No dia seguinte, o Homem do Saco bateu na porta da van das gêmeas e entregou a Elly um pedaço de papel que arrancou de seu caderno. Iphy leu o recado.

Arturo, o Aqua Man, ama vocês e me mandou para protegê-las. Serei seu guarda.

Elly comprimiu os lábios. Iphy tentou sorrir para o Homem do Saco.

“É muita bondade sua, mas...”

“Arty quer me matar”, Elly se irritou. “Vai embora. Fala para o Arty que não queremos você nem outro guarda para nos proteger.”

Elly fechou a porta enquanto Iphy acrescentava: “Mas foi uma ideia legal!”.

Depois disso, o Homem do Saco as seguiu por todos os lugares. Elly me olhava com ar de acusação quando nos encontrávamos. Como aliada de Arty, eu era suspeita. Com Elly, ou você estava do lado dela, ou contra ela. Elly não reconhecia neutralidade. Sentei no capô do caminhão-gerador e comecei a polir a urna do vovô, imaginando o que aconteceria quando Arty descobrisse sobre as visitas pagas.

Elly estava chorando. Iphy parecia à beira da inconsciência, como um lutador espancado mergulhado no consolo do choque. Elas estavam em cima da cama cor-de-rosa, banhadas em luz rosada. A complexa individualidade e união

das duas parecia exuberante nos lençóis de cetim. A camisola era curta e fina, e o grande robe de quatro braços pendia num constrangimento desajeitado sobre o espelho na parede.

Elly fez uma careta e olhou para Iphy. “Vamos fugir. Há outros circos. Vamos embora!”

Iphy abriu os olhos com calma e tive a desagradável sensação de que estávamos errados, me dando conta de que Iphy era a mais forte. Seu rosto tranquilo tremeu na região da boca.

“Não seja idiota. Você está em pânico. Não sabemos dirigir. Somos evidentes demais para sair escondidas.”

“Podemos ir para a casa da irmã da mamãe em Boston! Podemos nos esconder em um trem de carga!” O desespero de Elly a levava do medo à raiva.

Iphy respondia com cautela. “Respire, Elly.”

O Homem do Saco seguia as gêmeas há semanas. Isso havia prejudicado as visitas mensais ou quinzenas de especialistas em novidades sexuais. Mas Jonathan Tomaini, que se sentia violado pela função de cafetão, as incentivou a receber um cliente especial, apesar do risco. Ele havia se tornado dependente de sua porcentagem nos lucros.

“Não é só o governador do estado, acreditem em mim. A fortuna do homem é lendária. Quando percebi quem ele era... bom, ele veio assistir ao espetáculo três dias seguidos. O homem está totalmente fascinado. Apaixonado. Reconheci o rosto, mas não consegui localizá-lo. Ele entendeu *imediatamente* quando o abordei. Um cavalheiro. Um homem de sensibilidade refinada. Fez tudo para me poupar da humilhação de explicações específicas. Ele mesmo fez a proposta, sem estímulo. Dez mil! Não me digam que não vale um pequeno esforço!”

Foi a arrogância desafiadora em Elly que a fez aceitar. Ela não estava interessada no dinheiro ou no milionário. Apenas odiava o fato de Arty interferir em suas decisões.

Levei dias para entender o que tinha acontecido naquela noite. As gêmeas haviam planejado cuidadosamente. Foram para a cama cedo durante uma semana inteira para induzir o Homem do Saco a relaxar a vigilância. Na noite fatídica, elas apagaram as luzes no horário habitual e esperaram.

Tomaini deveria distrair o Homem do Saco levando-o ao alojamento dos solteiros para uma cerveja e uma longa conversa.

“Deixa ele contar a história dele”, Elly ordenou. “Ele escreve tão devagar que vai levar horas. Faça ele beber.”

O visitante distinto chegou na hora marcada, foi bem recebido e se preparava para uma boa exploração.

“Ele havia tomado um banho, então nós o levamos para a cama e estávamos ficando mais íntimos quando a porta se abriu”, explicou Iphy. “Eu estava de frente para o espelho. Via tudo pelo espelho. Por isso joguei o roupão em cima dele.”

“Como eu ia saber que o cara não podia beber?”, perguntou Tomaini. A verdade era que Tomaini não tinha muita resistência a cerveja. Em vez de fazer o Homem do Saco contar sua história, Tomaini falou sobre seu assunto preferido: ele mesmo. O Homem do Saco contou todo o episódio a Arty. Encontrei no lixo algumas folhas amassadas com o relato.

Em uma delas, eu li: “Ele disse que podia fazer trabalhos manuais muito especiais por causa do treinamento ao piano. Achei que ia me oferecer um desses serviços, por isso me levantei para sair. Ele começou a chorar. Disse que, mesmo sendo feio, não era uma aberração. Alguma coisa me deixou desconfiado”.

Outra folha de caderno tinha sido rasgada ao meio. Juntei as duas metades e li: “A chave funcionou. Ouvi ruídos através da porta do quarto. Uma voz masculina. Entrei. Eles estavam na cama. Ele estava ajoelhado. Elly chupava seu pau enquanto Iphy lambia e beijava sua bunda. As mãos dele seguravam o cabelo delas”.

Eu deveria saber, já naquele tempo, como seria comigo. Guardei aquelas folhas escritas pelo Homem do Saco. Ainda as tenho, escuras e frágeis, na mesa ao meu lado. O valor desses papéis, para mim, não está no buraco de destruição aberto pelas palavras, mas no fato de descreverem atos misteriosos de minha gente. Eu me pergunto, por exemplo, se as aulas de piano das gêmeas haviam dado a elas o tipo de destreza manual que Tomaini dizia ter. Alguém que não fosse músico poderia aprender? Eu poderia?

Crianças passavam por esses eventos mais importantes sem a ajuda dos mais velhos, que ficavam aflitos para lhes ensinar todo o resto. Aprendíamos regras e tabus para usar o banheiro, limpar o nariz, comer uma alcachofra. Papai nos ensinou um movimento específico para escovar os dentes, um ângulo especial para segurar a caneta, as palavras exatas para cumprimentar os mais velhos, com delicadas distinções para mulheres, homens, pessoal do circo, clientes ou comerciantes. As gêmeas e Arty aprenderam a criar um número, que poderia durar três ou trinta minutos, provocar, induzir e surpreender uma plateia, construir uma antecipação e desaparecer no instante do clímax. Pelo que passei a entender da vida, essa habilidade de palco, o falar com eles, chocá-los, deixá-los sem ação com uma informação, é o mais próximo que chegamos do mistério final. Deixo a morte de lado. A morte não tem mistério. Todos nós entendemos a morte muito bem e passamos períodos da vida resistindo, ignorando ou explicando esse conhecimento.

Mas esse verdadeiro mistério eu jamais toquei, nunca nem cheguei perto dele. Vi os tigres de boca aberta, as presas enterradas às gargantas uns dos outros, e seus corpos colados fervendo nas sombras. Vi os jovens normais agarrados e ofegando nas sombras entre as barracas. Desconfio que, mesmo que eu tivesse começado como uma normal, a engrenagem do desejo que gira em mim teria me contorcido e desbotado, me encolhido, arrancado cada fio de cabelo do meu corpo, até que apenas meus olhos vermelhos brilhassem com lampejos da fornalha que queima aqui dentro. Na verdade, sinto o cheiro do desejo tão nitidamente nas ruas que me surpreendo por não existirem centenas exatamente como eu em cada esquina.

O cara de dez mil dólares era um normal com uma leve flacidez evidenciando a idade. O rosto era ressecado e o peito havia começado a cair, mas ainda não encontrava a barriga.

Ele fez um discurso no chuveiro, um discurso breve e animado sobre ele mesmo. Fora pobre e ganhara dinheiro, contou, havia mudado as leis em seu tempo, matara homens e tivera filhos. Tinha visto cinco milhões de pessoas formando filas para colocar seu nome em uma cédula, batalhões se virando, parando e atirando a um mero sinal seu. “Acho que cheguei ao fim do que pode me surpreender. Esgotei todas as possibilidades, como quem fica sem açúcar. Mas quando vi vocês, lindas garotas, pensei que talvez a vida ainda tivesse mais para oferecer.”

“Ele disse isso”, Iphy explicou com um prazer contido, “como se estivesse feliz por estar aqui com a gente. Foi o primeiro que não sentiu vergonha ou medo de si mesmo.”

Quando o Homem do Saco entrou, Iphy gritou para o espelho. Elly quase vomitou no pinto do homem de dez mil, e o visitante pulou para longe delas e pegou a calça com os olhos atentos. Tinha uma arma no bolso da calça, felizmente, e ele a apontou para o Homem do Saco, que balançava os braços, tremia e gorgolejava. O Homem do Saco estava horrorizado. O homem foi rápido com a calça e firme com a arma. Ele balançava a cabeça a caminho da porta: “Não precisam desse tipo de jogo sujo, meninas. Poderiam se dar muito bem sozinhas”.

Ele saiu, então o Homem do Saco se inclinou sobre o pé da cama, levantou o punho e socou várias vezes, num silêncio gorgolejante, os lençóis cor-de-rosa. Elly e Iphy se encolhiam sobre os travesseiros do outro lado. Elas ouviram o motor do carro se afastando.

O barulho do carro me acordou. Estava muito perto das vans. Olhei para fora no instante em que o Homem do Saco começava a esmurrar a porta de Arty. A porta da van das gêmeas estava aberta, derramando aquela luz que interrompe

a escuridão e sempre anuncia um desastre. Corri para lá e as vi. Elly chorava. Iphy parecia atordoada. O que as assustava, o que abalava Elly, era não saber o que Arty faria.

Quando Tomaini acordou com os cubos de gelo na frente da camisa, ele falou. Ficou em pé, agarrado ao encosto da cadeira no grande quarto de Arty. Olhava para o chão, para o teto e para as paredes, seus olhos vagando em todas as direções a fim de evitar Arturo e a ameaça do Homem do Saco na porta.

“Estou um lixo! Um lixo!”, gritou Tomaini, as mãos tremendo e tocando o colarinho, os botões, as mechas duras de cabelo. “Quanto tempo? Ah, meses! Muitos meses! Desde que elas... ah, esqueci quanto tempo faz... estou num estado deplorável! Elas me coagiram. Ameaçaram falar para o sr. Binewski que eu... as tinha forçado! Fiquei encurralado! Elas foram implacáveis. Ah, parecem tão doces! Todo mundo pensa que Iphigenia é... vocês todos pensam! A srta. Iphigenia Rio de Luz!”

Eu assistia a tudo de trás do espelho, cercada pelo ar estagnado e fedido dos lençóis medicados do Homem do Saco, e finalmente vi o rosto de Arty se mover, um pequeno tremor que descongelou os lábios antes que ele tentasse dizer alguma coisa.

Arty inclinou a cabeça para o Homem do Saco. “Pegue as roupas dele. E algum dinheiro.”

O rosto de Arty endureceu novamente enquanto Tomaini balbuciava e o Homem do Saco abria seu caderno para escrever alguma coisa. Ele colocou a página em cima da mesa e Arty olhou para ela. Seu rosto era tão expressivo quanto uma uva. Arty assentiu.

“A pressão incansável! Como viver no fundo do mar”, Tomaini estava falando quando o Homem do Saco segurou seu braço e o conduziu gentilmente até a porta. “É um alívio que isso tenha acabado.”

Quando a voz dele sumiu lá fora, Arty ainda estava imóvel. Desci da banqueta e bati no botão que apagava a lâmpada sobre a cômoda no quarto dele. Quando me aproximei, as lágrimas escorriam de seus olhos. Ele não emitia nenhum som quando o tirei do trono e o levei para a cama. Lá, Arty deitou de bruços e virou o rosto para o outro lado. Subi na cama e o consolei com tapinhas carinhosos, mas me sentia a quilômetros de distância.

“Sai.” A voz dele soou abafada pela colcha. “Se Chick e os outros estiverem acordados, diga que está tudo bem e que eu explico tudo mais tarde.”

Passei pela mesa a caminho da porta. O bilhete do Homem do Saco estava lá: “Deixa eu quebrar as mãos dele. Eu tomo cuidado”.

Mamãe e papai roncavam. Chick estava sentado em sua cama e olhou para

mim quando eu abri a porta. Levei os dedos aos lábios. Ele assentiu e eu me inclinei em sua direção. “Você sonhou?”

Ele balançou a cabeça e tocou meu braço. “Quer que eu faça sua dor sumir?”

“Não!” Dei um passo para trás. “Quero dizer”, cochichei, “não sinto nenhuma dor. Não sinto nada.”

“Isso é esquisito”, ele resmungou. E deitou. O rosto infantil se contorceu num bocejo. “Parece que tem muita gente sentindo dor. Acho que tenho que fazer essa gente dormir.” As mãos dele se moveram em cima do lençol. Ele dormiu.

“Meu rosto está limpo? Não tem meleca?” Arty levantou a cabeça para que eu pudesse examinar seu nariz.

“Tudo bem. Certo.” Seus olhos estavam inchados e tão vermelhos quanto os meus. “Arty, deixa eu pôr gelo nos seus olhos.”

“Quero ir agora.” Ele estava na metade do quarto, rastejando rapidamente para a porta, esperando que eu a abrisse. Passou perto do meu joelho a caminho da plataforma e se virou para a porta das gêmeas. “Não bata. Entre.”

Ele seguiu na frente e atravessou a sala deserta, se locomovendo sobre o tapete sem fazer barulho com aqueles movimentos de réptil. Arty ergueu o corpo e empurrou a porta do quarto com o ombro.

Elly olhou para ele com os olhos roxos e disparou sarcasticamente: “Ah, se não é Sua Santidade Sem Braço! Que honra!”.

As gêmeas estavam sentadas na cama com as costas apoiadas nos travesseiros, os cabelos desalinhados. A bandeja de café da manhã que eu havia levado continuava intocada sobre a mesa. Iphy estava firme, mas Elly parecia um morcego raivoso, os dentes à mostra e os olhos estreitados sob as sobrelhas. Iphy disse num tom cansado e entediado: “O que você quer, Arty?”.

Ele ficou ali parado, apoiado no batente da porta, olhando para elas. Pensei que teria um discurso pronto para as gêmeas. Ele as encararia durante um tempo, até elas ficarem perturbadas, e depois as soterraria com uma avalanche de palavras geladas. Mas quando finalmente abriu a boca, foi o Arty discreto que falou num tom fino, assustado.

“Por quê?”, ele perguntou. “Por que fizeram isso?”

Cansadas e de olhos arregalados, as gêmeas também estavam com medo. Esperavam o Arty “Deus”. Esse mortal fraco e traído era um choque. Iphy franziu a testa. Elly abriu a boca, mas não disse nada.

A testa de Arty estava franzida. “Vocês não precisavam disso.”

Eu estava assustada por vê-lo desse jeito. O sangue tinha explodido em sua cabeça? A fúria havia provocado algum espasmo cerebral que o modificara? Nosso tatu de dentes afiados de repente perdia a carapaça.

Elly respirou fundo e recuperou a arrogância. “Você não manda em nós, Arty.”

“Ah, ei!” A voz dele era aguda e áspera.

“Não idolatramos o seu rabo, Arty. De jeito nenhum.”

“É isso? Iphy, fala comigo. Ela fez isso para afastar você de mim?” Ele se inclinou para a frente, as nadadeiras escorregando no batente da porta. Uma veia azul pulsava como uma minhoca furiosa sobre sua orelha.

Os ombros de Iphy, tensos e elevados, relaxaram. “Não”, ela disse, finalmente. “Eu quis.”

Arty já estava de volta à van quando o alcancei. Ele subiu no trono e apertou um botão no console com a nadadeira. Então me mandou sair. Disse que queria falar com o Homem do Saco. Quando ele olhou para mim, eu soube que aquele era nosso Arty de sempre, pronto para chutar várias bundas pelo controle remoto.

“Arty!”

Foi um grito em dueto que me fez largar a caneca preferida de Lily em cima do balcão, quebrando a alça.

As gêmeas estavam na porta da van com os braços abertos. “Arty!”

O rosto do Homem do Saco surgiu atrás delas. As mãos caíram sobre o ombro de Elly e agarraram um braço de Iphy. Iphy olhou diretamente para mim com o desgosto estampado no rosto, e o Homem do Saco as puxou para dentro.

Fui até lá e vi as gêmeas caindo em cima do sofá, enquanto o Homem do Saco escrevia em seu caderno, parado diante delas. Devia estar lá há algum tempo. Havia folhas de papel em cima do sofá e da mesa na frente dele.

“Arty está no centro cirúrgico assistindo à dra. Phyllis.” Abaixei para pegar algumas folhas do chão.

“Vou ser muito bom para vocês”, a mão do Homem do Saco rabiscou.

“Oly.” A voz cansada de Iphy me fez olhar para ela. “Oly, você pode ir buscar o Arty, por favor?” O Homem do Saco se abaixou diante dela, entregando o bilhete mais recente.

“O que está acontecendo?”

“Ele nos deu para o Homem do Saco”, Elly balbuciou. “Temos que casar com ele para não arrumar mais encrenca.”

Olhei para os bilhetes em minha mão. E li: “Arty ama vocês. Ele sabe que amo vocês”.

“Sinistro, não?”, Elly perguntou. Sorriu para mim. De repente as gêmeas começaram a gargalhar, rindo histericamente enquanto se abraçavam e balançavam no sofá. Seus pés longos e lindos apontavam diretamente para a frente e batiam no chão, acompanhando as gargalhadas.

Elas não imaginavam como o Homem do Saco se sentia, ali em pé, com o véu se movendo em torno do olho bom. Elas riam dele, e também da ideia dele.

Olhei para ele e senti medo. Quando ele se virou para mim, eu gritei. Sua mão grande e quente segurou minha nuca, e ele me levantou até meus pés saírem do chão. Um gemido agudo escapou da minha garganta quando ele me carregou até a porta, me colocou do lado de fora e a fechou.

Encontrei Arty no pequeno auditório escuro de cinco cadeiras sobre o centro cirúrgico. Sua silhueta aparecia contra a luz quente que se derramava do círculo de vidro no chão. Cheguei perto dele e, sentindo sua frieza, deixei minha mão roçar suas nadadeiras magras. Ele acompanhava a cirurgia com o queixo apoiado na grade. Lá embaixo, uma mulher de cabelos longos com uma máscara branca e um tubo sobre a boca e o nariz olhava para cima, na nossa direção. O que ela via era um espelho no teto que intensificava a luz das lâmpadas à sua volta. A mulher estava deitada em uma cama branca e coberta até o pescoço com um lençol branco. Ao lado de sua cabeça, vi Chick todo vestido de branco, com uma máscara cobrindo a boca e o nariz e uma touca que prendia o cabelo e dobrava suas orelhas para fora. Ele usava luvas cirúrgicas e passava lentamente os dedos plastificados pelos longos cabelos castanhos da paciente. Na outra ponta da mesa, a dra. P. trabalhava. A mulher na mesa olhava serenamente para nós sem nos ver.

“Ela não está dormindo”, murmurei no ouvido de Arty.

“Ela preferiu assim. Chick consegue impedir a dor sem colocá-la para dormir. Ele diz que a maioria prefere dormir, porque ver e estar consciente também causa dor.” Arty projetou o lábio inferior e o passou na grade. “É coerente com o que eu sempre digo, não é?”

“O Homem do Saco disse que você deu as gêmeas para ele.”

Arty olhou para mim. “Só para trepar.”

“O Homem do Saco disse ‘casar’.”

“Ele usa esse nome.”

Lá embaixo, o olhar da mulher de cabelos compridos desviou de nós, voltando-se para o rosto mascarado de Chick. A dra. P. se movia vigorosamente do outro lado, pegando instrumentos das mãos da enfermeira recrutada entre os Admitidos que permanecia fora do círculo encantado, invisível para nós, exceto pela movimentação discreta das ferramentas brilhantes. Arty assistia a tudo atentamente. O clímax se aproximava, evidentemente.

“Um dedo do pé?”

“O pé inteiro.”

Com um movimento do braço, a médica jogou alguma coisa num balde que estava no chão e acelerou a movimentação dos instrumentos brilhantes.

Arty olhou para o rosto da mulher. A mão enluvada de Chick descansou sobre sua face. Ela sorriu para Chick. O sorriso se espalhava lentamente a partir dos olhos, formando linhas que surgiam embaixo dos dedinhos gordos dele.

“Chick sabe que estamos aqui em cima? Ele percebe?”

“Não sei. Nunca perguntei. Provavelmente.” Arty largou a grade e pulou sobre a cadeira estofada atrás dele. Seus olhos se fecharam num gesto cansado.

“Arty?”

“Hum?”

“Foi idiota.”

“Hum?”

“Não deveria ter feito isso com as gêmeas, Arty. Sei que está magoado, mas foi idiota. Tempestade em copo d’água, como diz o papai.”

De olhos fechados, ele esboçou um sorriso. “Elly vai ficar furiosa.”

“Iphy também. Talvez mais que Elly.”

“Iphy, não. Iphy é capaz de gostar de todo mundo. Por isso ela é tão poderosa. É fácil se enganar com ela. Muita gente não sabe interpretá-la.”

Debrucei-me na grade e olhei para ele. Seus olhos continuavam fechados. Tentei pensar em Iphy sendo forte.

“Mas você tem razão.” Ele fez um bico que parecia um umbigo, depois deixou a boca voltar à forma natural. “Foi idiota. Porque sabe quem vai vomitar estricnina por causa disso? Eu.”

“É”, concordei.

O círculo de luz agora estava deserto. Apenas a mesa longa e vazia ocupava a área lá embaixo. Arty sorria para mim. Um sorriso morno com linhas em torno dos olhos para completar o efeito.

“Quantos anos você tem agora, sapinho? Dezesseis?”

Assenti. Meu coração batia nos pulmões.

“Já sangrou? Precisa de um namorado? Não quero passar por isso de novo, sabe?”

Senti o prazer quente pulsando em meu rosto e não consegui conter um sorriso. “Não, eu sou sua garota, Arty, mesmo com as verrugas na sua bunda.”

Rimos, e ele se inclinou para mim. Eu o peguei no colo, seu peito contra o meu, as omoplatas sob minhas mãos. Arty esfregava a cabeça no meu rosto enquanto eu o abraçava.

“Você sempre teve minhoca na cabeça.” Senti a convulsão em seu peito que

anunciava a risada. “Acha que ainda consegue me carregar, maninha? Sempre machuco a bunda para descer aquela escada.”

“Ei! É esse o truque, não é? Está me amolecendo?”

Eu o coloquei na cadeira e me virei para que ele pudesse subir nas minhas costas, agarrando-se aos meus ombros com as nadadeiras.

“Não enfia o queixo no meu ombro, isso dói.”

“Sua corcunda é ossuda, vá devagar.”

Levei Arty pela escada estreita até o fundo da van cirúrgica, onde ele havia deixado a cadeira e seu entourage.

A srta. Zegg esperava com as mãos na barra acolchoada da cadeira vazia de Arty. Dois noviços administrativos a acompanhavam, e eles começaram a falar quando viram Arty. A srta. Z. se aproximou correndo, agitando as mãos e falando: “Deixe-me ajudar, Exemplo Arturo!”. Mas eu me virei e segurei os braços da cadeira para evitar que deslizasse, depois me inclinei para trás e soltei Arty no assento. Os noviços gritaram e agarraram as longas camisolas brancas ao verem Arty sendo tratado de forma tão ríspida.

“Não me chame de Exemplo!”, ele respondeu. “É repugnante.”

A srta. Z., última das sucessoras de Alma Witherspoon a comandar o escritório da administração, recuou um passo e escondeu as mãos nas mangas compridas. Arty piscou para mim e disse que me veria depois do show. Fiquei olhando para ele, surpresa.

“Não vai voltar para ver as gêmeas? Elas querem você de verdade!”

“Não.” Ele balançou a cabeça sorrindo para mim. “Não quero olhar para a cara delas enquanto eu puder evitar.”

“Arty! Seu cuzão!”

A srta. Z. se afastou alguns metros, levando os noviços para impedir que eles fossem submetidos às indecências interfamiliares que o Grande Arturo permitia a seus irmãos. A srta. Z. não sabia disso, mas esperaria muito tempo por sua vez de cortar os dedos dos pés. Ela havia dado aulas no ensino médio durante anos, e Arty gostava de como ela comandava o escritório. Arty tocou o controle da cadeira para segui-los, mas eu segurei sua orelha e o encarei seriamente.

“Elas me mandaram até aqui para buscar você. O que eu devo dizer a elas?”

Ele piscou e olhou para a escada estreita que subia até o pequeno auditório que ficava acima do centro cirúrgico.

“Imagino que o Homem do Saco ainda é um pouco imprevisível. Por que não diz a elas para não resistirem muito, não lutarem com ele? Não quero que se machuquem.” Ele se afastou de mim, e os três fantasmas administrativos o

seguiram. Estava indo para outra reunião, ou ia visitar as alas de pós-operatório, ou dar uma entrevista para um repórter insignificante.

Eu não suportava a ideia de voltar à van das gêmeas. Pensar em olhar para elas e anunciar que não havia esperança me fez suar. Fui andando pela manhã fria. O sol ainda não estava suficientemente alto para afugentar as sombras entre as vans e os trailers.

Mamãe estava sentada à mesa de jantar na nossa van, concentrada na linha de montagem de mais um de seus projetos. Vinte e seis aventais azuis com fitas de cabelo da mesma cor para as ruivas. Um tecido cintilante corria entre suas mãos brancas e longas a caminho de seu destino sob a agulha da máquina de costura. Toquei seu cotovelo quando entrei e ela esticou o pescoço, oferecendo o rosto para um beijo. Uma lanterna azul solitária brilhava, grudada na maquiagem ao lado do nariz dela. Eu a beijei e peguei a lanterna.

“Aqueles gêmeas não tomam mais o café da manhã?”, ela perguntou. “Estão com medo de engordar? Quase não as vejo mais.” A agulha devorava o pano, e a voz de Lil ainda murmurava quando me dirigi ao quarto grande no fundo da van. A porta de correr estava entreaberta, mas as persianas da janela estavam fechadas, e o quarto era dominado pelo peso do calor e do sufocante cheiro de tabaco. Eu me aproximei da prateleira do lado da cama onde meu pai dormia. Afastei dois livros para o lado e peguei a pistola do papai. Verifiquei a trava de segurança e preendi a arma na cintura da saia, deixando a blusa cair em cima. O cano me cutucava de um lado e o cabo me apertava do outro. O metal era pesado, mas surpreendentemente morno. Passei por mamãe a caminho da saída, mas ela não levantou a cabeça.

As gêmeas estavam ensaiando. Eu percebi porque o Homem do Saco estava em pé na escada dos fundos do caminhão-palco das duas. Quando me dirigi a ele, imaginei que Arty o havia mandado atrás das gêmeas para se livrar dele. O Homem do Saco começou a se curvar para mim quando eu ainda estava longe. Levantei a mão, assenti, subi a escada e passei pela porta.

As gêmeas estavam sozinhas. Faltava uma hora para as ruivas aparecerem para a prática de chute no ar. Dança, elas chamavam. Vi as cabeças brilhantes e escuras inclinadas sobre o piano. Pelo menos elas se mantinham suficientemente calmas para pentear o cabelo e cuidar do trabalho.

“A cadência toda tem que ser escrita. Não quero um pianista medíocre improvisando no meio do meu trabalho”, disse Elly.

“Tudo o que precisamos fazer é colocá-la no começo do movimento, de forma que seja claramente uma parte integrante”, Iphy respondeu.

“Prefiro fazer comentários rudes na partitura. Aí vem a Oly!”

As duas levantaram os olhos da folha de papel, que estava aberta na prateleira diante delas, e olharam para além de mim com ansiedade evidente.

“Cadê o Arty?”

Cheguei mais perto delas e toquei o braço de Elly enquanto olhava para Iphy. Não conseguia deixar de olhar para ela.

Diante da minha expressão, os olhos dela começaram a perder o brilho. O violeta se tornou um roxo noturno, quase preto.

“Ele não vem.”

Elly segurou meu pulso. “Falou com ele? O que ele disse?”

Queria ser varredora de rua trabalhando à noite no Rio, ou talvez uma florista no Quebec.

“Ele disse que o Homem do Saco é perigoso. Não resistam. Não lutem com ele. Arty falou que não quer que vocês se machuquem.”

Elas não precisavam se olhar. Estavam olhando para mim. As quatro mãos formaram um nó complicado no colo delas.

“Posso falar com o papai? Ou com Horst? Deixem eu falar com eles.”

As gêmeas ficaram quietas por um momento idêntico, como uma garota no espelho. Quando falaram, o fizeram com vozes simultâneas que soavam como um eco nos raros momentos de unidade entre elas: “Tente, mas não vai adiantar”.

Assenti e tirei a arma da cintura. “Lembram como isto funciona?”

Deixei a pistola em cima da madeira brilhante do piano. Ela ficou lá, quieta e cruel. As gêmeas olharam para o revólver. Eu saí antes que elas pudessem se mexer de novo.

Papai estava no caminhão-refrigerador contando caixas de sanduíches de sorvete. Gritei avisando que as gêmeas precisavam dele, e papai entregou a prancheta a um dos funcionários que carregava as caixas. Ele desceu do caminhão com um rangido artrítico que acabou com a minha fantasia de que ele fosse capaz de resgatar alguém. Contei a ele onde as gêmeas estavam e fui passar um tempo com o vovô.

Chick dormia no capô do caminhão-gerador. Seu rosto estava sob a pequena poça de sombra verde projetada pela urna do vovô. O resto do corpo pequenino estava de bruços com o macacão enrolado até os joelhos e as meias caídas sobre os tênis. A pele das panturrilhas lisas parecia irritada. Ele devia estar dormindo ali por um bom tempo. Puxei as pernas da calça para baixo para protegê-lo do sol. Ele se mexeu e a boquinha de bebê formou um bico, como se beijasse o ar. As sessões de cirurgia o deixavam cansado. A música começou a soar no parque. Ouvi o ruído de um carrossel que começava a girar.

“Chick.”

Ele abriu os olhos e fechou a boca, mas continuou imóvel.

“Chick, você precisa ajudar as gêmeas.”

Ele piscou e sentou.

“Sabe que Arty deu as duas para o Homem do Saco?”

Ele assentiu, se espreguiçou e se coçou. Escorreguei para perto da urna e me apoiei nela.

“Uau!”

Vovô estava quente demais ao toque. Chick lambeu os lábios.

“Arty disse que as gêmeas vão casar.”

“Elas não querem, Chick. Odeiam o Homem do Saco. Arty está fazendo isso para castigá-las por uma coisa. Ele não tem o direito de dar as meninas a ninguém.”

“Ele me deu para a dra. P.”

“Não é a mesma coisa. Você só está passando um tempo com ela para aprender coisas.” Ele não respondeu. “Mande o papai falar com as gêmeas, mas ele não vai poder fazer nada. Não contra uma ideia do Arty.”

“Não.” Chick se deitou, encostando o rosto suado na pequena área de sombra ao meu lado. O metal do capô me queimava através das roupas. Um vento leve soprou e tocou minhas orelhas.

“É bom usar óculos escuros o tempo todo? Fica tudo verde?” Ele piscava como se fosse bocejar.

“Chick! Chick! Você pode dormir na van das gêmeas, naquele sofá. Escuta! Se alguém tentar fazer mal a elas, você pode impedir. Chick!”

Ele abriu os olhos, e uma ruga confusa surgiu em sua testa.

“Oly, não posso. Arty não quer. Ele já falou que não é para eu fazer nada. É como quando Mensa Mindy, o Cavalo com QI Alto, se assustou com um tiro e papai disse que eu não devia ajudar. Seja o que for, é a mesma coisa com as gêmeas.”

A explicação paciente e sólida me fez escorregar de braços de volta ao chão. Ele não me chamou. Olhei para trás uma vez, mas ele estava lá deitado no metal quente, dormindo com o rosto na sombra da urna do vovô.

Papai apertou a mão do Homem do Saco.

“Vai se juntar à família!”

O Homem do Saco grunhiu e gorgolejou, apertando a mão do papai com entusiasmo.

“Certo! Certo!” Papai tentou soltar a mão e olhou em volta procurando ajuda. “Minhas meninas estão aqui? Vou falar com elas! Pronto! Com licença!”

Obrigado! Ótimo tê-lo conosco! Falamos em breve!” E papai fugiu para o caminho-palco.

Iphy e Elly, que ouviam tudo paralisadas na frente do piano, compartilharam o peso da resignação. Mais tarde Iphy explicaria que elas sabiam que seria inútil.

“Ah, aí estão vocês, pombinhas! Minhas avezinhas doces! Acabei de encontrar o noivo de vocês lá fora! Um sujeito incomum!”

Ele falava muito alto, muito depressa. Abraçou as duas e as apertou, beijando as testas claras e idênticas. Iphy segurou as mãos disse num tom manso: “Papai, por favor! Não deixe o Arty fazer isso! Ajude a gente!”.

“Ah, sonho! É claro que vou ajudar! Nada menos que o melhor! Vamos olhar a agenda! Fechar o parque inteiro por um dia. Vamos fazer um casamento fabuloso!”

“Papai, escuta! Não. Não. Não queremos casar com ele! Nós odiamos esse homem! Temos medo dele! Arty está tentando nos forçar... para castigar a gente! Papai, não deixa!”

Al, aprisionado pelos quatro braços, tentava escapar.

“Ah, meus docinhos! Estão enganadas! Seu irmão discutiu o assunto comigo hoje de manhã. Ele quer o melhor para vocês. Pensou muito nisso! Esse Homem do Saco... Vern, não é? Não o conheço. Já o vi andando atrás do seu irmão, é claro. Arty jura que é um bom homem! Sólido como Gibraltar! E ama vocês! Vai ser bom para vocês! Medos naturais, hesitação de meninas! Como sua mãe! Ela pensou em fugir no dia do nosso casamento! Onde eu estaria?, pergunto a vocês.”

Ele era um homem grande, determinado, com muitos anos de experiência em manobras sutis. Elas não tinham chance. Al ainda falava depressa, com aquela rapidez de negociante, quando se dirigiu até a saída.

“Papai”, as duas chamaram, “ajude a gente!”

“Adoro! Adoro vocês, minhas borboletas! Sua mãe vai ficar muito orgulhosa!” E ele foi embora.

As gêmeas sentaram na banquetta do piano. Iphy, que me contou isso mais tarde, diz que as duas estavam pensando na arma.

“Não esperávamos nenhuma ajuda do papai, na verdade. Mas guardamos aquela arma na banquetta do piano. Sabe como a tampa levanta? Estávamos sentadas em cima daquela arma e a ideia foi rastejando para dentro de nós como uma cobra subindo entre nossas pernas.”

Fiquei escondida, encolhida no meu armário embaixo da pia com a máquina de costura da mamãe trabalhando a alguns metros de mim. Mamãe não ficou

preocupada por eu me esconder lá dentro e fechar a porta. Ela gostou da companhia e falava para as próprias mãos, sem esperar respostas. Estava ocupada principalmente com o almoço e como a refeição simbolizava o rompimento da família.

“Ninguém aparece. Chegam três horas depois, farejando e esperando... bom, não sou dona de restaurante. Chick está doente, e eu sei disso, e Al e todos os comprimidos e poções podem garantir que não tem nada de errado, mas ninguém pode enganar uma mãe sobre seus filhos... se afastando... levados por correntes externas que vão levá-los sei lá aonde... então logo depois recebemos um telefonema e nem teremos notado que eles foram embora.”

Eu examinava a lista de possibilidades. Pensava em Horst, ou em alguns dos velhos ciclistas, ou até nas ruivas. Amigos do papai, inclusive Horst, jamais interfeririam nos negócios dos Binewski. Se eu fosse procurar as ruivas, elas poderiam fazer alguma coisa. Imaginei legiões de mulheres furiosas marchando com seus sapatos altos e blusas estufadas. Depois imaginei papai no parque, de braços cruzados, vendo as garotas se aproximando e esperando o momento exato de gritar: “Estão todas na rua! Podem pegar seus cheques!”.

O que me deixava realmente doente era que eu não queria que as gêmeas fossem salvas. Estava feliz por Arty ter ficado bravo com elas, encantada por ele não querer vê-las, eufórica com a perspectiva de não ter mais que disputar com elas a atenção de Arty. Grandes e festivos pedaços do meu coração se iluminavam em comemoração pelo fato de suas talentosas vidas estarem agora nas mãos do Homem do Saco.

As garotas do Clube das Gêmeas que colecionavam pôsteres, autógrafos e fotos de Elly e Iphy, a dupla de cabeças de vento que aparecia em camisetas de souvenir, o que as fãs das gêmeas pensariam de seus ídolos glamorosos quando soubessem que elas se deitavam com o Homem do Saco com cara de tubo? Nojento! Ecaaaa!

Mas eu me odiava por sentir essa satisfação. O prazer me aterrorizava. E se eu fosse realmente um monstro? E se elas fossem realmente infelizes, e eu não tivesse feito tudo para ajudá-las? Que tipo de coisa isso me tornaria?

“Uma e meia, pombinha!”, mamãe me chamou. Saí do armário e fui ao camarim cobrir o corpo de Arty com óleo para o show das duas horas.

“Ele deve ter desligado todos os alarmes e convenceu Arty a mandar a autorização para os guardas. Elly pegou a arma quando ouvimos a porta externa. Ficamos sentadas na cama esperando a porta do quarto se abrir. Ela estava pronta para usar a pistola, mas ele bateu na porta. Foram batidas tímidas. Três batidas de leve... e depois a porta se abriu lentamente e ele olhou em volta. Acenou.

Senti pena dele. Parecia tão acanhado. Elly mostrou a pistola e gritou que ia atirar. Mas ele entrou devagar, meio balançando e se curvando a cada passo como se pedisse desculpas. Sentou-se ao pé da cama com o véu acompanhando os movimentos da respiração e um olho triste voltado para nós. Ele pegou o bloco de anotações. Já havia uma mensagem pronta na primeira página. Ele arrancou a folha e me deu. Dizia: ‘Amo vocês. Por favor, me deixem ser carinhoso com vocês’. Enquanto eu lia, ele escrevia outro bilhete. A nova anotação era: ‘Se preferem me matar, tudo bem’. Elly leu o bilhete e apontou para cabeça dele. As mãos dele abriram o colarinho. Ele puxou a camisa e bateu no peito. O véu se soltou e eu vi o saco plástico e um pedaço do tubo. Elly estava sentada com os cotovelos apoiados no joelho, as duas mãos segurando a pistola apontada. Ela esperou muito tempo. O Homem do Saco ficou parado, esperando. Finalmente, ela só largou a arma e olhou para mim. Disse: ‘Preferia que ele não tivesse batido. Teria conseguido, se ele só tivesse aberto a porta sem bater’. Foi muito pior para Elly do que para mim. Ela não está acostumada a fazer coisas que não planejou.”

Arty ouviu o tiro e estava descendo da cadeira quando entrei correndo, gritando: “Mamãe está lá! Com as gêmeas! Ela acabou de entrar!”.

“Depressa, me empurra! É mais rápido!”

Correndo apavorada, bati uma roda na porta e quase derrubei Arty de cabeça. O grito soou alto e fino. As gêmeas gritavam, e nós atravessamos a sala e corremos para a porta do quarto.

Mamãe estava parada tranquilamente ao lado da cama larga. A suave luz rosada dos abajures dava a ela uma aparência adorável. O rosto era terno e radiante. O cabelo caía de um jeito encantador. O roupão e os chinelos fofos de salto alto estavam estranhamente arrumados. A faixa do roupão, por exemplo, estava amarrada com um laço perfeito.

As gêmeas estavam encolhidas em um canto da cama. Iphy olhava atordoada para mamãe e Elly vomitava parte do que havia em seu estômago no tapete.

O Homem do Saco estava morto em cima da cama suja. Suas pernas longas e nuas pareciam ossudas e moles ao mesmo tempo.

“Mamãe”, Arty chamou.

Ela se virou e assentiu para nós. “Finalmente lembrei onde o tinha visto antes.” Ela olhou para a arma em sua mão. “Oly, querida, acho que isto é do seu pai. Pode ir dar uma olhada na prateleira ao lado da minha cama? E pode perguntar... ah, aí está o Al.”

Eu estava dormindo quando ouvi o estalo. Espiei para fora do armário e vi a mamãe, o cabelo branco brilhando ao luar que entrava pela porta desprotegida da

van das gêmeas. Estava pegando um roupão para ir atrás dela quando ouvi o tiro. Corri para buscar o Arty.

DOS ARQUIVOS DE NORVAL SANDERSON:

‘A história de Crystal Lil, como foi contada aos investigadores (transcrita da fita):

“Eu não conseguia dormir. A lua me afeta. Estava sentada na cama, olhando pela janelinha. Al sempre insistiu para que eu dormisse no lado da parede, e ele dorme mais perto da porta em todas as camas que dividimos. É seu instinto protetor, acha que vai poder me defender se um invasor aparecer. Mas levantei um canto da cortina e olhei para fora.

“A lua cria uma nova perspectiva, algumas vezes mais atraente, sobre objetos familiares, como deve saber. Mas foi assim que vi aquela pessoa se aproximando da escada que subia até a plataforma. Ele passou pela janela, bem perto dela, e a luz da lua em seus ombros me deixou ver com clareza seu jeito característico de andar. O jeito de andar e o porte, eu sempre digo às crianças, são indicadores poderosos de caráter. De repente lembrei onde havia visto esse homem antes, com aquela cabeça achatada sobre o pescoço encurvado.

“Agradeço às estrelas misericordiosas por ter chegado a tempo. Minhas pobres meninas. Mas, pronto, elas agora vão ficar bem. Foi um milagre a arma ter caído no chão e atraído meu olhar. O Homem do Saco a roubou, certamente. Imagine, ameaçar aquelas meninas indefesas. Queria bater na cabeça dele, mas o ângulo era complicado porque ele estava em cima das meninas, nu da cintura para baixo e com a camisa desabotoada, formando um anteparo que me impedia de enxergar claramente onde deveria mirar. Tive que atirar de lado para evitar que a bala o atravessasse e ferisse as gêmeas. Al sempre usou um tipo de munição especial, porém, por causa do poder de parada. Al estava certo, como sempre.”

Papai se apoiava sobre as mãos como se o peito fosse explodir.

“Arty, meu filho, você sabia que esse homem tentou matar vocês todos? Sabia que ele era o homem de Coos Bay?”

Arty, que tinha um tom acinzentado mesmo à luminosidade dourada de sua luz de leitura, balançou a cabeça. “É claro que não, papai. Tivemos muita sorte

por mamãe ter se lembrado disso.”

“Docinho, pelos globos congelados da Virgem”, suspirou Al. “Imagine só, ele nos perseguiu durante todos esses anos. Vou ficar maluco pensando nisso. Todo esse tempo. Todas essas chances. Eu e minha segurança de merda.”

Arty se encostou no braço da cadeira, a cabeça baixa demonstrando cansaço. “Mamãe chegou bem na hora.”

O rosto de Elly se contorceu de repulsa: “Ela *não* chegou na hora! Ele gozou quando ela puxou o gatilho. Jorrou como uma barata vertendo ovos ao morrer!”.

Iphy estava mais calma. “Normalmente, usamos um espermicida no nosso diafragma, mas não estávamos preparadas para ele, e ele não deixou a gente se preparar.”

A polícia usava uniformes de lã verde. Os oficiais chegaram em grandes grupos. Os que não faziam anotações tiravam fotos, colhiam digitais ou faziam perguntas, aproveitando a oportunidade para conhecer o parque ainda pálido ao amanhecer. Quando dois policiais descobriram o trailer do dormitório das ruivas, outros três se juntaram a eles para interrogar aquelas “importantes testemunhas corroborativas” que faziam grandes bules de café vestidas com variados tipos de camisolas, lingerie, pijamas e coisas assim.

O legista foi embora na ambulância com o médico e o corpo do Homem do Saco. O oficial no comando da investigação era um homem pesado, decidido, com mais bochecha que pescoço, e olhos pequenos e firmes. Ele passou muito tempo com Crystal Lil na sala de estar verde e azul da van das gêmeas. Lil estava sentada, elegante e calma, enquanto o oficial à paisana se inclinava sobre os joelhos na cadeira diante dela, ouvindo, assentindo, tomando notas em um bloquinho espiral. Falava muito pouco, verificando o gravador de vez em quando.

Quando um garoto uniformizado entrou para entregar a ele uma folha datilografada, o homem grande a leu sem pressa, depois dobrou com cuidado e guardou no bolso do peito.

“Sra. Binewski...”

“Lily, por favor, tenente.”

“Obrigado, Lily. Acabamos de receber a confirmação de Oregon. As digitais são mesmo de Vern Bogner, que foi condenado por tentativa de assassinato contra a senhora e seus filhos há quase dez anos. Vou relatar que Bogner foi morto em uma tentativa de ataque criminoso, especificamente estupro. Não será processada. Esse homem é procurado pelo estado do Oregon

há dezoito meses. Ele saiu da casa da mãe e não entrou em contato com a assistente social responsável por seu caso.”

“Aqui é Utah?”, Lil perguntou. “Estamos em Utah?”

“Não, senhora. Nebraska.”

“Ah, eu poderia jurar que era Utah, olhando para seus subordinados. Tão asseados. Disciplinados. As botas polidas também lembram Utah. Você deve se orgulhar muito deles.”



A fuga

Papai, velho em sua cadeira, e mamãe, fazendo crochê e sonhando com os olhos abertos, enquanto todos nós fingíamos que era uma noite de crianças e histórias como nos velhos tempos. Só faltava Arty, que estava sozinho em sua van. As gêmeas seguravam Chick, que lia em voz alta para elas, e eu estava sentada no chão, com a corcunda apoiada na perna magra do papai.

“‘Por que está tão branco?’, perguntou Files-on-Parade. ‘Estou com medo do que vou ser obrigado a ver’, respondeu Color-Sergeant.” A voz de Chick, afiada como vidro em seu cântico, parou de repente quando ele pulou do colo das gêmeas e se virou para olhar para elas.

“Sentou num alfinete?” As gêmeas expressavam surpresa.

Chick balançou a cabeça e franziu a testa.

“Ah, o menino está cansado de enforcar Danny Deever nesse poema. Triste demais”, resmungou o papai. “Deixem que ele creme Sam McGee, em vez disso. Vamos, menino Chick, comece com ‘coisas estranhas têm sido feitas’ e trate de caprichar na entonação desta vez! Respire bem fundo!”

Mas Chick não queria recitar e não queria mais ficar no colo das gêmeas, então veio se sentar ao meu lado enquanto papai continuava com Sam McGee e todos nós fazíamos ruídos do vento do norte, latidos dos cães e a voz fantasmagórica que dizia: “Feche aquela porta!”.

Papai foi para a cama logo depois, e mamãe foi tomar banho. Então as gêmeas atacaram Chick. Ele ficou vermelho e gaguejou. Ele não teve a intenção de magoá-las.

“Mas por que fez aquela cara?”

“Não sabia que tinha esse carinho aí dentro. Fiquei surpreso. E depois não quis me apoiar nele. Achei que poderia machucá-lo.”

Os rostos iguais das irmãs ficaram acinzentados como carne velha. “Que carinho?”

“O que está dormindo aí dentro”, Chick apontou.

E foi assim que as gêmeas tiveram certeza de que estavam grávidas.

“Não vamos ficar sentadas esperando naquele maldito trailer-enfermaria com todos aqueles normais pegajosos babando em nós!”, disse Elly.

Iphy lembrou que a dra. P. se recusava a examiná-las de outra maneira, e elas não tinham escolha. “Venha com a gente, Oly. Fique por perto enquanto ela faz o exame. Temos medo dela.”

Nos sentamos nas cadeiras dobráveis apoiadas na parede de lona iluminada pelo sol e ouvimos as moscas zumbindo lá no alto, em torno da coluna central, e a conversa dos dez ou doze amputados que esperavam em cadeiras de rodas (se já haviam passado do estágio dos pés) ou em cadeiras comuns (se ainda estavam no estágio dos dedos das mãos e dos pés). Chick chegou e se sentou ao meu lado com um livro de colorir de aves exóticas e um punhado de canetas coloridas, preenchendo os círculos na cauda de um pavão com um azul intenso.

“A dra. P. diz que isso é bom para as minhas mãos”, Chick explicou. Nenhum seguidor de Arty falava conosco, mas todos olhavam para nós pelo canto dos olhos. Fiquei contando as folhas amareladas de grama morta embaixo das cadeiras.

Quando a enfermeira finalmente nos levou pela escada até a sala de exames da clínica, a dra. P. não ficou feliz em nos ver.

“Se Chick diz que estão grávidas e a menstruação está atrasada, não precisam me fazer perder tempo. Estão grávidas. Além do mais, sou cirurgiã, não obstetra. Deveriam falar com o pai de vocês. Ele tem experiência nesse campo.”

As gêmeas se apoiaram na mesa de exames com uma atitude humilde. Ela não as convidou para sentar. Ficou ali sentada, gorda e branca, mascarada e com as luvas, atrás da mesa pálida de metal, abrindo e fechando as mãos com as pontas dos dedos unidas. Tive medo e as gêmeas também. A dra. P. não era para nós.

“O que elas queriam”, interfeiri, “era se livrar disso.”

As gêmeas assentiram em ritmos diferentes. A dra. P. se levantou lentamente, o rosto mascarado projetado para a frente, as lentes grossas dos óculos cintilando.

“Imagino que essas talentosas cantoras saibam falar. Vocês têm língua, não?”

Olhei para as gêmeas esperando que elas pusessem a língua para fora em uma obediente demonstração.

“Livrar-se disso, é? Livrar-se disso?”, a dra. P. repetiu.

As gêmeas assentiram em miserável sincronia.

“E papai não ia gostar? Papai não faria? Não. Papai ia querer que vocês chocassem o monstro, não é? Há anos o pobre e velho Al não tem um bebê para

brincar, certo?” A acidez no tom da dra. Phyllis penetrava meus ossos e desgastava meus dentes.

Puxei a mão de Elly, querendo ir embora, mas elas estavam olhando para a médica que continuava ali sentada com as mãos cruzadas sobre a mesa.

“Não. Eu poderia acabar com essa história em cinco minutos sem problema nenhum. Não pensem que eu não poderia. Mas não vou fazer isso, e vou dizer por quê. Tenho um contrato com Arturo, e o jovem Arturo não quer. Ele está ansioso para ser tio. Não vou negar esse prazer ao Arturo. E vocês não vão desafiá-lo. Bebam leite. Comam vegetais. Os músculos do seu abdome são fortes. Vai levar meses para a barriga aparecer. E mais um conselho para conservar a saúde: se estão fazendo alguma coisa para deixar Arturo bravo, parem.”

Saímos da sala e passamos pelos pacientes de olhos vazios que esperavam para ter seus tocos examinados.

“É estranho”, Iphy disse quando seguíamos para o Cano, “que essa tenha sido a primeira vez que falamos com ela.”

“Você não falou uma palavra”, observei.

“Nunca tivemos nada a ver com ela ou com o pessoal do Arty. Eles não fazem você se sentir estranha? Estão sempre em volta, no caminho. Aquele acampamento que mais parece uma favela se estende por acres, mas não sabemos realmente o que eles estão fazendo, ou por quê. Devemos descobrir? Você vai vomitar? Elly?” Ela vomitou na terra entre o caminhão-refrigerador e o vagão dos felinos.

“Eu estava indo para casa almoçar”, disse Chick, “quando as gêmeas apareceram do nada de trás do vagão dos felinos. Eu não sabia que elas estavam lá. Elas se misturaram com os felinos na minha cabeça. Elly disse que eu ia pegar o carinha na barriga dela. Iphy também. Elas queriam que eu ajudasse. Fiquei surpreso pensando que talvez pudesse ajudar as duas, fazer alguma coisa por elas, não só mudar os móveis de lugar. Então senti o ambiente, tentei sentir como era lá dentro, ver se poderia fazer aquilo. Eu tento não entrar nas pessoas. Às vezes acontece por acidente, como quando sentei no colo delas e aquele carinha chegou perto de mim! É isso o que faço para a dra. P. e tento não ficar fazendo a mesma coisa o resto do tempo. Mas o carinha está lá, é verdade. Falei para elas que eu não podia fazer nada com o carinha, que você me disse para não fazer nada, para não tirar o carinha delas. Iphy ficou quieta, mas Elly me assustou.”

“Como?”, perguntou Arty. “Ela gritou? Ou pensou coisas ruins? Ela não te bateu, bateu?”

“Não. Ela fez força para pôr para fora, como se fosse uma coisa que se recusa a morrer.”

“Você almoçou? Não? Aquelas meninas do escritório fizeram torta. Pegue uma fatia para mim também. E vamos ver se você é capaz de descobrir se eu quero creme de banana ou chocolate.”

“Arty, não posso fazer isso.”

“Tenta.”

“Você sabe que eu não posso.”

DOS ARQUIVOS DE NORVAL SANDERSON:

O caos reina, o parque fechou pela primeira vez em anos, Arturo está frenético, suando muito em cima do transmissor de rádio de sua van, falando calmamente enquanto todo o seu corpo se contrai, retorce e encolhe na cadeira. O shorts e uma camisa de veludo verde, com as costas ensopadas de suor, como o vinil do assento, a cabeça calva de Arty vertendo suor que entra em seus olhos. A pequena Oly fica por perto com um suprimento interminável de lenços de papel para enxugar seu rosto, limpar seus olhos. Ela cumpre obrigações. A voz dele continua saindo claramente do transmissor, sem pressa, precisa.

O grande Binewski aparece e desaparece com seu bigode embaraçado, a mãe está caída na cama com uma ruiva cuidando dela, o caçula, Chick, está fora com o grupo, Arty permanece em contato direto pelo rádio com quinze veículos cheios de guardas Binewski e outros empregados do circo, todo mundo procurando as gêmeas, Electra e Iphigenia, que fugiram de casa.

Oly, sempre o fiel cão de guarda, repete que as gêmeas foram abduzidas. Oly está sempre tentando me expulsar da van, me tirar de perto de Arty, mas eu vejo o suficiente. Por exemplo, Arty está mandando o grupo para clínicas e médicos, cujos endereços Oly conseguiu folheando listas telefônicas que poderiam cobrir três estados. Oly está ficando irritada por não conseguir se livrar de mim, e Arty não se importa, evidentemente. Decido deixar que ela me expulse. Parece que isso vai durar o dia todo.

Finalmente, ela indica a porta com um aceno de cabeça, como se quisesse falar comigo em particular. Descubro que ela está mudando de tática, quer que eu dê uma olhada em Crystal Lil, que veja se o

velho ainda está vivo, e depois, Oly, a fria, me pede para passar pelo escritório dos Admitidos e cuidar para que os arturanos fiquem calmos diante dessa inesperada interrupção da rotina. Arty está dizendo: “Chick, você ouviu? E o serviço profissional de enfermagem que eu te dei?... Deve ficar a dois quilômetros de onde você está...”, enquanto vozes masculinas discutem o clima ameno.

Em pé na escada, olho para baixo, para Oly, e a provoco com a possibilidade de mudar de ideia e entrar novamente, afinal. “Diga-me, Oly, por que Arty está tão aborrecido? Nunca o vi desse jeito!” Ela dá de ombros e arqueia a boca de sapo em um sorriso dolorido. “Família. Os Binewski se importam muito com família”, me diz.

Eu me aproximo do trailer do dormitório das ruivas. Não tem ninguém lá, só a peituda Bella, que está mastigando alguma coisa empoleirada na porta aberta para poder cuspir no trailer vizinho enquanto pinta as unhas dos pés.

Bella bufa ao falar da ausência das gêmeas, explica que elas saíram com Rita (a ruiva) e o namorado dela, McFee, em sua velha picape. As gêmeas engravidaram, explica Bella, “provavelmente daquele saco de pus, o Homem Grande”, e as meninas estão tentando uma raspagem (um aborto), apesar de Sua Alteza Sem Braços e Sem Pernas ter proibido.

**** Ruivas lendo revistas na van Binewski dizem que Crystal Lil está dormindo sob efeito de comprimidos.

**** A rainha do escritório arturano, srta. Z., inabalável, tem seu batalhão de campistas contemplando os tocos e meditando sobre p.i.p. (Paz, Isolamento e Pureza), geralmente relaxando ao sol e sem se dar conta da situação do outro lado da cerca. Desde que haja almoço e jantar, eles nem vão notar.

**** Randy J., um guarda Binewski e ex-fuzileiro, dirigia a van quando as gêmeas foram localizadas. Randy diz que foi num consultório de ginecologia e obstetrícia. Chick viu a picape e a ruiva Rita fumando um cigarro na frente dela. Os vigilantes invadiram...

“Elas estavam na mesa de quatro, com o traseiro nu para cima numa posição bem lamentável enquanto a enfermeira as preparava. Ao nos avistarem, elas enlouqueceram, pularam da mesa gritando e tentaram quebrar a janela. Fiquei com medo de que elas se machucassem, o chefe ficaria maluco. Mas, Jesus, aquele garoto, Chick, entrou na sala e olhou para elas, e as duas caíram dormindo no

chão. Desembaralhamos braços e pernas, levamos as gêmeas para a van com a enfermeira e o médico atrás de nós. Rita e McFee sumiram. Entraram naquela Dodge velha e foram embora. Sabiam que estavam encencados.

“As gêmeas dormiram tranquilamente no banco de trás por todo o caminho até chegarmos aqui. Aquele garoto Chick fez alguma coisa. Hipnotismo, talvez. Vou te dizer, isso me apavorou. Você deveria ter visto!”

Presumo que isso quer dizer que as gêmeas desmaiaram. Elas estão trancadas no trailer, sob vigilância, agora que seguimos viagem.

Arty está fora de circulação. Não sai da van. Ele possui curativos sobre uma orelha e na face, do mesmo lado, e uma bandagem grossa no pescoço, embaixo da mesma orelha. Dá para ver um arranhão fino em seu peito, no fim dele, perto da gola da camisa. Ele não explica o estrago. Está carrancudo — uma raiva alternada com o que suspeito ser tristeza. Tudo muito controlado, é claro. Ele discute filosofia. Fala sobre arturismo. Nenhum assunto pessoal é permitido.

Oly, sua criada para todos os serviços, vive correndo entre a van de Arty e a das gêmeas.

As gêmeas estão presas em sua van, incomunicáveis.

As ruivas Bella peituda, Jennifer balançante e Vicki dizem que Arty entrou na van das gêmeas quando elas estavam recobrando a consciência, acordando depois de terem sido capturadas na clínica.

“Sua Alteza Nadadeira Sem Braço ia dar um sermão nas duas. Ele estava todo altivo e poderoso, e elas pularam em cima dele.

“Só Elly. Ela o atacou. Tentou morder sua jugular. Iphy não conseguiu segurá-la. Aquela Elly é um foguete quando perde a cabeça.

“Ele está lá sozinho, sabe? Só com a pequena Oly para empurrar a cadeira. Oly grita chamando o guarda e pula em cima de Elly, tentando tirá-la de perto de Arty. Se você a visse sem óculos ia entender. Oly tem um brilho que ofusca.

“Uma semana de folga, é o que estão dizendo. É a primeira vez que o show fica fechado por tanto tempo em mais de dezoito anos. Estou precisando. Por mim, está ótimo.”

Hoje peguei Chick esmagando formigas na terra. Aquilo me chocou. Normalmente, ele é muito gentil. Já o vi prestar atenção aos próprios pés para não pisar em um inseto. O menino se sente muito

mal se mata algum por acidente. Fui dar uma olhada na criação de moscas e ouvi um barulho abafado atrás da van. Era Chick dançando e pisando em um pequeno formigueiro. Com o rosto vermelho, os olhos brilhando, a respiração acelerada. Ele parou quando me viu, ficou quieto, olhou para o chão em torno de seus pés e começou a chorar. Um menino magrelo de dez anos, chorando como se o coração estivesse fervendo e saindo pelas orelhas.

Eu o peguei no colo e o levei para o tanque de água. Molhei meu lenço com a água da torneira, limpei o rosto dele e esperei a tempestade passar. Ele se apoiou no meu joelho e tentou se controlar. Tocou meu coração duro, admito. Filho da mãe corajoso. Finalmente comecei a fazer perguntas, mas não consegui tirar muita coisa dele.

Em essência: ele tenta “ser bom e ajudar, mas parece que tudo dá errado” e ele “não é bom para ninguém e acaba ferindo, em vez de ajudar a pessoa”. Bem pesado para uma criança.

Procurei muito, estudei algumas das histórias malucas que contam sobre ele no parque. Ele ficou constrangido. Quietos. Finalmente, ele diz: “Eles não conseguem entender por que todos os outros filhos são especiais, e eu não. Inventam coisas, coisas malucas, para que eu também pareça especial”.

Talvez essa gente esteja me enlouquecendo. Talvez eu tenha me aproximado demais de muitas explosões, e então as minúsculas rupturas em meu cérebro estejam se espalhando, criando uma demência pugilística. Talvez eu esteja apenas sendo do contra.

Para o inferno com isso, a explicação de Chick era uma réplica do que tenho dito para mim mesmo o tempo todo. Mas quando ele me disse exatamente isso, não acreditei em uma palavra. Que porcaria ele faz com aquela aranha gorda, a dra. P.? Como uma criança de dez anos garante a anestesia de todas as operações? Alguns amputados afirmam que há apenas ar entrando pela máscara e que o verdadeiro analgésico é o próprio Chick. Quantas vezes ouvi as pessoas afirmando que sua dor desaparece no instante em que Chick se aproxima delas? Não senti nenhum desconforto durante minha cirurgia, mas nunca notei nada em Chick. Ele só fica lá. Vou prestar mais atenção na próxima vez.

Estou aqui tentando criar uma história de poderes de cura ou dedos mentais ou alguma bobagem do tipo. O menino é um pequeno burro de carga com um complexo de inferioridade por não ser uma aberração como os irmãos. Ele compensa isso com uma sensibilidade

idiota que beira o martírio. O pateta perfeito. Qualquer coisa para agradar. Cristo sabe, qualquer pessoa que tem Arty como irmão sofre para preservar a autoestima.

Então, o menino diz que acha que quando morrer todas as criaturas que ele feriu estarão esperando por ele, olhando para ele, ainda sofrendo com a dor que ele causou... Diz que ele estava andando “agora mesmo” e pisou em uma formiga antes de vê-la. “Falhei de novo, como sempre” parece ser seu sentimento. Então ele sai dos trilhos e ataca o formigueiro.

Ike Thiebault, o guarda, senta em uma cadeira amarela de plástico ao lado da porta da van das gêmeas. Ele assente tranquilamente para todo mundo que entra ou sai da van Binewski ou da van de Arty. A “varanda” portátil ou plataforma onde Ike está sentado tem degraus em uma ponta, uma rampa para a cadeira de Arty na lateral e deveria ter um túnel flexível reticulado sobre ela para proteger contra o tempo. Os Binewski nunca instalaram o túnel.

Hoje, mais ou menos às dez da manhã, Jenny balançante, a ruiva que reclama de ter que colorir o cabelo “cor de mel”, sobe a escada carregando uma pilha de revistas e catálogos.

“Ike, benzinho, são para as gêmeas. Tenho que entregar para elas”, ela diz. Ike, que está lendo um livro de autoajuda que promete um método de ganhar tempo nas horas livres, levanta constrangido.

“Ninguém entra, Jenny. Recebi ordens.”

“São catálogos que acabaram de chegar no malote do correio. Só roupas e bugigangas. Nada de mais. As gêmeas querem escolher coisas para comprar.” Jenny movimenta o ombro dourado e nu num gesto provocante.

Ike não é imune, mas está disposto a cumprir seu dever. “Só quem pode entrar ou sair é a srta. Oly e o sr. Arty. São as ordens.”

“Ike, você leva tudo lá para dentro. Não importa. As meninas querem os catálogos. Encomendaram há seis semanas. Você leva para elas.”

“Jenny, você deve achar que eu sou tonto, mas não posso. Não posso entrar.”

“Não pode bater na porta, ficar do lado de fora e entregar alguns catálogos?” As sobrancelhas de Jenny, arrancadas com pinça até ficarem bem finas, expressam uma delicada, embora desdenhosa, incredulidade.

Ike se ofende. “Escuta, Jenny, vai lá bater na porta do Arty e pede para ele.”

Ela recua imediatamente: “Vou deixar tudo aqui, Ike. Se a srta. Oly entrar, por favor, peça para ela levar os catálogos para as irmãs”.

14h. Parque animado e barulhento ao fundo.

Crystal Lil, ansiosa, sai tropeçando da van dos Binewski com um pedaço de tecido verde nas mãos. Lil adotou recentemente “sapatos confortáveis” como parte de sua imagem de “avó”, mas não se adaptou aos saltos baixos e ainda tropeça. Essa é a primeira vez que a vejo usando óculos fora da van.

Parece cheia de energia e animada, e não tenho dúvida de que deve ter acabado de tomar um ou dois comprimidos estimulantes. Ela estende a mão para bater na porta da van das gêmeas e o pobre Ike, o guarda, se levanta gaguejando de sua cadeira no deque.

“Desculpe, senhora...”, e o resto não consigo ouvir. É óbvio que ele não a deixará entrar para ver as gêmeas. Ela está incrédula. O guarda está constrangido. Uma coisa é impedir a entrada de uma ruiva, outra é barrar a Mãe do Chefe. Lil fica tensa quando compreende que a mensagem é real. De repente ela parece muito velha, o equivalente a trezentos anos de maternidade em uma coluna ereta. Ele se encolhe, fica agitado, não consegue encará-la, aparentemente sugere que ela vá falar com Arty. Ela se dirige à porta de Arty com o pano verde, revelando a força da peça que arrasta atrás dela, um vestido de gestante com dois pescoços e quatro braços, a bainha presa precariamente, ainda por terminar. A porta de Arty está fechada. Ninguém responde. Lil segura o vestido amassado em uma das mãos e volta para a própria van. Hoje tenho a impressão de que seu cabelo não está branco, mas grisalho.



Multiplicando problemas

Arty ordenou que a tenda das gêmeas fosse desmontada. Zephir McGurk estava pensando em como usar os materiais para aumentar a tenda de Arty. O caminhão-palco das gêmeas ainda existia, mas estava embalado para viagem. O grande piano acumulava poeira.

Crystal Lil estava aborrecida. Papai passou horas tentando acalmá-la. Ela disse que as gêmeas haviam sido “trancafiadas”. Ele usou a palavra “sabático”.

“Elas vão ficar ocupadas com o bebê”, papai justificou. “Lembra de como ficava cansada? Elas são fortes, mas, Lily, a barriga está começando a aparecer. As meninas não podem subir no palco com uma barriga saliente. Teríamos tumultos nas tendas. Investigações.”

“Al, elas não têm nem dezenove anos. Se pararem de trabalhar agora, vão se afastar de tudo. Não deveriam ficar ociosas. E por que não posso vê-las? Elas precisam de mim.”

“É um período de ajuste para elas. Apenas um momento de adaptação à ideia da maternidade.”

“Parece alguma coisa que Arty diria.”

A sala de segurança do quarto de Arty era minha responsabilidade de novo. A cama tinha sido retirada, e só a banqueta e a arma ocupavam o cubículo. Eu ainda sentia o cheiro de remédio e suor e o odor fraco de decomposição que o Homem do Saco havia deixado ali. Ajeitei-me na banqueta e olhei através do espelho para o grande quarto de Arty. Aos poucos, minhas pernas — o traseiro inteiro, na verdade — adormeceram. Dormente e inútil. Mas eu tinha sorte. Chovia muito lá fora, e a companhia de Arty desta noite estava sentada no tanque de propano embaixo da janela, segurando um pedaço de jornal ensopado sobre o cabelo. Quando ele a deixou entrar, a garota parecia um gambá todo borrado, não a predadora de bunda dura que era. Esqueci o nome dela. Elas eram Didi ou Lisa ou Suki naquela época.

Ele as escolhia entre as normais que ficavam gritando no portão quando ele

aparecia depois do show. Elas pulavam e berravam por um olhar quando ele saía pelos fundos do caminhão-palco e subia em seu carrinho de golfe. Arty se recostava, sorrindo e mostrando muitos dentes em volta do controle que segurava na boca, passando pela cerca para se deixar ver.

Se ele parasse o carrinho, eu ou um dos seguranças nos aproximávamos para ouvir as instruções. “A de regata cor-de-rosa”, ele dizia. Ou: “São todas vacas nesta cidade. Onde estamos, mesmo?”.

“Great Falls”, eu respondia.

“Traz aquele rinoceronte de macacão de lantejoulas e o avestruz de saia vermelha.” Eu pulava a cerca enquanto ele seguia para a van.

“Eu?” As escolhidas gritavam quando eu acenava para que elas pulassem a cerca.

“Eu?”

Eu as deixava esperando na “sala verde”, como Arty chamava a perua de McGurk, ou no tanque de propano do lado de fora da janela dele. Era a única tarefa ordenada por Arty que eu preferia deixar a cargo de outra pessoa.

Essa Lulu, em particular, ficou presa debaixo de um temporal de janeiro por três horas porque Arty estava em reunião com a conselheira técnica no comando, a dra. Phyllis.

“O que eu realmente queria...” Arty estava deitado em cima da colcha de cetim e usava apenas uma cueca de algodão. As nadadeiras puxavam e alisavam o cetim. Ele passava a pele nua da cabeça no tecido morno e escorregadio, e arqueava as costas, pressionando as omoplatas contra a maciez.

“Diga”, murmurou a dra. Phyllis. Ela estava relaxada na poltrona, com uma perna na meia branca sobre o braço da cadeira, o pé no sapato de sola de borracha pendurado do outro lado. Os óculos brilhavam entre a touca branca e a máscara cirúrgica. Ela olhava diretamente para Arty e, provavelmente, dissecava as articulações da bacia e dos ombros em sua cabeça.

“Estou curioso com a possibilidade de separar as gêmeas”, disse Arty.

A dra. Phyllis grunhiu. “Impossível. Eu lhe disse isso anos atrás.”

Arty bocejou, se contorcendo. “Bem, pensei que se mantivesse atualizada em novas técnicas e desenvolvimentos.”

A dra. P. não se deixava intimidar. “Não tem nada a ver com técnica. É a formação das gêmeas.”

Arty virou de bruços e olhou diretamente para ela. “E se eu estivesse disposto a sacrificar uma gêmea para salvar a outra?”

“Qual delas?”, a dra. Phyllis perguntou num tom doce.

Arty sorriu. “Não importa.”

A srta. Z. estava saindo quando cheguei na van de Arty alguns dias depois. Ela acenou para mim com uma pasta e eu li as palavras “Dime Box” na frente. Arty estava em seu momento de jovem executivo elegante, mas perguntei sobre a pasta assim que ela saiu.

“Lembra da Roxanne? A mecânica de motocicletas em Dime Box?”

“A garota de teta de couro de Horst que tem aquela risada?”

“Ela está administrando o lar P.I.P. no Texas. Nove acres depois da antiga Dime Box. Foi aberta para os hóspedes há três meses, mas já está se tornando popular.”

A dra. P. e Chick estavam a caminho, por isso fui para a sala de segurança. Eu me acomodei na banquetta e tentei respirar pela boca para não sentir tanto o cheiro de remédio.

A dra. P. estava sentada tão ereta que sua coluna branca e gorducha não tocava o encosto da cadeira estofada de madeira. Chick descansava no tapete com um sapato desamarrado e as duas meias abaixadas. Um pequeno lápis permanecia em pé sobre a ponta fina em seu joelho dobrado. O lápis balançava como um metrônomo, perdeu o ritmo por um instante e recomeçou o movimento, executando uma valsa quatro por quatro sobre seu joelho coberto de brim.

Arty se inclinou sobre a mesa e examinou Chick com ar pensativo. Arty em seu colete cinza, Arty com a camisa branca de colarinho e a gravata de seda preta. Arty com os ossos finos das nadadeiras tocando a madeira brilhante da mesa. Arty com o crânio redondo claramente visível sob a pele e uma veia azul pulsando acima da orelha. Ele falou com Chick de um jeito terno.

“A dra. Phyllis me contou que você não está muito satisfeito com meu plano para as gêmeas.”

Os olhos de Chick oscilaram rapidamente, passaram do lápis dançante ao rosto de Arty e voltaram ao lápis. Arty abaixou a cabeça.

“Fale sobre isso, Chick.”

A dra. P., cujas mãos protegidas por luvas brancas descansavam no colo, piscou tranquilamente para a parede atrás de Arty e manteve-se muito ereta em sua cadeira. O lápis que estava no joelho de Chick caiu no tapete. Chick sentou-se e abraçou os joelhos.

“Não é bom. Não é bom, Arty. Você sabe.”

O rosto de Arty estava quente e imóvel com aquele ar de sabedoria.

“E se fizer isso”, Chick o encarava surpreso, como se tivesse acabado de descobrir uma maravilha, “nunca mais vou gostar de você, Arty!”

O que espantava Chick não era surpresa para Arty. Não ser apreciado era um terreno familiar, e sua habitual capacidade inventiva entrou em ação. O rosto

se transformou suavemente em uma máscara de piedade.

“Ah, Chick, meu menino, tudo bem. Está tudo bem. É claro que sua sensibilidade foi ofendida. Não pode deixar de ser um normal, e eu tenho pena de você por isso. Mas não tem a menor importância. Não, não importa se você gosta de mim ou não, querido Chick. Porque eu gosto de você.”

Depois que Chick e a dra. P. saíram, perguntei ao Arty que diabo ele estava deixando a médica fazer com as gêmeas. Ele respondeu de um jeito relaxado, tranquilo, que ela iria apenas “se livrar da parasita”. Presumi que ele estava se referindo a um aborto e que a morte do bebê era o que incomodava Chick.

Contei-lhe que Chick sentira o bebê se aproximando dele. Arty se reclinou na cadeira e me ofereceu uma dose de silêncio. Quando me lembro disso agora, penso que ele deveria estar rindo por dentro enquanto me via argumentando sem muito conhecimento ou entusiasmo, totalmente enganada.

“Vá embora, Oly”, ele disse. E olhou para a pilha de papéis sobre sua mesa com um ar exausto que deveria me fazer sentir mais baixa do que um rastro de lesma. Aquilo me deixou brava.

“Você anda comendo o próprio cocô, Arty Binewski? Não está esquecendo que é só uma aberração híbrida que sabe fazer uns truques?”

“Saia”, ele disparou.

Eu saí.

Chick explicou tristemente que não podia falar comigo sobre o plano para as gêmeas. Não podia e não falaria. “Pode me fazer chorar”, ele avisou, “mas não pode me obrigar a falar sobre isso.” Envergonhada, eu o deixei em paz.

Arty não me deixou entrar em sua van por uma semana. A srta. Z., ou uma de suas aprendizes, vinha até a porta e dizia: “Arturo não quer te ver”.

Os guardas não me deixaram ver as gêmeas durante esse tempo. Quando eu levava as refeições, Ike ou Mike, ou quem estivesse na frente da porta das gêmeas, pegava a bandeja que eu levava e a devolvia suja com os restos da refeição anterior. Os bilhetes que eu escondia embaixo dos pratos, e uma vez dentro de um sanduíche de peru, eram metodicamente procurados e encontrados diante dos meus olhos, e então devolvidos sem uma palavra sequer. Uma das damas arturanas estava lá dentro com as gêmeas. O guarda batia e a criatura abria a porta para trocar as bandejas.

Finalmente escrevi “Desisto” em um papel e o entreguei à noviça que abriu a porta de Arty. Ela voltou e me mandou entrar para verificar se as gêmeas estavam comendo ou jogando a comida no vaso sanitário.

Arty permitiu que eu voltasse a cuidar das tarefas. Ele não falava comigo, porém. Estava completamente envolvido com os seguidores puxa-saco. Não

tentei pressioná-lo. Entendi que ele não precisava de mim, que podia me tirar de sua vida permanentemente e nunca sentir minha falta. Ele tinha todos os outros dançando à sua volta. Para mim, só havia Arty.

Ele não precisava de nós.

Vi a mensagem ser absorvida pelas gêmeas. Elly sempre soube, mas isso era novidade para Iphy. Não que elas falassem comigo. Não falavam.

Tentei preveni-las no início. “Escutem”, implorei, “ele está planejando um aborto.”

Elas olharam para mim. Elly riu. Uma gargalhada debochada. “Duvido”, disse. E foi só o que falou comigo.

Eu era o inimigo, ou tão próxima do inimigo quanto eram capazes de estar naquele momento. As gêmeas ficavam em silêncio quando eu estava lá. Elly nunca falava. Iphy murmurava “por favor” e “obrigada” quando eu levava a comida e fazia a limpeza para elas. Elas nunca comiam na minha frente. Estavam emagrecendo muito. Os olhos eram mais fundos, perdidos em cavernas escuras no rosto. Elas não se vestiam. Não tomavam banho. Não contei ao Arty. Não queria causar mais problemas para elas. Até onde eu sabia, tudo o que elas faziam era se reclinar nos travesseiros na grande cama o dia todo. Não liam, não ensaiavam nem estudavam. Mas vi o conhecimento crescendo no rosto de Iphy e endurecendo as expressões de Elly. Elas sabiam mais do que eu.

Nunca pensei em como as gêmeas poderiam ficar largas quando deitadas lado a lado. Uma maca comum deixaria cabeças e ombros pendurados nas laterais. A sra. P. mandou quatro noviças removerem uma porta dos fundos da van.

Nós as prendíamos à porta quando Elly abriu os olhos e olhou para mim. Uma dúvida cheia de medo erguia suas sobrancelhas. A pupila se contraía na íris violeta, mas as pálpebras eram pesadas e fundas, e relaxavam as linhas da testa quando se fechavam. A dra. P. se inclinou para tocar a garganta de Elly com a mão enluvada.

“Queria saber se essa é a mesma porta que usou com aquele cavalo”, comentei nervosa.

A cabeça da dra. P., coberta pela touca branca, se virou para mim como uma metralhadora de tanque de guerra.

“Você se lembra daquele cavalo com os pés podres?”, tentei.

Ela assentiu para as noviças. Com um homem vestido de branco em ambos os lados da porta, eles seguiram em frente. Tiveram que virar a porta de lado para fazê-la passar. As gêmeas continuavam indiferentes quando foram tiradas

da van.

Arty estava do lado de fora, esperando em sua cadeira com um guarda ao lado dele no escuro.

“Espere. Aponte a luz para elas.”

Uma lanterna disparou um cone branco e frio na escuridão. Arty se aproximou para olhar as gêmeas adormecidas.

“Qual é o problema?” A voz dele era ríspida. “Estão com uma aparência horrível! Elas estão doentes!”

“O que você esperava?” A dra. P. ficou impaciente. “Elas passaram meses trancadas lá dentro!”

“Mas o cabelo. Elas podiam tomar banho.” Arty soava estridente e frágil. As noviças olhavam nervosas para ele.

“Arty.” Toquei seu ombro e ele desviou o olhar das gêmeas adormecidas. A luz se apagou e acendeu novamente. A dra. P. conduziu as noviças pela rampa. Arty as seguiu na cadeira e eu fui atrás dele.

Esperamos do lado de fora enquanto eles inclinavam novamente as gêmeas para passar pela porta do centro cirúrgico. A dra. P. parou para uma última palavra.

“Gostaria de repetir que considero esse horário impróprio para um trabalho desse tipo. Prefiro trabalhar às nove ou dez da manhã. Esse tempo que antecede o amanhecer é quando a vitalidade da maioria dos pacientes está em seu nível mais baixo.”

“É, bem, teria sido melhor se não tivesse apagado as duas!” A voz de Arty estava alterada.

“Sedativos.”

“Vamos logo com isso.”

A médica entrou, a porta se fechou e a cadeira de Arty começou a se mover no escuro. “Eles vão demorar um pouco para se lavar e concluir os preparativos”, Arty murmurou, “mas quero me acomodar lá em cima para assistir.”

“Ah, Arty!”, gemi, correndo atrás dele. “Não podemos olhar! Não isso!” Eu ainda pensava em aborto. “Eu não suporto olhar.”

Mas ele havia encaixado uma das rodas da cadeira no para-choque do caminhão e subia no primeiro degrau da escada estreita que levava ao pequeno auditório sobre o centro cirúrgico.

“Não precisa olhar. Eu preciso.” Ele subia depressa.

Saí dali e fiquei andando em volta das vans da família, querendo a mamãe e o papai, que roncavam em profundo contraponto. Eu conseguia ouvi-los pela

janela fechada. Eu havia misturado as mesmas gotas no chocolate quente deles e no leite das gêmeas.

DO DIÁRIO PESSOAL DE NORVAL SANDERSON:

A adorável dra. Phyllis estava bem desanimada por ter estragado a lobotomia de Electra. Depois de reduzir aquela brilhante criatura a um estado permanente parecido com a inclinação líquida de uma abobrinha podre, a boa médica se sentia inspirada em vez de aflita.

A dra. Phyllis tem uma voz que parece a brisa da Antártica, mas é uma voz jovem, mais jovem que o corpo, talvez por ser usada tão pouco e com tanto cuidado. Agora ela fala com mais frequência e com mais gente. Tornou-se uma evangelista glacial em sua nova causa. Eu a vejo perseguindo o pessoal do escritório arturano, passando sermões nos noviços, recitando advertências aos mais elevados.

Sua mensagem é sucinta e vigorosa: lobotomia é o atalho final para o p.i.p. Arturo, ela diz, está torturando seus seguidores com amputações prolongadas, caras, graduais. Ele está negando fornecer àqueles que se esforçam para imitar seu ideal o acesso eficiente, indolor e praticamente instantâneo à Paz, Isolamento e Pureza, o qual tem o poder de distribuir. Por que esperar? Por que continuar sentindo partes que não mais existem? Corte de uma vez! Corte fundo! Corte onde importa!

E ela está causando confusão. Os noviços murmuram desorientados. Os elevados balançam seus tocos e fazem perguntas beligerantes. A dra. P. está fomentando uma cisão radical na igreja arturana.

Arty tem que lidar com uma revolução, e onde ele está? Chorando por seu amor perdido. Não Elly, mas Iphigenia. Ele é sutil sobre isso. Apenas pergunta sobre sua saúde e quer saber seu paradeiro cerca de meia dúzia de vezes por dia. O binóculo instalado no tripé rotatório em sua janela serve, ele diz, para ficar de olho no rebanho. Ele nunca o usaria para vigiar a pálida Iphy em seu doloroso progresso do corredor até o Cano, com sua barriga saliente que a faz caminhar inclinada para a frente, enquanto ela se esforça para equilibrar o monstro sem forma que brota de sua cintura. Ela caminha com um braço estendido para não perder o equilíbrio e arrasta a perna instável do outro lado.

A opinião geral sobre Arty varia, desde aqueles que o veem como um profundo humanitário aos que o consideram um réptil impiedoso. Eu já defendi a maioria das opiniões nesse espectro em um momento ou outro. Ver Arty choramingando por Iphy, porém, me fez considerá-lo apenas um cara comum — ciumento, amargo, possessivo, competitivo, em uma aflição constante para disfarçar a falta de autoestima, afogando-se num amor mortal e totalmente incapaz de evitar se queimar no fogo do inferno em sua busca por vingança.

O estimável Zephir McGurk me informa, do seu jeito lacônico, sobre o tabuleiro de xadrez (um jogo no qual sua pesada integridade metódica revela-se inatacável), que Arty o fez projetar um sistema de escutas que ligava a van das gêmeas a um equipamento de gravação no console de Arty. Ele pode ouvir cada palavra, cada movimento.

Acho isso deprimente. A ideia de Arty ali sentado e ouvindo hora após hora os passos, o virar de páginas, a descarga do banheiro, o pente deslizando nos cabelos. A conversa de Elly havia sido reduzida à um triste “hummm” e Iphy não tem disposição para cantar. Seu piano está coberto de poeira (de acordo com McGurk) e Arty está ouvindo ela lixar as unhas.

Dra. P. está frustrada com a ineficiência do método de Arty. Mencionei a teoria de Arty de aclimação e compromisso continuamente renovado. “É de se respeitar”, eu disse, “o desejo de Arturo pela total compreensão por parte do Admitido. Cada elevação é um passo voluntário, um passo considerado, e permite àqueles que hesitam recuar a qualquer momento.”

Mas ela começou a falar sobre quantas horas já havia passado tirando meus quatro dedos dos pés, e seriam horas em cirurgia para remover os que ainda restavam, e isso me levaria apenas ao primeiro nível de elevação, enquanto, se ela tivesse permissão para ser eficiente, poderia me levar “até o fim do caminho em uma hora na mesa”.

Seu rosto se cobriu de umidade com o esforço, e a explosão final embaçou os óculos. “Agora ele quer acrescentar a lobotomia ao fim! Ele fala sobre a possibilidade de mandar buscar todo mundo para a conclusão, trazê-los de volta da casa de repouso em grupos pequenos para que eu faça mais um trabalho neles! Passo de oito a dez horas todos os dias em cirurgia. Estou tendo uma reação alérgica às minhas luvas, a menos que seja o sabonete. Minhas mãos estão descamando e

as articulações estão inchadas.”

Eu sabia que não deveria sugerir a contratação de outro cirurgião para ajudá-la.

Ela diz que Iphy está vivendo uma gravidez perfeitamente normal, mas pode estar esperando gêmeos. Perguntei sobre Chick, que parecia péssimo ultimamente. Ela diz que ele está deprimido e que vai tratá-lo com complexo B, zinco e polichinelos. “Exercício é a panaceia final... oxidação de impurezas e assim por diante”, diz ela.

Conversei com Chick no fundo do vagão dos felinos naquela manhã. Um velho pneu estava caído na terra e Chick pulava em cima dele, os pés plantados em lados opostos, as mãos no topo da cabeça, o macacão folgado tremulando sobre o corpo magro. As alças do macacão repousam sobre os ombros nus, enfatizando a magreza de um pescoço da grossura do meu pulso. Ele foi educado como sempre, mas pensava em outra coisa. O rosto voltado para mim tinha uma expressão faminta e envelhecida. Ele disse que estava “esperando Iphy”. Não, não precisava trabalhar hoje porque a doutora estava participando de reuniões e fazendo discursos. (Essa é a primeira notícia que escuto sobre a greve cirúrgica da doutora.)

Queria interrogá-lo sobre algumas “histórias do Chick” que circulavam por ali, mas Iphy apareceu arrastando Elly, que babava. Chick pulou do pneu, disse “tchau” e correu para ela. Ele a envolveu com um braço e encaixou um ombro embaixo da axila de Elly para ajudar a sustentar seu peso morto. Eles se afastaram. Os três. Dois? Ou contamos a barriga arredondada e falamos em quatro?

Vi o esquadrão de Arty marchando pelo acampamento e me aproximei da cerca para alcançá-los. O jeito como ele se inclina para a frente dá uma ilusão de velocidade enquanto a cadeira vibra e geme sobre os sulcos secos e a grama morta do acampamento arturano. Seus seletos noviços não ousam tocar a cadeira, a menos que ele peça.

Ele parou diante da porta aberta de um carro empoeirado em cujas janelas havia trapos brancos pendurados para secar. Lá dentro, no banco de trás, estava um homem elevado com braços que terminavam em volumes de tecido branco no cotovelo e uma perna cortada na altura do joelho. O estofamento do carro libera uma nuvem de poeira cada vez que o homem se mexe no banco.

Arty acenou para o rosto imerso nas sombras: “Tem tudo de que precisa?”.

O homem amputado se vira surpreso, torcendo o pescoço: “Arturo, senhor?”. Seus olhos mostravam o branco na penumbra.

A cabeça de Al brilhava ao sol. “Está sendo bem tratado? Precisa de alguma coisa?”

“Bem, aquele garoto que deveria me ajudar... não quero reclamar, mas ele está sempre longe. Ontem, não pude evitar, molhei a calça, e quando ele pareceu, é claro que eu tinha uma assadura.”

Arty riu, assentindo: “Parece que precisa de um substituto. Como é o nome do garoto?”

“Jason. Mas ele é um bom menino. É novo, só isso.”

Arty girou na cadeira e olhou para sua equipe. Uma dúzia de costas eretas e uma dúzia de rostos tentando expressar alegria e animação.

“Quem vai servir esse homem elevado?”, Arty perguntou. As mãos se ergueram, os cinco dedos abertos para mostrar o status de serviçal.

“Srta. Elizabeth”, disse Arty, acenando para ela. A mulher deu um passo adiante, o vestido branco esticado sobre o corpo cada vez mais gordo. O cabelo estava preso em um coque no alto da cabeça. Trinta e cinco anos. Alguma coisa queimava em seu rosto suave. “Como espera ser servida?”, Arty perguntou.

“Na minha vez”, suspirou a srta. Elizabeth com todos os seus dedos das mãos e dos pés.

“Quando aquele menino Jason der as caras, mande-o falar comigo”, disse.

A srta. E. se afastou do grupo, sentou no banco da frente do carro e começou a examinar o conteúdo de uma sacola de papel cheia de roupas, que separava em limpas e sujas.

O homem elevado no banco de trás acenou com os braços cortados e esticou o pescoço à sombra das bandagens que secavam penduradas nas janelas. “Do jeito que você é!”, gritou. Arty assentiu, virou a cadeira e se afastou.

Ele chama esse procedimento de “rondas”. É um desenvolvimento recente, provavelmente desencadeado pela médica e sua agitação. Eu o segui da tenda à van e então até as picapes que armazenavam mosquiteiros e sacos de dormir.

Ele censurava, se solidarizava, fazia as pazes, movia pessoas de um trabalho para outro, de um acampamento para um lugar mais tranquilo. Falava com os cozinheiros na grande tenda-refeitório para

garantir que haveria um cardápio vegetariano. Mandava mensageiros de seu batalhão de discípulos para transmitir ordens ou levar recados. Passou umas três horas por ali entre os sem fibra, os chorões, os parasitas, os simplórios e as boas pessoas de sua congregação. Acabou voltando ao próprio trailer com uma aparência muito cansada e jovem. Empurrei a cadeira dele pela rampa até o deque e abri a porta.

“Então vai ter que lidar com uma greve”, eu disse.

Ele entrou sorrindo e eu o segui. Arty aproximou sua cadeira da mesa e começou a examinar uns papéis. “Tenho uma insurgente nas minhas nadadeiras”, brincou, “mas sempre soube que um dia ela se rebelaria. Não estou surpreso.”

“Se ela parar de cortar, vai ter você na palma da mão.”

Arty olhou para mim com um sorriso vazio. “Não sou tão bobo. Ela está treinando o próprio substituto há anos.”

Iphy trançou o cabelo de Elly para que ela não babasse nos fios. Iphy, com suas mãos que mais pareciam as asas de um anjo, penteando e arrumando as longas mechas brilhantes enquanto Elly se apoiava nela. A cabeça de Elly caída para a frente sobre o pescoço muito longo, muito fino, o rosto com os olhos vazios piscando para as almofadas do sofá.

Iphy prenderia as longas tranças em coques pretos sobre as orelhas de Elly, fazendo as próprias tranças em seguida. Então Iphy voltaria o rosto inexpressivo e úmido para ela e o limparia com uma esponja, ajeitando as sobrancelhas e fechando a boca com uma das mãos para que, por um instante, ela ficasse parecida com Elly. Até Iphy soltar e o queixo cair de novo.

Horst nos levou à pradaria e estacionou na grama polvilhada de branco. Mamãe ajudou Iphy a descer e distribuiu os recipientes de plástico.

“As gêmeas sempre tiveram dedos inquietos”, mamãe falava. “Dedos inquietos, mas só Oly e eu fazíamos nossa parte da melhor maneira que podíamos.”

Horst se apoiou no para-choque com um pedaço de pau, para o caso de aparecer uma cobra, mas logo adormeceu ao sol como um de seus felinos.

Mamãe estava perto dos pés de amora, erguendo a mão para os emaranhados de espinhos e cantarolando. Os dedos de Iphy não estavam inquietos. Com o braço que apoiava Elly, ela segurava o balde junto do ventre inchado e levantava a outra mão para colher as frutinhas escuras, sem se importar com os arranhões deixados pelos espinhos em seus braços e pernas. Ela

tomava cuidado com Elly, mantendo-a longe dos arbustos, andando desajeitada, enroscando os tornozelos no mato, trabalhando devagar. Eu ia andando, colhendo e me arranhando.

O sol descia e a poeira subia, e depois de um tempo a voz fina de mamãe ficou distante. Iphy me chamou, dizendo: “Preciso sentar”.

Ela se segurava em um cipó grosso e caído quando me aproximei dela. Peguei o balde e me coloquei embaixo de Elly. O rosto inexpressivo e vazio caiu sobre minha cabeça quando Iphy se virou devagar. Saímos do meio das amoreiras.

“Na grama está bom”, disse Iphy.

Mas eu a levei para a sombra ao lado da van. Ela sentou e puxou a cabeça de Elly sobre seu ombro.

“Vou só descansar um pouco. Ficar no sol...”

Horst estava acordado, piscando e batendo com o pedaço de pau no chão, fingindo que não tinha dormido. Fui procurar a mamãe.

Mais tarde, na pia da nossa van, mamãe lavava a mancha azul, tirando uma ou outra aranha, lagarta ou caules do balde.

“Não é o que costumamos ter para começar, mas podemos voltar lá amanhã. E isso vai caber bem em uns seis ou oito potes.”

As frutas começavam a ferver na grande panela sobre o fogão. Mamãe mexia lentamente o conteúdo da panela com uma colher de pau.

Apoiei meus braços na mesa e disse: “É melhor Iphy não ir amanhã. Ela se cansou muito”. Eu sentia o cheiro das frutas e do suor de mamãe, observando o movimento das veias azuis atrás dos seus joelhos.

“Faz bem para elas. As gêmeas sempre adoraram colher amoras, mais do que comê-las. Elly gosta da geleia.”

“Elly não gosta de mais nada.”

Os joelhos se enrijeceram e eu olhei para cima. A colher estava imóvel. Mamãe olhou para a panela.

“Mamãe, Elly não está mais lá. Iphy mudou. Tudo mudou. Todo esse negócio de colher frutas, preparar refeições para as quais ninguém aparece, bolos de aniversário para Arty. É bobagem, mamãe. Pare de fingir. Não tem mais família nenhuma.”

Ela me bateu com a colher. Dura e molhada, ela acertou minha orelha e respingou o suco escuro sobre a mesa. Mamãe olhou para mim, apavorada, a boca e os olhos cheios de medo. Sustentei o olhar dela. Depois me virei e saí correndo.

Fui até o caminhão-gerador e subi no capô para me sentar ao lado do vovô.

Essa foi a única vez que mamãe me bateu, e eu sabia que tinha merecido. Também sabia que mamãe estava confusa demais para entender por que eu tinha merecido. Ela girara a colher num reflexo de tigresa diante de uma blasfêmia. Mas eu acreditava que Arty havia dado as costas para nós, que as gêmeas estavam acabadas, que Chick estava perdido, que papai estava fraco e amedrontado, que mamãe se movia no meio da névoa, e que eu era uma imitação de adolescente sentada nas ruínas, vendo as luzes desmoronando e me aquecendo na fumaça da pira fúnebre. Era assim que eu me sentia e queria companhia. Odiava mamãe por se recusar a enxergar o suficiente para ficar infeliz comigo. Além disso, talvez uma boa parte da minha essência infantil ainda permanecesse, pois eu pensava que, se ela ao menos abrisse os olhos, seria capaz de consertar tudo como se a situação fosse um brinquedo quebrado.

Uma ruiva passou tropeçando, os saltos vermelhos perfurando a terra. Ela olhou para mim. Abriu a boca para dizer alguma coisa, depois desviou o olhar e seguiu em frente.

Decidi que iria para onde os engolidores estavam estacionados e conversaria com o Almofada de Alfinetes Humano. Eu o observava há semanas. Alimentava a fantasia de que talvez ele quisesse fugir comigo e se juntar a outro circo, algo mais simples, que passasse os invernos na Flórida e onde a vida fosse calma. Poderia convencer o circo a aceitar o Garoto Alfinete e cozinhar para ele, faria seus figurinos e comandaria a cabine de luz e som do seu espetáculo. Um jovem garoto em começo de carreira poderia ter propostas piores do que eu como ajudante. E, se eu me esforçasse muito, ele me deixaria dormir com os braços e as pernas ao redor dele a noite toda. O Garoto Alfinete parecia gostar de mim. Ria das minhas piadas e uma vez foi me procurar quando eu massageava Arty.

Era de se imaginar que anões tivessem passado pelo Fabuloso Circo Binewski durante toda a minha vida. Era, na verdade, embora acidentalmente, muito raro ver alguém como eu. Tínhamos as habituais meninas-macaco e os rapazes-jacaré e um interminável rebanho de gordos e gigantes.

Mamãe sempre dizia que os gordos haviam saído de moda porque, atualmente, uma em cada dez bundas na rua era mais larga do que aquela na tenda. As pessoas podiam ver isso de graça em qualquer quarteirão. Gigantes também estavam perdendo o emprego, segundo mamãe, para o basquete e para as drogas dadas aos bebês para que pudessem se tornar jogadores.

“Tudo é fase. Mas algumas coisas nunca saem de moda.” Artistas famintos, gente gorda, gigantes e os números com cachorros iam e vinham, mas as *verdadeiras* aberrações nunca perdiam o encanto.

Acontece que o Garoto Alfinete que tinha se juntado ao nosso grupo atual de engolidores era corcunda. Tinha braços e pernas comuns e cabelos vermelhos. Era frágil como um cisne de vidro, com pele fina e sardenta, olhos castanhos e um rosto claro, honesto. Seu nome era Vinnie Sweeney. Ele tinha apenas vinte anos e trabalhava há muito tempo participando de outros números, tentando economizar dinheiro para ter a própria tenda e o próprio trailer.

DO DIÁRIO DE NORVAL SANDERSON:

Lily está piscando para mim com ar conspirador. Ela tira o pó e lustra as tampas e os potes em cima do balcão. Os vermes gostam disso, sem dúvida. Lembro de um antigo verso: “Você é adorável, e é gentil à tenra juventude de leões vorazes”.

Ela diz que hoje deu uma volta com Iphy. Parece ignorar a existência do que sobrou de Elly, pois nem a menciona. Está completamente encantada com “meu neto” e sua atual forma protuberante.

“Eu flutuo!”, diz Lily, me fazendo pensar nos tempos em que ela realmente devia ter flutuado. Crystal Lil “flutua” porque os filhos de Iphy são gêmeos, e não seria um milagre e uma bênção se fossem gêmeos siameses? Ela (Lily) diz que Iphy está muito grande para uma gestação de seis meses. Iphy diz que a única coisa que deseja é ver Arty. Lil pergunta se posso falar com Arty sobre isso. O rapaz está tão ocupado que não o vejo senão de longe, no acampamento, ou se apareço na hora do espetáculo e assisto à apresentação.



A grande arma do General

DOS ARQUIVOS DE NORVAL SANDERSON:

(Iphigenia, grávida, abraçando a lobotomizada Elly no sofá da van das gêmeas — conversa com N.S.)

“Oly tem um namorado? Oly e o Garoto Alfinete? Como ela pode ter tempo para isso? Está sempre com Arty.

“Quase tive um namorado uma vez. Elly teria deixado. Ela achava legal. Ignorava quando eu falava com ele. Sempre que ele estava por perto, ela ficava quieta. Queria que eu o amasse.

“Ele era apenas um geek. Era limpo entre as apresentações. Lavava roupa, arrumava a cama do beliche com capricho. Era um garoto pobre, dizia, por isso sabia como cuidar de si mesmo. Pensei em como seria bom... em como teria orgulho de limpar e cozinhar para um homem que sabia limpar e cozinhar. Eu me sentiria bem cuidando de um homem capaz de cuidar de si mesmo.

“Mas ele era um normal. No começo achei que era bonito, embora fosse normal. Mas esse negócio pega a gente. Depois de um tempo, ele era tão normal que me incomodou, me afetou... não sei. Como as cores de uma árvore na primavera em contraste com aquele tipo de céu azul que entra pelos olhos e toca seu coração. Coisas bonitas envolvem a gente desse jeito, como se o coração fosse uma colmeia de abelhas elétricas. Ele era assim, o garoto geek. Fazia o normal parecer bonito para mim. E Elly dizia que não se importava. Ela queria que eu me envolvesse. E me envolvi. Eu via o garoto e ficava feliz. Quis falar com ele, e ela deixou. Depois eu não conseguia mais ficar feliz longe dele, sem falar com ele.

“Ele ria muito e contava piadas bobas, e iria embora no outono para ir para a faculdade. Viveu um período maravilhoso sendo o geek. E ele tinha dentes longos, perfeitos. As ruivas o chamavam de

‘querido’.

“Ele começou a prestar atenção em mim. Ia nos procurar e conversava comigo. Não com Elly, mas comigo. Levava seu almoço em uma sacola e sentava com a gente. Esperava do lado de fora de manhã e nos acompanhava até o ensaio. Mas só falava comigo. Contava coisas sobre ele. Coisas doces, coisas tristes.

“Então algo terrível aconteceu. Ele esqueceu dela. Esqueceu que ela era parte de mim. Era isso o que queríamos que acontecesse. Elly ficou contente e exultava na cama à noite. Ele me tocava. Colocava a mão no meu cabelo com delicadeza. Segurava minha mão. Eu vi nos olhos dele, então parei. Elly ficou brava. Ela me mordeu na parte interna do braço até nós duas chorarmos. Mas ela queria me afastar de Arty. Não dava a mínima para o garoto. Queria que eu amasse alguém que não fosse Arty. Você conhece Elly. Ela imaginou que eu ia amar alguém, com ou sem sua aprovação, e decidiu que poderia lidar com qualquer pessoa, menos Arty. Arty é demais para ela.

“Ela ficou brava quando parei. Não pude evitar. Foi uma coisa que se abriu e inundou minha cabeça. Elly entendeu, mas ficou brava. Agora sei que não é bem assim. E nunca mais vou deixar isso acontecer.

“Ele começou a me amar, sabe? Era puro, como aquela folha contra o céu. Não estou dizendo que era ingênuo, inocente, virgem ou virtuoso, embora fosse bom, mas que era simplesmente o que era, da ponta dos dedos do pé até o topo da cabeça. Normal com N maiúsculo. Era isso o que eu amava. Mas, quando o olhar dele mudou, percebi que se há uma coisa que um garoto saudável, bonito e totalmente normal não faz é se apaixonar por gêmeas siamesas.

“Foi assim que aprendi. Eu posso amar um normal daquele jeito. Mas se ele me amar é porque o perverti e transformei. Se me amar, ele está corrompido. Não posso mais amá-lo. Não vou fingir que não doeu.”

(Arty — conversa com N. S.)

“Há aqueles cuja vulgaridade é tão aparente e incapacitante que eles tentam fugir dela. Fingem uma atitude exuberante e alegam originalidade de acordo com as excentricidades em voga no seu tempo. Declaram inteligência, talento ou indiferença aos costumes em tentativas desesperadas de negar a própria mediocridade. Frequentemente, esses são os artistas, aventureiros e devotos da vida

sem regras.

“E há aqueles que sentem a própria estranheza e ficam apavorados com ela. Lutam para se aproximar da normalidade. Sofrem exatamente na mesma medida em que são incapazes de parecer normais aos outros, ou de se convencer de que sua aberração não existe. Esses são os verdadeiros bizarros, que parecem, quase sempre, convencionais e sem graça.”

(Arturo em resposta a críticas)

“É interessante que quando esses indivíduos escolhem — e a escolha é sempre deles — suportar amputações voluntárias em benefício próprio, a sociedade se declare chocada e totalmente contra. Mas essa mesma sociedade respeita o conceito de que qualquer indivíduo deve se expor ao risco da total aniquilação na guerra, sujeito ao julgamento de qualquer oficial superior e por propósitos que variam desde uma promoção a tenente a rendimentos mais altos para a indústria de armas. Não, eles não só respeitam essa ideia, eles contam com isso. E atiram na sua bunda se você não concordar.”

N.S.: Se você pudesse fazer isso acontecer com um estalar de dedos, não ia querer que toda a sua família fosse física e mentalmente normal?

Oly: Isso é ridículo! Cada um de nós é único. Somos obras-primas. Por que eu ia querer transformar todo mundo em produtos de linha de montagem? Vocês só conseguem se distinguir pelas roupas. (A srta. Olympia começa a rir e se recusa a responder outras perguntas com seriedade.)

A vida amorosa de Zephir McGurk acontecia em seu carro de safári com as cortinas de lona cáqui abaixadas. Se havia um excedente de mulheres na porta de Arty, ou se uma delas não despertasse seu interesse (ele gostava, aliás, de tipos pneumáticos padrão que usavam produtos de beleza comerciais), ele as mandava para McGurk. O discurso de Arty não era especialmente criativo. Ele recitava o velho: “Você pode me fazer um favor? Vá consolar o meu tenente de confiança em sua rotina espartana de dedicação”.

Evidentemente, a conversa funcionava com frequência suficiente para manter McGurk saudável e calmo. McGurk era um cavalheiro, tanto que ninguém que tenha ido bater em sua janela depois do horário de fechamento do

parque saiu correndo e gritando de medo, dor ou vergonha antes do amanhecer. Havia saídas ocasionais como aquela da van de Arty, mas os guardas as pegavam, alcançavam e compravam seu silêncio.

Os encontros de McGurk sempre foram discretos. Ele nunca era visto com mulheres e nunca se atrasava para o trabalho. Deduzimos que ele as acompanhava até o portão e se despedia delas com um beijo na mão antes do primeiro raio de luz. Arty dizia que, na verdade, ele alimentava os felinos com elas, mas isso era coisa do Arty. McGurk se calava sobre o assunto e nunca se deixava provocar.

Uma vez, quando eu estava encrocada e andava pelo parque no escuro, ouvi alguma coisa. Mas eu estava distraída naquela noite e posso ter imaginado metade daquilo e me equivocado em relação ao restante.

Eu tinha ido refrescar meu rosto na urna do vovô. Estava deitada no capô do caminhão-gerador com uma face apoiada no recipiente de metal que guardava as cinzas do velho Binewski e que servia de enfeite. Quem ficava encarregado de dirigir o caminhão-gerador sempre reclamava que o vento assobiava nas alças da urna como uma sirene em qualquer velocidade acima de dez quilômetros por hora. Al só respondia “Dureza”, e era isso.

Na noite mais quente, vovô parecia esfriar antes de todo o resto. Apoiar uma face ou a testa na urna era como colocar uma bolsa de gelo no cérebro pegando fogo. E lá estava eu, não mais chorando, mas ainda meio atordoada, descansando o rosto na urna, quando ouvi alguma coisa. Vinha do carro de safári de McGurk, estacionado bem na minha frente. Eu poderia cuspir no para-choque. Era um barulho estrangulado, rude, e imaginei que fosse a canção do clímax de McGurk. Mas ele continuava. E me assustava. Pensei que alguém estava morrendo. Lembrei o que Arty falou sobre McGurk alimentar os felinos com as mulheres que o visitavam e pensei que ele estava estrangulando alguém. Depois ouvi a voz dele: “Por favor”. E o som gutural recomeçou. Ele estava chorando. Por um minuto escutei outra voz, mais macia, suave e rápida. Eu não consegui entender o que ela dizia. Depois McGurk de novo, desesperado, quase gritando: “Não entende? Não vai sobrar nada de você que eu possa segurar!”. A voz mansa da mulher pairava monótona entre os soluços feios de McGurk. Desci e me afastei dali.

Havia promoções planejadas para a manhã seguinte. Quatro mulheres “completariam sua liberação”. Todas haviam abandonado completamente as pernas e tinham apenas os braços do cotovelo para cima. Estavam prontas para amputá-los na altura do ombro. Essas liberações aconteceriam entre oito e onze da manhã. A dra. Phyllis passou a tarde trabalhando em dedos das mãos e dos

pés.

Imaginei que a mulher que estava com McGurk devia ser uma dessas que ia amputar os braços. Pensei em ir até a fila do lado de fora da enfermaria bem cedo para tentar descobrir quem era. Mas desisti. Não queria saber.

McGurk parecia o mesmo de sempre naquele dia e em todos os seguintes. Por isso digo que devo ter entendido mal ou imaginado a coisa toda.

Em cima do teto da van, Arty estava deitado e exausto.

“Ei, passa óleo em mim, Oly. Pode ser?”

Era assustador ouvi-lo perguntar. Ajoelhei em cima dele e comecei a esfregar a ponta dos dedos nos nós de tensão do pescoço e dos ombros.

“Você está feio, irmão. E tem *rigor mortis* dos mamilos para cima.”

Ele fechou os olhos e seu rosto relaxou um pouco.

“Quieta, cuzona”, ele respondeu, cumprindo o ritual. Respirou fundo, lentamente, e prendeu o ar antes de falar novamente. “Acho que Elly está se recuperando um pouco, não está?”

“Ela não está caindo tanto. Não está mais tão mole, não é?”

“Sim. Acho que ela vai voltar parcialmente. Mas não como antes.”

“Talvez Iphy esteja aprendendo a lidar melhor com ela. Equilíbrio e sustentação.”

Ele balançou a cabeça contra o tapete sem abrir os olhos. “Não. Ela vai voltar. Só leva tempo. Vai conseguir ajudar a cuidar do bebê.”

“Talvez. Sabe? Chick pode ajudar você a dormir à noite. Você parece ter trezentos anos de idade.”

“Chick não gosta de mim. Não vou provocar.”

“Ele ainda está magoado por causa da Elly.”

“E por outras coisas. Outra tarefa. Mas vai cumpri-la. E papai está zangado comigo. Diz que vamos matar o circo apostando tudo em um único número novo. É como ele chama meu show ultimamente. Um número novo. Diz que meus ‘fãs’ vão desaparecer quando outra novidade qualquer aparecer. Mamãe também está brava, mas finge que não está.”

“Você é detestável, acho.”

“Já quis estar morta?”

“Não recentemente.”

“Hum, acho que tem a ver com o Garoto Alfinete, não?”

Parei de massagear sua espinha e olhei para o perfil oculto pelas sombras. Ele parecia um hieróglifo adormecido em cima do cobertor. Forcei meus polegares a rodar para que ele não percebesse.

Além da fila, vi mamãe sentada do lado de fora do Cano. Ela dobrava um pano de limpeza e falava com alguém que ainda estava do outro lado da porta,

dentro do Cano. Era Iphy, que andava desajeitada e imensa. A cabeça de Elly estava encaixada no pescoço de Iphy, o tecido tremulando em torno das pernas frágeis embaixo delas, a barriga equilibrada diante das duas.

“Estou vendo a Iphy. Ela parece um carro velho.” Mamãe e Iphy foram se afastando e sumiram.

“O Garoto Alfinete parece legal. Você poderia ter encontrado coisa pior. Você acha que vai embora?” Os olhos dele agora estavam abertos, o pescoço se virou e os olhos se voltaram para mim. Seus olhos eram cinzentos, muito claros. Belisquei sua bunda redonda e dura e dei um tapa forte e barulhento em suas costas. “Lixo! Para com isso, Arty.”

Ele fechou os olhos de novo. “Vou reduzir para três shows por semana. Sábado, domingo e quarta-feira, às oito da noite. Só.”

“Papai vai ficar maluco.”

“Assim ele vai ter seu circo de volta no resto do tempo.”

“Mamãe vai achar que você caiu nas mais vis profundezas da preguiça.”

“Oly... fique do meu lado. O que acha?”

Os olhos dele estavam abertos de novo, fixos em uma prega do cobertor na frente dele. A corrente que servia de cerca estava lá embaixo, de um lado da van. Era comprida, e o acampamento arturano se esparramava diante dela em uma confusão de refugiados.

“Vou enfiar um pau de vassoura em você, irmão”, resmunguei mal-humorada, “e lhe exhibir como um pirulito o dia inteiro.”

Eu massageava as gêmeas no tapete verde da sala delas, engatinhando para alcançar a junção peculiar da coluna dividida, a parte de baixo da coluna que estava muito mais larga, na verdade, quase duas costas de largura.

“Desculpa, não consigo deitar de bruços.”

“Tudo bem, Iphy. Está doendo?”

“Uma dor boa.”

Elly estava deitada ao lado de Iphy, estranhamente aconchegada junto a ela.

“Dá para entender sua dor nas costas, você está o tempo todo sendo pressionada por Elly e essa barriguinha.”

O rosto de Iphy suavizou de prazer e ela brincou: “Elly e a barriguinha, mole como gelatininha”.

“Arty acha que Elly está voltando”, comentei.

“E isso faz com que ele se sinta melhor?”

“Você acha que é possível?”

“Às vezes ela volta. Por um segundo. Não mais. Isso é bom. Agora massageie a Elly.”

Fui subindo lentamente pelos braços e ombros de Elly, apertando, alongando, levantando, girando, mas sentindo como os músculos haviam desaparecido naquela gelatina que imitava um purê desanimador dentro de sua cabeça.

“Iphy?”

Ela piscou.

“Ter esse bebê aí dentro...” Segurei o pescoço de Elly com os dedos e senti a pulsação forte do sangue. “É ruim ou bom?”

Iphy piscou de novo.

“É bom. Dentro de mim é bom. A parte ruim está do lado de fora.”

“Arty não está feliz.”

“Eu sei.” Seu tom de voz era peculiar. Alguma coisa familiar me fez levantar a cabeça. Ela cintilava. Comprimiu os lábios, alargando o sorriso numa careta grotesca. Inclinou a cabeça para trás, e seus olhos se tornaram apenas frestas. As contas coloridas dos olhos se moviam de um lado para o outro, e sua voz soou com o tom pomposo e autoritário de Arty: “Felicidade! Felicidade, eu digo! Estão ouvindo? Felicidade? Seus Pobres Paralisados e Constipados Canos! Felicidade não vem ao caso!”.

Caí gargalhando e Iphy riu também, e nós rolamos e esperneamos na maciez felpuda do tapete, nos enrolando de um jeito hilário na inerte e indiferente Elly até eu sentir dor em todos os lugares de tanto rir, e Iphy se esticar para longe, alongando a barriga, tentando respirar, mas sendo acometida por novos ataques de riso.

“Por quê...?”, ela arfou, rindo. “Como...”, ela ria, “como pudemos amar?” Um novo ataque de riso, e dessa vez eu ri com ela. “Amá-lo!” E gritou com uma explosão de riso, batendo os calcanhares no tapete e levantando as pernas comigo até nós duas cairmos exaustas num riso silencioso. Só Iphy teve força para gritar finalmente: “Ele é um tonto!”. E voltamos a gargalhar.

Quero dizer para o Garoto Alfinete que nossa história já era. Fim de linha. *Finito*. Ele estava deitado na cama de pregos enquanto trabalhava alguns pontos em volta do umbigo com agulhas. Parei ao lado dele e o vi levantar uma porção de pele e atravessá-la com um grande alfinete, depois segurar a pele com uma das mãos, girar a cabeça do alfinete lentamente e esperar o fino fio de sangue secar.

“Sabe, Vinnie”, eu disse, “decidi ficar com meu irmão.” Era difícil para mim. Uma garota engolidora pendurava cortinas lavadas perto dali. Alguns garotos jogavam coisas para cima e pegavam de volta sem deixar cair no chão, praticando malabarismo ao som de Mozart, ou alguma coisa assim.

Vi o rosto compenetrado do garoto e sua pele branca. Olhei atentamente para ver se o havia magoado. Talvez toda a minha vida dependesse desse instante. Eu era uma aberração mimada de dezesseis anos. Se ele dissesse alguma coisa — uma palavra seria suficiente, um “não” ou uma ruga na testa, uma sombra de dor em seus olhos teria me seduzido. O sofrimento que eu procurava nele teria sido minha desculpa, meu motivo, meu túnel de fuga para o mundo além dos Binewski.

Mas ele sorriu um meio sorriso intrigado. Seus olhos eram como um riacho veloz, brilhantes, abertos e vazios, mas disponíveis para encher.

“Bem... é claro”, ele disse. Como se nunca tivesse imaginado outra coisa vindo de mim.

“Quero dizer”, continuei, franzindo a testa até os óculos escorregarem e meus olhos rosados se dilatarem para ele sob a luz. “Quero dizer que é para sempre.” Parei porque ele estava se levantando dos pregos, tinha esquecido de tirar a agulha da pele da barriga e o fio fino de sangue sujava a bermuda cortada de um jeans. Quando ele me deu as costas e pegou a camisa, vi as marquinhos deixadas pelas pontas dos pregos em suas costas arqueadas, a corcunda elegante e o brilho do sangue bem perto da superfície de sua pele branca.

“Bem, Oly... tudo bem, é claro... Arturo precisa de você.” Esse Vinnie, o Garoto Alfinete, era um cara legal. Mesmo meio sufocado de desgosto ele tentava não me magoar.

Foi quando entendi que os mecanismos de minha vida não funcionariam de acordo com as regras que governavam os das gêmeas ou os de minha mãe em seu tempo. Se eu sangrava, não significava a mesma coisa que o sangue de Iphy. Se amava, não era como o amor de Iphy ou das meninas saltitantes no parque.

Arty fizera o possível para me ensinar tudo isso o tempo todo, mas eu o vi como um caso especial, alguém que não era governado pela gravidade trivial que comandava todos nós. Vinnie, o Garoto Alfinete, tentou me impedir de saber que ele nunca havia pensado em mim como eu pensava nele. Sua bondade me despertou de repente.

Meu novo olhar via as velhas coisas. Ele sentiu a agulha na barriga quando tirou a camiseta. As mãos grandes removeram a agulha, jogaram-na em um pote grande de álcool, espalharam antisséptico nos dois burachinhos sobre o umbigo. Ele vestiu a camiseta e a pôs para dentro da bermuda respingada de sangue.

“Você tem sorte, Oly.” Um olhar solene. “Minha mãe chorou muito só de olhar para mim. Está certa, deve ficar com sua família.”

Ele guardou os objetos de cena no baú e tirou a cama de pregos do caminho. Suas pernas eram mais compridas do que eu. Os ombros estreitos se aproximavam das orelhas pequeninas por causa da curva da corcunda nas costas.

Ele se movia como se fosse só pernas, com um balanço suave que entrava por meus olhos e se alojava no pulmão direito como uma poça de gelo. Levantei enquanto ele estava de costas e saí.

DO DIÁRIO DE NORVAL SANDERSON:

Hoje fui com Arty assistir ao número do Alfinete. É um desses novos dias de folga, e ele apareceu disfarçado, com um cobertor verde-escuro puxado até o pescoço. Touca de lã verde, óculos escuros que devia ter pegado emprestado de Oly. A guarda estava à paisana e não havia nenhum noviço à vista. Ele foi até meu estande, acenou com a cabeça, e demorei um minuto para perceber que era o Verme. Ele adorou me enganar.

Eu falava muito sobre o Almofada de Alfinetes Humano, mas era a primeira vez que Arty o via. Ficamos no fundo da tenda dos engolidores e esperamos o garoto.

Chegamos bem na hora do encerramento dos engolidores. Um lenhador barulhento na nossa frente explicava à esposa que aquilo tudo era uma coleção de truques e espadas retráteis.

“Eles sempre acham que o que é real é truque e que os truques são para valer. Sempre me espanto”, cochichou Arty.

Disse a ele que o homem compensava o dinheiro gasto sentindo que não se deixava enganar. Sentindo que era mais esperto que eles. Mostrando à mulher seu sofisticado ceticismo.

O velho engolidor fez seu encerramento com cinco cabos brotando da boca em um buquê cintilante, e o filho magrelo fez o dele com o tubo fluorescente descendo por sua garganta enquanto as luzes se apagavam e toda a tenda exclamava admirada ao ver aquele pálido brilho azul através do contorno de suas costelas.

“Filhos da mãe espertos, não?”, comentou o lenhador.

Quando o Alfinete chegou, ninguém tinha ido embora. O lenhador parecia meio pálido, mas continuou onde estava. Arty estava fascinado. “Belo timing”, ele murmurou enquanto o jovem Alfinete prendia um grande gancho de cromo no buraco permanente em sua língua e fez uma dancinha com um peso de doze quilos pendurado na língua por uma corrente. O Alfinete subiu a escada de lâminas, dançou na cama de pregos, depois passou para os alfinetes e as agulhas. Dois garotos engolidores faziam malabarismo com fogo bem

atrás dele, e o Alfinete cronometrava cada movimento para aumentar a pulsação. Ele trabalha com agulhas de tricô de cromo de vinte e cinco e quarenta e cinco centímetros. Impressionantes quando enfiadas nas coxas e na pele do peito. Ele está trabalhando em um lugar novo na barriga, e o sangue que escorre da pele pálida para a tanga é eficiente. Já era uma visão e tanto quando começou a enfiar as agulhas nas faces e nos lábios. Saímos antes do fim, para evitar que Arty ficasse preso em sua cadeira no meio do público.

“Não quer ver uma apresentação de família? Tem certeza?”, perguntou enquanto andávamos pelo parque no meio dos frequentadores.

“Só os produtores de maçãs.”

“Ele precisa de um bom apresentador para guiar o espetáculo. Aquela coisa de pantomima é legal, mas um bom apresentador pode melhorar muito o show.”

Eu não respondi. Ele estava pensando em Oly, a jovem Olympia. Fiquei surpreso com a nota de dor em sua voz. Como se tivesse medo de perdê-la.

“Eu não me importo. Não adianta nada me preocupar, então não ligo.” Chick era seco e frio. Arty olhou desconfiado para ele, depois para mim. Nós três estávamos no Cano para nossa reunião secreta. Os guardas estavam do lado de fora na neblina da noite enquanto, na sala mais longe da porta, na luminosidade amarela dos recipientes iluminados que continham os cadáveres de nossos irmãos, Arty dizia o que tínhamos que fazer.

Chick estava encostado em uma vitrine de vidro. Eu me apoiei nele, vendo Arty se mover na cadeira, pensando. Tentei ler a tensão nas mandíbulas de Arty e a inclinação de sua cabeça brilhante sobre o pescoço grosso.

“Normalmente não ligo para sua opinião, Chick”, Arty respondeu ronronando. Seu queixo se projetava para nós com determinação. “Desde que faça seu trabalho. Mas desta vez você tem que entender. Somos só nós três. Papai e mamãe não conseguem lidar com isso. Todos os guardas, os palhaços, os arturianos, o pessoal dos espetáculos, até Horst, todos podem partir a qualquer momento. Todos têm o próprio espetáculo para comandar.”

Nós ouvíamos. Eu sentia os ossos infantis de Chick vibrando contra mim, balançando ao som da canção de Arty.

“Agora somos só nós três. As gêmeas têm outras coisas para se preocupar.” Arty esperou um instante para ver como reagiríamos a isso, se reclamaríamos ou

acusaríamos. Ficamos quietos, e ele continuou. “Vocês vão levar três guardas. Eu vou usar o restante. Quando estiverem prontos para começar, eu estarei lá olhando. Certo?”

Assentimos. Arty ligou o motor da cadeira com um movimento da nadadeira direita.

“Preciso muito de vocês agora. Não me deixem na mão.”

Chick segurou minha mão quando andávamos pelo acampamento escuro. Os homens grandes se moviam silenciosos atrás de nós. Arty e sua equipe de quinze guardas haviam passado pelo portão de entrada do acampamento arturano.

Quando chegamos à van da dra. P., paramos na porta. Minha boca estava seca e as mãos estavam molhadas. Os dedos de Chick seguravam minha mão com força. Ficamos olhando para o brilho branco da grande van ao luar. Eu conseguia ver o contorno do emblema das serpentes entrelaçadas à grade de comunicação na boca aberta das cobras.

Chick suspirou.

“Ela está dormindo”, cochichou. E se aproximou da porta, me puxando pela mão enquanto a abria e entrava no ambiente com cheiro de antisséptico. A luz se acendeu e vi o interior da van da dra. P. pela primeira vez desde que ela tinha começado a viajar com a gente, há anos. Branco e austero. Sem almofadas nos bancos de metal. Cromado na pia desproporcional. Uma mesa de metal encostada na parede, as portas pálidas dos armários iluminadas pela luz branca e dura.

Chick se movia com confiança. Ele passou muitos momentos de sua vida aqui. O quarto ocupava o fundo, e a porta de correr se abriu quando caminhávamos para ela com passos leves.

“Tudo bem”, disse Chick. “Diga para eles trazerem a maca.”

Quando voltei, ele estava parado ao lado da cabeça dela, afagando seu cabelo curto de fios castanhos e grisalhos. Cheguei perto para olhar. Sem toda aquela cobertura branca e os óculos brilhantes, ela parecia branda e insatisfeita. Linhas de desaprovação cercavam sua boca fina. O nariz não tinha forma, a pele era grossa.

“Agora entendi por que ela usa máscara”, sussurrei.

Chick tocou seu rosto. Notei que suas mãos estavam se tornando grandes e ossudas nos braços magros de criança. Ele deslizou um dedo por seus lábios.

“Ela está sempre constipada”, disse. Os guardas deixaram a maca e recuaram para abrir espaço. Sua cama estreita não era embutida e tinha um revestimento fino no lugar do colchão. Espiei dentro do armário branco quando

eles a levaram para fora. Estava cheio de livros. As prateleiras ocupavam o closet do teto até o chão, e cada livro era embrulhado separadamente em um saco plástico transparente. Usei dois dedos para alisar o plástico sobre a lombada de um livro a fim de ler o título. Algum tipo de texto cirúrgico. Olhei mais alguns. Todos textos cirúrgicos. Chick olhou para mim.

“Era com esses livros que ela me ensinava. Foi assim que ela aprendeu. Os diários estão nos armários da frente.”

Chick me mostrou como lavar as mãos e os braços enquanto os guardas a colocavam na mesa de operação.

“Vai vomitar?” Ele me olhava atentamente.

Olhei nos olhos dele. Eram tão frios e tranquilizadores quanto a urna do vovô. Dei uma risadinha, sentindo-me um pouco enjoada, e assenti. Sua boca se contorceu em exasperação seca.

“Caramba. Arty só quer você aqui para ter certeza de que eu vou fazer isso. Você não pode ajudar, de qualquer forma. Vá para lá.”

Ele me virou com a força do pensamento e eu soube. Estava sendo levada para o cubículo da latrina e então caí de joelhos. Meu estômago virou do avesso e voltou como a língua de um sapo. Depois me vi na pia com o sabonete líquido cobrindo meus braços até os cotovelos e uma máscara branca sendo amarrada em meu rosto. Uma touca cobria minha cabeça até a área sobre os olhos.

Eu ri, olhando para as mãos de Chick embaixo da torneira. “Por isso seus cotovelos nunca estão sujos, não é?”

Seus olhos brilharam sobre a máscara, mas ele não disse nada.

“Mamãe acha estranho você estar sempre com as unhas tão limpas e nunca ter sujeira atrás das orelhas.”

Ele estava ocupado com as luvas. “Sente-se naquela banqueta. Você não vai sentir nada.”

Mas eu estava aterrorizada. Achava que ela ia acordar. Pensava que se levantaria da mesa rosnando, nos pegaria com suas mãos grossas e nos arrebentaria, e imaginei que Arty estava sentado lá em cima, olhando através do espelho no teto, e que ele veria a dra. P. nos devorar, riria, desceria e faria um acordo com ela, porque isso era o que ele queria que acontecesse o tempo todo. Eu estava empoleirada na banqueta com as duas mãos cobertas por luvas, amedrontada, quando de repente comecei a sentir medo de que ela não acordasse e de que aquela outra coisa realmente acontecesse. Abri a boca para falar.

“Eca”, resmunguei, e meu irmão Chick olhou para mim, franziu a testa entre a máscara e a touca, e eu peguei no sono.

“Por que eu precisava ficar lá? Só atrapalhei, tive que ser colocada para dormir e caí no chão no meio de tudo. Não ajudei em nada.”

“É claro que ajudou. Impediu Chick de pensar demais.”

“Por que não colocou um prendedor de roupa no nariz dele?”

“Confie em mim, Oly. Você foi útil.”

DO DIÁRIO DE NORVAL SANDERSON:

“À noite, enquanto eles dormiam, ele circulou entre eles pegando suas espadas e escudos, que jogou em uma vala na lateral da estrada. Ele amarrou suas mãos e seus pés enquanto dormiam. Eles acordaram deitados em fileiras na carroça da morte, e a primeira coisa que viram foi o corpo de seu líder espalhado e amarrado à grande roda diante de seus olhos, suas muitas feridas pingando na terra...”

E é assim que todos os golpes e contragolpes devem ser postos em prática, rápidos e silenciosos, apenas com o sofrimento dos culpados. Tenho que dar os créditos ao jovem Arty. Ele poderia ter sido um grande general sul-americano. Moveu-se com rapidez e precisão pelo acampamento arturano na noite passada, riscando nomes da lista dos “desafetos”. Setenta pessoas deixaram o acampamento acompanhadas por guardas e levando um cheque de reembolso no valor do que pagaram como taxa de admissão. Foram embora pela estrada, resmungando em suas vans e peruas. Mas, se têm algum bom senso, elas sabem que tiveram sorte e que não pagaram caro.

Se eu não estivesse na estrada para ver com meus próprios olhos quando foram embora, poderia ter duvidado. Certamente haverão boatos sobre Arty ter sido pouco atencioso em suas técnicas, afirmando que alguns foram brutalizados ou até assassinados. Eu mesmo poderia ter considerado a possibilidade. Mas a frustração furiosa naqueles rostos não era medo. A srta. Z. distribuía os envelopes de reembolso no portão, e Arty estacionou sua cadeira ao lado do escritório administrativo arturano (o campista da picape Dodge verde) para supervisionar, com um guarda ao lado dele e outros indo e voltando para receber instruções ou levar informações. Um processo totalmente organizado e discreto. Quando me aproximei dele, ele me cumprimentou com calma. “Estou apenas sufocando essa pequena revolta, Norval”, disse.

“E a alta sacerdotisa? Não vai criar problemas?”, perguntei. Parecia improvável que a boa médica desistisse só porque havia perdido seu exército. A arma principal que ela empunhava era seu ataque cirúrgico.

“A dra. Phyllis já foi controlada”, ele respondeu. Um guarda se aproximou correndo para dizer: “Já foram todos”. Então Arty se dirigiu ao centro cirúrgico. Eu o segui, mas ele me fez esperar do lado de fora, ao lado de sua cadeira e do guarda, enquanto ele subia. Fiquei por ali ouvindo o gerador do centro cirúrgico vibrando. Eddie, o guarda, sentou-se na cadeira de Arty e cochilou. Fui para casa compondo a cobertura imaginária da repressão de Arty ao Grande Cisma da Lobotomia. Não descobri o destino da dra. P. até esta manhã.

Dei uma volta pelo acampamento arturano logo cedo e vi os buracos na fila se fechando. Todos os hiatos deixados pelos cismáticos desertores, espaços de tendas, vagas de estacionamento, tudo o que chamava a atenção para aquelas áreas vazias, que pareciam brechas deixadas por dentes perdidos, havia sido apagado. A srta. Z. simplesmente percorria as filas e falava para todo mundo mudar de lugar e ocupar as lacunas. Uma briga explodiu quando um noviço bateu com seu Volkswagen em um dos sidecars das Harleys, deixando um amassado visível. Os outros arturanos acalmaram rapidamente os irritados proprietários das Harleys, e o resto da manhã transcorreu em harmonia e com muitas fofocas: “Aquele Arturo! Ele é horrível!”; “Ele botou todo mundo para fora”; “Um alívio, na verdade. Eles eram arrogantes, perturbadores. Definitivamente, interferiam no meu p.i.p.”; “Aqueles tipos não ficariam felizes em lugar nenhum”; “Agora vão causar problemas em algum outro templo por aí...”.

A srta. Z. chegou batendo palmas por volta do meio-dia, percorrendo a fila e anunciando que haveria uma apresentação especial do Aqua Man às treze horas. Todos correram para providenciar curativos limpos e garantir que os noviços se aprontassem.

Foi uma apresentação curta, apenas com a presença de Admitidos. Arty entrou ao som de “Cavalgada das Valquírias” e em meio a uma explosão de bolhas, que se dispersou para revelá-lo flutuando em uma luz cor-de-rosa. Ele havia se preparado com muito brilho para a ocasião e fez uma de suas performances mais dinâmicas.

A conversa foi um cântico, cheia de ritmo: “Ela nos serviu, serviu a todos nós, agora nós a serviremos”, enquanto uma guarda de honra de noviços de um dedo empurrava uma maca sobre rodas com o que restava da dra. P. envolta em cetim branco. Chick a seguia. Quando a maca parou na frente do tanque de Arty e o holofote branco o escondeu, Chick se adiantou e retirou o lençol.

A plateia de amputados levou um minuto para entender quem estava ali deitada como um pernil de cordeiro. Sem máscara. Sem touca. Apenas os óculos brilhando sobre seus olhos fechados eram familiares. Uma nuvem de cabelos grisalhos emoldurava seu rosto. Ela continuava desacordada. Neste momento, aqueles óculos eram tão úteis para ela quanto os sapatos, mas Arty, o ranhentinho esperto, sabia que as pessoas precisariam de alguma coisa para identificá-la. Arty esperou os murmúrios começarem e se espalhar. Finalmente, alguém na frente da plateia gritou: “Dra. P!”, e a tenda explodiu como um depósito de munição.

Quando a comoção diminuiu, a voz espectral de Arturo brotou do tanque brilhante sobre a maca, apresentando o substituto da dra. P.

“O Aprendiz, o Estudante, o Assistente. Atuando sozinho pela primeira vez em seu primeiro grande feito: o último serviço prestado à professora!”

Chick era encantador banhado em luz rosa e dourada, seu corpo infantil se curvando numa reverência constrangida à tempestade de aplausos. Engraçado como todos os arturanos o adoravam. Estavam encantados com seu novo cirurgião.



Coletando a semente para inundar seu cálice

Eu esperava que Chick ficasse furioso por muito tempo por causa da dra. P., mas ele me surpreendeu. Durante a apresentação, ele foi profissional. Depois, ficou meio nostálgico. Ele permaneceu muito perto dela até a ambulância levá-la embora. A médica iria para uma casa de repouso arturana perto de Spokane. Chick também desabrochou, como diria a mamãe, com sua nova condição de cirurgião oficial.

Arty dizia não estar surpreso. “Aquele jogo de corar e ficar quietinho foi uma pista. O garoto sempre quis um número próprio.”

E ele ganhou um. Os arturanos o adoravam. Em seu aniversário de onze anos, ele passou quinze horas em cirurgia. Teve uma conversa com a enfermeira no dia em que foi nomeado sucessor. Aquela personagem fria e eficiente tornou-se imediatamente seu cão de guarda e sacerdote. Ela nunca gostara do jeito mandão da dra. P.

Os arturanos o incomodavam constantemente. Eu ria, vendo um patriarca chegando apressado na cadeira de rodas para falar com o menino descalço em seu macacão empoeirado, ou dois motociclistas durões sentados no reboque de um trailer para que aquele garoto magrelo pudesse olhar dentro de suas orelhas ou levantar uma pálpebra para examinar o mapa de veias embaixo dela.

“Bem”, Chick confessou, “não preciso tocar ou olhar para eles para saber o que está errado. Mas eles gostam, então eu faço.”

Eles não davam sossego para Chick. Mamãe resmungava sobre sua saúde e sua infância perdida enquanto fazia roupinhas de bebê na máquina de costura em cima da mesa da van. “Quando ele sobe em árvores? Quando rouba doces das barracas? Onde estão os amigos para chamá-lo para ir correr atrás dos gatos ou atormentar Horst? Eles vão acabar com o menino. Vão impedir seu crescimento natural. Olhem os pulsos e os cotovelos do garoto! Ele é só osso!”

Arty estava satisfeito de um jeito contido. Ficava de olho em Chick, caso ele fosse acometido por delírios de grandeza, mas no fundo Arty se convencera de que estava protegido de revoluções com Chick atuando como “A Faca”.

“É um insetinho leal.” Arty sorria. Mas Arty se dedicava a manter sólido o ato arturano. Ele percorria o acampamento todos os dias, supervisionava o trabalho no escritório, fazia seus shows três vezes por semana, conduzia entrevistas, enviava batedores, aconselhava papai sobre o circo e ficava longe de mamãe e de Iphy.

Papai esperava assumir a supervisão da gestação das gêmeas no lugar da dra. P., mas Arty encarregou Chick da tarefa. Al ficou carrancudo e passou a dedicar mais tempo à bebida e aos jogos de xadrez com Horst.

Iphy não levantou os olhos do livro quando entramos. Chick sentou no chão e moveu os dedos sobre o tapete. Fiz meu trabalho com o pano de limpeza, arrumei a cama e separei as roupas sujas das gêmeas. Iphy lia o tempo todo. Gostava de mistérios. Todos os dias o malote de correspondência trazia um novo lote de livros para ela. Iphy fazia caminhadas diárias e exercícios físicos, mesmo de má vontade, querendo voltar ao livro do momento.

Saí do banheiro com o cesto de roupa suja e olhei para Chick. Ele se levantou e se despediu de Iphy com um aceno enquanto abria a porta para mim.

“Você está ficando muito acostumado a fazer as coisas com as mãos!”, eu disse quando descíamos a rampa.

Ele respondeu: “Elly está um pouco melhor”.

Senti que flutuava de alegria e animação uns cinco centímetros acima do chão. “Ponha-me no chão!” Meus pés tocaram o solo e o estômago voltou ao lugar. “Tem certeza?”

“Iphy sabe, mas ela tem medo de que Arty descubra. Não conte, Oly. Promete?”

“Você está cuidando dela?”

Estávamos perto do caminhão-lavanderia, então Chick parou e olhou assustado para mim. O cabelo dele caía sobre as orelhas, percebi. Mamãe logo o embrulharia com uma toalha, o faria sentar em uma banqueta na frente da van e se moveria ao redor dele com uma tesoura enquanto ele se contorcia.

“É você que está fazendo ela melhorar?”, tentei novamente.

Ele piscou e balançou a cabeça.

“Nunca pensei nisso. Acha que eu consigo?”

“Como eu posso saber? Pensei que pudesse fazer qualquer coisa.” Estava impaciente com ele. Uma coisa é ter onze anos de idade e estar decorando geografia, mas esse era o campo do seu dom, o terreno de seu propósito.

“Bem, eu desmonto coisas. Consigo desmontar qualquer coisa”, ele disse. Uma amplidão fascinada instalou-se em seus olhos quando ele encarou a porta do caminhão-lavanderia sem de fato enxergá-la.

Ao ver que Chick começava a ter consciência de suas possibilidades, decidi fazer a pergunta que guardava há semanas. Desde que percebi o quanto as minhas próprias possibilidades eram limitadas.

“Chick, escuta. Lembra quando você tirava carteiras de bolsos? Então, sabe o esperma nas bolas do Arty?” Finalmente ele prestou atenção em mim. “Você pode transferir aquele esperma, aquelas coisinhas inquietas, para mim e colocar no ovo que tem aqui dentro para que eu possa ter um bebê como a Iphy?”

E foi assim, Miranda, que eu pedi.

Chick hesitou e teve medo no início. Tinha receio de complicar o trabalho. Insistiu em tentar nos gatos primeiro.

Na semana seguinte ele conseguiu fecundar uma tigresa velha e rabugenta que Horst nunca tinha conseguido cruzar. Ela era tão agressiva que atacava qualquer macho que tentasse se aproximar. Chick conseguiu o milagre com Lilith, a tigresa, quando estava sentado em cima de um balde emborcado na frente da jaula dos felinos certa manhã. Eu andava de um lado para o outro e esperava ansiosa, pronta para alertá-lo, caso algum arturano aparecesse para distraí-lo. Ele demorou muito. As mãos estavam fechadas sobre os joelhos, o rosto vermelho e coberto de suor.

O macho, que estava em uma ponta da fileira de jaulas, dormiu durante o processo. Lilith, cujo nome havia sido escolhido por mamãe, andava e tossia e olhava carrancuda e movia a cauda na outra ponta.

Não tinha nada para ver. Eu estava ficando entediada quando ele finalmente deixou escapar um longo suspiro cauteloso e olhou para mim. Esfregou os olhos com os punhos.

“Uau”, disse, “acho que funcionou.”

Saí pulando e comemorando, batendo em seus ombros e bagunçando seu cabelo. Estava feliz como se a proeza fosse minha.

Chick confirmou que estava pronto para repetir a façanha comigo assim que chegasse minha hora, se pudesse juntar Arty e eu no mesmo lugar, de preferência nos mantendo quietos por algum tempo.

“Talvez eu consiga até fazer tudo sem ver vocês dois, mas alguma coisa pode dar errado. É arriscado.”

Aconteceu numa noite, na sala da frente de Arty, com Norval Sanderson lá. Arty e Sanderson conversavam como sempre, Arty atrás da mesa em sua cadeira de rodas e Sanderson esparramado em uma poltrona macia, com as pernas terminando naquelas sandálias que ele usava para acomodar as bandagens nos pés.

Chick estava deitado de bruços no tapete, fingindo ler uma revista que

trazia imagens de terras estrangeiras. Eu estava encolhida no canto, em um banco embutido, ouvindo a conversa.

Minha pulsação ecoava na cabeça como se o coração tivesse subido até o pescoço, batendo entre as orelhas. Eu não conseguia desviar os olhos de Arty. Ele estava com aquela disposição para a disputa. Adorava conversar com Sanderson. Parecia relaxar e apreciar as reviravoltas da argumentação. Sanderson, o caçador camuflado, fingia uma indiferença casual, mas se esforçava em segredo para pegar Arty desprevenido, envolvendo-o nas próprias palavras.

Arty ria deliciado.

“Que sádico! Você vem desarmado porque tem certeza de que vai fazer com que eu aponte minhas próprias armas para mim mesmo! Não quer sujar suas mãos delicadas com meu sangue. Quer que eu arranque minhas entranhas para você poder balançar a cabeça e escrever histórias premiadas sobre o defeito trágico. O vórtice autodestrutivo na essência da grandiosidade. Você vê grandeza em mim. Admita!”

Sanderson, que mantinha a cabeça inclinada numa contemplação de desenho animado, batia levemente com o polegar no lábio e questionava, sempre questionava: “Gases de elefante são grandes? São grandes na dor que causam ao elefante? Ou no alívio que proporcionam quando são liberados? Ou talvez sejam grandes apenas se o peido for incendiado e a explosão resultante seja usada para movimentar uma turbina? O peido de um elefante é grande em si mesmo? Ou só em seu efeito?”.

“Ah! Agora vamos fazer piadas de peido! Mas você vai notar que estou sentado aqui com tudo o que tenho desde que nasci, Norval, meu rapaz, enquanto você está sendo podado. Como explica isso?”

Eles continuavam com a conversa e se divertiam. Eu adorava quando Arty ria de verdade, e Sanderson o fazia gargalhar. Eu observava, sabendo que esse era meu momento, quando Arty inclinou para trás o crânio liso e sua barriga se moveu em ondas de prazer que brotaram de sua boca larga e fecharam seus olhos cinzentos naquela dança louca do corpo que se contorcia e balançava, acompanhando a nota do brilho dentro de sua cabeça.

Fiquei sentada e quieta. Chick havia garantido que a coisa em mim estava madura e esperando.

Lá estava Chick, de bruços e balançando no ar os pés descalços. Seu cabelo claro caía sobre os olhos quando ele virava as páginas devagar, revelando os mistérios do Tibet e a parede de bandeiras de um palácio em Lhasa. Sua cabeça se virou ligeiramente, um olho me espiando. Eu sorria, prestes a sofrer convulsões. *Vai logo.* Faça isso agora, enquanto ele está rindo, pensei. Chick

assentiu e voltou ao livro quando Arty disse: “Perceba como temos uma vida protegida. Nunca vimos um filme, nunca fomos à escola”.

“Mas não tem motivo para não ver filmes e outras coisas”, protestou Sanderson. “As ruivas têm uma coleção portátil. É pura rabugice e barbarismo.”

“Treinamento precoce”, gritou Arty. “Criar hábitos!”

“Pobre amigo, experimente isso...” E Sanderson tirou uma garrafa achatada do bolso do tweed e serviu uma dose em um copo vazio de limonada que estava sobre a mesa de Arty. Sanderson bebeu um gole da garrafa, fechou-a e suspirou: “Ambrosia!”. Enquanto isso, Arty mordia com cuidado o canudinho e fazia caretas para o sabor.

“Se essa é sua ideia de prazer, dá para entender sua necessidade de religião.”

Chick fechou a revista, se apoiou sobre os joelhos, ficou em pé, se espreguiçou e bocejou, depois se virou e olhou para mim. Olhei para ele ansiosa. Ele piscou.

“Boa noite”, Chick disse às pessoas presentes.

“Vai começar com a srta. Z. de manhã? Prometi a ela”, disse Arty.

Chick assentiu e se aproximou da cadeira, passou um braço em torno do pescoço de Arty e puxou seu rosto para perto. Chick beijou a bochecha plana de Arty, depois saiu. Quando ele fechou a porta, minha touca escorregou até o nariz e voltou ao lugar.

Foi isso. Não senti nada. Mas acreditei. E não queria ir embora. Queria continuar vendo Arty jogando, sabia que ele falaria por mais algumas horas, até que a garrafa de Sanderson ficasse vazia e o céu escuro se tingisse de verde, anunciando o primeiro passo do amanhecer. Mas eu também precisava voltar para o meu armário e me sentir milagrosa. Então, fui para casa.

Foi assim, Miranda, que você foi concebida. Nunca duvide de que foi um ato de amor. Seu pai ficou tão feliz quanto era capaz de ser. Seu tio Chick, o pombo, ficou encantado por seu feito, por ter conseguido. E eu era uma anã de dezessete anos, de faces rosadas, corcunda e com olhos cor-de-rosa. Estava eufórica. Entenda, criança, que a ideia de ter você foi um presente para o seu pai, um amor vivo para Arturo. E isso não é ruim, Miranda, se considerarmos como o motivo da sua existência.

Onze dias mais tarde, as gêmeas tiveram Mumpo. Foram vinte e seis horas de trabalho de parto, e foi um parto difícil. Chick fez muita coisa, mas mamãe e papai ajudaram. Eu não pude entrar na van. Passei a noite toda e parte do dia sentada com Arty. Ele estava doente de medo. Eu também estava. Os arturanos tocavam o interfone constantemente. Eu anotava os recados e os dispensava. A

srta. Z., orgulhosa em sua bandagem (apenas um dedo do pé), apareceu na porta duas vezes com um maço de papéis, mas eu a mandei embora. Arty não comia. Insistia em jogar xadrez, hora após hora, jogo após jogo. Ganhou de mim cinquenta vezes e teria continuado para sempre, não fosse eu ganhar uma partida acidentalmente, e ele jogar o tabuleiro para fora da mesa num acesso de fúria. Depois Arty foi para o quarto e se trancou lá dentro.

Quando papai finalmente veio até a porta com as notícias, Arty saiu do quarto em sua cadeira para ouvir. Um menino. Quase doze quilos. As mães estavam bem.

Papai parecia jovem de novo ali apoiado na porta, gritando as novidades. O bigode estava duro de poeira e orgulho, que, ele costumava dizer: “São a mesma coisa, mas o orgulho deixa as luzes acesas, e a poeira consegue agir no escuro”.

“Doze quilos?”

“Pensou que fossem gêmeos, não é?” Ele riu. “Gordinho! Cinquenta centímetros de comprimento e quase doze quilos de bebê! O que acha, tio? Bochechas de político! Dez queixos recém-saídos do forno! Aquela Iphy! Deu uma olhada e disse: ‘Mumpo’. O nome dele, sabe? Lily colocou o bebê no peito de Iphy e ela adorou! Não conseguiu respirar com o peso. Preciso contar ao Horst. Ele está mamando na garrafa, de tanta preocupação, há dois dias!” E uma mudança repentina, uma confidência, uma especulação secreta, um quase sussurro quando ele pôs um pé do lado de dentro para mantê-lo entre nós. “Aquele Chick, grande Cristo, ele é bom. Eu teria resolvido tudo com um bisturi, depois de tanto tempo. Morri de medo quando percebi que a criança era tão grande. Chick não. Ele injetou ar de algum jeito, não me pergunte. Aquele bebê respirou com facilidade por horas e ainda estava lá dentro. O Chick, pelas bolas do profeta!” Então ele seguiu em frente e desceu a rampa, saudando as pessoas na fila e gritando: “Um menino... bem... tudo bem... um menino! Pelos melões saltitantes de Maria! Sou avô!”.

Arty estava petrificado em sua cadeira, olhando pela porta aberta. A srta. Z. apareceu e veio em nossa direção com uma prancheta na mão.

“Mande-a embora”, disse Arty. Parecia murcho e meio suado. “Depois vá buscar o bebê.”

“Para quê?” Senti o medo como um soco no estômago.

“Só quero vê-lo!” Ele virou a cadeira depois de olhar para mim pela última vez. Desapareceu em seu quarto. Eu o havia magoado. Tentei sentir a coisinha em minha barriga. Nada. Mas estava lá. Eu a havia criado para ele.

Mumpo mudava o nome das pessoas. De repente Iphy era a “mãezinha”

para todas as ruivas e ciclistas, vendedores das barracas e artistas. Lily e Al eram “vovó” e “vovô”. Até piadas com “tia” e “tio” eram feitas em volta dos charutos marinados em alcaçuz do papai e dos barris na van de Horst. Mas o próprio Mumpo ficava deitado nos cobertores como uma grande abóbora mole. Era um saco sem fundo e era ardiloso. Arty percebeu imediatamente. Iphy sabia. Eu sabia. Lily e Al se negavam a perceber. Chick sabia e não se incomodava. Chick adorava o bolotão.

Naquele primeiro dia eu espiei pela porta do quarto das gêmeas e vi tudo coberto com lençóis brancos e cheirando a desinfetante. Lily estava debruçada sobre o bebê nu e quieto, limpando-o com uma esponja e fazendo barulhinhos engraçados. Chick examinava Iphy. Estava sentado na beirada da cama larga, segurando a mão dela e a mão pálida e inútil de Elly, cruzando os braços para conseguir segurar as duas.

“Como elas estão?”, sussurrei. Ele sorriu aquele sorriso de criança, como se andasse plantando bananeira ou tivesse encontrado um sapo.

“Cansadas. Exaustas.” Elas dormiam. Iphy estava pálida, Elly tinha a boca entreaberta, com um fio de saliva escorrendo pelo queixo.

“Poderia ter sido mais rápido, mas mamãe disse que era importante respeitar o trabalho de parto. E elas não sofreram. Não deixei que sentissem dor. Você viu o nenê?” Ele olhou para a mesa. Balancei a cabeça e me aproximei de mamãe, que sorriu para mim. Ela estendeu um braço e me abraçou.

“Ele não é incrível?”

Os olhos dele estavam abertos, preenchidos de preto. Ele piscou e os estreitou, desconfiado.

“Pode levá-lo à van do Arty? Ele está ansioso para ver o bebê.”

Chick disse que estava tudo bem, e Lily sorria e falava animadamente enquanto embrulhava o bebê para o trajeto de quinze metros, comentando sobre seu peso ao aninhá-lo contra o peito.

Na van de Arty, ela deixou o pacote sobre sua mesa, e os olhos de Mumpo, atentos e semicerrados, se voltaram para ele, então Arty encarou Mumpo e os dois se entreolharam com ódio. Lily disse que Mumpo não tinha foco ainda, mas que era maravilhoso como ele parecia enxergar através da gente, embora tivesse apenas uma hora de vida e se sentisse tão cansado que deveria estar dormindo, e ela ria da maneira como papai pensava alegremente em “Mumpo, o Montanha” e outros apelidos de homem gordo para o espetáculo de Mumpo, apesar de ninguém poder ter certeza de nada, pois ele ainda era um bebê. Mumpo poderia ser um magricela quando completasse dois anos.

Arty olhou para a criança que transbordava do cobertor e finalmente disse: “Tudo bem. Podem levar. Ele precisa dormir”.

Lily o levou, e aquela foi a última vez que Arty olhou para Mumpo.

A vara atingiu minha orelha e eu gritei, enrolada no cobertor, quando acordei. Meu braço direito pulou, e a vara acertou meu cotovelo, a fisgada na orelha e no cotovelo fez cair o tampão que cobria meus olhos e nariz. Eu olhei através da névoa formada pelas lágrimas para o raio branco de uma lanterna que cortava a escuridão e ofuscava meus olhos desprotegidos. A vara atacou de novo.

“Aaaah!”, gritei.

Ouvi a voz inconfundível de Arty, o tom furioso e explosivo atrás da vareta. “Vadia! Traíçoeira! Vagabunda pervertida!”

A vara brandia perto de mim e eu me encolhi no armário, protegendo os olhos com um braço e gritando: “Arty!”.

Ele continuava me batendo, então enrosquei um pé no velho robe de cetim branco da mamãe que eu usava como coberta, e a voz de Arty vibrava na escuridão borrada de luz.

“Eu vou te arrebentar, sua fedorenta!” A vareta desceu de novo, e eu a segurei pela ponta quando a coisa passou diante dos meus olhos, me surpreendendo quando ela se soltou nas minhas mãos sob a menor pressão, e Arty gritou: “Meeeeerda!”.

Vi o bulbo de borracha do outro lado da vareta e senti uma gargalhada tentando atravessar meu coração disparado, porque Arty estava me batendo com um desentupidor de privada.

As luzes acenderam e papai estava lá, de calça de pijama e com a barriga peluda à mostra, com a mamãe piscando confusa atrás dele. Peguei meus óculos e os coloquei para poder enxergar Arty chorando nu em sua cadeira de rodas, com as veias azuis pulsando sob a pele fina da cabeça enquanto a lanterna na cadeira ao lado dele projetava uma débil réstia de luz amarela contra a luminosidade do teto.

“Mas que porra é essa?” Papai estava chocado, mamãe estava agitada, e eu olhava através das minhas lentes verdes para Arty, que se mexia frustrado em sua cadeira porque não conseguia segurar a vareta com a nadadeira, embora a barriga tivesse músculos definidos, o peito fosse uma placa de bronze, as costelas fossem marcadas por abas musculosas e ele fosse capaz de levantar setenta quilos com o pescoço, e ainda assim não conseguia segurar a vareta para me bater quando precisava.

“Essa maluca está grávida!”, berrou Arty.

Papai mantinha as mãos na pele dourada e lisa do filho, segurando-o contra o encosto da cadeira e falando: “Pelo amor do santo Cristo, Arty.” E não o

soltava.

Mamãe foi buscar um cobertor para cobri-lo. Eu me encolhi no fundo do armário com o velho robe de cetim branco da mamãe sobre os olhos porque Arty sabia. Mas ele sabia e estava bravo. A coisa da barriga aconteceu, como se o bebê, o pequeno girino, Miranda, tentasse sair e fugir de sua fúria por qualquer caminho possível. Fiquei ali sentada segurando tudo, contraindo o traseiro, a vagina, a mandíbula e os olhos, rezando a oração da difusão dos sem deus: “Por favor, por favor, não, por favor”.

Arty endireitou as costas e resignou-se em expressar a raiva em palavras. Ele disse aos dois: “Perguntem ao Chick. Ele me contou. Ela está prenha. Grávida. A traidora estúpida”.

Entendi que Chick não havia contado tudo. Arty estava reclinado em sua cadeira, e papai sentou-se no banco ao lado da porta, tentando organizar o que ouvia.

“Oly, o que ele está dizendo? Isso é verdade?” Não abri a boca. Fiquei ali sentada e surpresa por papai ter voltado a ser o papai naquele momento de atordoamento. “Mas isso não é razão! Não é desculpa”, ele se irritou, “para agredir sua irmã fisicamente!”

Arty resmungou amargurado: “Aquele corcunda filho da mãe ruivo, o Garoto Alfinete. Entra para o grupo dos engolidores de merda, engravida a filha do chefe... vai entrando... coloca as mãos no dinheiro.”

Vi Arty tremendo embaixo do cobertor, tremendo tanto que as rodas da cadeira rangeram em guinchos minúsculos enquanto ele falava.

“Ele está bêbado”, mamãe decidiu. “Ou drogado.”

“Bêbado? Esteve bebendo?” Papai empurrou a cadeira de Arty pela porta, em direção à van dele, e eu fiquei ali, quieta, vendo a porta se fechar e puxando o robe branco até o queixo, enquanto mamãe sentava no chão ao lado do armário e olhava para dentro, para mim. Seu rosto suave expressava fraqueza e falta de fibra, mas as mãos tocaram meu rosto, os dedos longos e frios afagando minhas faces enquanto ela sussurrava: “Ele machucou você, pombinha?”.

Balancei a cabeça.

Ela respirou fundo e continuou: “Diga para a mamãe: você está mesmo grávida?”.

Eu assenti, olhando para ela através das lentes verdes, e minha mãe imitou o movimento de cabeça olhando para mim. Seu cabelo claro flutuava desalinhado em torno da cabeça.

“Está feliz, sonho? Ou é uma coisa que você não quer?” Seu corpo cheirava a canela e baunilha.

“Feliz”, respondi, e ela se inclinou para encostar o rosto no meu.

Papai voltou, afagou minha cabeça e levou a mamãe para a cama. Fiquei deitada no escuro ouvindo, mas eles falavam baixo e eu não conseguia entender o que estavam dizendo. Devia ser o barulho do sangue correndo em minhas veias que abafava a conversa. Eu estava feliz.

Arty estava magoado. Eu o imaginei passando pela porta sozinho na cadeira, com a lanterna e o desentupidor, para me castigar. Para me machucar por tê-lo machucado. Fui tomada por um amor enorme dedicado a ele. Pensei em como ele nos havia assustado durante todos aqueles anos, e ele não conseguia nem segurar o desentupidor com aquela nadadeira forte e desajeitada. Ele precisava me ferir e não conseguia.

Admirada, pensei que era possível que me amasse. Uma onda fraca de náusea me tomou de assalto quando vi a dor como uma prova de amor. Mas parecia verdadeiro. Inevitável.

Tarde. A música do parque ecoava fraca perto dali. Todo mundo trabalhando, menos eu. Estava sozinha na van, doente no meu armário. Sentia calor e frio com as oscilações intensas da náusea. As portas do armário estavam abertas e eu via o linóleo brilhante. Estampa de tijolos cor de laranja. Eu queria que o piso fosse azul ou cinza para me acalmar. A luz branca do sol entrando pela janela iluminava o piso com uma terrível explosão de calor que queimava através dos óculos escuros. Se eu fechasse os olhos, minha cabeça rodava e o estômago fazia aquele movimento como se estivesse caindo. Se eu virasse o rosto para a parede preta, eu sufocava. Abracei os joelhos por cima da barriga contraída e senti pena de mim. Estava quase cochilando quando ouvi um passo do lado de fora. Chick entrou apressado.

“Devia ter me contado, Oly.”

Grunhi e olhei para seus pés descalços e sujos pisando nas barras do macacão gasto. Ele fechou as cortinas e diminuiu a luminosidade.

“Você viu Arty?”, perguntei quando as pernas dele reapareceram.

Ele se abaixou no chão ao meu lado. Estendeu a mão suja e tocou minha testa. “Assim é melhor.”

Eu me senti fresca e calma de repente, como se estivesse flutuando imóvel em um lago durante horas.

“Ele está trabalhando, Oly. E está bravo.” Chick olhou para mim com curiosidade.

Toquei meu peito onde o raivoso Arty havia deixado um emaranhado de cobras se atacando venenosamente.

“Aqui também, por favor.” Chick franziu a testa para mim e a dor diminuiu até vibrar apenas como uma picada de abelha. Toquei o local dolorido com a

ponta do dedo, impaciente. “Anda. Continue. Faça o resto, por favor.”

“Posso fazer você dormir. Quer?”

“Não. Você contou para ele?”

“Ele não acreditou em mim. Acha que só quero que ele fique mais calmo. E o Garoto Alfinete foi embora.”

Levantei imediatamente e fui até o palco dos engolidores, levando Chick comigo. Espiamos pela abertura na parte de trás da tenda e vimos as sombras correndo ao fundo enquanto os engolidores faziam seu número. A conversa entre eles era marcada por silêncios quando as espadas eram engolidas. A garota mais velha do grupo terminou sua apresentação e saiu de lá correndo, molhada de suor. Eu a segurei pelo braço.

“Para onde foi o Garoto Alfinete?”

Ela deu de ombros e se coçou por baixo do colete de lantejoulas. “Caramba, Oly, não sei. Papai está muito bravo com ele. Os dois faziam um número juntos. Estavam ensaiando. Mas hoje de manhã, quando acordamos, ele tinha ido embora. Pegou a mochila e o saco de dormir, mas deixou o baú.” Perplexa, ela revirou os olhos. “Ele vai ter que voltar para pegar o baú. E sabe que vamos deixar o grupo hoje à noite. Talvez ele volte antes de irmos embora. Quem sabe não consiga alcançar a gente em St. Joe?”

Vi o baú acorrentado, que estava sobre a grama seca junto da parede da tenda, com espadas e tochas caídas em cima dele. A menina engolidora jogou o cabelo para trás e acenou quando se dirigiu ao outro lado do palco para a segunda entrada.

Chick olhava para o baú. Senti que ele estava pensando. O baú parecia ter sido abandonado, como cartas em um sótão, pelos mortos e para eles.

“É melhor a gente ir ver o Arty”, resmunguei. Chick assentiu, ainda olhando para o baú.

“Diz para eles voltarem amanhã.” Era a voz de Arty passando pela fresta da porta. O noviço careca que atendeu à campainha nos deixou esperando para ver “se o Mestre tem um momento para vocês”.

A cabeça raspada apareceu de novo, sorrindo de um jeito consolador. “Receio que o Mestre...”, ele ensaiou.

Mas dei um salto para a frente, empurrei a porta e gritei: “Arty! Seu merda! Arty!”.

Passei pelo noviço assustado, com Chick atrás de mim, marchando para a mesa de Arty enquanto observava seu rosto furioso e ouvia sua voz retumbando. “Tire ela daqui! Saia!”

E as mãos de três dedos do noviço seguraram meus braços, mas foi Chick quem me levantou. Eu soube pela suavidade, pela facilidade com que voltei para a porta e aterrissei no deque lá fora.

Chick apareceu na porta e olhou para mim. “Eu falo com ele. Espere aqui”, disse. A porta de Arty se fechou e eu fiquei esperando. Furiosa comigo, para variar. Era um alívio para a pena que eu sentia de mim mesma.

Naquela noite, seguíamos para St. Joe através da escuridão, com o papai dirigindo e a mamãe de copiloto. Chick e eu nos acomodamos à mesa de jantar, e ele me contou.

“Tudo bem. Agora ele realmente acredita em mim, mais ou menos, porque conversou com Horst sobre a tigresa estar prenha e Horst disse a ele que seria possível, pois a felina não cruzou com macho nenhum. Mas ele continua fingindo que não acredita em mim. Não admite nada. Além do mais, ele tem medo de que sua seiva não seja boa. Tem medo de não poder plantar bebês. Mas diz que está cheio da adulação dos noviços e que vai deixar você voltar a trabalhar para ele.”

“Mas e o Garoto Alfinete?”

Eu não conseguia ver o rosto de Chick no escuro. Ele esperou alguns segundos antes de responder. Uma dúzia de batimentos cardíacos.

“Ele só fala ‘que Garoto Alfinete?’ e não ouve mais nada. Essa é outra coisa. Você não pode falar do Garoto Alfinete, do seu bebê e de nada disso com Arty. Ele quer que você se comporte como sempre.”

Levei o café da manhã do Arty em St. Joe. Limpei, tirei o pó, levei recados e deixei os noviços fora da van. Fui na parte de trás do carrinho de golfe até a tenda do show de Arty e esperei atrás do tanque enquanto ouvia a grande plateia de St. Joe rugindo e suspirando como a maré. Esfreguei Arty depois do show, o massageei e preparei para a próxima apresentação. Fiz todas as coisas habituais. Ele estava carrancudo e irritado no começo, mas depois esqueceu e tudo ficou como antes.

O Garoto Alfinete não voltou para pegar o baú. Nunca mais ouvimos falar dele. Quando pensava nele, sentia um prazer — um prazer bobo — por saber que Arty havia se livrado dele, afugentando-o e amedrontando o garoto com medo de me perder. Não acredito que Arty possa tê-lo matado.

Elly estava voltando. Iphy tentava esconder a mudança, mas eu passava horas sentada vendo Mumpo se mexendo e Iphy mimando o menino. Eu via as diferenças. Quando Iphy usava as duas mãos para trocar as fraldas de Mumpo,

ou para virá-lo ou lavá-lo, Elly não desabava mais como um balão vazio. Ela se segurava ereta sem o braço de Iphy para sustentá-la. Também havia momentos em que eu poderia jurar que os olhos de Elly estavam focados, olhando para Mumpo, para mim, ou seguindo os movimentos das mãos de Iphy. A boca de Elly ficava fechada por períodos mais longos. Ela babava menos. Uma vez vi sua mão se erguendo deliberadamente para o seio inchado que transbordava.

“Uso aquela bombinha no peito da Elly e coloco o leite na mamadeira”, Iphy me explicava.

Mumpo estava deitado ao lado dela na cama, sugando ruidosamente o bico de borracha da mamadeira. O leite azul-claro balançava e borbulhava na mamadeira, enquanto a sucção da boca baixava o nível do líquido rapidamente.

“Ele tem muita fome o tempo todo. Nós duas temos que amamentar o bebê, mas fica muito ruim segurar o Mumpo e a Elly para que ele possa mamar diretamente no peito dela...” Iphy olhou para mim para confirmar se eu acreditava que ainda precisava segurar Elly.

A gêmea abriu a boca e disse: “Guloso, guloso, guloso”.

Era claro como cristal.

“Rá, rá”, disse Iphy, olhando para mim com intensidade. “Ela tem feito mais barulhos ultimamente. Às vezes são quase palavras.”

Empoleirada na beirada da cama com meus pés pendurados para não sujar os lençóis com os sapatos, assenti e não disse nada. A mamadeira ficou vazia e Mumpo arrotou. Elly ficou de boca fechada e seus olhos vagaram novamente, suaves, sem focar nada enquanto Iphy olhava para mim e para ela tão depressa que seus olhos deveriam estar doendo com o esforço dos nervos.

Papai encomendou cartazes pintados para anunciar “Mumpo, o Bebê Mais Gordo do Mundo” e tentou convencer Iphy a arranjar um horário no qual o bebê pudesse dormir em uma barraca de show para que os ingressos fossem colocados à venda. Iphy insistiu em esperar até o primeiro aniversário da criança. Papai ficou indignado.

“Isso aqui é um local de trabalho! Não há lugar para preguiçosos! Nem parasitas! E você, mocinha? O que acha de uma visita à tenda de variedades? Pode dar um jeito de trabalhar contornando a Elly. Deve ter algum jeito!”

Iphy se irritou e se lembrou de todo o dinheiro que ganhara para ele durante os anos de trabalho com Elly. E disse para ele esperar. Papai a deixou em paz. Iphy não estava preocupada com isso.

“Papai só está testando velhos reflexos. Ele não é mais o chefe.”

Minha barriga cresceu. Ela caía em um ângulo estranho e me dava muita

dor nas costas. As veias das minhas pernas ameaçavam se romper, até Chick cuidar delas.

Eu passava um tempo com Iphy e me convenci de que Elly estava quase de volta, praticamente o tempo todo agora.

“Ela está se fazendo de boba, Iphy, não minta para mim.”

O rosto de Elly estava paralisado no ombro de Iphy, mas os braços dela retornavam. A flacidez dava lugar aos músculos, e eu podia vê-los se movendo embaixo da pele branca, preenchendo as mangas das blusas.

“Elly? Você andou se exercitando em segredo, não?”, perguntei, me aproximando e olhando nos olhos sem foco. Ela nunca reagia.

“Pare com isso, Oly.” Iphy se irritava, e eu me afastava, especulando também sobre ela e no quanto estava mais parecida com Elly agora. Mais forte. Mais dura. Ela não chorava mais. Não cantava. Ela limpava. E alimentava Mumpo, deitada de lado perto dele porque não conseguia levantá-lo. Ela havia desistido das mamadeiras e o virava para que ele alcançasse o seio de Elly quando o seu leite esgotava. Iphy começou a oferecer alimentos sólidos, e ele também comia tudo, nunca derrubava nada, e depois exigia o seio.

Em Santa Rosa, um fã clube das gêmeas foi visitar o parque. Eram meninas de dezesseis anos que haviam começado a se vestir no “estilo gêmea” quando tinham doze anos, mais ou menos, e ainda envolviam duas cinturas em uma saia grande como se participassem de uma corrida de sacos. Elas haviam tingido o cabelo californiano de preto-azulado para imitar o das gêmeas.

Fui abrir a porta. As meninas paradas do outro lado tentaram olhar além de mim, para dentro do trailer.

“Nós adoramos as duas! É verdade que elas tiveram um bebê? Queríamos dar um presente para elas.”

O buquê foi passando de dupla em dupla até chegar em mim. Disse que Elly e Iphy estavam dormindo, ou talvez trabalhando. Peguei o cone de papel verde com as flores e agradei, depois fechei a porta. Iphy ficou olhando pela fresta entre as cortinas enquanto a turma se afastava rindo, quatro pares de gêmeas se abraçando. Distraída, Iphy abraçou Elly, que ficou mole para escapar do afago.

“Tínhamos muitos fãs nesta parte do país”, disse Iphy. Ela colocou as flores em uma grande jarra com água que ficou sobre a mesa por dias.

Era fácil para mim, e poderia ter sido muito mais difícil para as gêmeas. Tínhamos um mundo pequeno, peculiarmente tranquilo por natureza.

Não nos preocupávamos com comida ou casa, com as opiniões da família

ou com as dificuldades de criar um filho sozinhas. Tínhamos mamãe, papai e Chick. Havia uma reserva inesgotável de ruivas prestativas.

Parte de estar grávida é pensar tanto nisso que você raramente fica entediada. Aterrorizada com frequência, mas raramente entediada. De vez em quando, eu me desapontava. Ficava sentada no sol, ao lado da urna do vovô no caminhão-gerador, e mergulhava em melancolia.

Para mim, a vida não era como nas canções que as ruivas tocavam. Não era a apreensão elétrica que eu tinha visto dez milhões de vezes no parque, as meninas toureiras sacudindo capas até aqueles motoristas de trator de calça justa ficarem mais duros que corda de banjo, brilhando ao sol. Não era para mim a hilaridade gaguejante de papai e Lil, nem mesmo a luxúria incontrolável do Homem do Saco quando via as gêmeas. É claro que chorei por mim mesma. Fiquei triste por ver meu amor transbordar no ar, sonolento e deliberado como o cheiro de pipoca azedando no carrinho. No fim eu sempre acabava com um sentimento de glória, sentindo que o amor é o lado mais forte. É ruim ser um objeto. De que adianta ter seu amor correspondido?, eu me perguntava. Aquecer minhas costas no escuro? Mudar o rosto no meu espelho todas as manhãs? Não era da conta de Arty se eu o amava. Era meu grande segredo, como um pássaro tatuado sob os pelos pubianos ou um rubi enfiado no rabo.

Entenda, filha, que a única razão para você existir foi uma homenagem ao seu tio-pai. Você deveria amá-lo. Eu planejava ensinar você a servi-lo e adorá-lo. Você seria seu monumento e sua fortaleza contra a mortalidade.

Perdoe-me. Assim que você chegou, percebi que era muito mais que isso.

Lily pegou as roupas que Mumpo não usava mais, lavou, dobrou e guardou todas elas nas gavetas ao lado do meu armário. Ela mudou os panos de prato, os talheres e sua coleção de sacos plásticos e retalhos de costura, bem como as ferramentas do papai.

“Essa vai ser nossa pequena arca da esperança”, ela disse.

Lily estava encantada por me ter grávida ao lado dela, em vez de me ver afastada e estranha como as gêmeas haviam ficado. Ela me abraçava distraidamente na cozinha, ou quando lavávamos a roupa.

“Agora alimente essa esperança!”, sussurrava e me apertava, seus olhos azuis piscando com um prazer úmido. Um cheiro estranho e morno de seu spray favorito intensificado pelo suor e um toque suave de podridão haviam começado a emanar dela. Eu me apoiava em mamãe observando suas mãos, a pele de papel amassado farfalhando quando ela aflagava meu rosto. “Não vá contar...”, ela sussurrou uma vez, “nem ao mesmo murmure... não gosto de Mumpo... eu o amo... arrancaria meu coração por ele... mas tem alguma coisa nele de que não

consigo gostar.”

Mumpo estava devorando as gêmeas.

“Mamãe, ele só caga uma vez a cada três dias, e não é muito. Tudo bem?” Iphy se preocupava, e Elly havia congelado uma expressão preocupada e inteligente que balançava perpetuamente sobre o ombro de Iphy. Elas ficaram frágeis e magras, exceto pelos quatro seios que enchiam a cada três horas, na hora de Mumpo mamar. Ele berrava antes mesmo de abrir os olhos, rugindo até a boca aberta ser ocupada por um seio. Ele então sugava a fonte até secá-la sobre as costelas salientes das mães e berrava pelo próximo seio até quatro bolsas de leite estarem vazias e murchas. Então dormia por mais três horas antes de começar de novo.

“Cada bebê é diferente”, mamãe respondia diplomática. Mas depois, na van da família, ela balançava a cabeça para mim e ria. “Guloso! Põe tudo aquilo para dentro. Não quer pôr para fora. Fica com tudo!”

Mumpo crescia, se espalhando ao redor dele mesmo em voltas rosadas que pulsavam com a respiração.

Chick me examinava todas as manhãs antes de passar o dia cuidando dos arturanos. Ele estava esfarrapado, crescendo e ultrapassando o limite das roupas. Mamãe estava distraída demais para notar. Chick sentia falta da dra. Phyllis.

“Era mais fácil quando ela estava aqui”, ele explicou. “Agora tenho muito medo. Quase o tempo todo.”

Ele chegava para as refeições com as mãos enrugadas como as de um cadáver afogado por causa das eternas lavagens seguidas pelas luvas cirúrgicas. Cochilava se passasse mais de alguns minutos sentado. Ele se preocupava com o embate ritual entre Horst e Norval Sanderson.

“É justo, não é?”, ele me perguntou. “Foi assim que a dra. P. organizou. Horst fica com as pernas e os braços e o sr. Sanderson fica com os dedos, as mãos e os pés. É porque os ossinhos são ruins para os felinos. Faz sentido, não faz? Por que o sr. Sanderson continua tentando trapacear? Tive que pedir a um noviço para guardar as coxas no caminhão-refrigerador outro dia porque o sr. Sanderson estava sempre tentando roubá-las em sacos de lixo. Horst ameaçou deixar Lilith, a tigresa, solta no trailer de Sanderson uma noite qualquer se ele não parasse. Horst agora bebe o tempo todo. Seria bem capaz de cumprir a ameaça. E papai vai lá para beber com ele. Eles ficam sentados com o tabuleiro de xadrez e discutem, bebem e se esquecem de quem é a vez de jogar.”

Chick falava comigo o tempo todo porque não tinha mais ninguém com quem conversar.

“Arty não aprecia os cirurgiões da cidade se metendo com os arturanos. Ele

não gosta dos médicos da casa de repouso se instalando entre nós. Mas eu gosto. Não consigo fazer tudo. Eles não podem viajar com a gente. Arty quer que tudo esteja onde ele possa ver, mas agora isso cresceu demais. São muitos.”

Arty recebia uma nova pasta de recortes todas as manhãs. Os noviços do escritório faziam uma varredura nos jornais e revistas do país inteiro em busca de qualquer menção ao arturismo ou a qualquer coisa que pudesse afetar Arty. Ele assinou um serviço de monitoramento de transmissões que fornecia fitas sonoras ou de vídeo com todas as notícias, comentários, discussões ou piadas que mencionassem o arturismo na televisão ou no rádio.

“Aqui há outro imitador na Califórnia, o reverendo Raunch! São três em um estado!”, ele resmungou quando levei a bandeja do café da manhã. “E tem aquele vigarista burro em Detroit, uma cópia da dra. P. Os idiotas aduladores estão sendo levados aos tribunais. Esses aduladores vão acabar com a gente.”

Arty não precisava se preocupar com a competição de girinos, mas ele se preocupava. Sua tenda era a maior já erguida neste continente e estava sempre cheia, com uma plateia tão animada quanto um furacão chorando por ele. Mas Arty rosnava por cada batista de quinta categoria, mostrava os dentes para os cirurgiões plásticos, ficava furioso quando via anúncios de clínicas de emagrecimento e programas antialcoolismo.

Às vezes ele se envaidecia.

“Eu tenho as melhores ferramentas. Converso com o cuidador da dra. P. todas as semanas. E meu irmãozinho fez um trabalho muito melhor na dra. P. do que ela mesma jamais fez em toda a sua vida. A coisa mais inteligente que fiz foi deixar Chick na cola dela.”

Eu não prestava muita atenção. Estava atenta ao impressionante conteúdo do meu ventre. Todo o resto era insignificante. Mas, conforme a hora se aproximava, fui ficando com medo. Não tinha medo de morrer. Chick não me deixaria morrer. Não tinha medo de que o bebê morresse. Chick garantiria sua sobrevivência. Mas havia em meu peito um medo turvo, sem nome. Chick continuava se oferecendo para me pôr para dormir.

“É, é legal. A dra. P. está feliz. Eu estaria. Eu me colocaria para dormir se tivesse alguém para fazer o meu trabalho.”

Quando o trabalho de parto começou, mamãe me deu chá e Chick me pôs em uma das cadeiras de rodas arturanas e me levou para a sala de cirurgia. Era fim de tarde. As luzes da roda-gigante eram fortes contra o entardecer, eu sentia cheiro de pipoca e ouvia os apresentadores gritando: “Mostre para a mocinha do

que você é feito!”.

Não doeu. Fiquei reclinada sobre travesseiros e dormi um pouco entre as contrações. Não houve dor, mas foi um parto exaustivo. Lembro de olhar para Chick e para mamãe, tentando lhes explicar por que aquilo era chamado de “trabalho” de parto.

Lembro de ter visto a cabeça de Miranda pela primeira vez entre minhas pernas. Ela parecia muito boba, como uma tartaruga esticando a cabeça vermelha sobre o pescoço magro e se virando, piscando, balançando. Quase dei risada. E lembro do sorriso de Chick quando ele a pegou. Ela foi embrulhada em um pano branco que ele segurava, e Chick levantou o corpinho sujo que se movia e o colocou sobre a minha barriga vazia.

“Gosto disso!”, ele disse. Era seu segundo parto, é claro, e mais tarde ele me contou que Miranda foi fácil em comparação a Mumpo, pois ele havia trabalhado muito mais para suprimir a dor das gêmeas.

Mamãe e eu examinamos seu corpo incrível e só encontramos aquela pequena cauda. Meu coração quase parou. Arty a desprezaria. Mas mamãe disse para eu não perder a esperança.

“Ame-a”, ela disse. Desde então, me pergunto se aquelas foram as últimas palavras sãs de minha mãe, o contato final de suas sinapses.

Depois começou o medo de verdade. Com o bebê fora de mim e vulnerável, de repente eu via o mundo como um lugar hostil e perigoso. Qualquer coisa, inclusive minha ignorância, poderia feri-la, matá-la, tirá-la de mim. Eu queria enfiá-la de volta em meu corpo, onde estaria segura. Era fraca demais para protegê-la. Eu precisava da família. Arty teria que cuidar dela. Iphy tinha que me ajudar. Papai precisava ser sóbrio e corajoso, e mamãe teria que abandonar os comprimidos e ser sensata. Mas só havia Chick, na verdade, e eu ficava apavorada sempre que ele desaparecia do meu campo de visão. Eu o assustava com minha carência, mas não poderia confiar o bebê a ninguém mais.

Miranda tinha o rosto de Arty, e dei a ela esse nome porque uma Miranda já foi amada pelo pai no livro que li.

Arty não amava meu bebê. Ele nunca pediu para vê-la. Quando finalmente fui vê-lo para levar seu café da manhã alguns dias depois do parto, eu a deixei com Chick. Estava testando o terreno e descobri que era árido. Muito árido.

“Quanta bondade sua aparecer”, Arty comentou sarcástico. “É bondade sua ter encontrado tempo para isso. Suponho que não vá mais trabalhar. Vai se aposentar como Iphy.”

Senti meus pulmões ficarem gelados. Eu não podia responder no mesmo tom. Fui me esconder no armário segurando Miranda, tomando cuidado para não

apertar seu umbigo, com medo de que o rabinho ficasse atrofiado ou torcido.

Eu sempre dormia colada nela no meu armário. Isso deixava a mamãe nervosa, mas não havia espaço para eu me mexer, o que me fazia pensar que não havia nenhum perigo de esmagar ou sufocar a bebê. Não tinha coragem de colocá-la em uma caixa ou gaveta separada de mim.

“Ele não odeia a menina”, disse Chick. “Como poderia?” Chick segurava Miranda na pia enquanto eu a banhava. O braço dele apoiava as costas planas para ela não cair e quebrar a cabeça perfeita. Eu não me sentia confiante para dar banho nela. Seus dedos de cinco meses agarraram os lábios de Chick, e ele os beijou fazendo ruídos engraçados. “Mamãe e as ruivas dizem que você já deveria estar melhor agora, Oly. Não devia ter tanto medo.”

Meus braços desapareceram abaixo dos cotovelos, cobertos pela água morna e cinzenta na pia. Do outro lado da área, Leona, a Garota Lagarto, flutuava, imóvel e silenciosa, na nebulosidade verde de seu recipiente. Miranda podia rir e arremessar uma colherada de qualquer coisa na parede, mas seria tão inútil quanto Leona contra Arty. Eu queria que Chick acreditasse em mim, que tivesse medo e se mantivesse alerta como eu.

“A bebê não é uma ameaça para ele”, Chick disse como se respondesse aos meus pensamentos. Uma bolha de luz cresceu dentro de mim. Ele tinha razão. A pequena cauda de Miranda não ameaçava o Aqua Man. “Além do mais, ele continua atrás de mim para trazer a Elly de volta. Diz que seria bom se ela pudesse ajudar com o Mumpo. Tenho trabalhado nisso, mas é complicado. A cabeça dela é difícil.”

Minha bolha de fantasia murchou e virou uma poça gelada. Então era por isso que Chick tinha tanta certeza da benevolência de Arty.

“Culpa”, eu disse.

Chick concordou e balançou a cabeça brilhante sobre o pescoço magro acima dos cachos indomáveis de Miranda. “Ele se sente mal.”

Limpei suas bochechas gordas com a esponja, então ela abriu a boca sem dentes e, contente, mordeu a esponja. “Pensei que ela estivesse voltando.”

“É lento”, ele assentiu. “Estava começando. Mas estou tentando aos poucos. Você deveria ir lá mais vezes. As gêmeas estão muito sozinhas. É bom quando as coisas ficam agitadas em torno delas, Elly presta mais atenção.”

“Eu ajudo Iphy com a limpeza.”

“Você não gosta do Mumpo. Acha que ele é mau, mas não é. Leve a Miranda para brincar com ele.”

“Ele não brinca. Só come e fica lá deitado.”

Uma sombra de dor encobriu o rosto dourado de Chick. “Ele é um bebê

maravilhoso. É diferente da Miranda.” E abaixou o rosto para afagar o cabelo úmido da criança. “Mas é maravilhoso.”

Peguei uma toalha. “Vamos tirar a Miranda daí.” Ela se levantou pingando e pulou no meu colo sorrindo.

“Ela gosta de voar.” Abri um sorriso para Chick, envergonhada por ter insultado seu outro bebê.

“Tenho que ir para o centro cirúrgico.” Ele não me encarava. Seu rosto estava vermelho.

“Nós vamos com você.” Comecei a vesti-la rapidamente.

“Não, Oly. Não consigo me concentrar quando tenho que cuidar de vocês. Tenho coisas difíceis para fazer.” Fiquei olhando pela janela enquanto ele se afastava. Os restos de seu macacão cobriam os ombros magros e nus como se ninguém o amasse.

Miranda estava aprendendo a andar. Ela ia da cadeira do papai até o sofá-cama onde Chick dormia à noite. Um dia ela caiu com o rosto no chão e cortou o lábio. Eu estava chorando. Ela sangrava e gritava. Foi nesse momento que Arty decidiu aparecer. Foi a primeira vez que ele viu Miranda.

É verdade que não tive nenhuma utilidade para ele desde que minha filha nasceu. Ela me transformou. Quando trabalhava, eu tinha medo de me aproximar dele porque tinha algo a perder.

Depois que ele saiu na cadeira de rodas sem esconder o desgosto, eu corri com o bebê no colo, ainda sangrando, e invadi o centro cirúrgico. A enfermeira me segurou pelos ombros e me levou à tenda de espera. Chick amputava uma coxa. Um procedimento crítico. Ela me deu um algodão para o lábio de Miranda e voltou para a sala de cirurgia.

Chick saiu vestido com aquela roupa verde e eu me atirei contra ele. O menino tinha treze anos. Eu tinha dezenove. Miranda tinha um. Ele olhou para ela, e Miranda parou de chorar. Seu lábio parou de sangrar. Ela levantou os braços, e ele a pegou. Ela suspirou e deixou a cabeça descansar em seu ombro.

“Ele a chamou de normal”, falei. “Disse que vai alimentar Mumpo com ela! Nem olhou para a cauda! Iphy vai rir como uma louca, mamãe vai tomar um comprimido, Al vai beber e ninguém mais pode me ajudar, só você!”

Seu rosto infantil se contorceu intrigado. “Não entendo”, ele disse.

Imediatamente, uma tranquilidade me invadiu. Fui dominada por uma quietude imensa. “Não!”, gritei. “Não! Não!” Mas era tarde, e a raiva e o sofrimento eram pequenos em mim, não inexistentes, mas distantes.

“Agora explique, por favor”, Chick pediu. E caminhamos tranquilamente para fora da tenda, pela grama atrás das barraquinhas do parque. Miranda

adormeceu no colo de Chick.

Creio que Chick tentou. Quando ele saiu da van de Arty, parecia mil anos mais velho. Foi ele quem teve que me contar.

Querida filha, não vou tentar chamar de amor meu sentimento por Arty. Chamo de foco. Meu foco em Arty era uma doença não contagiosa e, depois de tantos anos, incompreensível mesmo para mim. Agora me desprezo. Mas, ainda assim, eu me lembro, em ondas quentes, de como ele dormia, quieto como um morto, com o rosto inexpressivo, duro e singular como um túmulo esculpido. Sua fraqueza e suas necessidades vorazes e amargas eram terríveis, e tão bonitas e irresistíveis quanto um terremoto. Ele exigia ou pressionava qualquer pessoa de quem precisasse, mas sua necessidade e a dor que ela causava em mim definiram a maior parcela de minha vida. Lembre-se de que sempre fui uma coisinha patética e me perdoe.

Ele não viu utilidade para você, e você interferiu na maneira como ele me usava. Mandeí você embora para agradar Arty, para provar minha dedicação a ele e impedir que ele lhe matasse.

O escritório administrativo arturano cuidou de tudo. Eles localizaram o convento. Depositaram uma quantia alta em um fundo de pensão que serviria para pagar as freiras.

Minha função era levar você para aquela velha maldita, que, não esqueça, havia abdicado dos filhos por seu amor a Deus muito antes de você ou eu aparecermos. Tive que levar você para ela e voltar sozinha.

Minha missão era voltar imediatamente sem lágrimas por trás dos óculos escuros, fazer a massagem do Arty e pintá-lo para o próximo espetáculo, sempre assentindo com alegria, sem nunca demonstrar nada além de cuidado atencioso com sua maravilha muscular. Porque ele poderia ter matado você. Poderia ter cortado a verba que garantia sua educação e alimentação. Poderia ter apagado você tão completamente que eu jamais teria nem sequer aquelas cartas, boletins escolares e fotos, os desenhos com giz de cera, ou a chance de observar e amar você em segredo quando todo o resto acabasse.

Arty poderia ter feito pior, mas não fez.



Tudo se desfaz

Hopalong McGurk sorri com dentes perolados porque meus perfeitos dentes Binewski desceram pelo ralo com todo o resto. Mas o dia em que perdemos tudo não foi nada de especial. Miranda partira um ano antes, mais ou menos. A manhã já terminava e eu estava no camarim de Arty, como sempre, cobrindo-o com óleo enquanto a tenda enchia e o barulho da plateia atravessava a parede, engrossando o ar. Arty estava deitado de bruços na mesa de massagem enquanto eu o pintava. Ele me observava pelo grande espelho na parede.

“Capriche nas pregas, por favor. Quero brilhar.”

Pressionei a pele da nuca e espalhei um punhado de gordura na região. Ele apoiou a testa na cama e arqueou o pescoço para alisar a pele. Eu massageava e esfregava, e o brilho se espalhou da parte de trás da cabeça até as orelhas.

“Quer que eu passe na ponta das nadadeiras?”

“Eu gosto. A plateia suspira quando apareço desse jeito...” Ele abriu as nadadeiras e piscou para o espelho.

Deslizei a mão por baixo de seu peito e levantei. Os músculos definidos de suas costas se moveram, cada saliência da coluna incrível se tornou visível quando ele arqueou as costas para me ajudar. Quando se equilibrou ereto sobre as nadadeiras inferiores, trabalhei em sua testa e espalhei a gordura pelas pálpebras e faces planas.

“Quero um traço branco embaixo de cada sobrancelha, no nariz e embaixo do lábio inferior. Não muito visível para os espectadores que ficam mais perto do tanque.”

Abri o pote de tinta branca e espalhei sobre a nadadeira direita. O *glitter* claro já estava seco entre as rugas. Desenhei pinceladas brilhantes e suaves no leque de ossos finos que pareciam mãos brotando de seus ombros. Ele contraía e distendia, e a luz dançava em sua pele.

As nadadeiras que saíam da bacia de Arty eram graciosas. Quase planas, torcendo-se nas articulações curtas como o pescoço de um cisne, suaves e poderosas e se abrindo com um propósito assimétrico. A coisinha que parecia um dedo e que nunca tinha sujeira sob a unha quadrada era capaz de pegar,

arranhar ou virar uma página. Ele estremeceu quando espalhei a tinta branca, e ondas desse tremor se dispersaram pelo corpo inteiro.

“Bom. Continue, passe o óleo”, ele disse.

O óleo capturava a luz em um prisma sutil. Quando terminei, a cobertura oleosa tinha um brilho próprio e preservaria a pintura branca embaixo dela depois de uma hora embaixo d’água, na qual Arty se contorceria loucamente. As pontas brancas eram detalhes novos. Arty examinou-se no espelho e sua boca larga se distendeu de um canto a outro.

“Olha só. Eles vão lambar meu rabo hoje.”

O céu sobre Molalla era azul, mas eu saí da tenda de Arty e voltei à nossa van atravessando o mesmo ar que havia respirado durante toda a minha vida. Era uma mistura Binewski de óleo lubrificante, poeira, pipoca e açúcar quente. Produzíamos esse ar e o carregávamos conosco. A luz do nosso circo era a mesma em Arkansas e Idaho — a dança elétrica patenteada dos Binewski. Nós a criamos. Como o fragmento de muco que penetra uma concha chamada “ostra”, nós, os Binewski, tecemos no parque um abrigo chamado “circo”.

Era meio-dia e as plateias cresciam. Arty estava em seu tanque na tenda azul prestando serviços de elevação para os Admitidos. Sanderson arrotava porcarias em sua elegante gramática *kudzu*. As ruivas lançavam olhares atrevidos de cada guichê da bilheteria e barraquinha de doces. Duas dúzias de brinquedos tremiam, sacudiam e causavam tonturas, fazendo cair os trocados de todos os bolsos dos habitantes locais. Eu andava pelo parque, pronta para almoçar. Esperava que Crystal Lil estivesse preparando caldo escocês para todos os filhos.

Mas vi Lily na frente da van das gêmeas. Ela sorriu e gritou por Chick exatamente no momento em que ele passou por mim correndo, seus cotovelos e joelhos trabalhando para levá-lo até ela. Seu cabelo branco esvoaçava atrás dele, e eu comecei a correr.

“É a Elly!”, Lil berrou.

A porta do quarto estava aberta. A cama cor-de-rosa era o palco de uma luta. Uma perna nua dobrada empurrava com força seu calcanhar contra a coxa inerte da adversária. Um braço longo se projetou da confusão de cabelos e dentes e desceu manejando a tesoura ágil.

“Não!”, disse Chick, mas o punho brilhante seguiu em frente e o calcanhar continuou chutando a outra perna. “Não!” Chick pulou em cima da cama e dois braços frágeis se ergueram do emaranhado de longos cabelos negros. A perna furiosa se estendeu e caiu sobre o lençol. O rosto de Iphy, todo vermelho, estava voltado para cima entre os braços erguidos e ela ficou deitada e imóvel ao lado

de Elly. A bolha vermelha pulsando nos seios de Elly murchou e ficou imóvel. Os dois olhos brilhantes dos cabos da tesoura brotavam da órbita escura do olho esquerdo de Elly.

“Não.” Chick estendeu a mão para Elly enquanto Lily, de joelhos ao lado da cama, gemia.

“Bebê...”

“Elly?”, Chick chamou.

Eu vi a coisa no chão na frente de Lil, o corpo ensanguentado do pequeno Mumpo.

“Não consigo encontrá-la!” Havia medo na voz de Chick.

Um gemido fino brotou da boca de Lily.

“Eu a matei”, Iphy disse tranquilamente. Ela olhava para o teto e tinha os braços presos com o lençol pela força do pensamento de Chick.

“Não consigo consertar!” Chick chorava.

“Ela matou meu bebê.” A voz de Iphy era plana como o Kansas.

“Mumpo”, Chick murmurou, pulou da cama e viu o corpo no chão perto dos joelhos de Lily.

“Ah, não”, Chick murmurou. “Não o senti partir. Mumpo.”

Lily chorava.

“Fui eu”, Chick soluçou. “Eu trouxe Elly de volta.”

“Arty”, Iphigenia disse. E morreu.

Enraizada no tapete, eu a vi partir.

Chick se virou para ela, e o rosto marcado pelas lágrimas se desfez. Ele se atirou sobre ela, as mãos agarrando seu rosto. Bateu o rosto no dela, gritando: “Não!”.

Lil se balançava ajoelhada ao lado do corpo de Mumpo, que já esfriava. O gemido agudo ia e vinha com sua respiração. O rosto e as mãos de Chick estavam enterradas na crina escura de Iphy. Ele disse: “Arty”.

Corri para a porta. Arty, logo pensei. Contar a Arty. Cheguei na rampa quando Chick passou por mim, o corpo loiro correndo descalço pela terra. Eu o segui. Ele parou quando chegou no parque. Bateu os pés na serragem, tentou se controlar e olhou para a linha até onde a grande lona se erguia, a uns quinze metros além das barraquinhas e brinquedos.

“Arty”, ele disse, e eu ouvi sua voz misturada à música que vinha da Rato Maluco, enquanto Chick cerrava os punhos e alongava o pescoço com os olhos fechados. Não havia nenhum sinal em torno dele. O ar não tremulava. Mas seu silêncio e a tensão dos tendões do pescoço o faziam parecer mais velho, assim como as veias azuis e duras sob a pele, e a tenda de Arty ao longe, ocupada por ele e por seus aleijados, explodiu. Pegou fogo.

O deslocamento do ar nos atingiu antes do som. Não ouvi nada, mas levantei as mãos para me proteger da rajada, e o fogo veio em nossa direção em blocos que caíam como ondas num sonho de criança, imenso, embora as tochas fossem barracas e tendas cujo tamanho não ultrapassava a altura que um homem comum poderia alcançar com a mão. O fogo ondulava, queimava, e Chick, em sua dor, não conseguiu se conter, mas se projetou. Senti quando ele me invadiu como uma corrente de amor e recuou. Eu, como os braços erguidos, percebi seus olhos se abrindo para mim e senti o brilho azul do reconhecimento. Em seguida, ele recuou novamente. Afastou-se de mim e se retraiu. Virou-se, e o fogo avançou. As chamas brotavam dele, claras como a luz, explodindo de seu ventre. Ele não gritava nem se movia, mas se alastrava, e meu mundo explodia com ele, e eu via tudo com um imenso alívio, rangia os dentes que se quebravam e viravam cacos e permanecia ali parada, chamuscada e rangendo os cacos enquanto eles morriam, minhas rosas, Arty, Al, Chick e as gêmeas, todos virando poeira enquanto as brasas se livravam daquele calor terrível.

Muitos morreram. Muitos queimaram. Bebês foram transformados em manchas de gordura nos braços enegrecidos de suas mães incineradas. Interruptores repentinos, finos e quebradiços, haviam sido acionados segundos antes, como crianças que dançavam. Todos os corpos escuros e boquiabertos, em seu frenético balé de fogo, se contorciam e se misturavam nos sonhos dos homens que realizaram as buscas. Os bombeiros e o pessoal das ambulâncias que haviam socorrido inquilinos surpreendidos por incêndios criminosos e vítimas de acidentes aéreos vomitavam e se aposentaram, ou se demitiram de seus empregos para plantar alfaces, mas ainda sonhavam depois de revirar as cinzas do Fabuloso Circo Binewski.

Para mim havia só Arty, Al, Chick e as gêmeas que foram levados para o nada, e eu com eles, rangendo os dentes em busca de alívio até transformá-los em pó.

Perdemos os felinos, mas Horst escapou. Ele cuidou dos negócios enquanto eu estava no hospital. Levava papéis para que eu assinasse, mas ele tomava as decisões. Eu não me opunha. Ele mandou o que conseguiu achar de Zephir McGurk para os filhos. Limpou e poliu as tesouras do Laçador de Moscas antes de mandá-las para a ex-esposa dele em Nebraska. Horst foi o único que identificou o corpo carbonizado de Arty, que não era mais bonito, em meio ao carvão escuro que sobrou após a total evaporação do grande tanque. Ele reuniu os parentes nos recipientes quebrados e os mandou, com o restante dos Binewski mortos, para o que chamou de cremação “decente”.

As vans da família não foram tocadas pelo fogo. Horst tirou delas todos os

objetos pessoais e vendeu as vans. Norval Sanderson morreu na barraca do Verme Transcendental, perto da tenda de Arty, mas sua van escapou ilesa. Horst tirou rapidamente de lá os documentos, as fitas e os diários antes que os repórteres se apoderassem deles. Guardou tudo e alugou um quarto barato perto do hospital. Passou meses ocupado com a desativação e a falência das casas de repouso arturanas. Ele me visitava todos os dias, exceto às quartas-feiras, quando ia ao hospital psiquiátrico estadual perto de Salem para visitar a mamãe em seu quarto revestido.

Ele me levou do hospital para um pequeno quarto alugado na frente do seu em um corredor escuro. “Podemos ficar aqui em Portland”, ele disse. “Agora todos os lugares são iguais.”

O nome Binewski fedia e atraía moscas. Horst me fez usar o nome McGurk quando alugou o quarto.

“Zephir era um bom homem”, ele me disse.

McGurk adorava Arty, por isso manteve o nome.

Foi Horst quem achou Crystal Lil depois do incêndio. Demorou um ano ou mais até que ele decidisse me contar. Naquela época eu tinha um emprego, gravava livros para cegos. Havia começado a construir uma vida no mundo estranho e estagnado. Horst conhecera uma mulher com coxas fortes e que tinha um gato siamês. Ele ia morar com ela. Me levou ao McLarnin para nos despedirmos.

Horst tomou algumas doses e então me contou. “Eu estava procurando seu pai. Não havia mais nada, só os gritos. Passei por trás de uma van e o vi no chão. Ele devia ter acabado de descer do caminhão-gerador quando o incêndio começou. A urna prateada do seu avô estava caída no chão ao lado dele, amassada. Tinha sangue nela. Acho que era de Al.”

Horst não conseguia olhar para mim. Torcia o bigode grisalho com os dedos grossos e encarava o copo.

“Eu sabia que ele estava morto e não me aproximei. Não consegui chegar perto. Sentei no chão ao lado da urna, mas também não consegui tocá-la. De repente sua mãe apareceu chamando Al como se fosse a hora do jantar. Ela estava enlouquecida. Transtornada. Correu para o local onde ele estava caído e rasgou a blusa, abaixou a saia, puxou a calcinha contra a sua genitália e ficou repetindo: ‘Al... falido... completamente falido... vamos ter que começar de novo’. Ela se abaixou ao lado do corpo de Al, montou sobre seu corpo, abriu o cinto, baixou o zíper da calça e a puxou para baixo, falando suavemente. Depois se colocou sobre o pênis flácido e começou a se mexer, esfregando a vagina nele, afagando seu peito, sem notar que metade de seu rosto não estava mais lá, sem notar o toco do braço sem mão fumegando, mas se esfregando nele lentamente

como uma gata e passando as mãos dentro de sua camisa, nos pelos do peito e repetindo: ‘Falidos... Al... depois de todo nosso trabalho... vamos começar de novo... Al... você e eu... Al’.”

Mumpo não tinha nem três anos quando morreu. E você, Miranda, tinha dois, fazia colares de miçangas e comia waffles de baunilha no dormitório infantil do convento Sister Lucy. Mas você fez nove anos antes que os médicos me deixassem levar Crystal Lil para a casa da Kearney Street.

Eu era adulta quando pisei pela primeira vez em uma casa sem rodas. É claro que já estivera em lojas, escritórios, postos de gasolina, celeiros e depósitos. Mas nunca havia atravessado a porta de um lugar onde as pessoas dormiam, comiam, tomavam banho, limpavam o nariz e, como dizem por aí, “viviam”, a menos que esse lugar fosse três vezes mais comprido do que largo e viesse equipado com rodas e pneus.

Quando entrei pela primeira vez em uma casa como essa, fiquei espantada com sua terrível solidez. A coisa tinha tentáculos de concreto enfiados na terra e uma ineficiência que se alastrava. Tudo era maior do que precisava ser e havia tantos cantos escuros, empoeirados, vazios e desperdiçados que eu achava que poderia me perder se me afastasse da porta. Aquele prédio não ia para lugar nenhum, apesar da sensação de que não estava totalmente confortável onde estava.

Foi quando reconheci pela primeira vez uma necessidade de me explicar. Nessa época, percebi que a expressão peculiar que aparecia no rosto das pessoas quando me viam não era inveja ou ódio, mas podia ser traduzida em uma questão simples: “O que aconteceu com você?”. Era necessário saber para poder se prevenir e não passar pela mesma coisa.

Minha resposta também era simples: “Meu pai e minha mãe me projetaram assim. Eles alcançaram uma originalidade maior em alguns de seus outros projetos”.

Por um tempo eu disse isso às pessoas. Eu me orgulhava disso. Era verdade. Apenas algumas acreditavam. Crianças pequenas, bêbados ou gente tão velha que se eximia dos tabus da cortesia fingindo irresponsabilidade senil. Fiquei interessada. Recitava a resposta mesmo quando a pergunta não era feita em voz alta, ficando apenas estampada nas linhas ao redor dos olhos. Eu sorria calmamente e contava essa história para o garoto no posto de gasolina, ou para o coletor de lixo, ou para uma mulher com uma sacola de compras em um semáforo na rua.

Alguns, particularmente as mulheres, se viravam como se eu não tivesse dito nada ou elas não tivessem escutado. Achavam que eu era maluca. Não

queriam me incentivar. Mais um instante e eu estaria pedindo dinheiro.

Trabalhei para melhorar a história e o jeito como a contava. Para desculpá-los por especular, para fazê-los sentir que tudo bem, não tinha problema. Eu me sentia eufórica com cada explicação, mas ainda assim as pessoas me ignoravam.

“Merda!”, diziam algumas. Ou: “Não me diga!”. O melhor que eu poderia esperar era: “Nasceu desse jeito, é? E eles ficaram aborrecidos com isso? Ou envergonhados?”.

Será que achavam que eu estava mentindo?

O mistério surgiu quando passei a morar numa residência fixa pela primeira vez. Antes eu não entendia que alguma coisa sobre mim precisava ser explicada. É muito bom ler sobre casas, e ver casas da estrada, e dizer a você mesmo que é ali onde as pessoas vivem. Mas outra coisa inteiramente diferente é entrar e ficar lá.

Al sempre riu das casas fixas. Ele criou seu único trecho de escritura para lidar com casas. “Os pássaros do ar têm seus ninhos”, anunciava como se cantasse uma canção de ninar, “e as raposas no chão têm suas tocas.” E levantava um dedo e as sobrancelhas como se lecionasse. “Mas o filho do homem não tem lugar para descansar sua cabeça.”



*Tornando-se
o dragão*



A N O T A Ç Õ E S D E A G O R A

As nadadoras

Eu, a anã cujas orelhas eram separadas apenas por uma hemorroida vazando, estou sendo punida neste momento por um colapso sentimental durante minha aula de natação. Foi a dobra macia no pescoço da srta. Lick que me derrubou. O jeito firme como ela empurrava a mandíbula para baixo, para dentro das almofadas de seus queixos múltiplos enquanto sorria para mim na água. Eu havia me dedicado a um surto de vaidade por minha própria decisão. E a simples visão do pescoço da srta. Lick me desequilibrou. Balbuciei o tempo todo e acabei falando sobre o show.

Aqui estou eu, sorvendo o ar verde acima da água, de olho na salva-vidas que está fazendo charme para um garoto bronzeado que tem, aparentemente, um quilo de uvas guardado dentro da sunga molhada. O espaço reproduz um eco simples, e quatro meninas pequenas estão juntas na água do outro lado da piscina, jurando umas às outras que me viram no vestiário sem a touca de natação e os óculos de lentes verdes. Elas garantem que sou careca como a bunda de um bebê e que meus olhos são vermelhos.

De olhos fechados, sinto as crianças olhando para mim. Elas pararam de brincar por um momento no lado raso, de onde podem me observar. Eu também estou no lado raso, sentada na escada com água até os mamilos. A srta. Lick está indo e voltando na piscina com suas poderosas braçadas. Os olhos das crianças continuam em mim. Se eu abrisse os olhos, elas sorririam e acenariam. Têm idade suficiente para ficarem constrangidas com a própria normalidade na minha frente.

Porque sou Olympia Binewski e estou acostumada a sentir os olhos se voltando para mim, me viro ligeiramente em meu assento submerso e me inclino como se examinasse os dedos dos pés embaixo d'água. Esse ângulo permite que as crianças tenham uma visão clara do perfil da minha corcunda. Nunca disse que minha corcunda é extraordinária em tamanho ou conformação, mas é um clássico de sua espécie, erguendo-se em um arco claro e puxando meus ombros para cima, projetando meu peito em uma cunha estreita. O topo da corcunda, se

eu me curvar em um ângulo específico, alcança a parte de trás da minha cabeça. Agora vou tirar as duas mãos da água e remover os óculos. Ouço o barulho das crianças na água. Elas estão impressionadas com o tamanho das minhas mãos na extremidade de meus braços curtos e finos. Sorrio e abro os olhos para que elas vejam no reflexo da água que eles são cor-de-rosa, e não vermelhos.

Mas a srta. Lick está em pé no lado raso, olhando com expressão séria para as crianças. Ouço seu tom ríspido: “Estão nadando ou enrolando?”. E quatro criaturinhas não falam, mas dão impulso na parede e começam a nadar uma atrás da outra na raia mais afastada da piscina para fugir.

A luz é verde-clara e se move sobre os ombros e o peito da srta. Lick. Ela vira e assente para mim, e vejo em seus lábios um movimento rápido de tensão que corresponde a um sorriso. Ela está me dizendo que me salvou dos olhares de idiotas e que estou segura com ela ali para me proteger. Depois ela mergulha na água e se projeta para a frente, batendo na superfície com o som de um canhão com soluço.

As crianças se viram e voltam, mas não ousam parar deste lado novamente. A srta. Lick não gosta de crianças. Ela odeia meninas bonitas. Essas quatro garotas de dez anos são altas, muito magras e têm o rosto limpo. Elas têm medo da srta. Lick, mas não de mim.

Talvez porque eu seja muito velha. Elas se preocupariam se eu tivesse a idade delas, se pudessem se imaginar sendo eu. Dizem umas às outras que eu “nasci daquele jeito”, o que serve de motivo de tranquilidade para elas e me conforta. Nada poderia me fazer machucá-las.

Mas elas são espertas por temerem a srta. Lick. Ela pode perder o controle por um instante e transformá-las em patê.

A srta. Lick está me dando uma aula de natação. Ela me segura em seus braços e murmura: “Incline a cabeça para trás e flexione a coluna. Muito bom. Agora bata as pernas, mexendo-as na altura do quadril”.

Seu rosto grande e sério me observa com cautela. Seus braços e mãos mornos estão embaixo de mim. Deito de costas e olho para cima, para seu rosto bojudo, e sei que ela é a única amiga que jamais tive. Estamos numa profundidade que cobriria a minha cabeça se ela me soltasse. Ouço o barulho de outros nadadores treinando à minha volta. A luz se projeta das paredes e é fragmentada pela água. A srta. Lick me segura.

“Muito bom”, ela diz e sorri para mim.

A srta. Lick tem um metro e oitenta e oito de altura e é uma atleta peso-pesado. Ela ainda não completou quarenta anos e tem cinquenta centímetros de bíceps. Eu tenho dezessete centímetros de bíceps, e noventa e um de altura. Peso

vinte e nove quilos e sou muito velha aos trinta e oito anos. Minha artrite é avançada. Mas a srta. Lick é ainda mais velha porque está perto da morte. A srta. Lick abraça a bomba que vai matá-la e está tentando comprá-la.

“Bata os pés!”, ela diz, abrindo um sorriso largo para mim.

De repente o ardor da tristeza jorra do meu nariz para a barriga. Isso tudo é culpa de Miranda, digo furiosa para mim mesma. Se minha filha não fosse uma vadia de cabeça tão oca, eu não estaria nesta situação. Poderia ser uma anã velha, tranquila e agradável, terminado encolhida em uma morte seca e limpa nos meus próprios cobertores, sem jamais ter feito mal a ninguém. Mas aqui estou eu, sendo embalada pelos braços da criatura que pretendo matar. Quando paro de bater as pernas e levanto o corpo numa reação de dor, a srta. Lick fica preocupada.

“Água no nariz?”, ela pergunta, batendo delicadamente a mão gorda como uma almofada na minha corcunda. “Engoliu água?”

Olho através das lentes verdes embaçadas e vejo uma camada de gordura cobrindo a artéria no pescoço da srta. Lick.

Quando me recuso a jantar na casa dela, a srta. Lick se oferece para me carregar até meu apartamento e me colocar na cama.

“Meu Deus, que falta de consideração da minha parte!”, ela geme enquanto dirige o carro pelas ruas escuras. “Eu me comporto como se você fosse uma montanha igual a mim.”

“De jeito nenhum”, respondo, afundando os dedos no couro macio do banco da frente. “De jeito nenhum”, repito, segurando o painel com uma das mãos e apoiando a outra no descanso de braço para não ser arremessada no poço escuro que é aquele espaço para as pernas quando a srta. Lick para em um farol vermelho.

“Tem certeza de que não quer que eu suba com você? Posso fazer um pouco de sopa. Sei que você não se alimenta bem.”

“De jeito nenhum.” Puxo a maçaneta e consigo abrir a porta, deixando entrar um sopro de ar fresco que diminui o odor de cloro que exalamos no carro. “Vou desligar o telefone e dormir. Amanhã cedo tenho gravação.”

A mão toca a minha corcunda quando escorrego para a calçada.

“Deixa eu dar uma carona para você até a emissora amanhã de manhã”, ela pede.

“De jeito nenhum.” Quase não consigo mais pensar. Se não sair de perto dela, vou desintegrar e estragar tudo. “Muito obrigada. A gente se vê na piscina amanhã à tarde.” E bato a porta do carro com as duas mãos. Eu me viro e ando apressada para a entrada do prédio porque ela certamente não vai embora até me

ver segura lá dentro.

Esse edifício é novo, e a srta. Lick poderia atravessar a porta da frente com o punho com a facilidade de um arrotto, algo que ela faz sem nenhuma hesitação. A srta. Lick é capaz de arrotar cada sílaba do nome “Harry Houdini” a pedidos e gosta quando o pedem. De qualquer maneira, tranco a porta depois de entrar e desligo o telefone. Disse a ela que iria para a cama e não posso arriscar que a linha esteja ocupada caso ela telefone para verificar se estou bem.

É noite do lixo para Crystal Lil. Tenho que ir para casa. Táxis são caros para uma anã que tem um emprego mediano e aluga apartamentos extras, nada em clubes particulares e se julga uma justiceira assassina. Subo no pufe para olhar no espelho sobre a pia do banheiro novo. Ajeito a peruca e os óculos, e faço uma careta para mim mesma porque tudo isso é um castigo merecido por eu ser covarde a ponto de perder a ousadia. Me sinto completamente sufocada com a piedade da srta. L. Uma boa caminhada de três quilômetros no escuro e no frio vai ensinar meus joelhos e tornozelos a terem um pouco de respeito pela disciplina e pelo autocontrole.

A fadiga me deixa tonta. Quando chego à viela atrás da casa de Lily, minha cabeça está flutuando vários metros acima do corpo e me sinto amargamente compelida a dar risada. Não me atrevo a usar a porta da frente para evitar a srta. Lick, caso ela esteja se dedicando ao seu hobby de vigiar. Posso me ver, e a visão é patética.

Uma anã velha sobe a escada escura suja de merda de gato que leva da garagem até o telhado. Os pés dela doem e os joelhos imploram por uma transferência para as Bermudas. A anã, albina e com cara de sapo, grunhe. As articulações do quadril passaram de quentes para uma temperatura desconhecida, atingindo inclusive a corcunda de peitos caídos. “Hum”, geme a mãe careca dos patetas quando para e se apoia na porta aberta que dá para o telhado.

O ar é cinzento e está iluminado por um poste de luz que fica no fim da viela. A parte dos fundos do teto plano da garagem é ligada à casa alta de madeira. A chuva cai barulhenta na poça de água suja que enche o centro da cobertura. A escada de incêndio da casa mergulha seus pés no piche do telhado. A srta. Oly, terceira ou quarta filha dos Binewski, dependendo da contagem de cabeças ou bundas, tira os óculos de lentes azuis e limpa o suor embaixo dos olhos cor-de-rosa e sobre o nariz largo e chato, depois prende as pernas dos óculos nas orelhas, devolvendo-os ao lugar. Levantando toda a área que compreende a testa e a cabeça por falta de sobancelhas, a srta. Binewski, com seu cuidado ansioso, continua se afastando com suas pernas tortas do fedor de bosta de gato na escada, contorna a poça d’água formada pela chuva e se aproxima do primeiro lance da escada de incêndio. Lá vai ela, subindo os

degraus sujos de ferro. Ela para de subir e apoia o queixo no degrau à sua frente para descansar e respirar, pensando que poderia ser o momento de adotar uma bengala. Ou duas bengalas sólidas o bastante para ajudar um sapo velho e cretino a subir este verdadeiro exagero da carpintaria e aquela outra escada suja de merda de gato sem precisar tocar cada degrau imundo com a mão.

Ela, essa Oly, alcança o fim do primeiro lance da escada de incêndio e continua arrastando sua carcaça grossa com seus braços de aranha e então faz uma pausa para descansar de novo — ou, mais precisamente, para espiar pela janela suja do quarto sobre essa viela nos fundos do nobre West Hills — e, caso sejam lágrimas se acumulando na parte inferior dos óculos de armação grossa que ela usa, essa velha e flácida pateta vai ficar cega demais para se manter firme no chão e vai acabar caindo e se espatifando como um besouro no teto da garagem, bem ao lado da piscina ornamental.

Não, ela diz que não está chorando, embora suas cavidades respiratórias estejam tentando sair pelos olhos. Mas ela sente pena de si mesma porque essa é “sua” janela e o grande quarto empoeirado do outro lado é “seu” quarto, e Oly sente saudades dele e gostaria de entrar, fechar a janela e nunca mais sair de lá, mas ela não pode fazer isso porque tem uma hemorroida ardente e arroxeadada no lugar do cérebro e se encontra em miserável — embora voluntário — exílio até que seu pequeno projeto seja finalizado.

Pronto, ela está chorando de novo? Ou, quem sabe, estaria apenas percebendo que, se tivesse lavado o vidro engordurado em algum momento nos últimos três anos, ela agora poderia ver sua cadeira de leitura e sua chapa elétrica sobre o armário, e as portas do armário que guardam o ninho de cobertores onde ela dorme com as portas fechadas e os joelhos junto ao peito. Esse fracasso a serviço da transparência é desanimador para os delicados revestimentos de muco da anfíbia srta. Oly. Imaginar suas juntas duras encolhidas em seu ninho quente provoca ainda mais calor e faz surgir mais secreções em seus olhos cor-de-rosa.

Quieta, ela abre a trava, empurra a janela e desliza para dentro do escuro quente, sentindo o tapete grosso embaixo dos sapatos. Ela sorri seu sorriso de sapo e pensa em chamar um táxi para a viagem de volta, já que, certamente, se puniu o suficiente pelo que era, afinal, uma fraqueza compreensível. Na próxima vez, resmunga, vou simplesmente enfiar a mão em água fervente.

Desço e grito “Lixo!” três vezes na porta aberta de Lil antes que ela se afaste da lente de aumento que usa para assistir a um programa noturno na televisão. Sua cabeça branca se move, perscrutando mais com as orelhas e com o nariz do que com os restos gelatinosos de seus olhos tristes. Cada vez que olho para ela, o cabelo branco parece mais claro e fino, como fios de vidro sobre sua

cabeça grisalha.

“Lixo?”, ela grita.

“Lixo!”, eu berro de volta.

Ela pula da cadeira com o pescoço esticado, a parte inferior e tenra do queixo exposta em uma fatia de carne voltada para o céu. Andando pelo cômodo, passando da cadeira para a mesa e indo depois até o armário, mão sobre mão, ela localiza as duas latas de lixo e o pacote bem fechado e embrulhado em plástico embaixo da pia, segura o volume contra o peito e se volta para a porta, me procurando. Entro só para pegar o lixo. Ela abre os braços e solta o pacote. Esse é nosso ritual de quinta-feira. Para completá-lo, ela vai assentir e se virar em silêncio. Vou arrastar tudo até o depósito de lixo no fim do corredor, onde ficam os grandes sacos pretos de plástico dos inquilinos. Depois vou levar todos os sacos para a calçada e empilhar o lixo nas caçambas de plástico que ficam lá a semana inteira. Só isso. Temos feito isso há anos. Quando subir a escada para voltar ao meu quarto, Lil estará novamente submersa em sua luta com a lente de aumento e a tela da televisão. Com exceção dos gritos de “lixo”, nós nunca conversamos. Mas hoje ela sai da rotina. Ela me segue até a porta de seu quarto, fica lá apoiada esperando enquanto arrasto os sacos pesados.

Quando eu abro a grande porta da frente para a noite molhada, ela diz: “Obrigada”. Uma voz clara e firme.

Olho para trás. Ela está equilibrada, os olhos leitosos voltados para mim, a cabeça inclinada para trás, apenas ouvindo.

“Não foi nada”, respondo, e ela volta para dentro de seus aposentos.

Subo até o quarto de Miranda e bato na porta. Ouço uma suave voz masculina lá dentro e me viro. Ela abre a porta.

“Srta. McGurk!”, exclama, sorrindo. “Foi o destino que a mandou para experimentar uma salada de gorgonzola e coração de alcachofra enquanto escuta...” Ela tenta me puxar para dentro, e eu tento puxá-la para fora, para o corredor.

“Posso falar com você por um instante?”

Ela dá de ombros e sai, cruza os braços e olha para mim, concentrada, com a testa enrugada.

“Tem alguma coisa errada com a Lily.”

Ela arregala os olhos e se prepara para agir. “Ela se machucou? Devo chamar uma ambulância?”

Afago suavemente seu braço para demonstrar gratidão. “Não, não. Ela está se comportando de um jeito meio esquisito.”

Miranda ri. “Como consegue perceber?”

“Não, ela está agindo de um jeito estranho. Não posso ficar aqui por muito

tempo. Tenho que trabalhar. Pode ficar de olho nela? Hoje à noite? Só passar lá e checar sua respiração. Dá para ouvir Lily respirando à noite, se você encostar a orelha na porta. Ela suspira profundamente enquanto dorme. E se não conseguir ouvi-la, ou se o ruído for estranho...”

Miranda levanta as sobrancelhas numa reação surpresa. “É claro. Eu fico de olho nela. Não vou trabalhar hoje à noite. Não se preocupe.”

Assentindo e acenando, me afasto rapidamente. Ela fica parada olhando para mim. Quando estou descendo a escada, ouço a voz masculina chamar: “Miranda?”.

E a porta se fecha silenciosamente.

Fico no meu quarto por algumas horas, arranjando os papéis no grande baú. Por volta das onze horas, ouço Miranda na escada. Seus passos seguem pelo piso térreo e param por um instante diante da porta fechada de Lily. Em seguida, ela volta. Descubro que estou sorrindo enquanto escuto.

Eu mesma desço uma hora mais tarde. O chiado e gorgolejo que podem ser ouvidos além da porta de Lil são regulares e fortes. Uso o telefone na parede para pedir um táxi e espero por ele na escada da frente.

Volto mal-humorada ao apartamento pretensioso, mas desprezível. Quero de volta meu velho quarto embolorado com seu leve cheiro de podridão e seus ruídos fracos e alegres. O prédio novo não transparece vida, parece não ser capaz de se desgastar. Os corredores são estreitos e brilhantes. Todos os andares são idênticos. O único som é o zumbido fraco do elevador. O tapete cor de laranja do corredor ultrapassa a minha porta e inunda todo o apartamento. Os quartos são baixos e quadrados, e há no lugar uma atmosfera de coisa alugada porque me recuso a realmente morar ali. Na minha casa, o ar tem cheiro de poeira e de camadas misturadas de vida, e o lugar é sempre mal iluminado, a menos que você fique bem ao lado de uma janela.

Aqui o telefone é branco e tem uma mesa própria. Onde eu moro o telefone é preto e antigo e fica em uma velha caixa preta e cromada presa na parede, com uma fenda para moedas e números apagados. Ele toca muito, mas poucas pessoas usam o aparelho para fazer ligações. Fica bem exposto ali, no saguão marrom. Sempre que ele toca, Lily vai atender, embora nunca seja para ela.



A N O T A Ç Õ E S D E A G O R A

Conhecendo você e sua Magnum .357

Que bela segurança ela teria sido! Tímida como um ovo, mas tão disfarçada. Não posso evitar. Ela me encanta. Vê-la debruçada sobre sua bandeja de plástico, o queixo projetado para a grande tela, a mão movendo o garfo e ela rindo — “hu, hu, hu” — com as bochechas inchadas.

“Merdinha esperta, estou dizendo!”, ela fala depois de limpar o rosto e fazer um barulho de engolir. “Olha como ela dirige aquela coisa!”

A jovem na tela está inclinada sobre uma máquina complexa e brilhante. O que a srta. Lick acha tão admirável nessa imagem se resume a jovem girando um disco e apertando um botão com um dedo firme.

Ela se recosta em sua cadeira e pega mais uma porção de peru do jantar distribuído em compartimentos. Adora levar nossas bandejas de comida Lickety Split pela porta discreta do grande banheiro que dá para o seu cinema doméstico, se empoleirar em cadeiras eretas com as bandejas sobre os joelhos e observar sua grande tela. Ela adora as reprises e quase chora nas cenas do “antes”, lamentando furiosamente a infelicidade daquelas vidas antes que ela pudesse resgatá-las. Fica hipnotizada com as tomadas das cirurgias ou tratamentos, mastigando devagar e me cutucando com um cotovelo para indicar com um aceno de cabeça quando um trabalho especialmente bom com a tesoura ou a serra está em andamento. Agora que me deixa ver esses segmentos, ela quer me impressionar. Mas sua alegria está nas cenas que exibem os “sucessos”.

“Olha isso! Sabe o que ela está fazendo? Estudando a porra dos anéis de Saturno! Pode imaginar? Há seis anos os únicos anéis que ela conhecia eram aqueles que se enfiavam em um pinto mole para fazê-lo levantar!”

A jovem de jaleco branco pega as folhas de papel que saem de uma impressora. Ela se vira em nossa direção, procurando um foco de luz para ler. Ela sorri, um sorriso repentino de malícia e alegria.

Quero perguntar o que ela deixou de ter. O jaleco de laboratório esconde

seu peito. Eram os seios? Mais duas pessoas aparecem, uma mulher simples e um garoto de aparência arruinada, vinte e vinte e um anos, respectivamente. Eles param na frente da garota e ela fala.

“Ensinando! Está vendo isso? Ela é seguida por esses idiotas!” A grande mão da srta. Lick bate na minha coxa num ato hilário de companheirismo. “Hein? Hein?”

Minha bandeja escorrega, derrubando parte da comida, e ela cai de joelhos se desculpando enquanto recolhe migalhas e limpa manchas. “Cristo sinistro, eu sou uma idiota! Você está bem? Ei, vou buscar outra bandeja para você, fica quente em trinta segundos. Fique aqui sentada. Não, não, eu vou.”

Ela me quebra. Fico ali sentada, rindo para ela. A mulher é uma baleia galante, um touro brincalhão, um rinoceronte sentimental.

“São como meus filhos, todos eles.” Ela funga e franze a testa, ansiosa por minha compreensão e aprovação. “Não quero ofender, mas você nunca quis ter filhos? Não? Você está certa, eu sei. Está certa. Mas quer fazer a diferença. As pessoas querem sentir que realizaram alguma coisa importante.”

Ela fica esperando minha aprovação. É um búfalo carrancudo para o resto do mundo, mas é uma criança comigo. Ela é maior que o papai. Poderia me quebrar com dois dedos. Mas ela consegue ser pequena perto de mim. É capaz de conversar comigo, apesar de se ater à eficiência brusca com o restante das pessoas. Ela é solícita e protetora com suas garotas, mas nunca infantil. É por isso que gosto dela. Arty estava certo. Ela absorve essa atenção como se fosse álcool e se derrete, ficando indefesa.

E seria eu a primeira pessoa que já gostou dela? Isso me deixa triste. Afinal, ela é adorável. Sabe como apreciar as coisas, e é tão decente que assusta.

Ela está lá sentada, esparramada em uma cadeira dura de encosto ereto, hora após hora. Nunca pensa em puxar uma poltrona macia para se sentar. Mas pensou nas almofadas para mim. Envolveu o encosto da minha cadeira com toalhas do banheiro porque um dia na piscina viu as marcas vermelhas em minha corcunda. Eu havia me apoiado em um armário. Ela nunca esqueceu. Sempre garante meu conforto.

“Por que não traz uma poltrona para você?”, perguntei.

“O quê? Muito trabalho. Não preciso disso. Sou estofada.”

Ela usa pijama de flanela e um roupão largo. Os pés de batata estão plantados no chão de ladrilhos, deixando-a firme na cadeira enquanto ela se estica para examinar as opções de filmes. Os dedos gordos brotam em movimento constante.

“Hoje consegui uma fita nova.” Sua abordagem das fitas de observação de

possíveis recrutas é diferente, intensa, questionadora, crítica, analítica, e ela as exhibe várias vezes, retrocedendo para rever um gesto, uma expressão, um sorriso. “Essa puta tentou me dar um golpe barato. Assim que encontrou aquele saco de papel pardo embaixo da bunda no banco do parque, senti cheiro de sacanagem. Ela grita: ‘Pelo amor de Deus!’”. Fiquei lá olhando para os pombos no gramado, ouvindo a mulher se perguntando ‘de onde poderia ter vindo todo aquele dinheiro’, e depois ela encontrou um envelope com fotos. Doze anos de idade chupando o pau de um dobermann, e ela toda indignada e tentando me fazer prestar atenção, e o tempo todo eu pensava: ‘Foi aqui que eu cheguei, afinal. Agora pareço uma otária, exatamente igual a todos os otários que andam pelo shopping’. Aquilo me deixou amargurada. Abri a carteira e peguei uma nota de cem. ‘Aqui, meu bem’, eu disse, entregando-lhe o dinheiro. Vi quando seus olhos congelaram e ela calou a boca. ‘Leve isso para não apanhar do cafetão quando voltar de mãos vazias. Economiza o tempo e o trabalho de todo mundo’. Ela ameaçou protestar exibindo aquele saco de lanche cheio de dinheiro. ‘Acredite em mim, benzinho’, eu disse, ‘você não nasceu para esse negócio’. Voltei ao escritório e passei a tarde irritada com as pessoas. Enfim, eu a vi de novo no Park Blocks quando estava com o equipamento.”

A menina frágil e abatida na tela está longe e parece pequena no banco do parque. Sentada, ela torce a bainha da blusa e olha em volta com nervosismo. Não consigo ver seu rosto com clareza.

“O que acha?”

Olho através dos óculos, tentando discernir os traços finos. “Ela já não é meio que um ‘depois’?”

A srta. Lick bate nos joelhos. “Verdade!”

“Quero dizer”, tento ver o contorno dos seios da garota embaixo da blusa velha, “ela não tem nada para vender.”

“Oly! O que acha que eu sou?” A srta. Lick está magoada. “Ela precisa de educação e de um emprego decente. Essas ratas magricelas não têm nada. Tudo o que fazem é arrancar dinheiro de um homem ou morrer.”

“Não quis dizer...”

“É claro. Esquece. Lá vai a vagabundinha de novo. Vou pensar melhor naquela vigarista. Talvez dê para fazer alguma coisa. Mas a meretriz me deixou perplexa.”

Ranjo os dentes e encolho o pescoço, forçando a cabeça entre os ombros. A “meretriz” é Miranda. Já passei horas vendo gravações de Miranda sentada na escada da escola de arte, tomando sorvete e andando pela rua, balançando a cauda em um palco envolto em cortinas de veludo durante um show privado na Glass House. E lá está ela de novo, flertando com seus olhos Binewski, abrindo

a grande boca arturana para passar a língua insinuante no sorvete, atenta ao efeito que exerce no cara de macacão que aguarda o farol abrir ao lado dela. Fico muito mal vendo os filmes que a srta. Lick faz de Miranda.

“O que pensar dela? Você acha que é um caso perdido?” A srta. Lick sente meu humor. “Diga, Oly, você acha que ela é inútil?”

“Não!”, disparo, e então balanço a mão rapidamente, tentando amenizar minha reação.

“Não tenho notícias dela há semanas. Falta um mês para o fim do ano letivo. Ela deve passar pela cirurgia na semana seguinte ao fim do semestre. Mas esperava que ela ligasse. Aposto que ela vai me pedir o dobro do que ofereci. Para o inferno com isso, não sei se vale a pena. Artistas. Mas fiz a oferta e vou cumprir minha palavra. Ela vai tirar a cauda, depois a gente vê. A verdade é que ela fez do rabo uma coisa erótica, e não o considera uma deformidade. Talvez eu pare com isso. Sou mole, mas não sou maluca. É inútil desperdiçar dinheiro, tempo e energia com uma vaca estúpida que não consegue tirar proveito...”

“Ela não é estúpida”, reajo antes de conseguir me conter.

“Sim, ela é, mas nunca resisti...”

“Não é estúpida!” A srta. Lick olha para mim com a boca aberta para responder, os olhos inteligentes e calmos voltados em minha direção, à espera. Sinto que tudo escapa de repente, todo o cuidado e planejamento, toda a infelicidade voluntária. “Não sei! Não ligue para mim. Sinto pena dela.”

A srta. Lick sempre se derrete diante de um “sinto pena”.

“Ei, e eu não sei? Não sei exatamente como é?”

“Quero dizer”, enterro os dedos nos joelhos para me controlar, “ela já está na escola. Onde está a vantagem?”

“Os homens gostam daquele rabo. Eu poderia tirar dela aquela distração, para começar. Era o que eu tinha em mente.”

Pego um táxi de volta para o meu apartamento pouco familiar, me enfio embaixo da cama com dois cobertores e fico lá encolhida no carpete cor de laranja.

“E o maluco quer vender para mim uma nove milímetros totalmente automática com um pente do tamanho do pinto de um elefante e ele não desiste. Fica insistindo, e eu fico ali parada olhando para ele, pensando em como seria enfiar aquele pente no seu...”

A srta. Lick está sentada no chão, em cima das folhas caídas embaixo das árvores. Ela se deita de bruços, os braços estendidos para a frente, as mãos segurando o que parece ser uma pequena arma, apenas a ponta do cano aparecendo em meio aos dedos gordos. A coisa estala como uma faca no olho

quando ela aperta o gatilho. Um buraco preto surge na folha de papel sulfite presa à árvore, a quinze metros de distância. Ela atira quatro vezes, depois se ajoelha e abre a pistola, tirando os cartuchos vazios com a unha dura.

“Legal!”, diz. “Quer dar uma olhada?”

Quando pego o papel todo furado, ela já recarregou a arma e me alcançou, o chão estalando e chiando sob seu peso. Ela arranca os pedaços de papel e toca as farpas amarelas que dão a impressão de que alguém pequeno e muito duro saiu de dentro do tronco de repente.

“Belo padrão, as marcas são bem próximas.” Ela olha para mim à espera de elogios.

Assinto, embora o buraco do tamanho de uma xícara de chá seja muito alto para que eu consiga enxergar dentro dele.

“Então fui embora”, ela continua sua história. “Se o idiota tivesse vendido o que eu queria, poderia ter levado o dinheiro e poupado o próprio fôlego.”

Ela guarda a arma na cartucheira embaixo do braço esquerdo. Ouço um estalo baixo quando ela trava o botão que prende a pistola lá dentro.

“Pronta para trabalhar?” Ela bate palmas, sorri e pega o machado que está encostado no tronco da árvore.

Ela me entrega luvas grossas e eu a sigo a tarde toda, vendo-a cortar os brotos, os arbustos e as trepadeiras de amora-preta que ocupam o acre atrás da “propriedade”, que é como ela chama o lugar.

A grande casa de tijolos com suas torres e janelas fica perto da estrada, é cercada por um verde civilizado e foi alugada para o diretor regional de uma grande indústria de computadores.

“Ele sempre me convida para seus eventos sociais na varanda”, conta a srta. Lick, “e a esposa dele tenta me abandonar na biblioteca com um dos solteirões de meia-idade da empresa, ou me embriagar e mostrar fotos de bebês famintos para me fazer chorar enquanto ela conta como a empresa contribui para o alívio da fome. É criativa, tenho que admitir. E ele é sofisticado.”

O terreno arborizado não está incluso no aluguel.

“Pego a lenha para minha lareira daqui”, ela explica. Ela gosta de ficar lá. Usa botas e uma grande saia de tweed com um moletom de capuz para andar pelo bosque. Chama essas visitas de “cuidar do parque” ou “tratar da propriedade”.

Ela corta o mato, que eu arrasto para uma pilha que cresce e se espalha na pequena clareira. Ela continua falando sobre armas.

“Eu carregava a .45 do meu pai, mas ela era adequada para um coldre de quadril. O cano era muito longo para ser discreto em uma roupa feminina. A

pobre mulher que fazia minhas roupas ficava mais velha cada vez que eu ia visitá-la. Então comprei essa belezinha de um tira. É uma arma compacta que a polícia não usa mais. Dispara um pente de Magnum .357. Tem cão rotatório como as velhas Sharp e Brownie. Quando a comprei, o cara tentou me vender uma automática pequena. Disse que uma mulher precisa de mais do que quatro tiros. Respondi que se tiver que atirar em um filho da puta, não vou errar. E ele se fechou como um dia de tempestade. Acho a arma bonitinha. Gosto dos quatro canos grandes apontados para alguém que me cria problemas. Arma pequena, estrago grande. Sempre gostei de uma .45, no entanto. Aprendi a atirar com elas porque era o que meu pai tinha. Ele me ensinou a atirar.”

Ela fala e vai balançando o machado, arrancando as aparas com a mão protegida por uma luva e empurrando os pedaços para trás, onde eu os recolho.

Thomas R. Lick parece ter sido o único homem na vida dela. Ela fala como ele. Sem nunca o ter conhecido ou ouvido o homem falar, sei que ela o imita. Seus movimentos são como os dele. Ela é parecida com ele. Políticas, preconceitos e orgulhos são, quase certamente, os dele. E eu me pareço com Arty.

Estou pensando em Arty e jogando mais aparas e mato na pilha, quando ela grita: “Ei, cabeça de minhoca! O chefe saiu!”. Seu tom é divertido. “Hora do intervalo!” E sai da sombra das árvores com o rosto vermelho. Eu me sento, repentinamente nauseada. “Ei! Não vai desmaiar.” Ela me toca sem jeito, alisa minha corcunda, empurra minha cabeça para baixo e a peruca escorrega até os óculos.

Começo a rir e bato nela para me libertar. “Estou bem.”

“Você estava corada e suada e, de repente, *bum*, seu rosto ficou...”

Rindo, caio deitada sobre a pilha e olho para ela. “Eu tinha um irmão que me chamava de cabeça de minhoca.”

Ela pega o velho carrinho de mão onde transporta as ferramentas e o traz para perto de mim. “Irmão? Interessante. Ele morreu? Você nunca fala de sua família. Pensei que fosse órfã. Que nasceu da alegria e do júbilo. Alguma coisa assim.”

Ela me segura pelas axilas para me levantar como se eu fosse uma criança. Odeio quando ela me levanta. Ela faz isso com muita facilidade. Depois me põe no carrinho e eu me ajeito, tentando não ficar brava. Seu queixo se projeta como a frente de um Buick quando ela balança a cabeça.

“Segura aí!” E corre, sacudindo o carrinho e eu mesma, com os galhos chicoteando o céu acima dela e seu rosto rosado sorrindo como a lua durante todo o trajeto até o carro.

“Se eu conseguisse pensar em um jeito de selar seu rabo, eu selaria. E talvez costurasse a boca e a alimentasse com um tubo entrando por baixo do queixo.” A srta. Lick brincava no elevador. Suas mãos estavam nos bolsos da jaqueta do terninho e ela balançava para a frente e para trás sobre o salto dos sapatos de couro de crocodilo, rindo de frente para o espelho de bronze no teto do cubículo em movimento. “Vai entender o que estou dizendo. Essa criaturinha não tem um fio de cabelo, é careca como você. Mastectomia dupla. E ainda tem aquela coisa sexual. Se eu a deixasse andar do quarto até o banheiro, três homens sairiam dos soquetes de luz no caminho e encontrariam buracos nela para enfiar o pinto.”

O elevador para e a porta se abre. A srta. Lick baixa a voz e murmura para mim: “Estive pensando em testosterona. Você já vai entender”.

Uma enfermeira velha e grisalha passa por nós no corredor, acenando com a cabeça de coque e touca branca e piscando. “Boa tarde, srta. Lick!” O sorriso para mim é ligeiramente hesitante.

Vamos visitar o mais novo projeto da srta. Lick: uma ginasta de dezenove anos com um gosto pela engenharia e um sonho de fazer parte do programa espacial. A srta. Lick gosta da ideia de produzir uma astronauta, mas tem seus esforços prejudicados pelas exigências do trabalho.

“Ela tem que ser fisicamente funcional. É um problema.”

Jessica H. está na clínica preferida da srta. Lick, se recuperando de uma cirurgia relativamente pequena que fechou sua vagina e removeu o clitóris. A jovem afastou os lençóis e está afagando a barriga dourada com um dedo lânguido. Os curativos parecem uma fralda. O peito é liso e desprovido de mamilos, mas as cicatrizes são quase invisíveis.

“Jessica!”, a srta. Lick exclama da porta.

A cabeça oval e lisa da garota se vira casualmente sobre o travesseiro, e ela olha para nós com os olhos amendoados, as pálpebras carecas como conchas do mar. A boca carnuda se curva num sorriso e ela olha para mim quando a srta. Lick entra com as flores e me apresenta.

“Essa é a srta. McGurk. Olympia McGurk. Uma amiga minha.”

A garota sorri docemente, com maçãs do rosto que poderiam cortar sua garganta e um nariz e um queixo tirados de alguma antiga pintura da qual não consigo me lembrar. Enquanto o rosto sorri delicadamente, o pescoço longo, o peito chato e musculoso e os ombros redondos começam a tremer, sacudidos pelas risadas. Ainda rindo, ela me pergunta: “Quanto ela pagou para você? Alguns milhões, espero!”.



A N O T A Ç Õ E S D E A G O R A

A saideira

A srta. Lick me vê subir à superfície e respirar. Ela sorri enquanto me aproximo da beirada da piscina. “É incrível que você e eu sejamos tão parecidas, não é?”

Nado de costas, batendo as pernas e me afastando dela sorrindo.

É verdade. Nós duas parecemos totalmente solitárias. Eu sou a anã tímida e isolada que entra e sai do seu quarto barato, vivendo apenas da voz e do trabalho herdado. Ela é a rocha musculosa feita de bronze, pondo em prática a ambição do pai, imponente demais nos aspectos financeiro e físico para o comércio regular da conversa e do toque. Escolhemos parecer órfãs estéreis e sem amor. Cada uma de nós tem um segredo de família. A srta. Lick tem seus queridos, eu tenho os meus. Só nos falta alguém para quem contar. Agora ela me conta, e eu conto tudo para essas brandas e indiferentes folhas de papel. O único ponto onde nossas estradas estreitas convergem é sua oferta para se apoderar de um dos meus queridos.

Ela estaria mentindo? Sei que esconde coisas de mim. Quando estávamos em sua casa, não me deixava assistir às cirurgias ou tratamentos gravados em vídeo por muito tempo. Ela esconderia mais coisas? Ocultaria outros aspectos de si mesma? Horrores que não confia a mim? Conclusões das quais se envergonha? Sigo pensando que ela é totalmente franca. Seus olhos ficam abertos como os de uma criança quando ela fala comigo. Mas talvez eu seja tola. Mentir tão constantemente pode ter prejudicado minha visão. Acabo acreditando que ela é que está sendo enganada, pois a considero simples demais para mentir.

Estamos sozinhas na piscina. A salva-vidas já foi embora e confiou à srta. Lick a tarefa de fechar tudo. A srta. Lick está sentada na beirada da piscina com as pernas enormes na água. Ela estremece quando paro ali perto para respirar.

“Já teve a sensação de que alguém está observando a gente?” Seus olhos percorrem todo o espaço da piscina.

Viro a cabeça, procurando automaticamente, embora saiba que sou eu quem a está vigiando. “Você está cansada e nervosa. Precisa jantar.”

Ela despreza meu comentário. Esquece. Mas ela sabe? Estaria jogando comigo como eu jogo com ela?

Agora chove todas as noites, e de manhã o ar é limpo. Quase morno. Uma tonalidade que ainda não é exatamente verde suaviza os galhos de ferro nas árvores. Os desenhos de Miranda estão prontos. Ela os colou sobre pedaços de cartolina e organizou em uma grande pasta de plástico.

“Quero que os veja.”

“Não posso.”

“Todo esse tempo, e você nunca viu meus desenhos.”

“Eu vejo os que não me representam. Não quero me ver.”

“Você se olha no espelho. Eu sou melhor do que qualquer porcaria de espelho.”

“Não é seu trabalho. Gosto dos outros desenhos que você faz. Eu só fico assustada.”

“Fico ofendida. Esse é meu melhor trabalho. O melhor que já fiz. Não consigo ver nada feio em você. Eu vejo você como uma pessoa única e maravilhosa.”

“É difícil lidar com o simples fato de você me ver.”

“Misteriosa da porra! Vou entregar tudo amanhã de manhã. O resultado da competição vai sair em duas semanas, um dia antes de eu ir para o hospital.”

“Hospital?”

“Ou o que for. Não sei onde a srta. Lick faz essas coisas.”

“Tenho que voltar ao trabalho.”

“O semestre acaba na sexta-feira.”

“Muito obrigada pelo chá.”

“Vou telefonar para a srta. Lick hoje para combinar tudo.”

“A gente se vê em breve.”

“Talvez eu não volte para cá depois.”

Eu me afasto pelo corredor enquanto ela se mantém parada na porta, falando para as minhas costas. “Vou passar um tempo em uma clínica e depois vou me mudar, provavelmente.”

Não consigo nem sentir raiva. O tempo é um punho de metal batendo na orelha. Eu o tenho deixado passar. Tenho saboreado esse pequeno prazer — a intimidade com Miranda durante um chá, a intimidade com a srta. Lick enquanto assistimos a vídeos caseiros — mergulhando de cabeça em uma fantasia de que pouco do que eu estava realizando faria a diferença, como se fazer a mentira funcionar fosse um grande sucesso. Tudo o que eu precisava fazer era aceitar um desconforto moderado em uma sala estranha, subir escondida pela escada de

incêndio para visitar Lily e Miranda, e esse insignificante martírio apagaria milagrosamente o problema.

Na manhã seguinte, cheguei ao clube uma hora antes da salva-vidas começar a trabalhar e usei a chave que a srta. Lick me deu para entrar no vestiário da piscina. Levava dois galões de concentrado de amônia em uma sacola de compras e guardei os recipientes no meu armário, escondendo-os com a bolsa.

A porta do vestiário que dá para o recipiente cheio de cloro onde lavávamos os pés é de madeira sólida, fixada em um batente de aço. A broca é um velho instrumento encontrado na caixa de ferramentas do zelador que estava no porão de Lily. De joelhos nos ladrilhos frios, abro a porta apenas o suficiente para deslizar uma folha do *Oregonian* por baixo dela. A porta se fecha, deixando uma parte do jornal de cada lado para recolher o pó da madeira. Faço o buraco sob a dobradiça mais baixa e a meio centímetro do batente. A parte mais grossa transforma o orifício numa passagem de dois centímetros no limite da porta. Embrulho a serragem no jornal, pronta para levar tudo dali junto com a broca.

O tubo de plástico transparente passa facilmente pelo buraco. Na porta ao lado do recipiente, alguns centímetros de tubo descem em direção ao cheiro de cloro da superfície azul. Abaixo para sugar o ar de dentro dele. O tubo é transparente e continua livre quando a porta se fecha. Sem o tubo lá dentro, o buraco fica escuro embaixo da dobradiça, quase invisível, a menos que você fique de quatro.

Introduzo o lado mais estreito do funil no tubo, amarrando o arranjo com cuidado, e depois guardo tudo embaixo da bolsa no meu armário. Quando passo pela grande porta de vidro no saguão da frente, vejo a jovem salva-vidas prendendo sua bicicleta em um suporte.

A srta. Olympia Binewski McGurk, a anã albina, dá dois passos para cada passo de alguém normal porque seu esterno místico passou trinta e oito anos tentando aumentar a distância entre ele e a espinha agnóstica. Esses passos levam nossa srta. Oly, a corcunda, para a maré de fedor de carne enlatada e repolho que dominava o espaço do McLarnin às dez da manhã de uma terça-feira, quando Jimmy McL. em pessoa está preparando tudo para o famoso bufê que será servido das onze às quatro. O balcão está limpo. Os copos esperam brilhando em seus suportes.

Sentada na última banquetta giratória, a srta. Oly ergue seu corpo deformado e assente encorajadora para Jimmy. O espelho é escondido por garrafas, e nos intervalos entre uma e outra a srta. Oly vê lampejos de seus óculos de lentes azuis e a peruca cinza. Sua voz forte e suave é mais profunda que o tenor de

McLarnin.

“Uma dose de Jameson, por favor, Jimmy”, ela pede, e McL. se aproxima dela envolvido na névoa de repolho das panelas, balançando um pano de prato na frente do nariz de batata para dispersar a fumaça.

“Celebrando alguma coisa?”, Jimmy pergunta enquanto serve a bebida.

“Você também?”, pergunta a srta. Oly, estreitando os olhos rosados atrás das lentes azuis.

“Obrigado.” McL. finge não ter entendido. “Mas fico com Murphy’s. Fui desmamado com ele.”

“É mesmo?” A srta. Oly gostaria de saber.

Jimmy limpa o balcão lentamente, com ar pensativo, depois enxuga o suor da testa com o pano. “É verdade. Eu tinha cólica quando era bebê e minha mãe me fazia dormir no peito amarrado com um pano encharcado de Murphy’s para eu chupar. Era assim que ela garantia uma noite inteira de sono.”

“Eu tinha trinta e oito anos quando senti o ardor do uísque no lábio pela primeira vez”, contou a srta. Oly. “Mas soube imediatamente para o que servia.”

“Os braços da virgem”, concorda Jimmy. “O hálito de Deus.”

“Fico impressionada com todos os anos que passei sem uísque, sabe”, diz Oly.

“Melhor assim. Uma mulher tem que ter uma certa idade para saber lidar com a coisa. Especialmente o irlandês. Não quero ofender, mas é preciso um pouco de hábito e experiência para não cair. Não sei se serviria irlandês para uma colegial inexperiente. Vodca já é suficiente para elas fazerem besteira. Eu não conseguiria me olhar no espelho se servisse uísque irlandês para jovens.”

“E você consegue?”

O diplomata McLarnin sente uma insegurança na srta. Oly em relação aos espelhos, e move o corpo para impedi-la de ver o próprio reflexo nos espaços minúsculos atrás das garrafas.

“Você tem uma voz de chocolate derretido, srta. O.” Ele sorri. “Chorei como um banqueiro falido quando ouvi sua história no rádio hoje de manhã.”

“Shhh”, resmunga Oly, espiando a escuridão vazia atrás dela. “A Mulher da História no Rádio KBNK não pode beber às dez da manhã. O programa de hoje foi gravado, é uma fita antiga. Liguei dizendo que estava doente. Além do mais, McLarnin, tenho a voz de um mirliton barítono e o seu nome verdadeiro é Nelson. Você nasceu em Nebraska. Admita.”

“Está amarga hoje, srta. O. E isso a leva a cometer erros graves. Nasci aqui, na rua do Good Samaritan, há cinquenta e seis anos, e desde então vivo ouvindo o barulho das sirenes de lá. Como você, imagino.”

“Eu nasci em um trailer. Nem sei onde ele estava estacionado na época.

Mas fui concebida aqui.”

Às cinco e meia eu estou sentada no parapeito de uma sala de reuniões vazia no quarto andar do ^{TAC} Club, olhando para a rotatória do lado de dentro do portão. O carro da srta. Lick entra na hora prevista e o manobrista uniformizado abre a porta do automóvel para ela. Ele pega as chaves e leva o carro para sua vaga particular enquanto ela se dirige à entrada. Desço do parapeito e me acomodo em uma poltrona para olhar o relógio de parede.

Posso senti-la no prédio. De olhos fechados, consigo vê-la atravessando o saguão, cumprimentando a recepcionista com um aceno de cabeça, percorrendo o corredor carpetado a caminho do elevador. Sei exatamente como ela vai olhar para a porta do elevador, esperando que se abra, com as mãos grandes unidas diante dela para evitar movimentos nervosos.

Normalmente estou no vestiário quando ela entra. Hoje, seu rosto, preparado para sorrir quando ela empurra a porta, vai expressar confusão. Ela vai se despir e vestir o maiô pensando em mim. Posso quase ouvi-la pisando no recipiente cheio de cloro e sentir o deslocamento do ar quando a porta do vestiário se fechar atrás dela. Sinto o cheiro de seu calor misturado aos vapores verdes e metálicos do cloro no cubículo sem ventilação.

Não há uma lâmpada no teto no local onde lavamos os pés antes de entrar na água. A única luz é a nebulosidade verde que vem da pequena janela em forma de diamante na porta que dá para a piscina. Ela vai ficar lá parada com os pés na água clorada, espiando pelo vidro grosso e reforçado. Vai olhar para a piscina procurando por mim.

Ela roda os grandes ombros, abre e fecha os cotovelos como asas. Inclina o corpo para a frente, tira um pé da água azul e passa os dedos da mão entre os dos pés, repetindo o mesmo ritual de sempre.

Com os dois pés na água de novo, ela pega o recipiente com cloro de seu nicho na parede azulejada, abre e, ignorando a colher de medida, despeja uma boa dose de cristais verdes sobre a superfície.

O plano é simples. Ela é sempre a última a sair da piscina. A salva-vidas fecha tudo e vai embora quando a srta. Lick começa o terceiro quilômetro de voltas. A respeitada srta. Lick tem sua cópia da chave e pode ir nadar às três da manhã se quiser. Ela pode nadar sozinha, certamente pode nadar com sua amiga anã também e trancar tudo ao sair.

Eu, coisa pálida, sempre saio da piscina antes da srta. Lick e já estou de banho tomado e vestida antes que suas mãos gordas se apoiem na beirada para ela sair. Fico sentada num banco no vestiário. Posso sempre ouvi-la cantar e se mover por longos minutos, lavando os pés antes de entrar para tomar banho. A

srta. Lick nunca se cansa daquele recipiente cheio de cloro.

Há bastante tempo para esvaziar todo o pote de cloro na água do recipiente. É fácil fechar a porta que dá para o vestiário e trancá-la, depois ir até o corredor e passar pela porta que leva até a piscina.

Fico em silêncio atrás da pilha alta de pranchas até que a srta. Lick saia da piscina e se aproxime para lavar os pés no recipiente. Quando a porta se fecha depois que ela passa, estou lá para acionar a trava.

O monstro fica preso no armário com os olhos ardendo no vapor do cloro. Ela está batendo com os punhos fechados na porta do vestiário enquanto vou até o corredor, percorro silenciosamente alguns metros em direção à outra entrada e atravesso com o coração esmurrando os ouvidos.

Suas batidas enchem o espaço. Corro para o meu armário, tiro tudo de dentro dele e levo um galão de amônia em cada mão, caminhando em direção ao buraquinho na porta.

“Oly!”, ela grita do outro lado. O nome congela meus pulmões. Meu corpo inteiro se arrepiava de medo. “Oly! Você está bem?”

Agora ela está batendo na porta do lado da piscina. Encaixo a ponta da mangueira no buraco. O cheiro de cloro que sai do buraquinho é forte e meus olhos lacrimejam.

“Oi!”, ela grita do outro lado da porta.

As batidas na madeira ecoam nas minhas costas. Com o recipiente embaixo de um braço, despejo cuidadosamente a amônia na boca do funil e vejo o líquido descendo pelo tubo transparente e atravessando a porta, indo se misturar ao cloro para assumir uma nova identidade tóxica.

“Oi! Oi!” Mary Lick nunca gritaria “socorro”.

Uma risada histérica borbulha dentro de mim, fazendo balançar o galão embaixo do meu braço. Um pouco do vapor de amônia encontra meu nariz e o céu da boca e queima. Viro a cabeça e arfo. Quase derrubo o líquido.

Ouço barulho de água do outro lado da porta, e de novo as batidas na madeira acima da minha cabeça.

“Oly! Oly! Oly!”, ela grita. Sua voz agora é ríspida e áspera. O recipiente de amônia está quase vazio. Está demorando muito. As batidas param. No silêncio, consigo ouvir o escoar da amônia pelo tubo, indo direto para a água com cloro do outro lado. Um peso atinge a porta, a centímetros de mim, e escorrega para baixo. Silêncio. Depois o sussurro: “Que merda é essa?”.

As palavras brotam do funil, atingindo o meu rosto com um estranho hálito doente que me faz tossir. Ela encontrou o tubo. O funil é puxado das minhas mãos, chicoteia loucamente no ar, bate na parede, cai e gira no chão. A boca aberta do funil guincha num sussurro: “Que merda é essa?”.

A ponta do tubo brota do buraco embaixo da dobradiça. O tubo e o funil caem no chão. O sussurro vem do buraco.

“Papai?”

Estou me afastando de joelhos, tossindo quando o sussurro se repete. Sufoco e prendo a respiração para ouvir quando o buraco diz: “Por favor... por favor”.

Sei a combinação do armário dela. Correndo para a fechadura, consigo ouvir os sussurros, mas não entendo as palavras que passam pelo buraco. O disco emperra e trava, e quase não consigo enxergar em meio às lágrimas. Erro e tento de novo, e um gemido agudo brota da minha garganta. A fechadura cai no chão.

A cartucheira está embaixo da jaqueta dela, no cabide. Puxo um banco e subo nele para pegar a arma. Volto para a porta na ponta dos pés com a arma pesando na minha mão. Seguro a maçaneta e giro para abrir a trava, me afastando quando a porta se abre em minha direção. O gás é liberado, então eu sufoco e caio de joelhos, sentindo um fogo nos olhos e alguma coisa rasgando o nariz e a garganta.

Ela é ainda maior, ali, caída na soleira. Sua respiração é alta e parece borbulhar. Os braços brancos estão caídos sobre o rosto vermelho e inchado. Ela geme, um som contido que vem do peito molhado. Solto a arma e puxo seu longo braço pelo pulso, gritando: “Mary! Ajuda! Mary, acorde. Venha, Mary. Oh, Mary, sinto muito!”. Sinto mesmo e não me importo se ela vai acordar e me matar. Não era isso o que eu queria. Nunca quis machucá-la. Só precisava que ela morresse. Sem essa dor. Sem esse medo. “Mary!”, grito, puxando o braço pesado. “Não queria que fosse assim.”

Os olhos da srta. Lick se abrem de repente, olhando furiosamente de cabeça para baixo. O pulso se solta das minhas mãos, tenta me bater, me agarra quando caio em cima da arma esquecida no chão. A mão dela, quente e dura, segura meu pescoço. Uma luz branca se acende atrás dos meus olhos quando ela me levanta sobre seu corpo, então minha mão direita agarra seus dedos em minha garganta enquanto a esquerda pende com o peso da arma. Estou sendo erguida, até que meus ouvidos explodem e eu inicio uma longa e lenta queda da ponta de seu braço até o piso de ladrilhos, olhando para o repentino buraco preto onde antes estava seu olho direito, para as pernas grandes caídas no recipiente cheio de cloro e para o líquido escuro que brota do meio de suas pernas. A mão dela ainda é imensa no meu pescoço, mas ela se foi. Estou sozinha.

Artigo da edição de 18 de maio do *Oregonian*, Portland

Duas mulheres cujos corpos foram encontrados na área da piscina coberta do pavilhão Thomas R. Lick, no Timber Athletic Club, depois de um alarme de gases tóxicos ser acionado esta manhã, foram, aparentemente, vítimas de assassinato e suicídio. O detetive da polícia de Portland, M.L. Zusman, que conduzia a investigação no local, informou aos repórteres que as duas mulheres parecem ter morrido em decorrência de ferimentos de bala e que uma arma foi encontrada na cena. A causa exata das mortes não será confirmada até que a necropsia seja concluída pelo médico legista do condado de Multnomah.

A investigação na cena foi adiada em virtude da presença de gases irritantes oriundos de uma substância não identificada na área da piscina e no vestiário. O gás está sob análise de laboratório. Os vapores foram primeiramente notados por um zelador que esteve na área da piscina para a limpeza regular às oito da manhã. Bombeiros que responderam ao alarme encontraram os dois corpos.

“No começo não sabemos quem tinha feito o que com quem”, disse o detetive Zusman. “Mas foi encontrado um bilhete no local. Ou, melhor, um caderno que parece fornecer um relato do incidente até certo ponto.” O teor das anotações não foi revelado. O nome das vítimas será mantido em sigilo até que as famílias sejam notificadas. Não se sabe se as vítimas eram membros do prestigiado clube privado. Portavozes do tac se negaram a dar declarações sobre o incidente até que tenham mais informações. O pavilhão Lick permanecerá fechado até que a investigação policial seja concluída.

Informações anteriores alegando que um dos corpos pertencia a uma criança com necessidades especiais foram desmentidas. A polícia confirma que as duas vítimas eram adultas.

Entregue pelo correio comum, datada de 19 de maio:

Minha cara Miranda,

Desde que você tinha um ano de idade, disseram que era órfã. Isso não é verdade. Seu pai morreu quando você era muito nova, mas eu, sua mãe, tenho cuidado de você até agora. Eu sou sua mãe. Eu, a anã do quarto 21.

Seu nome não é Miranda Barker, mas Miranda Binewski. “Barker”, uma referência aos ambulantes que vendiam ingressos aos gritos para quem passasse perto do circo, foi um rótulo irônico escolhido pela madre Aurora quando você ainda usava fraldas e foi admitida no convento.

Você vai se perguntar muitas coisas. Envio duas chaves junto com esta carta. A comprida é do meu quarto, o 21. No assoalho do armário há um grande baú de couro. A chave curta abre o baú. A bandeja superior dentro dele guarda seus registros escolares, fotografias e o equivalente a dezesseis anos de cartas da madre Aurora e do convento. Estão endereçadas a mim e falam sobre você. Isso deve ser o suficiente para convencê-la de que eu não estou imaginando nosso relacionamento sob o efeito de drogas ou por insanidade.

O grande envelope pardo na bandeja contém a escritura e os comprovantes de impostos da casa e todos os meus documentos financeiros. A escritura está no seu nome. Você pode sacar dinheiro ou emitir cheques da conta dos fundos, da qual você é titular. Também vai encontrar os documentos do mausoléu onde repousam todos os outros Binewski. Por favor, note que a cremação é uma tradição de família. Embaixo da bandeja está todo o registro que existe da minha história e da sua.

Por favor, cuide de Crystal Lil. Seus históricos médicos e as receitas estão numa pasta branca, dentro do envelope grande. O lixo é levado para fora nas noites de quinta-feira, e as contas dela precisam ser pagas no quinto dia de cada mês. Ela é sua avó.

Depois de vinte anos de cuidados para não me revelar a você, tenho dificuldade para reverter o processo. Apesar de toda a falta que sentiu de seus pais, espero que possa me perdoar um dia. Não tenho como adivinhar o que o baú vai significar para você, ou o que pode pensar a respeito do fato de não ser uma pessoa sozinha, ao saber que é uma de nós. Mas espero que um dia você tire todos nós das prateleiras do mausoléu. Pegue o Arty, o Chick, o papai e as gêmeas, e, até lá, Lily e eu. Abra nossas urnas de metal e despeje as cinzas de todos os Binewski naquela grande e velha urna que continha as cinzas do vovô B. Prenda a urna no capô do seu meio de transporte e nos leve para a estrada outra vez.

Com amor,

Olympia Biewski
(Conhecida como McGurk)



*I'm so happy
'Cause today I've found my friends
They're in my head
I'm so ugly
But that's okay, 'cause so are you
We broke our mirrors*

LITHIUM

— KURT COBAIN —

DARKSIDEBOOKS.COM

GEEK LOVE Copyright © 1983, 1988, 1989 by
Katherine Dunn Introduction © 2015 by Katherine Dunn Partes desta obra foram publicadas originalmente na *Mississippi Mud Book of Days* e na *Looking Glass Bookstore Review*.

*Os personagens e as situações desta obra,
além daqueles em domínio público, são reais apenas
no universo da ficção, e qualquer semelhança com
pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.*

Tradução para a língua portuguesa
© Débora Isidoro, 2018

Ilustrações de Guarda, Miolo e detalhes de Capa © Jennifer Dahbura

Diretor Editorial Christiano Menezes

Diretor Comercial Chico de Assis
Gerente de Novos Negócios Frederico Nicolay
Gerente de Marketing Digital Mike Ribera

Editores

Bruno Dorigatti

Raquel Moritz Editores Assistentes Lielson Zeni

Nilsen Silva

Design e Capa Retina 78

Designers Assistentes Marco Luz

Pauline Qui

Revisão

Ana Kronemberger

Cecília Floresta ISBN: 978-85-9454-127-7

Produção de ebook [S2 Books](#)

[2018]

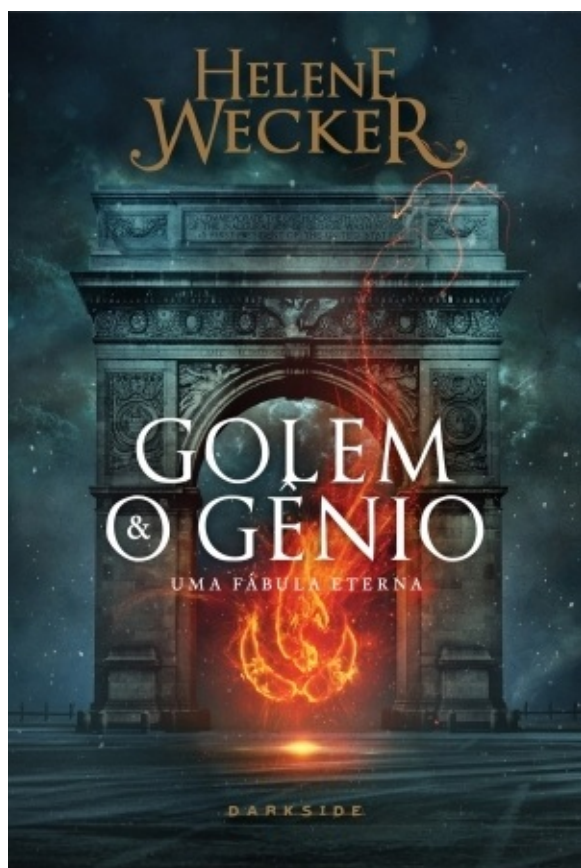
Todos os direitos desta edição reservados à DarkSide® Entretenimento LTDA.

Rua do Russel, 450/501 - 22210-010

Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

www.darksidebooks.com





Golem e o gênio Wecker, Helene

9788566636918

511 páginas [Compre agora e leia](#)

Os confrontos e as barreiras vividas por duas culturas tão próximas, ainda que aparentemente opostas. Em GOLEM E O GÊNIO, premiado romance fantástico que a DarkSide® Books traz ao Brasil, o leitor se transporta à Nova York da virada do século XX, em uma viagem fascinante através das culturas árabe e judaica. Seus guias serão poderosos seres mitológicos. Chava é uma golem, criatura feita de barro, trazida à vida por um estranho rabino envolvido com os estudos alquímicos da Cabala. Ahmad é um gênio, ser feito de fogo, nascido no deserto sírio, preso em uma antiga garrafa de cobre por um beduíno, séculos atrás. Atraídos pelo destino à parte mais pobre de uma Manhattan construída por imigrantes, Ahmad e Chava se tornam improváveis amigos e companheiros de alma, desafiando suas naturezas opostas. Até a noite em que um terrível incidente os separa. Mas uma poderosa ameaça vai reuni-los novamente, colocando em risco suas existências e obrigando-os a fazer uma escolha definitiva. O romance de estreia de Helene Wecker reúne mitologia popular, ficção histórica e fábula mágica, entrelaçando as culturas árabe e judaica com uma narrativa inventiva e inesquecível, escrita de maneira primorosa.

[Compre agora e leia](#)

ARQUIVOS SOBRENATURAIS



GERALD BRITTLE

**ED &
LORRAINE
WARREN**

DEMONOLOGISTAS

DARKSIDE

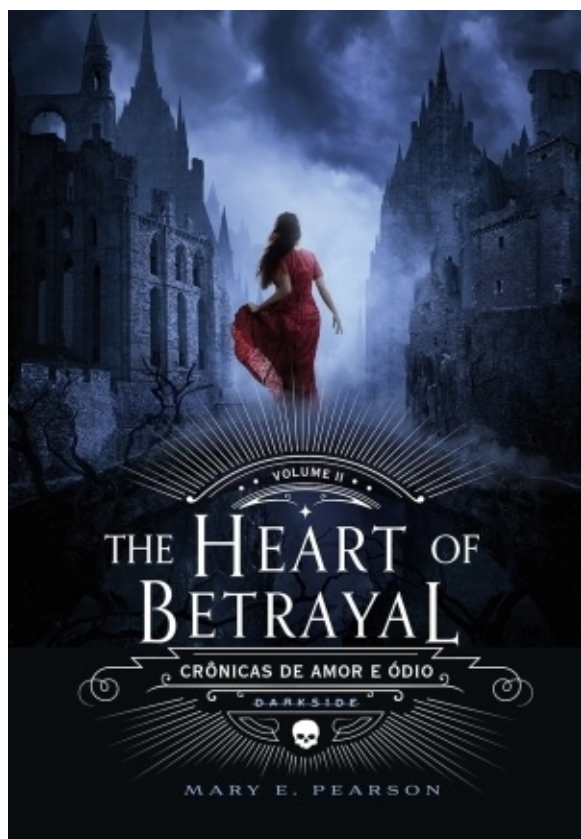


Ed & Lorraine Warren: Demonologistas Brittle, Gerald 9788594540645

272 páginas [Compre agora e leia](#)

Eles enfrentaram os mistérios mais sinistros dos últimos sessenta anos, sempre em busca da verdade. Agora é a sua vez de entrar em contato com o sobrenatural. Você tem coragem? Então leia Ed & Lorraine Warren: Demonologistas, a biografia definitiva dos mais famosos investigadores paranormais do nosso plano astral. Não é de hoje que os fãs do terror conhecem Ed Warren e sua esposa, Lorraine. O casal foi retratado em filmes de grande sucesso, como *Invocação do Mal*, *Annabelle* e *Horror em Amityville*. Mas basta folhear as páginas de Ed & Lorraine Warren: Demonologistas para constatar que, muitas vezes, a vida pode ser bem mais assustadora que o cinema. No livro, Gerald Brittle desvenda alguns dos principais casos reais vividos pelos Warren. Ed e Lorraine permitiram ao autor acesso exclusivo aos seus arquivos sobrenaturais, que incluem relatos extraordinários de poltergeists, casas mal-assombradas e possessões demoníacas. O resultado é um livro rico em detalhes como nenhum outro.

[Compre agora e leia](#)



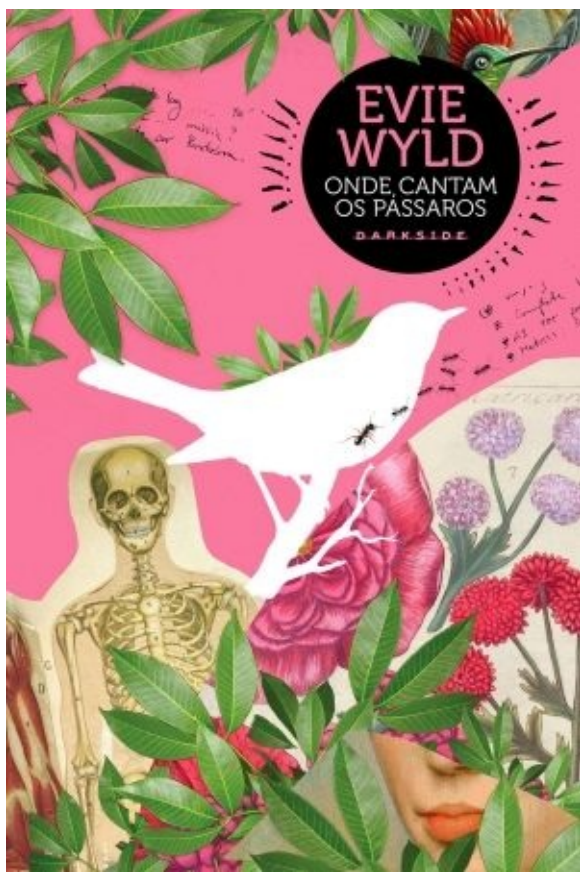
The Heart of Betrayal Pearson, Mary E.

9788594540560

400 páginas [Compre agora e leia](#)

A série Crônicas de Amor e Ódio, iniciada com THE KISS OF DECEPTION, virou a queridinha dos leitores mais apaixonados. Encantou os fãs de fantasia do mundo todo - e pegou os brasileiros pelo coração. A história de Lia inspirou muitos leitores a embarcarem em uma jornada extraordinária repleta de ação, romance, mistério e rivalidade, pintados em um universo deslumbrante criado pela premiada escritora Mary E. Pearson, que consegue - como poucos - erguer um mundo poderoso e repleto de personagens cativantes. Em The Heart of Betrayal, Lia e Rafe estão presos no reino bárbaro de Venda e têm poucas chances de escapar. Desesperado para salvar a vida da princesa, Kaden revelou ao Vendan Komizar que Lia tem um dom poderoso, fazendo crescer o interesse do Komizar por ela. Enquanto isso, as linhas de amor e ódio vão se definindo. Todos mentiram. Rafe, Kaden e Lia esconderam segredos, mas a bondade ainda habita o coração até dos personagens mais sombrios. E os Vendans, que Lia sempre pensou serem selvagens, desconstroem os preconceitos da princesa, que agora cria uma aliança inesperada com eles. Lutando com sua alta educação, seu dom e sua percepção sobre si mesma, Lia precisa fazer escolhas poderosas que vão afetar profundamente sua família... e seu próprio destino. Não faltam reviravoltas nessa incrível fantasia que integra a linha Darklove - Mary E. Pearson vai deixar os leitores sem fôlego nesse segundo ato de uma trilogia que ainda promete arrebatá-los o coração de muitos. Empolgada com a receptividade calorosa dos brasileiros, Mary está se sentindo em casa com toda a repercussão de sua trilogia por aqui: "Nunca imaginei ter tantos fãs no Brasil! Espero visitar vocês em breve".

[Compre agora e leia](#)



Onde cantam os pássaros Wyld, Evie

9788594540836

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

No premiado romance de Evie Wyld, a fazendeira Jake White leva uma vida simples numa ilha inglesa. Suas únicas companhias são rochedos, a chuva incessante, suas ovelhas e um cachorro, que atende pelo nome de Cão. Tendo escolhido a solidão por vontade própria, Jake precisa lidar com acontecimentos recentes que põem em dúvida o quanto ela realmente está sozinha – e o quanto estará segura. De tempos em tempos, uma de suas ovelhas aparece morta, o que pode ser muito bem obra das raposas que habitam a floresta próxima à sua fazenda. Ou de algo pior. Um menino perdido, um homem estranho, rumores sobre uma fera e fantasmas do seu próprio passado atormentam a vida de uma mulher que sonha com a redenção. Aos poucos, vamos descobrindo mais sobre as suas habilidades em tosquiar e cuidar de ovelhas, aprendidas ainda quando jovem, em sua terra natal, na Austrália. E vamos aprendendo também o que aconteceu lá, que acabou por conduzir White à uma vida de reclusão e isolamento. E sobre as contradições e diferenças entre um passado (sempre narrado no tempo verbal presente) cheio de vida e calor, e o presente (narrado por sua vez no passado) repleto de lama, frio e um ritmo mais desacelerado, paira uma atmosfera absolutamente brutal. Com uma prosa verdadeiramente excepcional, o estilo da autora reúne tanto clareza como substância e apresenta uma personagem inesquecível, enigmática, trágica, assombrada por um passado inescapável. Uma mulher forte, ainda que tão passível de falhas, erros e equívocos como todos nós. É uma história de solidão e sobrevivência, culpa, perda e o poder do perdão. Uma escrita visceral onde sentimos a presença de tudo, os odores, o vento, o tempo. Nada passa despercebido.

[Compre agora e leia](#)



Donnie Darko Kelly, Richard **9788594540812**

240 páginas [Compre agora e leia](#)

Você ainda não viu esse filme. Mesmo que seja fã de carteirinha, e já tenha assistido a Donnie Darko mais de uma vez – ou dez, ou quinze, quem está contando? Pois a versão que a DarkSide Books está lançando é inédita. Pela primeira vez no Brasil, você poderá entrar de cabeça no universo paralelo de Frank, Donnie e seu criador. Não se trata de uma adaptação do longa-metragem de 2001, e muito menos de um romance que poderia ter inspirado o cineasta Richard Kelly. Donnie Darko, o livro, apresenta na íntegra o roteiro original. A primeira materialização da história, sua chance de conhecer a visão original dessa intrigante obra-prima. A história de Donnie Darko é fácil de resumir – e talvez por isso mesmo ele tenha se transformado no filme preferido de tanta gente mundo afora: um adolescente problemático, com sintomas de esquizofrenia e sonambulismo, escapa da morte quando uma turbina de avião cai no seu quarto. Ele passa a ter visões com Frank, o humano numa estúpida roupa de coelho, ou seria o contrário? Além do roteiro original, Donnie Darko, o livro conta com prefácio exclusivo, assinado por Jake Gyllenhaal, o astro de sucessos como Zodiaco e O Segredo de Brokeback Mountain; uma robusta entrevista sobre todo seu processo de criação, verdadeira aula sobre o amor ao cinema e as armadilhas da indústria do entretenimento; e A Filosofia da Viagem no Tempo – isso mesmo, uma reprodução de trechos do livro escrito por Roberta Sparrow, a Vovó Morte do filme. É o livro que Donnie lê para tentar desvendar o que está acontecendo no mundo ao seu redor. Agora você tem a mesma oportunidade.

[Compre agora e leia](#)

Sumário

Mídias sociais

Folha de rosto

Dedicatória

Citação

Sumário

Introdução

1. Jardineira da meia-noite

O núcleo da família: A fala dele, os dentes dela

A alegria do verme

Fusão, mergulho do décimo terceiro andar em xícaras de chá e outras experiências estimulantes

2. Seu dragão: cuidados, alimentação e identificação de fezes

As rosas de papai

Assassino: pontaria ruim, tentativa frustrada

O sortudo

Verde como arsênico, colheres manchadas e portas de câmaras de gás

Educando Chick

Felinos: Como alimentamos

Serpente: A dança imaculada

Sangue, tocos e outras mudanças

3. Espiral refletida

Os filmes caseiros da srta. Lick

Carne, eletricidade e rodas

A amiga por correspondência

Imprensa

O Laçador de Moscas e o Verme Transcendental

Cafetão Pipoca

Entra o Homem do Saco

Testemunha

O conserto desfeito

A fuga

Multiplicando problemas

A grande arma do General

Coletando a semente para inundar seu cálice

Tudo se desfaz

4. Tornando-se o dragão

As nadadoras

Conhecendo você e sua Magnum .357

A saideira

Créditos

Table of Contents

[Citação](#)
[Sumário](#)
[Introdução](#)
[Créditos](#)